

Universidade de Brasília
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

**"Objetos intangíveis":
Ufologia, ciência e segredo**

Rafael Antunes Almeida

2015

"Objetos intangíveis": Ufologia, ciência e segredo

Rafael Antunes Almeida

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientador: Guilherme José da Silva e Sá

Brasília, 2015

"Objetos intangíveis":

Ufologia, ciência e segredo

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Aprovada por:

Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá
PPGAS/ Departamento de Antropologia – UnB

Profa. Dra. Marcela Stockler Coelho de Souza
PPGAS/Departamento de Antropologia - UnB

Prof. Dr. Carlos Emanuel Sautchuk
PPGAS/Departamento de Antropologia – UnB

Dr. Jayme Moraes Aranha Filho
Pesquisador Independente

Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli
PPGAS/ Departamento de Antropologia - UFRGS

Prof. Dr. Fabrício Monteiro Neves
PPGS/Departamento de Sociologia -UnB (Suplente)

Antunes Almeida, Rafael

"Objetos intangíveis": Ufologia, ciência e segredo/ Rafael Antunes Almeida. Brasília, PPGAS, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.

508 pp.

Tese de doutorado – Universidade de Brasília , Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Antropologia Social. 2 Antropologia da Ciência. 3. Antropologia da ufologia. 4. Título.

Brasília, 2015

Para os pesquisadores e pesquisadoras em ufologia que me receberam em suas casas, que dividiram as suas trajetórias comigo e que me acolheram nos espaços onde discutiam com intensidade o tema da vida extraterrestre.

Para Ana Flávia Bedin, muito mais que amiga.

Para Silvana Antunes, Omar Almeida e Henrique Antunes.

Agradecimentos

Os agradecimentos que ora vos dirijo destacam no tempo não só as contribuições efetivas a este trabalho, mas também dão conta daqueles que, *em tempos passados*, deram-me condições para que pudesse me inclinar a um ou outro assunto da maneira mais confortável possível.

Assim, agradeço ao Prof. Guilherme José da Silva e Sá, por acolher a minha pesquisa e por ter se empenhado de modo tão diligente na orientação do trabalho. Agradeço-lhe também pela amizade, incentivo, sensibilidade e por partilhar comigo um interesse pelos outros mundos possíveis além-Terra.

Agradeço à Profa. Debora Battaglia, com quem partilhei no inverno de Massachusetts tantas tardes de conversas e trocas. A Profa. Battaglia foi e continua sendo uma influência intelectual significativa e, acima de tudo, uma companheira neste já não mais tão solitário mundo da *outer space anthropology*, que tanto nos apraz coabitar.

Agradeço ao Professor Eduardo Viana Vargas. Devo-lhe os cursos iniciais em Antropologia da Ciência e reputo o início do interesse pela disciplina à sua influência.

Agradeço ao Prof. Renan Springer de Freitas, que há dez anos atrás iniciou-me no tema da sociologia, da filosofia e da história da ciência.

Agradeço aos membros que aceitaram o convite para compor a banca formada para a avaliação desta tese. Desta feita, agradeço à Profa. Marcela Coelho, ao Dr. Jayme Aranha, ao Prof. Carlos Sautchuk, ao Prof. Emerson Giumbelli e ao Prof. Fabrício Monteiro Neves.

Gostaria de expressar a minha gratidão aos professores do Departamento de Antropologia da UNB, em especial àqueles que ministraram cursos dos quais tomei parte como aluno. Em particular, agradeço às professoras Marcela Coelho, Lia Zanotta, Soraya Fleischer e ao professor Carlos Sautchuk. Estendo os referidos agradecimentos aos demais funcionários da Universidade, pela gentileza e dedicação: Adriana, Branca, Cristiane, Jorge e Rosa.

Agradeço o apoio financeiro concedido pelo CNPQ, que me forneceu uma bolsa de doutorado durante três anos e seis meses. Igualmente agradeço o apoio da CAPES, instituição que financiou a minha pesquisa durante o período de doutorado sanduíche nos Estados Unidos.

Aos amigos que passaram pelo mesmo percurso que o meu, ofereço também os meus agradecimentos. Em especial, agradeço ao estímulo intelectual e pessoal de Márcio Adriano de Paula, Raoni da Rosa, Hugo Loss, Guilherme Moura e Potyguara Alencar. O caminho ficou mais interessante na companhia de vocês. Aos demais amigos do PPGAS estendo também os votos de gratidão: Graciela Froehlich, Aline Alcade Balestra, Carolina Perini, Chirley Mendes, Rosana Castro, Daniela Lima, Paulo Henrique Duques, Eduardo Nunes, Denise da Costa, Felipe Arede, Fabiano Souto, Mariana Lima, Sandro Almeida, Júlia Brussi, Gretel Echazú, Mariana Guimarães, Paula Balduino, Fabíola Gomes, Yoko Souza, Fabiano Bechelany, Pedro Stoeckli, Simone Soares, Martiniano Neto, Paloma Maroni, Isabel Naranjo, Caio Csermak, Rodrigo Rocha, Rayssa Martins e Thaís Brayner.

Ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Mount Holyoke College, por ter me acolhido entre setembro de 2013 e março de 2014. Em especial, agradeço ao Professor Joshua Roth, que me forneceu todo o apoio necessário para realizar a pesquisa. Ao departamento de Letras Clássicas, agradeço pela cessão do escritório. De igual modo, agradeço aos amigos

Alessandro Angelini e Nicole Labruto, que fizeram a minha estada em South Hadley mais fácil e agradável.

Agradeço também aos amigos do Laboratório de Antropologia das Controvérsias Sociotécnicas, na UFMG: Levindo Pereira, Daniel Alves de Jesus, José Cândido, Flora Gonçalves, Briza Toti e Eduardo Ferreira. Aos Profs. Luiz Abrahão, Tiago Ribeiro Duarte e Fabrício Neves, muito mais do que espectadores dos meus primeiros passos na filosofia e na sociologia da ciência, obrigado.

Aos ufólogos e ufólogas sem os quais esta tese não poderia ser imaginada. O maior entre os meus agradecimentos se dirige a vocês, aos quais esta tese é dedicada. Citarei alguns nomes em seguida, e aqueles que não se encontrarem listados aqui, perdoem-me a displicência e sintam que a vocês também dispense enorme gratidão. A Alberto Francisco do Carmo, pesquisador de inteligência arguta, companheiro de conversas nos últimos anos e meu orientador em matéria de ufologia. Agradeço as muitas horas de dedicação que você me emprestou e aos inumeráveis *insights* que, de algum modo, tentei trazer para este texto.

A Ademar Gevaerd, que dispõe das virtudes do diplomata e do representante da ufologia brasileira, que com enorme gentileza me instruiu neste tema que para ele é toda uma vida. A Daniela Gevaerd (*in memoriam*), com quem me encontrei pouco, mas que nos contatos com a Revista UFO sempre me tratou com absoluta cortesia e eficiência. A Fernando Ramalho, pelo seu competente trabalho pela desclassificação de documentos militares e pela gentileza de ter me ajudado com a produção capítulo seis. A Fábio Gomes, pela delicadeza no trato e por me ajudar a me sentir familiar com os temas que lhe ocupam. A Fabio Jed, Marcelo Bonfim, Max Diniz, Dalila, Patrícia e aos demais membros do grupo EBE-ET, que me acolheram em suas reuniões. A Mônica Medeiros, por ter me recebido na Casa do Consolador e por ter me encantado com as

suas palestras. A Paulo Aníbal, ufólogo especialista em pesquisas de campo, que em um momento de grande turbulência não se importou em dividir comigo as suas preocupações. A Daniel Conrado, com que muito aprendi. A Rafael Amorim, quem me instruiu sobre os modos de operação da ufologia gaúcha. A Ernesto Bono, por sua perspicácia. A Toni Inajar, por ter recebido em seu trabalho para falar de ufologia e por ter me instruído no mundo das imagens ufológicas. A Wilson Geraldo, por ter escrito o belo relatório sobre o Caso Papuda e por ter me dispensado bastante cortesia. A Ubirajara Franco Rodrigues, por ter me apresentado uma entrada alternativa na ufologia.

A Teresa Miranda, à época Secretária de Cultura do Município de Colares, que não só partilhou a sua experiência sobre os eventos ufológicos ocorridos na Ilha na década de 70, como me forneceu acomodação durante a minha estada no Pará. De igual maneira, agradeço a Dona Benevenuta, Seu Bacaba, Dona Maria, Hilberto Freitas, Juraci, Seu Diquinho, Maria Benedita, Moacir Santos, Profa. Terezinha, Dona Maria Nazaré, Seu Fernando, Tia Alda e Tio Chico, pelas entrevistas concedidas relativas aos ataques das luzes chupa-chupa.

Aos companheiros Leonardo Martins, Daniel Pícaro, Rodolpho Santos e Arthur Maccdonal pela partilha do interesse pelo tema e por me salvarem de um monólogo.

Agradeço à minha mãe, Silvana Antunes, e ao meu pai, Omar Almeida. Não fosse por vocês, eu não estaria escrevendo estas linhas. Esta tese é dedicada a vocês. Ao meu irmão, Henrique Antunes, por ser alguém com quem eu possa falar de qualquer coisa sem me preocupar em ser mal entendido.

Aos queridos amigos Patrícia Mattar, Luciano Mattar, Tiago Moreira, Carolina Ilídia, Ivanildo, Cláudio, João Nicolato, João Ayub, Luís Barros, Nelissa, Bruno Soares, Anabelle Lages, Daniel Pondé, Ruy Harayama, Daniel Toledo, Nelissa, Luana Marota, Gustavo

Mangualde, Rodrigo Nippes, Rafael Barbi, Ely Jr., Leonardo Penna, Diogo Caminhas, Juliana Anacleto, Juliana Vasconcelos, Daniela Tartari, Alex, Marina Casaril, Alison Roberto, Simone Valentini, Jeimy e Robison.

A Ana Flávia Bedin, companheira de exílio e de Desterro. Não fosse por seu apoio, companheirismo e gentileza esta tese não seria completada.

"Deus me livre de um dia completar algo. Este livro todo é apenas um esboço - não! Apenas um esboço de um esboço" Moby Dick, Herman Melville

“Nada tenho que ver com a ciência; mas, se tantos homens em quem supomos juízo são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?” O Alienista, Machado de Assis.

Resumo

A presente tese consiste em um estudo etnográfico junto a um coletivo de ufólogos brasileiros. A etnografia acompanha os seus processos de construção de conhecimento, as relações destes pesquisadores com os seres extraterrestres e a luta pela desclassificação de documentos em posse do Estado. Os eixos mais significativos deste trabalho são a descrição dos processos de conhecimento forjados em relação a uma imagem particular de Ciência, a temática do segredo e o problema da desinformação. Argumenta-se que aquilo que define a ufologia, enquanto uma "disposição de relações" particular, é o fato de que para que ela perdure, o seu objeto, o seu tema principal, deve se manter nos confins da invisibilidade. Este texto constrói-se enquanto uma narrativa na qual se discutem o problema da “crença”, os processos de construção de evidência levados a cabo pelos ufólogos brasileiros e o modo como apresentam os seus dados.

Abstract

This dissertation is the result of an ethnographical study of a Brazilian UFOlogists collective. The ethnography follows their processes of knowledge construction, the relation between the researchers and the extraterrestrials and the activism towards the disclosure of UFO documents possessed by the State. The main topics of this work are the way UFOlogists build their knowledge in relation to a certain image of Science, their elaborations on secrecy and the problem of disinformation. It claims that what defines Ufology, as a specific set of relations, is the fact that in order to persist, its objet, its main theme, must remain invisible. This work discusses the problem of "belief", the processes of evidence construction undertaken by the Brazilian UFOlogists and the ways they present their data.

Nomenclatura e siglas utilizadas

“Fenômeno UFO”- Em diversas ocasiões valho-me da expressão fenômeno UFO, que é empregada de modo corrente pelos ufólogos para dar conta da variedade de eventos que estudam. Desta feita, a expressão concerne a toda gama de interações com extraterrestre que os pesquisadores se ocupam de estudar.

Abdução- Transporte de um humano para dentro de uma nave extraterrestre. As descrições sobre aquilo que ocorre durante o processo e logo que ele termina contêm variações. Há propostas de substituição do termo por “sequestro”, para dar conta da feição violenta do evento.

Agroglifos (em inglês: Crop Circles) - Desenhos de grandes dimensões feitos em plantações, visíveis a partir da visão aérea.

Avistamento - Termo usualmente empregado pelos ufólogos para designar o contato visual com um óvni.

CBPDV - Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores

CBU - Comissão Brasileira de Ufólogos

CICOANI - Centro de Investigação Civil dos Objetos Aéreos Não Identificados

CINDACTA - Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo

COREG: Coordenação Regional do Arquivo Nacional

EBE-ET - Entidade Brasileira de Estudos Extraterrestres

NASA – National Space Agency

NEUS - Núcleo de Estudos Ufológicos de Santa Cruz do Sul

OVNI - Acompanhamento esta grafia quando o termo assim ocorre em documentos, livros ou recortes de jornais.

Óvni - Objeto voador não identificado. (Os dicionários dão conta de que a palavra foi incorporada ao nosso idioma e figura como um substantivo masculino. Como "paroxítona" terminada em "i", a palavra é acentuada)

UFO - Unidentified Flying Object

Sumário

Introdução	18
<i>Sobre como fui capturado pelos extraterrestres e nunca mais retornei para casa</i>	18
<i>Sobre o que fiz com os extraterrestres quando com eles passei a ter maior intimidade</i>	34
<i>Trabalho de campo</i>	41
<i>Organização dos capítulos</i>	55
Capítulo 1 – Observações sobre um evento em ufologia	60
<i>O aliciamento das redes virtuais</i>	63
<i>Um congresso temático</i>	65
<i>O local e a estrutura de apoio do congresso</i>	70
<i>Comercialização de Souvenires e profissionalização dos produtos</i>	72
<i>Mecenato</i>	76
<i>Impressões sobre o público e a noção de “experiência ufológica”</i>	77
<i>Abertura</i>	82
<i>As comunicações durante a convenção</i>	83
<i>O domínio do testemunho</i>	84
<i>O regime da comparação</i>	96
<i>Congressos ufológicos: rearticulação</i>	101
Capítulo 2 - No itinerário dos congressos ufológicos	109
<i>Acusações de plágio</i>	110
<i>Notas sobre as diferenças entre os congressos</i>	117
<i>7º Encontro Ufológico de Peruíbe</i>	121
<i>II Encontro de Ufologia Avançada do Distrito Federal</i>	139
<i>IV UFOPAX</i>	146
<i>Ufologia mística, ufologia científica e ufologia holística</i>	153
Capítulo 3 – Estudo de um grupo ufológico: Os UFOs e a sua parcial visibilidade	158
<i>A Entidade Brasileira de Estudos Extraterrestres: seus rastros e a sua oficialidade</i>	168
<i>Encontros com a EBE-ET</i>	179
<i>Parcial visibilidade</i>	200
Capítulo 4 – Linhas de propagação: etnografia de uma revista ufológica	204
<i>Grupos?</i>	206
<i>Mão dupla</i>	208
<i>Multiplificação de aliados</i>	209
<i>As operações de redução</i>	230
<i>O trabalho de diferenciação</i>	237
<i>Aumento do fluxo de casos</i>	245
Capítulo 5 – Os meandros de um caso ufológico: A operação Prato	249
<i>Informe</i>	255
<i>“Combate-se melhor nas sombras”</i>	261
<i>Luzes e aparelhos</i>	265
<i>A Operação Prato</i>	277
<i>Um laboratório natural</i>	284

<i>Sobre pinguins e ursos polares: os experimentos extraterrestres</i>	286
<i>A médica da Unidade Sanitária de Colares</i>	289
<i>As relações entre a Doutora Wellaide e o Capitão Hollanda</i>	293
<i>As circunstâncias da morte do comandante da Operação Prato: outros elementos</i>	294
<i>As fotos da Operação Prato e a polêmica sobre as ampliações intencionais</i>	299
<i>Outros desdobramentos: a Operação Prato nunca terminou?</i>	301
Capítulo 6 – A pragmática do segredo	307
<i>Acobertamento ufológico: duas perspectivas</i>	309
Efeito Miragem	310
O governo detém informações sobre extraterrestres	315
<i>Alianças com extraterrestres</i>	317
<i>As naves alienígenas expõem a fragilidade dos sistemas de defesa aérea dos governos</i>	320
<i>Pânico: o efeito Orson Welles</i>	322
<i>Acusações de silenciamento no interior da ufologia</i>	324
<i>Abertura ufológica</i>	330
<i>O problema da “desinformação”</i>	350
<i>Contatados e desinformação</i>	351
<i>A pragmática do segredo</i>	356
Capítulo 7 – “Não são produto desta lógica, são produto desta mágica”	360
<i>Três instâncias de recusa</i>	360
<i>Ciência – (x)</i>	372
<i>Outras pesquisas</i>	376
<i>Ufologia e ciência: notas a partir do campo</i>	390
Ufologia e o devir ciência	390
Ufologia, efedrina e o tio chinês: “Science is not always what scientists do”	394
Pasteur, os micróbios e os UFOs: a analogia com a história das ciências	400
<i>Mimesis e diferença: da semelhança à “similitude” com a Ciência</i>	402
<i>Agroglifos: notas sobre um relatório de pesquisa</i>	414
<i>Vigílias</i>	419
<i>A pesquisa a partir das imagens ufológicas</i>	423
<i>Mariposas, ontologias alienígenas e seus quefazeres terrestres</i>	431
Conclusão - “Radar[es] não têm crença”	445
<i>Breves observações sobre uma pergunta</i>	445
<i>A noção de crença: um dispositivo de relação</i>	454
<i>Radar[es] não têm crença: um antropólogo entre ufólogos e cientistas</i>	462
<i>Ontologias alienígenas</i>	473
Referências bibliográficas	477
Anexo I – Mapas	494
Anexo II – Fotografias	496
Anexo III – Documentos ufológicos – Mídia impressa	505

Lista de Figuras

Figura 1 - Tipologia dos seres extraterrestres	126
Figura 2 - Box informativo da Revista UFO	157
Figura 3- Deslocamento do óvni avistado no Presídio da Papuda - DF	175
Figura 4- Box de divulgação de um curso em Ufologia - Revista UFO.....	225
Figura 5 - Convite aos tradutores - (Revista UFO).....	226
Figura 6 - Box informativo sobre a lista de e-mails da Revista UFO.....	228
Figura 7- Carta de Brasília	359
Figura 8 - Retrato falado de um extraterrestre (Alberto F. do Carmo).....	406
Figura 9 - Destaque para o recipiente usado pelo extraterrestre (Alberto F. do Carmo).....	407
Figura 10 - Reprodução em papel do recipiente (Alberto F. do Carmo)	408
Figura 11 - Amostra de solo que entrou em contato com um óvni.....	412
Figura 12- Foto de Óvni - Operação Prato.....	429
Figura 13 - Foto de Óvni - Operação Prato (Depois do tratamento da imagem).....	430
Figura 14 - Paulo Aníbal em Programa da Rede Record.....	433

Introdução

Sobre como fui capturado pelos extraterrestres e nunca mais retornei para casa

“Before they could even look at it, it was gone. So, I was thinking: by the time I get close to it, it would be gone. But the closer I got, I could see it wasn’t leaving. And I was becoming more and more fearful. And the guys in the truck were getting more and more scared. The closer I got... And they would yell at me to get away from them. Swearing at me to get back in the truck. I got close and I was looking at it, at about 45 degrees, and it was making a strange sound: a mixture of high frequency sounds and low frequency off the range of human hearing. A sound you could kind of feel rather than hear. The guys in the truck said: ‘it seems that something is about to happen’. And it wasn’t because I was getting dangerously close to this thing; it was also because, I think, there was some sort of electrical charge building up in the air that you could kind of sense. It got louder and started to move. I moved forward a little bit. The crew was yelling at me to get back to the truck. That was when my head was closed to the craft. And I think what happened next was some kind of charge that jumped from the craft through my body to the ground. And it was much more violent than you see in the movie. [...] The crew said it was more like I have stepped on a land mine, a grenade. It was a blast of energy that was so violent, that they immediately yelled at each other that it had killed me. [...] My body went flying to the air into this blast of energy.” (Depoimento do abduzido Travis Walton durante o II Fórum Mundial de Contatados – Curitiba, maio de 2014)

A passagem anotada acima consiste em um trecho da palestra do lenhador e abduzido¹ Travis Walton², proferida no II Fórum Mundial de Contatados, ocorrido em Curitiba nos meses de maio de 2014. Nela, Travis descreve o exato momento em que, pela primeira vez, teria tido contato com seres alienígenas, que com a mesma violência que uma mina terrestre leva ao céu aquele que nela pisa, conduziram o abduzido para dentro da nave.

Como se nota, não se tratava de um avistamento de pequenas proporções, tampouco estavam os condutores daquela nave dispostos a apenas deixarem-se fotografar. Ao contrário, o que se passou naquela floresta do Arizona, onde o lenhador trabalhava em tempo integral, foi

¹Na economia conceitual da ufologia a abdução, – tradução para o português do termo em inglês ‘abduction’ – diz respeito à retirada de um ou mais humanos do local onde estavam e a sua permanência junto aos alienígenas. Vigoram entre os ufólogos diferentes explicações para os eventos desta classe, as quais, de modo geral, respondem à variabilidade empírica dos relatos.

²Travis Walton narra o episódio de sua abdução no livro *Fire in the sky: The Walton Experience* (Walton, 1996). O mesmo foi base para o roteiro de um longa metragem de mesmo nome.

aquilo que os ufólogos chamam de um “contato imediato de quinto grau”.³ Isto é, uma abdução levada a cabo por extraterrestres, que, de maneira não usual, ocorreu na presença de outras testemunhas humanas. A partir daquele momento, Travis, já desacordado, foi dado como morto e encontrado cinco dias depois em uma cabine telefônica.

Diferentemente do que ocorrera com Travis Walton e com outros abduzidos como Betty e Barney Hill⁴, Antônio Vilas-Boas⁵, Debie Jordan⁶, e o casal Hermínio e Bianca, a minha captura seu deu de maneira menos abrupta. De modo diverso do que se passou com as pessoas citadas, cujos relatos são marcados por experiências de perda da dimensão do tempo (missing time), por lembranças sobre os eventos que ocorrem sob a forma de pesadelos, por visitas constantes dos abdutores e, em um dos casos, pela imposição de ter relações sexuais com um ser alienígena, a ação dos extraterrestres sobre mim se deu de modo mais ameno.

Se digo que fui capturado, isto não ocorreu porque eu tenha tomado parte em um caso abdução, no qual fosse eu o abduzido. Tampouco uso aqui a palavra captura em sentido alegórico, ou valho-me do termo como uma analogia. Se fui capturado pelos extraterrestres, ou melhor, pelo que posteriormente chamarei de *ontologias alienígenas*, o digo em referência à capacidade que estas tiveram de me aliciar para dentro de seus contornos – sempre abertos – ,

³“Contato imediato” é a tradução do termo “close encounters”, cunhado por J. Allen Hynek (Hynek,1974) para categorizar as modalidades de interação com os extraterrestres.Segundo Hynek, seriam três as categorias para definir o encontro: “close encounters of the first kind”, quando não há interação entre o UFO e o “observador”; “close encounters of the second kind”, quando o UFO deixa registros do seu encontro com o “observador”; close encounters of the third kind”, são aqueles nos quais se reporta a presença de criaturas animadas. As categoria “encontro imediato de quinto grau” foi forjada posteriormente e diz respeito às situações nas quais um humano é conduzido para dentro de um aparato alienígena, com ou sem o seu consentimento.

⁴A abdução de Betty e Barney Hill é narrada no livro *The Interrupted Journey: the lost hours“aboard a flying saucer”*, assinado por John Fuller. (Fuller,1966)

⁵A abdução de Antônio Villas-Boas é considerada pelos ufólogos o primeiro caso do gênero na dita “Era Moderna dos Discos Voadores”. O evento se passou em 15 de outubro de 1957.

⁶Debie Jordan apareceu com o pseudônimo de Cathy Davis no livro *Intruders: The incredible visitations at copley woods* (Hopkins, 1987)

instando-me a produzir uma tese que, em relação a esta miríade de coisas, máquinas, seres e textos, ganha tons de mais um agenciamento⁷.

Fosse comparado a Travis Walton, ou a qualquer uma das outras pessoas que citei acima, sob certo ponto de vista – afora a truculência empregada em certos casos – nossas diferenças de engajamento com o que doravante chamarei de “fenômeno UFO”⁸ permanecem aqui como como distintas em grau, mas não em natureza. Se de modos muito diferentes fomos abduzidos para dentro da ufologia, isto não impede que se afirme que dela, de algum modo, ambos tomamos parte.

Ele, interpelado por uma nave aos 22 anos, enquanto dava conta de uma extenuante empreitada em uma floresta americana. Eu, aos 24, interessado pelos temas dos monstros, dos bestiários, dos cinocéfalos, dos centimanos⁹, dos dispositivos produtores de bestas, dos espaços limítrofes. Não quero aqui ocupar-me da reconstrução das *origens* do meu interesse pelo tema, mas devo notar que nos anos que antecederam a pesquisa sobre a ufologia eu havia trabalhado com o tema da produção da ciência – durante a graduação – e, posteriormente, durante o mestrado, empreendi uma discussão a respeito das fronteiras do humano a partir de duas controvérsias separadas no tempo e no espaço por quase quinhentos anos.¹⁰

⁷Defino o trabalho que agora se apresenta como um agenciamento, atendendo ao desdobramento que Gilles Deleuze e Félix Guattari fazem do termo no primeiro capítulo do livro *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (Deleuze & Guattari, 1995) “Um livro tampouco tem objeto. Considerado como agenciamento, ele está somente em conexão com outros agenciamentos, em relação com outros corpos sem órgãos. Não se perguntará nunca o que o livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender um livro, perguntar-se-á como ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora.” (Deleuze & Guattari, 1995:3)

⁸A expressão “Fenômeno UFO” é usada de modo corriqueiro pelos ufólogos para designar desde as experiências de avistamentos de Objetos Voadores Não Identificados no céu, até casos de abdução. É um termo genérico para dar conta do conjunto de eventos abrangidos na ufologia e, em relação aos quais, ela se constrói.

⁹Em *Dom Quixote*, Miguel de Cervantes faz referência a esta classe de bestas de cem mãos.

¹⁰ALMEIDA, Rafael Antunes. *O que é um humano?* Anotações sobre duas controvérsias. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Na primeira ocasião, lembro-me muito vividamente de ter me impressionado com os escritos do naturalista francês Geoffroy Saint-Hilaire relativos ao tema da teratologia, sobre a qual quem ignora o Livro das Maravilhas de Marco Polo ou os escritos de Plínio, o velho, diz que ele foi o “criador”¹¹. Alguns anos mais tarde eu me via inundado com descrições de seres fantásticos e de viagens por paisagens povoadas por seres não-humanos.

É que naquele tempo, por ocasião da pesquisa de mestrado eu me ocupava da leitura dos escritos de Bartolomeu de Las Casas e Juan Ginés Sepúlveda, que se digladiaram na primeira metade do século XVI sobre a questão de saber se os índios americanos eram humanos e se era justa a guerra para convertê-los. Sepúlveda, em particular, valia-se de um arsenal de autores para corroborar a tese de que os habitantes dos trópicos eram bárbaros por natureza e, para referendá-la, preenchia o texto com muitas descrições de historiadores da Índias Ocidentais nas quais toda a sorte de monstruosidades tomavam lugar.

Se digo que o que me atraía nestas descrições não era a feição pitoresca dos relatos, não estarei mentido. De outra feita, interessava-me o fato de que, nestas máquinas de guerra montadas em salões e bibliotecas, se figurasse o *outro como monstro*, seja por meio de um retrato daquilo que lhe faltava – em relação a um humano (espanhol) –, seja pelos excessos – extremamente vis, extremamente bons, extremamente inconstantes –, seja pelas faltas, que podiam se manifestar nas virtudes, na inteligência ou na razão. Restava ainda o espaço das combinações, das formas parcialmente bestiais e parcialmente humanas, como é o papagaio sobre o qual Locke testemunha. (ver Agamben, 2004)

Se a princípio restei impressionado com o tema da figuração do outro como monstro, logo me dei conta de que perseguir esta linha de investigação não me levaria muito longe. Isto é,

¹¹À época eu vinha trabalhando há mais de dois anos com a controvérsia entre Georges Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire relativa à noção de *bauplan*, ou "planos de composição", sob a orientação do Prof. Renan Springer Freitas.

para pensá-la, de modo quase necessário, teria eu de ser socorrido pela noção de imaginário e com ela acatar a distinção moderna entre um baixo mundo – dos quefazeres mundanos, portanto, sociológico – e o universo das representações simbólicas¹². Simplifico demais, dirão os partidários nesta noção, mas não o faço menos que os seus defensores apaixonados quando traduzem tudo ao domínio das representações.

Estimo que caso cedesse à noção de imaginário, estaria então capturado pelo dilema que Jorge Luís Borges percebe no monstro Baldanders, o “Já outro”.

[...] a estátua lhe diz que é Baldanders e assume formas de um homem, de um carvalho, de uma porca, de um salsichão, de um prado coberto de trevos, de esterco, de uma flor, de um ramo florido, de uma amoreira, de um tapete de seda, de muitas outras coisas e seres e depois, novamente, de um homem. Finge instruir Simplicissimus na arte de “falar com as coisas que por sua natureza são mudas, como as cadeiras e os bancos, as panelas e os jarros” (Borges,2011:39)

O monstro polimorfo Baldanders encerra em si um tropo. Trata-se de um ser multiforme, um polimorfo, capaz de se transformar em diferentes formas, mas ao fim da demonstração, volta à forma original. É, mais uma vez, o monstro que tudo pode ser, mas, “outra vez”, homem. O artifício da noção de imaginário não opera de modo dessemelhante ao proceder de Baldanders: a multitude de formas de existência sobre a qual se elabora, ao final, é reduzida a um traço humano, a uma projeção.

Ainda que agora recuse este movimento, devo dizer que durante o processo de captura pelas ontologias alienígenas, queria fazer delas material para o tema das alteridades radicais, ou melhor, das alteridades extraterrestres. Eis a suma deste argumento que, se um primeiro momento figurou como uma inspiração para a pesquisa que ora vos apresento, à medida que

¹²Para ver uma das mais bem acabadas críticas à noção de representação ver “Lines: a brief history” (Ingold,2007). Alternativamente, ver a conclusão de Diferença e Repetição (Deleuze,1998). Quando se adere a uma tipo de agenda que coloca a representação simbólica como matriz para a interpretação das afirmações de nossos interlocutores, estamos transformando estas noções, ou melhor, estes dispositivos com os quais operamos, em ferramentas de análise. (Ver Strathern,1988). A noção de um mundo de símbolos que gravita sobre nós, portanto, tem melhor “caimento” como uma antropologia do mundo euro-americano, do que como ferramenta heurística que nos permitiria entrar em diálogo com outros modos de existência.

passsei a tomar parte do universo ufológico terminei dele me distanciando: tudo se passaria como se a figura do extraterrestre não fosse outra coisa que a expressão moderna de um sujeito hiper tecnológico, que ou bem resultava das ansiedades do mundo pós-guerra, ou prestava-se a figurar como uma unidade de um par de oposições entre o selvagem e o civilizado. A figura do extraterrestre não seria nada além de um outra forma de imaginar a alteridade, uma vez que projetava a imagem de um ser que era dotado de aparatos mais rápidos e mais precisos do que aqueles dos quais dispõem os euro-americanos – e, por isto, precisa ter a sua origem fora da Terra – , em compasso com outra alteridade moderna, qual seja, o bárbaro, o homem do neolítico.

Nesta versão, esta forma de alteridade se manifestaria na imagem do “excessivo” que recai sobre os extraterrestres – em particular, no domínio das técnicas – passível de ser contrabalanceada pela ausência de um senso moral. Caso desejássemos colocar as imagens do bárbaro e do *alien* em oposição, bastaria apontar para a ausência de tecnologia combinada a um arguto senso moral. O argumento que aqui acabo de balizar foi confeccionado por Jean-Bruno Renard, no artigo intitulado *The wild man and the extraterrestrial: two figures of the evolucist fantasy* (Renard,1984) Renard observa que: “The thrust of our argument is that the image of the Extraterrestrial is an inverse image of the image of the Wild Man, and that both share the attribute at this point in time of belonging to the same mythology: the mythology of evolution.” (Renard,1984:64) Nos termos do autor, portanto, o selvagem e o extraterrestre, dispõem-se como figuras inversas, mas que ocupam posições em um mesmo contínuo, uma vez que “[t]hey are the two limiting figures to Werstern man: the wild man representing the inferior limit and the extraterrestrial representing the superior limit”. (Renard,1984:74) Tudo se passaria como se a partir do estudo destas “figuras”, pudesse o pesquisador “ler” certo modo como se conforma na

cosmologia ocidental a noção de evolução. Isto só seria possível, no entender do autor, porque “... extraterrestrial societies are projections in celestial space of inhabitants of paradisiacal islands.” (Renard,1984:77), representações que desenham no horizonte extremos, a caminho dos quais, figura então o humano.

Tomei contato com o artigo de Jean-Bruno Renard a partir de uma referência que a ele faz Jayme Aranha, em sua dissertação de mestrado.¹³ Em relação ao artigo do sociólogo francês, entretanto, tenho uma relação ambivalente. Se por um lado, Renard demonstra grande erudição, pois cita com proficiência obras clássicas e de ficção científica nas quais as figuras do selvagem e do extraterrestre ocorre, ao mesmo tempo em que constrói um argumento bem desenhado, por outro lado, o autor de *The Wild Man and The Extraterrestrial*, em suas interpretações, não faz do extraterrestre outra coisa que um elemento de uma mitologia moderna. Deste modo, se a leitura de seu texto serviu-me de gatilho para estabelecer uma ponte entre os interesses que eu vinha alimentando e o tema da vida extraterrestre, a quadratura na qual ele se inscrevia, para mim, resultava em certo desconforto. Não o digo apenas pela ausência de uma explanação sobre aquilo que, naquele texto, se compreendia como “mitologia”, mas também pela construção de todo o seu argumento sobre a noção de representação social. Guardadas as diferenças, trata-se de movimento homólogo àquele que Roland Barthes, no comentário que tece sobre os marcianos, anota nas *Mitologias*:

Provavelmente, se um dia desembarcássemos em Marte tal como o construímos, não encontraríamos senão a própria Terra, e perante estes dois produtos de uma mesma História, não saberíamos reconhecer o nosso. Pois para que Marte tenha alcançado o saber geográfico, é preciso que tenha tido também o seu Estrabão, o seu Michelet, o seu Vidal de la Blanche, e por conseguinte, também, as mesmas nações, as mesmas guerras, os mesmos cientistas e os mesmos homens que nós.”(Barthes, 2001:33)

Barthes prossegue:

¹³ARANHA, Jayme. Inteligência extraterrestre e evolução: As especulações sobre a possibilidade de vida em outros planetas no meio científico moderno. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 1990.

Marte não é apenas a Terra, é a Terra pequeno-burguesa, é o pequeno domínio da mentalidade cultivado (ou expresso) pela imprensa ilustrada. Mal acabara de se formar no céu, Marte foi assim alinhado pela mais forte das apropriações, a da identidade. (Barthes,2001:34)

Não fosse este desconforto, era a ufologia um pasto límpido para que eu pudesse estender e elaborar estes tipos de considerações. Não tivesse atinado para aquilo que o argumento de Renard deixa implícito, dos extraterrestres teria feito uma forma dos modernos imaginarem a si mesmos sob a forma de monstros: sem pelos, com largas caixas cranianas, minorados em suas funções físicas, integrados completamente às máquinas, em suma, tratar-se-ia sobretudo de uma forma de organizar o futuro sem sair do presente. Os extraterrestres seriam, em última análise, a forma como encontraram para pensar a si mesmos e, de modo complementar, a via de acesso para que se fizesse deles uma antropologia: suas imagens, seus projetos, suas obsessões, resultariam em expressões de tantas outras coisas.

Aprendi com Guimarães Rosa, que o mundo é um rio com mais de duas margens. Estimo que seja possível então habitar estas *outras*, ou ainda, nelas permanecer sem maiores prejuízos.

Antes de apresentar como tentei fazê-lo, cumpre dizer que, interessado no tema dos monstros, vi na discussão concernente à vida extraterrestre a possibilidade de prolongá-la, fosse por meio do estudo do modo como a ficção científica – na literatura e no cinema – produz esta classe de quimeras; fosse pelas descrições dos ufólogos, especialistas no tema alienígena, sobre a maneira segundo a qual o além-Terra é povoado por criaturas de raças, feitios e intenções dirigidas aos humanos muito diversas entre si. Como já observei, estimei desde muito cedo que por um outro caminho, eu correria o risco ser capturado pela intenção de pesquisar as equivalências entre figuras extraterrestres e as ditas projeções humanas.

Inicialmente, tateava um modo de conseguir enquadrar o tema extraterrestre dentro daqueles interesses que eu havia nutrido: os estudos sociais da ciência e a temática da produção

dos monstros. Tratei de proceder com a leitura da bibliografia disponível sobre o tema. Entre os trabalhos, proliferavam muitos estudos que, ou bem se auto classificavam no domínio das pesquisas de folclore ou, de maneira diversa, eram destes arremedos não confessos. Estes artigos pouco ou nada me inspiravam. Eram, via de regra, feitos à maneira de interpretações genéricas acerca do “fenômeno UFO”. Ocupavam-se de tentar rastrear a origem das “histórias” sobre visitantes extraterrestres e, sobretudo, de comparar as narrativas que em relação a eles se faziam com outras narrativas do dito folclore, anotando as regularidades e também as diferenças. Este é o caso, por exemplo, do texto *On the nature and origin of flying saucers and little green men* (Saranov,1981), que declara que “...flying saucers and little green men do not exist in reality” (Saranov,1981:165) e que era necessário pensar os extraterrestres e as suas naves como símbolos, todavia não explicados.

Via de regra, a maior parte do corpo de trabalhos produzidos a respeito da questão extraterrestre, se não enunciava os seus postulados de modo tão peremptório como fez Saranov, de algum modo partia do princípio de que aquilo que importava era o fato das narrativas sobre estes seres, suas naves e seus modos de proceder, configurar um tipo de mitologia moderna que era preciso descrever.¹⁴ Era, na visão destes autores, necessário rastrear as origens do “fenômeno UFO”, anotando em seus capítulos cada passo que terminaria desaguando na configuração atual.

A obra *Watch de Skies: A chronicle of the Flying Saucer Myth* (Peebles,1994), conquanto tenha-a tomado como uma referência em diversas partes desta tese – pois se configura como um estudo acurado e atencioso às fontes documentais –, é a realização exata das observações que fiz no parágrafo acima. Cada um dos capítulos do livro se desenha de tal forma a mostrar não só como a ufologia resulta de uma composição de elementos heteróclitos, como contém, em suas

¹⁴Este é o caso, por exemplo, do livro *Angels and Aliens: UFO's and the mythic imagination*. (Thompson,1993)

últimas páginas, um resumo de cada elemento da dita “mitologia viva”. A proposta de Peebles se configura como uma tentativa de produzir uma história social dos discos voadores.¹⁵

A assunção de fundo que organiza este e outros estudos, é que a questão extraterrestre deve ser alvo de um extensivo estudo que, rastreando-lhe as origens, é capaz de mostrar como ela é uma construção social. Assumem, de antemão, que a tarefa do pesquisador é fornecer ao caráter furtivo do fenômeno – como se verá nas linhas seguintes – uma explicação, seja pelo traçar de homologias como eventos que reputam de natureza similar, seja por uma sócio-história. Para estes estudos, o trabalho de Carl Gustav Jung, intitulado *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu* (Jung,1988) é uma referência quase incontornável. Jung não nega *a priori* que os testemunhos individuais possam ter uma base causal equivalente, no entanto reconhece nos diversos avistamentos que enchiam os jornais na década de 50, não a operação das máquinas extraterrestres, mas a possível resposta à tensão emocional diante da situação de calamidade coletiva vivida na Guerra Fria. Tal tensão, dificilmente poderia ser integrada conscientemente, o que resulta na criação de *boatos universais das massas* (Jung,1988), matizados em um frenesi de observações de objetos redondos, em formato de disco. Os objetos extraterrestres evocam, na qualidade de representações, a imagem arquetípica da mandala, do redondo, símbolo da totalidade psíquica, que trabalha no sentido de “unir opostos internos” (Jung,1988). A mandala, descobre Jung depois de analisar um sem número de casos de sonhos, é um tipo de arquétipo ordenador de situações caóticas, o que resulta as visões de discos voadores em forma redonda.¹⁶

¹⁵Há trabalhos acadêmicos no Brasil que se dedicam a uma empreitada similar àquela que desenvolve o americano, como é a dissertação de mestrado de Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos, intitulada *A invenção dos discos voadores. Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil (1947-1958)*, e a também dissertação de mestrado de Milton José Giaconeti, intitulada *As luzes no céu e a Guerra Fria: do limiar do conflito ao imaginário dos discos voadores (1945-1953)*.

¹⁶Leonardo Breno Martins descreve do seguinte modo o teor da interpretação fornecida pelo texto de Jung: “Jung (1958/1988) salienta que, na ausência de um símbolo integrador mundano (dado o interesse político na manutenção da Guerra Fria) ou metafísico (com a fé esquecida pelo racionalismo), criar-se-iam condições para o surgimento, alimentado pela tensão psíquica, de um símbolo de integração ‘novo’ e estranho à consciência. O símbolo emergiria

Cristopher Patridge (Patridge,2004) passa com muita proficiência em revista a demonologia cristã, comparando as imagens que aí tem lugar àquelas dos *aliens*, que passam a aparecer a partir de certo período. O autor consegue entrever nas narrativas o processo de emergência de um tipo de demônio tecnológico. Digno de nota é que se o trabalho de comparação das similitudes entre as imagens não entrevejo qualquer obstáculo, quando as associações passam a ser usadas para conduzir o leitor à percepção de que elas tem por base os mesmos fenômenos – quando se fala de *aliens* e discos voadores, nunca se poderá estar falando realmente deles – já não posso mais acompanhá-lo. Observações como “ *What aliens stories do show – loud and clear – is that we need something to scream out*” (Patridge,2004:11), terminam esvaziando as ontologias alienígenas, na medida em que nelas tenta-se perceber nada além de identidades.

Some-se ao tratamento da ufologia e da pesquisa sobre vida extraterrestre tentativas de reduzir todas as descrições sobre os seres, encontros e movimentos, a outras variáveis. Antes de tudo o que se faz é impor uma lógica da redução à diversidade matizada nas ontologias alienígenas. O trabalho de David Drysdale, que leva o título *Alienated histories, Alienated futures* (Drysdale,2008), o faz a partir de uma espécie de rediscussão de um dos mais famosos casos de abdução na história da ufologia, envolvendo o já mencionado casal Betty e Barney Hill. De acordo com o autor, o evento da abdução, quando estes retornavam de uma viagem de férias no Canadá, não seria outra coisa além de um modo de tematizar as relações raciais – Barney era negro e Betty era branca –, tendo em vista que quando as raças de Ets apareceram, as diferenças entre raças terrestres teriam sido borradas.

de forma não integrada, não reconhecido pela consciência como uma conteúdo psíquico, mas projetado como um evento externo. (Martins,2011)

Michael Sturma, em *Aliens and Indians: A Comparison of abduction and Captivity Narratives* (Sturma, 2002) repete o mesmo procedimento, também lidando com narrativas colocadas sob comparação. Mas desta vez o que se faz é analisar as coincidências entre narrativas de cativo de pessoas raptadas por nativo-americanos no século XVIII – que mais tarde se desenvolvem em um gênero literário –, e as narrativas sobre abdução que emergiram a partir de 1947, com vistas a verificar que tipo de elementos elas evocam:

The central metaphor of both Indian captivity and Alien Abduction narratives concerns crossing frontiers and forced experience of another culture. (Sturma,2002:321)

Note-se que aqui, além de comparar narrativas que por vezes têm o status abertamente declarados de ficcionais com relatos de experiências de dor e sofrimento – como via de regra aparecem nas incisões operatórias seguidas de implantes alienígenas, raptos no meio da noite e experiências com material reprodutivo – Sturma faz delas metáforas. As histórias concernentes aos encontros com extraterrestres manteriam a sua validade no campo metafórico, mas, quando sobre elas se debruça o pesquisador, seria preciso então ancorá-las na Terra.

Vale lembrar que esta operação, ainda que guarde a mesma tentativa de reduzir tais fenômenos a elementos subjacentes – por vezes, o motivo da comparação – se difere da posição de alguém como Ronald Grunloh, que em artigo publicado na revista da *Royal Anthropological Institute* no ano de 1977 (Grunloh,1977), procede com uma inversão da tese atualmente conhecida como “Hipótese dos alienígenas do passado”, segundo a qual inúmeros eventos históricos, desde a “Carruagem de Fogo” do profeta Ezequiel, até a construção das pirâmides egípcias, tiveram a participação de seres alienígenas, ou resultaram de sua aparição. Desta forma:

What I propose is a counter-argument: rather than ascribing ancient religious phenomena to the land of flying saucers, to explain the sighting of flying saucers as experiences of a kind similar to the religious visions of the past. (Grunloh,1977:1)

Ora, de acordo com o autor, as visões de discos voadores, da mesma forma que as experiências religiosas, não resultariam da participação de qualquer tipo de entidade alegada, mas sim de estados alterados de consciência, causados por um dos elementos a seguir: cansaço, meditação, consumo de psicotrópicos, privação do sono ou stress severo. (Grunloh,1977).

Afora estas abordagens que, de uma ou outra forma, se voltaram para o tema da vida extraterrestre tratando-o como um campo discursivo, quando comecei a tatear o tema da ufologia, havia ainda outras matrizes na academia que se dedicaram a pensá-lo. Eu me refiro àqueles estudos que se debruçavam sobre o tema da pesquisa científica sobre a vida extraterrestre, isto é, sobre as iniciativas que, levadas a cabo por agências de pesquisa do governo americano, valiam-se de meios como mensagens enviadas a bordo de naves (Aranha,1990), a captura de emissões de rádio do espaço (Aranha,1990; Dorneles Barcelos, 1993; Dick,2006) e, mais recente, do estudos dos extremófilos¹⁷. (Helmreich,2009)

Ainda no domínio das ciências sociais, grande parte da literatura que se dedicara ao tema ocupou-se de estudos sobre os Novos Movimentos Religiosos ou das *science-based religions*. Susan Palmer escrevera uma etnografia sobre o movimento Raeliano (Palmer,2004), tema que também foi alvo de artigos assinados por Debora Battaglia (Battaglia, 2005; 2007). Desconsideradas as dissonâncias teóricas, a relação com o trabalho de campo e armação destas pesquisas, elas se inscrevem na linha inaugurada pelo livro *When prophecy fails* (Festinger et al, 1956), na medida em que o seu objeto principal são grupos religiosos. Somam-se a estes casos a pesquisa de Diana Tumminia relativa ao grupo *Unarius Academy of Science* (Tumminia,1998).¹⁸

¹⁷Stephan Helmreich, que escreveu uma etnografia sobre a pesquisa de biólogos marinhos com os extremófilos, define-os como “lovers of extremes” (Helmreich,2007:1), isto é, microrganismos que habitam ambientes cujas condições de temperatura, pressão ou salinidade são extremas.

¹⁸No capítulo três entabulo uma discussão com o tema das “science-base religions” e comparo as suas descrições com o caso de um grupo ufológico.

Em outro diapasão, encontramos os trabalhos de Susan Lepselter (2005) e Jodin Dean (1998).¹⁹ A obra da primeira talvez seja um dos melhores textos etnograficamente informados relativo ao “fenômeno UFO”. Em seu trabalho, que resulta de uma etnografia junto aos grupos de suporte e apoio mútuo às pessoas abduzidas e, paralelamente, de uma cidade nas proximidades da Área 51, a autora segue as conexões que os seus interlocutores em campo fazem entre grandes narrativas sobre os UFOs e diversas teorias conspiratórias, aos aspectos ditos “banais” da vida. Não tão banais, comenta a autora, desde o ponto de vista dos sujeitos que narram sensações de deslocamento e desempoderamento em relação ao que chama de “powers-that-be” (Lepselter, 2007). Não tão banais porque as pistas sobre o acobertamento²⁰, que alimentam a intuição de que algo lhes escapa, vivem nos detalhes. “Detalhes” que a autora nos conta em um texto absolutamente poético e que se matizam na impossibilidade de se conseguir uma carteira de motorista, na perda de parentes ou em uma doença inesperada.

O que torna este trabalho interessante, merece dizer, é que autora não reduz as experiências com UFOs ou os casos de abdução a epifenômenos destas circunstâncias. Os UFOs, na obra de Lepselter, não são “apenas” a linguagem através da qual estes sentimentos de deslocamento ganham expressão:

In the stories I tell later, the uncanny occurs not as an articulated response to oppression in any specific historical moment or against any specific group. Instead it speaks of the hair-raising feeling of a creeping hegemony, a forgotten trauma distilled into the air, the terrible conviction that something isn't right. (Lepselter, 2007:35)

Digo “apenas” porque, uma leitura cuidadosa de sua tese, mostra que se em alguns trechos a autora afirma que “I am not suggesting that UFO abduction is a symptom for a more

¹⁹Nos capítulos que seguem em mais de uma ocasião entro em diálogo com os trabalhos das autoras. Desta feita, entendi que para efeitos da introdução deveria fazer uma exposição mais econômica.

²⁰Dediquei um tópico completo no capítulo seis ao tema do acobertamento.

real trauma, like child sex abuse” (Lepselter,2007:56), em outros, termina fazendo o que, em algumas páginas antes, havia renunciado:

At UFO abductee meetings it's as if all the hurts of a life have collected into this one gigantic unbelievable trauma of alien abduction and become organized there, under its name: abduction, the biggest imaginable rip-off in the whole wide universe. (Lepselter,2007:110)

O trabalho de Jodi Dean, intitulado *Aliens in America: Conspiracy Cultures from outerspace to cyberspace* se insere mais fortemente no campo dos estudos culturais do que propriamente na antropologia. Segundo Dean a ufologia e os episódios de abdução que se tornaram populares nos Estados Unidos, são uma espécie de veículo para pensar a paranoia e a desconfiança.

*

Ao passar em revista a literatura supracitada, embora encontrasse muitos elementos com os quais, durante a escrita da tese terminei entrando em diálogo, eu ainda ressentia da leitura de um trabalho que fizesse o nexo entre a pesquisa em ufologia e a antropologia da ciência.²¹ Por certo, muitas das pesquisas citadas, obrigatoriamente, continham notas sobre o modo como o conhecimento em ufologia é construído. Entretanto, foi só no conjunto de artigos assinados por Pierre Lagrange (Lagrange,1988;1990:2005) e na tese de doutorado defendida por Anne Cross (Cross,2000) que encontrei a ocasião para desenvolver meu projeto de pesquisa. Lagrange, contornava completamente o problema da representação social e, atencioso ao evento mais clássico que a ufologia já conheceu – o episódio envolvendo Keneth Arnold, em 1947 – colocava-se a questão concernente ao problema de como se constrói um caso ufológico.²² Anne Cross, por seu turno, havia produzido um estudo etnograficamente informado acerca da

²¹Nesta época eu ainda não havia tomado contato com a dissertação de mestrado de Daniel Pícaro (Pícaro,2007), que também versa sobre o tema.

²²"Que se passe-t-il dans une affaire d'ovni, quelles sont les stratégies mises en place par leurs passionnés, et leurs détracteurs, pour construire, ou déconstruire la réalité de cet objet ? "(Lagrange,1990:3)

comunidade ufológica nos Estados Unidos dando especial ênfase às relações entre este domínio e a Ciência.²³ Como mostrarei no capítulo sete, embora Cross tivesse produzido uma pesquisa repleta de *insights* sobre a relação entre os ufólogos e aquilo que ela designa por *mainstream science*, seu trabalho assumia em alguns momentos que a ufologia e a Ciência eram “instituições” com fronteiras definidas, ademais, congelava uma imagem de Ciência que, embora não resultasse do desconhecimento da literatura nos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, parecia desconsiderá-la. Ainda assim, a partir de seu trabalho e dos textos de Pierre Lagrange, decidi-me por desenhar um projeto de pesquisa que, de fato, se baseasse no trabalho de campo junto aos ufólogos brasileiros e que não fosse, simplesmente, um estudo do modo como os ufólogos se organizam. Neste ponto a formação que tivera anos antes nos estudos de ciência, de certa forma, motivou um tipo de *detour* em relação às pesquisas que se desenvolviam com o objetivo de descrever a ufologia enquanto mitologia moderna, sinalizando para uma mudança destes aspectos para a própria prática dos ufólogos. Isto é, seguindo a pista de Lagrange, eu passei a me interessar pela questão relativa à forma como os ufólogos constroem a ufologia e, atento aos comentários de Cross, estimei que o tema da “evidência” da ufologia teria bom rendimento.

A partir destes dois trabalhos, portanto, consegui amarrar o interesse pela pesquisa relativa à ufologia ao domínio dos estudos da ciência e da tecnologia. O movimento mostrava-se não apenas possível, como aparentemente profícuo, considerando que o volume de pesquisas sobre as ditas paraciências no próprio campo da Antropologia da Ciência e da Tecnologia era, e estimo que ainda continue sendo, pequeno relativamente a outras áreas de concentração.²⁴

²³Neste momento eu já havia tomado contato com o texto de Ron Westrum, intitulado *Social Intelligence about anomalies* (Westrum, 1977) mas não lhe dispensei muita atenção.

²⁴No capítulo sete esboço alguns motivos que suspeito participarem nesta espécie de desinteresse pelo tema.

Sobre o que fiz com os extraterrestres quando com eles passei a ter maior intimidade

As observações que forneci nas linhas acima, feitas ao modo de um esboço de trajetória de pesquisa, almejam dar ao leitor os subsídios para compreender aquela que seria a atitude que eu adotaria em momentos futuros em relação às pesquisas sobre o tema da vida extraterrestre e, em particular, da ufologia. Devo notar que as alterações que a ela se impuseram, resultam, como é de se esperar, não só dos encontros no bojo da academia que nos anos passados se fizeram, mas também do aumento da intensidade do contato com os ufólogos em campo.

Originalmente, escrevi uma proposta que, reconhecendo a impossibilidade – teórica, mas também pragmática – de definir o *campo* como o estudo da ufologia como um grupo²⁵, acatava a observação de Bruno Latour (Latour,2005) segundo a qual importava menos definir um grupo de antemão, do que estar atento “aos seus processos de formação”. (Latour,2005)²⁶ Desta feita, o projeto se definia como uma tentativa de seguir na *prática* os esforços rotineiros de investigação sobre o “fenômeno UFO”. Definia assim o *campo* menos como um espaço localizado a partir do qual eu trabalharia, mas, sobretudo, pelos encontros com os ufólogos que se dariam durante o seu próprio trabalho de campo. Naquele momento, o nexos que eu havia encontrado entre a pesquisa que faria e a antropologia da ciência não era outro senão a tentativa de descrever como um grupo de paracientistas constrói pragmaticamente as suas evidências e provas, movimento que eu percebia como homólogo ao trabalho que o domínio dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia vinha realizando com cientistas desde a década de 70. Havia, entretanto, uma

²⁵ Abordo este ponto com maior profundidade no tópico seguinte. Ademais, em vários momentos da tese elaboro a questão de modo mais detido.

²⁶“To sum up, whereas for sociologists the first problem seems to settle on one privileged grouping, our most common experience, if we are faithful to it, tells us that there are lots of contradictory group formations, group enrollment—activity to which social scientists are obviously crucial contributors. The choice is thus clear: either we follow social theorists and begin our travel by setting up at the start which kind of group and level of analysis we will focus on, or we follow the actors’ own ways and begin our travels by the traces left behind by their activity of forming and dismantling groups.” (Latour, 2005:29)

diferença: os coletivos com os quais eu me envolveria, embora falassem da Ciência em diversas ocasiões, nem sempre se definiam, ou ainda, eram tomados como científicos.

Posteriormente, submeti o projeto original a uma reformulação, pois desde o início de 2011 eu já vinha trabalhando junto aos ufólogos²⁷ e durante a pesquisa encontrei na expressão “É real?” um tipo de imagem a partir da qual organizaria o meu trabalho. Naquele momento eu me interessava fortemente pelo tema das experiências extraordinárias na antropologia – fossem elas experimentadas pelo pesquisador ou pelos seus interlocutores em campo – e, seguindo a pista de Susan Lepselter, reconheci nesta expressão a pergunta que inaugurava as condições de possibilidade do saber ufológico. Logo, na medida em que os ufólogos se colocavam diante um evento ufológico – fosse ele uma abdução ou um avistamento – terminavam colocando para si a referida pergunta “É real?”. Esta terminava agindo como um dispositivo, na medida em que comportava uma *injunção à explicação*. Ora, diante deste argumento entendi que a minha tarefa na tese deveria se desenvolver de tal modo que eu contornasse o problema da realidade dos discos voadores e seguisse as “explicações” que resultavam deste questionamento primeiro. Para tanto, eu me apoiava na discussão que Eduardo Viveiros de Castro fizera no artigo *O Nativo Relativo* (2002), no qual importava menos saber se eram os pecaris humanos, mas, de acordo com o autor, “[e]m que agenciamentos ela pode entrar? Quais são as suas consequências?”²⁸ (Viveiros de Castro, 2002:136) Também foi fundamental para que eu me engajasse com o trabalho a partir desta matriz, a observação que Debora Battaglia fazia na introdução do livro *E.T Culture: Anthropology in outerspaces* (Battaglia, 2005), segundo a qual as pesquisas referentes ao tema da vida extraterrestres colocar-se-iam em melhor posição se seguissem o que a autora chama de “E.T effect” (Battaglia, 2005). A atenção ao “E.T effect” sugere uma mudança

²⁷No tópico seguinte dedico-me a descrever as situações de campo a partir das quais esta tese foi escrita.

²⁸Na conclusão retomo este texto para discutir o tema da crença.

de posição das representações sociais sobre a vida fora da Terra para aquilo que os extraterrestres provocam ou ensejam.

Convém aqui resumir a mudança de posição que esta reformulação do desenho primeiro da pesquisa implicava: se antes o mote do trabalho, na esteira da discussão de Pierre Lagrange, era a tentativa de discutir de que forma as noções de prova e evidência são construídas na ufologia, neste novo momento o problema assumia outros contornos, na medida em que se definia pela tentativa de pensar de que modo a pergunta “É real?” permitia aos ufólogos construir a sua disciplina.²⁹

Esta segunda solução me parecia bastante conveniente. Com ela era possível passar ao largo da questão da crença, que de modo implícito ocupava grande parte das abordagens sobre o tema extraterrestre e, de modo correlato, livrava-me de escrever mais uma tese sobre as “representações sociais dos ufólogos”. A questão que eu perseguia, embora parecesse promissora, deixava entrever duas dificuldades. Na forma como estava formulada, a tese se esquivaria de fornecer “explicações sobre o fenômeno extraterrestre”, fossem elas de qualquer natureza. Mas, por outro lado, se há algo que se configura como um traço absolutamente central na ufologia é exatamente o trabalho rotineiro de oferecer as referidas explicações. Estimo que esta tenha sido a dificuldade central daquela última formulação da pesquisa que, não fosse pelas observações de Marcela Coelho, Jayme Aranha e Guilherme Sá teria passado sem percebê-la. Estas apontavam para uma disjunção entre o argumento que me conectava à ufologia e, em

²⁹Ao qualificar a ufologia valho-me de forma intercambiável dos termos disciplina, domínio do saber e campo do saber. As expressões, sem nenhuma dúvida, dispõem de significados totalmente diferentes e sei que o seu uso alternado evidentemente causa confusões. Peço ao leitor(a), entretanto, que os leia sem neles imputar a carga conceitual que carregam, seja porque aparecem nos trabalhos de Michael Foucault ou Pierre Bourdieu. Estas ocorrências diversas de qualificativos não correspondem, desta forma, à abordagem que desenvolvo ao longo de minha pesquisa. De modo totalmente diverso daquilo que os termos compreendem, talvez a expressão que melhor qualifique a ufologia, nos termos que esta tese com ela se relaciona, seja uma "disposição de relações". O termo acompanha a expressão "assemblage of relations", empregada por Axel Morten Pedersen no artigo "Islands of Nature: insular objects and frozen spirits at Mongolia" (Pedersen,2013)

última análise, a própria descrição do trabalho dos ufólogos. Em uma palavra, a recusa em responder à questão de saber *o que os UFOs são* entrava em atrito com o desejo dos meus interlocutores de descobrir, em definitivo, não só a natureza das naves, mas também as formas e intenções dos ufonautas. Ao limitar o objetivo do trabalho a uma antropologia da ufologia, eu terminava ignorando que aquilo que interessava aos ufólogos, em certa medida, era uma exoantropologia.³⁰ Remoí esta questão por um longo tempo e a cada novo encontro com os ufólogos, fosse nos congressos ou nas entrevistas, tornava-me mais ciente de que precisaria alterar o “enquadramento” que daria ao trabalho. Havia ainda um segundo aspecto que tornou-se visível com o passar dos meses. Ao concentrar a discussão em torno da injunção à explicação contida na pergunta “é real?”, eu me mantinha nos confins do problema relativo à forma como se produz conhecimento na ufologia. E ainda que os termos fossem modificados, no fim das contas sobraria uma tese que em pouco se separaria dos trabalhos que, nas linhas anteriores, pontuei operarem um processo de redução.

Apenas quando já tinha em mãos grande parte do material etnográfico consegui dar uma solução mais ou menos satisfatória às duas dificuldades que o problema da tese, como vinha sendo formulado, comportava. De fato, procedi uma completa inversão daquela abordagem.³¹ Ao contrário de me perguntar, como fizera antes, *sobre como os ufólogos constroem os discos voadores*, sobre como definem o que conta como uma evidência, estimei que a questão, de

³⁰Este ponto tornou-se particularmente visível durante a partilha da escrita de um artigo com o ufólogo Alberto Francisco do Carmo. Na ocasião eu havia modificado o documento e incluído o subtítulo: “Protótipos de uma exoantropologia”. Alguns dias depois recebi de Alberto a cópia do trabalho e nela encontrei algumas alterações. Uma delas dizia respeito exatamente ao subtítulo proposto: ele havia aberto uma nota de rodapé com os seguintes comentários: “Tudo o que estudamos e sabemos é baseado no *“homo sapiens”*, cujas variedades tem o mesmo genoma. Mas alienígenas, embora morfologicamente similares, podem ter capacidades diferenciadas em relação a nós.[...] Isto pede que tenhamos, futuramente, noções de que tenham uma psiquê um tanto diversa da nossa, à qual não podem ser extrapoladas características da psiquê humana *“in totum”*. Daí, no caso, uma exoantropologia pode ser pensada como o estudo destas diferenças, que não são apenas biológicas, mas também psicológicas e sociais”. (Violência extraterrestre e violência científica: protótipos de uma exoantropologia – *Mimeo*)

³¹Em parte esta mudança de curso da pesquisa tem que ver com a análise do material etnográfico que fiz sob a orientação da Professora Debora Battaglia durante o período do doutorado sanduíche.

maneira alternativa, gravitava em torno do problema de saber *como os UFOs criam as socialidades*³² *ufológicas*.

Decerto que para seguir o curso deste argumento era necessário não só uma outra linguagem para descrever os coletivos de extraterrestres e humanos que conformam a ufologia, como se impunha um deslocamento que tirasse o foco de certa “epistemologia ufológica” (Pícaro, 2007) – ainda que orientada para as definições pragmáticas dos agentes ali envolvidos – para o que decidi chamar de *ontologias alienígenas*. Os UFOs e os extraterrestres não restariam apenas como objetos sobre os quais sobreviriam elaborações dos meus interlocutores mas, neste enquadramento alternativo, tomariam parte de uma *assemblage* (Latour, 2005), onde figurariam não como objetos passivos, mas como o gatilho para a própria concepção da ufologia.

As inspirações para este *detour*, que me levou da questão concernente ao problema de “como os ufólogos constroem o conhecimento”, para a descrição das *ontologias alienígenas*, provém dos trabalhos de Bruno Latour, Michel Serres, Eduardo Viveiros de Castro, Martin Holbraad e, de modo muito substancial, no apontamento de Debora Battaglia, segundo quem os Raelianos tornavam-se visíveis “[...]as a legitimate knowledge community” (Battaglia,2005:163) na relação com os agrolifos que, nos seus termos, “makes visible claims to an invisible truth that is “out there”, always partially hidden” (Battaglia, 2005:163). Combinei este argumento, que estimo como fundamental para que eu pudesse organizar o material etnográfico, com alguns

³²Ao usar a noção de socialidade, acompanho o emprego que Marilyn Strathern faz da expressão. No artigo intitulado "The concept of society is theoretically obsolete - (For the motion 1) (Strathern,1996), Strathern nos lembra que o conceito de socialidade constitui uma alternativa à noção de sociedade. O primeiro compreende a perspectiva segundo a qual "[s]ocial relations are intrinsic to human existence, no extrinsic." (Strathern,1996:55) Tim Ingold, ao comentar o referido artigo, observa que: "Their plea is for an alternative conceptual vocabulary, anchored on the concept of "sociality", that would enable us to express the way in which particular persons both come into being through relationships and forge them anew, without relegating both personhood and relationship to a domain of reified abstraction - epitomized by the concept of society - which, in a certain strand of contemporary political rhetoric, is but a prelude to their dismissal as illusory." (Ingold, 1996:47)

elementos de teoria etnográfica de tal modo a reformulá-la para os meus propósitos³³. Se os UFOs eram os responsáveis pela criação das socialidades ufológicas, só o eram porque restavam “parcialmente visíveis” – uma pequena modificação em relação à noção de *partially hidden*. E esta qualidade, que os tornava furtivos, raramente nítidos nas fotos, difíceis de serem captados pelas medidas humanas, instava os ufólogos a formarem, em relação a eles, domínios de proximidade.³⁴ No decorrer desta tese, mostrarei como este processo se faz, na medida em que articularei a questão da impossibilidade de ver completamente com o tema do segredo. Os UFOs, passei a concluir a partir do encontro com os meus interlocutores, são *máquinas de fazer segredo*. Em última análise, se são eles o motivo para a criação das sociabilidades ufológicas, só o fazem na medida em que circulam encriptados, gerando documentos, pareceres, relatos e fotos, que partilham desta mesma propriedade.

Diante disso as obras de Michel Serres e Annemarie Mol tiveram para mim grande valor. A partir do ensaio de Serres sobre o tema dos parasitas fui capaz de pensar a noção de *grupo ufológico* menos como o resultado da partilha de disposições, características ou os ditos valores. Não foi sem a sua ajuda que consegui delinear que aquele coletivo se definia antes pela circulação dos UFOs pelos seus canais do que propriamente sobre uma “construção social sobre o tema extraterrestre”. Neste ponto, socorreu-me a noção de *coreografia*, aportada por Mol. Foi lendo-a que fui capaz de me proteger da ideia de que os UFOs eram objetos em relação aos quais se acumulavam representações, a partir de sua indicação de que os objetos se modificavam na

³³Mais uma vez as contribuições Debora Battaglia foram centrais neste ponto. Lembro-me com muita clareza que, ao discutirmos o material que será apresentado no capítulo cinco, contava-lhe que os habitantes da Ilha de Colares que aí viviam quando as luzes Chupa-Chupa começaram a aparecer, raramente viam os objetos emissores dos raios que os atingiam. Debora então comentou que aquilo que podiam ver não era outra coisa senão “the shell of technology”.

³⁴Como se verá no capítulo três, a noção de “proximidade” provém da economia conceitual do autor de um relatório sobre um óvni avistado nas imediações do presidio da Papuda, no Distrito Federal. Devo a sua formulação a Wilson Geraldo de Oliveira. No capítulo 7, recupero a ideia de “proximidade” por via diversa, a partir da obra de Martin Heidegger.

medida em que circulavam por diferentes “*bundles of practices*” (Mol, 2002). Apesar deste trabalho ser aqui uma referência importantíssima, as falas dos meus interlocutores apontavam para o fato de que os UFOs, ainda que se articulassem em relação aos ufólogos, podiam ter uma existência fora destas mesmas relações. Na maioria dos relatos os óvnis e os seres que os ocupam, não só podem aparecer como anteriores aos humanos, como podem figurar como os seus criadores.

De certo modo, o material etnográfico me dirigia a perceber que as ontologias alienígenas se concebiam na medida em que os UFOs não podiam ser completamente integrados aos coletivos ufológicos. Em última análise, a sobrevivência dos últimos dependia exatamente do seu caráter furtivo, da recusa em deixarem-se ser capturados com nitidez nas imagens, nas mensagens interrompidas aos abduzidos, nos segredos contidos nas imagens nas plantações. Ainda assim, conservam algumas modalidades de ação, reconhecíveis pela sua capacidade de produzir segredos, aos quais, atribuo o *status* daquilo que, paradoxalmente, busca-se revelar mas, neste mesmo movimento, termina-se alimentando os seus aparelhos secretores.

Foi através do trabalho de Roy Wagner, em particular no artigo *Our very Own Cargo Cult* (Wagner, 2000) que encontrei a formulação segundo a qual aquilo que caracteriza o tema dos UFOs era a questão de saber “quem está “desinformando” quem? (Wagner,2000:363)³⁵. Este apontamento coincidia com o material etnográfico sobre o qual eu trabalhava. Mais tarde entendi que, de certa forma, ele poderia ser acoplado à observação de Martin Holbraad de acordo com a qual uma antropologia que, de fato, fosse capaz de promover a emancipação dos objetos, deveria ser capaz de pensar como os objetos produzem os seus próprios contextos (Holbraad, 2011). O nexos entre estes dois elementos não podia então ser outro além da ideia de que os UFOs

³⁵ Alternativamente, “It is, or was, or will be only a trick, but who could tell who was tricking whom?” (Wagner,2000:362)

produzem os seus próprios contextos na medida em que se recusam a permitir que se veja, completamente, como o fazem.

Dito de outro modo, a maneira preferencial de operação dos UFOs consiste na produção de rastros. Os ufólogos, por sua vez, constituem-se na medida em que se inclinam a conhecê-los. Mas, ironicamente, para que possam continuar a fazê-lo, os referidos rastros não podem senão levar a outros semelhantes. Esta tese de doutorado, em alguma medida, consiste na descrição deste movimento.

Trabalho de campo

Em um primeiro momento havia planejado realizar a pesquisa de campo nos locais onde os ufólogos realizavam observações de campo. Entretanto, à medida que me familiarizei com eles percebi que não poderia fazê-lo, uma vez que os deslocamentos com fins de pesquisa haviam diminuído desde os anos 70. O planejamento, contudo, se baseara nas descrições das vigílias ufológicas, nas entrevistas com abduzidos, nas idas aos locais onde incidentes envolvendo potenciais extraterrestres ocorriam. Todas estas atividades estavam previstas nos anuários ufológicos e apareciam nas narrações de casos tomados como paradigmáticos. Do mesmo modo, uma pesquisa exploratória conduzida em 2010, havia sinalizado para a possibilidade de acompanhar os ufólogos enquanto estes realizavam as suas próprias pesquisas. Tratar-se-ia então de uma etnografia sobre a produção do conhecimento ufológico, que fosse capaz de pensar os modos como construía a evidência da presença extraterrestre na Terra, assim como dos meios os quais se valiam para aceitar ou descartar um caso.

Entretanto, o cenário que encontrei em 2011 era totalmente outro. As pesquisas de campo, quando ocorriam, consistiam em rápidos deslocamentos às localidades situadas nas imediações das cidades onde os grupos se situavam, e a ausência de planejamento – em

concordância com a urgência da investigação – na maioria das vezes tornou impossível que eu me deslocasse rapidamente para o local dos relatos. O caso do agrolifos consiste no exemplo mais claro deste ponto: as inscrições extraterrestres nas plantações, que têm ocorrido na cidade de Ipuacu (SC), embora não disponham de uma data precisa para acontecer, permitem que se estime os meses do ano nas quais são mais incidentes. Entretanto, uma vez que os ufólogos recebem a notícia sobre a sua presença, se deslocam para lá muito rapidamente, atendendo à necessidade de chegar ao local antes que os proprietários do terreno ou os curiosos que sobrevêm para ver as figuras destruam os círculos. A velocidade como tudo acontece somada ao fato de que estes, quando acontecem, só o fazem uma vez por ano, impedia que eu estivesse ali no exato momento em que os ufólogos conduziram a pesquisa.

A propósito deste último ponto, vale ainda notar, que mesmo os ufólogos engajados cotidianamente na pesquisa podem não ter acesso ao local da ocorrência assim que tomam conhecimento de um evento. Em muitos casos, como mostrarei no capítulo sete, a pesquisa só ocorre meses ou anos depois e precisa se valer de “testemunhas”, para as quais os ufólogos criaram um elaborado esquema com o propósito de filtrar as suas falas.

Impossibilitado de acompanhar as incursões ao campo em primeira mão, porque o seu número decrescia e porque as suas modalidades haviam passado por uma modificação, logo no primeiro ano da pesquisa atentei-me para o fato de que se quisesse realizar uma etnografia da ufologia deveria estar presente nos eventos nos quais os pesquisadores se reúnem. Estimei que as restrições no acompanhamento poderiam ser remediadas pela participação nos congressos ufológicos, eventos que se tornam cada vez mais frequentes e populares no Brasil, assim como atendendo às reuniões de grupos ufológicos. Ainda no primeiro ano da pesquisa entrevi que as listas de mensagens na internet, que figuravam como grupos de compartilhamento de notícias e

discussão de temas caros a eles, também era um espaço possível a partir do qual eu poderia conduzir o meu trabalho. Ademais, uma sondagem inicial mostrou que os ufólogos estavam dispostos a me conceder entrevistas, nas quais dissertavam livremente sobre temas de seus interesses. Havia ainda a Revista UFO, a maior e mais longeva publicação relativa ao tema em circulação no país, que não apenas concentrava esforços no sentido de alimentar continuamente a ufologia, como era um dispositivo que fazia com que esta circulasse ao redor de si.

Pude perceber que adentrando a esses espaços que, via de regra, são os mesmos que os ufólogos frequentam, eu seria capaz de conduzir a minha etnografia de modo satisfatório. Fazendo assim, eu terminava encontrando um meio de escrever sobre um domínio que, embora não se pudesse localizar os limites – fossem eles geográficos ou de outra natureza – terminou não me desencorajando perante a empreitada que eu me propunha.

Algumas dificuldades foram localizadas em função da ausência de um espaço localizado para onde eu pudesse viajar e permanecer por um período mínimo de um ano, da ausência da equivalência entre este mesmo espaço e um conjunto de práticas comuns reconhecíveis, e do impedimento do contato rotineiro e cotidiano com os ufólogos, salvo nas ocasiões em que nos encontrávamos por ocasião dos congressos e nas interações na lista de discussão. Os mesmos sentimentos se agravavam na medida em que, com frequência, eu era arguido sobre “qual era o meu campo”. A resposta, como se prevê, dirigia-se no sentido das explicações sobre a forma como os coletivos ufológicos se configuram, sobre os encontros que, até então haviam ocorrido, sobre os temas frequentes e sobre as modalidades de interação com as luzes. Entretanto, após discorrer sobre tudo isso, não raro o meu interlocutor repetia a pergunta: “qual é o seu campo?”. Ficava com o desconforto do silêncio. Mas isso não ocorria porque eu não estava empenhado cotidianamente na pesquisa, mas pelo desejo mascarado na pergunta de que eu pudesse apontar

um local no mapa, de que eu pudesse nomear um povo, de que eu fosse capaz de ancorar os ufólogos em algum lugar.

A cada pergunta feita, aumentava a angústia em relação ao meu trabalho. Entretanto, estimava que elas fossem o produto da diferença entre aquilo que se mantém sobre o que é concebido como “fazer campo” – que compreende um investimento corporal e um deslocamento para uma localidade distante do centro de pesquisa no qual se está matriculado – e o que foi possível fazer ao longo do trabalho. Encontrei algum amparo depois que tomei contato com etnografias que não apenas não podiam apontar o referido “lugar” – no sentido de um espaço limitado no qual se deambula por meses e que pode ser localizado no mapa – como se passavam em cenários virtuais onde as interações *away from keyboard*³⁶ eram desencorajadas. Refiro-me, por exemplo, aos trabalhos de Tom Boellstorff sobre o ambiente do “espaço virtual” Second Life (Boellstorff, 2008) e à recente etnografia de Gabriella Coleman, intitulada *Hacker, Hoaxer, Whistleblower, Spy* (Coleman, 2014), que se dedicou ao estudo do grupo de hackerativistas "Anonymous". Gabriela Coleman nem sempre conhecia - ou podia conhecer - as identidades de seus interlocutores, uma vez que parte da pesquisa se dava em fóruns nos quais os participantes preservavam os seus nomes pessoais. Ademais, a posse de informações pessoais dos seus interlocutores, podia colocá-los em situações embaraçosas com a justiça, considerando que parte de suas atividades eram consideradas ilegais na maior parte dos países onde o grupo Anonymous estava presente.

As inspirações, como se pode esperar, não partiram apenas das etnografias que se

³⁶A expressão, empregada no documentário *The Pirate Bay – Away From Keyboard* (2013) , dirigido por Simon Klose, visa evitar a reificação da distinção entre mundo virtual e “mundo real”, que não só povoou o léxico dos estudos sobre as redes digitais na década de 90, como continua a contaminá-lo. Para uma discussão sobre a noção de virtual ver o primeiro capítulo de *Coming Age in Second Life: An anthropologist explores the virtually human*. (Boellstorff,2008).

realizaram em cyberlocalidades, como as anteriormente citadas. Mesmo acerca destas, caso levássemos a noção de “lugar” às suas últimas consequências, seria possível dizer que todos compartilham o mesmo servidor, ou, de modo alternativo, que frequentam os mesmos fóruns. Ou ainda, que para terem acesso aos meios para realizarem invasões de sistemas ou de websites, precisavam dispor das mesmas ferramentas.

Entre os próprios autores e autoras sobre os coletivos que se faziam em relação aos extraterrestres, achei meios de encontrar passagens nas quais evocavam as mesmas dificuldades. Ou melhor, aqueles pesquisadores que já haviam feito um percurso similar ao que eu iniciara, apontavam para o fato de que não se podia esperar encontrar a associação entre um lugar e qualquer coisa como uma dita “cultura” entre os ufólogos. Estes não apontavam para o caráter, por vezes, ficcional desta operação de associação. De modo alternativo, sublinhavam que qualquer empreitada que se compromettesse com este modelo estava fadada a encontrar algo totalmente diverso. Debora Battaglia, na introdução do livro *E.T Cultures: Anthropology in outerspaces* (Battaglia,2005) apontara que:

It follows that any anthropological project that orients itself to local “models of and models for” the social actions of coherent cultures and bounded societies ... is unlikely to hold for the subjectivities we encounter here. (BATTAGLIA, 2005:3)

De modo correlato, Christopher Roth observa com precisão que o referido comprometimento com um local não se ajustava bem às tentativas de pesquisar a ufologia nos Estados Unidos:

Ufological communities such as American ufology, which I focus on here, are not bounded communities that can be delimited demographically or geographically in a manner that permits their analysis to be coextensive with traditionally defined ethnographic projects. (ROTH,2005:40)

Talvez, para encaminhar esta questão, fosse necessário operar com um modelo de etnografia que não só contornasse as impossibilidades apresentadas pelos autores nas linhas

acima, como estivesse atenta aos próprios movimentos que os ufólogos fazem quando têm de lidar com esta questão. Acerca do primeiro ponto, a noção de situações de campo, se ajustava com bastante harmonia ao trabalho que eu vinha desenvolvendo. Isto é, na medida em que ela não depende de um investimento intensivo em um único local, mas dá conta da pluralidade de pequenos encontros, tal noção se acomodava ao que vinha produzindo.

No que concerne ao segundo ponto, qual seja, aos meios que os ufólogos criaram para lidar com a sua dispersão, no capítulo dois chamo atenção para o emprego da noção de “comunidade ufológica”. De minha parte estimo que tal expressão tem menos que ver com o fato dos ufólogos se perceberem como uma comunidade, entendida aqui como um espaço homogêneo criado pela partilha, mas com o fato de que, em última análise, um ufólogo é aquele que, de algum modo, fora capturado pelas referidas ontologias alienígenas.

Ao longo do capítulo quatro, ao seguir os apontamentos de Bruno Latour e Michel Serres, observo que esta mesma comunidade é menos um produto pronto, à espera da descrição do antropólogo, mas resulta, como alternativa, das *linhas de propagação* disparadas pela impossibilidade de ver completamente os extraterrestres.

Se os comentários de Debora Battaglia e Cristiother Roth me asseguravam que o cenário que eu encontrara não era diferente daquele com o qual detivera a noção de etnografia multi-situada, pensada por George Marcus, esta serviu de suporte para que eu pudesse lidar com o novo planejamento que a pesquisa pediria. Segundo Marcus,

Muti-sited research is designed around chains, paths, threads, conjunctions or juxtapositions of locations in which the ethnographer establishes some form of literal, physical presence, with an explicit, posited logic of association or connection among sites that in fact defines the argument of the ethnography.”
(Marcus,1995:105)

Seu trabalho, que se configura como um amálgama de contribuições de etnografias diversas, estipula que a noção de *multi-sited* não implica necessariamente que haja uma

equivalência de intensidades nas experiências que conformariam a etnografia. Isto me conferia certa liberdade e, ao mesmo tempo, me autorizava a transitar por diferentes caminhos no interior da ufologia e conseqüentemente, me liberava para participar de reuniões e fazer entrevistas com pessoas que dificilmente se sentariam à mesma mesa.

*

Comecei a realizar minha pesquisa de campo no ano de 2011. Neste período participei de congressos ufológicos, tomei contato com o material escrito publicado pelos pesquisadores e travei contato com outros. Em janeiro de 2012 viajei a Varginha, com vistas a entrevistar um dos principais investigadores do caso que leva o nome da cidade. Ubirajara Franco Rodrigues recebeu-me em seu escritório, cedeu-me uma entrevista, compartilhou materiais comigo e me deu um primeiro senso das cisões internas na ufologia.

Em fevereiro de 2012, viajei para a Ilha de Colares, localizada na região nordeste do Pará. Naquele período eu iniciara um estudo sobre um caso ufológico, o qual visava discutir as diferentes formas como ufólogos, ribeirinhos e militares se engajaram num evento de grandes magnitudes, que envolvia o ataque de luzes extraterrestres aos moradores da Ilha. A minha estada em Colares, em parte possibilitada pela Secretária de Cultura do município e pela recepção de Hilberto Freitas, ufólogo local, permitiu que eu entrevistasse aquelas pessoas que, na década de 70, descreviam os ataques das luzes chupa-chupa. Durante o período em Colares pude entrevistar Dona Benevenuta, Seu Bacaba, Dona Maria, Hilberto Freitas, Juraci, Seu Diquinho, Maria Benedita, Moacir Santos, Prof. Terezinha, Dona Maria Nazaré, Sr. Fernando, Teresa Miranda, Tio Chico, Tia Alda e Neuton, um dos principais personagens daqueles eventos.

A pesquisa junto aos moradores da Ilha de Colares foi complementada pelo estudo dos documentos resultantes de uma operação da aeronáutica que teve lugar no nordeste do Pará e em

partes do Maranhão a partir de 1976 – hoje disponíveis no Arquivo Nacional em Brasília e, posteriormente, disponibilizadas pelo setor de documentos do site da Revista UFO – e com entrevistas realizadas posteriormente com ufólogos que se interessavam pelo caso.

Ainda em 2012, depois de algumas tentativas de fazer contato com um grupo ufológico sediado em Brasília, passei a participar de algumas de suas reuniões. Como observarei no capítulo três um contato mais intensivo com o grupo não pode ocorrer em virtude do fato de que o momento em que eu iniciava o trabalho junto ao grupo coincidia com a morte recente de seu presidente. Portanto, quando eu encontrei a EBE-ET, o grupo se encontrava em fase de reestruturação e passava pela escolha de nova diretoria. Ademais, no período em que eu iniciei o acompanhamento, as reuniões se tornaram esporádicas. Apesar disso, no ano de 2013 tive a oportunidade de entrevistar alguns dos membros do grupo e, anteriormente, participei da organização de um congresso promovido pela EBE-ET e pela Revista UFO. Ainda em 2012, viajei a Peruíbe-SP com vistas a tomar parte de novo congresso ufológico.

Vale notar que no ano de 2012 travei contato com dois importantes pesquisadores da ufologia brasileira. Fernando Ramalho, geógrafo e ufólogo, recebeu-me em sua casa onde detalhou não só o processo que o levou a se interessar pelo tema extraterrestre, como me instruiu nos últimos movimentos que marcaram o ativismo ufológico pela liberação de documentos classificados pelos militares. E, através dele, conheci Alberto Francisco do Carmo, um dos pioneiros da ufologia brasileira e um dos principais pesquisadores mineiros. Alberto fora convidado por Fernando para participar de uma reunião da EBE-ET, que sob nova diretoria, instituíra a presença de convidados externos a cada encontro. Depois daquela reunião estabeleci contato com o ex-integrante do CICOANI, contato este que dura até hoje. Alberto não só me recebeu em sua casa, me instruiu nos assuntos da ufologia e na história dos primeiros grupos

dedicados ao “fenômeno UFO”, como me apresentou uma teoria original sobre a questão das abduções alienígenas – que ele prefere chamar de sequestros.

No início de 2013, como observei, ocupei-me das entrevistas com alguns dos ufólogos residentes em Brasília. Nesta etapa fui beneficiado pelos valiosos comentários de Fábio Jed – presidente da EBE-ET – e Dalila, em uma longa entrevista que teve lugar na sede da Ordem Rosacruz. Fábio e Dalila não só me instruíram sobre a história do grupo do qual participavam e das vigílias realizadas décadas antes pelo General Uchôa em Alexânia, como discutiram sobre as diferenças entre a ufologia científica, mística e holística. Também me ajudaram a compreender o lugar da noção de “conspiração” no bojo da ufologia, na medida em que comentaram sobre as dinâmicas de acobertamento. Ainda em Brasília, Max Diniz Carneiro e Marcelo, também contribuíram com valiosos comentários sobre as relações entre a ufologia e a ciência e sobre outros debates que restam internos àqueles que se dedicam à pesquisa sobre a vida extraterrestre.

Naquela época, viajei a São Paulo para participar do congresso IV UFO-PAX. Uma vez que o evento seria realizado na sede de uma Fraternidade Espírita, a ideia inicial era me familiarizar com os pesquisadores que se identificavam como ufólogos holísticos. Como descrevo no capítulo sete, o evento me deu a oportunidade de renovar o contato com Fábio Gomes e Paulo Aníbal, ufólogos que eu já conhecia de eventos anteriores. Aproveitei a viagem para realizar entrevistas com eles. Fábio Gomes, com enorme gentileza, me ajudou a compreender os dilemas da relação entre a ufologia e as ciências acadêmicas. Paulo Aníbal, por seu turno e com igual polidez, discorreu sobre o caso Queimados, que à época gerava uma aberta controvérsia e me ensinou sobre as diferentes modalidades da pesquisa de campo em ufologia. Em São Paulo fui também recebido pela ufóloga Mônica Medeiros, na Casa do Consolador, uma

espécie de centro ecumênico no qual ocorrem também canalizações de entidades extraterrestres. Naquele dia não pude acompanhar qualquer atividade que envolvesse a Shellyana, uma extraterrestre que segundo contou-me Mônica Medeiros, provém das Plêiades. Entretanto, pude entrevistá-la não apenas sobre este tópico, mas também sobre as suas perspectivas relativas ao tema da abdução alienígena. Mônica é especialista no tema, tendo ministrado em Florianópolis, durante o I Fórum Mundial de Contatados, um *workshop* dedicado inteiramente ao assunto.

De São Paulo viajei para Curitiba, com o objetivo de me encontrar com Ademar Gevaerd e Toni Inajar. Ademar Gevaerd, como se notará em diversas passagens desta tese, é a figura mais importante da ufologia brasileira nos últimos anos, uma vez que acumula o posto de editor da Revista UFO, da qual é fundador e, ao mesmo tempo, é o principal responsável pela organização de congressos ufológicos no Brasil. Gevaerd também administra a lista de e-mails que reúne milhares de ufólogos e interessados no assunto. Trata-se, portanto, de uma figura “incontornável”. A possibilidade de conversar por mais tempo com Gevaerd me conferiu um senso da dinâmica da Revista UFO, do seu processo de formação desde a publicação do primeiro volume, dos dilemas envolvendo a existência de diferentes ênfases no meio ufológico e, sobretudo, me proveu com algumas informações interessantes das quais me vali para a discussão do caso ocorrido em Colares (PA). Devo a Gevaerd a recomendação de alguns ufólogos importantes do Rio Grande do Sul, com os quais me encontrei na semana seguinte.

Ainda em Curitiba, Toni Inajar Kurowski me recebeu durante o seu plantão no Instituto de Criminalística do Paraná, onde reforcei o meu aprendizado sobre o processo de análise de imagens de óvnis levado a cabo pelos ufólogos. Antes deste encontro, eu já havia assistido as palestras ministradas por Toni e a nossa reunião e entrevista foi um valioso aporte para esta tese.

Digo isso não apenas pelo aprendizado que dali resultou, mas também pelo fato de Toni, que é perito criminal, ser o autor de um laudo que analiso no capítulo sete.

No mesmo ano de 2013, viajei a Porto Alegre onde tinha marcado entrevistas com Daniel Conrado e Ernesto Bono. O primeiro é membro do MGU – Movimento Gaúcho de Ufologia e em seu apartamento conversamos sobre as relações entre a ufologia praticada pelos membros da Equipe UFO e os novos movimentos religiosos que tomam por base a revelação extraterrestre. Também dialogamos sobre o acobertamento de informações ufológicas e discorremos sobre a relação entre a ufologia e a ciência. O último tópico foi o tema da entrevista que conduzi com Ernesto Bono, a quem alguns ufólogos se referiram como um “filósofo da ufologia”. De Porto Alegre viajei até Santa Cruz do Sul (RS), com vistas a entrevistar Rafael Amorim, conhecido pela seriedade com que conduz suas pesquisas de campo. Nos encontramos na sede do grupo ufológico do qual faz parte, o NEUS (Núcleo de Estudos Ufológicos de Santa Cruz do Sul) e o seu relato sobre o cotidiano do coletivo serviu como base para a comparação com a EBE-ET no capítulo três.

Em maio de 2013, tomei parte de um evento realizado na USP dedicado ao tema extraterrestre, no qual estavam presentes pesquisadores ufológicos e outros interessados pelo tema e que mantinham vínculos com a universidade embora não se denominassem ufólogos. Posteriormente, em um junho de 2013, viajei para Florianópolis, onde participei do I Fórum Mundial dos Contatos. No ano seguinte, participei da segunda edição do mesmo congresso, realizado em Curitiba.

Se o que descrevi até aqui representa o número de encontros e viagens que realizei ao longo da pesquisa, é preciso anotar que uma parcela não menos importante de meu trabalho teve lugar dentro do meu próprio escritório. Isto se deve ao fato de, no período em que passei a

acompanhar a ufologia, muitas das discussões menos abreviadas ocorriam nas redes virtuais. Em particular, na lista de e-mails da Revista UFO.

A referida lista consiste em um espaço de discussões no qual os participantes, depois de submeterem uma mensagem aos moderadores, passam a receber não só as atualizações sobre os últimos eventos e edições da Revista UFO, como podem dar início autonomamente a discussões. Em parte, o maior volume de mensagens resulta do compartilhamento de notícias ufológicas normalmente provenientes de sites de divulgação científica que, eventualmente, contém matérias do interesse dos ufólogos. De modo geral, recaem nesta categoria notícias relativas aos últimos movimentos da NASA, agência espacial americana, concernentes ao lançamento de naves ou relativas ao envio de imagens de sondas instaladas *off-world*.

Como observei, quando os debates são iniciados, eles podem se instalar a partir de uma mensagem com um tópico que gere interesse ou podem resultar de reverberações naquele espaço de ocorrências que emanam do contexto *away from keyboard*.

Desde 2012 faço parte deste grupo, que acompanhei com regularidade. Anotava os comentários, realizava *back-ups* das discussões e, eventualmente, postava dúvidas ou outras notícias. Um dos momentos de maior movimento na lista ocorreu justamente por ocasião da campanha de liberdade de informação ufológica, a qual descrevo em minúcias ao longo da tese, e que resultou não só em uma tentativa de reunir esforços para pressionar o Ministério da Defesa com vistas a desclassificar as informações requeridas, como na divulgação diária daqueles dados obtidos.

Acompanhei a lista até dezembro de 2014, e ao longo deste texto faço diversas referências a eventos que tiveram lugar neste espaço e a outros que por ele se prolongaram. Na lista pude acompanhar querelas sobre a organização dos congressos, acusações sobre o não

compartilhamento de documentos, notas sobre os desdobramentos dos congressos e discussões sobre artigos – normalmente produzidos por céticos³⁷ – que causaram forte discussão entre os seus membros.

De modo geral a frequência na lista de discussões online foi importante não só para que eu pudesse acessar materiais aos quais dificilmente teria acesso, como para reconhecer as publicações que atraíam mais comentários. Usei este critério para identificar as pessoas que atraíam maior atenção e para posteriormente tentar entrevistá-las. É digno de nota, no entanto, que nem todos os membros da lista são ufólogos. Os assinantes, em número, estão na casa dos milhares, contudo, como se pode esperar, apenas uma pequena fração desta soma efetivamente participa da lista com o envio de mensagens.

Vale ainda dizer que esta lista era apenas uma entre as outras mantidas pela Revista UFO. De certa maneira, aquela a qual me refiro consistia na lista de acesso público e diferia, portanto, de outras como a mantida pela Comissão Brasileira de Ufólogos e a lista restrita dos colaboradores da Revista UFO. O presente trabalho não toma a lista da Revista UFO como principal ponto de partida. Portanto, não produzo aqui uma etnografia das interações dos ufólogos no mundo virtual. Entretanto, é digno de nota que se não fosse pelo acompanhamento das postagens e discussões que aí ocorrem, muitos trechos desta tese não poderiam ser escritos.

Um segundo espaço a partir do qual este texto foi construído tomou como ponto de partida os artigos publicados na Revista UFO. A revista, que possui tiragem mensal e é publicada desde a década de 80, foi o meu primeiro local de acesso à ufologia. Acompanhei as suas publicações ao longo da pesquisa, mas ao discorrer sobre ela preferi, pelas razões que se descobrirá no capítulo que dedico à publicação, focar-me nos seus primeiros anos. Em relação

³⁷ Os ufólogos referem-se aos céticos como aqueles que "negam" o "fenômeno UFO" sem fundamentar os seus comentários em pesquisas. De acordo com os ufólogos, os céticos não só disferem ataques à ufologia de modo geral, como se empenham em questionar a validade dos casos nos quais se alega a participação de extraterrestres.

aos seus textos e matérias não os acessei desde a perspectiva da análise do discurso. De modo diferente, tratei-a como mais um dispositivo que, ao mesmo tempo em que constituía a ufologia, permitia que ela circulasse ao redor de si.

Uma terceira instância a partir da qual esta pesquisa se fez, consistiu no trabalho com documentos ufológicos produzidos por militares – portanto, resultantes de registros de eventos relacionados ao fenômeno UFO ou, relatórios sobre operações os quais consultei na sede do Arquivo Nacional, em Brasília - e também documentos mantidos pela Revista UFO. Em relação aos documentos devo observar que deles me vali especialmente para a escrita do capítulo cinco.

É preciso mencionar que para que eu pudesse trabalhar nesta pesquisa, todas estas instâncias participaram da minha própria formação de forma similar àquela que os ufólogos têm. Em última análise, se não existem cursos institucionalizados sobre ufologia ou como os ufólogos repetem ao modo de um bordão “Não existe diploma em nossa área”, para ser capaz de entrar em diálogo com os meus interlocutores foi necessário que eu estudasse aqueles casos paradigmáticos da disciplina, assim como aprendesse a modular seu discurso de certa maneira. Por conseguinte, o processo do trabalho de campo refletiu também em minha lenta formação nos temas que lhe são caros e, para que aquelas narrativas e casos também fizessem sentido para mim, foi preciso estabelecer uma proximidade com a literatura e com os termos correntemente usados. Gostaria observar que a maior dificuldade consistiu em apurar a capacidade de distinguir os relatos prezados pelos coletivos dos quais eu procurava me aproximar, daqueles aos quais eles se construíam em oposição, isto é, o que tomavam como boatos e afirmações sem crédito.

Organização dos capítulos

O capítulo 1 consiste na etnografia de um evento ufológico, a saber, o I Fórum Mundial de Contatados. Nele apresento os critérios de seleção de palestrantes, a mobilização dos ufólogos por meio das redes de internet e esboço uma análise dos modos através dos quais se estabelecem pragmaticamente os cortes internos à ufologia. Trata-se, portanto, de operar a confecção de um cenário de abertura da pesquisa, que dá meios ao leitor(a) de se situar diante das disposições de relações que se configurarão nos capítulos seguintes.

O capítulo 2 foi concebido como uma extensão direta do primeiro. Assim, inicio com um evento de disputa envolvendo dois grupos ufológicos distintos e posteriormente distingo as diferentes feições que congressos com orientações ditas “mística” e “científica” podem assumir. Entretanto, devo dizer que ao longo da tese não dispensei a mesma atenção aos ufólogos místicos e científicos, tendo-me concentrado particularmente sobre os últimos. Ao longo do capítulo apresento algumas palestras proferidas pelos ufólogos durante os congressos, nas quais temas como “as raças extraterrestres”, as abduções e o problema da evidência em ufologia são trabalhados.

O capítulo 3 consiste em um estudo de um grupo ufológico com sede em Brasília. Depois de fazer uma descrição dos seus encontros, das pessoas envolvidas e das questões que as ocupam, baseado em material etnográfico e em entrevistas forjo o principal argumento que será desenvolvido nos capítulos posteriores, aquele que estima que as socialidades ufológicas resultam da incapacidade de ver completamente o seu “objeto”. A sua *parcial visibilidade* - que só admite um acúmulo de proximidades - é aquilo que engendra os coletivos. Em última análise, sustento o argumento de que em ufologia é preciso *não ver*. Ou ainda, não ver completamente.

O capítulo 4 foi elaborado a partir da combinação do material resultante da entrevista com Ademar Gevaerd, o editor da mais renomada revista especializada no tema em publicação no Brasil – a Revista UFO - e da pesquisa nos arquivos dos dez primeiros anos da publicação. Na primeira parte do capítulo exponho que a perpetuação do coletivo que publica a Revista UFO se dá a partir do trabalho constante de seu editor em fazer a ufologia circular em torno de si. Ademais, discorro sobre como, ao fazê-lo, o editor torna-se capaz de agir como um *spokesman* da disciplina. Em seguida, baseando-me no trabalho de Michel Serres e Bruno Latour, apresento a noção de *linhas de propagação*. Defino-as a partir de quatro movimentos, que constam no trabalho como efeitos resultantes da “parcial visibilidade”. São eles: a multiplicação de aliados, as operações de redução, o trabalho de diferenciação e o aumento do fluxo de relatos.

O capítulo 5 constitui-se enquanto uma tentativa de fazer a apresentação de um caso ufológico, qual seja, a Operação Prato. Trata-se de um episódio de ataque de "focos de luz" vindos do céu aos moradores da Ilha de Colares, que está localizada no nordeste do Estado do Pará. A este evento, ocorrido no final da década de 1970, seguiu-se uma operação da aeronáutica e mais tarde o vazamento dos arquivos dela resultantes. O caso tem sido visitado há anos pelos ufólogos com os quais trabalhei, gerando elaborações sobre a natureza dos ataques, sobre a escolha do local, sobre o vazamento dos documentos e, em menor grau, especulações sobre a súbita morte do militar da força aérea reformado que vazara as informações. Neste capítulo, a partir de uma etnografia das falas dos moradores da Ilha que vivenciaram o evento, dos ufólogos envolvidos na pesquisa do caso e dos documentos produzidos por ocasião da presença dos militares na Ilha, mostro que um caso ufológico nunca termina, pois um gradiente de segredo deve permanecer por revelar para que as socialidades ufológicas se perpetuem.

O capítulo 6, por sua vez, desenvolve de modo diferente a mesma questão. Ao invés de me valer de um caso ufológico específico, parto das narrativas dos pesquisadores sobre o tema do acobertamento do “fenômeno UFO” promovido pelo Estado brasileiro e pelos militares. Depois de sumariar os seus argumentos volto à descrição de um caso de ativismo ufológico, que passou a ter lugar nas redes digitais a partir de 2004. Tratou-se da campanha “UFOs: Liberdade de Informação Já”. A respeito desta, sigo-a minuciosamente de modo a pensar o problema da “secreção do segredo”. Isto é, a cada vez que documentos eram liberados, mais pedidos eram feitos pelos ufólogos.

Depois de uma breve revisão sobre a literatura antropológica concernente ao tema do segredo, passo então a discussão do problema da desinformação – veiculação intencional de informações falsas e verdadeiras a fim de confundir um determinado alvo - , a partir do acompanhamento do trabalho de um ufólogo ao longo de mais de dois anos. Eu me refiro a Alberto Francisco do Carmo, um dos mais experientes pesquisadores do tema no Brasil, que sustenta que os extraterrestres usam técnicas de desinformação para confundirem contatados e acobertarem a sua presença na Terra. Finalizo o capítulo com uma discussão acerca da tese de Roy Wagner relativa à centralidade da noção de "desinformação" para compreender as dinâmicas do "fenômeno UFO".

O capítulo 7 trata das relações entre a ufologia e a ciência ou, mais precisamente, sobre o modo como os ufólogos articulam pragmaticamente suas relações com as disciplinas acadêmicas. Para discutir este tema, parto de uma revisão teórica do campo da Antropologia e da Sociologia da Ciência de tal forma a pensar o problema da recusa em estudar o domínio das ditas “paraciências”. Em seguida, a partir de uma revisão da literatura nas Ciências Sociais relativa à ufologia, mostro como grande parte desta esteve dependente de uma visão das ditas

“paraciências” que, de modo geral, não pôde tratá-las senão como uma Ciência em degeneração. Passo então em revista três conjuntos de afirmações dos ufólogos sobre as disciplinas científicas e discuto as “acusações de dogmatismo dos cientistas” e o argumento que equipara a ufologia a outros casos ignorados na história da ciência. Prossigo discutindo a maneira como os próprios ufólogos, nas entrevistas, descrevem a sua própria prática de pesquisa, o que abre caminho para introdução dos tópicos seguintes: a análise de um relatório de campo produzido a propósito da descoberta de sinais extraterrestres em uma plantação; o relato sobre as vigílias ufológicas; a descrição do modo como os ufólogos procedem com a análise de imagens de discos voadores; a descrição de um caso de contenda entre pesquisadores envolvendo a interpretação de uma imagem em uma câmera de segurança.

Concluo a tese abordando a questão da crença em torno dos objetos voadores não identificados. Desta forma, parti das considerações dos meus interlocutores, segundo os quais tal assunto não é matéria de “crença” mas, de outro modo, de pesquisa, investigação e estudo. A partir deste deslocamento do problema que os próprios ufólogos promovem, propus uma discussão com a literatura antropológica relativa à questão. Observo que o que caracteriza as elaborações acadêmicas relativas ao problema da crença, consiste na observação de que a “crença” figura antes como uma categoria acusatória, do que uma disposição psicológica. Salientando, portanto, que quando se vale desta categoria, se estabelece uma separação entre, por um lado, o domínio do “conhecimento” e, por outro, o da crença. Esta consideração me munuiu das ferramentas para expor aquilo que concebo como a tarefa que pretendi executar ao longo desta tese, isto é: tentei evitar totalmente a descrição de algo que evocasse as “representações dos ufólogos”, em favor da descrição das articulações pragmáticas da ciência e do segredo nos coletivos formados por humanos e extraterrestres. Em acordo com Debora Battaglia, não se

trata de buscar uma explicação da “construção social dos discos voadores” mas, ao contrário, de seguir o que a autora chama de *E.T Effect*, isto é, os deslocamentos, os movimentos, as mudanças de direção provocados pelos extraterrestres. De modo geral, a tese se debruça sobre o problema de saber como o "fenômeno UFO" é capaz de engendrar ontologias com contornos particulares.

Capítulo 1 – Observações sobre um evento em ufologia

*

No livro *Routes: Travel and translation in the late twentieth century* (Clifford,1997) *James Clifford* observa que um local é antes um itinerário, do que propriamente um *bounded site*³⁸. Ao se valer dessa noção, Clifford a um só tempo, aponta para os limites da “ortodoxia” etnográfica de extração malinowiskiana – que repousa sobre os pressupostos da associação entre o “lugar” e a “cultura”, da separação entre o caderno de campo e a tese etnográfica, assim como da distinção entre o “campo” e “o lugar de origem”(Gupta;Ferguson,1997) – e sugere alguns modos de contorná-la.

Entre eles, o autor lista a prevalência dos percursos em relação a um local definido, ao trabalho de pesquisa que se beneficia dos movimentos e que se define menos pelo pressuposto da associação entre “lugar” e “cultura” e mais por uma empreitada que não apaga da narrativa os deslocamentos e as incertezas associadas à feitura da pesquisa.

Fieldwork thus takes place in worldly, contingent relations of travel, not in controlled sites of research. Saying this does not simply dissolve the boundary contemporary fieldwork and travel work. (Clifford, 1997:68)

Segundo Clifford (Clifford,1997), um traço absolutamente central nas etnografias tomadas de um estilo experimental, portanto, os trabalhos que conferem primazia às rotas, é que neles não apenas o diário de campo “pinga” sobre o texto etnográfico, assim como este não se constrói segundo a forma de uma “análise”, mas sim por meio de um conjunto de narrativas – as quais são apresentadas como histórias. (Clifford, 1997)

Este texto se forma, em alguma medida, a partir da tentativa de conferir uma centralidade a estes elementos. Em última análise, eles são, antes de tudo, o próprio material constitutivo do

³⁸ A noção de *bounded site* contempla a definição do campo como um espaço onde ocorre a transformação do local na cultura.

trabalho ao qual me dedico neste capítulo, qual seja, fornecer algumas notas etnográficas sobre congressos ufológicos ocorridos no Brasil entre os anos de 2011 e 2014.

*

Como se notará, dividi a apresentação dos congressos em dois capítulos. Neste, apresento uma detalhada descrição do processo de preparação de um congresso ufológico, da forma como se escolhe os palestrantes e das estratégias em jogo no momento em que se decide o local onde ele será realizado. Desta feita, acompanho as chamadas de divulgação online levadas a cabo pelos organizadores, a decisão dos mesmos de organizar uma conferência dirigida a um tema controverso no próprio domínio da ufologia, o trabalho de recrutamento dos palestrantes convidados e ainda, os meios que permitem a alguns ufólogos falar em nome de uma “comunidade”.

Complemento este quadro com alguns comentários a respeito das relações entre a equipe responsável pela organização do evento e os meios dos quais se valem para comunicar com os outros ufólogos e com notas concernentes a certas modalidades que as palestras ufológicas podem assumir.

Como há de notar o (a) leitor(a), a intenção que guiou a feitura deste primeiro capítulo foi tentar esboçar as fisionomias que podem assumir os congressos ufológicos, a partir da etnografia da dinâmica de organização de um evento de grande monta. O que resulta deste esforço é que o quadro que apresento termina se aproximando de uma descrição sociológica do evento, não obstante a prevalência que se concedeu às próprias interpretações dos ufólogos sobre seu trabalho. Digo sociológica, na falta de outro termo que melhor corresponderia à tentativa de produzir um esboço das dinâmicas próprias ao congresso sobre o qual se falará em seguida. Tal quadro, ou ainda, tal armação, pareceu-me necessária não apenas para introduzir temas que o (a)

leitor(a) poderá ver recapitulados nas linhas ulteriores, mas também para responder ao módico lugar que os trabalhos nas ciências sociais que tomaram a ufologia como tema de suas investigações, deram às pormenorizadas descrições sobre os congressos ufológicos.

Estes, quando figuram nas teses ou dissertações, ou bem são parte das narrativas sobre o início da pesquisa³⁹, ou são reduzidos à função de ilustrações de teses mais gerais de interesse dos autores⁴⁰. Não se trata aqui, contudo, de desautorizar estes exercícios. De outro modo, o que se está a apontar é a necessidade de uma pesquisa que possa se debruçar exclusivamente sobre as reuniões empreendidas pelos ufólogos.

No segundo capítulo, já tendo me dedicado à etnografia dos processos de constituição de um congresso ufológico, passo a trabalhar com outros três casos. Este movimento responde ao objetivo de complementar a descrição então delineada, com a apresentação de outros modos de se fazer “um congresso ufológico”.

Assim, nesta seção apresentarei um caso de disputa entre organizadores de congressos em ufologia envolvendo uma acusação de cópia não autorizada de imagem⁴¹, tecerei comentários sobre as diferenças entre os congressos de grande porte e aqueles organizados em nível local e, por fim, discutirei o modo como a distinção entre ufologia científica e ufologia mística é articulada nas palestras.

³⁹ Um bom exemplo desta atitude é o modo como Anne Cross mobiliza a descrição de um evento ufológico. Ver (Cross,2000)

⁴⁰ Ver, por exemplo, o último capítulo de (Pícaro,2007)

⁴¹ E esta é uma das razões que me motivou a conferir grande importância à detalhada descrição de imagens e material filmico produzidos para os congressos.

O aliciamento das redes virtuais

O *I Fórum Mundial de Contatados e Abduzidos* era um evento que vinha sendo prometido há alguns meses. No site Revista UFO, situado na margem esquerda da página, dispunha-se um calendário com marcações em verde que assinalavam os dias do congresso, anunciando este e outros eventos aos quais a revista daria suporte. Meses antes, em dezembro de 2012, recebi em minha caixa de mensagens um e-mail com múltiplos destinatários, escrito pelo editor-chefe da publicação e também coordenador da *mailing list*. A mensagem continha um alerta sobre a possível data e local do congresso, e dava conta que os palestrantes seriam pessoas que “estiveram frente a frente com ETs em todo planeta”.⁴² Junto da mensagem fora anexada uma imagem produzida pelo ufólogo Rafael Amorim. Esta trazia um grupo de pessoas caminhando durante a noite no centro de uma estrada em direção a uma luz intensa que invadia parte da paisagem no primeiro plano. As pessoas estavam dispostas de forma a constituir um “V” e um homem vestido com um terno tomava a frente do grupo.

Poucos dias depois, um novo e-mail do editor da Revista. Desta vez, o referido *banner* já trazia a previsão de realização e a cidade onde aconteceria: Porto Alegre. Os comentários de suporte se replicavam e entre as respostas, alguém pretendia se antecipar fazendo a inscrição.

Vinte dias depois da indicação de Porto Alegre como o local que receberia o congresso, nova mensagem foi enviada à lista pelo editor, com a informação de que o *I Fórum Mundial de Contatados* não mais seria realizado naquela cidade, mas em Florianópolis. De acordo com Gevaerd, ele fizera várias visitas técnicas em auditórios e hotéis da cidade a convite de uma agência de turismo e fechara o contrato com um hotel de “localização privilegiada.

*

⁴² Mensagem enviada por Ademar Gevaerd à mailing list da Revista UFO no dia 30/12/2012

Nas linhas acima narrei uma série de episódios típicos dos meses anteriores à realização de um evento ufológico pela Revista UFO. Todos aqueles que assinam a *mailing list* da publicação, já tem por usuais esta antecipação das características dos eventos, assim como o convite rotineiro para que se inscrevam antecipadamente.

Como notei, estas mensagens são enviadas a uma lista de e-mails, hospedada em um site dedicado à manutenção de grupos de orientações diversas, que como outras do mesmo feitio, permite aos usuários inscritos enviar e receber mensagens a múltiplos destinatários. A lista de e-mails, de algum modo, pode ser descrita como um *cyberlocal*,⁴³ onde notícias pertinentes ao tema ganham ampla divulgação e, frequentemente, discussões sobre temas caros à ufologia são travadas.

Ali, como se viu, também reproduzem-se anúncios sobre o passo-a-passo das negociações com hotéis e palestrantes. Estes são postados com quase a mesma frequência que o editor os recebe e operam de modo a criar nos assinantes da lista um conjunto de expectativas. Note-se, por exemplo, que a imagem que mencionei na primeira seção, poucos dias depois foi postada novamente, agora transformada em cartaz do congresso. A mesma imagem, somavam-se o mês de realização do evento e agora a lista provisória dos palestrantes.

Na coluna esquerda, reservada àqueles que tiveram experiências com extraterrestres, elencavam-se nomes bem conhecidos nos meios ufológicos, seguidos de descrições sobre aquilo que os distinguia: “ Antônio Urzi: o italiano que já filmou UFOs mais de duas mil vezes e que atrai UFOs onde estiver”. Do lado direito da imagem, em contraste, eram anotados os nomes dos pesquisadores, alguns deles frequentes em quase todos os congressos ufológicos dos quais participei. A esta divisão gráfica entre, de um lado os pesquisadores e de outro os contatados, somava-se outro detalhe: no caso dos contatados, o texto informativo que subscrevia os seus

⁴³ Para uma discussão acurada das noções de cyberlocalidade e cybersocialidade ver (Boellstorff, 2008.)

nomes consistia em uma nota biográfica sobre “quem eram” relativamente ao tema ufológico. Entretanto, a coluna dos pesquisadores, ressentia desta observação biográfica. O que se apresentava em seu lugar eram os títulos das palestras programadas.

O envio de mensagens para os inscritos na lista continuava. Mais de uma mês depois, recebi a notícia de que o evento finalmente havia ganhado um site, tinha data e local definidos, contando ainda com uma lista de objetivos e os materiais de divulgação pela internet, que chamavam atenção pela qualidade da diagramação, pela possibilidade de se fazer inscrições online e também pela lista de parcerias, tais quais agências de viagens e companhias aéreas.

Um congresso temático

No que concerne aos objetivos divulgados do evento o interesse do organizador era criar um fórum onde contatados e abduzidos – respectivamente, pessoas que tiveram contatos com extraterrestres e tomam como missão pessoal a divulgação de suas mensagens e pessoas que foram raptadas e levadas até as naves – se encontrassem com os pesquisadores destas experiências.

No entanto, um congresso que assume como missão apresentar experiências que não são tomadas por legítimas por todos os ufólogos, decerto enfrenta resistências. Há aqueles que consideram a multiplicação dos relatos deste gênero danosa para a legitimidade da ufologia, especialmente quando os sujeitos que passam por tais experiências começam a frequentar programas televisivos de grande audiência. Neste último caso, tudo se passaria como se os contatados, mulheres e homens que um dia tiveram experiências extraterrestres e que encampam a “missão” de divulga-la publicamente, contribuíssem para que a apreensão burlesca sobre a ufologia se propagasse.

Esta impressão sobre os contatados, que é partilhada por alguns dos ufólogos com quem compartilhei a feitura do trabalho de campo e sobre qual fornecerei maiores elaborações mais tarde, pode ser rastreada em matrizes muito diversas.

Uma delas, está ligada à publicação do ufólogo J. Allen Hynek⁴⁴, intitulada “Ufologia: uma pesquisa científica” (Hynek, 1972), conhecido por ter sido o autor da classificação dos fenômenos ufológicos, de acordo com um procedimento que o escalona segundo a série “Encontros Imediatos de primeiro grau, de segundo grau e de terceiro grau”. No trecho abaixo, o autor deste esquema censura os relatos dos contatados e evoca a imagem dos seus efeitos sobre a legitimidade da pesquisa sobre UFOs:

The contactee cases are characterized by a "favored" human intermediary, an almost always solitary 'contact man' who somehow has the special attribute of being able to see UFOs and to communicate with their crew almost at will (often by mental telepathy). Such persons not only frequently turn out to be pseudoreligious fanatics but also invariably have a low credibility value, bringing us regular messages from the "space men" with singularly little content. The messages are usually addressed to all humanity to 'be good, stop fighting, live in love and brotherhood, ban the bomb, stop polluting the atmosphere' and other worthy platitudes. The contactee often regard himself as messianically charged to deliver the message on a broad basis; hence several flying saucer clubs have from time to time sprung up. He regards himself definitely as have been 'chosen' and utterly disregards (if, indeed, he were capable of grasping it) the statistical improbability that one person, on a random basis, should be able to have many repeated UFO experiences (often on a nearly weekly basis), while the majority of humanity lives out a lifetime without having even one UFO experience. (Hynek, 1972: 47)

Os alegados motivos figuram para Hynek como uma justificativa para não incluir nos casos sobre os quais se debruça em seu livro e nas tabelas de classificação que produz qualquer relato dos contatados, que de acordo com ele, manteriam “... a imagem popular dos “homenzinhos verdes” (Hynek, 1972:48)

Afora a censura de Hynek ao messianismo impregnado nas mensagens, merece ser observado que a posição dos relatos dos contatados na própria narrativa que a ufologia conta

⁴⁴ J. Allen Hynek foi um dos mais respeitados ufólogos americanos. Isto deve, em particular, à sua atuação como pesquisador do Projeto Blue Book, criado pela Força Aérea Americana para investigar a ocorrência de relatos de óvnis.

sobre si mesma está eivada de complexidades. Curtis Peebles, na obra intitulada *A Chronicle of the Flying Saucer Myth* (Peebles, 1994), dedica um capítulo integralmente ao tema. Conforme anota o autor, os traços médios das três narrativas de contatados que analisou são:

Certain humans have contact, via personal meetings or mental telepathy, with “space brothers”. The contactees have also flown aboard flying saucers, traveling into space and to other planets. The space brothers come from utopian societies which are free of war, death, disease or any other of the problems of mid-twentieth-century Earth. The “space Brothers” want to help mankind overcome its problems, to stop nuclear testing, and prevent the destruction of human race. (Peebles, 1994:107)

É também Peebles (1994) quem chama atenção para a longa história dos congressos de contatados nos Estados Unidos, em particular, para o *Giant Rock Convention*, que passa a ocorrer a partir de 1952, atraindo grande público. Sobre eles, Peebles observa que eram locais oportunos para a apresentação dos contatados e venda de livros, fotos, registros e souvenirs (Peebles, 1994). O mesmo autor também descreve que as relações entre contatos e ufólogos interessados na aproximação entre a aproximação entra a “Ciência”⁴⁵ e a pesquisa sobre o UFOs nem sempre tomava formas amistosas.

Acerca deste ponto em particular, Christopher Roth comenta que:

Admittedly, this particular pedigree of ufology is an embarrassment to investigators of sightings and landings who imposed a forensic seriousness on the saucer topic in the 1960s and to the abduction investigators who have dominated ufology since the 1980s. (Roth, 2005:43)

Contudo, a forma como o I Fórum Mundial de Contatados vinha assumindo, por meio do trabalho de arregimentação do Editor da Revista UFO e organizador do evento, sugeria que, ainda que houvessem tensões entre diferentes orientações no interior da ufologia, elas ali pareciam não impedir a organização do congresso.

⁴⁵ Faço uso da primeira letra em caixa alta na palavra “Ciência”, em conformidade com a distinção, já devidamente acomodada no campo dos “Social Studies of Science”, mas sugerida por Bruno Latour (1987).

Há ainda que notar que, considerando que parte do público que frequenta tais eventos se interessa pelas narrativas dos contatos, a organização de uma convenção configurada desta forma – e a inclusão de palestrantes que se definem como contatados em outros congressos organizados pela Revista UFO – talvez pudesse estar ligada a certa estratégia de sobrevivência dos próprios congressos, uma vez que, na ausência de linhas de financiamento públicos oficiais, o volume dos recursos para organizá-los está diretamente ligado a capacidade de preencher os auditórios.

E aparentemente, a antecipação nos anúncios das convenções e o volume das mensagens enviadas pela *mailing list* mantida pela revista e por via de cartas postais regulares, está bem aclimatada a tentativa de conseguir a realização do evento. A este respeito, poucos dias depois de recebida a mensagem contendo informações sobre a data e local de realização, eu e os outros membros da lista passamos a receber pelo e-mail alertas sobre o número de inscritos, sobre a necessidade de finalizar a inscrição o quanto antes. Estas notícias procuravam ainda remarcar a particular orientação da convenção, sugerindo que ao invés de discutir o fenômeno, os participantes teriam a oportunidade de ouvir aqueles que estiveram “frente a frente” com eles.

Os referidos anúncios também eram propagados em outros locais, como o site que a Revista UFO mantém online, sempre com a ênfase que este se tratava de um evento “inédito”, dada a particular orientação na escolha dos palestrantes. Outras mensagens, enviadas pelo organizador com a mesma antecedência que aquelas que mencionei, solicitavam o apoio de voluntários para o cuidado dos assuntos operacionais do congresso.

Este ponto conecta-se a certo regime de colaboração vigente na organização das conferências ufológicas que frequentei – e suponho que seja assim nas demais - , que se caracteriza pela arregimentação de interessados no tema que, em troca da inscrição ou de alojamento, emprestam a sua força de trabalho nas mesas de inscrições, na recepção dos

convidados, no registro fotográfico e filmico e na organização dos aparatos de som e imagem. Em certa ocasião, em um congresso organizado em Brasília, eu mesmo tomei parte como voluntário, ocupando a função de recepcionista para o auditório.

Os alertas na lista de mensagens prosseguiram contendo informações sobre o pedido de outros contatados para serem incluídos na lista de palestrantes, *teasers* contendo a história de alguns dos palestrantes e informações sobre o preço das inscrições. Acerca das últimas, é prática corriqueira nos eventos ufológicos, assim como ocorre naqueles de natureza acadêmica, o desconto para inscrições antecipadas e para estudantes. Também chegavam fotos do hotel, enviadas pelo organizador e, posteriormente, notificações de que as vagas já haviam se esgotado.

Para aqueles que, como eu, se inscreveram para o evento, foram enviadas informações mais detalhadas, algo muito semelhante ao que ocorre no caso dos simpósios e convenções acadêmicas⁴⁶. Recomendações sobre horário da abertura das mesas para inscrições, informações sobre variados veículos de comunicação que cobririam o evento, além de anúncios sobre atividades as quais o participante poderia se inscrever à parte, quais sejam, um *workshop* sobre abdução e contatismo com a médica e ufóloga Mônica Medeiros, além de um jantar de confraternização preparado pelo hotel.

Outros anúncios se ajuntavam a estes, tais quais a informação de que haveria comercialização de material produzido pela revista UFO, assim como o de outros participantes.

⁴⁶ As diferenças entre os congressos ufológicos e aqueles que aqui chamei de “acadêmicos” não devem, contudo, ser obliteradas. Afora a mencionada ausência de linhas de investimentos públicos nas conferências ufológicas, há outros elementos que os distinguem, a saber: se tomamos como contraponto para a comparação congressos nos quais multiplicam-se as mesas redondas ou grupos de trabalho, notamos que elas estão absolutamente ausentes entre os organizados pela ufologia; entretanto, se forem os simpósios colocados em comparação, as semelhanças aparecem no fato de que os palestrantes são escolhidos pela organização do evento e não há possibilidade de envio de trabalhos. Ainda no que concerne ao tema das diferenças, nos congressos ufológicos as filiações institucionais têm menos importância do que a “experiência” em pesquisa ou a notoriedade dos palestrantes. Entretanto, no cômputo das dinâmicas de escolha das pessoas que ministrarão as palestras, o fato de pertencer a uma organização militar – exército, marinha ou aeronáutica – pode importar. Ainda no que tange este tema, é preciso comentar que a própria tentativa de estabelecer comparações entre congressos ufológicos e congressos “acadêmicos” é um exercício repleto de fragilidades. Isto tem que ver com o fato das duas categorias disporem de formas de constituição muito variadas, que dificultam a tarefa de traçar estes paralelos.

Completava a mensagem a recomendação aos participantes de um pacote turístico, com vistas a fazer uma viagem "ufoarqueológica" ao Peru. Acerca desta, logo que entrei no saguão do hotel recebi um folder contendo a seguinte descrição, ilustrada por uma paisagem desértica e um ícone Tiwanaku esculpido em pedra:

Explore Nazca

Devido ao grande sucesso alcançado com sua primeira experiência, a Revista UFO e a Operadora de Turismo Terra Inca comunicam mais uma viagem à Planície de Nazca, uma das regiões mais incríveis do planeta. Novamente o editor Ademar Gevaerd e o escritor Alcione Giacomitti se encontrarão no Peru com ufólogos, contatados e xamãs para exploração, vigília e conferências ufológicas em lugares únicos na Terra. [...] (Folder distribuído durante o I Fórum Mundial de Contatados)

O local e a estrutura de apoio do congresso

O local escolhido foi o SESC Cacupé, um requintado hotel na cidade de Florianópolis, instalado de frente para o mar e dotado de um sistema de hospedagem horizontal. As reservas haviam acabado muitos dias antes do início da convenção e acabei me hospedando em um alojamento coletivo do hotel por sugestão de Ademar Gevaerd. No mesmo dormitório estavam alguns palestrantes, voluntários que registrariam as fotos do evento, além de membros de um grupo ufológico gaúcho e de um documentarista que realizava entrevistas para uma produtora de televisão. De modo geral, o arranjo para que eu me hospedasse junto dos participantes pareceu-me conveniente, dada a proximidade que eu teria com ufólogos que eu não conhecia.

O evento estava dotado de uma estrutura muito semelhante àquela que se testemunha em congressos realizados por agremiações acadêmicas. Tratava-se de uma construção grande, dotada de equipe “cerimonial” para receber os participantes, seguranças e computadores para conferência de registros. Além disto, os membros da equipe traziam camisas com estampas do evento.

Dos participantes requeria-se que se visitasse a mesa de inscrições onde, depois de comprovado o pagamento e a realização antecipada o registro, recebíamos um crachá com nome e uma pasta feita em papel com a mesma imagem que fora utilizada nas primeiras divulgações do congresso. O seu interior se constituía da programação do evento, da descrição do Jantar de Confraternização e do Workshop mencionados e de alguns folhetos. Entre eles alguns folders contendo anúncios diversos.

O primeiro deles continha um desconto para os interessados na revista UFO que desejassem adquirir uma assinatura no estande reservado à revista. O segundo era um anúncio para inscrições no Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV), que fornecia ao beneficiário uma carteirinha em material plástico contendo o seu nome, número de registro e validade do documento. Transcrevo aqui o conteúdo do anúncio contendo os benefícios associados à inscrição no Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores:

O Fenômeno UFO é um fato inquestionável e sua manifestação deve ser investigada e conhecida. Este é o papel de uma das mais prestigiadas entidades da área em todo o planeta, o Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CPBDV), hoje com mais de 3600 associados em todo o Brasil e em Cerca de 60 países. São integrantes do CBPDV todos os membros do Conselho Editorial da Revista UFO, os mais reconhecidos ufólogos brasileiros e estrangeiros. Também é o CBPDV que está promovendo o I Fórum Mundial de Contatados. Junte-se à nossa equipe! Ser membro do CPDV é bem simples e tem grandes vantagens. Nossos associados têm acesso facilitado a todos os eventos promovidos pela entidade e por sua suas conveniadas, além de descontos de 10% e 40% nas aquisições de DVDs, revistas e livros produzidos pela UFO. A taxa de filiação é de apenas R\$ 75,00 por ano (cerca de 6 reais por mês) (Conteúdo da pasta para participantes do I Fórum Mundial de Contatados).

Logo abaixo deste texto havia um cupom de filiação a ser entregue pelos interessados. No que concerne à carteirinha do CBPDV, a filiação ao centro parece assumir as características de um cartão de benefícios e acesso, isto é, um documento do qual se valem os membros para comprovar a associação ao CBPDV e receber descontos na aquisição de produtos editorados pela Revista UFO e nas inscrições dos congressos que a revista organiza.

O terceiro folheto informativo contido na pasta consistia em um convite para colaboração com o sistema de financiamento de pesquisas implantado pela Revista UFO em 2012. Trata-se do “Grupo de Apoio ao Avanço da Consciência Cósmica”, uma associação de patrocinadores privados, que enviam remessas financeiras mensais, com vistas a financiar bolsas de pesquisa e investigações de campo. Tal sistema de financiamento está integrado à Revista UFO – que é a entidade responsável pela gerência dos recursos – e aqueles que fornecem as contribuições mensais recebem materiais editorados pela Revista como compensação pelo apoio.

Vale notar que um balaço dos recursos provenientes do “Grupo de Apoio ao Avanço da Consciência Cósmica”, ocasionalmente, são disponibilizados pelo Editor da Revista UFO na lista de e-mails. Exemplos dos destinos que estes recebem são a compra de uma aeronave do tipo "drone", para melhor realizar fotografias aéreas de agrolifos, e o financiamento da preparação de um curso introdutório de ufologia. Por ora, dedico-me à descrição do que se passava no segundo andar do congresso e que assumiu uma formação similar a outros eventos ufológicos dos quais participei.

Comercialização de Souvenires e a profissionalização dos produtos

No andar superior, onde se encontrava a entrada para o auditório, além da estrutura para o *coffee break*, havia numerosos estandes para a comercialização de souvenires, livros, DVDs de palestras, CDs com imagens e camisetas.

No cômputo geral, havia os produtos dispostos à venda no estande da Revista UFO, que claramente se destacava pelo volume de material, mas o salão também era ocupado vendedores outros: autores que vendiam e autografavam as suas obras, ufólogos que comercializavam material produzido a partir de suas pesquisas e artesãos que ofereciam objetos relativos ao tema.

No caso particular da Revista UFO, que como observei, durante o I Fórum Mundial de Contatados trazia um grande estande, havia maior profissionalização das vendas. Isto é, ali se vendiam edições das revistas avulsas, assinaturas, edições de livros de ufólogos brasileiros e traduções de obras que ganharam notoriedade fora do país. Além destes produtos, que via de regra, atendem a uma vasta gama de interesses, também eram comercializados DVDs de séries televisivas, filmes ufológicos e vídeos das palestras de outros eventos.

É interessante mencionar que, via de regra, a qualidade de impressão e edição do material produzido pela revista UFO é superior a outros produtos comercializados nos outros estandes. Note-se, por exemplo, que enquanto um dos ufólogos comercializava DVDs com montagem caseira contendo imagens comentadas acerca da presença de seres extraterrestres em Marte, os filmes produzidos pela Revista, seja pela maior vendagem ou pela capacidade de produção, vinham em embalagens mais elegantes.

Quero observar que esta profissionalização na preparação, edição e comercialização de publicações e souvenirs ufológicos, que claramente faz a Revista UFO sobressair em relação aos demais expositores, não deve ser tomada como um caso isolado da ufologia.

José Guilherme Magnani, no livro intitulado “Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito Neo-esotérico na metrópole” (Magnani,1997), faz um comentário que, respeitadas as diferenças existentes entre o “circuito” que estuda, e as pessoas com as quais me vejo em diálogo, se aclimata muito bem a descrição que eu faria do aspecto mercantil existente nos congressos:

[...] as atividades do circuito neo-esotérico, tal como foram identificadas no contexto da metrópole, não são o resultado de iniciativas individuais e atomizadas nem respondem a uma demanda aleatória, difusa ou clandestina, circunscrita aos limites restritos de uma relação pessoal entre adivinho e consulente. Ao contrário, desenvolvidas em termos profissionais e realizadas de maneira constante, apresentam formas de implantação plenamente reconhecíveis na paisagem urbana, configurando uma extensa rede constituída por espaços,

agências, publicações, encontros, congressos, treinamentos intensivos e forte presença na mídia. (Magnani,1997:23)

Diante destes comentários detalhados sobre a produção material da ufologia, poderíamos nos perguntar: A que vem esta exposição demorada dos aspectos comerciais presentes nos eventos? Qual é a sua importância na economia de relações dos ufólogos? Que tipo de diferença o fato de um dos expositores dispor de maior volume de materiais, com qualidade de impressão e diagramação notadamente superiores, pode impor?

Estas considerações, que insisto aqui em fazer com um nível de detalhamento aumentado, não são e não devem ser tomadas como marginais. A vida material da ufologia, isto é, a produção destes objetos e a capacidade arregimentar público e espaços claramente superiores a outros eventos pela equipe da Revista UFO, está conectada ao campo de forças no qual a ufologia repousa.

Decerto que o fato de um número de pessoas terem a capacidade diferenciada para agenciar recursos, além de uma habilidade de propagação de informações maior suscita tensões, cria assimetrias, implica na negociação de possibilidade de fala e, em alguns casos, conduz certos pesquisadores ao opróbrio. Este ponto chama a atenção, especialmente em um arranjo de relações como a ufologia, para o qual um dos principais pleitos é o “fazer chegar” a ideia de que a vida extraterrestre existe, visita aos terráqueos regularmente e dispõe de uma mensagem, ou um conjunto delas, que merece ser ouvida entre outros foros além daqueles que os pesquisadores ufológicos frequentam.

Em última análise, estou sugerindo que a ufologia, na medida em que se apresenta como um conjunto de saberes que encampa a missão de divulgar a experiência extraterrestre, talvez merecesse um tipo de arranjo onde as capacidades de agenciamento fossem mais horizontais. Entretanto, devo complementar esta primeira anotação com o apontamento de que, para alguns

ufólogos, fosse outro o modo de arranjam-se veriam minoradas as capacidades de negociar a liberação de documentos classificados como secretos com o Ministério da Defesa Brasileiro e quiçá de serem capazes de organizarem congressos passíveis de atraírem dezenas de veículos da imprensa.

Com este ponto desejo sugerir que talvez um arranjo que não combinasse forças de matrizes diferentes e não promovesse eventos que agregassem orientações tão diversas sob o umbral da “Ufologia”, nutrindo-se da dispersão que vigoraria entre os grupos ufológicos, também não poderia falar em nome da área nas variadas situações em que os ufólogos apresentam as suas demandas.

No que concerne à venda de materiais ocorrida no evento, há ainda outras considerações a serem feitas. Em primeiro lugar, diferentemente do que relata Anne Cross em *A confederacy of faith and fact* (Cross, 2000), diante da venda de souvenirs, livros e objetos na entrada do congresso, não fui tomado da combinação entre negação e indignação que a autora descreve:

At that time, I felt that the Roswell lecture audiences had been hoodwinked and exploited. I felt sorry for the many people that spent scarce vacation time and probably hard-earned money to travel long distances to attend strange lectures, which were overpriced, I thought, at ten dollars each. At that time also I felt that whether or not UFOs represent extraterrestrial intelligence ufology was definitely a sham. It seemed to me that ufologists took advantage of gullible people, that they enjoyed playing pretend scientist, and that they probably love most was receiving uncritical adulation, even if it came from socially marginalized and seemingly not-too-bright-people. (Cross, 2000: 3)

E não tive este conjunto de sentimentos porque, de algum modo, uma vez que havia frequentando outros eventos ufológicos antes deste, conhecia os motivos alegados pelos ufólogos para a venda de materiais e pela cobrança de taxas de inscrição com valores não desprezíveis. Entre eles anoto o fato de que alguns dos ufólogos que expõem os seus produtos nos congressos, não têm outra fonte de renda senão esta. Do mesmo modo, é recorrente a menção nos congressos

à dedicação de um pesquisador carioca, que vive exclusivamente das vendas de livros e dos CDs e DVDs que produz.

Em segundo lugar, há um custo implicado na própria atividade de pesquisa ufológica. Aqui me refiro ao custeio de passagens, hospedagens e outros deslocamentos para entrevistar testemunhas, registrar os casos, além daquele relativo aos materiais que os ufólogos usam quando vão à campo, a saber: binóculos, câmeras fotográficas, câmeras de vídeo, barracas e equipamentos para *camping*.

Vale ainda acrescentar, como um terceiro ponto, a ausência de financiamentos públicos oficiais para a pesquisa em ufologia, o que a faz depender, como tenho anotado, de pequenas estratégias mercantis ou de parcerias com financiadores privados.

Mecenato

Quanto ao último tema, merece ser considerado que a partir do momento em que iniciei a pesquisa, passei a ouvir dos meus interlocutores que um senhor americano de nome Robert Bigelow, um bilionário do setor hoteleiro americano, havia enviado emissários para entrevistas privadas com ufólogos em atividade, com vista a oferecer-lhes dinheiro em troca de quaisquer aparatos alienígenas dos quais tivessem posse.

De acordo com meus interlocutores, o interesse de Bigelow era usar a possível tecnologia alienígena à disposição na implementação de sua empresa “Bigelow Aerospace”, dedicada a fomentar a indústria das viagens espaciais para corporações e agências espaciais nacionais.⁴⁷ A empresa acabou não conseguindo os aparatos técnicos que procurava junto aos ufólogos brasileiros e desconheço se teve sucesso junto aos colegas americanos, os quais, segundo a

⁴⁷ Os objetivos da empresa aparecem descritos em seu próprio sítio na internet. Ver www.bigelowaerospace.com

palestra de James Carrion – ex-presidente da Mutual UFO Organization – em um congresso ufológico em Peruíbe-SP, também foram procurados.

Ainda no que concerne aos financiadores privados e apoiadores dos eventos ufológicos, merece ser mencionado, no caso da convenção ocorrida em 2013, na cidade de Florianópolis, o apoio de uma entidade de nome *Instituto Wilson Picler de Responsabilidade Social*, uma entidade ligada a um grupo que controla algumas faculdades no sul do Brasil.

No referido congresso, Wilson Picler, fundador do Instituto, também proferiu uma palestra dedicada à explanação de tecnologias que, fazendo uso de balões, seriam capazes de levar os humanos ao espaço por menor custo. É digno de nota que o referido senhor estava presente em quase todos os congressos ufológicos dos quais tomei parte, assim como fez parte da comitiva latino-americana no *Citizen Hearing on Disclosure*, um evento realizado em Washington – EUA em 2013, que abriu espaço para que ufólogos de diferentes lugares do mundo apresentassem casos relevantes a seis congressistas americanos.

O que se nota aqui é um sistema particular de “mecenato”, no qual alguém com a habilidade de agenciar recursos facilita a realização do congresso, mas ao mesmo tempo, tem o seu lugar reservado na tribuna de homenageados. E foi exatamente isto o que ocorreu no evento que tomo para as notas iniciais desta etnografia, no qual Wilson Picler tomou parte na mesa de abertura da convenção.

Impressões sobre o público e a noção de “experiência ufológica”

O salão principal onde as conferências ocorreriam dali a instantes estava preenchido em sua máxima capacidade. Pessoas com sacolas vindo dos estandes de vendas, múltiplos disparos de *flashes* fotográficos e os fotógrafos associados à Revista UFO já se colocavam em seus lugares.

Sobre o público que rapidamente o ocupava, permitam-me uma nota demográfica, isto é, uma observação sobre a composição média das pessoas que frequentam os congressos. Espero que esta seja contabilizada apenas como um conjunto de impressões, uma vez que não realizei qualquer *survey* programado com os participantes.

De modo geral, as pessoas que frequentam os congressos ufológicos dos quais participei têm idades superiores a trinta e cinco anos. São adultos, com formação técnica ou superior, pertencentes às classes médias urbanas. Esta constatação, embora absolutamente impressionista, assim como foi o caso do assunto tratado na seção anterior, guarda algumas homologias com a pesquisa realizada por José Guilherme Magnani junto ao “circuito” neo-esotérico na cidade de São Paulo.

O registro certamente é outro, mas o seu comentário se aclimata muito bem a certa percepção que tive depois de frequentar alguns dos congressos ufológicos:

As atividades desse universo, diferentemente de outras práticas mágico-religiosas, não estão associadas com camadas populares, de baixa renda e escassa escolaridade. Ao contrário: utilizando-se da mídia como meio de divulgação e oferecidas em estabelecimentos implantados preponderantemente em bairros de classe média e média alta, não deixam dúvidas quanto ao meio socioeconômico de seu público-alvo"(Magnani,1997:65)

O mesmo não ocorre no que diz respeito ao gênero dos participantes. No caso em questão, a maioria era de homens, em contraste com a prevalência de mulheres observada na pesquisa de Magnani.

No que concerne à natureza do envolvimento com a ufologia, há grande quantidade de pessoas que tomam parte de grupos ufológicos locais, mas a maioria não tem outra relação com a ufologia além do consumo do material produzido por ufólogos, que dedicam maior empenho à realização de pesquisas, vigílias em campo e escrita de livros e artigos.

De todo modo, esta própria caracterização esta sujeita a muitas considerações. Em primeiro lugar porque, diferentemente do que pode ocorrer em outros redutos, a noção de

“profissional” na ufologia é articulada de modo muito particular. Anne Cross (Cross,2000) observa que, na ufologia os associados podem ser ao mesmo tempo “produtores” e “consumidores” de materiais e ainda, o prestígio como ufólogo está diretamente ligado ao número de palestras que deu, à notoriedade dos casos que investigou e ao volume e qualidade dos livros que publicou.

Além do que propõe Anne Cross, há um outra dimensão absolutamente significativa nestes congressos. Estou me referindo a uma característica que, ou abre, ou está presente em muitas conversas dos participantes nos corredores. Trata-se de perguntar, como aconteceu comigo mais de uma vez, se o seu interlocutor já teve “alguma experiência”. Depois da pergunta, conta-se uma variedade de casos: de avistamentos de objetos não identificados quando se era criança; da visita de dormitório por um extraterrestre durante a noite; de um sonho com um humanoide que parecia ser um *alien*.

A noção de experiência ufológica é, decerto, um gatilho que inicia uma conversa. Por outro lado, o acionamento da ideia de “experiência” talvez seja capaz de nos dizer algo sobre as relações dos participantes com aquele congresso e, de modo geral, com a ufologia. Aqui me refiro ao fato da noção abrigar uma miríade de eventos que a ufologia compreende como sendo de sua alçada e outros que, dependendo da ocasião e do contexto, podem a ela se associar: avistamentos de Objetos Voadores Não Identificados, sondas, contatos com os ufonautas, mensagens encaminhadas por eles, abduções, descoberta de rastros de naves, testemunho de um Agroglifo, canalizações espirituais de extraterrestres, etc.⁴⁸

⁴⁸ As “sondas” são descritas como artefatos de tamanho menor em relação às naves, enviadas com o propósito de coletar amostras. O que chamei de “rastros das naves” são normalmente descritos como “ninhos de UFO” e correspondem aos vestígios no solo e na vegetação deixados logo após a “decolagem” de um objeto extraterrestre pousado. Os agroglifos são inscrições feitas em plantações contendo mensagens. As canalizações extraterrestres, por seu turno, consistem nos episódios nos quais uma entidade alienígena fala por meio do corpo do “médium”.

O conceito de experiência ufológica, na medida em que contém uma amplitude de possibilidades, portanto, é aquilo que conecta os participantes das convenções sobre o “Fenômeno UFO”. Em última análise, quase todos ali, considerando esta noção, já experimentaram alguma relação com o fenômeno UFO. Portanto, se nas linhas anteriores procurei tecer uma especulação sociológica sobre o perfil dos participantes sob o ponto de vista da idade, renda e nível de educação formal, aqui sugiro, partindo da etnografia, que “esta comunidade de interessados⁴⁹” no tema que forma o auditório dos congressos, parece ter a noção de “experiência ufológica” um mediador para estabelecer conexões com o evento.

A noção de “comunidade”

Merece ser mencionado que este recorte ganha um grau de complexidade diferente quando notamos o uso constante da expressão “Comunidade Ufológica Brasileira” em várias ocasiões por membros da Revista UFO.

Seja ao informar uma notícia por meio da *mailing list*, seja para fazer um pleito em relação à liberação de documentos militares relativos ao tema, a expressão comunidade costuma ser empregada. Vale remarcar que o seu uso, de modo geral, é feito pelo Editor da maior publicação sobre este assunto, o que obviamente pode ser lido segundo a tentativa de agir como um representante da disciplina, tratando os seus pleitos, anseios e articulações como universais. Tudo se passaria como se o uso da expressão “Comunidade Ufológica Brasileira” fosse um artifício “representativo” – um tipo de “falar em nome “de” – passível de conduzir à oclusão e obliteração da variabilidade de posições a respeito da temática dos Objetos Voadores Não Identificados. Mas, certamente, há outra leitura possível quando encontramos esta “expressão”.

Como já notei anteriormente a respeito da capacidade de articulação da referida publicação, pode-se contra-argumentar que o emprego da expressão, que antes concentra do que

⁴⁹ Não imputo qualquer conotação pejorativa ao termo “interessados”.

descreve a variação de posições, agiria no sentido de potencializar a capacidade de barganha perante os principais *locus* onde a ufologia precisa negociar: os poderes políticos instituídos, portadores dos documentos que os ufólogos querem ver desclassificados e a “Ciência”.

Ademais, a palavra “comunidade” parece não ser utilizada unicamente pela Revista UFO e pelo grupo de ufólogos a ela associados. Jodi Dean em *Aliens in America: conspiracy cultures from outerspace to cyberspace* (Dean,1998) observa um outro possível sentido para a expressão “comunidade”:

Usually, however, people in the UFO community have a general sense of what the term means. At any rate, what is interesting about the community is that it combines a reasonable replication of the demographics of the United States (tilled toward the White middle class) together with a self perception of being an excluded minority. The UFO community’s sense of exclusion stems from its perception that most people, especially scientists, the media and government officials ridicule belief in extraterrestrial contact with Earth. (Dean,1998: 17-18)

De acordo com este trecho, a recorrência da expressão “comunidade” estaria ligada a certa percepção de que a maioria das pessoas ridiculariza a dita “crença” em vida extraterrestre, o que configuraria o mote para a criação de certo senso de exclusão, que nos termos de Jodi Dean, manifesta-se no uso da referida palavra.

No caso da pesquisa levada a cabo por (Magnani,1997) nos espaços neo-esotéricos da cidade de São Paulo o modo como a noção de comunidade é articulada ganha uma feição diferente da interpretação que Jodi Dean confere ao termo. Agora ela não significaria uma “auto percepção de que se é parte de uma minoria excluída”, mas tomaria parte de um quadro produzido por Magnani com vistas a dialogar com o que chama de “triângulo de base narrativa esotérica”(Magnani,1997). Em tal esquema analítico proposto pelo pesquisador, conjuntamente às noções de indivíduo e totalidade⁵⁰, a noção de comunidade se agregaria:

⁵⁰ Embora cite as diferentes interpretações para o emprego do termo "comunidade", devo renovar a observação de que aqui não subscrevo a noção de que a ufologia possa ser pensada nos quadros deste "triângulo narrativo".

Não se trata da comunidade consanguínea, rural, permanente e isolada, refúgio dos “renunciadores” da contracultura, fugindo do mundo. É a comunidade que se constrói na metrópole, efêmera, de fim de semana, que permite recarregar as baterias para enfrentar com êxito as vicissitudes do cotidiano da grande cidade. E que se dissolve ao final de cada curso, palestra, vivência, mas permanece viva, só que em estado latente, ancorada no “circuito”. Não se trata, também, da network descrita por Salem como “destacada de ancoragens geográficas (...) que une indivíduos dispersos no meio urbano”, mas de uma rede hierarquizada e objetivada em espaços, lojas, centros com endereços na cidade e que pode ser recomposta a todo momento — se não com as mesmas pessoas, ao menos com algumas delas e outras novas; todas, porém, à vontade com os padrões discursivos e de comportamento, assim como com os valores e o jargão do circuito, seja o xamânico, o taoísta, o tibetano, o das massagens, o da programação neurolinguística, o do neopaganismo ou de sua versão feminina, wicca... É no contexto dessa comunidade de feições e dinâmica tão peculiares que transcorre uma sociabilidade alimentada por trocas de pontos de vista, leituras, objetos, experiências de viagens no contexto do “pedaço” de cada um — aquele endereço onde os laços de lealdade são mais fortes —, mas principalmente nos “circuitos” ao longo dos quais se recortam os “trajetos” personalizados. (Magnani,1997:108)

Nesta definição o autor recusa alguns dos possíveis marcadores da noção de comunidade – rural, consanguínea, permanente e isolada -, para substituí-la por outros que a “objetivam” em espaços frequentados pelo “público” neo-esotérico. Como se nota, esta inflexão que o autor impõe ao conceito, não o sujeita a crítica sobre o seu potencial heurístico. Antes, o que se faz, é promover a sua localização em uma ambiência de megalópole.

Abertura

Permitam-me, mais uma vez, retomar ao cenário do congresso.

Uma vez que a maioria dos participantes já estavam sentados, foi exibido um vídeo no telão principal. Tratava-se de uma gravação em formato de *trailer*, de pouco mais de dois minutos, com recursos sonoplásticos e de imagem muito similares aos vídeos promocionais de *trailers* de filmes comerciais. O filme abre com um jovem caminhando entre duas casas de madeira olhando para um campo aberto. Acima dele, no centro de um céu acinzentado, uma luz grande se movia. Então, aparece um letreiro com as inscrições: “Você sempre quis saber.” Nos próximos quadros, um homem em frente a uma caminhonete e com um olhar assustado

observava uma nave em formato triangular que se movia em direção a ele. A trilha sonora em estilo “New Age” se mantém e na tela há uma inscrição “De onde eles vêm?”. Múltiplas imagens e cenas de humanos assistindo ao movimento das naves repetem-se, sempre com os títulos correlatos: “O que eles querem?”; “Qual é a sua mensagem?”; “Agora as suas perguntas serão respondidas”; “Por quem já esteve dentro da nave”; “Por quem já esteve com eles”. A música é interrompida e o quadro a seguir é um logo da “Revista UFO.”

Em seguida, são apresentados cada um dos palestrantes, em uma sucessão de fotos e nomes, ao som de um de um “hit” muito similar àquele empregado na sucessão de cenas dos *trailers* de filmes de ação. O vídeo é finalizado com nova apresentação do logo da Revista e das associações parceiras na produção da convenção e com o nome do organizador e de sua filha, a administradora do evento.

Após a apresentação do vídeo, Gevaerd se dirigiu ao púlpito e convocou uma comissão para compor a mesa do congresso. Eram eles Marco Antônio Petit, ufólogo carioca e coeditor da Revista UFO; a ufóloga argentina Silvia Pérez, proprietária de um museu ufológico naquele país; e Wilson Picler, a quem já me referi nas linhas anteriores.

Depois da breve apresentação desta espécie de tribuna de honra, o organizador pediu a eles que descessem, com vistas a introduzir os palestrantes. As introduções ou apresentações duraram mais que o previsto. Assim que terminaram, deu-se início às duas únicas palestras do dia.

As comunicações durante a convenção

No segundo dia do congresso, antes que a primeira palestrante se apresentasse, Ademar Gevaerd subiu ao palco novamente e tomou o microfone dando boas vindas àqueles que chegavam naquela manhã. Estes tipos de apresentações foram muito constantes durante o evento

e assumiam um caráter bastante particular, pois o tom de voz empregado e as expressões utilizadas, nos lembravam um tipo de performance similar àquele dos *talk shows* em programas televisivos.

Nestas apresentações, regularmente abertas com um “amigos da ufologia”⁵¹, o editor convidava os participantes a conhecerem novas traduções recentemente publicadas pela editora da Revista UFO, informava-nos acerca da presença ou ausência de algum palestrante ou produzia um relato sobre o contexto de realização da convenção, sobre os desafios implicados na escolha do local e, de modo eventual, sobre o cansaço implicado no trabalho de capitanear um congresso de grande porte. Diante destes comunicados, o tom era muito semelhante àquele que descrevi quando o Editor da Revista UFO se dirigia aos ufólogos inscritos na *mailing list* da publicação.

A seguir, apresento algumas das comunicações dos palestrantes do I Fórum Mundial de Contatados. Como se notará, optei por fazer uma demorada exposição de algumas delas, com vistas a dar ao (a) leitor (a) condições de acessar não apenas os modos de exposição que vigoram nos congressos, assim como a maneira como os temas caros à ufologia aparecem relacionados. Se o fiz assim, foi com vistas a evitar tanto o risco de se produzir “grandes esquemas” da “cosmologia ufológica”, como também a listagem “seriada” de temas de interesse.

*

O domínio do testemunho

A sessão de palestras foi iniciada com a fala da Dra. Mônica Medeiros, a quem o editor qualificou como alguém que combina a ufologia mística com a ufologia científica. Discutirei

⁵¹ A forma de apresentação que descrevi aqui não foi exclusiva do I Fórum Mundial de Contatados. No dia 16 de abril de 2011, durante o congresso ufológico organizado em Peruíbe-SP, por meio de uma parceria entre a Revista UFO e a Prefeitura desta cidade, Ademar Gevaerd fez uso de locuções similares a estas que descrevi para a ocasião da Convenção de Florianópolis: “Todos preparados para embarcar nesta nave espacial?” ; “Marte chamando Terra”, ao pedir a atenção dos participantes.

estas categorias nas seções seguintes, mas por ora vale ressaltar que Mônica é uma ufóloga especialista em abduções, tendo ela própria passado por várias experiências desta natureza, para as quais desenvolveu uma teoria própria.

Merece ainda ser mencionado que Mônica é coordenadora da Casa do Consolador, um centro onde, além de outras muitas atividades, ocorrem canalizações espirituais de uma extraterrestre de nome Sheila, proveniente das Plêiades.⁵² Durante o congresso eu dispunha desta informação de *background*, porque aquela era a terceira palestra proferida pela Dra. Mônica que eu assistia. E, muito embora uma delas tivesse tomado como tema os Agrolifos, as outras duas versavam sobre a temática das abduções. Portanto, a narrativa de Mônica que apresento em seguida, reiterava pontos cuja ocorrência eu já havia notado nas palestras anteriores.

Ela se apresenta como alguém que desde a primeira infância tinha contatos de natureza mediúnica. O primeiro deles foi com o seu avô, a quem era muito apegada e recentemente havia falecido. Passado algum tempo, o seu avô lhe comunicara que não poderia mais entrar em contato com ela, mas informa que um “amiguinho” a acompanharia. Este “amiguinho” Mônica descreveu como uma entidade que ela ainda não poderia conceber como um extraterrestre, mas, de acordo com a homologia que naquele momento pôde fazer, tratava-o por “Gasparzinho”, visto a semelhança com o personagem do desenho animado que ela assistia.

Estas foram as primeiras experiências, mas não as únicas, continuou Mônica. Ao longo de sua vida foi levada por *aliens* para a nave por algumas vezes e se recorda de terem lhe oferecido um sorvete com sabor de creme durante a sua estada junto aos extraterrestres. Estes, conforme a ufóloga, eram da raça Grey, acerca dos quais merece ser feita uma breve nota: os

⁵²Estive na “Casa do Consolador” em meados de 2013, durante uma temporada passada em São Paulo, com vistas a entrar em contato com os ufólogos em atividade ali. Nesta ocasião, entrevistei a Dra. Mônica, quem me atendeu com bastante acolhimento. A entrevista gravitou em torno da distinção entre ufologia mística e ufologia científica e se passou em uma sala anexa ao centro. Enquanto conversávamos, os trabalhos espirituais prosseguiam e, ao mesmo tempo, o auditório estava inteiramente lotado. Nos corredores pessoas distribuíam porções de pipoca e sopa.

extraterrestres da raça *Grey*, a literatura ufológica e os casos narrados durante os congressos, os descrevem como seres de baixa estatura, com coloração da “pele” cinza chumbo ou marrom⁵³, cabeça “desproporcional ao corpo” e olhos avantajados. Os Greys em algumas versões seriam uma raça que praticou a clonagem dos seus indivíduos de modo descuidado, o que fez com perdessem em variabilidade. Em outras versões, seriam uma raça híbrida, às vezes descrita como um tipo ciborgue, comandada por outra raça, os Nórdicos.

Depois comentar sobre os Greys, Mônica teceu alguns comentários sobre a natureza de suas experiências com a abdução. Estas foram de “corpo físico e espiritual” e ganharam com tempo um tom cotidiano em sua vida. Ademais, aparentemente os extraterrestres nunca lhe importunaram verdadeiramente, salvo em uma ocasião quando saiu do banho e avistou um *alien*. Então exclamou: “Abdução de toalha, não!”, produzindo gargalhadas no auditório.

Nas linhas acima, mencionei que a Dra. Mônica sustentava uma teoria particular sobre a abdução, conectada a uma taxonomia das raças alienígenas. Foi este corpo de saberes aquilo que compôs a segunda parte de sua palestra, que em seguida descreverei.

Antes, porém, desejo acrescentar que nem todos os pontos levantados pela palestrante tem uma dimensão partilhada entre outros ufólogos. O que estou salientando – assim como o fiz quando mencionei que ela dispunha de uma teoria “própria” sobre a abdução – é que o conteúdo de sua palestra, formada segundo um *assemblage* de narrativas pessoais e de uma articulação particular de temas e hipóteses que gravitam nos meios ufológicos, nem sempre estará de acordo com a visão que outros especialistas tem sobre o tema.

No entanto, isto não faz da pesquisadora Mônica Medeiros um caso muito distinto tendo em vista a própria relação que a ufologia estabelece com a associação entre relatos pessoais e

⁵³ Os extraterrestres que teriam sido capturados em Varginha por militares em 1996 dispunham de pele com tonalidade marrom.

generalizações de maior amplitude. Os testemunhos pessoais apresentados durante os congressos não apenas reproduzem informações que outros pesquisadores apresentaram. Na maioria dos casos eles fomentam interações com eles, que sugerem mudanças significativas a partir da observação do comportamento dos extraterrestres com os quais se teve contato, seja ele direto ou por meio de narrativas de outros.⁵⁴

Nesse sentido, a discussão que entabula Mônica Medeiros guarda relações com outras produções no seio da ufologia, muito embora nem sempre elas coincidam com o que tenha aparecido em publicações no campo ou em outras palestras.

Seu primeiro apontamento, por exemplo, consistiu na afirmação de que, “enquanto os *Greys* nos dariam evolução, nós – humanos – os forneceríamos os sentimentos”⁵⁵. Este seria, de acordo com Mônica, o moto para os projetos de hibridação entre esta raça alienígena e os humanos. Mônica se valeu de sua formação como médica para apresentar, fazendo uso de jargão técnico, algumas imagens seguidas de explicações. De acordo com ela os primatas humanos e não humanos teriam um ancestral comum, fato que sugere ser comprovado pelo projeto Genoma, de acordo com o qual não há uma grande diferença entre os outros mamíferos e humanos. Portanto, assegura a médica, o nosso planeta têm “uma identidade de DNA”. O mesmo fora introduzido na raça humana “por gente de fora”, o que se nota pelo salto evolutivo implicado na diferença entre o *homo sapiens* e os seus antecessores.

Desta feita, de acordo Mônica, o *homo sapiens* não seria outra coisa além de um projeto

⁵⁴ Acerca dos abduzidos, Christopher Roth comenta que “Abductees and contactees are not just the stars of these new ufological communities; they are the experts. No educational background is necessary ; in fact, the pronouncements of other so-called experts are sidelined when real people who have interacted with real aliens are in the room. Their memories, theories, and intuitions are treated as (not necessarily true) “information”- an important an important and all- encompassing category in ufological discourse – and the people at these meetings are hungry for it.”(Roth,2005:68)

⁵⁵ Notas tomadas durante a palestra.

de hibridação levada a cabo pelos nibiruanos⁵⁶. As “evidências” deste processo, recapitulando a tese dos alienígenas do passado⁵⁷, estariam nas diversas representações pictóricas contendo iconografias de seres não humanos. Depois de mostrar uma vasta gama destas imagens, compreendendo muitas pinturas rupestres, Mônica forneceu uma interpretação para os processos de abdução e contato experimentados por muitos humanos, qual seja: “Os *Greys* são uma raça extraterrestre que busca uma renovação de laço. De nós eles desejam ‘o afeto’”⁵⁸ Ora, ainda que os *Greys* percebam nos humanos um tipo de potencial renovador, tal empreitada parece ser complicada por algumas características da “humanidade”: “ela é refém de suas crenças; do esquecimento da verdade; e do predomínio da matéria.”

Do projeto de hibridação levado a cabo pelos Greys, por meio de abduções de pessoas e da posterior extração de material reprodutivo delas – no caso das mulheres retiram-se óvulos e dos homens sêmen⁵⁹ –, de acordo com Mônica Medeiros resultam duas classes de seres que, posteriormente, são enviados à Terra: os Indigo e os Cristais. Acerca dos primeiros, a palestrante observou que são híbridos com o potencial intelectual aumentado e “têm um desejo de compreender”. Exemplos de Indigo seriam Leonardo da Vinci e Nikola Tesla. No caso dos Cristais, aquilo que os define seria a sua “capacidade para exercer o perdão” e os exemplos mencionados foram Jesus Cristo e Madre Teresa de Calcutá.

De minha parte, mesmo depois de frequentar os meios ufológicos desde o início da

⁵⁶ Os seres provenientes do astro Nibiru, sobre os quais não disponho de outros dados etnográficos.

⁵⁷ A tese dos alienígenas do passado sustenta que as “civilizações antigas” tiveram contatos com extraterrestres em um passado imemorial. Os últimos lhes apresentaram técnicas diversas e produziram seres híbridos, feitos a partir de humanos e aliens. No entanto, os humanos tomaram estes viajantes do espaço como Deuses e acabaram produzindo diversas obras iconográficas nas quais sobressaem formas similares a extraterrestres. Outro ponto sugerido para sustentar esta tese, consiste na construção de edifícios ou grandes obras que, de acordo com os teóricos dos alienígenas do passado, não seriam tecnicamente possíveis sem a ajuda dos extraterrestres. O caso modelar a este respeito é a construção das pirâmides.

⁵⁸ Novamente faço uso de notas.

⁵⁹ A produção ufológica sobre a extração de material reprodutivo humano por extraterrestres com vistas a produzir híbridos é vasta. Vale lembrar, a título de exemplo, o livro “Intruders”, assinado por Budd Hopkins, no qual o autor analisa uma variedade de casos de abdução nos quais o elemento recorrente é este.

pesquisa de doutorado em 2011, além de ter tomado contato com a produção brasileira e internacional sobre a pleora de temas sobre a qual ela se debruça, nunca ouvira qualquer menção a esta distinção antes da fala da Dr. Mônica e suspeito que este fosse o caso das demais pessoas presentes, dado o número de perguntas sobre as crianças Indigo e Cristais ao final da apresentação. Mas, ao mesmo tempo, devo dizer que não é incomum que se ignore categorias empregadas pelos palestrantes, dada a própria economia de produção dos relatos. Ora, se as raças extraterrestres são muitas e os “indivíduos” que operam as naves tem traços diferentes, além das situações de contato não serem sempre iguais, é natural que ao reportarem o encontro os ufólogos apresentarão dados diferentes.

Mas o ponto comum entre os testemunhos – ponto que reverbera nesta palestra – é que a sua composição se fez ao modo de um *assemblage*, de um sobrepor de elementos em conexão, com vistas a dialogar com um conjunto de experiências particulares – as abduções pelas quais a palestrante passou - , mas que na ufologia tem uma valência ampla. E esta composição lança mão de diferentes repertórios à disposição dos ufólogos, alguns quase canonizados, como a mencionada teoria acerca da hibridação produzida pelos *Greys*, ademais da tese sobre os alienígenas do passado.

Sobre a última, o seu trajeto no interior da ufologia brasileira é vasto. Para os objetivos da discussão que venho entabulando é suficiente a apresentação desta breve introdução ao tema. A tese dos alienígenas do passado é recorrentemente lembrada como tendo sido exposta pelo suíço Erich Von Däniken, em um livro publicado em 1968 com o título de “Eram os deuses astronautas? Mistérios não resolvidos do passado”. Paul Jorion, no artigo *La vérité (athropologique) sur les extraterrestres* (Jorion,2001) resume de maneira precisa o seu argumento:

La démarche intellectuelle dont il procède s'analyse en réalité assez facilement. Il prend comme point de départ une collection d'énigmes situées dans un passé très reculé, par exemple : la vision qu'eut Ézéchiél d'un véhicule dont les quatre roues (en contenant d'autres, emboîtées) projetaient des faisceaux lumineux et d'où débarquaient des créatures rutilantes pareilles au bronze patiné, munies de quatre ailes, dont les pieds étaient semblables à ceux des veaux, qui possédaient des rudiments de mains et dont les quatre visages étaient, devant celui d'un homme, à gauche celui d'un boeuf, à droite celui d'un lion et derrière celui d'un aigle ; la présence, dans la plaine de Nazca au Pérou, de longues droites tracées dans la caillasse, et dont l'agencement global ne se devine que vu d'une certaine altitude ; la mention, chez Platon, de l'existence passée d'une île aujourd'hui engloutie, l'Atlantide; et autres curiosités intrigantes. Rappelons que, du point de vue de l'actualité, von Däniken se distingue des autres auteurs ovnistes qui, eux, ne s'intéressent qu'aux manifestations contemporaines ou très récentes des extraterrestres. L'auteur suisse pense que le mystère de toutes ces énigmes pourrait se dissoudre si l'on postulait comme explication de chacun des faits inexplicables la visite ancienne de voyageurs célestes. L'hypothèse se révélant dans chacun de ces nombreux cas, sinon éclairante, du moins plausible et à même de dissiper une partie des ténèbres, von Däniken en infère sa probabilité : la possibilité de la présence d'extraterrestres dans chacune de ces circonstances – où ils constituent la cause efficiente manquante – parvient, du fait de sa récurrence, à accéder au statut de preuve.(Jorion,2001:201)

Nos primeiros capítulos deste livro, que inaugurou a área da ufoarqueologia, Däniken observa que apesar dos pesquisadores acadêmicos terem feito um grande esforço para compreender o “nosso passado”, os resultados de tais tentativas ainda parecem ser inconsistentes diante da capacidade técnica demonstrada pelos “antigos”. Basicamente seu argumento consiste, como notou Jorion(2001), em afirmar que obras monumentais como pirâmides, grandes mapas cartográficos e estátuas feitas de pedras de tamanhos gigantescos, não poderiam ser produzidas pelas “sociedades antigas” caso estas não tivessem a ajuda de astronautas vindos do espaço.

Segundo a leitura de Däniken, estes primeiros astronautas seriam os doadores originais da ciência – na medida em que ensinavam a estes povos as técnicas de produção; da política, uma vez que elegiam os mais inteligentes entre os humanos como reis; e ainda de novos tipos de humanos, pois de acordo com o autor, algumas mulheres foram fertilizadas com o material reprodutivo proveniente dos alienígenas.

A teoria dos astronautas antigos se apresenta, portanto, como uma tentativa de compreender os “espaços vazios da história humana”, ao nos conduzir a um passado imemorial.

Note-se, contudo, que não se trata aqui de um passado sem humanidade, mas sim de um passado sem o *homo sapiens*, ele próprio uma das “realizações” das ciências extraterrestres. Ainda de acordo com Däniken, a *religião* seria um subproduto de um mal entendido: enquanto os astronautas antigos estavam apenas tentando reabastecer as suas espaçonaves, estes primeiros terrestres os tomaram como deuses vindos do céu.

O mais interessante da obra de Däniken é a maneira segundo a qual articula o seu método de prova. Trata-se de expor o leitor a conjuntos documentais massivos de diferentes partes do mundo, tratando-os como evidências da presença alienígena alguns desenhos ou imagens que contenham humanoides que se assemelhem a um extraterrestre.

Mas o que chama a atenção na obra de Däniken, além da teoria apresentada acima, é uma forma particular de apresentar informações. O conjunto documental acumulado e, posteriormente apresentado como o embasamento de sua tese, de certo modo é replicado nas palestras ufológicas, nas quais também vigora o mesmo método.

Este se expressa por meio da apresentação seriada de slides, contendo dados, gráficos e imagens, em relação aos quais a atitude comum não é uma interpretação que os sujeite aos seus imperativos contextuais, mas a eleição de um traço que seja capaz de colocá-los em conexão com os outros eventos, de forma a conferir à tese apresentada maior gravidade e “embasamento”.

Entretanto, este modo de apresentação, que se define por grandes movimentos na história e no tempo, conectando, por exemplo, uma abdução de um extraterrestre à trajetória dos humanos na Terra, não se configura enquanto a única modalidade de produção das palestras em ufologia. Há outros meios de lidar com os “casos”, aos quais se recorre com alguma regularidade.

Anne Cross (2000), em sua etnografia sobre a relação entre a ufologia e a “Ciência” nos Estados Unidos, chama atenção para um arranjo muito específico na apresentação de suas pesquisas pelos ufólogos:

Many researchers structure their research and their conference lectures completely around witness accounts on their own experiences. (Cross,2000:54)

Na página seguinte, complementa:

This emphasis on storytelling stands, of course, in pointed contrast to impersonal modes of mainstream scientific data collection, which occurs in a lab, or by way of a rigid research projects. (Cross,2000: 55)

De fato, como observa Cross, há na ufologia uma modalidade de comunicações que privilegia os relatos "autobiográficos" (Cross,2000:63), apresentados segundo o modelo de uma “estória”. Inegavelmente, este é um traço de muitas palestras, passíveis de serem caracterizadas por uma narração abastecida com *slides* contendo imagens, vídeos e reproduções de gravações. É diante desta constatação que se pode sustentar que se a noção de “caso” figura na economia conceitual ufológica como um tipo de pedra angular, o modo de apresenta-lo é, sobretudo, o testemunho ou a estória.

Mas mesmo constatada a sua centralidade, não me parece que em todas as ocasiões o modo de apresentação se coloca em aberta oposição aos “modos impessoais” aos quais se refere Anne Cross. Decerto que no I Fórum Mundial de Contatados algumas palestras eram dotadas deste traço, mas isto não ocorria em todas, como terei a oportunidade de mostrar.

A comunicação da Dr. Wellaide Cecim de Carvalho⁶⁰, por exemplo, começou do seguinte modo: “É a primeira vez que palestro sobre este tema. Eu tenho um grau de isolacionismo. Quando eu cheguei na Ilha de Colares eu tinha 22 anos e dias de formada.”⁶¹ (Palestra – I Fórum

⁶⁰ Dedico toda uma seção do capítulo seis ao testemunho da Dra. Wellaide Cecim Carvalho sobre o Caso Colares. Portanto, as minhas notas sobre a sua palestra são apenas marginais, considerando que o tema será tratado com mais profundidade em outra ocasião.

⁶¹ Notas tomadas durante a palestra.

Mundial de Contatados)

Já a palestra de Asís, contatado peruano convidado para palestrar no evento, assumiu completamente o tom de uma narrativa autobiográfica entrelaçada a uma mensagem transmitida pelos extraterrestres convidando-nos a um “despertar de consciência.” No caso de Asís, os extraterrestres estão presentes em sua vida desde o seu nascimento, em 1974, quando uma nave se aproximou do carro dos seus pais. Em 1982, quando tinha 7 anos teve um contato visual com óvnis que estavam próximos ao seu edifício e começaram a girar sobre os próprios eixos. O contato se repetiu em 1993, quando ingressou na universidade, fazendo com que ele se perguntasse: “Por que tantas vezes vi objetos voadores?” A resposta dada pelo palestrante foi a seguinte: “Quanto mais se investiga, mais perto eles ficam.”

Após narração de suas experiências na infância e na juventude, o contatado passou a falar da natureza das mensagens que vinha recebendo: os extraterrestres transmitiam imagens da Terra sem vida e se lamentavam do fato de a estarmos destruindo. Em seguida, muitas fotos de seus contatos programados foram mostradas, contendo pequenos círculos que figuravam como indicações dos objetos no céu. Asís terminou a sua palestra falando dos seus objetivos. De acordo com ele era necessário promover o contato interno em um primeiro momento para, em seguida, passar ao contato externo. A mensagem final consistia em uma admoestação ao perdão e ao desapego material:

Promover a paz, o amor e o perdão. Não deixe de sonhar. Todos somos um, parte de Deus. Você é infinito. Melhore-se constantemente.⁶² O material fica. (Palestra de Asís no I Fórum Mundial de Contatados)

A palestra do ufólogo Marco Antônio Petit em parceria com a contatada Bianca, como se poderá notar em seguida, também seguiu uma estrutura similar. Nesta ocasião, Petit se colocou na posição de apresentar o caso Karran àqueles que ainda não o conheciam, reservando a

⁶² Notas tomadas durante a palestra.

participação de Bianca às repostas às perguntas do auditório. Ele iniciou perguntando à plateia sobre o seu conhecimento acerca do caso. Como poucas pessoas responderam positivamente, resolveu apresentá-la.

De acordo com Petit, em 1979 ele já vinha estudando o “fenômeno UFO” e o caso Karran foi a peça complementar para que ele pudesse desenvolver a tese da “origem extraterrestre da humanidade”. Neste ano, contava-nos o palestrante, a palavra abdução não era muito popular na ufologia e ele defendia a hipótese de uma intervenção genética alienígena, que teria dado origem aos humanos. No entanto, após entrar em contato com o episódio vivido por Bianca, além de outro caso similar, passou a ter contato com a visão dos tripulantes das naves sobre a questão ufológica.

O caso Karran, segundo a narrativa de Petit⁶³, ocorrera do seguinte modo:

Em 1976, Bianca e seu companheiro Hermínio viajavam de carro do Rio de Janeiro para Belo Horizonte. A estrada não estava completamente concluída e Hermínio, quem dirigia, sentiu vontade de descansar. Pararam o carro e Hermínio dormiu, mas Bianca ficou acordada. De repente, ela viu um balão de festa junina (“balão japonês”) e ficou observando o objeto. Instantes depois ele sumiu. Hermínio continuava dormindo, mas em algum momento Bianca se assustou, porque teve a nítida impressão de que algo caía sobre o carro. Tomada de pavor, ela acordou o companheiro e se deu conta de que não havia nada caindo, mas sim que o carro estava sendo levado para um óvni. Quando se deram conta estavam dentro de uma nave que, por sua vez, ingressou em outra maior. O casal permaneceu no carro e alguns seres se aproximaram. Como Hermínio naquela época frequentava a igreja das Testemunhas de Jeová, tentou “exorcizá-los”.

⁶³Estou me detendo na narrativa apresentada por Petit sobre o caso. Há outras versões disponíveis.

Karran, um dos tripulantes da nave, ficou observando a tentativa de Hermínio e não fez nada. Posteriormente, Bianca notou que um daqueles seres estava falando com ela. A partir deste ponto Petit resolveu resumir o caso e observou que eles ficaram dois dias dentro da nave, em contato direto com o ser Karran e dele tiveram a oportunidade de receber muitas informações.

A mensagem apresentada pelos ufonautas consistia na informação de que os humanos eram os descendentes de 11 raças de seres com aspectos humanos, “mas que trabalhavam em todo universo.” As referidas raças procuravam mundos mais jovens que pudessem ser colonizados e um dos planetas escolhidos foi a justamente a Terra, onde os companheiros de Karran passaram a introduzir formas de vida de seu planeta de origem, que aqui evoluíram.⁶⁴

Durante este período de “colonização” o Sol passou a se comportar de modo estranho, o que resultou na morte da população terrestre. Houve um período de inverno solar e durante 3000 anos as populações que colonizaram a Terra ficaram impedidas de voltar aqui. Durante este termo, aqueles deixados na Terra entraram em um processo de “barbárie”.

Quero chamar atenção para aquele que entendo como o sendo o ponto alto desta narrativa, a saber: a relação entre a abdução e o esquecimento.⁶⁵ Durante a estadia na nave, Karran pediu a Bianca que tomasse uma bebida. Segundo ele esta seria um remédio para fazer com ela esquecesse de toda a mensagem. Bianca, por seu turno, se recusou a tomá-la, contrariando os seus conselhos de que caso aquela estória fosse contada quando voltasse à Terra, seria chamada de louca.

Depois dos aplausos do público e dos agradecimentos mutuamente prestados, passou-se às perguntas dos participantes dirigidas à contatada. Não tenho aqui condições de apresentar tudo o que foi perguntado, mas as questões passavam por pedidos de informação sobre o local de

⁶⁴ Note-se que a narrativa se remete a um passado anterior à presença dos humanos na Terra.

⁶⁵ Como se vê, Bianca é ao mesmo tempo contatada e abduzida.

onde o povo de Karran se origina e qual é o seu estilo de vida, se havia mulheres na nave, os motivos de a terem escolhido, sobre o modo como viajam no espaço, sobre o aspecto físico do abductor⁶⁶, sobre o esquecimento das vidas passadas e ainda acerca do número de encontros que tivera.

*

O regime da comparação

Se as palestras de Asís, Wellaide Cecim Carvalho, Bianca e Petit assumiram um tom autobiográfico, em sintonia com aquilo que Anne Cross notou sobre os congressos ufológicos que frequentou nos Estados Unidos, outras se direcionaram a uma tentativa de dialogar com o tema dos óvnis segundo modos diferentes. Neste tópico, apresento duas comunicações nas quais prevaleceu a tentativa de submeter as experiências ufológicas a esforços comparativos, sujeitando-as a classificações e a caracterizações que ambicionam a criação de tipos. Contudo, apesar de operar com esta distinção entre o domínio do testemunho e o regime da comparação, convido o leitor (a) a notar que não se está aqui em face de modos completamente opostos de lidar com o tema.

Durante a apresentação da pesquisadora Gilda Moura, Ademar Gevaerd ressaltou que ela tratava o fenômeno desde um prisma científico. Gilda Moura é uma psicóloga carioca, especialista em abduções e contatismo, que goza de bastante respeito nos meios ufológicos, não apenas pela qualidade dos livros publicados, mas por sua longa história de envolvimento com o tema.

⁶⁶ Bianca respondeu a esta pergunta afirmando que Karran era um homem e este era o motivo pelo qual não aceitava que o chamassem de uma “entidade”.

Diferentemente das duas últimas comunicações que apresentei, Gilda Moura abriu a sua conferência observando algumas características dos contatados, quais sejam: são pessoas normais⁶⁷, mas bastante suscetíveis à hipnose; experimentam fenômenos paranormais; têm um forte sentimento de terem sido escolhidos e de avisar sobre catástrofes futuras; agem como se os humanos tivessem uma missão importante; sentem que a sua casa verdadeira “não é aqui.”

Depois de apresentar estas características, Gilda Moura discorreu sobre outros eventos que reuniam contatados, pontuando os seus comentários com notas acerca do que está implicado nas mensagens que eles veiculam: “O mais importante disto tudo é, na verdade, o fenômeno que nos faz questionar o que é a nossa realidade” (Palestra – I Fórum Mundial de Contatados)

Feita esta sugestão, Gilda Moura comentou que se concentraria na parte científica da palestra. Em primeiro lugar, segundo ela, o que as hipnoses realizadas com os contatados revelam é “[...] apenas a ponta do iceberg. O que realmente ocorre ninguém sabe.”(Palestra- I Fórum Mundial de Contatados) No entanto, durante a sua comunicação ela não se furtou de apresentar algumas características relativas ao “processo psicológico” do contatismo. Além das já mencionadas, o contato tem “um impacto na consciência”; provoca um tipo de êxtase; conduz a um sentimento de epifania; e promove a desestruturação da personalidade – “vai te desestruturar internamente para que você lide com esta vida, outras vidas... você vai querer viver tudo.”

Apresentadas as características do “processo psicológico”, Gilda passou então a discutir os “efeitos energéticos do contatismo”, a partir de uma comparação com pessoas que são capazes de entrar em transe mediúnico. De acordo com a psicóloga, foram “medidas” mais de 100 pessoas no Brasil em estado de transe e a conclusão posterior à leitura do resultado do exame de

⁶⁷ O termo “normal” foi empregado pela palestrante. Aqui eu apenas o reproduzo, assim como farei com as outras expressões utilizadas no curso da comunicação.

encefalografia, foi que “[...] só aqueles ligados ao fenômeno UFO chegaram ao estado super ativado dos frontais.”⁶⁸ (Palestra – I Fórum Mundial de Contatados) E os referidos resultados, comentou a palestrante, marcados por uma frequência alta nos lóbulos pré-frontais, são similares àqueles dos monges tibetanos que praticam a meditação por muitos anos. Isto demonstrava que as experiências de contatismo não só produzem mudanças na personalidade, mas parecem alterar a própria capacidade de funcionamento do cérebro, permitindo a pessoas que nunca estiveram ligadas à meditação, conseguirem resultados nos testes similares àqueles que o fizeram por muitos anos.

Como se pode notar, diferentemente das narrativas que se valem dos aspectos "autobiográficos" (Cross,2000:63) e do relatório sobre a forma como se deu a experiência com os extraterrestres, o congresso também acolheu pesquisadores que se colocam na posição de rastrear os efeitos do fenômeno em um grupo ou amostra. No caso de Gilda Mora, note-se que ela fornece um tipo de lista nosológica de traços dos contatados e compara os resultados de exames de encefalograma com os obtidos em outros grupos. Não se trata aqui de tentar estabelecer uma explicação para a relação dos contatados com os extraterrestres, tampouco se procurou na palestra sugerir meios para se assegurar que o “fenômeno”⁶⁹ ocorreu. O foco desta e das outras pesquisadoras que se dirigiram ao tema dos contatados é antes sobre os seus efeitos.

Evita-se, portanto, concentrar forças sobre um único caso de contato e tampouco tenta-se tecer interpretações sobre as intenções dos extraterrestres. Ao contrário, o foco se dirige sobre aquilo que os contatos são capazes de produzir, isto é, sobre quais alterações psíquicas eles encetam. E, para trabalhar neste diapasão, a palestrante recolheu informações extraídas de

⁶⁸A partir da argumentação que ocorre em seguida é possível entender que ela se refere aos lóbulos pré-frontais.

⁶⁹Salvo em uma observação na qual comenta que a tendência à sugestibilidade entre os contatados é pequena.

experiências de naturezas diversas, tentando então reconhecer padrões e estabelecer comparações com situações diferentes do contatismo.

Um exemplo deste ponto nós o encontramos em um artigo publicado pela referida palestrante na Revista UFO de número 21, intitulado Síndrome dos Contatados: “As técnicas que existem para detectá-la e pesquisá-la” (Moura, 1993)

Mas, finalmente, deixando de me preocupar se a experiência do abduzido era física ou não, procurei concentrar-me no seu trauma e, conseqüentemente, no seu drama, observando que eles passam por um processo evolutivo de consciência ao longo de suas vidas, e que este processo pode ser vivido de uma forma mais suave, se for entendido e o abduzido ajudado por pessoas ou profissionais que lhe estão próximos. (Moura, 1993:25)

Como já mencionei, é possível perceber um tipo de estratégia semelhante em outras palestras. A comunicação feita por Eduardo Grosso e Liliana Flota, em 16 de junho de 2013, pretendia tratar de um fenômeno similar, mas não coincidente com os casos de abdução e contatismo. Seu tema eram as visitas de dormitório, que os pesquisadores afirmaram investigar por mais de vinte anos e que, se em um primeiro momento tratavam como algo insólito que poderia se relacionar aos casos de abdução, nos anos 90, depois de uma onda de casos nos arredores de Buenos Aires, decidiram tomar como principal objeto de sua pesquisa.

Para caracterizar este fenômeno Grosso e Flota observaram que o que define as visitas de dormitório é o local onde ocorre o contato entre humanos e extraterrestres. Durante o encontro, algumas características são recorrentes: “problemas elétricos ocorrem nos aparelhos eletrônicos; aparecem esferas luminosas; não se consegue despertar o marido ou a esposa; luminosidade de cor azulada; rigidez muscular; som persistente no ouvido direito; manipulação da “vítima”; a testemunha está em um estado modificado de consciência; mentalmente se diz: fique tranquilo, você foi selecionado; a experiência não é cruel.” (Slides da Palestra - I Fórum Mundial de Contatados).

Os palestrantes além das referidas características também descreveram os seres envolvidos nas visitas de dormitório – há uma variação nos casos entre Greys, Nórdicos e seres Adamskianos.⁷⁰

Assim como fez Gilda Moura em sua palestra, os dois pesquisadores nos apresentaram algumas características das pessoas visitadas, os possíveis critérios de seleção das utilizados pelos extraterrestres e as modificações no organismo que tiveram lugar após o contato. Via de regra, de acordo com os pesquisadores, aqueles que passam por uma visita de dormitório, mesmo antes da visita, “tem um coeficiente intelectual superior à média” e dispõem do mesmo tipo sanguíneo.

Em seguida, foram mobilizados dados sobre as suas pesquisas quantitativas e também qualitativas. Além disso um caso foi trazido em seus detalhes, contudo, diferentemente da apresentação de um testemunho, o que se assistiu foi a tentativa de exposição aprofundada sobre um evento respectivo a uma pessoa de nome Gabriela.

Segundo os pesquisadores, Gabriela foi conduzida a um médico e passou por vários exames laboratoriais por seis meses todas as vezes em que foi visitada pelos extraterrestres. Os mencionados exames indicavam que sempre que eventos desta natureza aconteciam ocorria a inibição do ciclo de Krebs, o que gerava *stress*, alergias, doenças nervosas, patologias musculares e anemia. Notou-se então que a alteração desta rota metabólica visava modificar as mitocôndrias, com vistas a permitir a criação de seres híbridos com características humanas e não humanas.

⁷⁰ O extraterrestre que entrou em contato com George Adamski e a ele transmitiu uma mensagem, posteriormente se tornou uma classe na taxionomia de raças alienígenas. O mesmo pode ser dito da nave que ele tripulava. Recorrentemente se utilizam as expressões: “nave adamskiana” ou “ser adamskiano”.

Os pesquisadores argentinos concluíram a sua palestra notando que as famílias são escolhidas para serem visitadas “ pela compatibilidade genética e capacidade intelectual”, pois “[...] crê-se que se está diante da criação de uma nova espécie” (Palestra- I Fórum Mundial de Contatados)

Congressos ufológicos: rearticulação

Nas últimas seções deste capítulo tomei como tema o processo de preparação de um congresso organizado no bojo da ufologia, descrevendo os modos como a Revista UFO se comunica com os participantes, fazendo algumas observações sobre as estratégias de sobrevivência e manutenção de tais eventos e fornecendo certas notas sobre o caráter que este congresso assumiu – uma vez que a intenção da organização era, a princípio, reunir pessoas que tiveram experiências diretas com os seres extraterrestres.

Também procurei trabalhar com dois modos de apresentação das pesquisas em ufologia, observando que, ainda que vigore entre alguns ufólogos a modalidade “testemunho”, há também o uso de narrativas que se dirigem menos à produção de um relatório da experiência ufológica e mais a certa tentativa de discutir fatores gerais presentes nos casos.

Estas duas modalidades de lidar com a experiência ufológica, no entanto, são complementares. A primeira, pautada pela narrativa biográfica, coloca-se em relação à segunda, de modo similar à relação entre a fala do paciente e a interpretação do terapeuta. De fato, os contatados – caso assim se descreva – terminam passando duas vezes pela experiência da captura: pelos extraterrestres que examinam os seus corpos, implantam objetos e retiram material reprodutivo com fins de levar a cabo suas tentativas de hibridação; pelos outros ufólogos que se colocam na posição de pesquisadores destas experiências e que os submetem novamente ao

processo – seja pela entrevista com a agora “testemunha”, seja pela recapitulação das minúcias do caso usando técnicas de hipnose.

Jodi Dean (Dean,1998) chamou atenção para esta homologia com uma “forma terapêutica” que ufologia assumiu a partir do momento que os casos de abdução ganharam relevância. De acordo com a autora, a introdução do uso da hipnose como forma de atingir a “a verdade sobre o contato” , ou para reconstruí-lo em detalhes, desligou a atividade do ufólogo do avistamento imediato. A partir do relato do contatado ou do abduzido, passa a ser possível estudar um caso sem ter estado presente diante de qualquer entidade extraterrestre. Há ainda outra questão: segundo Jodi Dean o foco nos casos de abdução desloca o problema de se saber se aquilo que se viu é um artefato extraterrestre, uma vez que nestes casos a própria ausência de lembrança já é uma evidência de que algo ocorreu. Isto se deve ao fato de que entre aqueles que se debruçam sobre o tema da abdução é ponto comum que a ausência de recordações sobre o que ocorreu dentro da nave - o que normalmente é nomeado de "missing time" - é um indício do caráter real da experiência.

Antes de passar ao segundo capítulo, dedicado à etnografia de outros congressos dos quais participei e a tópicos que não apareceram com a mesma intensidade no I Fórum Mundial de Contatados, desejo observar que, se durante os primeiros momentos da preparação desta convenção a comunicação de Ademar Gevaerd com as listas de discussões e com outros meios de divulgação foram intensas, uma situação semelhante passou a ocorrer quando o congresso terminou.

No congresso havia tanto a cobertura de jornais locais, quanto de revistas com ampla circulação nacional. A variedade de matérias publicadas por eles motivou a Revista UFO a fazer

um boletim em sua *mailing list* contendo todas estas reportagens. Em uma mensagem enviada para lista online por Ademar Gevaerd este ponto ganha relevo:

Amigos, eu não consegui anotar a placa do "caminhão" que me atropelou neste final de semana, aqui em Floripa, onde ainda me encontro em estado misto de êxtase e exaustão.

Só o que sei é que o caminhão tinha umas 500 pessoas em cima, todas ávidas por nossas maravilhosas palestras, feitas pela elite da Ufologia de abdução e contatismo do Brasil e do mundo, 15 conferencistas que valem ouro.

Mas se eu não anotei a placa deste "caminhão", todos os veículos de comunicação da Santa e Bela Catarina anotaram em detalhes e publicaram em incontáveis matérias de jornais, TVs e sites, numa cobertura de imprensa poucas vezes vistas no país.

(Mensagem enviada para a lista da Revista UFO- Ademar Gevaerd - 18/06/2013)

Mais tarde, em um balanço do Fórum também enviado para as listas, o mesmo editor ressaltou a importância da imprensa e do volume de jornalistas, colunistas e repórteres presentes:

Havia muito tempo que não se via tamanho interesse tão completa cobertura a um evento de Ufologia como se deu com o Fórum Mundial de Contatados. Simplesmente estivemos durante todo o final de semana em todos os jornais de Santa Catarina, todas as TVs e rádios, além de incontáveis espaços de colunistas, blogs e sites de notícias. A rede RBS, que é a Globo da Região Sul, por exemplo, praticamente "acampou" no evento e fez uma excepcional cobertura de todos os seus momentos, com matérias imparciais, sérias e comprometidas. Meu agradecimento e cumprimentos aos profissionais da imprensa catarinense pelo belíssimo trabalho. (Mensagem enviada para a lista da Revista UFO – Ademar Gevaerd – 19/06/2013)

Nas duas mensagens seguintes, fotos e indicações de links de outras notícias não compiladas foram requisitadas aos participantes. No entanto, em 23/06/2013 o tom do editor em relação a uma das revistas que publicara uma matéria sobre o congresso assumiu um ar mais grave diante do comentário do jornalista responsável, para quem o evento teria assumido uma postura mercantilista. Como resposta, uma carta foi enviada à redação da Revista Carta Capital, a qual eu reproduzo integralmente, considerando que ela dialoga claramente com vários pontos para os quais tentei chamar atenção:

Senhores.

Lamentei o tom da reportagem "A Convenção dos Contatados", da seção Brasileira de 26 de junho. O repórter Willian Vieira parece ter perdido a rara oportunidade de retratar com mais realismo o que viu – ou poderia ter visto – no

singular e inédito evento I Fórum Mundial de Contatados, uma promoção da Revista UFO realizada em Florianópolis, de 14 a 16 de junho, sob minha coordenação.

*A reportagem apresenta o panorama do evento de forma infeliz retratando, de um lado, os participantes como uma multidão de alienados e, de outro, os organizadores como um grupo mercantilista. Talvez por excesso de senso crítico, ignorância ou mesmo ceticismo quanto ao assunto, o repórter pareceu desconhecer os mecanismos por trás da realização de um evento, seja da natureza que for. Por isso esclareço que o clima que ele definiu de “grande bazar ufológico”, que assim viu por haver um número de bancas vendendo produtos, somente existiu para que tais vendas cobrissem os enormes custos de realização do Fórum. Um evento sobre qualquer assunto exige investimentos e estes, quando não se tem patrocinadores, saem do que se consegue vender nos mesmos. Souvenires como camisetas e canecas, aliás, estão em encontros de qualquer tema. Por que o espanto?*⁷¹

O público levado ao evento na ocasião, que o repórter parece ter lamentado que “esteja disposto a pagar passagens, hospedagens e inscrição”, é composto por pessoas esclarecidas e, em sua maioria, de sólida formação educacional e posição profissional, que encontraram no I Fórum Mundial de Contatados a oportunidade de buscar respostas as suas perguntas mais íntimas quanto as experiências que viveram. Aliás, o evento contou, de um lado, com pessoas que têm as mesmas experiências para relatar, os ditos contatados, e, de outro, com estudiosos nacional e internacionalmente reconhecidos por seus estudos a respeito do tema. Basta que se veja seus currículos.

O repórter Willian Vieira retratou de maneira especialmente fantasiosa a razão da realização do evento, simplificando-a de maneira absurda e relegando-a “uma forma de azeitar as engrenagens do negócio”. Isso é uma verdadeira afronta. Citadas entre aspas, o profissional quer dar a entender que esta e outras são falas minhas, mas isso não é verdade. Eu não somente não falei o que se publicou como repudio a publicação. O I Fórum Mundial de Contatados teve objetivos imensamente maiores, mais complexos e mais sociais do que faz supor o repórter – era só ele querer ver.

Por fim, também é mentirosa a citação a mim atribuída, igualmente entre aspas, de que eu busco “uma fonte extra de renda para manter meu hobby”. A Ufologia não é e nem nunca foi um hobby para mim, mas uma atividade que abracei com paixão ainda adolescente e que pratico com muita firmeza e honestidade até hoje, sendo por isso e pelos resultados disso reconhecido pela Comunidade Ufológica Brasileira e Mundial Neste período de dedicação ao tema eu criei e ainda mantenho a revista de Ufologia mais antiga do planeta, a UFO, fruto de um trabalho esforçado e constante em busca de respostas para um tema ao qual, hoje, até mesmos governos e meios militares se referem com a máxima seriedade, a presença alienígena na Terra.

Ademar José Gevaerd (Mensagem enviada para a lista da Revista UFO –
Ademar Gevaerd – 23/06/2013)

A partir desta manifestação do Editor da Revista UFO, gostaria de sugerir aqui que a própria duração da ufologia, enquanto domínio do saber para qual o empenho mais significativo

⁷¹ Grifos Meus.

talvez constitua a ampliação do interesse e legitimidade do tema da vida extraterrestre, depende também de movimentos similares àquele contido nesta resposta.

A presença de numerosos veículos de comunicação no I Fórum Mundial de Contatos por um lado contribuiu para que a ufologia atingisse um público maior que os canais na internet que a Revista UFO pode articular, por outro lado, continha um componente de risco, qual seja: a apresentação do evento e dos seus participantes a partir de um apelo a qualificativos jocosos, de descrições que procuravam apresentar o congresso como uma reunião esdrúxula e da sobrerepresentação dos seus aspectos mercantis.

O tema da carta de Gevaerd se dirige exatamente aos últimos. Trata-se de uma defesa do congresso que não apenas observa ser corriqueira a venda de materiais em congressos organizados por outras associações – abordando temas não ufológicos – , como repreende fortemente o repórter encarregado da matéria. Tal resposta, no entanto, não foi a única "saída em defesa" da ufologia que testemunhei sendo propagada por Ademar Gevaerd.

Ao contrário, estas respostas são antes uma prática corriqueira, normalmente marcadas pela tentativa de defender a ufologia de ataques provenientes de sítios na internet dedicados a "revelar farsas" e de acadêmicos que concedem entrevistas em jornais insinuando a fragilidade de casos ufológicos entendidos como significativos.

Gevaerd certamente encampou a tarefa de responder à referida publicação porque foi a Revista da qual é editor quem organizou o evento, mas também o fez porque no arranjo de relações a partir da qual a ufologia brasileira tem se constituído, ele parece ser um tipo de *spokesman*⁷², um porta voz que é capaz de falar em nome de todo um campo.

⁷² Detalharei este ponto no capítulo quatro, no qual trabalho com a entrevista concedida por Gevaerd e com os arquivos da Revista UFO.

Nas linhas acima já mencionei que ele normalmente utiliza o termo "Comunidade Ufológica Brasileira", uma expressão que, ao mesmo tempo em que figura como a "descrição de um estado de coisas", também trabalha para criá-lo. Também observei que a organização de um evento deste porte - especialmente para que se possa falar em nome da ufologia - exige a articulação de interesses, por vezes, heterodoxos. Notei na descrição que havia entre os palestrantes no congresso pessoas com orientações e estilos de engajamento com o tema absolutamente diversas. Desta feita a própria montagem de uma conferência que se dirigia exclusivamente ao tema dos contatados, como foi observado, não parece ser tão simples como a preparação de uma reunião focada em outros temas.

Entre outros elementos que permitem a Ademar Gevaerd falar em nome "de", note-se também a habilidade para conseguir recursos – chamei atenção para a presença de um apoiador privado –, a variada rede de contatos com ufólogos internacionais - Gevaerd, atualmente, é o único ufólogo brasileiro que é chamado para dar conferências fora do país - , o poder da editoração da maior publicação sobre o tema em circulação - e, atualmente, a criação de um grupo para financiar as próprias pesquisas no campo.

Estes traços ora anotados, me autorizam a apresentar o Editor da Revista UFO como um tipo de porta voz da ufologia, com quem noto algumas semelhanças com algumas figuras que outrora foram pontos de partida para análises no campo da antropologia da ciência.

Embora o tema do capítulo três do livro "A esperança de Pandora" (Latour,2001), assinado por Bruno Latour, seja uma discussão acerca da noção de *translação*, o "personagem" central que o compõe é o cientista francês Joliot. Segundo Latour é Joliot aquele quem faz passarem a fissão nuclear, o poder bélico francês, o futuro da França, a água pesada e os cientistas alemães por seu laboratório. É ele quem, por diferentes meios, coloca as cadeias de

translação em movimento, com vistas a "... manter juntos todos os fios e arrancar favores de todos, nêutrons, noruegueses, deutério, colegas antinazistas, americanos, parafina..." (Latour, 2001: 108) É Joliot quem dispara os dispositivos de "interessamento" de actantes humanos e não humanos, modificando os seus cursos, convencendo-os a cooperar e, ao fazê-lo, transformando os seus próprios interesses.

Latour, ao discutir o caso da fissão nuclear no laboratório de Joliot no College de France, enumera seus principais movimentos. São eles a "mobilização do mundo" - a capacidade fazerem gravitar estes outros objetos em torno do seu laboratório - , "a autonomização" - a criação de critérios próprios de avaliação e relevância - , "as alianças", "a representação pública" e a "descoberta da fissão nuclear" - o seu núcleo que, nos termos de Latour, é aquilo que mantém estes elementos juntos.⁷³

Outra descrição que opera a partir da centralidade de actantes que, de alguma forma, dão início ao processo de "interessamento", aparece no texto de Michael Callon intitulado *Some elements of a sociology of translation: domestication of the Scallops and the fishermen at the St. Briec Bay* (Callon, 1986). Neste artigo, que consiste na discussão de um caso de intersecção entre cientistas, pescadores e os Scallops com vistas a lidar com a diminuição do volume dos pescados na baía de St. Briec, Callon chama atenção para a centralidade da atividade dos cientistas com vistas a interessar - promover a interposição - entre actantes com intenções diversas:

Interessement is the group of actions by which an entity (here the three researchers) attempts to impose and stabilize the identity of the other actors it defines through its problematization. Different devices are used to implement these actions. (Callon,1986:)

⁷³ Estes elementos aparecem resumidos na figura 3.3 em (Latour,2001:118)

Em face dos exemplos aportados por Latour (2001) e Callon (1986), Ademar Gevaerd parece figurar em uma posição semelhante àquela de onde partem Joliot e os três pesquisadores empenhados em retomar a produção de Scallops na Baía de St. Brieuc. De um modo similar, Gevaerd precisa interessar diferentes actantes, fazendo-os passar pela “Comunidade Ufológica Brasileira”, precisa dar início ao movimento que Callon (1986) e Latour (2001) descrevem como um processo de translação:

To translate is to displace: the three untiring researchers attempt to displace their allies to make them pass by Brest and their laboratories. But to translate is also to express in one's own language what others say and want, why they act in the way they do and how they associate with each other: it's to establish oneself as a spokesman. (Callon,1986:19)

Início o próximo capítulo recuperando este ponto que, a um só tempo traduz a importância do Editor da Revista para a ufologia brasileira, como pondera que para este domínio pudesse continuar a florescer foi preciso que ele não só articulasse aliados, como encontrasse meios de promover outros os eventos ufológicos. Em relação aos últimos importa remarcar que a sua organização frequente – especialmente nos últimos dois anos – torna-os instâncias nas quais a ufologia encontra meios de se renovar.

Capítulo 2 - No itinerário dos congressos ufológicos

No primeiro capítulo argumentei que a existência da “Comunidade Ufológica Brasileira” – entendida menos como um grupo e mais como um processo de formação – depende de uma constante atividade levada a cabo pelo Editor da Revista UFO e pela sua equipe. Em certo sentido, todos os seus movimentos intencionam fazer passar os discos voadores, os ufólogos, os contatados e outros dispositivos pelos congressos que realiza. Tenho mostrado que para Ademar Gevaerd poder falar em nome da “Ufologia” na qualidade um porta voz – de um *spokesman* –, foi preciso entrar em relações diplomáticas com financiadores, com a mídia, com aqueles virtualmente interessados no tema e com os demais ufólogos brasileiros.

Desta feita, a descrição do congresso outrora apresentada preferiu gravitar em torno dos “quefazeres terrestres” e apenas de passagem endereçou temas talvez tomados como sendo de maior gravidade pelos ufólogos, quais sejam: aqueles que se prolongam além da Terra, mas que contém um potencial para torná-la outra. Eu me refiro aos saberes extraterrestres, aos traços de suas ações, às suas diferentes raças e aos seus modos de engajamento com os humanos.

Desejo observar que estes temas, quando apareceram na primeira parte do capítulo, o fizeram articulados na narração da teoria de uma ufóloga sobre as abduções extraterrestres, na fala de uma contatada sobre a sua “própria experiência”, ou nas aproximações teóricas sobre o tema das visitas de dormitório pelos pesquisadores argentinos.

Além do mais, todas as vezes que eles se insinuaram neste texto, estavam mediados por comentários sobre a dimensão política implícita na prática ufológica, sobre as modalidades de apresentação das palestras mais ou menos vigentes e sobre os processo de representação pública ora articulados pelos ufólogos.

É importante mencionar que se o texto têm tomado o mencionado curso, isto é, aquele que opta antes por dialogar com os temas ufológicos mobilizados em situações pragmáticas, do que se demorar em uma espécie de *cartografia cosmológica* destes pesquisadores, isto se deve a uma opção deste trabalho. Isto é, em larga medida, optei por apresentar os temas ora citados a partir da articulação que deles fazem os ufólogos em suas falas, do que propriamente por uma seção separada da tese que fosse dedicada à tentativa de delinear supostas o seu maquinário mítico. Em última análise é este o motivo para se encontrar neste trabalho poucos trechos nos quais deixo-me descolar da vida mundana da ufologia, do seu "baixo mundo", para me haver com os problemas que a questão extraterrestre possa evocar. Se estes aparecerão nas próximas páginas, não serão em outros locais além daqueles nos quais os ufólogos os articulam.

Vale ainda comentar, que este segundo capítulo, de certa forma, continuará operando em acordo com esta orientação. Isto é, ela se voltará para a articulação pragmática destes temas entre os ufólogos, atendendo a indicação de Mol (2003) e de Law (2013) segundo a qual um boa praxiografia deve se ater às diferentes "coreografias dos objetos" (Mol,2002), isto é à sua performance na prática.

No caso que elegi para abrir este capítulo, o objeto não é um artefato extraterrestre. É antes uma imagem, um "artefato ufológico" no corpo da qual atravessou um caso de "disputa" entre ufólogos acerca da legalidade do seu uso fora do contexto para o qual fora montada.

*

Acusações de plágio

Pouco antes da segunda edição do II Fórum Mundial dos Contatados, que ocorreu em Curitiba segundo um formato similar ao evento de mesmo nome no ano anterior, foi divulgada na *mailing list* da Revista UFO um e-mail com o seguinte título: "Plagiaram o Fórum Mundial de

Contatados”. Tratava-se de uma mensagem escrita por Ademar Gevaerd endereçada aos membros da lista, na qual informava-nos em tom de protesto, que um grupo ufológico do estado de São Paulo, intitulado GEONI – Grupo de Estudos de Objetos Não Identificados, havia plagiado uma imagem produzida pela equipe UFO.

Gevaerd comentou que antes já havia negociado com GEONI a mudança de um evento ufológico que realizariam, uma vez que a sua data coincidia com a o II Fórum Mundial de Contatados. Contudo, reportou que ao acessar posteriormente a página do grupo em uma rede social, viu a imagem que usara na produção do evento de Florianópolis estava sendo empregada para divulgar o evento do GEONI. O plágio, nos seus termos, se estendia também sobre o slogan que produzira: “A história de quem esteve frente a frente com eles”.

E não apenas isso, o tal “posto avançado” do GEONI, tendo no comando a [Maria Clara], a que se diz contatada, também está usando o nosso slogan “A história de quem esteve frente a frente com eles”, que eu criei para ser referência de nosso Fórum Mundial de Contatados. (Mensagem enviada por Ademar Gevaerd à lista da Revista UFO – 27 de Abril de 2014)

Ao que tudo indica, quem teria feito uso da imagem na rede social fora uma pesquisadora de nome Maria Clara (pseudônimo) . Foi ela quem, de acordo com Gevaerd, respondeu ao seu e-mail sugerindo que ele não fizesse nada sobre o caso, pois estava em um “campo minado”. Foi ela quem, segundo o seu relato, o ameaçou “com um advogado”, caso “publicasse uma nota de repúdio.”

A mensagem gerou uma movimentação instantânea na lista. Duas repostas usaram a expressão “Cara de Pau”. A terceira questionou o fato de Maria Clara ter formulado a sua “ameaça” com o argumento de que chamaria um advogado. Mas a quarta resposta, enviada por um membro ativo da Equipe UFO – grupo de consultores da Revista UFO – sugeria a exclusão dos associados ao GEONI de “qualquer vínculo com a UFO”, caso nenhuma atitude fosse tomada.

Acredito que o autor da mensagem, ao mencionar a expressão exclusão, se referia ao desligamento dos membros deste grupo das atividades centrais da ufologia no Brasil, uma vez que, como venho mostrando, a rede mais capilarizada de ufólogos, é aquela que se forma em torno da Revista UFO.

Se nesta mensagem figura uma sugestão de exclusão formal, naquela que citei anteriormente, já havia um indício de que este caminho seria tomado. Gevaerd, ao se referir a Maria Clara (pseudônimo), se valeu da expressão “a que se diz contatada”. Neste trecho não apenas foi atacado o plágio, como a própria relação com o fenômeno UFO foi questionada.

O mesmo se repetiu em uma mensagem enviada posteriormente por outro membro da lista:

Lamentável...o Grupo GEONI que sempre se destacou pela sua seriedade...com o saudoso Marcão, o Osmar, o Dino Nascimento, o Alexandre Ito...agora ficar dando espaço pra essa falsa contatada...que diz ter filhos ets que pilotam Disco Voador...como diria o grande Claudeir...(SIC)!!!! (Mensagem enviada por Milton César (pseudônimo) à lista da Revista UFO – 27 de abril de 2014)

Já outro assinante da lista admoestava os demais a não se preocupassem com estas ações de plágio, qualificando os seus autores como “tralhas”, e mencionando que estes eventos organizados desta forma “não vão pra frente nunca”.

[...] Isso não passa de produto do Paraguai, barato e ruim, além do mais o público que vai nisso aí não vai fazer a menor falta.” (Mensagem enviada por Maria Abreu (pseudônimo) à lista da Revista UFO – 27 de abril de 2014)

No dia seguinte, portanto, 28 de abril de 2014, Ademar Gevaerd enviou um novo correio, no qual dizia perceber a participação ativa dos outros integrantes do GEONI no uso não autorizado da imagem, uma vez que a ufóloga Maria Clara (pseudônimo) não teria condições de acessar o site do grupo e fazer edições. Nas mensagens seguintes também estendeu a responsabilidade pelo plágio aos outros membros do grupo paulista. Mas ao fazê-lo, de algum modo, nos ensinava sobre o funcionamento da própria Equipe UFO:

Enfim, o GEONI são as pessoas que o fazem, como a UFO são as pessoas que a fazem. Se um membro da Equipe UFO pisar tão vergonhosamente na bola como a Maria Clara (pseudônimo) fez com o Geoni, a UFO tem que se responsabilizar. Ou tomar as providências no sentido de resolver o problema. (Mensagem enviada por Ademar Gevaerd à lista da Revista UFO – 28 de abril de 2014)

Em outra mensagem, enviada por um dos conselheiros da Revista UFO, o autor pede aos demais que considerem o caso de plágio como a ação de um dos membros do GEONI e não como algo cuja responsabilidade estava ligada aos demais. No mesmo texto, Ricardo Varela, ao se endereçar a Ademar Gevaerd, usa a expressão “Chefe”, o que no contexto do presente debate no qual se avaliava a possibilidade de afastamento de ufólogos dos circuitos da Revista, era indicativo de alguma coisa.

Em 30 de abril de 2014 as acusações ao Grupo Ufológico GEONI acerca do uso indevido de imagem recebeu uma resposta. Um dos membros, Alexandre Minoru Ito, enviou à lista um e-mail intitulado “Carta aberta à comunidade ufológica brasileira” no qual explicava que a utilização da imagem produzida para o Fórum Mundial de Contatados fora uma iniciativa de Maria Clara (pseudônimo). Na carta, Ito isentou a si e aos demais membros da responsabilidade pela gerência do sítio na internet onde a divulgação do evento em disputa fora postada, e comunicou aos assinantes da *mailing list* que Maria Clara (pseudônimo) fora excluída do grupo GEONI.

Contudo, Ito mostrou-se insatisfeito com o que chamou de “condenação pública” do grupo do qual faz parte. Abaixo reproduzo alguns trechos significativos da carta:

Fomos rotulados, basicamente, como sendo um bando de picaretas (não necessariamente com estas palavras, mas com a dedução e sugestão óbvias) enquanto a Maria Clara (pseudônimo) "desapareceu" do planeta (nenhum celular era atendido, nenhuma mensagem era respondida). Essa confusão toda, causada pela Maria Clara e depois inflada pela condenação pública, custou a mim (que corro o dia inteiro administrando sistemas em uma editora britânica e uma empresa de Tecnologia) e ao Osmar (que tem diabetes) dois dias de profundo estresse. [...] (Trecho da carta enviada por Alexandre Minoru Ito à lista da Revista UFO – 30 de abril de 2014)

Após os esclarecimentos prestados por Ito, outro membro da lista, Toni Inajar – consultor da Revista UFO e analista de imagens da publicação - apaziguou os ânimos, entendendo que a questão estava encerrada. No entanto, Ademar Gevaerd não aparentava estar satisfeito com carta pública dirigida à “Comunidade Ufológica Brasileira”, que isentava a participação dos outros membros do GEONI da participação do plágio. Em nova mensagem, respondendo a um correio privado de Ito, ele pontuou: “Se vocês deram o cargo a ela, é porque confiam nela e assinam embaixo do que ela faz.” E na seguinte, reforçou a impressão de que a atitude de plágio foi tomada pelo grupo, citando uma postagem na página que o GEONI mantém em uma rede social na internet, na qual outro membro do grupo tecia o seguinte comentário.

"EVENTO DO GEONI ATENÇÃO TODOS ACABOU O MONOPOLIO DIA 9 E 10 DE AGOSTO DE 2014 CABO FRIO VENHAM CONHECER A MARIA CLARA (PSEUDÔNIMO) EU E O GRUPO GEONI É SO ALEGRIA SINCERIDADE FAMILIA NÃO NOS APEGAMOS EM FAMA DINHEIRO SOMENTE A AMIZADE POVÃO"

Ora, de que monopólio ele está falando? E o que ele insinua irresponsavelmente quando se refere a “apegar-se a fama e dinheiro”. O Osmar pisou na bola aqui. Mais uma vez. (Mensagem enviada por Ademar Gevaerd à lista da Revista UFO em 27 de abril 2014)⁷⁴

Neste último trecho o que se passa é um movimento de Osmar no sentido de expor o que entende como sendo um monopólio da Revista UFO sobre os assuntos ufológicos no Brasil. Ademais, no trecho citado, Osmar chama atenção para o fato do evento que o seu grupo organiza estar desconectado do desejo de fama e dinheiro – os quais, indiretamente, imputa a Ademar Gevaerd. Na próxima mensagem enviada por Ito, ao esclarecer que a imagem havia sido removida da página do GEONI do Facebook, o ufólogo se valeu da expressão “ordem”, ao se referir ao comunicado de Gevaerd lhe pedindo para retirar a imagem. Trata-se então de um reforço do primeiro ataque, no qual não apenas se comenta que há um monopólio da publicação

⁷⁴ O trecho em letras capitulares apareceu na mensagem com a fonte vermelha. Segue-se a este o comentário de Gevaerd. Desta feita, o primeiro trecho foi escrito por um membro do Grupo GEONI na rede social Facebook e o segundo é uma espécie de “pedido de esclarecimentos” feito por Ademar Gevaerd.

da qual Gevaerd é o Editor Responsável, como se sugere que as suas decisões assumiram um caráter autocrático.

Finalmente, após reclames dos dois lados, a imagem foi removida de todos os meios de divulgação que o grupo GEONI mantém na internet. Nos termos de Gevaerd, trava-se já de uma página virada. Mas, apesar do veredito, ele completou a sua mensagem com um pequeno desabafo, o qual, se por uma lado, reiterava que vem desempenhando um trabalho sério na ufologia há mais de quarenta anos, por outro, se valia da noção de *normalidade* para fazer um diagnóstico sobre a área.

Acerca do conteúdo da mensagem, o que se passou foi a mobilização da ideia de normalidade, uma categoria presente nas críticas de não ufólogos especialmente aos contatados, ser articulada nos feixes de relações políticas endógenas à ufologia. Refiro-me à observação de Gevaerd no trecho abaixo citado, na qual o ufólogo, ao discorrer sobre o estado da arte da ufologia, observa que poucos eram aqueles que poderia considerar como normais.

Reproduzo um trecho desta mensagem enviada à lista:

Fico pensando no seguinte ao analisar situações assim:
O mundo e a vida cotidiana são coisas complexas e os seres humanos, muito mais. Todos com suas cabeças, suas neuras, seus problemas, seus complexos, seus egos etc. Isso em si já é uma babel. Agora, a Ufologia é uma AMOSTRA CONCENTRADA deste mundo e desta vida cotidiana, com seres humanos ainda mais complexos. E todos os problemas da linha de cima potencializados são ao extremo. Ou seja, Ufologia é o suprassumo de uma babel, é uma babel vezes 10, onde os problemas mais graves dos seres humanos que a integram se manifestam de maneira mais gritante. Ninguém conhece mais a Ufologia Brasileira do que eu, que milito há 40 anos nela e há 30 à frente da UFO. *Pois isso me dá uma capacidade de análise razoável das coisas. O suficiente para dizer que conheço no máximo uns 20 ufólogos em toda a Comunidade Ufológica Brasileira que posso dizer “são normais”⁷⁵*. O resto... (Mensagem enviada por Ademir Gevaerd à lista da Revista UFO em 29 de abril 2014)

Vale observar, entretanto, que o emprego do qualificativo “normal” nesta mensagem funciona de modo diferente da sua articulação por pessoas que desejam colocar o saber ufológico

⁷⁵ Grifos Meus.

em questão. Refiro-me aqui ao fato de que a crítica correntemente articulada nos termos “nem todos os ufólogos são normais”, se proferida por alguém que não esteja comprometido com a ufologia, ressoa de modo diferente da observação de Gevaerd. Sobre a primeira poder-se-ia dizer que se orienta para desclassificar todo o coletivo de ufólogos. A segunda, enunciada de modo diferente pelo principal nome da ufologia brasileira e, fundamentalmente, no “interior” dos canais dos quais os ufólogos se valem para se comunicarem, funciona como um marcação de fronteiras entre a Revista UFO e os outros coletivos.

No caso em tela o uso desta noção neste feixe particular de relações que atravessa a imagem utilizada na divulgação do I Fórum Mundial de contatados – e tomada pelo grupo GEONI sem prévia autorização – parece funcionar de modo a evocar por via indireta a possibilidade da contatada Maria Clara (pseudônimo) – sobre quem pesava a acusação da cópia da imagem – pertencer a este conjunto que se estende para além dos vinte ufólogos a quem se reputou normalidade.

Este último movimento, matizado no desabafo contido na carta, vejo-o como pertencendo ao mesmo espectro de acusações que vigoraram durante os poucos dias da polêmica. É absolutamente óbvio que Gevaerd conhece muito mais que 20 ufólogos ditos “normais”. Mas em alguma medida a articulação desta última categoria naquele momento de contenda – ainda que fosse na mensagem que a punha a termo – se fazia de modo homólogo ao questionamento se Maria Clara (pseudônimo) era, de fato, uma contatada. Isto é, estes dois movimentos de alguma forma visavam fazer frente ao emprego de termos pelos membros ou simpatizantes do GEONI – “monopólio”, “ordem”, “exclusão” – que de uma ou outra forma questionavam a maior força de Gevaerd na ufologia.

Vale observar que, de certa feita, a imagem plagiada, assim como o slogan do evento, colocam-se aqui menos na posição de um instância que permitiria ao pesquisador registrar interpretações sobre os ufólogos. De modo alternativo, os referidos elementos sobre os quais recai a acusação de plágio e os debates que a ela se seguem, agem como dispositivos que incentivam os ufólogos a falar. Isto é, não é por outra rota senão pela atenção aos movimentos encetados no calor do debate, que se tornar possível descrever a atualização das diferenças que jazem na ufologia.

Notas sobre as diferenças entre os congressos

Durante o período no qual estive envolvido no trabalho de campo, participei de sete congressos ufológicos.⁷⁶ Nem todos, no entanto, assumiram a mesma feição que o I Fórum Mundial de Contatos. Ainda que a maioria destes tenha passado pela organização da Equipe UFO, direta ou indiretamente, havia certa variação no número de inscritos, nas nacionalidades dos palestrantes, nos temas endereçados e, sobretudo, da estrutura física à disposição dos diferentes eventos.

Via de regra os grupos ufológicos no Brasil costumam organizar congressos, simpósios e palestras, contando com um número de participantes reduzido e normalmente valendo-se de pequena quantidade de pessoas que ministram palestras. Estes congressos, diferentemente de outros, têm um aspecto local e reúnem pessoas que via de regra se conhecem, o que nem sempre parece ocorrer nas conferências com grande público.

Nos congressos com aspectos locais, as inscrições são mais baratas⁷⁷, as salas de conferências são mais simples e, habitualmente, são convidados palestrantes residentes das proximidades, dado o fato de que o convite de outros – residentes em cidades distantes –

⁷⁶ Um deles se configurou como um simpósio acadêmico sobre o qual discorrerei na conclusão.

⁷⁷ Por vezes não se cobram taxas para as inscrições, como foi o caso do 7º Encontro Ufológico de Peruíbe.

implicaria na necessidade de fornecer ao convidado meios para se deslocar e para se acomodar – estes nem sempre possíveis no bojo dos grupos ufológicos.

Outro modo de se evitar com que o congresso se torne muito dispendioso, consiste em se valer de alguns dos membros do grupo ufológico local como palestrantes. Tal estratégia, além de reduzir os custos, também funciona como um processo de recompensa para o sujeito escolhido, considerando que, uma das medidas do prestígio e da capacidade de pesquisa de um ufólogo, também é o número de palestras que já ministrou. Ao longo da pesquisa pude notar que certos ufólogos, à medida que ganhavam espaço na Equipe UFO – a rede de colaboradores formada em torno da Revista UFO – passavam a tomar parte nos eventos na qualidade de palestrantes.

No que concerne à capacidade de atração de participantes dos congressos realizados em nível local, vale mencionar que esta é infinitamente menor quando comparada aos congressos organizados pela Revista UFO. Ainda que a Revista faça, de modo recorrente, a divulgação dos pequenos eventos no website que mantém na internet – em uma seção reservada especificamente para eventos desta natureza – , os organizadores dos eventos menores não dispõem ou não se empenham tão fortemente nas estratégias de arregimentação de participantes utilizadas pela Revista UFO – os quais foram tema de extensa descrição no primeiro capítulo.

Vale ainda ser anotado que, nos últimos anos, a Revista UFO vem dando apoio à realização de alguns destes eventos com características locais, seja pela consultoria na organização – isto é, o processo de escolha dos palestrantes, de produção do material gráfico e de divulgação - ,seja pelo envio de alguns de seus membros que aí ocupam a posição de palestrantes.

Nas linhas seguintes, ao trabalhar com três congressos ufológicos distintos, organizados respectivamente em 2011, 2012 e 2013, as referidas dinâmicas serão objeto de minha descrição.

Devo ressaltar ainda que ao considerarmos que o intervalo de tempo entre os eventos é grande, a minha própria relação com o tema passou por várias transformações. Antes do congresso ocorrido em abril de 2011 o meu conhecimento sobre a ufologia era absolutamente livresco. Em 2012 eu tomei parte da equipe de trabalho que organizava um encontro ufológico em Brasília. Já em 2013 e 2014, eu era capaz de me sentir mais aclimatado aos termos empregados pelos palestrantes e me sentia relativamente livre até para julgar criticamente cada uma das apresentações. Os eventos, de fato, eram diferentes. Mas, desejo chamar a atenção para a questão de que a minha relação com eles também se modificava com os anos – assim como vem se modificando durante a escrita deste texto. Este foi um dos motivos que participou na decisão por limitar as descrições generalizantes sobre os congressos, apenas aos termos daquilo que entendi como indispensável.

Desta feita, como se verá em seguida, não extrapolo os limites da descrição sobre os eventos para um tipo de meta-análise que sobreporia aos comentários que os ufólogos fizeram sobre as suas próprias reuniões. Tampouco se trata aqui de produzir um texto que se faça ao modo de um decalque dos diários de campo. De modo diferente, ao descer aos pormenores destes eventos, atendo a uma sugestão enunciada por Anand Pandian no artigo intitulado *The time of anthropology: notes from a field of contemporary experience*, que nos fornece uma observação interessante acerca da dimensão temporal compreendida na escrita do texto e aquele atinente ao momento etnográfico.

The present remains a problem in anthropology now: not as an interval between the past and the future, but as a chasm between the timeless and the timely. On one side are those persistent fictions that would invest particular peoples, cultures, or places with an unchanging quality or structure. On the other side are those anxious imaginations that would invest our time – in an epochal sense – with a force and momentum of its own. Both of these positions tend to approach the present as a grammatical form, a matter of descriptive tense: either as an ethnographic presence that would convey what happens somewhere as the enactment of an already perfect or complete mode of existence, or as an imperfect expression of what is suddenly or newly happening, erupting or

emerging – an event that we may run along beside or tag belatedly behind, seeking to say something relevant before it becomes something else again. (Pandian, 2012: 558)

O ponto que a autora endereça, qual seja, as duas implicações do tempo presente para a escrita etnográfica, de algum modo me ajuda a pensar pontos que nas linhas acima esbocei. Isto é, a questão da minha transformação ao longo da participação nos congressos, associada a duas outras modificações: a primeira, como observei, relativa às transformações nos próprios eventos dos ufólogos e, de modo paralelo, o próprio processo de transformação que a escrita do texto enseja. O comentário de Pandian, tal como dele me apropriou, sinaliza para a possibilidade de se colocar entre a possibilidade de um texto que fornece uma descrição atemporal e outro que, nos seus termos, é atual – no sentido de que as condições de produção não só são trazidas à baila a todo tempo, como podem ser aduzidas como forças capazes de alterar o que quer que se chame de campo.

Acerca deste ponto, Marylin Strathern no artigo intitulado “O Efeito etnográfico”- originalmente publicado como o primeiro capítulo da obra *Property, Substance and Effect* (Strathern, 1999), talvez contribua com o argumento que sugere a necessidade de se colocar entre estes dois lugares.

O momento etnográfico é uma relação, assim como signo linguístico pode ser pensado como uma relação (ao juntar significante e significado). Poderíamos dizer que o momento etnográfico funciona como exemplo de uma relação que junta o que é entendido (que é analisado no momento da observação) à necessidade de entender (o que é observado no momento da análise). *É claro que a relação entre o que já foi apreendido e o que parece exigir apreensão é infinitamente regressiva, isto é, ela desliza por todos os tipos de escala (e, mesmo na escala mais mínima, a observação e a análise contêm, em cada uma delas, a relação entre as duas). Todo momento etnográfico, que é um momento de conhecimento ou de discernimento, denota uma relação entre imersão e movimento.*⁷⁸ (Strathern, 2014:350)

Como a autora comenta neste trecho, o momento etnográfico se caracteriza por esta operação regressiva, que Strathern exemplifica na nota que segue à passagem através de uma

⁷⁸ Grifos meus.

observação sobre o trabalho de Annelise Riles. Naquele trecho, ela observa que “Uma apresentação desfamiliarizada como a que busco aqui pode levar um aspecto da antropologia acadêmica para mais perto do que se poderia esperar da estética que ela descreve.” (Strathern,2014:350)

*

7º Encontro Ufológico de Peruíbe

Estive duas vezes na cidade de Peruíbe-SP com vistas a participar de congressos ufológicos. Em ambos os casos, os eventos foram organizados por meio de uma parceria entre a Prefeitura do Município e a Revista UFO. O interesse da Prefeitura nestes congressos consistia no potencial atração de turistas para a cidade, uma vez que o município de Peruíbe ficou conhecido como um lugar com vasta “casuística ufológica”⁷⁹. Desta forma, ainda no primeiro congresso, foi montado um encarte que recebia o título de “Roteiro Ufoturístico de Peruíbe-SP”, seguido da descrição “O primeiro roteiro ufoturístico do Brasil”. Tratava-se de uma propaganda da Secretaria de Turismo contendo o seguinte texto, seguido de algumas imagens de locais de interesse ufológico:

Nos últimos 10 anos de pesquisas na Região, foram registrados pelo menos 300 casos de natureza ufológica, alguns dos quais documentados por fotos e filmagens. Também há registros de alguns locais de possíveis pousos de UFOs, apelidados de “ninhos”, como, por exemplo, o famoso caso do bairro São José, no segundo semestre de 2008. Vale ressaltar que em cada 10 relatos desse tipo no País envolvendo Objetos Voadores Não Identificados (OVNIs), três ocorrem em Peruíbe, segundo dados do Centro Brasileiro de Pesquisa de Discos Voadores (CBPDV). Devido a enorme casuística ufológica, foi realizado mapeamento em carta náutica e, em 2009, foi idealizado o Roteiro Ufoturístico de Peruíbe. Neste Roteiro estão relacionados oito pontos de grande interesse que possibilitam uma

⁷⁹ Entende-se por casuística o conjunto de casos relativos ao tema ufológico. Em relação à Peruíbe cumpre observar que havia inclusive uma campanha de incentivo ao turismo ufológico, uma vez que a cidade havia sido palco de uma série de eventos nos quais foi possível observar óvnis. Este traço não é de nenhum modo singular à cidade. Note-se que em Varginha, município localizado no sul do estado de Minas Gerais, a principal praça da cidade está repleta de esculturas de extraterrestres. De modo semelhante, o hotel no qual me hospedei, as cadeiras do refeitório traziam iconografias extraterrestres. O mesmo parece ocorrer com a cidade de Roswell, nos Estados Unidos, onde as lojas e restaurantes são nomeados com termos relacionados ao fenômeno extraterrestre.

organizada visitação turística integrando os aspectos psicológicos e ecológicos. Desejamos a todos a uma boa viagem. (Roteiro Ufoturístico de Peruíbe – SP / Encarte)

Como se nota pelo folder de divulgação do roteiro ufoturístico distribuído pela Secretaria de Turismo, a escolha do local do evento também respondeu a uma motivação político econômica. Tratava-se de fomentar o turismo de outros visitantes, além daqueles que já se deslocam para a cidade, que é também um tipo de balneário.

Esta associação entre o congresso e a política de fomento ao turismo local, também se mostrou nas cerimônias iniciais de abertura do evento. Além de terem reproduzido o hino nacional, na tribuna de honra estavam presentes o Prefeito da cidade e o Secretário de Cultura, quem confessou mais tarde que havia passado por uma experiência ufológica.

No que concerne aos palestrantes que tomaram parte neste congresso, merece ser anotado que havia um perfil relativamente diferente daquele que encontramos no I Fórum Mundial de Contatos. O tema das abduções, embora estivesse presente, não era propriamente o seu foco. As duas primeiras palestras, por exemplo, se dedicavam a um trato “sociocultural do fenômeno UFO” e se esquivavam das modalidades de testemunho, sobre as quais comentei nas linhas anteriores. Decerto que em um ou outro momento, a narrativa autobiográfica poderia ser aduzida, fosse participando na apresentação do interesse dos pesquisadores sobre o tema, fosse para apresentar um caso em relação ao qual posteriormente se estabeleceria uma comparação. Mas ela não era, em absoluto, central como foram a maioria das intervenções que ocorreram durante o I Fórum Mundial de Contatados.

De maneira alternativa, pode-se sugerir que aquilo que estava em jogo nas duas comunicações sobre as quais anotarei alguns comentários em seguida, era o movimento de submeter os relatos correntes na ufologia a uma análise que chamaremos aqui, na falta de melhor expressão, de sociocultural. Tratava-se do seguinte movimento: em primeiro lugar os

pesquisadores nos admoestavam a filtrar as interferências no relato, para em seguida enunciar um projeto no bojo no qual se faria a comparação dos casos.

Jayme Aranha, em um documento que se configurava como um projeto de tese de mestrado que se debruçava sobre o estudo na ufologia, ao fazer a descrição dos ufólogos científicos, anota com muita precisão certos comentários que se conformam com o tom que as palestras apresentadas em seguida ganharam. De acordo com o autor, a ufologia científica pretende "[l]ocalizar regularidades e variações, extrair da casuística padrões, informações recorrentes, organizá-las, aventar um sentido possível, encontrar uma explicação razoável que se adeque a todo leque de fenômenos computados." (Aranha, mimeo) Não é outra coisa que assistimos nas palestras seguintes.

Rodrigo Fuenzalida, em sua fala intitulada *Latino America, tierra de contatos*, abriu a sua conferência elegendo a sociologia como “marco teórico” a partir do qual construiria seu argumento. Ao fazê-lo, procurava distinguir diferentes “categorias” usadas na ufologia, a exemplo da noção de contato. Para a análise desta, o pesquisador sugeriu que nos perguntássemos se “a observação era independente” e “se havia sistemas de crença” passíveis de acomodarem projeções. Além disso, ofereceu algumas distinções entre um contato e um pseudocontato – o último estando sujeito a “esoterismos modernizados” e à transferência de códigos de religiões tradicionais para o fenômeno UFO. Rodrigo terminou a palestra fazendo uma apologia à ufologia científica, que para se ele dependia estritamente de uma pesquisa comparada acerca de diferentes contatos.

Note-se que a preocupação de Fuenzalida por fazer uma filtragem entre os relatos realmente atinentes aos óvnis e outros, que continham componentes diversos - passíveis, portanto, de matizar uma confusão com um objeto voador não identificado - é central para os

ufólogos que se voltam para o domínio da casuística. Merece ser anotado que ao dar conta da necessidade desta separação ou filtragem, Rodrigo Fuenzalida enceta uma diferenciação com outros ufólogos para os quais o exercício da comparação importa menos, do que o acesso ao conteúdo das mensagens trazidas pelos extraterrestres.

Já o Coronel Antônio Celente Videira, primeiro palestrante da manhã de 16 de abril de 2011, sugeria “[f]azer uma análise sociocultural da ufologia e propor sugestões para a sua melhor aceitação junto à comunidade científica”⁸⁰, e fez de sua palestra um discurso acerca da intensificação dos relatos sobre óvnis no mundo, fazendo uso inclusive de autores como Manuel Castells, para sustentar a discussão da velocidade de propagação de informações sobre o fenômeno.

O fato de Antônio Celente ser alguém proveniente dos meios militares por si só dá-lhe uma autoridade maior entre os meios ufológicos. Tudo se passaria como se a vida na caserna tivesse lhe provido de informações privilegiadas ou, na falta de contato com documentos sobre os óvnis, lhe concederia pelo menos as informações protocolares sobre o que deveria ser feito quando da ocorrência de objetos como estes. Ademais, o fato do Coronel Celente ser um militar que se prestava a apresentar uma comunicação sobre os óvnis em um congresso dedicado ao tema, elevava-o a um patamar ainda mais elevado em termos da estima que os ufólogos lhe dispensavam. Digo isto pois, como se verá no capítulo intitulado "A pragmática do segredo", diz-se que os militares são aqueles que impedem que o segredo circule. Desta feita, quando algum deles resolver romper o silêncio, a sua fala ganha a feição de uma revelação.

Vale chamar atenção para o fato de que o Coronel se ocupava de propor alguns implementos na ufologia para que, entre os cientistas, o "fenômeno UFO" tivesse maior aceitação. Este movimento concorre com a observação de Daniel Pícaro (Pícaro,2007), quem

⁸⁰ Notas tomadas durante o congresso.

percebe na ufologia uma tentativa de busca de legitimidade para os seus aportes entre os cientistas. De fato, não se pode negar que os ufólogos se refiram com frequência ao desejo de serem capazes de despertar o interesse dos cientistas. Mas à luz das críticas que dirigem aos habitantes das bancadas de laboratório, que discuto longamente no capítulo sete, há que se perguntar se o que se passa é a tentativa de encontrar a legitimidade para a sua própria disciplina. Receio que os ufólogos se colocam muito mais na posição de encontrar meios de interessar as ciências do que propriamente de tomar emprestada as forças discricionárias das quais alguns cientistas parecem gozar. As relações neste campo são absolutamente complicadas e adio a discussão para o já mencionado capítulo sete, no qual esboço uma tentativa de discutir estas questões. Quando digo complicadas me refiro ao fato de que qualquer tentativa de comparação entre a Ciência e a ufologia, não pode escapar de uma visão institucional dos termos. Isto é, qualquer empreitada que se lance a dizer que a ufologia encontra na Ciência a possibilidade de sua legitimação, congela a última enquanto imagem. Por ora, sugiro que permaneçamos com aquilo que os ufólogos fazem com os extraterrestres.

A palestra de Jamil Vila Nova, por seu turno, seguiu o tom das duas primeiras. Jamil partiu da análise de alguns casos ufológicos que compreendiam eventos com conformações diferentes (em relação às formas das naves, por exemplo) e da apresentação de alguns dados que buscavam instruir o público em algumas das classificações usadas pelos ufólogos. O primeiro, consistiu no trato de “marcas terrestres” deixadas pelo “trem de pouso” de um óvni. O segundo tratava do relato de um avião da esquadrilha da fumaça que havia caído em função da ação de um Objeto Voador Não Identificado que o acompanhava no ar. Analisados estes dois casos, Jamil passou a discutir eventos marcados pela ocorrência de abdução e, ao falar dos tipos de

extraterrestres frequentes nestas situações apresentou essa tabela de classificação das entidades alienígenas:



Figura 1 - Tipologia dos seres extraterrestres⁸¹

A imagem acima apresenta e classifica os tipos de entidades alienígenas. Estes tipos não correspondem às suas raças e a classificação não se atenta ao “comportamento” destes extraterrestres em relação aos humanos, focando-se antes nas formas “físicas” segundo as quais eles se apresentam. Da esquerda para a direita, temos os extraterrestres *Alfa*, que Jamil qualificou como “E.Ts normais”. São seres com corpo reduzido em relação aos humanos e com cabeça desproporcional em relação ao resto do corpo. Os seres Beta são “quase- humanos” em estatura e formato físico. Os aliens Gama são uma espécie de tipo Alfa mais alto – de fato a sua estatura é maior que a de todos os outros. Os Delta são seres como figurações monstruosas. Podem ser peludos, podem ter formatos “animalescos” e o exemplo citado, quando normalmente se fala deles, é o “Chupa-Cabra”. Já os seres Ômega são compostos ou se apresentam como luzes. Os

⁸¹ Imagem disponível em <http://www-ufologia.blogspot.com.br/> - Acessada no dia 17 de março de 2013.

Sigma são pequenos e usualmente têm em torno de 30 centímetros. Um exemplo de ser sigma são os gnomos.

Esta classificação, quando usada, é feita com vistas a prover os relatos ufológicos com categorias mais precisas. Não há maior elaboração conceitual sobre estes seres, além dos comentários que acima reproduzi. Portanto, trata-se de uma forma de taxionomia, que é funcional na medida em que mune os pesquisadores como um vocabulário específico para estabelecer diferenças e, posteriormente, para levar a cabo as comparações.

Neste ponto da apresentação, quero notar que importam menos as categorias empregadas, do que o próprio fato dos ufólogos se lançarem à produção destas tipificações. Em última análise as últimas, mais do que imporem um mapeamento das entidades extraterrestres vistas na Terra, na economia dos relatos ufológicos pretendem dar-lhes gradientes de precisão. Como se notará na descrição das raças ufológicas nas linhas abaixo, tudo se passaria como se a partir das características físicas dos seres fosse possível criar meios que tornariam possíveis as comparações. Ao classificar uma entidade como o E.T de Varginha com concernente ao tipo Alfa, torna-se possível traçar correlações com casos nos quais extraterrestres com compleições físicas semelhantes se apresentaram. Mas isto não é tudo: os ufólogos, embora se voltem à produção deste tipo de tabela taxionômica, estão dispostos a reformá-la a todo momento. Em última análise eles aparentam ser obrigados a destruir as mesmas categorias que criaram sempre que encontram um novo relato, uma vez que a variabilidade empírica dos extraterrestres nos casos obriga a mesma taxionomia a estar sempre em revisão.

Vale lembrar que não se deve confundir os *tipos* de entidades alienígenas com as *raças* extraterrestres. As últimas, de fato, podem ser expressões destes mencionados tipos, mas sobre elas há não somente maior elaboração sobre os seus modos de se comportarem em relação aos

humanos - um tipo de etologia alienígena - , como costuma pesar um julgamento de natureza moral feito a partir dos relatos daqueles que interagiram com espécimes das diferentes raças.

Na primeira parte do capítulo o tema das raças alienígenas já apareceu de passagem e, paralelamente a narração da forma como se apresentam as palestras, citei alguns traços que distinguem os *Greys* dos *Nórdicos* e os últimos dos *Reptilianos*. As três são raças alienígenas catalogadas pelos ufólogos. Como foi mencionado, os Greys são os seres com maior ocorrência nos casos de abdução. São seres do tipo Alfa, com pele cinza ou marrom, e sobre os quais há pelo menos duas teorias relativas ao seu interesse pelos humanos: a primeira reporta que os Greys são seres que se clonaram muito e que buscam no material reprodutivo humano os meios para produzirem seres híbridos. Tratar-se-ia de um meio para reintroduzir criatividade e afeto nesta raça; a segunda sugere que os Greys são seres igualmente replicantes que realizam experimentos com os humanos.

Os Greys seriam comandados pelos seres nórdicos – portanto, do tipo Beta – , que são descritos como altos, loiros e angelicais. Os nórdicos seriam os “comandantes” dos Greys, que nesta segunda versão não teriam autonomia, figurando como um tipo de braço “operativo” da primeira raça. Os reptilianos, por seu turno, são seres com aspecto de répteis – portanto, classificados segundo o tipo Delta – e, no que tange ao seu comportamento em relação aos humanos há uma pluralidade de teorias. Entre elas, está aquela que diz que eles desejam controlar a Terra e outra que sugere que líderes mundiais seriam reptilianos.⁸²

Decerto que estas características que aqui anoto acerca das diferentes raças de extraterrestres não estão estabilizadas, portanto, as observações que nas linhas anteriores fiz acerca delas, não devem ser tomadas como operativas para todos os ufólogos, ainda que sejam mobilizadas eventualmente em congressos ou discussões. Ademais, encontrei ufólogos que, em

⁸² Nas páginas seguintes tratarei do caso de um ufólogo que se apresenta como um reptiliano.

absoluto, não se interessavam por esta espécie de sociopolítica das raças e julgavam que as últimas resultavam de especulação.

No que concerne às tipologias extraterrestres, Christopher Roth, no artigo intitulado *Ufology as anthropology: race, extraterrestrials and the occult* (Roth, 2005), ao traçar uma espécie de história intelectual da associação entre os ufólogos e o referido tema, observa que há uma continuidade entre a forma como a discussão sobre a origem das raças foi concebida no movimento teosófico – que assumia a existência de diversas raças humanas na Terra, obedecendo a uma estratificação – e aquelas que aparecem na ufologia:

Put simply, ufology is in one sense all about race, and it has more to do with terrestrial racial schemes as social and cultural constructs than most UFO believers are aware". (Roth,2005:41)

O autor também faz uma pequena revisão do tema das raças alienígenas nas ciências sociais, apresentando pelo menos duas interpretações que são dignas de nota. A primeira delas consiste na tese segundo a qual os Greys foram apresentados como "cinzas", no famoso caso de abdução envolvendo Betty e Barney Hill, com vistas impedir que conotações raciais fossem impostas à sua experiência. A outra se assenta na ideia de que o cinza é a cor do metal e da ciência, o que se acomodaria muito bem às descrições sobre estes tipos de extraterrestres.

In these other respects, alien's bodies reflect an exaggeration of the rational and cerebral capacities and an atrophy of the affective, sensual, and erotic capacities. Reproduction for them has shifted entirely to the technological and utilitarian, away from the erotic and the genital, indeed, away from sexual dimorphism themselves. These capacities and tendencies, however, are projections and are mapped on alien bodies that are isomorphic (two arms, two legs) with our own. Moreover, the relationship between abductee's and alien's bodies betrays differences - in intelligence, morality, emotionality, vigor and cultural level - that for centuries have been mapped onto racial differences in folk and academic thought. The aliens may come from the outer space, but we can find the origins of alien body types in the structure of very terrestrial racial schemes. (Roth, 2005:77)

Como se nota nesta passagem, apesar de Roth descrever os Greys valendo-se de características que os ufólogos, de fato, podem atribuir a eles – i.e. capacidades racional e

cerebral ampliadas em relação aos humanos, aspecto utilitário da reprodução –, ele as transforma em elementos que denotam a projeção daqueles empenhados em desenvolver estas taxionomias. Desta feita, a mecânica de explicação ufológica atinente aos diferentes modos de “existir” dos extraterrestres, ao ser ancorada na Terra- nos diversos esquemas raciais para classificar humanos –, é agora feita em um tipo de reflexão especular.

Receio que ao dar este passo, dois elementos ficam evidentes: em primeiro lugar, termina-se acionando o aparato da noção de representação, para trabalhar com a “origem” das classificações sobre as raças extraterrestres. Em segundo lugar, substitui-se a variabilidade de articulações pragmáticas que esta taxionomia enseja por interpretações que terminam reduzindo-as a afinidades históricas entre domínios diferentes – a exemplo da conexão sugerida com a concepção poligenista das raças esboçada pela Teosofia de Helena Blavastky.

Antes de voltar a discutir as palestras, é importante fazer justiça à precisão do comentário de Roth segundo o qual há um grande investimento de forças na elaboração sobre a questão das raças na ufologia.

Como notei nas linhas acima, a temática da abdução também ocupou parte do congresso. Na palestra de Nelson Granado, foram apresentados os fundamentos para uso da hipnose em casos de contato ufológico. O ufólogo e hipnoterapeuta comparou os Neurônios a chips “com muito mais contatos” e mencionou que eles formava circuitos elétricos. Após este breve esclarecimento, Nelson dedicou-se a mostrar como o cérebro não apenas registra informações de modo consciente, mas também dispõe de registros inconscientes. Nos seus termos, os registros conscientes são lembráveis. Entretanto, na medida em que o “consciente recalca informações do inconsciente”, este pode aparecer nos sonhos ou em formas de patologias. A hipnoterapia, nos seus termos, serviria ao propósito de acessar esta dimensão oculta, na qual poderiam figurar as

lembranças sobre os eventos de abdução alienígena. Ao final, Nelson comentou que “[a] ufologia não é só casuística”⁸³, em clara referência ao fato de que a sua atividade como ufólogo se concentrava menos na análise de Objetos Voadores Não Identificados - que configurou o tom das palestras anteriores - e se dirigia aos aspectos psicológicos da situação pós-contato.

De fato, havia palestras sendo apresentadas ali que se construíam inteiramente segundo a narrativa de casos de diferentes locais. Algumas delas, como a do ufólogo Francisco Pires Campos, se fizeram nestes termos e, para tanto, o pesquisador se valia inclusive de mapas nos quais registrava a localização dos diversos incidentes que pesquisou.

Este estilo de abordar os casos é bem consolidado na ufologia. Ele consiste basicamente na narrativa sobre os meandros de diferentes situações envolvendo avistamentos, contatos ou luzes no céu, munindo o relato com fotografias tiradas por testemunhas, o depoimento de um militar ou reportes da Força Aérea sobre o sinal de Objeto Voador Não Identificado no radar. Uma vez que se analisa mais de uma situação e dadas as restrições do tempo de fala, nem sempre há grande grau de detalhamento. Os casos, quando aparecem nesta modalidade de palestra, funcionam muito mais como um “conjunto”, uma coleção de episódios, sobre os quais importam menos os detalhes, do que a produção de certo efeito: é que as suas similitudes e, a um só tempo, a sua variedade, dão a dimensão do caráter numeroso e massivo dos avistamentos ufológicos. Os casos, apresentados assim ao modo de uma “multidão”, por um lado evocam o fato dos extraterrestres já estarem visitando a Terra - o que torna legítima a pesquisa sobre eles - e ao mesmo dão conta do caráter intangível que a expressão Objeto Voador Não Identificado procura expressar. Decerto que, em última análise, os ufólogos só precisariam de um único exemplar extraterrestre para encerrarem a discussão concernente à possibilidade de vida fora da Terra.

⁸³ Notas tomadas durante o congresso.

Na falta deste - senão pelas fotos, relatos e testemunhas - o fluxo de casos termina funcionando como um apanágio. A ufologia, é preciso dizer, se faz a partir desta multidão de casos, parcialmente resolvidos, parcialmente provados e parcialmente visíveis. Nos capítulos seguintes procurarei mostrar que não fosse pelo qualificativo "parcial", os ufólogos não existiram. Esta "precariedade" dos relatos ou, de outra feita, o traço que impede uma classificação definitiva e recusa a toda custo "à última palavra", é o moto da disciplina. Dito de outro modo, a ufologia não se propagaria por tanto tempo caso fossem encontradas "soluções" para todos os seus casos. Isto é, se as lembranças dos abduzidos fossem nítidas, se as fotos não apresentassem qualquer sombreado que instilasse dúvidas nos analistas, se os sinais no radar não fossem, às vezes, passíveis de serem confundidos, teríamos um cenário completamente distinto. Segundo Jayme Aranha, "[o]s OVNIS ocultam-se, esquivam-se, parecem almejar uma existência secreta" (Aranha, mimeo). Ademais, completa o pesquisador:

Os OVNIS, objeto último de estudo da ufologia, não são controláveis, não estão capturados, nem ao dispor do pesquisador para examiná-lo. Suas ocorrências são fugazes e fugidias, a ponto de criar a questão até sobre sua existência, quiçá sobre sua natureza. (Aranha, mimeo)

Voltemos às palestras que se valem da exposição massiva de casos. Quando ocorrem as comunicações nesta modalidade, que se define por uma exposição seriada, costuma-se não promover filtragens respectivas à natureza do contato⁸⁴ – isto é, casos que envolvem ação direta dos alienígenas sobre os humanos, figuram conjuntamente a outros, que podem, por exemplo, estarem ligados apenas à aparição de um sinal de “tráfego hotel”⁸⁵ em um radar. Conjugados, eles formam aquilo que se designa como "fenômeno UFO", uma expressão que escutei muito correntemente e que designa toda a gama de assuntos respectivos aos alienígenas.

⁸⁴ Mas, via de regra, é usado um critério de seleção geográfico.

⁸⁵ O sinal tráfego hotel, quando aparece em um radar, refere-se às aeronaves não identificadas.

Note-se, por exemplo, que na terceira palestra proferida no dia 17 de abril, esta modalidade de apresentação que venho evocando neste texto foi articulada pelo consultor da Revista UFO Thiago Ticchetti, ao discorrer sobre casos “clássicos” ocorridos no Distrito Federal. O primeiro deles foi relativo à aproximação de um disco voador de um carro que viajava na estrada. Após a abdução, os passageiros reportaram intervenção direta dos extraterrestres: escoriações entre as pernas e alteração do ciclo menstrual da esposa do motorista. O segundo dizia respeito a uma perseguição de um avião comercial por um óvni. O piloto fotografou o objeto, mas teve a sua máquina confiscada. O terceiro está ligado a um avistamento de um Objeto Voador Não Identificado nas proximidades do Presídio da Papuda – DF, sobre o qual discorro no capítulo seguinte.

Como se observa, estes casos, segundo as classificações operantes entre os ufólogos, dizem respeito a situações diferentes – abdução, perseguição de aeronave, avistamento – , embora estejam abrigadas sob o umbral na noção de “fenômeno UFO”. A abdução, como já observei, diz respeito à captura de um humano e a sua permanência em uma nave alienígena. Para que possa ser assim definida, o objeto da captura precisa ser posteriormente devolvido à Terra.⁸⁶ O avistamento se refere ao contato visual com um óvni, a despeito de seu registro em câmera fotográfica ou vídeo.

Cumprido se perguntar sobre aquilo que permite que casos tão distintos restem abrigados na mesma expressão - "fenômeno UFO" - e possam conviver pacificamente em uma mesma palestra. Estimo que a referida expressão é frequentemente utilizada com vistas a comunicar o sentido de um emaranhado de experiências que, embora relativas a diversas formas de interação com os alienígenas, estão conectadas pelo fato de envolverem o tema extraterrestre. Ademais,

⁸⁶ Uma situação diferente ocorre quando o indivíduo resta desaparecido após a abdução. Recorde-se aqui o caso do piloto Frederick Valentich desaparecido na Austrália em 1978, depois de ter comunicado à torre de comando a visão de um óvni.

suspeito que aquilo que sustenta esta conjunção de situações diversas seja o gradiente de não identificação que o "fenômeno UFO" comporta. Como se verá ao longo desta tese, sustento que é exatamente esta impossibilidade de identificar completamente os *objetos intangíveis* da ufologia, que permite que esta se conforme e se prolongue ao longo do tempo.

É também o grande umbral do "não identificado" que autoriza pesquisadores com orientações diametralmente opostas a figurarem no mesmo evento. Assim, em contraste com a análise de casos levado a cabo pelo palestrante Thiago Ticchetti, a fala do ufólogo Suséilton Saga não se fez a partir de uma apresentação seriada de casos. Suséilton preferiu trabalhar com tropos muito frequentes, inclusive para os seus pares. Foi deste modo que na sua narrativa conectou a questão dos governos ocultos, dos processos de espionagem envolvendo brasileiros e alemães e da “comunicação criptografada” entre E.Ts e humanos. Em suma, em oposição à modalidade que elenca casos diversos, Suséilton preferiu organizá-los em torno de uma grande narrativa que procurava, ao modo dos teóricos da conspiração, anotar a existência de um tipo de organização mundial por trás de muitos eventos: ufológicos e não ufológicos.

Em uma linha similar àquela seguida por Suséilton, Leo Mark fez uma curta intervenção, em um palestra que era, ao mesmo tempo, a promoção do primeiro volume de sua trilogia intitulada “Jesus Extraterrestre” e um empreendimento filológico *ufologicamente interessado*. O que o motivava era a tentativa de apresentar passagens bíblicas que, caso lidas de maneira literal, eram passíveis de serem entendidas como referências à origem extraterrestre de Jesus Cristo. No capítulo quatro observo que esta substituição dos relatos sobre experiências religiosas ou outras qualificadas como mágicas à ação de extraterrestres - o que nomeio de processos de redução - é um dos modos que a ufologia usa para se propagar.

Portanto, a iniciativa aportada por Leo Mark não se configura como uma novidade no arranjo particular da ufologia. Isto é, ele não é o único, nem foi o primeiro a sugerir que na Bíblia há passagens que evocam situações de abdução, ou a presença de extraterrestres. O exemplo modelar – muito recorrentemente citado em palestras – costuma interpretar o trecho abaixo como um tipo de abdução do Profeta Elias:

E sucedeu que, indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho. (2 Reis, Capítulo 2, Versículo 11)

Acerca deste trecho é repetido à exaustão que os autores da Bíblia não dispendo de outro referencial para comparar com a nave que abduzia Elias, compararam-na a uma carruagem de fogo, puxada por cavalos de fogo. Este movimento, que se define pela tentativa de substituição de uma interpretação religiosa por outra de caráter ufológico, como já observei, é absolutamente comum.

Via de regra a relação entre a ufologia e os textos sagrados de religiões monoteístas - em especial o Antigo e o Novo testamento - costuma ser mediada por meio da noção de *misunderstanding*. Isto é, sempre que se lançam a estes empreendimentos interpretativos - que visam deixar claro que a presença extraterrestre na Terra é muito mais antiga que qualquer rudimento de pesquisa sobre formas de vida alienígenas - os ufólogos apontarão que se nos relatos não se faz referência aos seres além-Terra, isto ocorreu porque os confundiram com demiurgos. No caso do exemplo bíblico, diriam os ufólogos afinados com a leitura que Leo Mark faz da Bíblia: tomou-se um caso de abdução por uma intervenção divina. É digno de nota que a ufologia, uma vez que pretende ser um tipo de conhecimento que almeja uma modificação da leitura sobre os humanos na Terra e, acima de tudo, sobre a inteligência no Cosmos, em várias situações tenta explicar a natureza das interpretações ditas religiosas como confusões.

Decerto que esta perspectiva dificilmente pode ser estendida a todos os ufólogos. Entretanto isto não nos previne de observar que é recorrente a sugestão de que assim que um contato aberto entre extraterrestres e humanos ocorrer, haveria inclusive a dissolução das grandes religiões monoteístas – conclusão possivelmente assentada na ideia de que as possíveis confusões também se desfariam.

Mas as religiões não seriam as únicas a desaparecerem. Em face da alegada superioridade tecnológica⁸⁷ que os extraterrestres dispõem, a Ciência e a ufologia também estariam condenadas a se modificarem. A primeira se tornaria desinteressante, porque os extraterrestres já dispõem de todas as respostas que esta deseja. De fato, a concepção de Ciência operante neste argumento é aquela que toma esta atividade como um maquinário de “produzir descobertas”. Já no que concerne à ufologia, permitam-me narrar brevemente uma discussão que teve lugar na *mailing list* da Revista UFO.

O tópico relativo ao fim da ufologia apareceu quando um dos assinantes da lista postou uma matéria de um site de notícias, a qual tinha como título “Em 20 anos descobriremos que não estamos sozinhos no universo”. A notícia afirmava que um astronauta da NASA comentara sobre o fato de que em 20 anos os extraterrestres seriam "descobertos". Toni Inajar, autor da mensagem na lista, comentou: “Agora é a NASA quem fala”. (Mensagem enviada por Toni Inajar à lista da Revista UFO – 01/08/2014). Comentários diversos se seguiram à postagem. E o ufólogo e perito criminal Toni Inajar, completou a sua primeira intervenção na lista com a seguinte nota:

Realmente, a "revelação" está iminente! Não sei se daqui a 2 anos, mas será logo! O que me deixa "triste" é que quando assumirem que estão em contato com extraterrestres e que estes já estão nos visitando, acaba a ufologia! Aí começa exo-política, exo-comércio, exo-sexo, exo-tudo, mas a ufologia acaba.(Mensagem enviada por Toni Inajar à lista da Revista UFO – 01/08/2014).

⁸⁷ O argumento mais comumente aduzido para sustentar a tese de que os extraterrestres dispõem de “superioridade tecnológica” é o fato de serem capazes de realizar viagens espaciais longas em curtos períodos de tempo. Ajunta-se a este a impressionante velocidade que as suas naves são capazes de atingir e a perícia em fazer manobras que levariam à destruição de qualquer artefato aéreo humano.

O último trecho desta mensagem é absolutamente interessante. Note-se que a afirmação sobre o fim da ufologia nos posiciona em relação à interrupção da circulação do segredo – elemento fundamental no interior desta disciplina, como se verá nos capítulos cinco e seis. Em contraste com a experiência diária dos ufólogos de ter de lidar fundamentalmente com a indiciabilidade destes Objetos Voadores Não Identificados, Toni mobiliza a possibilidade da revelação e, por conseguinte, outros modos de lidar com os extraterrestres. Tudo se passaria como se a ufologia precisasse deste gradiente de dúvida, destas figuras que visitam os terrestres, mas que não se deixam mostrar.

Ainda no que tange aos possíveis efeitos resultantes do contato, merecem ser mencionadas estas duas outras mensagens postadas como comentários ao correio de Toni Inajar:

Mas Toni, ao meu ver essa vai ser a fase mais interessante, pois todos os bons ufologistas (os ruins vão ser logo desmascarados) vão se tornar referência para a maioria das novas ciências que virão!
Aí sim o negócio vai ficar sério mesmo, por enquanto é só uma pseudociência marginalizada e ridicularizada. Quando tudo isso mudar, vai ser o centro de tudo por várias décadas! (Mensagem enviada por Carlos Casalicchio para a lista da Revista UFO – 01/08/2014)

Neste trecho, como se nota, outras possibilidades são aventadas. O reconhecimento do contato não resultaria em um processo no qual a ufologia daria lugar à exopolítica ou ao exocomércio – possibilidades sugeridas por Toni – mas em um ganho de centralidade da disciplina, então em sua forma reformulada.

Houve um outro fluxo de mensagens e Toni retomou a questão do fim da ufologia. Segundo ele, caso este contato ocorra no tempo divulgado pela mídia, governos e cientistas poderiam tomar parte nas negociações e deixariam os ufólogos marginalizados neste processo. Reproduzo aqui o seu comentário:

[...]Meu receio é de que as nações mais poderosas, as quais já estão em contato com os extras, simplesmente monopolizem o contato, agravando ainda mais todos os problemas apontados pelo Roger. Será que os extras fariam um contato generalizado com diversas nações? Acho que não! Mas minha "tristeza" pelo

fim da ufologia é algo como a tristeza de uma criança quando descobre que papai-noel não existe. É pela perda da investigação, do fim do mistério... Já antecipo uma nostalgia pelo fim de uma era. Com o fim desta atividade (Ufologia) muitos amigos perderão o elo que nos une. Deixarão de ocorrer congressos e eventos, ficarão sem sentido os sites e blogs que mantemos. Será algo como as nossas formaturas no primeiro grau (eu fiz ginásio), no segundo Grau (colegial) e Faculdade, com os amigos se dispersando e nunca mais se vendo. Alguns poucos continuarão suas amizades, é claro, mas serão poucos. Com as redes sociais, algum contato haverá por um tempo, mas mesmo isso passará. E enfim, contaremos para nossos netos sobre m tempo cheio de mistério, dúvidas, questionamentos, teorias, delírios e especulações. E eles vão rir muito a nossas custas dizendo, como nossos avós eram ingênuos... (Mensagem enviada por Toni Inajar para a lista da Revista UFO – 02/08/2014)

Por ora deixo este tema com vistas a retomar a discussão sobre o congresso. A respeito deste, adiarei a discussão de duas palestras – aquelas proferidas pelo ufólogo Fernando Ramalho e por Ricardo Varella – respectivamente para os capítulos cinco e sete. A fala de Fernando versou sobre a campanha pela liberdade de informações sobre os UFOs no Brasil e a de Ricardo Varella se concentrou sobre o processo de análise de imagens ufológicas.

Iniciei este tópico mencionando que a realização do 7º Encontro Ufológico de Peruíbe se fez a partir de uma parceria entre a Prefeitura da cidade e a Equipe UFO. Nesta conformação, a Prefeitura forneceu os meios materiais para a sua organização e o grupo de Ademar Gevaerd ficou encarregado da organização. Decidi falar deste arranjo porque ele é relativamente diferente da forma como outros congressos dos quais tratarei foram organizados. Além disso, a variabilidade de temas e abordagens presentes, chama atenção para um outra conformação, considerando que o congresso não era dedicado inteiramente ao tema dos contatados.

Ademais, merece ser notado que, sendo o primeiro congresso ufológico que frequentei, foi a partir dele que tive acesso à rede de ufólogos articulada no Brasil. Foi nele que iniciei um lento aprendizado sobre temas caros aos ufólogos, assim como tomei ciência das dinâmicas políticas que perpassam a ufologia.

II Encontro de Ufologia Avançada do Distrito Federal

Estávamos reunidos em um Salão de Festas em um prédio localizado na Asa Sul, em Brasília. Tratava-se uma das reuniões promovidas pelos membros da Entidade Brasileira de Estudos Extraterrestres -EBE-ET, que ocorria naquele local em função da cessão do espaço por um dos membros do grupo. Diferentemente das outras reuniões, um senhor de nome Ernani Pimentel esteve presente. Até então eu não o conhecia e o mesmo ocorria com a maioria dos demais.

Fábio Jed, presidente do grupo, noticiou ainda na abertura da reunião, que tínhamos uma grande novidade. O tema foi adiado e as discussões do grupo prosseguiram. Ao final da reunião, a referida novidade foi apresentada: Ernani Pimentel, proprietário de um cursinho pré-vestibular de nome VESTCON – este dotado de um auditório de tamanho considerável – , estava interessado na promoção de um evento ufológico em Brasília, assim como a criação de uma espécie de sala, na qual filmes poderiam ser locados e livros estariam disponíveis para o amplo acesso. Nos seus termos, esta “sala ufológica” seria um espaço para reunião e consulta bibliográfica.

A notícia foi acolhida com grande felicidade pelos membros do grupo, especialmente depois que Ernani se ofereceu para promover o financiamento da vinda dos participantes. Cobrar-se-ia uma pequena taxa, para, em seguida, recolher o dinheiro daí obtido para a criação da referida sala. No curso da reunião, adiantou-se que o ufólogo Ademar José Gevaerd também participaria da organização.

Depois deste breve anúncio, passei a receber através da lista de e-mails da revista UFO, certo número de chamadas para o congresso. O cartaz foi divulgado nas redes sociais e continha um detalhe interessante: era uma espécie de *fac-símile* da capa do filme Independence Day

(1996), e contava com uma grande nave mãe⁸⁸, que se postava acima dos dois prédios que se colocam atrás das cúpulas do Senado e da Câmara Federal localizados na cidade de Brasília.

O porte do evento era pequeno. Não havia mais que 10 palestrantes. Estes, em sua maioria, eram membros da Equipe UFO. No que concerne ao título do mesmo, ele evoca o fato de que este estaria mais associado à ufologia mística ou esotérica, do que à ufologia científica. Entretanto, como se notará pelo tom que as comunicações durante o evento ganharam, a maneira como decidiram nomeá-lo dificilmente pode ser tratada como representativa de uma exclusividade da linha "avançada".

Uma semana antes do início do congresso, recebi uma mensagem do presidente da EBE-ET, o ufólogo Fábio Jed, no qual o último nos informava sobre a existência da programação e sobre a necessidade de voluntários para participar no mesmo. Ademais os membros da entidade teriam a uma redução na tarifa de inscrição e aqueles que decidissem participar como voluntários, não pagariam. De minha parte, me inscrevi para a última função e dois dias antes do início do congresso recebi a confirmação de que poderia trabalhar como voluntário.

No dia do início do congresso, cheguei com alguma antecedência. Na antessala do auditório uma estande de materiais ufológicos começava a ser montada. Conversei por algum tempo com Toni Inajar, Fernando Ramalho e Ademar Gevaerd, mas em seguida fui chamado pelo presidente da Entidade Brasileira de Estudos Extraterrestres, quem me encarregou da função de controlar o acesso dos participantes ao auditório, conferindo se portavam os crachás de identificação.

Assumi o posto indicado e, como no meu crachá constava a designação "Apoio", alguns participantes, seja enquanto esperavam as palestras, seja quando faziam saídas rápidas durante

⁸⁸ A expressão nave-mãe transborda o contexto ufológico e é encontrada em séries de televisão e filmes onde ocorre a figura extraterrestre.

elas, se dispuseram a conversar comigo. Este foi o caso de Euler, um ufólogo carioca e funcionário do Banco do Brasil, que se mudara para Brasília há dois meses e procurava um grupo de pessoas para realizar vigílias ufológicas.⁸⁹

Apesar do posto reservado a mim, pude assistir a todas as palestras. Como o congresso era pequeno, assim que a maioria dos participantes entravam, eu me sentava no último assento e dali podia tomar notas sobre as preleções do dia.

No caso deste evento, a maioria dos palestrantes convidados eram pessoas que eu conhecia pessoalmente ou já tinha notícia das suas posições no interior da ufologia. Desta feita, a palestra de Thiago Luiz Ticchetti, quem também presente no 7º Encontro Ufológico de Peruíbe, consistia em um levantamento detalhado de casos ufológicos ocorridos no Distrito Federal. Tratava-se de um exercício de colocar em paralelo situações que envolviam óvnis, de tal modo a compor um relato sobre casos singulares no Estado.

Na palestra de Fábio Jed, o tema central consistia na tentativa de trabalhar aquelas que seriam as perguntas capitais da Ufologia que, segundo ele, não eram diferentes daquelas que todos os seres humanos se colocam, quais sejam: de onde viemos? ; para onde vamos?; por que estamos aqui?

Logo de início ele admitiu que tinha um interesse “mais multidisciplinar” na ufologia, que comportaria inclusive saberes ligado ao ocultismo. Segundo ele, a ufologia se dividiria em três matrizes: a ufologia científica; a ufologia esotérica e a ufologia holística. Acerca da primeira, aquilo que a define é o uso de métodos similares àqueles empregados na “Ciência” em suas investigações. A área da ufologia que se define como esotérica ou mística, acomoda temas que

⁸⁹ Infelizmente não pude ajudá-lo. Durante a pesquisa de campo, não conheci ninguém em Brasília que estivesse realizando vigílias ufológicas. O motivo alegado para a diminuição de sua frequência costuma ser o perigo de assaltos. Foi este o motivo alegado Demétrio, ufólogo brasileiro, em uma reunião do grupo EBE-ET na pizzaria La Gioconda.

ufólogos que se definem científicos podem não ter simpatia, a exemplo de: canalizações extraterrestres, viagens astrais e teorias que incluem os extraterrestres em argumentos espíritas acerca da evolução espiritual. Quanto à última categoria, assim como a define Fábio, ela seria um “apanhado” dos dois aportes. De minha parte, tenho em conta que a maioria dos ufólogos com quem tive relações em campo se definiria como pertencente ao terceiro tipo.

Seguindo a classificação apontada por Fábio, a qual divide a ufologia em três subdomínios, Mônica Medeiros iniciou a sua intervenção dizendo que participa da linha denominada ufologia holística, definindo-se por um encontro entre o elemento científico desta disciplina e o elemento espiritual nela contidos.

No encontro de Brasília, embora Mônica tenha trabalhado com o tema das abduções, o seu interesse se dirigiu aos círculos ingleses, também chamados de “agroglifos”. A palestra, por seu turno, consistiu na apresentação de uma série de imagens de inscrições feitas em plantações por extraterrestres, valendo-se de várias citações do pesquisador inglês Colin Andrews⁹⁰, também especialista no tema. Nos desenhos feitos nas plantações, Mônica descobria mensagens dirigidas aos humanos e, nos seus termos, estas nos informavam sobre o “nosso” processo de evolução, relativamente aos extraterrestres. Note-se que se há uma participação da ufologia mística ou avançada na apresentação de Mônica Medeiros, os traços podem ser notados não na escolha do objeto a partir do qual compôs a sua comunicação. De modo alternativo, era possível distinguir que naquela ocasião ela se orientava na direção da ufologia avançada pela interpretação que conferia aos círculos extraterrestres nas plantações. Esta, como mencionei, privilegiava a tentativa de ler nos referidos agroglifos observações sobre a evolução humana. Mônica terminou a sua intervenção apresentando uma imagem de um agroglifo contendo uma

⁹⁰ Recupero o trabalho de Colin Andrews no capítulo sete, com vistas a discutir de modo mais detido o tema dos agroglifos.

figura que remetia a um fractal, a qual adicionou o seguinte comentário: “O que somos senão um fractal de Deus?”⁹¹

Ao final do primeiro dia, Fábio Jed me agradeceu muito por ter ajudado na organização do evento e me convidou para ir com os outros ufólogos a uma churrascaria. Cheguei um pouco mais tarde, onde encontrei Gevaerd ao lado de sua filha, Marcelo, Marco Antônio Petit e Fernando Ramalho. Logo que cheguei todos já comiam e conversavam em círculos separados. Durante a conversa, Marcelo era alvo de constantes brincadeiras relativas a outros temas que não a ufologia. Fernando Ramalho, por seu turno, me contou sobre um pedido à Mônica para interceder pela cura de seu irmão. Mais tarde, Petit me contou da atuação de seu grupo ufológico na Serra da Mesa -RJ, local onde foi morar quando se separou de sua primeira esposa.

Várias conversas aconteciam na mesa, mas logo depois que um caso de cura espiritual foi narrado, Gevaerd se dirigiu a mim e disse: “Não vá colocar isto na sua tese, hein?” De fato, não me empenhei na narração do caso aqui, em acordo com a sua recomendação. Muito embora o tom da pergunta tivesse tido um caráter jocoso, figurando como um tipo de brincadeira, merece ser pensado em que condições este comentário pôde ser feito.

Isto é, seria possível fazer esta troça com um caso de avistamento ufológico ao qual os convivas reputam importância? Suspeito que não. Se por um lado o comentário figurava como uma espécie de corte entre o que é entendido como sério e o que não merece atenção, ele suscitava uma questão: se a ufologia mística ou esotérica ocupa na ufologia uma posição hierárquica inferior à ufologia científica, por que é que a primeira continua intensamente presente na maioria dos congressos ufológicos?

No segundo dia do congresso, eu e Fernando Ramalho buscamos alguns palestrantes e membros da Equipe UFO no Hotel, como havíamos combinado na noite anterior. Em seguida,

⁹¹ Notas tomadas durante o congresso.

nos instalamos no auditório do congresso, onde Ernani Pimentel, proprietário do espaço e idealizador do evento, falaria em seguida. Sua palestra foi um misto de testemunho pessoal e comentários sobre uma viagem guiada que fizera ao Peru e Bolívia.

No princípio comentou sobre um livro que publicara, que busca traçar correlações entre a construção de uma cidade do Egito e a cidade de Brasília. Em seguida mudou completamente para as revelações de um xamã que o acompanhou em sua viagem aos dois países sul americanos mencionados. O relato era contornado por comentários sobre a fuga dos Incas por túneis para outras partes do globo, sobre o problema do transportes de pedras de muitas toneladas pelos povos andinos e sobre as ruínas de Tiwanaku. A palestra de Ernani Pimentel, de fato, habitava o território da ufologia esotérica.

Ricardo Varella, membro da Equipe UFO e um dos especialistas na análise de imagens de Objetos Voadores Não Identificados iniciou a sua palestra dizendo: “A minha área de pesquisa é a ufologia científica”⁹². Desta feita, ocupou seu tempo apresentando os meios dos quais se vale para analisar as imagens de UFOs que a ele são enviadas para análise com vistas a identificar fraudes. Até este ponto, portanto, a comunicação se acomodava na categoria da ufologia científica. Entretanto, pouco tempo depois, sua intervenção tomou outro curso: Varella passou a sustentar a tese dos alienígenas do passado. Esta, se por uma lado é articulada pela maioria dos ufólogos, por outro o aproximava da categoria da ufologia mística.

O mesmo se passou com o ufólogo Toni Inajar, quem também se ocupa do processo de análise de imagens da Revista UFO. Sua palestra, intitulada *Extraterrestres, anjos e demônios*, foi completamente baseada na tese dos astronautas antigos e se constitui enquanto uma reunião de dados que a comprovariam, recortada por afirmações como as seguintes: “Existem evidências

⁹² Notas tomadas durante o evento.

produzidas por estas inteligências desde 500 milhões de anos atrás”; “Os dinossauros devem ter visto os discos voadores” ; “Seres da idade da pedra também foram visitados”.⁹³

Além de adotar esta tese, Toni se valeu de um autor vinculado às teorias da conspiração para apoiá-la, apontando vários paralelismos entre representações iconográficas de demiurgos, que concorreriam para assinalar que os nativos da Terra, em tempos imemoriais, tomaram contato com os extraterrestres e os trataram como deuses. Com vistas a sustentar este argumento, o palestrante recorreu inclusive às imagens de artefatos de *Cargo Cults* melanésios, onde figuravam formas similares aos cargueiros americanos que sobrevoavam as ilhas do pacífico durante a Segunda Guerra, as quais dariam conta do processo de imitação dos “deuses extraterrestres”.

Ainda no que concerne à palestra de Toni, a questão das raças alienígenas também foi objeto de discussão. Valendo-se da classificação operada por Clifford Stone – proprietário de um sítio na internet dedicado ao tema⁹⁴ - Toni observou que mais de cinquenta e sete tipos de extraterrestres já foram catalogados. Este ponto contribui com a observação feita no tópico anterior, segundo a qual as tipologias extraterrestres e a classificação de suas raças está longe de ser estabilizada.

Antes de passar às observações sobre o congresso UFOPAX, objeto da descrição do próximo tópico, gostaria de chamar atenção para o fato de que as categorias “ufologia científica”, “ufologia mística” e “ufologia holística”, embora sejam recorrentemente mobilizadas para descrever diferentes *modus operandi* da pesquisa ufológica, assim como para classificar orientações de diversos ufólogos, não constituem delimitações fechadas. Ou ainda, assim ocorria entre os ufólogos com os quais tive contato. Antes, a relação com estas três áreas parece ser

⁹³ Notas tomadas durante o evento.

⁹⁴ Ver http://www.bibliotecapleyades.net/vida_alien/alien_races00.htm (Acessado no dia 14/08/2014)

marcada por um tipo de trânsito intenso, sobre o qual costuma-se argumentar que, dada a "grandeza" do fenômeno, diferentes entradas são possíveis. É desta feita que, no congresso ocorrido em Brasília, encontramos um ufólogo que expressamente se identificou com a linha científica, mas que terminou tecendo comentários sobre a teoria dos alienígenas do passado. De modo similar, uma ufóloga correntemente referida como pertencente à linha esotérica ou mística, se debruçava sobre o tema dos agrolifos. Procurarei recuperar este ponto ao final do capítulo. Antes, cumpre tecer algumas considerações sobre o UFOPAX.

IV UFOPAX

Assim como a maioria dos congressos ufológicos dos quais tomei parte, conheci o IV UFOPAX por meio do calendário de eventos que a Revista UFO mantém em seu site. Como já observei, é comum que as informações sobre reuniões ufológicas sejam divulgadas por este meio, ainda que a publicação não tenha relação direta com a organização. O evento em questão foi realizado na Fraternidade Espírita PAX, um centro espírita localizado no Bairro de Santana, na cidade de São Paulo, que uma das participantes descreveu como uma casa ecumênica. No site do referido centro lê-se a seguinte descrição:

A Grande Fraternidade Branca Universal, Mestres Ascencionados, Arcanjos, Anjos, Elementais da Natureza, Seres Interdimensionais, Correntes de Cura e Irmãos Interplanetários são os dirigentes dos trabalhos realizados pela PAX, sob a regência do Mestre Saint Germain através de mensagens canalizadas pela sensitiva e fundadora da PAX Carmen Balhester e por um grupo de voluntários que cooperam nessa tarefa. (Seção Quem Somos – Site da Fraternidade PAX Universal – www.pax.org.br - Acessado em 14/08/2014)

No que concerne à ambiência do local, na entrada já se notava um anteparo de vidro que trazia um mensagem sobre a “elevação espiritual”. Mais a frente havia um salão que se configurava como um misto de livraria espírita e loja esotérica. Os títulos à venda eram basicamente relativos a correntes do espiritismo, mas havia também outros mais ligados à literatura de conspiração, assim como relacionados aos temas das gemas, das ervas, dos florais e

dos óvnis. Ademais, vendiam-se incensos indianos, cordões com pingentes da Cruz de Malta, essências perfumadas e velas coloridas.

Na parede, pinturas das entidades que dirigem a casa estavam à venda. Entre elas a do Mestre Ascenso St. Germain, cuja imagem, em um primeiro momento, confundi com um retrato de Jesus. O andar superior era o local onde as palestras ocorreriam. Depois de um corredor com várias entradas para salas, chegava-se a um pequeno auditório.

A Fraternidade Espírita UFO PAX, em termos do modo como distribui e organiza os espaços, guarda relações com os "centros integrados" neo-esotéricos estudados pelo antropólogo José Guilherme Magnani.⁹⁵ Em *Mystica Urbe* (Magnani, 1997) ele os caracteriza da seguinte maneira:

O espaço interno apresenta a seguinte disposição: a) sala de recepção, loja/livraria; b) balcão para chá/café/lanches; c) auditório/salão para práticas coletivas; d) saletas para atendimento; e) biblioteca, no caso dos centros maiores. Esse programa responde à principal característica dos Centros Integrados que se dedicam a várias atividades no campo do neo-esoterismo, pela combinação de cursos, palestras, vivências, tratamentos terapêuticos, venda de produtos. (Magnani,1997:29)

No que concerne ao evento este estava sendo organizado pela hipnoterapeuta especialista em abduções Cássyah Faria e era significativamente menor do que os congressos organizados pela Revista UFO. Ao todo se apresentaram seis palestrantes, todos residentes no estado de São Paulo. Tratava-se claramente de um evento de dimensões locais, que diferentemente do I Fórum Mundial de Contatados e do 7º Encontro Ufológico de Peruíbe, dificilmente atraiu muitos participantes de fora.

No entanto, assim como nos outros congressos, havia certa pluralidade de temas, orientações e engajamentos com o "fenômeno UFO". Isto é, se do ponto de vista da estrutura

⁹⁵ Devo ao texto de (Pícaro,2007) a tomada de conhecimento da obra de Magnani. Foi Daniel Pícaro quem primeiro assinalou as possíveis semelhanças entre os espaços descritos por Magnani e os espaços onde se fazem os congressos ufológicos.

física à disposição dos organizadores o evento ressentia em termos de recursos - os demais tiveram lugar em grandes auditórios e contavam com uma vasta equipe cerimonial - logo que o congresso se iniciou tive a impressão que havia uma gama de similitudes com os demais que havia frequentado. Se em um primeiro momento eu esperava assistir ali um simpósio que, por ser organizado em um *centro ecumênico*, trataria mais fortemente de temas relativos à ufologia mística, logo que as palestras se iniciaram notei que a sua configuração não destoava inteiramente de colóquios próximos à ufologia científica.

A primeira delas foi proferida por Fábio Gomes, sociólogo formado pela Universidade de São Paulo, membro da Equipe UFO e, atualmente, funcionário de uma empresa de pesquisas de opinião. Fábio trabalha com análises quantitativas e a sua intervenção consistiu na apresentação de uma pesquisa que, fazendo uso de um banco de dados contendo um universo de duzentos e cinco casos, procurava padrões nas abduções e contatos, como os tipo dos seres e horário das ocorrências.

Nota-se, neste esforço, uma tentativa de imprimir em um trabalho ufológico um processo costumeiro nas ciências, isto é, o uso de testes estatísticos para desenvolver a pesquisa. Ao reconhecer que a ufologia trabalha primordialmente com casos, promovendo a sua quantificação o ufólogo buscava encontrar padrões relativos aos tipos de seres comuns nas abduções e contatos, ao gênero e idade das testemunhas, à forma de comunicação empregada pelos extraterrestres e à procedência dos extraterrestres.

Durante o curso de sua fala, Fábio recorrentemente fez uso de comentários que, visivelmente, podiam ser rastreados em sua formação como sociólogo. A exemplo disso, vale mencionar a sua advertência sobre a participação de “fatores socioculturais” nas diferentes descrições de seres alienígenas pelas pessoas que passaram por experiências ufológicas, além de

uma nota acerca da variação do relato em conformidade com a “subjetividade do observador”. Ao trazer o aporte da pesquisa sociológica para a sua palestra, Fábio agiu de modo semelhante a outros ufólogos, na medida em que modulou a sua investigação segundo os seus diacríticos pessoais ou profissionais. Tudo se passaria como se a ufologia se constituísse a partir destas marcas que cada investigador imprime na disciplina, tornando-a constantemente outra.

Permitam-me fazer uma analogia da impressão destes diacríticos pessoais na ufologia com a distinção, operada pelo *hacker* e desenvolvedor de softwares Eric Steven Raymond, entre o modelo de produção de conhecimento nomeado de "Catedral" e aquele que o autor decide chamar de "Bazar". No livro intitulado *The Cathedral and the Bazaar* (Raymond,1999)⁹⁶, Raymond opõe dois modelos de desenvolvimento de software. O primeiro, que apelida de Catedral, passa pela construção cuidadosa, especializada e planejada de um produto projetado para não subverter o projeto. Nos termos de Raymond, na modalidade "catedral" o programa não tem uma versão beta, isto é, uma versão para testes, que se estima que seja não estabilizada. De modo diverso, o modelo Bazar, em oposição aos sistemas operacionais produzidos por empresas, encontra a sua maior expressão na comunidade de desenvolvedores do sistema *open source* Linux. Sobre o bazar, Raymond comenta:

Not quiet, reverent cathedral-building here-rather, the Linux community seemed to resemble a great babbling bazaar of differing agendas and approaches (aptly symbolized by the Linux archive sites, which would take submissions from anyone). (Raymond,1999:21)

Portanto, o desenvolvimento do Linux acatava contribuições de programadores com orientações e interesses diversos. Nos termos de Raymond, o resultado final foi um trabalho de eliminação de erros do código incrivelmente rápido. Se pudéssemos estabelecer uma comparação com a ufologia, talvez não fosse desmedido dizer que a forma como esta se conforma se

⁹⁶ Não fosse pela generosidade de Ramiro Queiroz não teria encontrado este texto.

assemelha ao último modelo.⁹⁷ Isto é, pesquisadores com agendas totalmente divergentes, sentam-se à mesma mesa e dela participam perseguindo questões diferentes. Na eleição destas questões, como venho observando, as trajetórias pessoais e o momento profissional destas pessoas de algum modo termina influenciando as suas abordagens.

Por ora, voltemos à apresentação das comunicações. A palestra de Nelson Granado consistiu em um apanhado de seu testemunho pessoal de entrada na ufologia e de argumentos em favor da presença de indícios de referência aos extraterrestres nos textos sagrados de religiões monoteístas, tema sobre o qual já comentei anteriormente.

Já Paulo Aníbal, que se define como um pesquisador de campo na ufologia, apresentou uma comunicação que procurava explorar o significado das abduções. De acordo com ele a abdução deve ser entendida como uma experiência realizada “contra a vontade” do abduzido, o que se revela pelas narrativas de violências sofridas quando estão nas mãos dos captores. Em seguida, Paulo comparou as situações de abdução aos experimentos realizados com cobaias, dado o interesse dos extraterrestres pela extração do material genético dos humanos e os implantes não infrequentes de objetos (chips de rastreamento e controle). No entanto, ao falar sobre o caráter destes procedimentos experimentais, Paulo nos informou que a “a questão da bondade e maldade [das ações extraterrestres] depend[ia] do referencial” (Palestra apresentada por Paulo Aníbal no IV UFO PAX), uma vez que:

Os experimentos com ratos e cobaias é (sic) o que fazemos para obter insumos benéficos para nossa saúde humana. (Palestra apresentada por Paulo Aníbal no IV UFO PAX)

Depois de discorrer sobre alguns casos de abdução, Paulo Aníbal trouxe para o centro do palco o abduzido Paulo Giordano, quem teceu um longo relato acerca do processo de descoberta

⁹⁷ Como a expressão "bazar" já foi usada para qualificar negativamente a ufologia, quero remarcar que o uso que faço aqui passa antes por uma positivação. Não há qualquer analogia com os aspectos mercantis ressaltados por críticos aos congressos ufológicos.

de um implante alienígena no osso externo de seu tórax, ilustrando o relato com uma série de exames médicos e pareces de mesma ordem.

O ufólogo Chico Penteado ficou encarregado da quarta palestra do UFO PAX. Sua fala consistiu na apresentação de uma revisão bibliográfica sobre o contatismo e as abduções, com ênfase nas mudanças de perspectiva sobre os extraterrestres na história da ufologia. Assim, segundo Penteado, se na década de cinquenta prevalecia uma visão negativa sobre os extraterrestres, esta percepção foi modulada em outros termos nas décadas subsequentes. Penteado mostrou bastante versatilidade na literatura ufológica, quando diagnosticou a perspectiva que cada um dos autores consagrados no campo escolheu: David Jacobs, pesquisador sobre o tema das abduções, segundo seu entendimento teria reduzido tudo à ação dos Greys e seria a expressão do “auge do pessimismo na ufologia”; o contatado Jim Sparks teria uma visão positiva dos Greys e dos reptilianos; Bud Hopkins, também especialista em casos de abdução, não se diferiria significativamente de Jacobs; David Icke, autor de livros que encerram teorias conspiratórias, seria “contra os reptilianos”; Barbara Lamb, pesquisadora em ufologia, teria afirmado que os reptilianos têm o comportamento típico da “realeza”, adoram os humanos e têm interesse sexual por eles.⁹⁸ Se a palestra de Chico Penteado tomou a forma de um tipo de revisão bibliográfica acerca da variação sobre a percepção dos extraterrestres em obras de sucesso no âmbito da ufologia, as suas conclusões consistiram em uma espécie de sumário destes pontos de vista. Nos seus termos, o que vigora hoje seria um “meio termo” entre as posições que percebem os extraterrestres como benevolentes e aquelas que os tomam como cientistas que agem em relação aos humanos como se estes fossem cobaias. Penteado concluiu dizendo que embora a relação que tenham conosco não seja agradável, isto não significa que sejam maldosos.

⁹⁸ Neste ponto de sua comunicação, Chico Penteado afirmou ser um reptiliano, como já havia feito em entrevistas concedidas a programas televisivos de grande audiência.

Cássyah Faria, a palestrante seguinte, se define como Hipnoterapeuta e não como ufóloga. Sua intervenção foi um tipo de relato pessoal de como passou a se interessar pelo tema das abduções, a partir do momento que recebeu uma cliente que teria passado por esta experiência. Desde esta primeira paciente, passou então a perceber que era preciso “ dar voz e vez a estas pessoas”⁹⁹, pois atualmente 50% do público em seu consultório teve alguma experiência extraterrestre.

Feita esta breve apresentação, Cássyah passou a falar de algumas características dos pacientes que atende, assim como de suas experiências. Deste modo, segundo ela, os extraterrestres do tipo Grey não entram em nenhum diálogo com os abduzidos. Ademais, quando o paciente volta da experiência, não tem nenhuma lembrança do ocorrido, pois os extraterrestres não estão interessados em manter a memória do abduzido. Ora, se não há qualquer lembrança até o momento do processo hipnótico realizado por Cássyah, isto não significa que não existam sintomas que aparecem normalmente a partir da fase adulta, quais sejam: lances de imagens a bordo da nave durante o sonho; despertar-se cansado; partes do corpo começam a sofrer ferimentos; sensibilidade ao barulho; sinusite e sangramento nasal; pressão arterial baixa. No caso das mulheres, ocorrem ainda outros dois sintomas da abdução: ausência de menstruação e insônia.

No que concerne ao que ocorre nos instantes que antecedem a abdução, Cássyah foi capaz de elencar os seguintes fenômenos a partir dos inúmeros casos de abduzidos que atendeu. São eles: paralisia; pânico; pressentimento de presença; luzes piscando; "as pessoas ao lado adormecem e não despertam"; sonhos eróticos com pessoas desconhecidas; imagens de seres removendo fetos ou invadindo o útero; sonhos envolvendo exames médicos ou instrumentos.

⁹⁹ Notas tomadas durante o evento.

Terminada a exposição da sintomatologia, Cássyah usou parte do seu tempo para comunicar aos presentes que ela estava disponível para realizar sessões de hipnoterapia com aqueles que estivessem interessados. De acordo com ela, o procedimento pode ser feito presencialmente ou por via de Skype.

Depois da divulgação do seu serviço, foram-nos apresentados dois casos de abdução. O primeiro era uma gravação de voz de uma sessão de hipnoterapia, cuja divulgação fora autorizada pela paciente. No segundo, Cássyah trouxe Karen ao centro do palco e pediu que ela contasse sobre a sua experiência. O relato de Karen, além de emocionado, dava conta do pavor sentido em relação aos Greys antes e depois das abduções. Ao final, Cássyah aproveitou a menção aos Greys para comentar sobre os diferentes características das raças extraterrestres. Nos seus termos, os Reptilianos são ligados ao poder e aos interesses econômicos, os Greys à genética, os insetóides à evolução do planeta e os Nórdicos à evolução espiritual.

Ufologia mística, ufologia científica e ufologia holística

Algumas descrições antropológicamente informadas sobre a ufologia têm dado conta da vigência de três categorias em relação às quais os ufólogos tem por base para instalar um regime de separações e diferenciações entre si. Ademais, as noções de ufologia científica, ufologia mística e ufologia holística, parecem ser evocadas pelos ufólogos com certa constância, com vistas a identificar linhas de orientação distintas. Na descrição que forneci nas linhas acima, como se pode observar, um dos palestrantes do evento organizado no Distrito Federal, inclusive elegeu o tema como o lócus privilegiado a partir do qual compôs a sua intervenção.

Se percorri três congressos com configurações diferentes neste capítulo, um dos motivos para fazê-lo, além de munir o leitor(a) dos meios para seguir aqueles temas que têm ocupado os ufólogos com os quais trabalhei, foi tentar mostrar que, a despeito da utilização das referidas

categorias, ao articularem-se pragmaticamente nas convenções os ufólogos parecem operar no registro de uma conjunção de elementos terminam borrando esta distinção. Foi deste modo que encontramos uma ufóloga que trabalha de canalizações espirituais analisando um agrolifo e, de modo correlato, um analista de imagens tecendo comentários sobre a humanidade antes dos humanos, instalada aqui pelos extraterrestres.

De nenhuma forma desejo negar que a atenção a estas referidas categorias possa ter figurado em anos anteriores, ou ainda, que há vinte ou trinta anos atrás, ufólogos científicos organizavam congressos onde não havia lugar para ufólogos místicos. Tampouco tenho meios de avaliar se as mesmas categorias têm maior vigência em coletivos diferentes daqueles com os quais me engajei. A despeito disto, conservo a forte impressão que este trânsito entre as fronteiras "sub-disciplinares" - chamemo-las assim na falta de melhor termo - sempre se apresentou como um traço no Brasil desde a década de 50, quando o tema dos discos voadores passou a ganhar força. Curiosamente, este movimento entre as referidas distintas áreas, de algum modo era suplementado com a afirmação da existência de fronteiras. Explico-me: tudo de passaria como se os ufólogos em algumas instâncias reforçassem a existência da separação entre ufologia mítica ou avançada e ufologia científica, mas na prática se dedicassem a transitar com liberdade entre estes domínios.¹⁰⁰

Foi atencioso a este movimento que ora descrevo, que evitei supor de antemão a existência da referida separação, do mesmo modo como me recusei - ainda que este caminho se apresentasse inteiramente mais cômodo - descrever os ufólogos a partir destas mesmas categorias. Como o leitor (a) pode ter visto, estes enquadramentos só aparecem na medida em

¹⁰⁰ Suponho que a situação seja diferente na ufologia americana. Lembro-me com clareza da distinção feita por Debora Battaglia em uma de nossas reuniões, entre os grupos que chamava de "E.T People", que se interessavam pelas mensagens dos extraterrestres, dos UFO People, debruçados sobre o tema da identificação de óvnis e sobre as tentativas de interromper o acobertamento estatal de informações sobre extraterrestres.

que são articulados pelos pesquisadores e de nenhum modo ousei tomá-las como ponto de partida para a análise. Ou, de outra feita, talvez seja oportuno tomar uma das categorias como a descrição deste movimento que venho descrevendo: a noção de ufologia holística, a qual a maioria dos pesquisadores se vincula, talvez seja, entre os elementos desta classificação nativa, aquilo que melhor os descreva.

Antes de passarmos à etnografia de um grupo ufológico, talvez seja a ocasião de deixar registrado que aquilo que no passado se definia como ufologia mística, na qual vigoravam canalizações espirituais e recepção de mensagens psicografadas de extraterrestres, possivelmente tenha sido capturada pelos estudiosos interessados no tema da abdução. Daniel Pícaro, em sua dissertação de mestrado, anota este último ponto com bastante propriedade:

Analisando-se a casuística dos abduzidos e contatados, observa-se a recorrência de elementos em tese oriundos de um Universo mais místico e menos Ocidental, digamos. Era o caso dos desdobramentos, das experiências fora do corpo, ou dos estados alterados de consciência daqueles que passavam por uma experiência de abdução, como os casos do casal Hill ou de Betty Andreasson. (Pícaro,2007:99)¹⁰¹

Perdoemos a oposição entre místico e ocidental levada a cabo pelo autor, e nos atentemos para a sua sugestão de que os episódios de abdução e contatismo passam a conter alguns ingredientes do que outrora se chamava de ufologia mística. Estou de acordo com o comentário do antropólogo e devo ressaltar que, em alguma medida, a descrição do I Fórum Mundial de Contatados que ofereci nas linhas anteriores, pode ser lida também como a plena exemplificação deste ponto.

Acerca das separações entre a ufologia mística e a ufologia científica quero ainda ressaltar outro ponto. A pesquisa de arquivos nos números da Revista UFO na década de 80 e início da década de 90, nos permite sugerir que o trânsito intenso entre as duas correntes, ou mesmo a redução do emprego destas categorias, talvez se deva a um esforço da maior publicação

¹⁰¹ Obviamente não subscrevo a distinção operada pelo autor do trecho entre os universos "místico" e "ocidental".

do país no sentido de obliterá-las. Falarei mais deste processo no capítulo quatro. Por ora, termino o capítulo com um box de opinião presente no número 26 da Revista UFO, de outubro de 1993¹⁰², um dos locais onde rastreei as tentativas de dissolução destas categorias.

¹⁰² Revista UFO, n° 26, 1993:20.

Ufologia Mística *versus* Ufologia Científica: Um divisor de águas que já não existe mais

Durante décadas os ufólogos brasileiros, movidos por suas tendências e formas de encarar o Fenômeno UFO, acostumaram-se a se autoproclamar como científicos, místicos, espiritualistas etc. São diversas as definições de cada segmento da Ufologia. Mas hoje, a cada dia que passa, tais nichos estão se desfazendo e os limites que até então os separavam, meras linhas imaginárias bascadas na postura pública de cada grupo, se diluem rapidamente. Primeiro porque os chamados ufólogos científicos nunca foram, de fato, científicos. Sua própria definição está errada, já que a maioria destes estudiosos não tem a mínima formação científica e mesmo porque raramente os métodos da pesquisa científica podem ser aplicados na íntegra à Ufologia. Os místicos também pecam ao se autodefinirem dessa forma, já que uma maneira mais flexível de ver a Ufologia e os fenômenos ligados aos extraterrestres não significa, em absoluto, a mística como ela pode ser definida. Há exageros de ambas as partes, de onde surgem os preconceitos mútuos que hoje estão ultrapassados. E assim vai com os espiritualistas, esotéricos etc.

Se a partir de suas autodefinições estes grupos pareciam perdidos, quanto aos limites que sustentavam para cercar seus domínios eles estavam ainda mais equivocados... Nunca se soube ou se pôde definir com precisão aonde começa a área de uns e termina e de outros. Da mesma forma, nenhuma destas correntes conseguiu expor satisfatoriamente seus pontos de vista. Em face a isso tudo, é absolutamente oportuna e prudente a formalização de um pacto informal como que se deu em Salvador, com a elaboração da *Carta de Salvador* (veja matéria a seguir). Não importa a que grupo ou corrente pertença este ou aquele ufólogo: o importante é que todos se auxiliem mutuamente para encontrar as respostas para o enigma ufológico. A união faz a força também na Ufologia (ou principalmente nela)!

Figura 2 - Box informativo da Revista UFO¹⁰³

¹⁰³ Revista UFO, nº 26, 1993:20.

Capítulo 3 – Estudo de um grupo ufológico: Os UFOs e a sua parcial visibilidade

Sin un libro sagrado que los congregate como la Escritura a Israel, sin una memoria común, sin esa otra memoria que es un idioma, desparramados por la faz de la tierra, diversos de color y de rasgos, una sola cosa, el Secreto, los une y los unirá hasta el fin de sus días. [...] La secta del Fénix, Jorge Luis Borges

Nos dois primeiros capítulos dediquei-me à etnografia dos congressos ufológicos, apontando para a forma segundo a qual estes são organizados, os seus temas frequentes e a atualização pragmática de certas categorias que servem para distinguir formas diferentes de orientação da pesquisa ufológica.

Naquela parte do texto argumentei que um dos espaços onde a ufologia é feita são as convenções. Mas, se é possível dizer que esta disciplina tem lugar, em grande medida, nos congressos ufológicos, tal constatação, para que se complemente, precisa levar em consideração a atuação de reuniões muito menores, menos grandiosas e divulgadas, que ocorrem ora em salões de festas de edifícios, ora em pequenas salas cedidas por algum dos membros ou obtidas por regimes de comodato.

Aqui eu me refiro aos grupos ufológicos.¹⁰⁴ Estes, via de regra, tomam a forma de coletivos com uma quantidade de membros permanentes que gravita entre 10 e 15 pessoas, os quais se encontram quinzenalmente ou mensalmente, com vistas a discutir temas relativos à ufologia, assim como, em alguns casos, realizar vigílias ufológicas e pesquisas de campo.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Segundo Jayme Aranha "O 'movimento ufológico', como ele mesmo intitula-se, está longe de ser um fenômeno social homogêneo ou centralmente organizado. Podemos, primeiramente observar a sua presença atual em duas de suas manifestações: "Os congressos de ufologia" e os "Grupos de pesquisa ufológica."(Aranha, Mimeo)

¹⁰⁵ A vigília e a pesquisa de campo se diferem na medida em que a primeira consiste em uma tentativa de estabelecer contato visual ou mesmo físico com as entidades extraterrestres. A pesquisa de campo, por seu turno, procura estabelecer o contato indireto, isto é, ela se faz por meio da entrevista com testemunhas de fenômenos extraterrestres, assim como a partir da coleta e catalogação de possíveis evidências materiais deixadas pela nave ou pelos seus ocupantes.

Diferentemente do que ocorre na primeira classe de conferências ufológicas que analisei no capítulo anterior, os participantes, via de regra, habitam a mesma cidade ou localidades próximas. Ademais, compõem-se majoritariamente por civis, embora possam ser frequentados por militares.¹⁰⁶

Embora não tenha informações sobre o número absoluto de grupos ufológicos existentes no Brasil, durante a pesquisa de campo tive indicações de que ele era expressivo. A título de exemplo, vale mencionar que o seu número era tão significativo, a tal ponto de, até pouco tempo atrás, a Revista UFO divulgar em cada uma das edições uma lista contendo vários endereços nas capitais e no interior do país.¹⁰⁷

No que diz respeito à história dos grupos ufológicos no Brasil, Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos, em *A invenção dos discos voadores: Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil* documenta com acuidade a sua emergência:

Nos últimos anos da década de 50 começaram a florescer em vários pontos do Brasil, grupos de aficionados por discos voadores e seres extraterrestres. De modo geral, eram pequenos e compostos, em sua maioria, por profissionais liberais que dedicavam o seu tempo livre ao assunto. Muitos deles colocavam dinheiro do próprio bolso para viajar pelo interior do país em busca de boas histórias. Ao invés de "consumirem" o que era publicado pela grande imprensa, como aconteceu no início, os aficionados passaram a garimpar ocorrências por conta própria." (Cardoso dos Santos, 2009: 200)

Segundo o autor, o registro mais antigo de uma organização ufológica no Brasil remonta ao ano de 1955, quando foi informada a criação do "Centro de Investigação Civil dos Objetos Aéreos Não Identificados", o CICOANI¹⁰⁸. Mas, ainda na década de 50 figuravam dois grupos

¹⁰⁶ No contexto do grupo ufológico que é tema deste capítulo, havia dois militares envolvidos. O primeiro, um militar da reserva de alta patente, que já ocupou a direção de uma empresa estatal brasileira. O segundo, um tenente coronel na aeronáutica, que anunciou a mudança para o estado de São Paulo logo no primeiro encontro do grupo que participei.

¹⁰⁷ Tais grupos ainda têm divulgados os seus contatos nos eventos ufológicos, especialmente nas ocasiões nas quais se fazem convites para possíveis integrantes. Ademais, os seus logotipos sempre estampam os *slides* das palestras dos ufólogos a eles vinculados.

¹⁰⁸ Um dos meus principais interlocutores no que concerne ao tema da ufologia foi membro efetivo do CICOANI, onde atuou como pesquisador. Ao mesmo tempo, Alberto Francisco do Carmo foi o primeiro caso investigado do grupo.

de grande porte, quais sejam, o SBEDV – Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores - com sede no Rio de Janeiro e dirigido por Karl Bühler (Cardoso dos Santos,2009) e o CPDV – Centro de Pesquisas de Discos Voadores, dirigido por José Escobar Faria. (Cardoso dos Santos, 2009). Ambos, assim como o CICOANI, com sede em Belo Horizonte, mantinham reuniões regulares e editavam boletins informativos contendo os resultados de suas pesquisas.

Como observei, os três grupos listados¹⁰⁹ por (Cardoso dos Santos, 2009) eram organizações de investigação de objetos voadores não identificados de caráter civil, isto é, embora pudessem ter alguma relação com os militares, não consistiam em entidades integradas ao Ministério da Defesa.

De certa feita, isto os tornava muito similares às organizações que nos Estados Unidos nos anos 50 receberam o nome de *Flying Saucer Clubs*, como menciona (Peebles,1994) em sua obra acerca da história da ufologia naquele país:

During 1952 the first flying saucers clubs had been organized. Among the early groups were the Civilian Saucer Investigation (CSI) and The International Flying Saucer Bureau.[...] The longest lived of the early clubs was James and Coral Lorenzen's Aerial Phenomena Research Organization (APRO). It was founded in 1952 and would continue until the end of the 1980's. (Peebles,1994:103)

Entretanto, dispomos também dos registros¹¹⁰ de uma organização brasileira com origem nos meios militares: o SIOANI – Serviço de Informação sobre Objetos Aéreos Não Identificados. Esta, cujos registros datam 1969, era uma associação para pesquisa do fenômeno com caráter militar, criada no bojo da 4ª Zona Aérea. Em seu primeiro Boletim, publicado ainda no final da década de 60, o SIOANI se definia como uma entidade dirigida a investigar o fenômeno dos discos voadores desde um prisma científico.

¹⁰⁹ Estas não são as únicas organizações ufológicas de caráter civil em funcionamento na época. A referência de Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos a elas, provavelmente teve que ver com a maior incidência da ocorrência de dados sobre elas nas fontes pesquisadas.

¹¹⁰ Os documentos do SIOANI estão hoje disponíveis para consulta no Arquivo Nacional, em Brasília.

Resolvemos, então, criar um sistema de investigação que nos orientasse normativa e cientificamente na pesquisa do fenômeno, objetivando a sua definitiva explicação. (1º Boletim do SIOANI – março de 1969: 7)

Na referida publicação, que inaugurou as atividades do SIOANI, a organização embora respaldada nos meios militares – em particular, na Aeronáutica – prometia integrar ao seu sistema os grupos ufológicos civis existentes no Brasil: “Algumas organizações civis idôneas já estão em contato conosco, aguardando apenas nossa orientação para se integrarem no sistema” (1º Boletim do SIOANI – março de 1969:7). O modelo proposto pelo Major Brigadeiro José Vaz da Silva, o militar responsável pelo órgão, consistia, portanto, em uma parceria entre militares da ativa, que integrariam o sistema em um regime de voluntariado – uma vez que o efetivo do SIOANI não tinha pessoal exclusivamente dedicado à tarefa de investigação dos Óvnis¹¹¹ –, e “organizações civis”.

No que concerne à proposta de encetar um cooperação estes grupos, vale mencionar passagem abaixo. Nela aparece uma referência à intenção de promover a cessão de telescópios para jovens com vistas a incentivar o seu interesse pelo "fenômeno UFO" e pelas ciências, de um modo geral:

A juventude será mobilizada em torno desse [sic] assunto, que poderá dar origem a uma verdadeira CRUZADA. Universitários e colegiais, com quem estabelecemos contato, sentiram a responsabilidade com que estamos tratando o assunto e se entusiasmarão com a ideia de integração no SISTEMA. É nosso pensamento recrutar os observadores e mesmo pesquisadores no meio estudantil, aproveitando preferencialmente organizações já existentes. [...] Já estamos recebendo alguns telescópios que vão ser encaminhados a grupos de jovens interessados nos estudos de astronomia. (1º Boletim do SIOANI – março de 1969: 9)

É digno de nota que o SIOANI efetivamente se valeu no anunciado sistema de parceria entre as entidades civis e militares na composição do seu segundo Boletim.¹¹² Este, construído em duas partes, em um primeiro momento apresenta-nos estatísticas descritivas respectivas aos

¹¹¹ A terminologia usada à época era OANI's, Objetos Aéreos Não Identificados.

¹¹² Um dos pesquisadores civis que integrou a rede colaborativa do SIOANI foi o ufólogo mineiro Antônio Faleiro.

contatos de possível natureza extraterrestre para, em seguida, compilar os mesmos casos, disponibilizando os desenhos das aeronaves ou das cenas dos encontros, complementados pelo horário e local de sua ocorrência.

A existência da proposta de cooperação – marcada pelo envio de relatórios de alguns ufólogos ao órgão – nos ensina algo sobre as relações entre militares e grupos ufológicos na década de 60 e início da década de 70.¹¹³ O que se nota é que tais domínios não apenas não se colocam em posições opostas desde o ponto de vista do interesse pela pesquisa sobre óvnis¹¹⁴ - em comparação com as atuais acusações da força aérea de “acobertamento” - , como sua produção textual sobre os Objetos Voadores Não Identificados é semelhante. Este ponto faz sentido se consideramos que tanto os boletins dos grupos, como os documentos gerados pelo SICOANI, tomam como objeto primordial de suas publicações a análise “casos”, isto é, eventos marcados pelo relato de uma testemunha ou o registro fotográfico de um UFO.

Do ponto de vista da forma de apresentá-los, talvez haja alguma dissonância, especialmente se comparamos, por exemplo, o segundo Boletim do SICOANI, de agosto de 1969, com um relatório do mesmo período que figura entre os conteúdos do Boletim da Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores, no número correspondente aos meses de julho à outubro do mesmo ano.

No que tange ao relatório do SICOANI, como já anotei, prevalece a tabulação dos dados obtidos por meio dos relatórios enviados pelos pesquisadores associados ao sistema, seguido de uma compilação das principais informações dos casos – elemento que compõe a sua segunda

¹¹³ Há indicações de que o SICOANI encerrou as suas atividades em 1972.

¹¹⁴ Exceto pela seguinte observação contida no 1º Boletim do Sioani: “O que resta aqui, fora do mundo científico, no mundo profano, a agitar-se na fenomenologia dos OANI’s, é um amontoado de controvérsias, onde o feitiço, a ignorância, a farsa e o vendetismo misturam-se com a vontade de saber” (1º Boletim Sioani – março de 1969: 5)

parte. Quanto ao Boletim publicado no mesmo ano pela SBEDV, o que se tem é uma demorada descrição do caso, fornecendo a narração episódica de cada um de seus detalhes¹¹⁵.

Em última análise pode-se argumentar que os grupos ufológicos ecoam o proceder que já tive oportunidade de descrever no capítulo anterior, se dirigindo a análise, apresentação e comparação de *casos*. Estes grupos se constituem por aficionados¹¹⁶ pelo tema, com diferentes níveis de engajamento com a pesquisa de campo, mas que se interessam, como observou (Cardoso dos Santos,2009) pelo acesso direto às informações atinentes aos extraterrestres.

No que diz respeito às etnografias que se dedicaram a estudar a dinâmica dos grupos ufológicos, vale dizer que afora aqueles trabalhos que tomaram como tema grupos com orientação messiânica¹¹⁷ – os chamados *UFO Cults* -, o que se produziu sobre os coletivos que se auto proclamavam entidades para a investigação científica constitui um corpo moderado.

Sobre as referidas categorias, a saber, as conformações que foram descritas como *UFO Cults* e os “grupos ufológicos”, deve-se sinalizar que a mobilização constante de argumentos científicos e, sobretudo, a ancoragem de seus discursos no idioma da ciência, não pode figurar como um critério absoluto para o corte entre estes dois modos de articulação dos saberes sobre os extraterrestres.

Em primeiro lugar, porque entre os grupos que se denominou *UFO Cults* há fartos exemplares de movimentos que conferem centralidade às ciências, ou aos aportes provenientes de matérias jornalística de divulgação científica. Um segundo aspecto consiste no fato de que, mesmo entre os grupos ufológicos que se denominam científicos podem prevalecer discussões

¹¹⁵ Muito embora, uma mirada cuidadosa sobre os boletins do SBEDV, nos indica que já no primeiro número da publicação se fazia a contabilidade dos relatos, considerando a distribuição de sua ocorrência ao longo dos meses.

¹¹⁶ A expressão foi empregada por (Cardoso dos Santos,2009)

¹¹⁷ Receio que o uso da expressão “grupos ufológicos” para me referir aos coletivos que os ufólogos chamam de “ufocultos”, não seja a melhor expressão. Usei-a, contudo, porque a forma equivalente, qual seja, “Novos Movimentos Religiosos”, poderia significar uma imprecisão ainda maior, considerando que os membros destes grupos podem não se definir como um movimento religioso. A obra *Aliens Adored*, assinada por Susan Palmer (Palmer,2004) é um exemplo de trabalho que se vale do termo *Ufo Religion* para designá-los.

alusivas a domínios que contêm um componente messiânico, seja ele compreendido nas falas de contatados que descrevem “a vinda de uma outra classe de humanidade” para a Terra, seja no desenho de futuros que sinalizam para uma “transição planetária”.

Um exemplo de um *UFO Cult* que opera de modo intensivo com um dialeto científico é o Movimento Raeliano, cujo livro *Aliens Adored*, de autoria de Susan Palmer (Palmer, 2004) toma para tema de sua pesquisa. A autora faz a seguinte anotação acerca de Raël, que é uma espécie de profeta e líder dos Raelianos:

Raël, on the other hand, claims religious authority over a large, international, highly organized congregation whose sixty-five thousand members participate in monthly meetings, initiations, and meditation rituals. (Palmer, 2004:20)

Apesar dos traços apontados na passagem citada, de acordo com Susan Palmer, diferentemente dos outros grupos com formações similares, como são a *Unarius Academy of Science* e o *Heavens Gate*, Raël não se baseia em autores que são matriz para a formação de autodenominados grupos místicos ou esotéricos, como é o caso da obra da fundadora da Teosofia moderna, Helena Blavatsky. Ao contrário, nos termos de Palmer, Raël guia-se pela Bíblia e pela “Ciência”.

Raël is a radical materialist with a reverence for scientists—particularly those quasi-immortal human scientists the Elohim, who he claims are material beings and our creators. Raël appears never to have heard of bodhisattvas, the “White Brotherhood,” or subterranean “Elder Brothers.” Not one of his “space brothers” is named El Morya or Samana. Oriental concepts and esoteric symbols—chakras, reincarnation, karma, enlightenment, violet rays, and so on—do not feature in Raël’s books. (Palmer, 2004:23)

Mas note-se que, conforme este trecho, a ciência que interessa a Raël não corresponde com a lida diária em um laboratório. As ciências que lhe tocam são aquelas produzidas pelos Elohim, isto é, os demiurgos extraterrestres criadores¹¹⁸ dos humanos, com os quais passou a ter contato na década de 70. Afora este comentário, aquilo que mais chama atenção no que diz

¹¹⁸ Estou me valendo do termo “criadores” em conformidade com a observação de (Battaglia, 2005), para quem: “The Raelians are a creationist-science religious movement...”(Battaglia, 2005:150)

respeito à associação entre os Raelianos e a Ciência é uma observação feita por um sacerdote durante um evento na Universidade na qual Palmer lecionava:

‘We often encounter ufologists or UFO addicts similar to trekkies who are interested in nothing but UFOs, but we’re not interested in UFOs per se, just the message and those people who might be inside the UFOs.’ (Palmer,2004:29)¹¹⁹

Em última análise os Raélianos estariam mais intensamente interessados na mensagem que os ufonautas teriam aos humanos, do que propriamente em coletar “evidências” sobre o avistamento de um Objeto Voador Não Identificado, ou sobre os seus rastros deixados após o contato. A despeito desta mensagem, que revela os humanos como criaturas, isto não os coloca na condição de um movimento religioso, simplesmente porque não é deste modo que eles se auto denominam.

Ainda no que tange à relação com a ciência, o artigo de Debhora Battaglia intitulado “*For Those Who Are Not Afraid of the Future*”:*Raelian Clonehood in the Public Sphere* (Battaglia,2005), complexifica o apontamento de Palmer sobre o interesse exclusivo nas ciências extraterrestres. Ao detalhar o debate público acerca da divulgação da primeira clonagem humana pelos Raélianos em 2002, Battaglia nos ensina algo sobre o processo de manutenção dos próprios seguidores de Raël: tudo se passaria como se a divulgação sobre a controversa clonagem do primeiro humano contribuísse para que o próprio movimento se reproduzisse. Este apontamento faz sentido se consideramos que um dos processos de manutenção ao longo tempo encampados por este grupo consiste na presença constante nos meios públicos.

Além dos trabalhos já mencionados, há outros disponíveis que também se dirigem à etnografia de *UFO Cults* ou religiões ufológicas.¹²⁰ Chamo atenção para o estudo da *Unarius*

¹¹⁹ Debhora Battaglia nota algo semelhante acerca dos Raélianos: “Raélians are less interested in UFOs than in “who is inside them”, as I often heard it put, although their spiritual language and faith sites are often shared by other so-called UFO religions. But no other movement or religion has a Baby Eve.” (Battaglia, 2005,151)

¹²⁰ E outro que se ocupa de fazer da ufologia a expressão de um "sentimento religioso", maquiado em um discurso científico, como se lerá em seguida.

Academy of Science, desenvolvido por Diana Tumminia (Tumminia,1998), no qual a autora propõe uma análise do processo de como os membros do grupo lidaram com o constante adiamento da realização de uma profecia sobre o pouso na Terra de trinta e três naves espaciais.

José Fonseca Ferreira Neto, em sua dissertação de mestrado intitulada "A ciência dos mitos e o mito da ciência" (Ferreira Neto,1984), igualmente se ocupa em produzir uma etnografia de um grupo ufológico, com vistas a pensar como se dá "[a] apropriação do discurso científico por grupos religiosos, para com ele formularem as representações de suas novas crenças"(Ferreira Neto,1984:10) Na primeira parte de seu trabalho, o autor acomoda a ufologia nos quadros das práticas que apelida de alternativas, caracterizadas pela "consciência ecológica", pela "valorização do oriente", por certa crítica ao desenvolvimento industrial e por uma "perspectiva escatológica ou milenarista" (Ferreira Neto,1984) Talvez respondendo ao recorte de sua pesquisa de campo, o antropólogo observa que "[a]s pessoas que se identificam como "ufólogos", em geral identificam-se também como alternativas..." (Ferreira Neto,1984:33)¹²¹ Na segunda parte da dissertação, Ferreira Neto faz uma etnografia do Projeto Alvorada, um grupo coordenado pelo ufólogo Luiz Scortecci de Paula, que pretendia criar bases em pontos estratégicos, com vistas a preservar-se para uma eventual transição planetária. O trabalho de campo na sede do coletivo, em Brasília, assim como em congressos ufológicos organizados na cidade à época de sua pesquisa, o levam a concluir que na ufologia poderia ser lido um processo de reencantamento do mundo, matizado em um discurso científico:

Mas o que a ufologia (e o movimento alternativo em geral) mostra é a religiosidade de um segmento dessa civilização apropriando-se do simbolismo da própria Ciência para manifestar-se, como se a religião estivesse sintetizando um antídoto a partir do próprio veneno, "re-encantando o mundo" com o feitiço

¹²¹ Na primeira menção que fiz à dissertação de José Fonseca Ferreira Neto a um dos ufólogos com quem trabalhei, este criticou exatamente esta associação proposta pelo autor entre a ufologia e o "mundo alternativo". Nos seus termos trata-se de uma generalização desarrazoada. Para explicar o tópico, o ufólogo narrou um encontro que tivera com o antropólogo. Tratava-se de um almoço e o ufólogo pediu um prato que continha carne bovina. Ferreira Neto, ao ouvir o pedido, observou: "Você está pedindo um prato com carne. Pelo que sei ufólogos não comem carne".

que a tecnologia exerce sobre a mente do homem moderno. (Ferreira Neto, 1984:89)

De minha parte não subscrevo o argumento aduzido por Ferreira Neto. Ao agir deste modo acompanho as observações dos meus interlocutores, para os quais a ufologia não pode ser colocada em equivalência com um tipo de "Religião" que se vale do idioma científico. Isto não impede, entretanto, que eu me valha de alguns dos preciosos comentários do autor do texto, ao longo deste trabalho.¹²²

Cristopher Bader, no texto intitulado *Supernatural Support Groups: Who are the UFO Abductees and Ritual-Abuse Survivors?* (Bader, 2003), tenta fazer um levantamento demográfico de grupos de apoio a pessoas que passaram por experiências de abdução e por abusos em rituais. Como o estudo assume a forma de um *survey*, seus resultados constituem observações sobre a origem dos frequentadores, seu status ocupacional, raça e gênero.

UFO abductees fit the profile of people who will be attracted to NRMs. Their ranks appear to be composed of mainly middle to upper middle-class, highly educated, white females. (Bader, 2003:677)

Estes dados, embora nos indiquem caminhos para comparações com a composição demográfica de outros grupos, nos ensinam pouco sobre os seus processos internos. Ademais, tanto o texto assinado por Tumminia quanto este são exemplos de que a maioria dos estudos dedicados a grupos ufológicos têm tomado para análise ou bem os UFO Cults, ou os grupos de apoio mútuo a pessoas abduzidas.¹²³

Uma exceção neste quadro é o texto do sociólogo H. Taylor Bucker, *Flying Saucer and New Age Realities*, publicado em 1968. Bucker, que frequentou durante vários anos um *Flying Saucer Club* nos Estados Unidos, observa que apesar da agremiação da qual participava se basear

¹²² Ver a discussão sobre os *processos de redução* no capítulo 4.

¹²³ Sobre este último tema remeto o leitor para o texto de Joseph Dumit, “‘Come on, people... we *are* the aliens. We seem to be suffering from Host-Planet Rejection Syndrome’: Liminal Illness, Structural Damnation, and Social Creativity.” (Dumit, 2005)

fortemente no que autor chama de *new age reality*, nem todos os grupos operam com este referencial.

Not all the groups that have formed around flying saucers are new-age groups. Some people who study flying saucers call them Unidentified Flying Objects, and think they *may* come from other planets. New-age people consider them "identified" flying objects, and both interplanetary and spiritual. (Bucker, 1969)

É exatamente a primeira classe de grupos, entre os citados por (Bucker,1969), que desejo explorar neste capítulo. Nas linhas seguintes, me proponho a apresentar três histórias sobre a fundação, constituição e modo de operação de um grupo ufológico. A primeira, parte dos documentos oficiais disponibilizados pelo grupo, na forma de suas publicações.

A segunda, se constitui por meio de algumas entrevistas com os seus membros, lidas a partir da minha própria participação em suas reuniões. A terceira consiste em uma aproximação teórica sobre sociabilidades que se tornam visíveis, ou que se constituem, diante da parcial visibilidade dos UFOs. (Battaglia,2005).

Antes de prosseguir, quero lembrar ao leitor (a) que apesar do texto se deter em alguns momentos sobre a história do grupo, não se tem em mira fornecer um levantamento exaustivo sobre como o mesmo veio a se conformar. De outro modo, quando tais intervenções acontecem o objetivo é dar indicações sobre a particular orientação do coletivo no passado, em contraste com o arranjo no período que compreende a minha pesquisa de campo.

A Entidade Brasileira de Estudos Extraterrestres: seus rastros e a sua oficialidade

A Entidade Brasileira de Estudos Extraterrestre não é o mais antigo grupo ufológico do Brasil, mas está entre aqueles com maior duração ao longo do tempo. Na história que contam sobre si próprios, os ufólogos reunidos em torno da EBE-ET – sigla que passo a usar a partir de

então – fundaram o grupo em 1968, após a publicação de um relatório de pesquisa produzido pelo seu então presidente, Roberto Beck.

À época, a poucos quilômetros de Brasília, em uma fazenda localizada no município de Alexânia, várias bolas de luz eram vistas durante a noite, levando grupos de interessados e ufólogos para o interior da propriedade, com vistas a observá-las. Roberto Beck estava entre os que armavam acampamento para, em vigília, acompanhar os movimentos das mesmas.

O já citado boletim ufológico do grupo carioca Sociedade Brasileira para o Estudo dos Discos Voadores - SBEDV, entre outros meios de divulgação que circulavam à época, registrou os eventos na Fazenda “Vale do Rio do Ouro” no artigo intitulado “Um contato (comprovado por fotografia) entre terrestres e extraterrestres.”¹²⁴

Segundo o texto, os avistamentos pelos moradores da Fazenda começaram a ocorrer em 1967. Em um primeiro momento tomaram as luzes por uma estrela em forma de disco. Em seguida, trataram-nas por um “aparelho misterioso que rodeava a sua fazenda” (Boletim – SPDV -1969). Mais tarde, os moradores viram holofotes e seres saindo na nave. Em 1968, o proprietário cogitou a possibilidade de derrubá-la, mas foi demovido:

O Sr. Wilson achou que o “aparelho” pertencia a alguma potência militar terrestre e então arquitetou planos para derrubá-lo. Comentou o fato com certas autoridades, que o desaconselharam a fazer isto, aventando-lhe a hipótese de o aparelho ser de origem extraterrestre. (Boletim – SBPV – 1969)

A negativa das “autoridades” sobre a intenção de derrubar o objeto, observa o relatório, levou o proprietário a convocar um grupo de pessoas de Brasília, que ali desenvolveu as suas investigações ao longo de 1968. Entre elas, listam-se nomes de um professor, um escritor, um fotógrafo, um advogado, um funcionário do Tribunal Eleitoral e o General reformado Moacir

¹²⁴ O artigo se compõe a partir da narração dos episódios que compreendem os graduais contatos com os objetos-luzes na Fazenda, feita pelo seu proprietário ao editor do Boletim.

Uchôa. O nome de Roberto Beck, futuro presidente da EBE-ET não fora listado, muito embora o texto indicasse que haviam outras pessoas entre as testemunhas.

Ainda assim, de acordo com o texto que narra a história da EBE-ET, publicado em seu sítio na internet, o grupo teve início a partir das pesquisas sobre os casos de contato ocorridos da Fazenda Vale do Rio do Ouro. Depois de investigadas, conta-nos o pequeno trecho do site, foram produzidos vários relatórios respectivos às pesquisas em Alexânia.¹²⁵

Contudo, estas foram interrompidas logo após o proprietário da mesma, cansado das "caravanas" ufológicas, introduzir um cadeado na porteira, proibindo a entrada dos pesquisadores. Sobre este ponto, comenta Roberto Beck:

De nada adiantou. A turma ficava do lado de fora, congestionando a pequena estrada de terra que dava acesso ao local, e assistia do mesmo jeito as evoluções daquelas estranhas luzes na região. Mais tarde, pode-se confirmar que os acontecimentos não se restringiam tão somente a Fazenda Vale do Rio do Ouro, mas sim, ocorriam em toda a região compreendida entre Corumbá de Goiás e Olhos d'água, talvez com maior incidência naquela propriedade, fato constatado por Roberto e Sérgio Alejamovitz numa ronda noturna realizada por estradas de terra circunvizinhas e que iam até Corumbá de Goiás." (Site da EBE-ET - www.ebeet.com.br/?page_id=28 - Acessado em 15/09/2014)

Desta feita, embora tenha começado em 1968, a entidade só teve o seu registro em Cartório em 1995, ponto que foi acordado entre os membros do Conselho de Fundadores¹²⁶. Sobre a sua composição à época do registro não disponho de informações. Mas, atualmente, a entidade apresenta em seu site alguns dados sobre a sua estrutura organizacional, onde figuram cargos como os de Presidente, Vice Presidente, Tesoureiro, conselheiros e diretores de departamentos.

Os outros membros se dividem em "Departamento de Pesquisas de Campo e Vigília, Departamento de Catalogação, Mapeamento e Catalogação Bibliográfica, Departamento de

¹²⁵ De acordo com o site, à época tomaram parte das visitas Roberto Afonso Beck, Ivanildo Geraldo Viana, Luiz Gonzaga de Macedo Filho, Cláudio Costa, Jacob Weismann, Sérgio Aleijamovitz, Gina Tamani, John Battleman, Sebastião Gonçalves Mucury, Djalma Correa de Oliveira e Alfredo Moacir de Mendonça Uchôa. (Site da EBE-ET – www.ebeet.com.br/?page_id=28)

¹²⁶ (Site da EBE-ET – www.ebeet.com.br/page_id=28)

Audiovisuais e Instrumentais, Departamento de traduções , Departamento de Correspondências Internacionais, Promoções e relações exteriores, Departamento de Informática e Departamento de Análise de Fotos e Filmes.¹²⁷

No tocante à sua própria definição, a EBE-ET se apresenta como uma “[...]uma entidade científica-tecnológica, educacional, assistencial, de inspiração holística, sem qualquer vinculação de ordem religiosa ou político-partidária”¹²⁸. Como se nota, o escopo da definição é amplo. Ela insiste na isenção política e religiosa, mas apresenta como elementos marcadores o seu caráter científico e educacional. Ademais, possui uma inspiração holística, o que como já vimos compreende um tipo de ufologia que abriga tanto elementos da linha mística, como da ufologia linha científica.

O que chama atenção é a “missão anunciada” da EBE-ET. Suas pesquisas se orientam para o “benefício último da humanidade”, e elencam-se entre as suas disposições “trabalhar para um mundo melhor” e por uma “civilização estruturalmente pacífica e fraterna”.

O motivo para falarem em humanidade diz respeito ao fato de o seu discurso base se sustentar em relação aos humanos como “um só coletivo”. Suspeito, entretanto, que não se está aqui diante de uma definição biológica— os humanos como espécie —, mas, de outro modo, perante um jogo particular de perspectivas. É que, conforme percebem os ufólogos, desde um ponto de vista extraterrestre, os humanos só pode ser um coletivo cujas diferenças importam muito pouco.¹²⁹ Nos termos de Ferreira Neto (1984), " A própria noção de unidade territorial dos

¹²⁷ Suspeito que tal divisão de tarefas segundo seções departamentais pode não corresponder à vigente distribuição de funções entre os membros. Em última análise, é possível argumentar que do ponto de vista interno ao grupo, os referidos departamentos importam pouco. De fato, percebo que é menos interessante se perguntar se os departamentos funcionam e mais colocar a seguinte questão: “Que tipo de diferença pode fazer a apresentação de uma associação de ufólogos sob a forma organização?”

¹²⁸ (Site da EBE-ET www.ebeet.com.br/?page_id=1836)

¹²⁹ Um exemplo modelar deste movimento que só permite falar dos humanos enquanto “humanidade”, pode ser encontrado na já citada obra de Von Däniken. (Däniken, 1968) Operando em outro diapasão, o argumento termina

ufólogos não está contida em qualquer fronteira geopolítica, mas engloba o planeta como um todo..." (Ferreira Neto, 1984:87)

Mas para que esta mensagem se cumpra, isto é, para que a “revelação dos humanos enquanto humanidade” possa ocorrer, os meios que elegem para buscá-la devem ancorar-se na Ciência. Uma ciência daquilo que não foi identificado, daquilo que só é parcialmente visível, do que deixa apenas rastros, mas ainda assim ciência. Um tipo saber que é afim à ciência, ao mesmo tempo pode se valer, por exemplo, da Metapsíquica:

Constitui-se objetivo geral da ENTIDADE[...]realizar estudos, pesquisas documentais e de campo, e investigações científicas e tecnológicas, bem como metapsíquicas, no campo da fenomenologia OVNI (Objetos Voadores Não Identificados) ou UFOLÓGICAS e áreas imediatamente afins e complementares, difundindo através dos meios que se mostrarem ao seu alcance, o resultado de seus esforços nos campos teórico e práticos. (Site EBE-ET – www.ebeet.com.br/?page_id=1836 - Acessado em 15/09/2014)

*

Além da definição da missão divulgada da EBE-ET, que assenta seus objetivos no trabalho para “toda a humanidade”, o trecho acima – parte de um documento de seu website – também define o grupo como uma organização para as pesquisas de campo e investigações científicas.

Sobre o último tópico, desejo aqui trabalhar com dois textos publicados pelo grupo que, mais do que serem amostras do tipo de pesquisas que os ufólogos da EBE-ET desenvolvem, nos fornecem alguns indicativos sobre a forma, segundo a qual, a temática científica ganhava espaço.¹³⁰

O primeiro texto, publicado no website da EBE-ET em 2010, embora não corresponda ao período em que passei a desenvolver a pesquisa entre os ufólogos, apresenta notas valiosas sobre

sendo semelhante: todas as expressões iconográficas em pinturas rupestres, conforme sustenta o autor, não são outra coisa além de “representações do contato” com extraterrestres.

¹³⁰ Uso o verbo em tempo pretérito, porque recentemente o grupo não tem realizado pesquisas de campo.

a particular orientação da organização até o morte do seu presidente e autor do artigo, Roberto Beck.

Trata-se um documento dedicado a informar aos pesquisadores ufológicos sobre os métodos mais apropriados para se fazer vigílias ufológicas, isto é, reuniões composta por entre 6 e 10 pesquisadores, com vistas a observar o céu e adquirir "provas definitivas da existência dos discos voadores"(Beck,2010)

O artigo, feito ao modo de um guia de instruções, percorre uma lista de itens obrigatórios uma vez que se decidiu sair à campo para iniciar a pesquisa. Listam-se os materiais necessários, os meios de deslocamento, a exigência de um coordenador, assim como se provê informações sobre certo comportamento esperado dos participantes. No caso do material de investigação, por exemplo, são elencados os seguintes itens:

1 – Material de Investigação

Papel, caneta, lapiseira, mapa, régua, compasso, bússola, câmera fotográfica, filmadora(com tripés) , binóculo, relógio com cronômetro, gravador, walk-talk de médio a grande alcance, lanterna, detector da radiações eletromagnéticas, contador Geiger" (Beck, 2010)

O guia termina fornecendo aos novos pesquisadores instruções caso venham a tomar contato com algum artefato de possível origem extraterrestre. Em letras capitulares registra-se a seguinte nota:

Nunca se deve pegar objetos caídos do céu, capins ou galhos, terras para análises ou outra coisa qualquer, quando se tiver por trás de um história de presença de Óvnis. Conforme os acontecimentos narrados deve-se até usar roupas especiais, mas no mínimo luvas não podem faltar. O caso do soldado em Varginha na célebre ocorrência de 20 de Janeiro de 1996 naquela cidade mineira, em que o mesmo veio a falecer dias depois em consequência de uma infecção generalizada por ter pego no desconhecido com as mãos descobertas". (Roberto Beck, 2010)

Além desta espécie de guia metodológico para a realização de vigílias ufológicas, mencionei a existência de um relatório de pesquisa listado entre as produções de associados ao grupo. No que concerne a este segundo texto vale observar que a despeito de ter sido também

publicado no sítio da EBE-ET e do presidente do grupo ter dela participado na qualidade de consultor – posição que ocupou também o ufólogo Alberto Francisco do Carmo – as pesquisas de campo foram realizadas pelo GEU - Grupo de Estudos Ufológicos.

O referido relatório de pesquisa, assinado pelo pesquisador Wilson Geraldo de Oliveira¹³¹, recebeu o título de “*Óvni no Presídio da Papuda?* e se trata de um estudo sobre um avistamento ufológico nas imediações das instalações carcerárias de um presídio no Distrito Federal.

Tanto no que diz respeito ao tom do texto, quanto relativamente a sua forma, este assume as feições de um relatório oficial. Em primeiro lugar, os leitores são abastecidos com dados sobre a localização do presídio, o número de detentos, a sua posição geográfica relativamente ao Plano Piloto, o horário do avistamento e o número de pessoas que assistiram à movimentação do Óvni no céu.

Nas linhas seguintes, assim que passa a detalhar o que foi avistado, o relatório assume a fisionomia de uma "narração sobre a narração" do avistamento, na medida em que acompanha os passos que levam ao momento no qual dois guardas que faziam a ronda noturna em volta da estrutura carcerária viram, a 300 ou 400 metros de altura, "um objeto estranho que se destacava no céu." (Oliveira, 2010)

O pesquisador, autor do relatório, indica que um elemento dificultou obtenção de maior precisão nas informações: ele não pôde colher testemunhos de pessoas que trabalhavam em uma carvoaria próxima, uma vez que as testemunhas já haviam se mudado. Diante desta impossibilidade, não foi possível fazer a triangulação para precisar a distância do objeto. Ainda, conforme o relatório, os pesquisadores não dispunham de gravações de vídeos ou imagens do

¹³¹ Conforme o documento, além do autor participaram da pesquisa de campo os seguintes ufólogos: Ivalton Souza da Silva, José Tadeu Alves, Nestor B. Lima e Paulo dos Reis.

objeto, que apresentava cores diferentes conforme se movimentava. Entretanto, isto não impossibilitou que fizessem desenhos que continham uma estimativa do seu deslocamento:

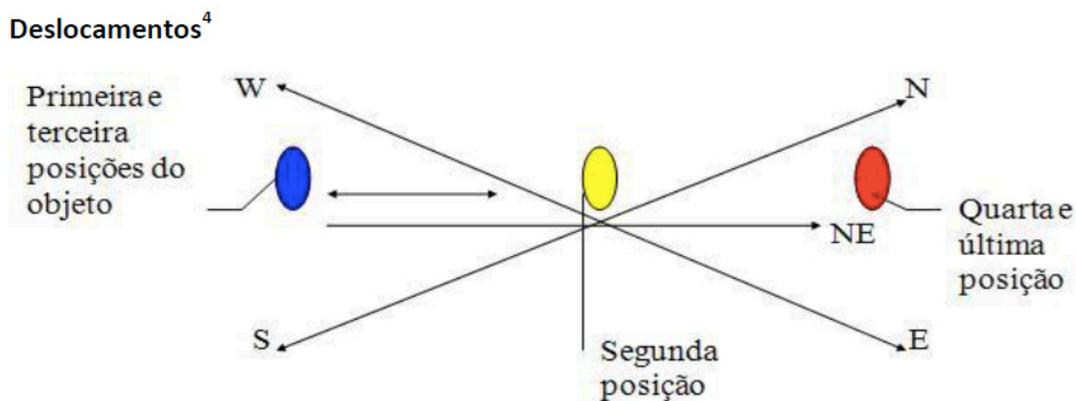


Figura 3- Deslocamento do óvni avistado no Presídio da Papuda - DF¹³²

Em relação a este relatório, como venho observando, o que chama atenção é o tipo de jargão prevalente em todo o documento. Para além do tom técnico, isto é, da ilustração de todas as afirmações com dados, o esforço do pesquisador Wilson Geraldo, de certa forma, se dirigiu a traduzir as falas das testemunhas nestes termos. Na legenda da figura acima, por exemplo, lê-se:

Segundo os depoimentos colhidos, a distância em graus entre a 1ª e a última posição em que foi observado o objeto, a partir da 3ª CPMInd, ficava entre 30° e 45°. O objeto encontrava-se também a uma altura aproximada entre 12° e 23° da linha do horizonte" (Oliveira, 2010)

Além desta imagem, o documento está repleto de figuras que subsidiam as informações. A pretensão aparente é conseguir uma justa representação do caso, valendo-se dos meios supracitados para amparar as considerações.

O texto, contudo, não termina com a apresentação do relato das testemunhas. Wilson se debruça sobre desdobramentos do caso, como foi uma resposta do CINDACTA I – Centro

¹³² Desenho produzido por Wilson Geraldo de Oliveira e presente no artigo: "Óvni no presídio da papuda?" (Oliveira,2010)

Integrado de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo –, que diagnosticou um objeto no período coincidente com o avistamento pelos militares, mas emitiu uma nota dizendo se tratar de um balão. E, como de praxe, esta informação foi questionada pelos pesquisadores:

A hora que foi feito o registro (19 h 45 min) pelo CINDACTA I, está dentro do horário da observação, segundo os depoimentos das testemunhas. Não coincide com o horário de lançamento do balão meteorológico naquela data, pelo CMA-BR, antigo CM I, conforme OF. N° 020/CMDO/020 de 10 de julho de 1991. Nesse documento consta o lançamento daquela data às 21h. A altura máxima atingida foi de 24.442 metros, a céu claro com um vento máximo na trajetória 230°/50 nós, velocidade equivalente a 92,6Km/h. Pode-se observar que antes do lançamento do balão o objeto já era observado (Oliveira,2010)

Do mesmo modo, os ufólogos apresentam no documento indicações da impossibilidade de confundir um óvni com um balão, considerando que os primeiros desenvolvem manobras bruscas, navegam em velocidades altíssimas e apresentam variação de cores. Além do mais, afirmam que o objeto avistado não poderia ser a reflexão de luz solar sobre um balão meteorológico, uma vez que já era noite no período que os guardas do instituto carcerário o reportaram. Neste movimento de desassociar o óvni do balão, chegou-se até a calcular que não havia visibilidade da lua no dia do avistamento.

O texto é concluído da seguinte forma:

Dadas as peculiaridades das ocorrências ufológicas e da metodologia utilizada atualmente para a documentação do fenômeno OVNI, um estudo de caso como este dificilmente pode ser conclusivo. De que adianta trocar um absurdo por outro? Dizer nesse caso, que se trata de um OVNI é tão absurdo quanto dizer que se trata de um balão meteorológico. Rotular o fenômeno como OVNI não nos vai facilitar o esclarecimento, pelo contrário, vai afirmar o mistério e o desconhecimento do objeto ou fenômeno. Dizer que se trata de um veículo espacial será prematuro, mais ainda dizer-se de uma eventual origem extraterrestre, quer queiramos, quer não, não temos elementos suficientes para tanto. Devemos nos preocupar em estabelecer uma relação de *proximidade*¹³³ com o fenômeno, a fim de observá-lo melhor. Documentá-lo é fundamental." (Oliveira,2010)

*

¹³³ Grifos meus

O relatório nunca poderia ter sido conclusivo sobre a coincidência entre a coisa vista no céu pelos guardas do presídio e o vagar, acima de suas cabeças, de um disco voador. Não porque faltasse competência aos investigadores, ou porque chegaram ao local tarde demais. Como vimos, Wilson e os seus colegas agiram com máxima diligência. Anotaram as rotas, calcularam a posição do óvni e tentaram esclarecer o caso junto ao CINDACTA. Mas porque um óvni, para ser assim chamado, deve permanecer não identificado. Deve manter-se *parcialmente visível*, confundindo-se com os demais habitantes das alturas, como os balões atmosféricos, os meteoritos e as aeronaves humanas. É esta impossibilidade de decidir com certeza sobre a sua identificação que move os ufólogos, que permite que eles se propaguem.

Em ufologia é preciso que sobre certo gradiente de dúvida e certa dose de suspeita. Algo sempre precisa permanecer encoberto, porque os extraterrestres habitam as searas do segredo. Estes não se deixam ver com facilidade, confundem-se com artefatos terráqueos, enviam mensagens ambíguas, em suma, os seus modos de operação, via de regra, sempre convidam-nos a tomá-los por aquilo que não são.

Wilson, o autor do texto acima, está consciente de todas estas observações. E é por isto que ele insta os seus pares a continuarem a documentá-lo, a não pararem nunca. A agregarem mais um caso à “fenomenologia ufológica”, a tornarem-se eles mesmos, como já observou Debora Battaglia (Battaglia,2005), "visíveis"¹³⁴ a despeito do fato de que os extraterrestres, para os humanos, se comunicam por meio de seus rastros. Em última análise os coletivos ufológicos dependem, ou melhor, se fazem a partir da perseguição a um objeto que permanece, quase sempre, intangível.

¹³⁴ Como já observei na introdução, para desenvolver este argumento apoie-me nas considerações de Debora Battaglia presentes na introdução do livro E.T Culture: Anthropology in outerspaces. (Battaglia,2005)

Quero chamar atenção para um aspecto abrangente do tema em tela: o objeto no céu acima do presídio da Papuda não pode ser um balão meteorológico, assim como não pode ser a reflexão da luminosidade lunar em um metal, pois os óvnis – assim como prefigura a sua própria definição – não estão no domínio daquilo que “pode ser descoberto”. Entretanto, ao tomá-los desde este ponto de vista, não os aloco nos domínios do irreal, no reino das fabulações ou nas interpretações que os tratam como reflexões, nos domínios das representações, de assuntos terrestres.

De outro modo, o ponto no qual venho insistido consiste em argumentar que domínio do “parcialmente visível” que se interpõe entre eles e os seus cientistas terráqueos é necessário para que a “relação de proximidade”¹³⁵, mencionada pelo autor do relatório trabalhado nas linhas anteriores, perdure.

Ora, se a ufologia se define enquanto um campo de saber, uma disposição particular de relações, para a qual o moto principal é estreitar a relação de proximidade com o fenômeno. Se a referida busca pela proximidade se dá por meio da insistência em documentá-lo, em não deixar que qualquer testemunha ou dado lhe escape, curiosamente, no dia da revelação definitiva – com os seus muitos adiamentos, emendas e “poréns” – , na data da “prova final”, a própria disciplina se dissolve.

Já tive a oportunidade de balizar este argumento no segundo capítulo, quando um dos ufólogos com quem mantive relações no campo, enunciou na lista de discussões online da Revista UFO, que no dia em que um disco se apresentar publicamente na sede de um governo

¹³⁵ Neste caso é a impossibilidade ver, ou ainda, de ver completamente, que instaura um acúmulo de proximidades, isto é, os relatórios, as pesquisas e as documentações. De modo diferente, a noção de “aproximação” desenvolvida por Guilherme Sá (2013), em diálogo com outro contexto etnográfico, tem distinto ponto de partida. Neste último caso é exatamente o encontro entre os pesquisadores e os muriquis, em última análise, o seu contato visual, que engendra o conceito de aproximação. Vale mencionar que último encerra em si uma crítica precisa da noção de projeção na antropologia.

qualquer, já não haveria espaço para a ufologia. Esta, se retiraria do cenário, para que outros saberes tomassem o seu lugar, tais quais a exopolítica e a "exociência".

Entendo que este comentário enuncia de forma muito precisa a argumentação que venho tentando apresentar aqui: a duração da ufologia enquanto tal depende desta acumulação “proximidades”, da permanência do parcialmente identificado que, uma vez substituída pela familiaridade encetada pela “prova final”, ou ainda, evidência material definitiva, extinguem a própria disciplina.

Encontros com a EBE-ET

Durante a pesquisa de campo junto aos ufólogos senti a necessidade de estreitar as relações que vinha estabelecendo com eles nos congressos. Desejava frequentar um grupo ufológico, participar de suas reuniões e tomar parte das vigílias com os pesquisadores. Em grande parte isto tinha que ver com a tentativa de “fixar” pesquisa em um local, de ser capaz de entreter relações mais intensas com os pesquisadores ufológicos e de ir a campo com eles. Decerto que os encontros já vinham ocorrendo, seja em sessões de conversas individuais, seja no ambiente dos ciberlocais que os ufólogos frequentam, mas ainda restavam as inseguranças advindas da condução de uma etnografia cuja natureza dos encontros não era cotidiana.

Foi a partir deste contexto, que entrei em contato com Roberto Beck, em julho de 2011, manifestando o desejo de tomar parte do grupo e com ele empreender parte da pesquisa na qual vinha me envolvendo. Roberto respondeu prontamente prometendo me incluir na lista dos interessados em fazer parte das reuniões, mas infelizmente faleceu pouco tempo depois, sem que eu pudesse conhecê-lo pessoalmente.

A sua morte foi amplamente divulgada nas redes através das quais a maioria dos ufólogos se comunicam, desta feita, o site da EBE-ET, organização que liderou durante quarenta e três

anos, publicou uma nota de falecimento. O mesmo ocorreu com a Revista UFO, que além de apresentar uma nota biográfica, saudava a relevância do pesquisador para o contexto ufológico:

Alegre, expansivo e assíduo frequentador das listas de discussões ufológicas na internet – quando não estava pesquisando – , vez por outra costumava contar trechos de suas aventuras pelos mais diversos recantos ermos de nosso país, fatos que descreveu como maestria em sua obra “Ufologia à luz dos fatos”. Respeitado e muito querido, era considerado carinhosamente pelos seus pares, amigos e familiares, um “Dinossauro da Ufologia”, por ser um batalhador incansável em busca da verdade, que, segundo o próprio, “só não vê quem não quer.” (Revista UFO - <http://www.ufo.com.br/noticias/a-ufologia-brasileira-novamente-enlutada-desta-vez-pela-partida-de-roberto-a-beck> - Acessado em 16/12/2011)

Há um ponto que tanto o obituário publicado no site da EBE-ET quanto a nota da Revista UFO remarcam: Roberto era conhecido e se definia como um pesquisador de campo, isto é, alguém que tinha como as suas atividades principais na ufologia a realização de vigílias ufológicas e a investigação de casos. Estes dois traços, embora não possam servir como critérios com vistas a definir um entusiasta da ufologia científica¹³⁶, em certa medida, identificam a sua preferência por este domínio.

Foi com vistas a realçar esta particular orientação do antigo presidente da EBE-ET, que no tópico anterior decidi apresentar dois documentos publicados por ele no site da organização, que de algum modo contribuíam para a interpretação da EBE-ET como um grupo que, a princípio, se percebia como vinculado à ufologia científica. Ainda assim, como mencionei, no estatuto do grupo registrado em cartório figuravam referências a outras formas de pesquisa além daquelas reconhecidas como pertencentes à ufologia científica.

O meu contato direto com o grupo só veio a ocorrer em 2012. Após o falecimento de Roberto, a EBE-ET passou a ter como presidente Fábio Jed. Nesta nova fase, recebi um convite para participar do primeiro evento do grupo em sua fase de reorganização, mas não pude

¹³⁶ Ufólogos que afirmam operar com a ufologia mística e a ufologia holística também realizam vigílias. Durante a entrevista com Mônica Medeiros na Casa do Consolador, em São Paulo, ela me contou como realizou um evento desta natureza em uma das praias da cidade de Peruíbe.

comparecer em virtude de estar em viagem. Tratava-se um *workshop* em parceria com o grupo Nova Terra, em uma tentativa de retomar as atividades do grupo. Cito um trecho da mensagem de e-mail:

Nele, teremos uma palestra não só com uma importante abordagem de assuntos ufológicos e extraterrestres, mas que, também contará com outras questões inquietantes: acobertamentos, atividades solares, acontecimentos astronômicos, campos magnéticos, alterações que estão ocorrendo em nosso planeta, etc. O evento contará com comentários e informações adicionais feitos por dois membros da EBE-ET eu e o Coronel Alexandre. Teremos também espaço para discussão e perguntas." (E-mail - Fábio JED - 15/04/2012)

Após entrar em contato com outro membro do grupo, quem estava envolvido na campanha pela liberdade de informação, o mesmo me indicou que em breve haveria uma reunião da EBE-ET, para a qual eu fui convidado. Esta foi marcada para o dia 05/07/2012, portanto, quase um ano após o meu contato com Roberto Beck. No e-mail enviado, listavam-se os assuntos principais a serem tratados, assim como se anotavam que naquele ano já havia ocorrido dois encontros: uma palestra de Erik Von Däniken e o referido *workshop* com o grupo Nova Terra. Na mesma mensagem havia ainda a previsão de pauta para a próxima reunião, que se compunha de "Notícias Ufológicas, Palestras, Continuidade da EBE-ET, Expansão da EBE-ET e Assuntos Gerais."

Como se nota pela indicação dos conteúdos que foram discutidos, o grupo se encontrava em fase de rearranjo após a morte de Beck. Naquele instante suspeitei que não apenas a forma de organização mudaria, mas também a orientação que prevalecia com a nova presidência do coletivo. Como se vê pela mensagem que nos convidava à confraternização de fim de ano, o presidente acolhia o tema das "transições planetárias" e das "Eras Terrestres", que ocupariam o domínio da chamada ufologia mística.

Finda mais um ano e se inicia outro. Na verdade, existem vários calendários, no mundo, ainda em atividade. E outros tantos que ficaram eternizados pela História. No 'nosso' calendário, vigente em um maior número de países ao redor do mundo, findou o ano de 2012 e se iniciou o de 2013. Assim como já se falou em Era de Aquário, agora se fala que uma nova Era se inicia. Uma Era que

durará alguns milhares de anos... Que cada um de nós possa colaborar para fazer deste, um ano melhor para a Humanidade, para o Planeta Terra, para o Cosmos e porque não dizer para os Extraterrestres! E que esta seja uma nova Era de Ouro! (Mensagem enviada por Fábio Jed à lista de e-mails do grupo EBE-ET)

*

Quando entrevistei Patrícia Antoniazzi sobre o grupo EBE-ET, um dos temas que me interessava consistia em saber se havia ocorrido uma mudança muito significativa no grupo desde que ele assumiu esta nova conformação. Não que eu desejasse tentar explicar a transição de orientação do grupo – se é que ela se deu –, mas a presença no sítio da internet de relatórios que indicavam um trabalho mais aclimatado à ufologia científica, de algum modo contrastava com aquilo que ocorria durante as reuniões.

Quando o Beck era vivo, ele queria organizar o grupo para retomar as vigílias ufológicas. Ele chegou a passar instruções. Duas vezes eu saí com ele. Uma vez aqui perto de Brasília ele chegou a sair. Mas infelizmente a saúde dele estava muito precária, né? O Beck era um homem de 74 anos, com uma cabeça de menino. Ele queria sair de novo pro mato, mas não tinha mais jeito. Ele tinha um problema seríssimo de pulmão e acabou falecendo. Então, o grupo não seguiu esta linha, né? Que é pra ser. Ano passado se falava em retomar, mas também não foi retomado. Mas eu acredito que em algum momento a gente vai partir pra este lado. De voltar a pesquisar, fazer pesquisa. Sair, né? Fazer acampamento, estas coisas. Mas têm sido reuniões, onde às vezes se convida pessoas de fora do grupo para dar palestras ou fazer relatos de seminários, nacionais ou internacionais. O que está se falando sobre ufologia na atualidade? O que está passando na imprensa? As pessoas ficam dando relatos, passando informações. E não somente de ufologia, mas na área científica. O Beck gostava muito de falar sobre acelerador de partículas. [...] Se discute ciência, no geral. São pessoas que têm essa curiosidade, este desejo de saber sobre o que está acontecendo de novo, de diferente no nosso planeta. Coisas que não estão completamente dominadas, né? Tinha também o Brigadeiro, que sempre trazia novidades na área da aeronáutica; que lia muito. O Demétrio também, que é um matemático que sempre tem muitas informações sobre os satélites, sobre a ISS. Então, não só ufologia, mas os avanços na área de ciência, inclusive na área de saúde. Todo este tipo de coisa se comenta. Às vezes tem pessoas que fazem relatos. (Entrevista, Patrícia Antoniazzi)

O trecho selecionado da entrevista de Patrícia é importante por dois motivos. Em primeiro lugar, porque ele confirma a impressão que alguma mudança havia ocorrido no grupo. Um segundo aspecto diz respeito à sua capacidade de apontar para o fato de que a diminuição das idas à campo já vinha acontecendo antes mesmo da morte de Beck. Em última análise, a

EBE-ET, em anos recentes, passara a ser um grupo de discussão e informação mútua de temas ufológicos, assim como de notícias científicas que, de alguma forma, pudessem estar relacionadas a eles.

O Beck era um apaixonado pela ufologia. E ele era aposentado, então ele se dedicava de corpo e alma a isto. E ele contagiava a gente. Eu acho que pelo fato dele ser um entusiasmado e ter disponibilidade, eu acho que a coisa fluía mais. O Fábio trabalha, tem menos disponibilidade. A gora eu não sei porque parou. Até vou perguntar para ele, porque é que desde o final de março a gente não se reúne mais. Foi uma perda imensa o Beck. Tinha os meninos que acabaram indo. Que estavam na Revista UFO e com o falecimento do Beck voltaram mais para a revista. Eles fazem um trabalho sério de pesquisa, que é o Fernando Ramalho, que é o Thiago Ticchetti. Estas pessoas acabaram indo para o lado do Gevaerd e continuam hoje sendo palestrantes, em seminários internacionais, inclusive, e meio que esvaziou o grupo. Isto era a liderança do Beck que mantinha estas pessoas.” (Entrevista, Patrícia Antoniazzi.)

Após ter confirmado que ali estava se passando um reestruturação, passei então a conversar com Patrícia sobre qual era a orientação do grupo atualmente, sobre o modo como ela o percebia e o tipo de discussões que ocorriam ali:

Eu acho que tem gente de todas as esferas, né? Tem gente bastante racional, que questiona, o que é muito interessante, porque desmistifica, né? Por exemplo, o Brigadeiro, que tá na Reserva hoje e era aqui do Centro de Controle Aéreo quando estava na ativa [...] ele era o chefe, quer dizer, ele teve um alto posto enquanto ele foi Brigadeiro, né? Ele questiona.. O negócio do E.T de Varginha, ele não acredita de jeito nenhum. Sempre tem pessoas que mistificam tudo. Tem gente de todos os credos ali. O que une é o interesse, a vontade que as pessoas tem de saberem mais sobre a ufologia, né? De conseguir descobrir. Talvez, o que mais move os ufólogos é a tentativa da prova material, que até hoje não se tem. A busca de um prova material do fenômeno. (Entrevista, Patrícia Antoniazzi)

Em grande medida, esta variação nas orientações pessoais no interior do grupo, tem que ver com as rotas distintas que levaram os ufólogos até ele. Como aponta Patrícia, neste trecho citado e também no anterior, as habilidades dos membros e a sua formação, em alguma medida, fazem com que concentrem interesses em uma determinada área de discussão. No entanto, cumpre acrescentar um ponto à observação de minha interlocutora, segundo quem os diacríticos pessoais modularam interesses diferentes no interior do grupo: o trânsito por distintos coletivos de gêneros outros e similares - como associações religiosas e agremiações como a Sociedade

Rosa Cruz - creio que possa figurar como um elemento interveniente das distintas posições que os membros podem assumir na situação da reunião. A seguir, apresento três estórias que me foram contadas sobre a EBE-ET e sobre o ingresso dos pesquisadores na entidade.

*

Eu me encontrei com Fábio Jed na sede da Sociedade Rosa Cruz, em Brasília. Na falta de outro lugar para a realizar a entrevista, atendi a sua sugestão de conversarmos ali, o que também era facilitado pelo fato de sua companheira Dalila ocupar uma alta posição dentro daquela organização. Falamos sobre ufologia, de suas versões mística, científica e holística, e em algum momento perguntei-lhe sobre a EBE-ET. Pedi que me contasse sobre como vinham se fazendo as reuniões e como ocorreu a transição entre o período em que Roberto Beck ocupava a presidência da organização e o momento atual. Registrado em um gravador de áudio, nosso encontro tinha o tom de uma conversa, a qual era interrompida em múltiplas ocasiões, com valiosos comentários e observações de Dalila, quem, da mesma forma que Fábio, participava da EBE-ET há muito tempo.

A narrativa de Fábio sobre a origem da organização coincide com algumas informações que apresentei no momento em que discorria sobre as informações oficiais que a entidade tornou disponíveis em seu site na internet. O seu início, portanto, é igualmente impreciso desde o ponto de vista do meu interlocutor, ainda que a temática dos eventos ocorridos em Alexânia seja mobilizada mais de uma vez como uma espécie de fio condutor desta história sobre a criação da organização.¹³⁷

A EBE-ET foi criada nos anos 60, me parece que em 1968. Mas assim por que eu falo me parece? Foi criada. Na verdade foi uma constituição informal. Informalmente o grupo de estudos da EBE-ET – não tinha esse nome ainda na

¹³⁷ Entretanto, como se verá nas linhas seguintes, a “relação de dependência” com o caso ocorrido na Fazenda Vale do Rio do Ouro, em Alexânia, é amenizada em um comentário posterior.

época – , mas o grupo de estudos já realizava estudos, leituras, vigílias, como essa que a Dalila já pôde falar pra você. (Entrevista com Fábio Jed)

Mas assim, no início então, não existia uma dependência deste caso Alexânia. Ocorreram várias vigílias em locais diferentes. Aquele caso foi o caso que mais se destacou e que se prolongou por alguns anos. Então a gente pode dizer que uma série de nomes importantes passaram pela EBE-ET neste sentido, que participaram de vigílias, realizaram estudos. A constituição da EBE-ET oficial é dos anos 80. Aí a organização foi devidamente formalizada. (Entrevista com Fábio Jed)

Como se nota pela última passagem, Fábio aponta que a oficialização da EBE-ET ocorreu em 1980. Entretanto, as informações que Roberto Beck disponibilizara dão conta que a organização só passou a ter registro em cartório em 1995. Quero mencionar, entretanto, que não há aqui uma inconsistência, quando consideramos que Fábio poderia estar se referindo à “oficialização das reuniões”, isto é, à sua regularidade.

De todo modo, se há uma dissonância entre estas informações, ela importa pouco desde a perspectiva que venho adotando aqui. Como apontei anteriormente, estou mais interessado nas narrativas sobre a atual conformação do grupo, assim como nas diferentes histórias de aproximação com a organização que, via de regra, apontam para a participação de seus membros em outros coletivos, cuja a centralidade do tema ufológico, embora pudesse acontecer, era menor que aquela que encontramos na EBE-ET.

Segundo a narrativa de Fábio, ele entrou na EBE-ET após ter participado de uma miríade de outros grupos. Ao conversarmos sobre como ele travou contato com a entidade, Fábio mencionou ter participado alguns congressos ufológicos e no ulterior encontro com um amigo, quem o convidou para as reuniões do grupo ufológico EBE-ET que, naquele período, tinha reuniões na casa de Roberto Beck.

O meu contato com a EBE-ET mais diretamente aconteceu no início dos anos 2000. Agora, no nosso Fórum que tivemos aqui na LBV, se não me engano em 1997 – foi um fórum mundial fabuloso– a EBE-ET tinha um estandezinho. Lá eu travei contato com alguns de seus membros. Assisti a palestras. O Roberto Beck foi um palestrante lá neste Fórum Mundial. Este Fórum Mundial foi, eu diria, um dos três eventos principais que a gente teve no Brasil. Foi um evento

extremamente forte, como disse o Paiva Neto na época. [...]Foi muito grande: palestras de manhã, de tarde e de noite, em vários dias. Importantíssimo. Então, eu tive este contato ali, mais junto com eles neste Fórum, que foi na LBV. Antes disso eu já tinha estado na casa do Roberto Beck com outro ufólogo, o Luiz Gonzaga Scortecci de Paula, num Domingo. Eu tava fazendo um curso com o Luiz Gonzaga, (sic). Na verdade era um workshop de sábado e domingo. Tinha algumas pessoas fazendo este workshop. Isto deve ter sido em torno do início dos anos 90. E foi em uma casa ali do Lago Sul, também de um ufólogo. Não foi um evento pra muitas pessoas não, mas foi um evento muito bem dado, muito importante. Só pra fazer um parênteses: O Luiz Gonzaga Scortecci de Paulo ele é o líder e criador da Amasofia, que é toda uma linha de estudos interessantes a respeito da ufologia. Eu fiz este curso lá e no Domingo a gente foi almoçar na casa do Roberto Beck. Então ali foi o meu primeiro contato mais direto com o Roberto Beck neste dia, sabe? (Entrevista – Fábio Jed)

Assim como o testemunho de Fábio respectivo à sua frequência em outras organizações que, de algum modo, estavam ligadas à ufologia, o funcionário do Banco Central aposentado, Marcelo Bonfim, ao contar-me sobre o processo de contato com o grupo, igualmente fez menção à sua participação em outras agremiações semelhantes. Como se observará, a sua entrada na EBE-ET ocorreu a partir do contato com um dos integrantes, pouco tempo depois do último ter nele ingressado:

Eu não me lembro o ano, mas deve ter sido mais ou menos lá pra, talvez, uns 2002, 2003 por aí que eu comecei a ser deste grupo. Eu comecei até a participar de um grupo aqui no bloco F. Acho que era Sociedade Para Pesquisa da Ciência e Cultura, não sei mais... E funcionava no bloco, na residência de um senhor chamado Professor Alberto. (sic) O General Uchôa andou indo lá. E eu cheguei a conversar com ele sobre a teoria do hiperespaço, né? Sobre os discos voadores ultrapassarem, digamos assim, driblarem o problema do limite da velocidade da luz. Então eu participei um pouco deste grupo. Em 1978, por aí. Aí este da EBE-ET, acho que foi depois dos anos 2000 que eu comecei a participar. Eu fiquei sabendo deste grupo não sei se foi por causa do Fábio ou de outra pessoa. Eu fiquei sabendo e fui. As reuniões acho que eram lá neste Pátio Brasil. Tinha uma sala lá onde eram as reuniões e depois nós não tínhamos mais aquele espaço. Então eu comecei a ir em umas reuniões lá e tinham uns caras que nem são mais do grupo. Que já até mudaram de cidade e davam palestras sempre lá, não é? (Entrevista – Marcelo Bonfim)

Além de conversarmos sobre o tema do ingresso na organização, durante a entrevista desejei ouvir sobre como se davam as reuniões no passado, sobre a sua configuração no período no qual Roberto Beck era o presidente da EBE-ET e os seus comentários, de alguma forma, apontavam para um modelo similar de reuniões. Assim como já haviam me dito Patrícia

Antoniazzi e Fábio Jed, não apenas os temas, como a frequência dos encontros da EBE-ET eram similares ao que ocorria quando passei a ter relações com o grupo.

As reuniões não eram mensais. Como agora não tem esta mensalidade da reunião. Você vê: nós tivemos as duas últimas que você tinha participado e mais esta confraternização na Gioconda. As duas últimas reuniões do grupo foram 5 de julho de 2012, depois 28 de agosto de 2012. Depois não teve nenhuma em setembro, outubro, novembro e dezembro. Aí agora em Janeiro teve uma confraternização do grupo no Gioconda. E antes as reuniões, na época que o Roberto Beck era vivo, ele ainda não tinha passado pra outra dimensão, né? Aí eu sei que nesta época as reuniões eram assim: uma no Gioconda e uma na casa do Roberto Beck. Era sempre assim. Alternado. (Entrevista – Marcelo Bonfim)

Ainda no que concerne aos comentários de Marcelo, há um ponto que não fora mencionado pelos demais. Quando comentávamos sobre a personalidade de Roberto Beck, sobre o seu estilo de pesquisa e a forma como presidia o grupo, foi-me contada uma estória que, de certa feita, concorre com o que comentei sobre a orientação científica da EBE-ET no segundo tópico deste capítulo. Trata-se de um episódio que Roberto Beck contou a Marcelo sobre uma senhora “muito crédula”:

Por exemplo, eu nunca me esqueço dele contando uma história de que uma mulher falou uma vez – uma mulher muito crédula, [que] acreditava muito na ufologia mística. Ela disse que Jesus morava na nave do Ashtar Sheran. Ashtar Sheran, muitos acreditam, que seria um... tem alguns que questionam, como Marco Antônio Petit, até se ele existe. Mas tem muitos que falam que Ashtar Sheran seria um comandante de naves extraterrestres. O pessoal fala que ele veio de um planeta em volta de Alfa Centauro. Ele seria um comandante de naves extraterrestres e uma infinidade de naves estariam aqui, trabalhando em favor dos habitantes da Terra e do planeta Terra, para fazer com que a transição planetária transcorra de uma maneira assim, com o mínimo possível de transtornos, né? A transição, se possível mais amena. Uma transição para que a humanidade dê um salto quântico, né? Neste terceiro milênio. E então uma mulher falou que Jesus morava na nave de Ashtar Sheran. Aí o Roberto Beck que contou esta estória. Eu não presenciei não. Aí ele disse que deu um soco na mesa e disse: “que absurdo! E esbravejou bastante.” Entendeu? (Entrevista – Marcelo Bonfim)

O episódio narrado acima, contudo, não deixa claro qual das partes do enunciado levou Roberto Beck a reagir com indignação. Há pelo três leituras possíveis para as condições que o permitiram afirmar o absurdo da proposição da senhora que, nos termos de Marcelo, era “muito crédula”. A primeira poderia dizer respeito à incoerência entre a associação de Jesus a uma ser

extraterrestre que comanda uma frota de naves intergalácticas. A segunda, talvez tivesse que ver com a própria negação de qualquer afirmação relacionada ao tema do extraterrestre “Ashtar Sheran”¹³⁸, uma vez que histórias sobre o último gozam de popularidade entre alguns ufólogos mais afins da ufologia mística ou esotérica. Não posso aqui fazer qualquer especulação sobre o porquê de ter tomado a assertiva como descabida, mas se isto foi feito em conformidade com o segundo motivo, em alguma medida, ela contribui para o argumento que nas linhas anteriores venho desenvolvendo, concernente à orientação de Roberto Beck para um tipo de ufologia que se define como científica.

A terceira leitura consistiria na negação dos dois componentes do enunciado. Esta é aquela que me parece ser a mais coerente, quando consideramos os escritos de Roberto Beck relativos ao tema da relação entre a ufologia e ciência. Em artigo publicado no site da EBE-ET, intitulado “Ufologia pode vir a ser uma ciência, sim” (Beck,2011), de autoria do seu antigo presidente, faz-se uma longa defesa da institucionalização da atividade nas universidades, da eleição das “vigílias ufológicas” como a principal forma de pesquisa e, fundamentalmente, do apoio da Ciência na constituição da disciplina:

Tomar como eixos as pesquisas de campo e vigílias significa compreender parte deste avanço, por isto torna-se necessário identificar a Ufologia como parte de um conhecimento, restando saber como torná-la parte de uma disciplina de um curso universitário. São metas, projetos que devem permanecer sempre em sintonia com tais concepções, entre pensar e fazer. Nesse sentido deve caminhar sempre com a ciência. (Beck, 2011)

Ao mesmo tempo em que mantém esta forte defesa da possibilidade de afiná-la ao que o autor entende como “procedimentos científicos”, Beck nega, em algum momento, o uso da

¹³⁸ Segundo Daniel Pícaro (Pícaro,2007) "As primeiras referências ao nome de Ashtar Sheran remontam ao final do século XIX; elas estão associadas à figura do médium norte-americano John Ballou Newbough , que psicografou o livro Oahspe, sagradas escrituras a ele supostamente reveladas por seres angelicais. O livro - cujo nome seria uma composição dada pela junção dos termos *O*, *ah* e *spe*, significando, literal e respectivamente, Céu, Terra e Espírito, faz referência a seres espirituais denominados ashtar, que viajariam em naves etéreas e que teriam a missão de proteger mundos meno desenvolvidos, como o nosso. As descrições ali contidas nos falam de seres humanóides, altos e atléticos, de aparência nórdica, com cabelos loiros e olhos azuis." (Pícaro,2007:107)

ufologia por “[...]aproveitadores com objetivos obscuros e que podem até levar milhares de pessoas a acreditar em salvação no fim dos tempos por parte de “ETs bonzinhos” que os virão (sic) buscar em suas naves maravilhosas” (Beck, 2011). Tem-se aqui o substrato textual para a censura que fez à referência à Ashtar Sheran da “senhora muito crédula”.

No que diz respeito à primeira parte do enunciado, aquela alusiva ao fato de Jesus morar na nave do extraterrestre, sugiro que Beck a tenha tomado menos como um arroubo de ufologia mística – em relação à qual ele parece ter pouca simpatia – e mais como um tipo de apostasia. Digo isto porque no mesmo artigo onde se fez a referida censura, Beck se valeu da expressão “Mestre Jesus” – um epíteto muito recorrente no Kardecismo brasileiro – e chegou a citar a Bíblia:

Que imenso desperdício divino, não? E dizem que não está escrito na Bíblia! Mas está sim! O que será então, que nosso MESTRE JESUS quis dizer com: “NA CASA DO MEU PAI EXISTEM MUITAS MORADAS” – não me digam que está bem claro este seu ensinamento. (Beck,2011)¹³⁹

Talvez fosse por este trabalho de dissociação entre o grupo EBE-ET e alguns elementos da ufologia mística, que Max Diniz, ufólogo, estatístico e funcionário dos Correios, tenha mencionado durante a nossa entrevista nas instalações do Teatro Nacional, em Brasília, que este era o grupo mais “voltado para a ciência” entre os quais ele participou.

É o grupo mais voltado para a ciência que eu já vi. Mesmo assim eu acredito que o grupo ainda não tem um norte. Tá meio perdido ainda. E tem também a questão do ego. Tem muita briga pra saber quem é que tá falando a verdade, quem é que está mais próximo da informação. “Eu sou amigo dos cara”... neste sentido assim. (Entrevista – Max Diniz)

*

Até aqui a minha intenção consistiu em apresentar o grupo EBE-ET por meio de histórias sobre a sua constituição, sobre os modos de orientação prevalentes e sobre a conformação do grupo, antes e depois da morte de Roberto Beck. A partir de agora passo a descrever uma de suas

¹³⁹ Grifos do autor.

reuniões, mas antes quero fazer algumas considerações que reputo como significativas. Em primeiro lugar desejo observar que, a partir do quadro que se compôs, seja pela fala dos meus interlocutores, seja por diversas intervenções minhas, pode ter restado a impressão de que o fato do grupo não ter uma sede própria, atualmente não editar um boletim com regularidade e não ter reuniões mensais, signifique que este assume um caráter amador.

De minha parte, não estou de acordo com esta assunção. Este modo particular de operação não só não impede o funcionamento da EBE-ET, assim como alguns destes traços estão presentes em outros grupos ufológicos. Durante a entrevista com Alberto Francisco do Carmo, ufólogo mineiro e outrora membro do CICOANI – Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não Identificados, o pesquisador relatava os arranjos necessários para conseguir um local onde pudessem se reunir:

Rafael: Vocês tinham uma sala?

Alberto: Não. O primeiro lugar onde a gente se reuniu era num prédio que fica na esquina da rua Curitiba com Carijós. É ali perto, quase em frente, um pouquinho pra lá do antigo cinema arte palácio. Certo? E era lá que tinha uma academia de judô –a primeira de Belo Horizonte – e a união municipal dos estudantes secundários. E quem facilitava as reuniões pra nós foi o futuro sociólogo brilhante, Marcos Magalhaes Rubinger, que foi muito maltratado no começo do golpe de 64. Teve a casa invadida logo nas primeiras horas, etc. Mas ele nunca se envolveu com os OVNIS, mas a forma como ele já era uma pessoa aberta e com o olhar longe e que ele praticamente nos patrocinou durante toda esta época. Ele não participava, mas honra seja feita: Sem Marcos nos não teríamos começado. (Entrevista – Alberto Francisco do Carmo)

Como se nota, havia no CICOANI um regime de comodato da sala, para que as reuniões continuassem a ocorrer. Algo muito semelhante também ocorria e ocorre no caso do NEUS, Núcleo de Estudos Ufológicos de Santa Cruz Sul - RS. Este funciona em um espaço cedido pela prefeitura, ao lado do saguão do Ginásio Esportivo da cidade. À época, depois do primeiro contato com Rafael Amorim, escrevi no diário de campo as seguintes notas:

[...]Cordialmente se apresentou e eu também o fiz da mesma forma. Buscou nos bolsos as chaves enquanto exclamava: “ Este é o NEUS.” Acendeu as luzes e eu pontuei que aquele era um dos poucos grupos ufológicos que tinha um espaço

tão bom à sua disposição. Ele disse: “Peraí que eu vou te mostrar.” Caminhamos pela sala, onde se viam duas cadeiras de tecido alaranjado, um sofá azul, uma mesa onde estavam expostos vários DVDs ufológicos. Uma estante para livros, com publicações respectivas ao tema, um tripé fotográfico no cume do qual uma imagem de uma cabeça extraterrestre estava disposta. Ao lado, cafeteira e elementos para o preparo de infusões diversas e um velho computador que, colocado ao lado do banheiro, já carregava em si os sinais do tempo. Na outra sala, antes usada para reuniões, agora fora cedida para o acúmulo do material da Oktoberfest. Tratava-se um pequeno salão antes usado para reuniões. Ainda havia um outro compartimento, que por ora vinha sendo ocupado pelos escoteiros, do qual Rafael é membro há 29 anos. Não posso deixar de lembrar – e com isto introduzo outro tema – que há no NEUS uma sala para meditação, normalmente usada pelos membros místicos do grupo. (Diário de Campo)

As reuniões da EBE-ET no período em que Roberto Beck era o presidente, segundo me narraram alguns de seus membros, ocorriam ora em sua casa, ora na Pizzaria La Gioconda, localizada na Asa Sul – Brasília. No período que eu as frequentei, os ufólogos haviam conseguido o empréstimo de um salão recreativo em um Edifício Residencial na mesma zona da cidade e alternavam o local dos encontros com a já mencionada Pizzaria.

A reunião de 05/07/2012 fora a primeira a acontecer neste salão. Os membros do grupo chegavam aos poucos e os que ali já estavam contribuíam com o arranjo das cadeiras, com vistas colocá-las de frente a uma espécie de mesa principal, onde posteriormente estariam o Presidente e o Vice Presidente da Entidade. Distribui-se alguns petiscos e a sessão foi aberta com a informação da pauta do dia e com o posterior convite para que os demais membros apresentassem as últimas notícias ufológicas¹⁴⁰. A primeira intervenção veio de Fábio Jed, o próprio autor do convite, mas o seu comentário não dizia respeito a uma nova ocorrência ufológica. Interessava-lhe falar sobre os desastres nucleares de Chernobyl e Fukushima. Foi assim que comparou a quantidade de resíduos atômicos lançados na atmosfera em um e outro evento, apontando que o último havia sido três vezes maior. Ao que o autor da intervenção complementou que a catástrofe fora causada não apenas por maremotos e terremotos, mas também por falta de planejamento. No entender de Fábio, tanto a proporção do desastre no

¹⁴⁰ O termo, como tal, estava sendo empregado por eles.

Japão, quanto a questão do mal planejamento foram acobertadas: “ Assim como na ufologia há acobertamento, no mundo geral também há”.¹⁴¹

Dando continuidade ao tema das notícias ufológicas, o Brigadeiro reformado José Carlos Pereira, comentou os experimentos do maior acelerador de partículas já feitos por humanos, o LHC - Large Hadron Collider, a notícia sobre a descoberta da partícula Deus – o Bóson de Higgs – e conclui apontando que “Se a humanidade chegar ao modelo padrão, os problemas ufológicos estariam resolvidos”.¹⁴²

Em seguida, tomou a palavra Alberto Francisco do Carmo, que se apresentava como licenciado em Física e afirmava e ter lecionado em sua especialidade por vários anos antes e depois de se mudar de Belo Horizonte para Brasília. Ele pretendia dialogar com a questão levantada no último comentário, mas o fez por meio de um caso que investigara muito tempo antes, referente à abdução do policial militar mineiro, José Antônio da Silva.¹⁴³ Depois de uma breve admoestação pela substituição da noção de abdução por “sequestro”¹⁴⁴ – o que foi contrariado por Fábio, para quem o termo é legítimo – , Alberto procurou interpretar as falas de José Antônio da Silva, personagem principal do caso de abdução que estudara. Nos comentários de sua "testemunha", Alberto entrevia a possibilidade de inferir algumas informações sobre a mecânica da nave que capturara o soldado. A partir do relato de sua testemunha, segundo quem

¹⁴¹ Notas tomadas durante a reunião. Para uma discussão mais acurada da noção de acobertamento ver o capítulo "A Pragmática do Segredo."

¹⁴² Notas tomadas durante a reunião.

¹⁴³ Duas considerações são necessárias neste ponto: Alberto não é ou foi membro da EBE-ET. Ele estava ali a convite de Fernando Ramalho, o vice-presidente da entidade, em parte em função de uma prática do grupo, que consiste em convidar ufólogos de fora com vistas a palestrar para os membros. No que tange ao caso relativo ao Soldado José Antônio da Silva, desejo mencionar que não o discutirei completamente aqui e me limitarei a apontar os aspectos mais significativos colocados em relevo por Alberto.

¹⁴⁴ Em muitas de minhas conversas com Alberto ele insistia sobre a imprecisão do emprego do termo abdução. Esta tradução, afirmava o meu interlocutor, obvia a dimensão violenta cuja expressão em inglês “abduction” consegue capturar com maestria. Registre-se aqui que, para Alberto, estamos diante de um problema que se estende além da terminologia empregada, sendo esta antes um epifenômeno de visões que percebem a captura de humanos desde uma “perspectiva positiva”.

no interior da nave havia estabilidade e era possível se deslocar livremente¹⁴⁵ sem sentir a ação da inércia, Alberto concluiu que, possivelmente, os óvnis não obedeciam à física clássica. Isto ocorria porque ainda que a nave estivesse se movendo a uma velocidade surpreendente, os assentos dos ufonautas não continham qualquer dispositivo (como um cinto de segurança ou um encosto), que impedisse que os ocupantes fossem lançados, pela inércia, para a parte posterior do aparato.

Do relato do soldado “sequestrado” segundo o qual em certo momento sentira uma “trepidação”, Alberto julgou que pudesse estar acontecendo naquele instante a passagem de um sistema de propulsão a outro.¹⁴⁶ E diante da fala do “sequestrado” de que navegar na nave era como estar em um “fogo que não queimava”¹⁴⁷, aventou-se a hipótese de que esta se aproximara da velocidade da luz, de que houve dilatação do tempo, mas não da massa. Tal sugestão terminou com o seguinte comentário: “O que Einstein não viu, um ordenança da PM semianalfabeto de Minas Gerais viu”.¹⁴⁸

Alberto prolongou-se por boa parte da reunião sobre o exercício de sua exegese do caso. Do fato de que os ufonautas tenham dado ao soldado um líquido em um recipiente cuja boca tinha a forma de uma pirâmide invertida (ver figuras 8,9 e10) – o que lhe impôs dificuldades para bebê-lo – e do relato de que os extraterrestres tinham a boca em formato de vagina, concluiu que “nem todos os extraterrestres são capazes de falar a nossa língua” .

Os comentários de Alberto, assim como as perguntas e observações de outros membros do grupo duraram, em média, três horas. Discutiu-se se havia a possibilidade extraterrestres

¹⁴⁵ Segundo a explicação de Alberto, diferentemente do que ocorre no interior de um avião comercial, onde a caminhada no sentido contrário de deslocamento da aeronave impõe alguma resistência ao passageiro, na nave extraterrestre caminhava-se com imunidade à inércia.

¹⁴⁶ Neste instante alguém o interrompeu e disse: “Eu acho que uma propulsão do tipo magneto-hidro-propulsão.” (Notas tomadas durante a reunião)

¹⁴⁷ Notas tomadas durante a reunião.

¹⁴⁸ idem.

estarem vivendo entre nós, sobre a aparição da Virgem em Fátima e sobre as consequências do contato definitivo para as religiões e para a “Ciência”. A extensão do debate e avanço da hora instaram o presidente do grupo a intervir e passar a palavra para Fernando Ramalho, quem ocupa o cargo de vice-presidente do grupo e é, no cenário da ufologia brasileira, a pessoa mais importante no movimento pela liberdade de informação sobre UFOs.

Fernando discorreu sobre aquilo que havia se conseguido das Forças Armadas até então, sobre os documentos que, por pressão da Campanha “UFOs: Liberdade de Informação Já”, foram liberados e estavam disponíveis no Arquivo Nacional. Apesar do grande volume de informações, pouco havia sido liberado sobre o caso, conhecido na ufologia, como “ET de Varginha”, sobre o qual o único documento até então disponível era um Inquérito Policial Militar. O último, diferentemente de outros tipos de documentos produzidos pelas Forças Armadas, consistia em uma compilação de interrogatórios com militares citados no livro “Incidente em Varginha” de autoria dos ufólogos Vitório Paccacini e Maxs Portes, com vistas a esclarecer a veracidade das afirmações presentes na referida obra. O Inquérito Policial Militar listou assim os seus objetivos:

Segundo consta da mencionada Parte, os aludidos civis, ao publicarem o livro, intitulado “Incidente em Varginha”, pela Editora Cutiara Ltda, teriam cometido, através da dita obra, os seguintes atos: a) prolapado fatos inverídicos capazes de abalar ou ofender o crédito das Forças Armadas ou de seus integrantes. b) Incitado, sobre o manto do anonimato, militares da ESA a prestarem depoimentos reveladores de dados sigilosos sobre o funcionamento daquela Organização Militar e também a fazerem críticas aos atos superiores hierárquicos, contrários a disciplina militar e por fim; Imputado Falsamente à ESA fato definido como crime, quando afirmaram, que no Inquérito Técnico instaurado por aquela Unidade Militar, as testemunhas foram forjadas para acobertar o prolapado incidente com o extraterrestre. (Inquérito Policial Militar - 1997)

Como se nota, o Inquérito consistia em uma investigação interna à Escola de Sargento de Armas, a qual pertenciam os militares citados no livro. Mas, no entender de Fernando Ramalho, a liberação do mesmo – que, de fato, continha pouca coisa relevante para os ufólogos – de algum

modo prefigurava o acobertamento que vem sendo levado a cabo pelo Exército. Nos seus próprios termos, o inquérito era uma “cortina de fumaça” para resguardar as reais informações sobre o incidente em Varginha, ocorrido em março de 1996.

Apresentado este quadro Fernando se demorou em nuançar as suas estratégias a partir de então: passaria a usar a Lei da Liberdade de Informação, publicada em 2011, com vistas a requerer os documentos do Exército referentes às atividades operacionais internas à Escola de Sargento de Armas. Uma vez que os tivesse à sua disposição, o caso de Varginha ficaria mais claro.

A partir de então, fez-se alguns cálculos e concluiu-se que o exército estaria obrigado pela legislação vigente a divulgar em 2013 todos os casos ufológicos envolvendo a operação desta instituição. Em seguida, discutiu-se os tipos de boletins e um dos membros do grupo presente, um coronel da Aeronáutica, fez uma fala que fazia participar um outro tipo de *expertise*: o seu conhecimento sobre os procedimentos internos dos quartéis, terminou ajudando Fernando a saber quais eram os tipos específicos de documentos que deveria requerer na semana seguinte.

As discussões no grupo se prolongaram até muito tarde. Especulou-se sobre o desaparecimento do ufólogo que fora autor do livro que gerara o Inquérito Policial Militar de Varginha, discutiu-se sobre a possibilidade dos filmes – ainda não enviados pela Aeronáutica para o Arquivo Nacional – da Operação Prato estarem borrados e sobre a hipótese dos seres encontrados em Varginha serem “animais extraterrestres”. Encerrou-se a reunião com o tema da Ciência e as colocações finais ficaram ao encargo, mais uma vez, de Alberto.

O último concluiu citando o “mito da neutralidade científica” e admoestou os demais a não esperarem grandes coisas da Ciência, uma vez que os seus praticantes preferem os “aplausos

dos pequenos auditórios”. Completou a fala apontando para certo movimento de “inquisição científica” e para a existência na própria Ciência de entidades que, embora mobilizadas, eram enigmas: “Ninguém nunca conheceu ou soube a raiz quadrada de -1”.

Como se nota, a reunião consistiu em uma sessão de discussão de assuntos ufológicos, onde a temática das notícias científicas aparecia com frequência. Entretanto, preferiu-se discutilas desde a perspectiva que toma as “últimas descobertas” como possíveis elementos a serem agregados no sentido de esclarecer a questão extraterrestre. Aquelas também são comentadas com vistas a introduzir o tema dos óvnis em uma possível agenda científica, procedimento que é feito segundo uma analogia entre a questões relativas à identificação destes e a existência de entidades operantes na Ciência, mas cuja “existência” é questionada.

Os dois pontos que realcei, embora significativos, não correspondem às únicas atitudes em relação à Ciência que acompanhamos durante a reunião. No que concerne à intervenção de Alberto Francisco do Carmo relativa ao “sequestro” do soldado José Antônio da Silva, não estávamos diante da tentativa de fazer a ufologia equiparar-se a uma das ciências ditas duras. Ao contrário, se Alberto se valia da Primeira Lei de Newton, o fazia para tecer uma inferência sobre as naves dos captores do soldado. A Física, portanto, era usada como um repositório de ferramentas para compreender os alienígenas.

No que tange à díade “O que Einstein não viu, um ordenança da PM semianalfabeto de Minas gerais viu” , embora dialogue com a discussão acima, ela contém uma outra potencialidade. Aqui eu me refiro à sua capacidade de mobilizar um tema que atravessa a pesquisa ufológica e sobre o qual já me detive parcialmente no primeiro capítulo, a saber: o problema da testemunha.

Michael Foucault, nas conferências reunidas no volume “A verdade e as formas jurídicas” (Foucault,1996) examina algumas “[...] práticas judiciárias de onde nasceram os modelos de verdade que circulam em nossa sociedade” (Foucault, 1996:27). O projeto, amparado em três eixos metodológicos já desenvolvidos em seus trabalhos e cursos anteriores, tomou como tarefa articular “esboços” de histórias sobre quatro modalidades de decisão sobre “quem fala” a verdade. Desta feita é que percorremos ao longo do livro a modalidade “Desafio”, que Foucault encontra entre os gregos; a figura da “testemunha”, na tragédia de Sófocles; a “Prova”, no direito Feudal; e, finalmente, o *Inquisitio* ou Inquérito, que tem lugar tanto nos procedimentos administrativos do Final da Alta Idade Média, quanto nas Universidades e nas ciências.

Entre as quatro referidas modalidades quero me ater especialmente sobre a segunda, isto é, sobre o lugar da testemunha na análise que Foucault desenvolveu sobre a obra Édipo-Rei. De acordo com ele:

A tragédia de Édipo é fundamentalmente o primeiro testemunho que temos das práticas judiciárias gregas. Como todo mundo sabe, trata-se de uma história em que pessoas – um soberano, um povo – ignorando uma certa verdade, conseguem, por uma série de técnicas em que falaremos, descobrir uma verdade que coloca em questão a própria soberania do soberano. A tragédia de Édipo é, portanto, a história de uma pesquisa da verdade; (Foucault, 1996:31)

Segundo a leitura que Foucault faz da peça, as técnicas empregadas para descobrir a verdade tomam forma em um jogo de encaixe de metades, que aparecem nos diálogos entre os personagens: em primeiro lugar no par Apolo e o Adivinho; posteriormente entre Jocasta e Édipo; e, depois, nos testemunhos do escravo de Políbio e do pastor de Citerão.

O ponto que nos interessa nesta análise é o aparecimento do testemunho do escravo e do pastor, o qual Foucault distingue da “profecia” e da prescrição que aparecem no início da peça, quando o oráculo prevê que Édipo seria a desgraça de Laio. Segundo Foucault, é a introdução desta modalidade de testemunho – “o olhar do testemunho” (Foucault,1996:39) – nas pesquisas sobre a verdade que figura como o traço significativo da peça.

Isto ocorre porque há uma homologia entre aquilo que os pastores dizem (Foucault,1996) e as profecias dos Deuses. Tal movimento encerra a seguinte questão:

Podemos dizer, portanto, que toda a peça de Édipo é uma maneira de deslocar a enunciação da verdade de um discurso de tipo profético e prescritivo a um outro discurso, de ordem retrospectiva, não mais da ordem da profecia, mas do testemunho. É ainda uma certa maneira de deslocar o brilho ou a luz da verdade do brilho profético e divino para o olhar, de certa forma empírico e cotidiano, dos pastores. [...] Temos aí um dos traços mais fundamentais da tragédia de Édipo: a comunicação entre os pastores e os deuses, entre a lembrança dos homens e as profecias divinas. Esta correspondência define a tragédia e estabelece um mundo simbólico em que a lembrança e o discurso dos homens, são como uma imagem empírica da grande profecia dos deuses. (Foucault, 1996: 40)

Tem-se, como diz Foucault, a instauração do testemunho, da lembrança na forma de uma recapitulação, como forma de dizer a verdade. Mas, segundo o autor, não se trata aqui de qualquer recapitulação, mas daquela que coincide com a prescrição dos deuses.

Há ainda um outro componente na análise da tragédia de Édipo feita por Foucault. O testemunho vem de um pastor e de um escravo. São eles os depositários da lembrança e é a partir de sua fala que o aludido jogo de metades se completa. Sobre eles, comenta-se que:

No fundo de sua cabana, embora sendo um homem sem importância, um escravo, o pastor viu, e porque detém em suas mãos este pequeno fragmento de lembrança, porque traz em seu discurso o testemunho do que viu, pode contestar e abater o orgulho do rei ou a presunção do tirano. (Foucault,1996:54)

O soldado sobre quem nos falava Alberto, “aquele que viu o que Einstein não viu”, partilha com os pastores a capacidade do testemunho. Foi porque fora sequestrado e levado a uma nave, dispondo apenas de um crucifixo e uma tanga de couro, que agora é capaz de falar. Não fala, contudo, com vistas a “abater o orgulho do rei ou a presunção do tirano” (Foucault,1996). Seu discurso, traduzido pelo ufólogo, é ao mesmo tempo a constatação de que a ciência de Einstein estava certa – pois navegara em “um fogo que não queimava”, o que provava para Alberto que estavam próximos à velocidade da luz –, e a afirmação do poder da testemunha no interior da ufologia. Não qualquer tipo de testemunha, por certo. Os ufólogos argumentam

com constância que é necessário realizar múltiplas entrevistas com as testemunhas, que é imperioso fazer-lhes as mesmas perguntas de formas diferentes - com vistas a verificar se darão a mesma resposta -, que há que se verificar se as mesmas não padecem de nenhuma psicopatologia que as façam comunicar os seus delírios na forma de relatos.

Tratarei desta questão no capítulo sete, quando discutirei os modos como os ufólogos conduzem as suas pesquisas. Por ora, me restringirei à apresentação de dois trechos escritos por ufólogos norte-americanos nos quais a temática das testemunhas é comentada. O primeiro deles é um trecho de um manual para investigação ufológica publicado pela APRO - Aerial Phenomena Research Organization. Publicado em 1972, no manual encontramos várias recomendações relativas aos investigadores de campo. Recomenda-se, por exemplo, que se fale abertamente com as testemunhas, que se procure agentes locais de polícia quando reportado qualquer caso de avistamento de UFO. Ademais, há várias indicações sobre o modo como se deve proceder durante a entrevista, o que nos lembra os manuais de metodologia em pesquisa qualitativa na sociologia:

If the sighting appears to be sufficient interest, arrange for an interview with the witness. If more than one witness is involved, a separate interview with each witness is desirable. Witnesses should be encouraged not to discuss the sighting with each other since independent verification of the details is of significance in establishing a more complete case. (Manual APRO- GUIDE: 4)

Em outro diapasão, o astrônomo e ufólogo J. Allen Hynek, no livro *The UFO experience: a Scientific Inquiry* (Hynek,1972) compara as testemunhas na ufologia - "*UFO reporters*" -, aos instrumentos em ciências, como a astronomia. Segundo o pesquisador, da mesma forma que se pode confiar em instrumentos calibrados na astronomia, também se pode dar crédito a uma boa testemunha de um caso envolvendo óvnis.

Why this emphasis on the character of the reporter? Given the fact that in most other areas of science, electronic and optical instruments supply us with the data for analysis, the nature of the UFO reporter is of paramount importance. In this area of scientific inquiry the UFO reporter is our only data gathering instrument.

In science it is standard practice to calibrate one's instruments. No astronomer, for instance, would accept measures of the velocities of distant galaxies obtained by means of an uncalibrated spectrograph. However, if such an instrument had given consistently good results in the past, had frequently been tested, and had not recently experienced any recent jarring shocks, the astronomer will usually accept its results without further checking. (Hynek,1972:35)

Parcial visibilidade

The speed of passing accelerates him and causes him to exist. Participation is just that and has nothing to do with sharing [...] (The Parasite, Michel Serres)

Debbora Battaglia, no artigo intitulado “*For Those Who are not afraid of the future*”: *Raëlian clonehood in the Public Sphere* (Battaglia,2005), apresenta-nos um apontamento que reputo como um dos mais valiosos no que concerne à compreensão destes coletivos dedicados ao estudo e pesquisa em ufologia. Embora o seu texto, como já tive a oportunidade observar, se produza a partir de uma etnografia junto ao Movimento Raëliano – que dispõe de uma configuração diferente daquela que venho estudando neste capítulo – ,o seguinte comentário nos ajuda a discutir a feição particular que ganham os grupos ufológicos:

Thus, while the crop circle exhibit of UFOland makes visible claims to an invisible truth that is “out there”, always partially hidden (Bull,1999), it likewise renders Raëlians *visible to themselves* as a legitimate knowledge community. (Battaglia,2005: 163)

Neste trecho, tudo se passaria como se na exposição organizada pelos Raëlianos, o fato da verdade sobre os extraterrestres se conservasse "parcialmente escondida", fosse capaz de tornar os grupos ufológicos visíveis para si mesmos enquanto aquilo que Battaglia chama de uma "comunidade de conhecimento" (Battaglia,2005). Em última análise o argumento de Debbora Battaglia consiste no apontamento segundo o qual é na relação com o que permanece "parcialmente escondido", que o coletivo se forma. Note-se que aquilo que resta escondido é a verdade sobre óvnis, parcialmente revelada pelo profeta Raël.

Acompanho o argumento de Debora Battaglia, mas desejo sustentar que, para o caso do coletivo ufológico sobre o qual este capítulo se debruçou, talvez seja oportuno substituir a expressão "parcialmente escondido" (Battaglia,2005), pela noção de "parcialmente visível". Estimo que a última expressão se encaixa com maior precisão ao contexto etnográfico no qual o presente trabalho foi conduzido, uma vez que aponta para o fato de que os óvnis, na medida em que não se deixam ver completamente, criam as socialidades ufológicas ora discutidas.

Vale notar que não se trata aqui de uma sociabilidade que se conforma pela posse de um segredo, ao modo das comunidades herméticas. De outra feita, o que estes ufólogos têm à disposição são séries de pistas, de rastros, de testemunhos, que esperam para serem completados. Que esperam unirem-se no dia da “prova final”. E é exatamente esta visibilidade parcial, que só admite ter com ela o acúmulo de muitas proximidades, o moto para a criação destas sociabilidades. Como no conto de Borges do qual me vali para a epígrafe deste capítulo, ao final de sua leitura, não cabe se perguntar por qual seria o segredo. Ele remanesce nos seus indícios, nos seus meio-dizeres e nas referências imprecisas daquilo que é apenas parcialmente visível. Em última análise, como argumentarei nos capítulos seguintes, os óvnis são *máquinas de fazer segredo*. O que este trabalho tenta fazer não é outra coisa senão acompanhar de que modo estes objetos, que nunca vemos completamente, constituem as socialidades ufológicas.

Ocorre que, estas mesmas socialidades, via de regra, articulam-se em torno da Ciência. Decerto que a relação não se conduz sempre de modo pacífico. Isto é, como se verá no capítulo sete, os ufólogos não podem ser descritos como uma imitação precária dos cientistas, tampouco pode a ufologia ser descrita como um tipo de Ciência agonizante. Com muita regularidade, estes pesquisadores se colocam, ao contrário, na posição de críticos.

A fala de Alberto sobre a “inquisição da Ciência”, por exemplo, rememora-nos da crítica recorrentemente feita pelos ufólogos do ceticismo de alguns cientistas sobre o fenômeno UFO; seu comentário atinente ao “mito da neutralidade científica” é uma indicação de que o fato dos óvnis serem preteridos enquanto tema de pesquisa pode responder a determinantes políticos; tudo isto culmina na diáde sobre Einstein e o soldado, a qual nos insta a pensar que “a verdadeira ciência”, a ciência dos extraterrestres, se desvelou a um “ordenança” de polícia, a despeito dos esforços dos cientistas terráqueos para compreendê-la.

Ainda assim, os ufólogos do grupo se organizavam em departamentos, distribuía-m jurisdições conforme especialidades, pretendiam fazer “pesquisas de campo” e produziam relatórios com jargão técnico. Tudo se passaria como se estivéssemos diante de um jogo de rejeição e aceitação, de comprometimento e crítica, de mimesis e, ao mesmo tempo de iconoclastia.

Creio que esta última interpretação, ainda que correta do ponto de vista de vários encontros etnográficos, não deva figurar como o único engajamento possível com este domínio de saber. Estimo que ela implique em uma redução destes grupos a uma atitude que, quando toma a *mainstream science* como modelo de comparação, só pode terminar vendo a ufologia a partir daquilo que lhe falta.

Um outro modo de pensar esta relação com a Ciência que, segundo concebo, leva-nos a uma precisão etnográfica mais acurada, consiste no seguinte apontamento de Cross (2000):

By succeeding as an alternative research world, ufology comprises the exclusivity of conventional university and governmental science as the sole authority in scientific matters. (Cross,2000:142)

Nesta outra versão, não estaríamos diante de uma equação que apresenta a ufologia como “Ciência - X”, isto é, como um tipo de "Ciência" que se ressent de algum atributo, mas, de

forma diferente, passaríamos a tratá-la como uma ciência que se articula de outro modo e que faz valer a alcunha de “alternativa”¹⁴⁹, de "outra", em consonância com a tese de Anne Cross.

Neste capítulo me debrucei sobre os processos de constituição de um grupo ufológico. O quadro que ora apresentei pretendeu complementar a descrição que nos dois capítulos anteriores produzi sobre os congressos ufológicos. Temos, portanto, duas instâncias nas quais a ufologia se faz. No próximo capítulo tratarei da constituição da principal publicação ufológica editada no Brasil.

¹⁴⁹ Não confundir o emprego do termo "alternativo" com a tese aportada por José Ferreira Neto (1984), segundo quem a ufologia se acomodaria no "universo alternativo".

Capítulo 4 – Linhas de propagação: etnografia de uma revista ufológica

Até este ponto conduzi o (a) leitor(a) através dos meandros dos congressos ufológicos e de uma organização dedicada ao estudo do tema extraterrestre. Se a intenção dos últimos capítulos foi valer-me da descrição de algumas modalidades de associação dos coletivos de ufólogos brasileiros, reservo-me agora à tarefa de introduzir alguns apontamentos sobre a forma como estes se mantêm ao longo do tempo. Procurarei fazê-lo a partir de alguns comentários sobre a Revista UFO, a maior e mais longeva publicação em ufologia do país.

Começo apontando que a Revista UFO dispõe hoje de mais de 300 números publicados. Se acrescentarmos a tal número as revistas editadas por Ademar Gevaerd concernentes ao tema ufológico lançadas anteriormente à UFO, o volume cresce significativamente.

Diante de um quadro como este, vi-me obrigado a replicar na análise dos textos publicados na revista, o mesmo procedimento que os ufólogos de outrora faziam quando frente uma imensa variedade de casos. Assim como estes faziam com os casos ufológicos publicados na imprensa, durante a pesquisa tomei anotações de trechos de publicações e artigos e organizei-os por temas.

Deste modo, optei por outra modalidade de apresentação da Revista, que posteriormente resultou mais aclimatada aos argumentos que vinha desenvolvendo em outros capítulos. Ao contrário de me valer das ferramentas de análise do discurso, ou ainda, da tentativa de realização de um estudo integral da publicação, escolhi pensar a Revista UFO por meio do que chamarei de “linhas de propagação”, estes movimentos que, ao mesmo tempo que criam a disciplina, estendem-na no espaço e no tempo.

Tal noção, tributária núcleo conceitual abrigado em torno do conjunto de métodos que compõe a Teoria do Ator Rede, procura não tomar de antemão a existência da “identidade” de

um coletivo, de uma harmonia pré-estabelecida¹⁵⁰ (Latour,1993), mas, antes, está atenta aos processos mobilizados para que ela possa entrar em um estado de cristalização¹⁵¹. A este respeito, Bruno Latour no pequeno opúsculo *Irreductions* – esta espécie de reunião de aforismos que Graham Harman qualificou como o seu texto mais compacto e mais sistemático (Harman, 2009) – nos deu o tom a partir do qual tentarei afinar a noção de “linhas propagação”¹⁵²:

If there are identities between actants, this is because they have been constructed at great expense. If there are equivalences, this is because they have been built out of bits and pieces with much toil and sweat, and because they are maintained by force. If there are exchanges, these are always unequal and cost a fortune both to establish and to maintain" (Latour, 1993:162)

O trecho citado aponta para a presença de um conjunto de custos, de esforços e de forças, que tornam possível que se fale em equivalências. E estas só podem ocorrer por meio da mobilização de um número de actantes tão grande quanto aquele necessário para que a mesma “consistência” seja rompida.(Latour,1993)

Temos então dois elementos – ambos derivados da obra de Latour – que “afinam” a noção de “linhas propagação”: a perspectiva que compreende que a noção de duração não depende de uma identidade pré-estabelecida, mas de um trabalho de composição contínuo; a definição deste referido trabalho como algo que envolve certo número de custos e de esforços.

Quero, entretanto, chamar a atenção para um terceiro aspecto que, igualmente tomado emprestado da obra de Latour, complementa os demais:

As it associates elements together, every actor has a choice: to extend further, risking dissidence and dissociation, or to reinforce consistency and durability, but not to go far. (Latour, 1993:198)

¹⁵⁰ “There is no pre-established harmony, Leibniz notwithstanding, harmony is post-established locally through tinkering.” (Latour,1993:164)

¹⁵¹ Este, como se sabe, é sempre transitório, passível de ser rompido e conseguido às expensas de um trabalho diário de mobilização de novos aliados.

¹⁵² O mesmo tema já foi desenvolvido à exaustão em outros escritos assinados por Latour. De fato, a noção de que a “identidade” é antes o produto – sempre instável, volátil, passível de ser dissolvida - do que um ponto de partida, é homóloga a crítica à sociologia desenvolvida em *Reassembling the Social* (Latour, 2005)

A passagem acima nos alerta para o risco e a necessidade da expansão ou ainda, para a extensão das redes por meio de alianças realizadas por elementos heteróclitos. Tudo se passaria como se o seu prolongamento, na medida em que exige múltiplos movimentos de translação (Callon,1986), também ensejasse a probabilidade de dissolução. Por outro lado, ao manter-se consistente – refugando alianças, interrompendo os exercícios de negociação e o processo de interessamento – a rede é interrompida.

Apresentados estes três pontos – a recusa do trato da identidade como pré-estabelecida, a sinalização dos custos para a manutenção da duração ao longo do tempo e a necessidade de reunião de elementos heteróclitos – todos eles apontamentos de Bruno Latour – desejo agora, em um exercício de recapitulação, pensar “o quê”, ou “quem” dispara e acelera as referidas linhas de propagação que se manifestam na Revista UFO.

Grupos?

No final do último capítulo, baseado no argumento de (Battaglia,2005), defendi que a formação das sociabilidades ufológicas é ensejada pelo fato do fenômeno UFO só admitir ter com ele um acúmulo de proximidades. Em última análise, comentei que os ufólogos se tornam visíveis diante da parcial visibilidade, dos rastros e das meias histórias deixadas pelos viajantes do espaço.

De certa feita, é por não ser visto ou, de outro modo, por não ser visto completamente, que o fenômeno UFO dispara a formação de linhas propagação na ufologia, quais sejam: revistas e periódicos, investigações de campo, análise de casos, teorias sobre a origem dos humanos na Terra, classificação de raças alienígenas e comentários sobre as intenções dos extraterrestres.

O argumento anotado aqui é simples, mas isto não impede que ele imponha uma inversão significativa do trato que usualmente é empregado quando o assunto é ufologia. Note-se que na

medida em que se argumenta que é a “parcial visibilidade” que enseja esta sociabilidade, isto é, que são os óvnis o “gatilho” para a formação da Ufologia, reverte-se a forma como o problema fora colocado não só por detratores da disciplina – aqueles que os ufólogos classificam por céticos –, assim como por aquelas interpretações que tomam o alegado fenômeno, ou bem como explicáveis desde a referência a estados alterados de consciência, ou como construções sociais.

A referida inversão ocorre, segundo o modo como a percebo, porque não seriam os ufólogos aqueles que “criam”¹⁵³ os óvnis. De outro modo, são os óvnis que criam os ufólogos. Em última análise são os óvnis, que quase sempre confinados na sua “visibilidade parcial” para os humanos, aqueles que colocam em movimento as “linhas de propagação” da disciplina.

Para pensar esta questão, permitam-me trazer a noção de quase-objetos formulada por Michel Serres em *The Parasite* (Serres, 1982) e, posteriormente, evocada por Bruno Latour em *Jamais Fomos Modernos* (Latour, 1994).

This quasi-object is not an object, but it is one, nevertheless, since it's no a subject, since it's in the world; it's also a quasi-subject, since it marks or designates a subject who, without it, would not be a subject. [...] Who are we? Those who pass the furet; Those who don't have it. This quasi-object, when being passed, makes the collective, if it stops, it makes the individual. If he is discovered, he is “it [mort]. Who is the subject, who is an “I”, or who am “I”. The moving furet moves the “we”, the collective; if it stops, it marks the I. (Serres, 1982:225)

Os óvnis aparentam ter as qualidades que Michel Serres atribui aos quase-objetos. Na medida em são aquilo que faz circular e, ao mesmo tempo, o que circula, o seu movimento engendra a formação dos coletivos de ufológicos. De acordo com Serres, estes são menos o resultado da partilha de quaisquer atributos e mais o efeito do movimento “daquilo circula” – interromper o fluxo significa “matá-los”:

The speed of passing accelerates him and causes him to exist. Participation is just that and has nothing to do with sharing, at least when it is thought of as a division of parts. Participation is the passing of the "I " by passing. It is the abandon of my individuality or my being in a quasi-object that is there only to

¹⁵³ A relação, entretanto, não é unidirecional. Trabalharei o tema nas linhas seguintes.

be circulated. (Serres,1982,228)

Desta feita, os óvnis criam os ufólogos mas, ao mesmo tempo, quanto mais eles circulam entre eles, quanto mais incidentes são os relatos produzidos sobre os Objetos Voadores Não Identificados, mais óvnis haverão.

Como se nota, se até aqui eu vinha fazendo o pleito por uma ação unidirecional dos UFOs sobre os coletivos que os estudam, agora desejo apontar para o fato de que se está de frente de uma relação de “dupla mão”. Tudo se passaria como se as *linhas de propagação* da ufologia mobilizadas incansavelmente pelos ufólogos também contribuíssem para a multiplicação dos óvnis. Desta feita, como observa Peter Sloterdijk: “The one breathed on is by necessity an ontological twin of the breather” (Sloterdijk, 2011: 44)

Mão dupla

Bruno Latour, em mais de uma ocasião, já chamou a atenção para esta relação de mútua constituição. Neste tema, o caso privilegiado que o conduziu a desenvolver o argumento nesta direção foi aquele da relação entre Louis Pasteur, seu laboratório e o fermento de ácido láctico. (Latour, 1993; 2001) Embora a atenção do autor para este tema fosse voltada ao tópico da relação entre “fabricação” e “realidade”, discussão que gravita em torno da noção de “nomes de ação”(Latour,2002), quando discorre sobre a relação entre Pasteur e as substâncias em seu laboratório, Latour aponta para certo vínculo que, caso o experimento funcione, transforma o cientista e as massas de não-humanos que habitam a sua bancada de laboratório.

Eis o ponto principal que quero demonstrar: a “construção” não é de forma alguma a mera recombinação de elementos pré-existentes. No curso do experimento, Pasteur e seu fermento intercambiam e mutuamente aprimoram a suas propriedades: Pasteur ajudou o fermento a mostrar quem era, o fermento “ajudou” Pasteur a ganhar uma de suas muitas medalhas. (Latour, 2001:145)

Desejo aqui seguir as mesmas linhas do argumento de Latour. Estimo que seus comentários sobre a dupla transformação funcionem bem para pensar a relação entre os óvnis e

os seus cientistas, na medida em que permitem que sinalizemos para o fato de que a relação entre eles assume o cenário de uma dupla constituição. Esta poderia ser resumida do seguinte modo: quanto mais os óvnis se fazem presentes na Terra, mais os ufólogos estendem as suas linhas de propagação. De modo correlato, quanto mais os ufólogos estendem as suas linhas de propagação, maior é a incidência dos óvnis.

A partir de agora apresentarei de que forma estas linhas de propagação se constituem na ufologia produzida no Brasil. Farei isto por meio da descrição de quatro processos dos quais esta lança mão para se estender no tempo e no espaço: a multiplicação de aliados (Latour, 2001); as operações de redução; o trabalho de diferenciação; e o aumento do fluxo de relatos.

Para tanto, lançarei mão da análise de algumas edições da Revista UFO, assim como recorrerei à entrevistas que conduzi com o Editor da publicação e alguns de seus colaboradores.

Multiplicação de aliados

Entrevistei o Editor da Revista UFO em fevereiro de 2013, em viagem feita a Curitiba, onde também me encontrei com o analista de imagens da mesma publicação, Toni Inajar Kurowski. Marquei com Gevaerd com alguma antecedência, pois vinha de São Paulo, onde eu havia participado de um congresso ufológico e igualmente havia feito entrevistas com ufólogos ligados à Revista UFO.

Chegada a data, fui recebido por Gevaerd com o modo como ele sempre me tratou: de maneira amável, aberta e com a fala franca sobre os temas que lhe são caros na ufologia. Ele me encontrou no hotel onde eu estava hospedado e ainda no carro conversamos sobre os próximos documentos a serem liberados pelas forças armadas, sobre o desafio de manter uma revista sobre a ufologia durante muitos anos e sobre o regime de colaboração que criara anos antes para mantê-la viva.

De minha parte, ouvia-o com cuidado, pois Gevaerd é atualmente o ufólogo mais importante em atividade no Brasil. Ele é editor da maior publicação em circulação, editor da maioria dos livros que os ufólogos publicam, promotor dos maiores congressos de ufologia, figura constante nos espaços que as redes de televisão, jornais e revistas abrem para o tema e o ufólogo brasileiro mais presente nos cenários internacionais onde a disciplina se mantém ativa. Em última análise, quase tudo concernente ao tema dos Objetos Voadores Não Identificados passa por ele, conforme já indiquei no primeiro capítulo, quando descrevi o processo de montagem e constituição dos congressos ufológicos e os usos na “noção de comunidade ufológica”.

No entanto, Gevaerd nem sempre ocupou esta posição. Jayme Aranha, em seu projeto de mestrado sobre a ufologia produzido no final dos 80, escreve uma passagem que aqui servirá de documento sobre o momento a partir do qual o CBPDV - Centro Brasileiro de Pesquisas sobre Discos Voadores - , assim como a Revista UFO, criados pelo referido ufólogo, começavam a ganhar espaço na ufologia brasileira.

Ele parece atender, ao menos busca explicitamente atender, um certo anseio, amplamente expresso, do movimento ufológico, não de abolir os grupos locais independentes, mas de constituir instâncias nacionais unificadas, órgãos de expressão geral do movimento, que lutem pelos interesses comuns a toda classe ufológica, o reconhecimento oficial da ufologia como ciência, o reconhecimento do ofício do ufólogo, a instituição da formação de ufólogos e cadeiras de ufologia nas Universidades. (Jayme Aranha, *mimeo*)

Estimo que foi a partir da criação do CBPDV e do início da publicação da Revista UFO, que a figura de Ademar Gevaerd passa a se tornar um nome incontornável neste domínio. Entretanto, para que quase toda a ufologia brasileira pudesse gravitar em torno do trabalho da Revista UFO como hoje ocorre, para que não se pudesse falar em discos voadores, abduções, raças alienígenas, desclassificação de documentos militares secretos sem falar na publicação, um diligente trabalho teve de ser feito. Isto é, a centralidade que a Revista UFO ganhara nos últimos

anos dependeu da necessidade de articulação constante de seu editor. Neste ponto, Gevaerd tem razão quando diz que é preciso trabalhar doze horas por dia, que não se pode deixar um número sem publicar, que é preciso organizar congressos cada vez maiores.

Fosse diferente, ao fazer esta pesquisa sobre a ufologia encontraria outro cenário: talvez a Revista UFO não tivesse conseguido se prolongar durante tanto tempo; talvez os congressos fossem locais e menores; talvez não se pudesse falar em “comunidade ufológica brasileira”; talvez, depois de uma lista de insucessos, Gevaerd tivesse voltado ao campo da química orgânica – tema pelo qual ele é apaixonado desde criança – e abandonado a ufologia. Em suma, em grande parte, reputo a conformação que a ufologia brasileira assume hoje ao trabalho do ufólogo Ademar Gevaerd. Vale dizer que o meu interlocutor está ciente disso. Acompanhemos alguns de seus movimentos.

No editorial da Revista Psi-UFO de março/abril de 1987 – uma publicação que antecedeu a UFO e igualmente era publicada por Gevaerd – traça-se a relação entre a manutenção de uma mídia impressa especializada no tema e o surgimento ou desarranjo dos grupos ufológicos brasileiros. Sugere-se então que, não fosse pela continuidade da publicação da Revista, a própria ufologia cessaria:

No Brasil, quando sucumbiu a saudosa OVNI Documento, revista editada pela experiente Irene Granchi (e isto pode ser confirmado), cerca de 60-70% dos pequenos grupos e organizações ufológicas que haviam então desapareceram. Igualmente, quando OVNI Documento foi lançada, de um número entre 80-100 grupos ufológicos, este total subiu para o dobro e, ao longo da existência desta publicação, chegou a quatro vezes o número inicial. (Revista Psi-UFO, março/abril de 1987: 4)

Como se nota neste trecho, tudo se passaria como se a própria atividade das associações ufológicas estivesse ligada ao trabalho de publicação de revistas especializadas no assunto. Em última análise, elas contribuem para que o tema UFO se propague, ao mesmo tempo em que criam e recriam a ufologia.

Acerca deste tópico em particular, desejo argumentar que a extensão da ufologia no tempo e no espaço deve, em grande medida, ao trabalho da Revista UFO e, em especial, ao seu editor, Ademar Gevaerd. A Revista UFO seria outra se ele não tivesse incessantemente arregimentado aliados para a publicação e se não houvesse estabelecido um regime de colaboração que concorre para a revista possa estar todos os meses nas bancas. Um batalhão de pessoas gravita em torno da Revista: são tradutores, consultores, coeditores, investigadores de campo, especialistas em hipnose, palestrantes internacionais e ufólogos da “velha-guarda” que, constantemente, alimentam as suas páginas e contribuem para a sua propagação.

Gevaerd sabe que não fosse por meio dos seus parceiros, a revista teria se retraído e perderia o interesse dos leitores. Ele esteve sempre ciente que foi preciso renovar os laços com alguma constância, fazer pontes com ufólogos internacionais, ir atrás de novos casos, visitar os antigos com regularidade. Em suma, para que a ufologia brasileira pudesse circular nas páginas da Revista e, ao mesmo tempo, para que ela pudesse gravitar em torno dela, não poderia agir sozinho, não poderia ignorar um só tema respectivo ao assunto dos Óvnis.

Foi preciso falar de tudo, inclusive de domínios no interior da disciplina que não agradam a todos: discurso dos contatos, relações entre ufologia e espiritualidade, mensagens messiânicas de extraterrestres e governo oculto; nada poderia ficar de fora. Afinal:

O Fenômeno UFO é o maior desafio da humanidade em todos os tempos, é algo complexo e intrincado, extremamente multifacetado, que terá gigantesca repercussão em nossas vidas, seja individual ou coletivamente, quando finalmente revelado em sua totalidade. Assim, vale a pena abrir mão de todos os recursos possíveis para compreendê-lo em sua completa extensão, ou seja, usar todas as ferramentas tanto da ciência, quando da espiritualidade para cercar o tema. (Mensagem de Ademar Gevaerd para Lista de E-mails da Revista UFO – 09/11/2014)

Argumento aqui que se o Editor tivesse ignorado a multiplicação de temas que se entrelaçam com a ufologia, em favor da coerência implicada nas formas de pesquisa canonizadas na análise de fotos, vídeos e rastros de pouso de aeronaves extraterrestres – os chamados ninhos

de UFO – teríamos a interrupção das suas linhas de propagação. Foi porque o editor foi capaz de reunir elementos com aspectos heteróclitos, fazendo-os coincidir com o tema ufológico e, fundamentalmente, dando abertura para que se insinuassem nas páginas da revista e nos congressos promovidos por ela, que as linhas de propagação puderam continuar a se constituir.

Desejo aqui reafirmar que esta continuidade ao longo dos quase trinta anos nos quais a publicação é editada se deve, em grande medida, a dois processos correlatos: a multiplicação de aliados e, por consequência, a habilidade de os “representar”, isto é, de agir como um *spokesperson* da ufologia.

É justo observar acerca destes dois últimos pontos, que não os anoto aqui na qualidade de analista. Ou seja, não sou eu quem oferece algo como um diagnóstico sobre o modo por meio do qual a Revista UFO se propagou. Não preciso acrescentar qualquer gradiente meta-teórico para pensar a questão da multiplicação dos aliados. Isto ocorre porque a própria fala do meu interlocutor é uma descrição suficiente sobre a sua atividade:

Eu sou da opinião de que a ufologia se pratica com a parceria de muitas pessoas. Sozinho você não chega a lugar nenhum. É absolutamente fundamental que você troque informações constantemente. Então, tem que ser um trabalho de equipe. Um trabalho de grupo. E isto eu pressuponho que você valorize todas as pessoas, as engrenagens que estão neste trabalho. E eu acho que por ter feito desta maneira, com a Revista UFO desde o seu princípio buscando novos talentos, valorizando os talentos que já estão aí, enfim, dando espaço a tanta gente. *Não é o Gevaerd que está dando espaço. É a ufologia que está dando espaço. Eu só estou proporcionando que as pessoas tenham acesso a isto. Através dos seus artigos, palestras...* (Entrevista – Ademar Gevaerd)

O trecho selecionado da entrevista feita com o editor da Revista UFO é explícito sobre a necessidade da ufologia se constituir enquanto um “trabalho de grupo”, a partir de um conjunto de parcerias, de incorporações de novos ufólogos, da abertura de espaços para que, em última análise, pesquisadores que antes eram interessados no tema, possam se tornar reconhecidos como ufólogos.

Mas, como se observa, Gevaerd faz bem em não atribuir a si a abertura destes espaços.

No trecho citado diz-se que tudo se deve à ufologia. É ela a responsável por sua própria multiplicação e crescimento, ainda que o Editor precise trabalhar durante horas a fio, sem folgas aos finais de semana, para que as suas linhas de propagação possam continuar a se estender.

Entramos assim na temática da representação, na conversão de Ademar Gevaerd e da Revista UFO em porta-vozes da ufologia no Brasil. Eu me refiro ao trabalho necessário não só para que a sua palavra possa contar como a última palavra, mas especialmente ao fato de não ser possível falar em ufologia no Brasil sem mencionar o seu nome e a publicação que ele edita.

A este respeito aprendemos com Michel Callon (Callon,1986) que a noção de representação difere da tentativa de estabelecer um mandato, a partir do qual o escolhido estaria autorizado a “falar em nome de”. De outra feita, para que alguém se torne um *spokesperson* “... a series of intermediaries and equivalences are put into place” (Callon,1986:13). No caso analisado por Callon, três cientistas se tornaram os “representantes” das vieiras e dos pescadores de Brieuç Bay, na medida em que promoveram o processo de *interessamento* dos últimos:

Three men have become influential and are listened to because they have become the ‘head’ of several populations. They have mixed together learned experts, unpolished fishermen, and savoury crustaceans. These chains of intermediaries which result in a sole and ultimate spokesman can be described as the progressive mobilization of actors who render the following propositions credible and indisputable by forming alliances and acting as a unit of force: ‘Pecten maximus anchors’ and ‘the fishermen want to restock the Bay’. The notion of mobilization is perfectly adapted to the mechanisms that we have described. This is because this term emphasizes all the necessary displacements. To mobilize, as the word indicates, is to render entities mobile which were not so beforehand. At first, the scallops, fishermen, and specialists were actually all dispersed and not easily accessible. At the end, three researchers at Brest said what these entities are and want. *Through the designation of the successive spokesmen and the settlement of a series of equivalencies, all these actors are first displaced and then reassembled at a certain place at a particular time*¹⁵⁴. (Callon,1986: 14)

Note-se que a noção de *spokesperson*, conforme a configura Callon, está ligada ao estabelecimento de uma série de equivalências, produzidas por deslocamentos e re-associações.

¹⁵⁴ Grifos Meus.

Tudo se passaria como se para ocupar esta posição, fosse necessário fazer uma variedade de actantes – outrora dispersos – por um “Ponto obrigatório de Passagem”(Latour, 2001).

No trecho abaixo, ao descrever as responsabilidades implicadas em dar uma palestra em um evento na área de tecnologia, Gevaerd se apresenta como um legítimo *spokesperson*¹⁵⁵:

Então, se eu vou fazer um trabalho como eu fiz há duas semanas atrás no Campus Party: Eu entendo que ali não é o Gevaerd. Ali é a ufologia brasileira. Eu tenho que fazer o melhor trabalho, porque se tivesse sido outro parceiro o convidado, eu ia exigir que ele fizesse o melhor trabalho possível porque eu iria estar sendo representado por ele. Então, como sou eu que estou representando uma quantidade de pessoas, eu me sinto na obrigação e faço ... uma obrigação deliciosamente bem cumprida, que eu sinto vontade de cumprir, de fazer o melhor trabalho possível. (Entrevista – Ademar Gevaerd)

Temos aqui um caso que talvez fique fora do espectro desenhado pela Teoria do Ator Rede. Digo isto porque o trabalho de Ademar Gevaerd como um *spokesperson*, ainda que passe pelo esforço de tornar a Revista UFO um “Ponto obrigatório de passagem”(Latour,2001) para a ufologia no Brasil, não implica no silenciamento de outros actantes, conforme prevê Latour:

There is only one way in which an actor can prove its power. It has to make those in whose name it spoke speak and show they all say the same thing. Once this is done, then the actor can say that it did not speak itself but "channeled" the view of the others. (Latour,1993:196)

Embora Ademar Gevaerd sempre fale em termos da “Ufologia Brasileira”, assim como via de regra emprega a noção de “Comunidade Ufológica Brasileira”, seu trabalho não passa por reduzir uma miríade de enunciados, posições e perspectivas sobre os óvnis a uma única visão estabilizada. De modo diferente, se ele pode falar como um representante, isto ocorre porque seu trabalho concorre para a multiplicação de perspectivas dentro da ufologia. Nas linhas seguintes, pensarei como este processo foi e é levado a cabo.

*

Embora a Revista UFO seja a publicação concernente ao tema com maior longevidade,

¹⁵⁵ Aqui é imperioso fazer justiça ao comentário de Gevaerd, segundo o qual, qualquer ufólogo que estivesse apresentando uma palestra sobre temas relacionados à ufologia em um evento que não fosse dedicado ao tema, estaria representando a disciplina.

muito antes de sua criação circulavam nas bancas de jornais do Brasil periódicos que, ainda que não fossem dedicados em sua integralidade à ufologia, ou bem consagravam números específicos ao assunto, ou continham discussões ufológicas em suas páginas.

A *Revista Planeta*, por exemplo, embora operasse com um espectro de temas amplo – que compreendia a Teosofia, os fenômenos *poltergeist*, a hipnologia, o espiritismo, as cirurgias espirituais, a radiônica, os exorcismos, a paranormalidade e o ocultismo– de maneira recorrente publicou matérias dedicadas ao tema ufológico.

Na edição de 1978, por exemplo, anunciava-se o I Congresso Internacional de Ufologia. Ademais, de modo semelhante ao que ocorreu com a Revista UFO em certos períodos, publicavam-se resumos de casos ufológicos ocorridos ao redor do mundo. Na mesma edição, depois de passar por matérias sobre o primeiro curso de astrologia realizado em uma universidade brasileira, o terceiro olho e “Jesus Essênio”, o leitor se deparava com a entrevista com um ufólogo e militar brasileiro de grande reputação na década de 70: o General Alfredo Moacyr Uchôa.

Na Edição do mês de abril de 1980 do mesmo periódico, encontra-se um matéria sobre alguns pesquisadores que buscavam “revisar a teoria atômica” e fornecer uma tentativa de explicação para a forma como os óvnis se locomovem. (Revista Planeta, abril de 1980: 52) Em setembro de 1982, publicaram na *Planeta Ufologia* a tradução de um livro argentino dedicado ao tema e em 1984, incluíram um artigo do ufólogo Carlos Reis, intitulado “Reflexões sobre a ufologia brasileira”. No último o autor reclamava da baixa qualidade da disciplina, da monotonia dos congressos, da repetição das mesmas perguntas pelo público e do dogmatismo da ciência.

E a nossa tradicional ciência, como se manifesta a respeito? Sabemos que basicamente ela obedece a determinados esquemas que tacitamente norteiam seus passos. Aliás, se a ciência foge dos seus próprios ditames, deixa de ser ciência. São, em realidade, dogmas preestabelecidos que a comunidade segue ordenadamente. Enquanto isso, a ciência pura, holística, abre eclusas para dar

vazão à quantidade de dados que gotejam indefinidamente.” (Revista Planeta, outubro de 1984: 49)

Além das revista *Planeta*, cuja proprietária era a Editora Três e que tinha fins majoritariamente comerciais, até o ano de 1985 havia outros veículos de comunicação que, diferentemente deste, eram editados por ufólogos brasileiros. É recorrente, por exemplo, a referência no meio ufológico à revista OVNI Documento, editada pela ufóloga carioca Irene Granchi, e aos já citados boletins da SBEDV, editados por Walter Bühler entre 1957 e 1978.

Ademais, muitos grupos ufológicos mantinham e continuam fazendo-os através das mídias digitais, boletins informativos sobre os casos que investigavam. Além de suas pesquisas correntes, estes também continham matérias que discutiam casos tomados como importantes no passado e colunas dedicadas a uma olhar crítico sobre a forma como se conduz a pesquisa ufológica.

Neste contexto vale notar o número 3 do Jornal UFO-LÓGICO, publicado em 1985 pela *Associação Mineira de Pesquisa Ufológica*. Este era um jornal com poucas páginas, impresso em duas cores e que possuía diagramação simples. No número em tela, além de um artigo sobre um caso envolvendo um avião da companhia aérea VASP e outro acerca do uso da entrevista ufológica como método de pesquisa, destacam-se como artigos que buscam lançar um olhar reflexivo sobre a ufologia, aqueles de autoria de Ubirajara Franco Rodrigues e Alberto Francisco do Carmo. O primeiro, intitulado “Manifesto aos ufólogos”, constitui-se enquanto um tipo de queixa sobre o avanço da “ufologia mística”:

O Fenômeno UFO, em ar ou em terra pousado, é algo complexo que precisa ser tratado pelo conhecimento científico de uma boa assessoria. Vamos manter a mente aberta, concordamos plenamente, mas não se vê mais ciência na ufologia brasileira, ou melhor, a maior porcentagem é a invasão da corrente autointitulada avançada, pois que, permitam-me, avança mesmo... o carro na frente dos bois. (Rodrigues, 1985: Sem Paginação)

O segundo, muito mais longo, fora assinado pelo ufólogo mineiro radicado em Brasília, Alberto Francisco do Carmo. O título do texto é “Ufologia: proto-ciência, pseudo-ciência ou ciência” e nele o autor nos apresenta algumas críticas ao modo como as pesquisas ufológicas vinham sendo desenvolvidas, aos trabalhos apresentados nos congressos e à própria qualidade dos textos e discussões ufológicas:

Há uns vinte anos atrás começaram a surgir os congressos de Ufologia. Mas, a partir de certo ponto, eles começaram a apresentar um primeiro senão: o vício de se contar histórias, boas histórias, ótimos e significativos relatos, umas sem nenhum impulso em direção à pesquisa analítica [...]E tomo conferencistas e boletins com rebuscadas exposições de casos inteiramente repetitivos ou vazios em seu conteúdo. E o público acaba por cacetear-se ao invés de motivar-se. Ao comentar uma situação destas numa certa organização norte-americana, um investigador europeu declarou em carta ao autor “o meu principal problema com (nome da organização) é que eu penso que é mais uma organização de relações públicas que um grupo de pesquisas.” Grande parte do tempo e dinheiro é gasto em informações ao público e quase nada para a pesquisa. (Carmo,1985:S/P)

Dois anos depois da publicação do Jornal UFO-LÓGICO, a Associação Mineira de Pesquisa Ufológica reconfigurou a editoração de seu boletim. A impressão em duas cores e as marcas de uma diagramação caseira foram substituídas pela publicação de uma revista com capa colorida e maior volume de artigos. Mas, do ponto de vista da estrutura de organização dos temas, pode-se argumentar que esta permaneceu a mesma do número de 1985. No volume de dezembro de 1987, publicaram-se casos, artigos reflexivos sobre a ufologia, discussões sobre o envolvimento da Força Aérea Brasileira na pesquisa de discos voadores e uma nota obituária pelo falecimento do físico e ufólogo americano J. Allen Hynek. Neste número, chama a atenção do leitor a qualidade dos textos assinados por Alberto Francisco do Carmo, que se expressam no grau de detalhamento dispensado às discussões que decide entabular e ao trabalho de fornecer as fontes bibliográficas que cita ao longo do artigo.

Como se nota nesta modesta introdução, até 1985 havia uma pletora de publicações dedicadas à ufologia, com concentrações temáticas diversas, assim como padrões de qualidade

variados. Cabe portanto se perguntar: por que a nenhuma delas permanece no cenário ufológico atual? Isto é, considerando que a área de concentração era similar àquela da Revista UFO, que a forma como os casos eram tratados não tinha diferenças significativas, o que levou a última publicação a conseguir fazer gravitar em torno de si a ufologia, de tal modo que não se possa falar em discos voadores no Brasil sem mencioná-la?

*

Conforme contou-me Ademar Gevaerd durante a entrevista, embora fosse interessado pelo tema da ufologia desde a sua infância, assim como tivesse publicado artigos, feito pesquisas de campo e entrado em relações com ufólogos, até os 24 anos a sua ocupação principal era a de professor de química orgânica em cursinhos pré-vestibulares e colégios:

Eu era fissurado por química. O que me deu aos 15, 16 anos, uma base científica muito forte. Eu era conhecedor do método científico. Sabia como é que se praticava ciência em uma idade muito tenra. Tanto que em certo momento eu tive esta preocupação. “E agora, eu estou mexendo com ufologia, que não tem nada de ciência – naquela ideia, naquela época – E, pô, o meu tesão é pela ciência, pela química orgânica. As duas coisas estão conflitando.” Eu cheguei a pensar em abandonar a ufologia e ficar só com química. Hoje eu seria um professor universitário, um cientista. Esta coisa toda. Mas não sei se certo ou errado, se eu fiz bem ou fiz mal, mas eu fiz o oposto. Eu persisti mais com a ufologia e vivi da química até onde eu pude. Eu casei muito cedo, com vinte anos, dei aula de química antes de casar e depois de casar. Até 1986, ou seja, quando eu tinha 24 anos, eu estava dando aula de química orgânica em cursinhos, colégios, em Campo Grande. Sendo que eu já tinha lançado a revista quando eu tinha 25 anos. Depois de lançar a revista eu fiquei mais um ano dando aula de química e já não tinha mais como conciliar as coisas. Então eu abandonei a química e fiquei só com a ufologia e faço isto até hoje. Faço a revista, vivo da revista desde 1986. Eu não tenho outro emprego, exceto ufologia, exceto fazer a revista. (Entrevista – Ademar Gevaerd)

A narrativa sobre o início das publicações em ufologia editoradas por ele expressa com acuidade as dificuldades de ter que aprender a manipular o material gráfico com um número pequeno de funcionários e equipamentos, ademais dos riscos envolvidos na empreitada, que o obrigava a tomar empréstimos vultuosos para que os custos da impressão fossem pagos.

Perguntei a Ademar Gevaerd como foi possível converter uma publicação com tema especializado, com pouca receptividade do público geral e de interesse restrito a nichos muito

particulares, na maior revista ufológica do Brasil. Gevaerd argumentou que desde o seu primeiro número a revista foi concebida com escopo de público nacional. Este objetivo diferia das pretensões das publicações produzidas por grupos ufológicos - como aquele que descrevi no capítulo três - , cujo alcance dos boletins não superava as permutas com outras organizações e, não raro, bibliotecas locais:

Desde a primeira revista que eu lancei já foi nacional. A *Ufologia Nacional e Internacional* foi uma revista de circulação nacional desde o seu primeiro número. Eu fiz dez mil exemplares. Ela tinha 20 páginas, era em preto e branco, foi feita com extrema dificuldade. Naquela época não havia computador. Mal e mal eu tinha máquina de escrever. Eu não era uma pessoa que escrevia bem. Eu tive que aprender a escrever, eu tive todo tipo de dificuldade. A revista era feita com fotolito. Um troço arcaico. Todas as dificuldades que você puder supor relativas à produção de uma revista eu enfrentei naquela época. (Entrevista – Ademar Gevaerd)

A Revista UFO, por seu turno, conseguiu grande capilaridade a partir de uma parceria feita com uma distribuidora de revistas que operava em âmbito nacional. Com produção caseira, dependente da colaboração de inúmeros ufólogos no Brasil e de material enviado do exterior, o periódico passou, ao longo dos anos, a ser a única a discutir e apresentar a ufologia para o grande público e para grupos ufológicos sediados em diferentes cidades. Tal propagação, entretanto, não se fez sem grande esforço. Assim como a última passagem da entrevista feita com Gevaerd em 2013, esse trecho sumariza o volume dos riscos assumidos e a quantidade de trabalho implicada em sua produção:

Nós formulamos desde o começo da revista um contato com a distribuidora Fernando Chinaglia – nacional. A gente fazia a revista em Campo Grande, caríssima, mandava pra São Paulo e pro Rio, onde havia unidades da Fernando Chinaglia, e eles distribuíam no Brasil inteiro. Era muito trabalhoso. Era um trabalho muito esforçado. Era assim uma coisa insana fazer a revista naquela época. Especialmente pra quem não tinha nenhuma habilidade em fazer revista. E naquela época fazer revista era uma coisa extremamente complicada. Então, por exemplo, a primeira revista que eu fiz, me lembro que eu assumi uma dívida que era de dois anos do meu salário como professor. Se não desse certo fazer a primeira revista eu teria que trabalhar dois anos, sem tirar um centavo daquilo ali para alimentar a minha família para pagar a gráfica. Então, tanto que quando eu caí na real desta estupidez que eu estava fazendo, eu hesitei em lançar a Revista Número 2. Eu consegui lançar a número 1, mas eu falei: Eu não vou fazer a revista número 2, porque vai que eu não consigo pagar. Eu vou ficar dois anos

trabalhando para pagar a conta para a gráfica. Mas um dia pintou uma energia em mim e falei: “Faz a Revista Número 2”. Eu fiz a número 2 e a número 3, a número 4, a número 5... Fiz todas. E olha, de lá pra cá, eu fiz quase 300 edições de revista. (Entrevista – Ademar Gevaerd)

Conforme me contou Gevaerd, embora hoje ainda haja dificuldades na editoração e na manutenção da Revista, nada se comparava aos seus primeiros números. No princípio, munido de uma equipe reduzida, de textos enviados por ufólogos brasileiros e estrangeiros, de permissões para republicação, de acordos com gráficas, empréstimos em bancos, a revista corria o risco de se tornar mais uma publicação descontinuada.

Era o Gevaerd e o Gevaerd. Em uma certa época eu tinha os funcionários, tinha uma equipezinha. Mas a revista UFO no início, nos primeiros anos, não era nada parecida com o que ela é hoje. Hoje ela tem uma estrutura de recursos humanos, é a melhor expressão. Nós temos colaboradores no Brasil inteiro. Mas se a revista quebrar quem vai pro SPC sou eu. Eu que sou o responsável. Sempre foi muito difícil fazer a revista. Mas, ao mesmo tempo, cada revista que saía era uma alegria, era uma comemoração, era uma vitória. E aí a gente não vê passar o tempo. Quando eu vi eu tinha 30 edições lançadas. 70 lançadas. 120 lançadas. E estamos indo para a edição número 200. Só da UFO. Mais 70 da UFO especial. E se você soma com todas as anteriores dá mais de 300 edições. É um número recorde. Não há no mundo inteiro quem tenha feito mais revistas de circulação em banca do que eu. É um número notável. Eu botei a minha marca, a minha mão na ufologia brasileira e mundial, tá lá. Eu fiz alguma coisa. Agora falta plantar uma árvore. (Entrevista – Ademar Gevaerd)

*

Durante a entrevista Gevaerd se referiu com frequência a outras revistas que foram lançadas antes da Revista UFO e que foram, igualmente gestadas por ele. Entre elas, contabilizam-se os periódicos PSI-UFO, descontinuada em 1986, *Parapsicologia Hoje*, *Temas Avançados* e *Ufologia Nacional e Internacional*. Já nestas publicações o editor lançava mão da multiplicação de aliados para que pudessem ser publicadas. A revista *Ufologia Nacional e Internacional*, por exemplo, era uma publicação com periodicidade bimestral e o número 3, referente aos meses de julho e agosto de 1985, contava com um coeditor, assim como trazia artigos de dois nomes muito respeitados da ufologia no período: Irene Granchi, antiga editora da revista OVNI-Documento e Antônio Faleiro, experiente pesquisador em Minas Gerais. Além de textos de ufólogos consagrados, a revista revisitou um importante caso de abdução ocorrido no

Brasil, apresentou fotos vazadas de uma operação que envolvia a investigação de óvnis pela aeronáutica no nordeste do Pará e abriu espaço para a divulgação de congressos ufológicos. Neste número, em particular, anunciava-se inclusive a abertura de um concurso para jovens ufólogos, com premiações em dinheiro e a promessa de publicação do material na revista. Como se nota pela descrição do conteúdo a revista não visa ser apenas mais um boletim ufológico. Ela se coloca na posição de não apenas publicar artigos concernentes ao tema da vida extraterrestre mas, ao mesmo tempo, parece trabalhar para criar os meios através dos quais a disciplina se propaga. No editorial deste número, por exemplo, o editor afirma que está empenhando em promover a difusão ufológica no país, a despeito do desinteresse e desconhecimento das universidades. Para tanto, passou a enviar volumes de sua revista para bibliotecas, instituições de educação e políticos

Desde de UFOLOGIA nº1, mais de 1000 exemplares são enviados gratuitamente a cerca de 150 universidades brasileiras, 400 bibliotecas públicas municipais, 40 bibliotecas particulares, 90 veículos regionais e nacionais de informação generalizada, mais de 500 autoridades como vereadores, deputados estaduais, federais, senadores, secretários de estado, governadores, prefeitos, assessores, etc. Ainda que o retorno seja mínimo, até o momento, continuaremos dispendo de mais tantos exemplares de UFOLOGIA, a cada edição, quantos sejam necessários para desenvolver esta tarefa informativa. (Revista Ufologia Nacional e Internacional ,Número 3 – julho/agosto de 1985: 4)

Paralelamente a esta extensão das redes capilares da revista, seja pelo envio de volumes a bibliotecas e políticos, seja pela realização de concursos para jovens ufólogos ou pela inclusão de textos de pesquisadores com maior tempo na área, o editor da Revista UFO e das publicações que a antecederam executava um curioso movimento.

Por um lado, insistia na aproximação entre a ufologia e a “Ciência”, a partir da abertura de espaços para artigos reflexivos sobre as suas relações potenciais; por outro, multiplicava em suas páginas textos cujo conteúdo analisava os trabalhos de paranormais, ou eram assinados por astrólogos e espíritas. Tudo se passaria como se fosse necessário incorporar tudo, até porque, na

perspectiva que os ufólogos adotam sobre a sua disciplina, quanto mais científica a ufologia, mais ela deveria estar aberta a análise de quaisquer fenômenos.

Encontramos um exemplo deste tipo de composição já nas primeiras publicações editadas por Gevaerd. Na revista PSI-UFO, de outubro de 1986, publicação cujo objetivo era ser um ponto de encontro entre a ufologia e parapsicologia, um artigo sobre o paranormal Thomas Green Morton analisa com detalhes as manifestações físicas que ele é seria capaz de induzir. No mesmo número aparecia um texto Osni Schwartz, intitulado “Ufologia: Separando o científico do misticismo”, quem comentava que:

As atividades dos adoradores de UFOs vêm prejudicando sensivelmente o sério trabalho que estamos tentando realizar. Parece-me natural que tenhamos encontrado grande dificuldade em receber o apoio de pessoas e cientistas para pesquisa dos fenômenos aéreos não identificados, pois a pior imagem é, lamentavelmente, sempre a que mais ocorre ao homem. [...] E assim, gradativamente, a visão que o mundo científico tem da ufologia é a de uma seita de adoradores e amigos dos UFOs – ufófilos – não possuindo recurso técnico algum, nenhuma norma e nenhum método confiável”. (Revista PSI-UFO, outubro de 1986: 23)

Nas páginas das primeiras publicações, portanto, travavam-se batalhas em três campos: em primeiro lugar, era preciso incorporar temas que, embora não concernentes à ufologia, competem ao domínio do extraordinário e estão alijados dos esforços de uma investigação acadêmica; ademais, procurava-se separar a mistura potencial do público entre os adoradores de óvnis, os cultos aos extraterrestres e a pesquisa séria em ufologia; em terceiro, foi preciso afirmar que a ufologia, embora geralmente não reconhecida pelos cientistas, desejava estudar o fenômeno UFO se valendo de alguns protocolos da Ciência.

E estes três processos eram levados a cabo em meio à mensagens dirigidas aos leitores convidando-os para uma maior participação na publicação; a um artigo abordando o tema da possibilidade de incluir a discussão dos óvnis em uma comissão especial para analisar o fenômeno na Constituinte de 1988; às reimpressões de textos publicados em congressos de

parapsicologia; à publicação de textos enviados por grupos ufológicos de todo o Brasil; e às reclamações sobre as ameaças da instabilidade da economia sobre a própria sobrevivência da publicação. No editorial da PSI-UFO de março/abril de 1987, lê-se:

Não somos uma macro-empresa, muti-cefálica e milionária. Pelo contrário, nossas instalações são modestas e, embora tenhamos um nível de atividade elevado, temos um número restrito de funcionários. Somos, em realidade, uma espécie de microempresa, iniciante, que luta desesperadamente para não ser engolida pelo gigantismo de nossa economia desordenada (Revista PSI-UFO, março/abril, 1987: 4)

Em suma, da sala de seu escritório em Campo Grande (MS) , cercado por artigos enviados de todo o Brasil, pilhas de livros, rolos de fitas com gravações de entrevistas por transcrever e uma enorme volume de correspondências, Ademar Gevaerd começava a fazer circular a ufologia ao seu redor.

O primeiro número da Revista UFO, entretanto, só seria lançado em 1988. A publicação das demais – PSI-UFO e *Ufologia Nacional e Internacional* – foi suspensa depois de alguns números lançados, dando lugar a esta que sobrevive há vinte e seis anos.

O que se nota a partir a partir da análise dos primeiros números é uma tentativa de criar uma estrutura interna fixa – com seções permanentes –, e o interesse em abandonar gradualmente as reimpressões de artigos de outras publicações em favor do estabelecimento de uma rede colaboradores brasileiros e estrangeiros que alimentariam mensalmente as edições.

No que concerne ao primeiro aspecto, isto é, aquele relativo à estrutura que Gevaerd passou a adotar assim que iniciou a publicação da UFO, vale observar a presença de uma seção permanente que buscava apresentar aos leitores iniciantes na ufologia conceitos básicos com os quais os artigos dos ufólogos operavam, como são aqueles que conformam a tipologia dos contatos entre humanos e extraterrestres.

Ainda no que concerne ao tema da estrutura interna, Gevaerd passou a inserir entrevistas com ufólogos conhecidos em cada um dos números, assim como pequenas biografias de outros,

em que detalhava o tipo de aporte que trouxeram para a disciplina ao longo dos anos. Somava-se a isto a abertura de espaços para a colaboração de leitores, a inclusão de uma lista de endereços de pesquisadores de distintas especialidades – entre elas ufologia esotérica, fotografia ufológica, casuística ufológica e metodologia ufológica –, além da divulgação de grupos ufológicos.

Também merece ser anotado que nos primeiros volumes o editorial da revista se dirigiam com frequência aos leitores, esclarecendo-os sobre os preços de capa praticados e justificando o seu custo relativamente elevado, o que se dava em função da ausência de empresários interessados em anunciar ali. Via de regra, nos mesmos editoriais, a revista colocava-se como uma porta voz da ufologia brasileira:

Essa revista [...] pretende ser a porta-voz brasileira deste movimento mundial dedicado à pesquisa, estudo, análise e compreensão do fenômeno UFO em todas as suas características e pretende trazer um pouco de luz à questão dos UFOs. (Revista UFO, Nº 1, 1988:3)

E para fazê-lo divulgava roteiros para pesquisa ufológica nos quais instruía novos pesquisadores sobre como agir em campo, bem como organizava cursos de ufologia (ver box abaixo) e imprimia uma marca de generosidade ao prestar homenagens a outros ufólogos.

A Revista UFO organizou e está levando um curso completo sobre Ufologia para as principais cidades do país. O curso é uma detalhada apresentação dos discos voadores através da história e será ministrado por integrantes capacitados da Equipe UFO, podendo ter duração entre 10 e 15 horas. Integrado ao curso são realizados debates, apresentação de slides, de filmes e vídeos, exposição de material ufológico etc. Para realizar o curso também em sua cidade, os grupos e entidades interessadas em organizá-lo devem entrar em contato com a Revista UFO para maiores detalhes, pelo telefone (067) 384-3921 (tratar com Gevaerd). Nós oferecemos todo o apoio logístico para a realização do curso, fornecendo desde instruções e releases para imprensa até programas e correspondências para mala-direta.

Figura 4- Box de Divulgação de um curso em Ufologia - Revista UFO

De modo geral, nas páginas da revista também se encontram muitos “artigos de serviço”, isto é, pequenas notas informativas sobre livros recentemente publicados no Brasil, boletins enviados por grupos estrangeiros, vídeos ufológicos e resenhas diversas. A partir do número 4, a Revista UFO passou a anunciar a venda de materiais paralelos à publicação (livros que se interessava em republicar com o selo “Biblioteca UFO” e filmes em VHS de séries famosas, documentários e, posteriormente, CD-ROMs com imagens ufológicas compiladas pelo ufólogo americano Stanton Friedman.)

É preciso remarcar que todo este trabalho se fazia por meio da multiplicação de parcerias e, fundamentalmente, pela incorporação de aliados ao corpo da publicação, de tal modo que as páginas da revista, ainda que coordenadas pelo editor, a cada dia passavam a ter em si a marca de pesquisadores e interessados no tema. A propósito disto, o *box* abaixo traduz sem dificuldades um movimento com vistas a arregimentar tradutores, estipulando uma forma de permuta entre os serviços prestados e o recebimento de assinaturas gratuitas:

GANHE UMA ASSINATURA GRÁTIS

SEJA TRADUTOR DE UFO

A Revista UFO recebe todos os meses uma infinidade de publicações e trabalhos ufológicos de cerca de 60 países, escritos em vários idiomas. Verter esse material para o Português é um trabalho bastante complexo. Por isso, estamos sempre recrutando tradutores voluntários que falem com fluência um ou mais idiomas e tenham um pouco de tempo livre. As vantagens de ser um tradutor de UFO são muitas: além de fazer parte Equipe UFO e estar em contato com informações atualíssimas sobre Ufologia, o tradutor ainda ganha uma assinatura grátis das revistas UFO e UFO Especial. Não importa o idioma que você domine, candidate-se a tradutor para a Revista UFO.

Envie sua carta para:

Revista UFO, Caixa Postal 2182, 79008-970 Campo Grande (MS)
Fone: (067) 724-6700 – Fax: (067) 724-6707
E-mail: ufo@ufo.com.br

Figura 5 - Convite aos tradutores - (Revista UFO)

Além da produção de material para a biblioteca UFO, da arregimentação de colaboradores e da disponibilização de cursos e roteiros para a pesquisa ufológica, a partir de 1994, com a disseminação do uso dos computadores pessoais no Brasil e das redes que antecederam a unificação promovida pela *Internet*, a Revista UFO passou a se inserir gradualmente no ambiente virtual. Na edição 32, de setembro de 1994, registra-se que alguns ufólogos brasileiros já estariam acessando a rede de trocas de informações *Mufonet*, por meio do *Navigator BBS* que passara a ecoar o sinal da última rede. Já no número 39, fotos e vídeos que circulavam na internet, respectivas às imagens da dissecação de cadáveres de extraterrestres produzidas por Ray Santili, foram tema na revista. No número citado, cuja capa anunciava “Fotos de cadáveres de ETs veiculadas via internet” – Ufólogos usam rede mundial para furar sigilo sobre discos voadores imposto pelos Estados Unidos” (Revista UFO, N°39, julho/agosto de 1995), o editorial apontava para as potencialidades do uso das redes de computadores para lidar contra o sigilo governamental:

Quem diria que, um dia, ufólogos do mundo todo usariam uma rede de troca de mensagens por computador – uma net – para furar o terrível e quase intransponível muro que os governos do Primeiro Mundo colocam entre os UFOs e a população do planeta. Pois os ufólogos de todo o globo, com seus computadores plugados à rede telefônica, acessam as mais diversas nets para trocar figurinhas e, com isso, engordar seus arquivos eletrônicos com informações cada vez mais atuais sobre os discos voadores. (Revista UFO, N° 39, julho/agosto de 1995: 3)

Em 1997, quando a publicação já era editada há 12 anos, foi criada uma seção com título de “Internet”, onde se noticiavam sites, casos e temas que circulavam na rede. Em 1998, na Edição de número 59, foi criada uma lista para troca de mensagens entre leitores da revista (ver *box* abaixo), espaço que se conserva ativo até o ano de 2015 e que figura como uma espécie de veículo de comunicação direto entre os assinantes, editor e consultores.

REVISTA UFO ONLINE

JÁ ESTÁ EM OPERAÇÕES desde 23 de abril passado a lista de debates ufológicos oficial de UFO. Trata-se da *Revista UFO Online*, que já contém quase duas centenas de participantes. A lista tem o objetivo de integrar ufólogos de diversas regiões do país, promover um intercâmbio e debate sadio de idéias e unir a *Ufologia Brasileira*.

A participação na lista é inteiramente grátis e requer que o interessado tenha apenas um computador com acesso à Internet. Quem quiser participar deve enviar uma mensagem para o endereço *majordomo@ufo.com.br* deixando o *subject* completamente em branco e escrevendo no corpo da mensagem apenas a frase "*subscribe lista*".

Figura 6 - Box informativo sobre a lista de e-mails da Revista UFO

Mas a propagação do acesso ao assunto por meio da internet se, por um lado, estendia a presença da revista para espaços além de suas páginas – assim como a alimentava constantemente -, por outro engendrava um risco. Os leitores poderiam abrir mão da compra da publicação mensal ou das assinaturas anuais, em favor de sites na internet que igualmente abordavam a temática da vida extraterrestre. Na página 3 do nº81 da Revista UFO, há um quadro

informativo em que esse assunto é discutido e se reafirma a importância da publicação em formato impresso:

E nunca isso foi tão importante quanto agora, época em que o domínio da Internet na Ufologia é uma realidade irreversível, promovendo, graças a sua agilidade e velocidade, a difusão quase instantânea de assuntos de todas as matizes – geralmente descompromissados com a precisão. Sim, a internet também permite a troca de informação de excelente nível entre seus usuários, mas facilita de forma brutal que todo tipo de lixo trafegue na intrincada rede mundial. A ânsia de nela publicar algo exclusivo leva muitos ufólogos neófitos e veteranos a pularem etapas decisivas na investigação ufológica. O cuidado com o assunto, infelizmente, não é para muitos internautas ufológicos, algo tão importante quanto a qualidade da informação apresentada. Essa é apenas uma das inúmeras razões que justificam a necessidade da manutenção de um publicação impressa sobre Ufologia, como UFO, além da incrementação de métodos ágeis e eficazes para difusão da informação ufológica. (Revista UFO, Nº 85, março de 2003: 5)

No trecho acima defende-se a confiabilidade da Revista UFO em face às informações desencontradas e não confirmadas que circulam na rede. O caráter significativo da publicação é reafirmado, entretanto, de igual modo passou a ser preciso distinguir os “autênticos ufólogos, daqueles que, navegando de site em site passaram a intitular-se pesquisadores em ufologia, tendo em vista que a atuação do campo dos últimos se fazia majoritariamente pelos meios digitais.

No mesmo número do periódico onde se alerta para qualidade do conteúdo encontrado na internet, Ademar Gevaerd assina um artigo no qual distingue dois tipos de pesquisa ufológica, assim como duas qualidades diferentes de investigadores:

Até o surgimento da rede mundial, eram considerados ufólogos aqueles que, além de um cuidadoso e aprofundado conhecimento teórico dos mais variados aspectos do Fenômeno UFO, também se dedicavam a conhecer suas entranhas na prática. Eram considerados ufólogos aqueles que tivessem tido o trabalho de colocar cadernos, lápis, gravadores, máquinas fotográficas, etc, debaixo do braço, arregaçando as mangas e partindo para importantes investigações de campo. Importantes e imprescindíveis para se formar a bagagem do investigador. [...] Hoje em dia, no entanto, passaram a ser considerados ufólogos pessoas que, sem se preocuparem com detalhes técnicos e práticos do fenômeno ufológico, gastam suas horas fazendo “investigações exclusivamente através da rede, o que não passa de mera garimpagem de informações. Muitas vezes, são jovens dedicados e profundos conhecedores de informática que, com interesse acima da média em Ufologia, montam suas páginas, ilustram brilhantemente seus sites e reproduzem material sobre o assunto. [...] Mas com o passar dos anos e o ingresso de novas levas de jovens no mundo Virtual da Ufologia, aqueles descritos no parágrafo anterior, que chegaram há mais tempo, mas que não passam de entusiastas e divulgadores cibernéticos do assunto, começaram a

ser vistos como ufólogos e, sua atividade, como legítima ufologia. (Revista UFO, Nº 85, março de 2003:37)

Ora, se o trecho acima estabelece uma distinção entre pesquisadores de campo – que galgaram o posto de ufólogos depois de irem a campo, reportarem seus casos e, acima de tudo, serem reconhecidos pela publicação como investigadores sérios – e os que “não passam de entusiastas e divulgadores cibernéticos do assunto” - , em um número anterior da revista, o Editorial insistia exatamente em um ponto contrário. Nesse texto, publicado na edição de número 66, sugere-se que aqueles que consumiam informações ufológicas, mas que não realizavam pesquisas de campo também poderiam ser considerados especialistas no tema. Seriam os chamados analistas ufológicos:

Há uma certa histeria em determinados segmentos da Ufologia Brasileira, geralmente manifestada em congressos sobre o tema realizados país afora. Tais segmentos, compostos, principalmente por ufólogos jovens e entusiastas, ainda no início de suas carreiras e relativamente inexperientes, alegam que a ufologia de qualidade é unicamente aquela baseada em investigação de campo. Repelem o que chamam de pesquisa de gabinete e creem que as únicas conclusões possíveis sobre o fenômeno advirão exclusivamente da exaustiva ida do ufólogo ao campo, ao diálogo com testemunhas e a coleta de evidências físicas.” [...] No entanto, esta é uma forma de pensar obtusa e ultrapassada, que merece ser imediatamente revisada por quem a pratica. [...]

“Outro, no entanto, é o estabelecimento cada vez mais seguro do que já se convencionou chamar “analista ufológico – aquele estudioso que não faz da investigação de campo uma rotina, mas mantém-se informado sobre o máximo possível de fatos, examinando-os e encaixando-os num contexto. (Revista UFO, Nº66, agosto de 1999: 4)

O que se nota é que a negação da atribuição da alcunha de “ufólogo” aos “analistas ufológicos” representaria um risco para a propagação da revista, considerando que, possivelmente, a maioria dos seus leitores, assim como o público presente nos congressos que a revista organiza, se encaixariam melhor nesta designação.

As operações de redução

Uma vez apresentada a forma como a Revista UFO estende a sua capilaridade na ufologia brasileira, a partir da observação do processo de mobilização de alianças e da associação de

temas e abordagens com figurações heteróclitas, quero me deter sobre um segundo processo que parece participar em suas linhas de propagação. Refiro-me ao que chamarei de “operações de redução”, as quais se definem pela afirmação da equivalência entre uma pletera de manifestações ditas fantásticas (aquelas que orbitam a dimensão do extraordinário), e a experiência com extraterrestres. A noção de "operações de redução" baseia-se na observação de Daniel Pícaro(Pícaro,2007), segundo quem:

Contudo, se a ufoarqueologia vê nas representações míticas, religiosas e artísticas dos povos "primitivos" do passado ou do presente como meros ofuscamentos, coloridos locais de um evento Universal, tal não é diferente no que tange à própria Ufologia. Partindo do mesmo princípio, esta última estuda, no presente, o modo pelo qual os discos-voadores podem se ocultar no relato daqueles que julgam ter presenciado um milagre, ou a aparição de uma entidade conhecida pelo folclore e pela cultura popular de determinado local. (Pícaro,2007:44)

Também acompanha certos trechos¹⁵⁶ do comentário de José Fonseca Ferreira Neto, segundo quem:

Convém observar que, no discurso ufológico, a ufologia não é considerada uma religião, mas uma disciplina científica que, voltada para o estudo do fenômeno UFO, se depara com fatos peculiares às religiões - paranormalidades em geral, como premonições, viagens astrais ou saídas do corpo, comunicações mediúnicas, etc. - os quais são enfocadas não como coisas de um mundo sobrenatural mas como pertencentes à ordem natural do universo, ganhando assim o estatuto de fenômenos empíricos, ou seja, abordáveis cientificamente. (Ferreira Neto,1984:62)

Tudo se passaria, como se, ao levarem a cabo as operações de redução, os ufólogos se insinuassem naquela "zona de hesitação", que Susan Lepselter (2005) reconhece na noção de fantástico de Todorov: "But the fantastic, says Todorov, is never resolved one way or the other. Is it natural ou supernatural? The fantastic 'occupies the durarion of this uncertainty' " (Lepselter,2005:37)

¹⁵⁶ A diferença entre o diganóstico de Ferreira Neto (1984) e o que venho chamando de operações de redução, reside no fato de que as últimas não se prestam a ser descrições da forma como os ufólogos representam o mundo. De maneira diferente, as operações de redução dão conta de um modo de ação, de uma prática, que propaga os coletivos ufológicos na medida em que dão-lhes constantemente novos temas para pensar.

Desta feita, a redução opera sobre este gradiente de incerteza se a coisa ou ente visto, faz parte de alguma paisagem terrestre, ou se habita os confins onde vagam os mortos, os desencarnados, toda sorte de ídolos e seres com contornos ainda vagos. Susan Lepselter argumenta que “...in the uncanny, as in other domains, there is a restless elaboration of just what the real might be” (Lepselter,2005:56-57). É justamente neste espaço dos possíveis que os ufólogos se inserem ao conduzir um processo de redução.

As ditas operações funcionam nas produções dos últimos articulando a noção de “não compreensão” – ou *misunderstanding* –, de tal modo que, por exemplo, diante do relato das crianças de Fátima, em Portugal, segundo o qual teriam visto a Virgem Maria, os ufólogos podem, por conta, afirmar que o que fora avistado possivelmente não tinha nada que ver com um milagre, mas antes com uma manifestação extraterrestre.¹⁵⁷

Como se nota, nas operações de redução não se promove o questionamento quanto à realidade do relato, ou quanto a certeza de que as jovens de Fátima viram algo. Sem dúvida, diriam alguns dos meus interlocutores, algo apareceu. Desta forma, não se trata de aventar que pessoas tiveram seus sentidos confundidos, ou de que estavam tomadas por delírios religiosos mas, de outro modo, de insistir de que algo fora visto.

Os falados locais mal-assombrados, que quando crianças ouvíamos contar em relatos fantásticos, nada mais são do que pontos de grande incidência de UFOs. Na realidade eram contatos de vários graus que, por falta de conhecimento na época, eram considerados como sobrenaturais. (Revista UFO, nº4, 1988: 9)

O trecho acima, escrito pelo ufólogo Antônio Faleiro, de algum modo consiste em uma demonstração deste processo, uma vez que reduz a variabilidade das entidades mágicas às manifestações ufológicas que, por ventura, foram confundidas com extraterrestres.¹⁵⁸ Note-se a

¹⁵⁷ Para um maior desenvolvimento deste ponto, remeto o leitor aos comentários de Daniel Pícaro(Pícaro,2007) relativos à interação entre a ufologia e o tema das Aparições Marianas.

¹⁵⁸ Em última análise as operações de redução, tais como venho descrevendo-as aqui, de nenhum modo podem ser tratadas como exclusivas aos ufólogos.

este respeito que a última passagem do mesmo trecho, além de fazer uso do operador da “não compreensão” desloca o avistamento do campo do sobrenatural¹⁵⁹. Os óvnis e os extraterrestres, portanto, não habitam mais este domínio: sua fisiologia outra, seus corpos sem pelos e suas naves muito velozes não são uma adição à natureza, mas antes constituem o culminar de certa *ultra-natureza*, a qual repousa em dois pressupostos:

Esta plausibilidade origina-se de um modelo cosmológico baseado na analogia e na evolução. A evolução: reconstitui-se a sequência das condições que permitiu o surgimento da civilização humana, arrolando os diversos estágios da “nossa gênese”, desde a formação do sistema solar até o *boom* tecnológico da revolução industrial, que findará produzindo radiotelescópios. A analogia: extrapolam o nosso modelo para o resto da galáxia. Acredita-se que a história específica do sistema solar e do planeta Terra seja uma história comum, relativamente típica de inúmeros outros astros. (Aranha, 1990:27)

Estimo que são estes dois componentes, isto é, a articulação entre a evolução e a analogia (Aranha, 1990), os elementos alguns dos ufólogos a negarem a noção de sobre-natureza e, mais ainda, de extraordinário, em favor da substituição das explicações “nativas” sobre qualquer fenômeno que tangencie o domínio mágico por explicações ufológicas.

José Fonseca Ferreira Neto, capta este deslocamento do sobrenatural e o descreve na passagem seguinte:

Diferentemente da maneira da maioria das religiões ocidentais em que o espírito, fazendo parte do ser humano, se opõe ao corpo (ou matéria), e o mundo espiritual - habitado pelas deidades e pelos espíritos dos mortos - se opõe ao mundo material ou mundo dos vivos, na ufologia não há essa dicotomia. Existe só um universo ou cosmo multidimensional, do qual a instância material em que vivemos é apenas uma dimensão, que não está em oposição, mas em contiguidade com o resto. (Ferreira Neto, 1984:60)

A recusa em tratá-los como atinentes ao domínio do sobrenatural, desta feita, se sustenta na assunção de que os extraterrestres, embora habitem outros mundos, dispõem de características distintas dos humanos porque evoluíram nos campos técnico e morfológico. O extraterrestres pertencem, portanto, ao domínio da *ultra-natureza* e se são vistos, eventualmente como seres

¹⁵⁹ Ferreira Neto capta este ponto com bastante precisão: "Não existe mundo sobrenatural, existe sim a limitação na capacidade do homem de aprender essa realidade em sua magnitude."(Ferreira Neto, 1984:61)

espirituais ou mágicos, isto se dá em função de uma “confusão” das testemunhas que os ufólogos entrevistam ou dos relatos que leem.

O que aqui chamo de *ultra-natureza*, entretanto, não é um modo de descrever a "cosmologia dos ufólogos", ou ainda, não se trata daqui de forjar um artefato conceitual que dê conta do modo como eles percebem os extraterrestres. A noção de *ultra-natureza* é antes um artefato, um dispositivo e uma modalidade de relação, assim como é a noção de crença, segundo a forma como a concebe Bruno Latour.¹⁶⁰ Mas o que a torna diferente de outros processos de "tradução" da diferença (e também de aniquilamento) é que esta noção, ao reduzir o gradiente mágico do mundo à ação dos extraterrestres, acaba multiplicando as formas como os próprios extraterrestres agem. Ora, se eles participam de todo e qualquer incidente extraordinário, se não há relato que não possa ser lido nos termos de sua atuação e, se a variabilidade empírica que se apresenta nestes mesmos eventos é absolutamente farta - luzes, aparições, encontros com seres em viagens astrais, visagens de animais com figurações bestiais, para citar alguns exemplares - as operações de redução encerradas na noção de *ultra-natureza* não só multiplicam as formas que os extraterrestres podem assumir, como estendem o domínio de atuação dos ufólogos.

Insisto, se as operações de redução promovidas pelos ufólogos extirpam toda a substância do dito mundo "sobrenatural, não o fazem para reduzir o mundo a um conjunto de regularidades, assim como não concorrem para afogar os mesmos relatos em categorias que buscam alcançar uma homogeneidade, como é a sugestão de que os reportes sobre as aparições de seres além-Terra tem que ver com estados alterados de consciência ou com episódios de histeria coletiva. Ao reduzir o mundo à ação extraterrestre, da qual, inclusive os humanos podem não ser outra coisa senão produto ou experimento, os ufólogos concorrem para a multiplicação daqueles seres em termos das diferenças de seus tipos, de suas raças, de seus modos de existência.

¹⁶⁰ Na conclusão faço uma discussão detalhada da noção de crença.

Quando fazem este movimento, entretanto, os ufólogos não se colocam em uma posição equivalente àquela de algumas tradições nas ciências sociais, que diante de um fenômeno como as “aparições marianas”, não encontram outro meio de estudá-las senão recorrendo a um processo de redução. Nos últimos casos opera-se por uma via dupla: mobiliza-se a noção de *misunderstanding* e, posteriormente, implementa-se uma substituição a partir do artifício da “representação.”

Elizabeth Claveri descreve criticamente esta atitude a propósito do caso das “aparições da virgem Maria”:

Les sciences sociales se sont, pour une large part, constituées autour d'une dénonciation radicale de la religion comme productrice d'illusions, ces mêmes illusions étant ce que désormais le chercheur en sciences sociales devra débusquer comme agent non manifeste inconnu des acteurs, agent qui les manipule à leur insu ou semi-insu (Boltanski à par., Dodier 1989) dans tous les secteurs de la pratique sociale. L'anthropologie plus spécifiquement ne s'est pas heurtée de front à ce problème. En se spécialisant dans les religions de l'autre, dites « croyances », elle en faisait l'économie. Il s'agissait pour elle d'attribuer à ces croyances, sens, cohérence et fonction. La distance était donnée d'emblée par le simple jeu de décalage de fait entre l'ethnologue et la société étudiée. Jeanne Favret-Saada a été la première à formuler ce problème de l'ambiguïté d'emploi du terme de croyance et à considérer ses conséquences sur l'observation. Il résulte de tout cela qu'il pèse, lorsqu'on aborde en ethnologue des dispositifs appartenant au catholicisme contemporain, une série de préventions non par défaut mais par excès de théories explicatives : il me semble qu'il conviendrait alors de régresser vers une position d'avant cette réduction en « suivant » des acteurs dotés eux-mêmes et eux aussi de capacités critiques, ce qui d'ailleurs, est vite apparu sur le terrain. (Claverie, 1990:s/p)

Desejo argumentar que as operações de redução tais como conduzidas pelos ufólogos se, por um lado, implicam na substituição da diversidade ontológica dos entes mágicos por seres ou aparatos extraterrestres, por outro não concorrem para a estabilização dos últimos. Na medida em que promovem uma redução das searas do extraordinário às ações de entidades extraterrestres, os ufólogos se permitem potencializar a multiplicação dos óvnis e, de modo correlato, continuar estendendo as suas linhas de propagação.

Por meio da análise de alguns dos artigos publicados nas páginas da Revista UFO a partir de 1988, é possível apresentar alguns substratos textuais de como o referido movimento se dá.

No segundo volume do periódico, por exemplo, há um artigo assinado pelo ufólogo carioca Marco Antônio Petit, no qual o autor faz um estudo detalhado sobre a possibilidade da existência de bases submarinas de óvnis, por meio da apresentação de casos nos quais as testemunhas descrevem a emersão de objetos estranhos da água, assim como o desaparecimento de aviões e embarcações em certas zonas consideradas endêmicas de relatos extraordinários, como é o caso do Triângulo das Bermudas. Após analisar algumas possibilidades para os referidos desaparecimentos, Petit conclui que:

Várias foram as teorias criadas para explicar os fenômenos estranhos ocorridos no chamado “Triângulo das Bermudas”. Entretanto, a lógica nos impede de aceitar a maioria deles, pois não são capazes de explicar a totalidade dos desaparecimentos. Em alguns casos apenas as tripulações somem, enquanto o resto da equipagem (barcos, alimentos, etc.) permanece intacta. Ou seja, fica claramente demonstrado que existe uma inteligência por trás dos fenômenos. (Revista UFO, Nº 2, abril de 1988: 8)

Quase onze anos depois Marco Antônio Petit assinaria outro artigo, igualmente publicado na Revista UFO, sobre um tema distinto, mas com uma abordagem similar. Desta vez, interessado nos possíveis rastros de evidências da presença de descrições de fenômenos extraterrestres nos textos bíblicos, Petit comentou:

O texto *Ato dos Apóstolos*, narra que durante sua última aparição Jesus foi levado ao Céu no interior de uma nuvem. Em meio ao processo de ascensão, apareceram dois varões com vestes resplandcentes, que informavam aos discípulos que, da mesma maneira que Cristo estava sendo elevado, retornaria no futuro. Mas o que seria esta nuvem? Talvez a resposta esteja numa representação em relevo feita em uma peça de marfim, que faz parte do acervo do Victoria and Albert Museum, em Londres. Nesta peça, Jesus é levado ao céu no interior de um objeto com formato de ovo, que apresenta em sua parte inferior uma descarga propulsora – o que é de se estranhar, pois supostamente a ascensão representava um acontecimento ligado ao mundo divino. (Revista UFO, Nº65, julho de 1999: 19)

Embora tome como objeto de discussão temas distintos– de um lado os desaparecimentos de navios e aviões e de outro o episódio bíblico da ascensão de Jesus Cristo – , o autor vê em ambos indícios da participação de forças extraterrestres. Acerca deste movimento importa aqui observar que a redução "ao extraterrestre" concorre para a propagação da Revista UFO, uma vez

que estende o número de assuntos que a publicação está autorizada a abordar. Desta feita, suas matérias, capas e artigos deixam de depender da associação que uma possível testemunha ou investigador de campo façam entre o que viram e a ação alienígena. Com as *operações de redução* todo o universo do extraordinário se abre diante de si.

O trabalho de diferenciação

Em 1996 a Revista UFO deu início à publicação de uma série de matérias, ora assinadas pelo seu editor, ora pelos ufólogos que faziam parte da Equipe UFO, as quais tinham o objetivo de delimitar o trabalho de pesquisa ufológica diferenciando-o daquele promovido pelos cultos, pelas religiões milenaristas e por contatados com discursos considerados duvidosos. Nesses textos, que passaram a ocupar grande parte das edições, argumentava-se que o fato de não ser necessário um diploma ou qualquer certificação para se tornar ufólogo abria margem para o uso da disciplina com outras finalidades que não aquelas compreendidas nos esforços de pesquisa sobre os extraterrestres. Além do mais, reforçava-se o ponto segundo o qual quase toda ufologia tida como séria, de alguma forma, estava ligada à Revista UFO:

Pode-se dizer, sem margens de erro, que cerca de 99% dos ufólogos brasileiros, estão ligados à UFO, direta ou indiretamente. São estudiosos que trabalham seriamente na questão, garantindo a veracidade dos fatos, incumbindo-se de sua divulgação e zelando pela sua integridade. [...] Mas a questão ufológica pode ser usada com outras finalidades, por quem quer que seja, indiscriminadamente. (Revista UFO, Nº43, abril de 1996: 28)

Este movimento, enunciado pelo editor da revista em termos de uma “... restrição e combate à propagação de estórias infundadas” (Revista UFO, Nº43, abril de 1996: 28), coincidia com o apontamento da necessidade de que o relato de uma pessoa contatada, passasse pelo crivo da investigação ufológica. Somente após de atestado o relato teria credibilidade, a qual também seria aferida pela maior ou menor experiência do pesquisador encarregado da investigação.

Progressivamente publicavam-se textos nos quais as relações com outros atores considerados não legítimos passou a ser formulada em termos de um combate. Aquelas tentativas que propagavam discursos ditos “mirabolantes” e que não estivessem apoiadas em evidências ou que não fossem chanceladas por um pesquisador reconhecido, consistiam em um atentado contra a consolidação da ufologia como disciplina, acelerando um processo de desgaste público com o qual a ufologia já convivia.

Em 1997, a revista dedicou um número inteiro ao tema das "seitas ufológicas"¹⁶¹. A edição respondia ao recente episódio do suicídio de 39 pessoas na Califórnia, que faziam parte da seita “Heaven’s Gate”, a qual previa que a autoimolação lhes daria acesso a uma nave espacial que os levaria ao reino dos céus. (Balch; Taylor, 2002) O editorial qualificou as práticas destas "seitas como rituais exóticos e ridículos", assim como acusava seus membros de serem em “absurdos inimagináveis”(Revista UFO, Nº 51, junho de 1997:5)

O editorial, entretanto, não fora o único texto a questionar as religiões milenaristas que operavam com a noção de que a salvação viria das naves hiper tecnológicas dos extraterrestres. Cláudio Suenaga, à época mestrando em história na UNESP, em texto publicado na UFO comentou que:

O suicídio em busca de transcendência comprova mais uma vez que, ao contrário do que se supõe comumente, as altas tecnologias contemporâneas são profundamente permeáveis a um misticismo irracional que resiste a todos os prognósticos científicos. (Revista UFO, Nº51, junho de 1997:17)

Da mesma forma, Claudeir Covo, experiente ufólogo paulista, no texto intitulado “Lamentável culto aos alienígenas”, se ressentia pela propagação de contatados, que engendravam cultos aos discos voadores no Brasil e no exterior: “Não creio em nenhum

¹⁶¹ A expressão foi utilizada pelos ufólogos. De nenhum modo subscrevo o emprego do termo, via de regra utilizado como uma acusação. Emerson Giumbelli faz o seguinte comentário acerca desta categoria: " ... é extremamente raro que nos deparemos com situações em que "seita" designe uma identidade auto-assignada ou assumida. As seitas são sempre os outros"(Giumbelli,2002:65)

contatado e muito menos em pessoas que dizem ser extraterrestres, até que me provem o contrário”. (Revista UFO, Nº 51, junho de 1997:23)

Esta espécie de campanha contra as "seitas" ufológicas se estendeu pelas edições seguintes, nas quais passou a ocorrer um deslocamento do foco dos grupos com sedes em outros países, para aquelas em atividade no Brasil. Tal mudança, entretanto, não significou uma transformação no trabalho que vinha sendo realizado pela linha editorial da publicação: tratava-se, sobretudo, de convocar os leitores a separarem o “joio do trigo” (Revista UFO, Nº 52, julho de 1997:33) Assim sendo, passou-se a descrever em longos artigos as atividades de Urandir Fernandes de Oliveira, que criara anos antes no interior do Mato Grosso do Sul um conjunto de instalações em uma fazenda onde recebia caravanas de peregrinos em busca de algum contato com os Objetos Voadores Não Identificados que frequentavam os céus da região. Urandir, que liderava o “Projeto Portal”, fora caracterizado em diferentes textos como alguém que havia se apropriado das histórias de contato com entidades extraterrestres vividas por um contatado chamado Lúcio.

Mais tarde, por ocasião de uma visita do editor da Revista UFO às instalações do Projeto Portal em Corguinho-MS, o editor publicou um artigo no qual dizia que as alegadas luzes apresentadas aos peregrinos durante a madrugada não eram outra coisa além de efeitos luminosos produzidos por canetas laser, o que o motivou a lançar um desafio que, aparentemente, Urandir nunca aceitou:

Seja como for, fecho esta matéria com um desafio público ao Senhor Urandir e a todo e qualquer ser humano que se ache um escolhido dos Ets, a exemplo do Guru do outro projeto a quem eu já me referi no início da matéria: mostrem-me ser capazes de realizar 1% dos feitos que alardeiam e aceitarei 100% do que disserem, sem contestar. Mas não tentem me convencer às suas seitas. Isto seria uma grande perda de tempo. (Revista UFO, Nº 52, julho de 1997:40)

De modo correlato, na mesma edição, Marco Antônio Petit publicara um artigo com vistas a abordar o mesmo tema: a emergência de "seitas" ufológicas no Brasil. No texto, o autor

tributa seu crescimento à perda de espaço das religiões tradicionais “[...] que não conseguem preencher o vazio espiritual deixado pelo materialismo presente no mundo atual” (Revista UFO, Nº52, julho de 1997: 41) E prossegue: “Buscam simplesmente uma nova crença, algo que preencha o vazio interior de suas almas, carente de alguma coisa que possa dar novo sentido às suas vidas”.(Ibdem:41)

Note-se que neste ponto, para lidar com a emergência de coletivos que mobilizam os extraterrestres de outra forma, Petit lança mão de um artifício explicativo homólogo aquele que alguns intérpretes da ufologia no meio acadêmico se valem para pensar pensá-la. Nos termos de Petit, as seitas ufológicas não seriam outra coisa que uma resposta ao processo de secularização, isto é, “uma nova crença”, construída para atender às angústias mundanas. Ora, de acordo com este argumento, os referidos coletivos seriam a resposta a conjunto de necessidades não preenchidas no mundo contemporâneo. É digno de nota que esta afirmação parece coincidir com um dos argumentos balizados no debate público francês concernente ao tema das "seitas", ocorrido naquele país entre as décadas de 70 e 90. Segundo Emerson Giumbelli (2002), ainda na década de 70, o jornalista Alain Woodrow publicara um livro intitulado "Les Nouvelles Sects", no qual um dos elementos balizados para explicar a emergência das seitas seria exatamente "a existência de fiéis disponíveis"(Giumbelli,2002:74)

Primeiro, ele enuncia uma definição que se quer sociológica e não pejorativa - "um agrupamento contratual de voluntários que compartilham uma mesma crença"(1977:11) - e genérica - pois o sectarismo ocorreria em vários domínios, ainda que apenas o religioso seja tratado no livro. Com ela, cerca um conjunto amplo de grupos ou correntes cuja atração explica por uma crise na Igreja Católica (e, portanto, a existência de "fiéis disponíveis) e pela *resposta satisfatória que essas "seitas" ofereceriam para uma série de "necessidades", presentes especialmente entre os jovens.*¹⁶² (Giumbelli,2002:74)

No que diz respeito às críticas às "seitas ufológicas" levadas a cabo pelos ufólogos, vale notar que a mobilização da noção de crença, articulada enquanto um dispositivo acusatório

¹⁶² Grifos meus.

(Latour,2002), é prolongada em outras edições da revista. Na edição 56, por exemplo, uma matéria com título de “Urandir: Fantasia e Sensacionalismo”, assinada por Ademar Gevaerd, não apenas se acusa Urandir de fabricar “... suas estórias de contatos com ETs...” (Revista UFO, nº56, Janeiro de 1998, 41), como se procura analisar o comportamento daqueles que frequentam as sessões de contato com os extraterrestres ocorridas em sua fazenda no Mato Grosso do Sul. Segundo o autor da matéria, as pessoas entrevistadas no Projeto Portal apresentavam “...um padrão de narrativa de pessoas crédulas e ignorantes que aceitariam qualquer coisa que seu guru dissesse” (Ibdem:42). Esta observação, de certo modo, coincide mais uma vez com um dos argumentos aduzidos no referido debate público sobre o problema das "seitas" na França. Tudo se passaria como se os peregrinos da Fazenda do Projeto Portal estivessem sofrendo um "estupro psíquico"(Giumbelli,2002), em tom similar às acusações contra as "seitas" na França.

Vale observar que os comentários sobre as fraudes e farsas propagadas por Urandir Fernandes, o líder do Projeto Portal, não se limitaram aos textos publicados na Revista. Durante algumas entrevistas que realizei com outros ufólogos – em alguma instância ligados à publicação – , sempre que eu fazia menção ao caso, via de regra, o tom em relação a Urandir era de descrédito.

Daniel Conrado, membro do MGU – Movimento Gaúcho de Ufologia –, descreveu o Projeto Portal da seguinte forma:

Olhe, existem seitas, né? O projeto portal é uma seita, né? Não tem nenhum fundamento de nada. É um espertalhão, um 171 querendo ganhar dinheiro. Eu conheço bem porque eu já fui lá no Projeto Portal [...] Tudo é centralizado no Urandir, que é o cabeça do negócio. Quem é o Urandir? Urandir era um mágico destes de circo mambembe. Então ele sabe bem fazer mágicas; fazer truques. Aquele negócio que ele bota na mão e fica uma chaminha, aquilo ali é fósforo. Qualquer mágico faz aquilo. Então já foi provado, o pessoal já viu, que ele faz pirotecnia, que ele bota laser, balão com celofane – coisas que ele bota lá para dizer que são discos voadores. [...] O Urandir é um cara muito inteligente. Apesar de não ter educação ele é um psicólogo nato. Ele é um cara que sabe mexer com a psicologia das pessoas. Ele é impressionante. Ele sabe como fazer a pessoa ficarem do lado dele. [...] Você pode ver que a maioria das pessoas que estão ali, a massa de manobra mesmo, são senhoras carentes, que querem uma

coisa melhor na vida e não tem perspectiva. Aí ele vai lá e diz que elas tem uma missão. Então as pessoas se maravilham com ele. A minha própria mãe, que sempre gostou de ufologia, ela se envolveu com o grupo dele. [...] (Entrevista com Daniel Conrado)

Rafael Amorim, presidente do grupo ufológico NEUS – Núcleo de Estudos Ufológicos de Santa Cruz do Sul – também insistiu num ponto parecido, isto é, na articulação entre as demonstrações espetaculares de Urandir e a “crença” dos devotos.

Tu citaste o Projeto Portal, né? Esta é a linha dos aproveitadores. Existe muita gente amalucada neste mundo que se engaja em um projeto como o Projeto Portal, porque descobrem ali uma forma de vida onde elas tem uma certa importância. Basicamente é isto. O ser humano precisa disto. Precisa que as pessoas tenham atenção deles. E o que se propõe é isto.. Os caras estão ganhando um monte de dinheiro. (Entrevista com Rafael Amorim)

Por outro lado, de acordo com Rafael Amorim, o trabalho dos ufólogos não repousaria em sua “crença” na ideia de vida extraterrestre. Em última análise, para ele “é preciso não crer”, ou ainda, “não crer de antemão:”

Então a equipe da Revista UFO é bastante coesa neste assunto. A gente trabalha de uma forma séria. De uma forma que a gente tenha uma certa credibilidade, num nível bastante cético até. Por que o ufólogo é assim: a gente não acredita no fenômeno. A gente tem que chegar não acreditando naquilo que estão nos contando. A gente faz uma série de perguntas e quando chega no nível: não tem mais pergunta pra fazer, não tem mais resposta sobre aquilo, se torna então um fenômeno não explicado. (Entrevista com Rafael Amorim)

A contraposição entre a Revista UFO e o Projeto Portal também é mobilizada com vistas a pensar os efeitos sobre a imagem pública da ufologia. Afirma-se comumente que os leigos no assunto poderiam ser levados ao desinteresse pela pesquisa sobre a vida extraterrestre em virtude da apresentação pública de indivíduos ligados à referida “seita” como ufólogos:

Pra nós que queremos fazer uma ufologia séria, isto é um grande problema. Porque as pessoas desavisadas, não sabem que é uma falcatura, que é uma bobageira. Acham que ele faz ufologia. Então convidam ele para dar uma palestra, não sei aonde... Por exemplo, tem agora um encontro holístico aqui no Rio Grande do Sul que é feito todos os anos[...] E aí convidaram o Odoni para fazer uma palestra sobre ufologia. E agora nós descobrimos que o Urandir vem fazer palestra também. E agora nós estamos com um grande problema, porque assim: no momento que aparece o Urandir, dizendo aquele monte de bobagem lá, e um representante do GAIDU, para a opinião pública é tudo ufologia. Então, ninguém sabe que este grupo tenta fazer a coisa séria; pesquisar; que não é bobagem. (Entrevista com Daniel Conrado)

No que concerne à Revista UFO, as matérias sobre Urandir se sucederam. Na edição 71 do periódico, por exemplo, em um artigo intitulado “Urandir Fernandes de Oliveira – Do charlatanismo ao estelionato” (Revista UFO, Nº71, maio de 2000), comentava-se sobre a prisão do líder da “seita”¹⁶³, sobre curas ineficazes, além de reclamações de ex-seguidores¹⁶⁴ sobre as condições de higiene precárias na sede do Projeto Portal e relatos de assédio sexual cometidos por Urandir.

Note-se que esta “cruzada” contra o Projeto Portal assume duas características: em primeiro lugar, Urandir “fabrica os discos voadores” avistados por aqueles que peregrinam até o município de Corguinho; em segundo lugar, estes são definidos como “aqueles que creem”. A este respeito vale mencionar que, embora se utilize a noção de seita para qualificar o grupo de Urandir, diferentemente do que fora feito nos artigos da revista sobre o grupo Heaven’s Gate ora citados, o foco dos comentários não se constitui a partir de um alerta para o risco de suicídio em massa. Tampouco o foco das intervenções da Revista recai sobre processos de “despersonalização” ou de “desobjetivação”, tal como fez o movimento anti-seitas na França (Birman, 2005). De igual modo, em poucas ocasiões os artigos se valeram do argumento segundo o qual as "seitas" comportariam "... ações que atacam a "dignidade" ou a "liberdade" humanas, destruindo o indivíduo, a família e a sociedade" (Giumbelli,2002:98) Embora se argumentasse que Urandir explorava os adeptos e os tratava como "massa de manobra"(Entrevista com Daniel Conrado), o foco dos comentários se dirigia mais fortemente a outros temas.

¹⁶³ Entre as acusações contra ele pesavam "falsidade ideológica" e "estelionato".

¹⁶⁴ Novamente é preciso observar que há aqui homologias entre as acusações dirigidas ao Projeto Portal pelos ufólogos reunidos em torno da Revista UFO e o ativismo público anti-seitas estudado por Giumbelli (2002). Eu me refiro aos comentários de Giumbelli sobre o acionamento do testemunho "ex-adeptos" das ditas "seitas".

As acusações, como já observei, sinalizavam para a prevalência do embuste e da montagem espetacular, que induziria os “crentes” a tomarem as luzes e os demais efeitos energéticos vistos no Projeto Portal por aquilo que não são. Tudo se passaria então, como se a articulação da noção de crença – imputada aos peregrinos – dependesse da noção de “montagem” e de encenação.

Nos artigos da Revista, assim como nas entrevistas, não se tratava, contudo, de afirmar que os fenômenos vistos pelos peregrinos não são possíveis, mas de apontar que, naquelas circunstâncias, os óvnis de Urandir não seriam outra coisa senão o produto de sua própria confecção. Lévi-Strauss sumariza este ponto a propósito de um comentário sobre a feitiçaria entre os Nambikwara. Ao debater as acusações de falsidade do fato de que um chefe haveria voado no trovão, o autor comenta:

É claro que ele não tinha voado nas asas do trovão até o Rio Ananás; Era tudo encenação. Mas estas coisas poderiam ter ocorrido em outras circunstâncias, pertenciam ao domínio da experiência. Não há dúvida de que um feiticeiro possui relações íntimas com as forças sobrenaturais. O fato de, nesse caso particular, ele ter usado seus poderes como pretexto para encobrir uma atividade profana pertence ao âmbito da conjectura e uma ocasião para aplicar a crítica histórica. O que importa é que as duas eventualidades não são mutuamente exclusivas...” (Lévi-Strauss, 2008:185)

Embora o trecho citado funcione em uma economia conceitual particular do texto em relação ao qual é tão somente um extrato, merece ser ponderado que a forma como alguns Nambikwara analisam o caso do “homem desaparecido” seria homóloga à maneira com os ufólogos citados acima divisaram a atuação de Urandir. O mesmo pode ser aferido no que concerne às constantes críticas da Revista aos casos de “farsas”, “boatos” e montagem de fotos ufológicas: a descoberta de um caso de “fabricação” de “evidências, ou ainda, da participação humana na criação de aparições luminosas – tal como se descreveu o caso em tela – não implica na negação completa de todo o espectro de “eventos” associados aos extraterrestres.

Em relação ao último ponto, isto é, à acusação de fraude e charlatanismo movida contra o Projeto Portal, talvez seja oportuno dizer que o efeito é exatamente contrário. Isto é, quando a Revista UFO estabeleceu a distinção entre “a pesquisa séria” daqueles que não creem de antemão e os óvnis fabricados por Urandir, a publicação estende as suas linhas de propagação. Daniel Pícaro (Pícaro,2007), ao discutir o tema das acusações de charlatanismo no bojo da ufologia, em contexto etnográfico diverso daquele que me insiro, reputa este movimento ao trabalho de criação de alteridades pela ufologia, seguido da exaltação de si mesma. Segundo o autor:

Dito isso, fica claro que a Ufologia, ao denunciar e criticar o charlatanismo e a má fé daqueles que se utilizam dessa ciência para construir conhecimento legítimo e verdadeiro, mas para uma promoção de si mesmo, procura mais uma vez exaltar suas práticas metodológicas e seu rigor analítico...(Pícaro,2007:88)

É possível acompanhar Pícaro e descrever as relações entre a Revista UFO e o Projeto Portal nos termos da criação de um "outro" ufológico. Mas há também um caminho diverso - talvez complementar - , que passaria pela indicação de que ao criar os meios para se diferenciar das ditas "seitas ufológicas" os ufólogos reunidos em torno da Equipe UFO, ao mesmo tempo, fazem crescer as suas próprias redes. Não se trata, portanto, apenas de uma forma de imaginar um "outro". Em última análise, ao levar a cabo o trabalho de diferenciação, a Revista UFO termina reclamando para si e para os seus colaboradores certas relações mais legítimas com o tema extraterrestre, do que aquelas entabuladas pelos grupos que qualifica de "seitas ufológicas".

Aumento do fluxo de casos

Nas linhas acima argumentei que a relação entre os Objetos Voadores Não Identificados e os coletivos a eles relacionados merece ser pensada a partir da ideia de uma constituição mútua, ou ainda, de uma co-constituição. Tal posição responde ao intuito de não reduzir os óvnis à meras construções sociais e, ao mesmo tempo, de não tomar os últimos tão somente como um “efeito” do não identificado. Observei que quanto maior o número de óvnis que se insinuam nos

céus terrestres, mais as linhas de propagação da ufologia se estenderão. Por outro lado, quanto mais estas se estendem, mais discos voadores deixarão de ser confundidos com balões atmosféricos. Em tese, quanto mais filamentos tiver a ufologia, mais os óvnis ganharão em “gradientes de resistência” (Latour,1993), ou ainda, estarão menos sujeitos à acusação de que não são reais e de que são fabulações.

Em certa medida, um dos movimentos levados a cabo pelos ufólogos que tem em vista estabelecer a realidade dos discos voadores, dos seus ocupantes e de toda sorte de atividade extraterrestre registrada por eles, consiste na exposição massiva de relatos de casos. No primeiro capítulo, ao comentar sobre uma palestra dedicada à “casuística ufológica”, indiquei como este processo se dá: de modo geral, os ufólogos valem-se de numerosos de casos – contados, recontados, analisados e reanalisados – com vista a não apenas compor um arquivo de ocorrências, mas apontar para o volume de sua incidência.

Nas páginas da Revista UFO os artigos relativos à casuística já trazem seja no título ou no cabeçalho, a indicação para o leitor de que aquilo que será apresentado é a minuciosa descrição de uma ocorrência ufológica, que, geralmente, contém os relatos das testemunhas, o horário do avistamento, a forma do objeto ou do ser avistado, assim como algumas comparações com outros eventos semelhantes.

Há casos considerados mais importantes que outros – via de regra, porque há provas documentais da participação de militares, ou porque o número de testemunhas foi muito grande – , e o acúmulo de informações sobre eles, e de outros menores, de alguma forma é valorizado como um atributo dos ufólogos. Notavelmente, em conversas com pessoas que frequentavam os congressos, não era raro ser questionado se eu tinha conhecimento sobre um caso específico e sobre as suas peculiaridades.

Vale observar que o *aumento do fluxo de casos* se dá pelo relato de novas ocorrências, mas também por um contínuo esmiuçar de traços que aparecem progressivamente conforme informações são vazadas. Como um caso ufológico nunca termina – a menos que seja reconhecido como uma fraude – esta adição progressiva de novos traços alimenta as páginas da revista.

Este foco na casuística, entretanto, às vezes encontra críticas entre os colaboradores da Revista UFO. Na Edição de número de 70 Carlos Reis assina um artigo, que ao modo de uma “coluna de opinião”, elenca vários traços que o incomodam na disciplina. Trata-se então de um desabafo, feito após a ida a um congresso ufológico:

Basicamente, o que se viu, foi muita casuística, uma informação aqui e acolá e sobre algum tema já desgastado (despistamento militar, por exemplo) e uma ou outra abordagem pouco relevante. [...] “Ouvi alguém dizer que o público é rotativo e, portanto, precisa ter a informação básica, o bê-á-bá da ufologia: Quando e onde tudo começou, a casuística mundial, etc. Será que precisa mesmo? (Revista UFO N°70, março de 2000: 28-29)

Entendo este comentário crítico como uma espécie de diagnóstico do ponto no qual venho trabalhando, a saber: embora nos casos possa ser reconhecido um *template*, de tal modo que ao ver um “vê-se todos”¹⁶⁵, um dos elementos que permite a Revista UFO se propagar consiste na contínua e ininterrupta publicação casos que, embora tenham um aspecto semelhante, divergem nas minúcias. Tudo se passaria como se, mesmo dispondo de um modelo, fosse necessário apresentá-lo constantemente sob outras roupagens.

*

Depois de ter apresentado o modo como se conformam os congressos ufológicos, assim como ter fornecido algumas observações sobre a dinâmica interna a um coletivo que se formou com o objetivo de estudar a questão extraterrestre, neste capítulo me debrucei sobre o mais longo periódico dedicado ao assunto no Brasil. O fiz através do estudo de quatro processos

¹⁶⁵ Devo à Professora Debora Battaglia a indicação deste ponto.

levados a cabo pela Revista UFO, quais sejam: *a multiplicação de aliados, as operações de redução, o trabalho de diferenciação e o aumento do fluxo de casos*. A propósito do último tópico, observei que aquilo que caracteriza um caso ufológico é que ele dificilmente termina, isto é, a menos que os ufólogos reconheçam que o caso contém evidências de fraudes, continuarão a alimentar-se com novas informações sobre ele. De igual maneira, continuarão a esmiuçá-lo à procura de novos "dados", bem como por novas testemunhas e documentos.

Nas linhas seguintes não me ocupo de outro tema senão da tentativa de descrição do modo como um evento tido como paradigmático na ufologia brasileira se prolonga ao longo do tempo. A ocasião também me parece propícia para discorrer sobre aquilo que tem lugar nos meandros de um caso ufológico, sobre o qual discorro valendo-me dos documentos militares a ele relativos, das entrevistas realizadas com as potenciais "testemunhas" dos ufólogos e, fundamentalmente, com os aportes e análises que últimos fizeram sobre o caso.

Capítulo 5 – Os meandros de um caso ufológico: A Operação Prato

“Havia um forte castelo naquela cidade, cuja porta de dois batentes não era para entrar nem mesmo para sair, mas para que a mantivessem fechada.” – A Câmara das Estátuas, História Universal da Infâmia – Jorge Luís Borges

"A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações e se dilata.[...] Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esforladuras". - As Cidades Invisíveis - Italo Calvino.

Desde os primeiros momentos nos quais comecei a frequentar os meios ufológicos sempre ouvi dos pesquisadores e pesquisadoras referências à Operação Prato. De acordo com os meus interlocutores, o referido caso reuniria “evidências” muito substantivas das ações extraterrestres no Brasil e mereceria os esforços que os ufólogos vinham fazendo para esclarecê-lo.¹⁶⁶

A recorrência dos comentários sobre este caso não se dava apenas por conta do grande volume de informações respectivas a ele produzidas pela Aeronáutica durante a década de 70, mas também pelos sucessivos vazamentos¹⁶⁷ de documentos ocorridos nos anos 80. Além do mais, a suspeita de que a operação ainda poderia estar em curso¹⁶⁸, o testemunho do Capitão que a chefiava e o contínuo fluxo de novos depoimentos, colocam este episódio entre os mais complexos nos anuários ufológicos.¹⁶⁹

Em um primeiro momento considerei não me aprofundar na pesquisa deste evento,

¹⁶⁶ Em artigo publicado no site da Revista UFO, Ademar Gevaerd indica que esta foi a “[...] mais robusta operação militar de investigação ufológica da história.” <http://www.ufo.com.br/artigos/a-operacao-prato-foi-mesmo-encerrada>. No site UFOvia, uma espécie de publicação alternativa à Revista UFO, Pepe Chaves usa adjetivos como “impressionante” e “inusitada” ao apresentar o caso.

¹⁶⁷ A categoria “vazamento” será discutida em seguida.

¹⁶⁸ Uma das versões sugere que o controle da Operação teria sido assumido por militares americanos.

¹⁶⁹ Vale observar que o grau de complexidade do caso aparentemente está relacionado ao número de actantes que dele tomam parte. Em certo sentido, um “caso” –categoria nativa – se prolonga na mesma medida em que novas informações surgem sobre ele.

considerando que, sendo a tese uma pesquisa sobre a prática ufológica, não poderia me deter nas minúcias dos *avistamentos dos* militares, dos tipos de relatos das testemunhas e os eventuais engajamentos dos ufólogos com este material. “O caso da operação Prato não era o único”, era o que à época me ocorria. Outros se acumulavam nos meios digitais, bem como nos impressos, e os fóruns na internet dedicados ao tema, que eu vinha frequentando desde o primeiro ano de pesquisa, traziam diariamente novidades sobre algum avistamento de objeto discoide, sobre uma visita de dormitório ou um novo depoimento de algum oficial militar.

Algum tempo depois, a profusão de referências às “Luzes de Colares”, seja pelo aumento das minhas interações com as pessoas que se interessavam pela ufologia, seja pela liberação de documentos relativos à participação militar¹⁷⁰, fez com que este caso ganhasse maior atenção em meu trabalho. Ciente da sua importância, tateei notícias dispersas, dediquei maior atenção às palestras nos congressos que versavam sobre o tema e terminei lendo avidamente grande parcela do material que fora produzido a seu respeito. Até as entrevistas que realizei com os ufólogos foram desenhadas de modo a conter perguntas relativas à “Operação Prato”.

Se a ideia, em meados de 2011, após voltar de um congresso na cidade Peruíbe-SP, era descrever este “caso exemplar”¹⁷¹, eu me dei conta de que deveria, além de me engajar com as discussões dos ufólogos sobre o caso, também trabalhar com as narrativas dos moradores da Ilha na qual os eventos tiveram lugar. Foi assim que, no final fevereiro de 2012, depois de voltar do campo em Varginha – Minas Gerais, viajei para Belém e, no dia seguinte, comprei uma passagem de ônibus para o município de Colares. Foi uma viagem curta, de não mais de duas

¹⁷⁰ A relação entre os ufólogos e a liberação de documentos militares será considerada no capítulo seguinte. Por ora, vale mencionar que a partir de 2005 realizou-se uma campanha denominada “UFOS: Liberdade de Informação Já”, que culminou na desclassificação de alguns documentos, agora disponíveis no Arquivo Nacional, em Brasília. É digno de nota que a “desclassificação” nunca é entendida como completa, isto é, entende-se que o material enviado ao Arquivo seja apenas uma parte do montante à disposição das forças armadas.

¹⁷¹ A noção de “caso exemplar” será discutida com menos brevidade nas linhas seguintes.

horas, interrompida apenas uma vez para a baldeação para a balsa que me levou do continente à ilha. Ainda no caminho, uma conversa colocou algumas questões que eu não poderia ignorar. A primeira delas me foi apontada por uma senhora que havia se sentado ao meu lado na Rodoviária de Belém e que ocupou um assento próximo quando embarcamos no ônibus. Ela voltava a Colares para tentar encontrar uma câmera digital perdida, depois de um final de semana de veraneio na Ilha. Eu lhe contei o que me trazia à Ilha e ela mencionou que “aquilo havia acontecido há muito tempo”, o que, de certa forma, pela primeira vez, me colocou de frente com a necessidade de discutir o problema da relação entre evento e memória.

Mas o sentido da conversa, se serviu de lembrança para a referida questão, também me alertou de outra forma. Ela comentou que os “Chupa-Chupa” vinham fazer experiências com os moradores. Coisa de “chineses” ou “japoneses”, complementou. A conversa logo passou para outros assuntos, como as matintapereras¹⁷² e “gente que se virava em bicho”. Esta indicação, feita na primeira hora de viagem para a Ilha, também se mostrou produtiva, pois, mais tarde, nas entrevistas e conversas com os moradores, eles sempre se referiam a “outras coisas que assombram” além das luzes “Chupa-Chupa”.

Permaneci na Ilha por um curto período de tempo e isto se deu devido a três motivos: em primeiro lugar, o objetivo da tese não se circunscrevia a realizar uma etnografia da Ilha de Colares ou da região do Salgado -Nordeste do Pará. Obviamente havia uma miríade de temas correntemente mencionados que me interessavam, a exemplo das narrativas sobre feitiçaria feminina, das transformação de humanos em animais e certos tipos de pesca; em segundo lugar, a estada na Ilha por um tempo mais prolongado que aquele que dispendi se, de algum modo, me colocaria na posição de aumentar a intensidade das relações que estabeleci com as pessoas, por outro me deixaria à deriva em relação à pesquisa sobre a ufologia no Brasil, que constitui o tema

¹⁷² Há outras grafias possíveis para o termo, como são: Matintas-Perera, Matintaspereira e Matintas-Pereira.

principal desta tese; um terceiro elemento é o fato de que os eventos que estava pesquisando ocorreram entre trinta e cinco e trinta e sete anos anteriormente à minha chegada. Deste modo, se eu quisesse estudá-los tinha à disposição materiais da mídia impressa e as narrativas de alguns moradores sobre eles, considerando que algumas das pessoas que tiveram contato com as luzes não estão mais vivas.

Decerto que há uma variedade de outras estratégias para lidar com esta questão, como trabalhar o tema memória dos atuais habitantes sobre o evento, com as iconografias produzidas sobre o tema, ou com os dois blocos carnavalescos da Ilha que usam motivos extraterrestres. Mas todas estas abordagens distanciaram a tese dos outros contextos etnográficos nos quais eu vinha estudando.

Foi ciente destas circunstâncias que lancei mão da opção de entrevistar alguns dos moradores da Ilha que se dispuseram a conversar comigo, haja visto que esta foi a única forma que eu e meus interlocutores encontramos para engajarmos com o tema.

Os eventos que ocorreram entre 1976 e 1978, que descreverei em seguida, já não fazem parte de suas aflições diárias, já não lhes incomodam senão pelo fato de jornalistas, ufólogos e antropólogos os procurarem para falar sobre “coisas antigas”. Se aquilo que fiz foram entrevistas, tive motivos razoáveis para fazê-lo. Não havia outro meio à disposição para ouvi-los sobre esta história, tendo em vista que a sua centralidade suspeito que tenha se removido lentamente de suas vidas com o passar dos anos.

As pessoas com as quais conversei e que dividiram as suas experiências para a produção desta tese, eu as conheci por vias diferentes. Mas a maioria delas, como indiquei na introdução, me foram apresentadas ou indicadas por Teresa Miranda, à época Secretária de Cultura do Município. Quando desembarquei para tomar a balsa que liga a ilha ao continente, a senhora que

era minha companheira de viagem reconheceu Dona Teresa e a ela me apresentou. A última se mostrou absolutamente solícita e imediatamente perguntou se eu já tinha algum lugar reservado para a hospedagem. Eu disse que não e, de fato, não tinha. Ela terminou me acolhendo na Secretaria de Cultura e me acomodou em um dos quartos disponíveis aí – eventualmente usados por músicos que vinham de Belém ou pesquisadores que trabalhavam na Ilha.

Nos dias seguintes, depois do seu expediente na Secretaria, Dona Teresa percorreu a ilha comigo e me apresentou alguns dos moradores. Para ela, aquela atividade não era nova, uma vez que participara, em anos anteriores, da produção de um documentário sobre as luzes que sobrevoaram a cidade na década de 70. A partir dos primeiros contatos, consegui estabelecer outros, que por vezes me levaram a outras localidades, situadas nos limites geográficos de Colares, mas onde os Chupa-Chupa também frequentaram. Foi deste modo que, de carona ou de moto táxi, me dirigi até Jussarateua, Mocajatuba e Ariri, onde fiz algumas das entrevistas que aparecem no corpo deste texto.

O material etnográfico a partir do qual este capítulo se constrói é o resultado destas interações com os moradores da Ilha de Colares-PA, com os documentos – vazados ou liberados oficialmente – produzidos por ocasião de uma operação da aeronáutica para investigar as luzes e das relações que estabeleci com os ufólogos que se engajaram em produções ou pesquisas sobre o evento.

No que concerne à construção deste capítulo, vale observar que tento evitar a montagem de uma narrativa coerente e consistente sobre o caso. De modo alternativo, o que apresento nesta seção é um conjunto de histórias abertas, com reentrâncias, intersecções e muitos lapsos, que de certa forma espelham o tom que assumem os casos ufológicos nos quais sempre há algo por completar.

Tais narrativas provém de diferentes contextos, com formas de registro variadas. Optei por apresentá-las segundo uma forma mais ou menos cíclica, de acordo com um conjunto de repetições. Assim, poder-se-á reconhecer a seguinte modalidade aparecendo mais de uma vez: em um primeiro momento apresento os textos produzidos pelos militares; em seguida, falo do modo como os ufólogos se relacionam às luzes da Ilha; depois, apresento as falas dos moradores. Os militares retornam uma vez mais, repetindo-se, então, o mencionado ciclo. Construí o texto assim com o objetivo de permitir que a "estética" dos casos ufológicos - marcada por transformações a cada fato novo agregado à trama - fosse capaz de contaminar a própria estética do texto.

Uma nota é necessária antes que passemos à próxima seção. Os títulos dos subtópicos, de certa feita, ou se valem de termos empregados na discussão seguinte, ou tentam ser sensíveis ao estilo dessas. O mesmo pode ser dito sobre o estilo textual que adoto para descrever diferentes engajamentos com diferentes "arranjos de relações". Gostaria de observar que o que me presto a fazer aqui não é, mais uma vez, uma descrição completa do caso. O que me dedico a fazer é explorar os diferentes exercícios de "ambiguação"(Battaglia,1997) que as narrativas sobre os ataques proferidos pelas luzes Chupa-Chupa ensejam entre si. A noção ambiguação, tal como a descreve Debhora Battaglia no artigo intitulado *Ambiguating Agency: The Case of Malinowski's Ghost* (Battaglia,1997), compreende o seguinte "programa":

I have indicated that its toward an anthropology of ambiguation that this essay more generally moves, that is, toward a program that takes indigenous practices of ambiguation as its central object and issues of agency as critical narratives or sites of discourse within that program. Also, in larger sense such an anthropology invites the ambiguation of its own experiential and epistemological models. It explicitly resists resolutionist agendas and substantively qualifies meaning-centered models beyond their romantic, "quest" aspect; by recognizing, or at least allowing, a positive value for ambiguation, one allows the gaps and ruptures between epistemologies the possibility of positive value. (Battaglia,1997:508)

É com atenção à necessidade de operar a partir das "ambiguações", que as diferentes

narrativas coligidas aqui conectam-se às outras não como informações que tornariam o caso – categoria nativa dos ufólogos – mais claro. De outra feita, o que elas fazem é sugerir reentrâncias, desdobramentos e desenvolvimentos, não para circunscrever o segredo e desvelá-lo em seguida, mas para alimentar a máquina ufológica de um segredo que nunca se atinge.

Como disse, não é possível fazer uma descrição “completa” sobre o caso Colares. Todavia isto não tem que ver com a ausência de habilidades do etnógrafo ou do historiador e tampouco com a ausência de material à disposição. Quero aqui insistir que as razões são inteiramente outras: tudo se passaria como se, a cada “novo fato”, a cada detalhe adicionado à trama, o caso continuasse a ressentir de informações. E este parece ser exatamente aquilo que define um caso ufológico: para constituir-se enquanto tal, um gradiente de segredo tem de remanescer ainda “por ser desvelado”.

Informe

A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram parar aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família[...] Papéis Avulsos, Machado de Assis.

Em um relatório conseguido não-oficialmente, produzido por ocasião de uma operação militar da aeronáutica nos estados do Pará¹⁷³ e do Maranhão, realizada entre os anos de 1976 e 1978, lê-se que luzes vindas do céu, variando em formato e espectro de cores, atingiam os corpos dos moradores, deixando-os em estado de torpor e paralisia.

Os sinais das incisões registram-se nos documentos militares, no seio esquerdo das mulheres, assim como em outras partes dos seus corpos, denunciando que a designação de “chupa-chupa” - alardeada nas vielas e nos jornais “O estado do Pará”, “O liberal” e “A

¹⁷³ Os documentos militares dão conta do fato de que os eventos não se registram apenas no estado do Pará. Em uma das pastas de arquivos liberadas pela Aeronáutica há recortes de jornais recolhidos pelos militares nos quais constam reportagens sobre ataques também ocorridos no estado do Maranhão. Ver Anexo III.

província do Pará”, de alguma forma lhes faziam justiça. (Anexo III)

Estes aspectos constam no depoimento de Claudiomira Rodrigues Paixão, à época com trinta e cinco anos e alfabetizada, em um relatório “vazado” pelos militares e divulgado por uma revista especializada na publicação de temas ufológicos, na seção de documentações do seu *website*.¹⁷⁴

Claudiomira Rodrigues da Paixão, idade 35 anos, alfabetizada

DATA/HORA: 18 OUT 77, 23:00 Horas

Ouvida pelo SR. Chefe da 2a. Seção.; Disse que, estava acordada deitada em uma rede e em sua companhia estava uma senhora e seus filhos; que pressentiu uma luminosidade (a luz da cidade havia apagado às 22:00 h) que percorreu todo o seu corpo (como uma lanterna) fixando-se no seio esquerdo sugando-o, desceu após para a sua mão // direita ocasião em que sentiu como se fosse picada por uma agulha; gritou por socorro sem ser atendida; sua voz ficou presa na garganta, seu corpo ficou semiparalisado; o ambiente ficou totalmente iluminado por luz (sic) esverdeada; sentiu estranho torpor, sendo despertada pela voz de sua acompanhante que chamava atenção de uma das crianças dizendo na ocasião: Eu já estou estragada (sic), o bicho me /// chupou. Disse ter sentido grande calor localizado no seio esquerdo e dor aguda no dorso da mão direita, dor de cabeça, amortecimento do lado esquerdo do tórax (como se comprimido internamente). Foi atendida pela Dra. Wellaide, que a encaminhou ao IML; ali foi examinada por uma doutora e informada que deveria voltar para fazer novo exame.

NOTA – Sobre a incisão (feita no IML) no seio esquerdo, durante o exame a que foi submetida, nota-se uma área circundante levemente queimada, bem como um leve e quase imperceptível sinal em sua / mão direita, exatamente nos locais que diz ter sido atingida.¹⁷⁵

Claudiomira não fora a primeira a sentir em sua pele o calor das luzes que, emitidas por *aparelhos*¹⁷⁶, cuja variedade de formas e tamanhos, os informes dos militares denunciavam. Outras já tinham sido levadas aos cuidados do expediente médico comandado pela Dra. Wellaide Cecim Carvalho, à época clínica geral da Unidade Sanitária da Vila de Colares.

Ouvida pelos mesmos militares, enviados pelo Brigadeiro Protásio de Queiroz, chefe do

¹⁷⁴ Não tenho informações sobre a data precisa do vazamento destes documentos, mas a Revista Ufologia Nacional e Internacional, na edição de 1985, já traz alguns materiais vazados da operação da Força Aérea em Colares.

¹⁷⁵ Reproduzo integralmente os trechos extraídos do relatório. As abreviações, empregos de pontuação e marcações do tipo // são conservadas.

¹⁷⁶ Os moradores da Ilha de Colares que entrevistei frequentemente se referiam àquilo que emitia as luzes Chupa-Chupa como "aparelhos" ou "focos".

primeiro Comando Aéreo Regional, a Dra. Wellaide descreveu os objetos luminosos que vira e instruiu a comitiva militar com o diagnóstico médico dos moradores atendidos. Diagnóstico este que ainda não tinha sido endereçado à Secretaria de Saúde do Estado de Belém, pois nos termos dos militares, assim fazendo evitava cair no ridículo.

" Wellaide Cecim Carvalho, idade 24 anos, instrução superior Médica – Clínica Geral.

DATA/HORA: 16 e 22 de OUT 77, às 18:30 e 19:00 horas.

A Dra. Wellaide, afirmou ter visto e observado nos dias e horas respectivamente acima citados, objeto luminoso (brilho metálico), fazendo evoluções sobre a parte frontal da cidade (Praia do Cajueiro/ Ne) a baixa altura (100m), distância estimada de 1500 m, sem produzir o mínimo ruído. Descreveu os objetos assim: forma cônica cilíndrica (parte superior mais estreita) tamanho aparente em função da distância, 3.00 m de comprimento, por 2,00 m de diâmetro. Movimentando-se de maneira irregular.(posição vertical em função do seu eixo longitudinal), balanceios laterais acentuados, entretanto vez ou outra efetuava ligeiras paradas e dava uma volta sobre si mesmo. Disse ter observado nitidamente, estando na ocasião em companhia de outras pessoas em frente a unidade Hospitalar Local.

Entrevistada por elementos da equipe, entre outras afirmativas disse que: A fim de preservar sua reputação ética profissional deixou de fazer uma comunicação mais completa com referência às pessoas que se dizem atingidas por um "foco de luz" de procedência desconhecida (quatro casos que atendeu). Disse que; além da crise nervosa seus pacientes apresentavam outros sintomas tais como: (sic) SIA (amortecimento parcial do corpo), evidenciando a (sic). Quadro clínico quando presente uma crise nervosa onde as (sic) atingidas são as extremidades. Seus pacientes referem: Cefaléia, astenia, tonturas, tremores, generalizados e o que reputa mais importantes são as queimaduras de 1 grau, bem como marcas de micro-perfurações. De acordo com o sexo, os homens sobre o pescoço (jugular) e as mulheres, digo a mulher, no seio (só um caso). Pediu reservas ao externar a sua opinião pessoal; acredita nos fatos que vem ocorrendo na região. Não põe dúvida quanto a prováveis consequências que venham no futuro a se fazer presentes nas pessoas afetadas. Completando; disse não ter observado fatores que levassem a concluir a presença de alterações anêmicas; não acredita que as vítimas tivessem sido sugadas ...? Mas que quanto a terem sido atingidas por um raio ou foco de luz de características desconhecidas, acha muito viável, apoiada no exame e observação clínica dos pacientes que atendeu. Tem em seu poder uma comunicação endereçada ao Secretário de Saúde do Estado, que não chegou a encaminhar, para evitar cair no ridículo (vide gravação).

Algumas páginas à frente, o teor do relatório sofre uma modificação. Não mais são os depoimentos dos moradores sobre os segredos das luzes que preenchem as páginas, mas juízos de outra natureza. As luzes que subitamente invadiram a rede de Claudiomira, acionando o

reduzido corpo médico da Vila, a nosologia mobilizada pela médica responsável pelos atendimentos e uma expedição militar parecem sugerir um exercício de sociologia “militar nativa”. Constam no relatório de onde saíram as mesmas observações acima trabalhadas um subitem intitulado:

Aspecto psicossocial e econômico

Em sua totalidade a região onde se observou, o aparecimento de Fenômenos Óticos,¹⁷⁷ ou corpos luminosos de origem desconhecida, tem por habitantes pessoas de índice cultural, sócio-econômico e sanitário dos mais baixos, aliados a credices e formação simples, facilmente influenciados pelos meios de comunicação, nem sempre usados por pessoas escrupulosas e a altura de informação pública completando o quadro determinadas autoridades ,permitem abusos, tais como: queima de fogos (pistolas e foguetes), consumo desregrado de bebida alcóolica e badernas, e o que é muito importante, omitindo-se de seus deveres comunitários, negando mesmo o menor apoio, que seria pelo menos uma palavra de orientação aos menos esclarecidos.

A cidade de Colares/PA vive um estado de histeria-coletiva, seus moradores impressionados com o aparecimento das misteriosas luzes de origem desconhecida, não dormem, não pescam (principal atividade da população), e sobretudo debilitam-se na bebida, gastando os seus poucos recursos em fogos e bebida. Desde o cair da noite ao alvorecer, são acesas fogueiras, fazem procissão (diária), fogos e tiros são constantemente disparados, como que para assustar um “inimigo”, que não sabem quando e onde vai atacar, bandos de 20 a 30 pessoas (em sua maioria homens), percorrem a cidade em todos os sentidos. A população vive apavorada, vez ou outra gritos de pavor e a notícia em seguida o “aparelho” atacou, tal pessoa... ; as pessoas atingidas (?) sofrem o que podemos chamar de crise nervosa (salvo melhor juízo), referindo quase unânime. ... parcial ou total, perda de voz, calafrios, tonturas, calor intenso, rouquidão, taquicardias, tremores, cefaléia e amortecimentos progressivos das partes atingidas (grande maioria) – (sic)adição manuscrita.

Em se pensar que perdure a atual situação, ou seu agravamento, prevemos, problemas de várias ordens, inclusive com possibilidade de auto-eliminação por parte dos mais fracos de espírito em consequência do pavor do desconhecido.

Como sugestão, as seguinte medidas ´poderiam ser tomadas: Proibição da venda de fogos de artifício e bebidas alcóolicas; instruir a população quanto à maneira de manter vigilância, ou seja, de forma mais objetiva e racional (com revezamento); Dividir e distribuir (grupos de no máximo 10 homens), zonas determinadas, obedecendo um rodízio. O restante da população desenvolverá suas atividades normais. [...]

O relato militar, conseguido às expensas de entrevistas realizadas com os moradores da Ilha de Colares, Pará, dispõe de um conteúdo descritivo e também normativo. Seu teor alcança um tipo de explicação sobre as falas dos moradores, fazendo um nexos entre relatos sobre as luzes

¹⁷⁷ Apresento os trechos dos documentos tais como eles apareceram originalmente. Optei por não introduzir correções que os colocariam em acordo com as normas ortográficas vigentes na Língua Portuguesa.

e aspectos econômicos e sanitários da região. Tudo se passaria como se, num exercício de redução, as luzes chupa-chupa fossem resultantes de estados provocados pelo consumo exagerado de aperitivos alcoólicos e de uma disposição para crer que, associadas a uma inapetência para lidar com fenômeno, colocaria a ilha em estado de histeria coletiva. Para remediar este estado, parte do relatório termina com as recomendações de suspensão da venda de bebidas alcoólicas e um tipo de "organização racional" das patrulhas de moradores.

Contudo, quando observamos a passagem acima com cuidado, o que fica claro não é propriamente apenas a tentativa de explicação das luzes – “Fenômenos Óticos” – por qualquer característica que os militares possam atribuir aos ilhotas. O consumo de bebidas, as ditas baixas condições sanitárias e o dito índice cultural baixo, nos termos militares figuram mais como elementos potencializadores do pânico causado pelo aparecimento das luzes, do que propriamente como o denominador comum capaz de explicar os relatos de ataques.

O que torna este documento interessante é que algumas páginas depois, particularmente em um trecho reservado aos comentários da expedição militar, aponta-se para uma coincidência dos sintomas entre os moradores atingidos, mesmo que estes não tivessem tido contato direto. Esta informação parece resistir à definição encontrada páginas antes de que os agentes responsáveis pelas crises nervosas dos moradores de Colares eram motos neurofisiológicos.

Sentimos não ter chegado a uma conclusão plenamente satisfatória; sobram dúvida e carência de explicação para alguns pormenores nas ocorrências (entre tantas), abaixo relacionadas.

[...]

Das pessoas atingidas, muito embora algumas divergências quanto a cor do "foco de luz", os sintomas descritos são muito coincidentes para ser negada a evidência. Crise nervosa, sim, presença do inusitado. Não existe causa sem efeito. Muito embora devendo reconhecer a influência negativa da imprensa, chegando à irresponsabilidade de levar pânico a populações inteiras (Colares, Ubituba e outras localidades) e o desrespeito pelo uso de termos pejorativos. Entretanto, não houve difusão dos sintomas das primeiras pessoas atingidas, para que tivessem espalhado entre os moradores sem o menor vínculo de comunicação."

Os chupa-chupa agora parecem estar um pouco menos associados a uma mecânica de

explicação que os quer como o resultado de uma particular economia da crença – primeiro termo exposto pelos militares – , ou como ações diretas do consumo álcool. De fato, alguns croquis contidos no mesmo documento já nos instigam a pensar que aquelas luzes podiam ser observadas no céu, inscritas em mapas com suas rotas, definidas em seus formatos disformes e mais, capturadas por câmeras fotográficas. Os tempos de seus voos eram cronometrados, as coordenadas calculadas, as condições meteorológicas confrontadas e as fontes de luminescência informadas.

Eis, por exemplo, um relato de observação inscrito no relatório:

1977 – 23.11 – 9:30/10:30F – Relato 59A – GL8 – Objeto Aéreo (Não era avião), de forma oval-cilíndrica, cor vermelha/brilho metálico na parte superior; deslocava-se com grande velocidade (maior que a de avião à jato), no sentido SE/ (sic.) a baixa altura (1000/1200m), passando à distância de 1500 m do observador; media aproximadamente 1.00 m de comprimento por 0,50 de largura (diâmetro); movimentava-se de maneira irregular (o que chamou a atenção do Relator) como se fosse uma folha ao vento. Parava subitamente, girava e se deslocava com (sic) velocidade, como se recebesse impulsos; após efetuar várias evoluções, aumentou muito sua velocidade e em linha reta desapareceu para o lado do nascente um pouco para o norte NE (sic).

A julgar pela forma como os dados foram apresentados nos documentos vazados, a sensação é que os militares envolvidos na operação para investigar os ataques denominados chupa-chupa, parecem estar em um impasse. Se por um lado se lê em algumas passagens do já exaustivamente referido documento a tentativa de encontrar um denominador comum para as experiências daqueles com quem a comitiva ia ter, por outro o texto é recortado por breves anotações ao modo de um diário, que davam conta do avistamento dos homens de caserna com luzes que tentavam identificar. De algum modo, o relatório articula notas conclusivas que associam hipóteses psicossociais para o caso, a própria observação de luzes pelos militares e uma tentativa de culpabilização da imprensa pelo frenesi provocado pelos ataques. Este último tema aparece da seguinte maneira:

As luzes continuam a aparecer e o que é de pasm (sic.), obedecendo a um

horário, os populares já não se mostram tão assustados. Porém ainda permanece a dúvida, o “monstro” criado pela imprensa - “o chupa” - em sua ação de sugador de sangue (possivelmente não verdadeira), deixou marcada naquelas mentes o pavor de uma imagem distorcida e adversa da realidade.

Na mesma página, marcações, grifos e pontos de interrogação feitos em caneta contrastam com as inscrições tipográficas. Entre as primeiras marcações lê-se : “vimos sim corpo luminoso”. E um pouco mais a frente:

[...] estes corpos e luzes, são: inteligentemente dirigidos. Nossa certeza está apoiada em nossas observações pessoais e no relato confiável de pessoas a quem por suas ações e comportamentos (analisados) (sic.) podemos confiar.

“Combate-se melhor nas sombras”

No dia 21 de setembro de 2013, escrevi para Ademar Gevaerd, editor da Revista UFO, perguntando-lhe sobre como os documentos acima chegaram até os ufólogos. Na medida em que eram vazados, os seus rastros não são exatamente fáceis de distinguir. Recebi a seguinte resposta do *chairman* da ufologia brasileira:

“Oi Rafael, tudo bem?”

Olhe, os primeiros vazamentos surgiram ainda nos anos 80, creio que entre 1982 e 1985, para um grupo de pesquisas ufológicas já extinto de Belém. Em uma viagem para lá, conheci pessoas que tinham cópias do material e outras que tinham até mesmo páginas e fotos originais. Eu pude examinar tudo aquilo e fazer fotos das fotos, que conservo até hoje. Também me deixaram levar alguns originais, que depois devolvi. Mais tarde, de tempos em tempos, caía anonimamente na minha caixa postal, ainda lá em Campo Grande, isso nos anos 80 e 90, algumas páginas da documentação toda da Operação Prato. Eram páginas ora sortidas e sem fazer muito sentido separadas, ora sequências de páginas que configuravam partes concisas de documentos. Eu fui juntando tudo até que, coincidentemente ou não, na época da entrevista com o Hollanda, em 1997, recebi um calhamaço de umas 200 páginas da Operação Prato de uma fonte civil do Rio. O Hollanda não tinha mais nada daquilo.

Este pequeno e-mail enviado por Gevaerd apenas confirma uma impressão que tive durante outras ocasiões nas quais estava envolvido na pesquisa. A dinâmica dos documentos ufológicos vazados responde a um tipo de movimento que é gradual, lento e pouco sujeito à estabilização. Isto é, a maioria dos documentos ufológicos que chegam às mãos dos ufólogos têm

origem em fontes militares ou civis que, por algum interesse prévio no tema, espalham-nos ou confiam-nos a um grupo ufológico. O caminho a partir daí é incerto. Em primeiro lugar porque os documentos são sempre peças de um conjunto maior, em relação aos quais os ufólogos estão à espreita para revelá-los. Os documentos vazados são sempre partes e trazem, como aqueles disseminados para o caso de Colares, uma organização, via de regra, precária. Uma vez que catados às escondidas, faltam-lhes pedaços, fotos e gráficos, em suma, sempre resta uma ordem por fazer e a ser descoberta, que dependerá de outros códigos nem sempre à disposição. Ademais, os documentos vazados contém história de segredos, do que propriamente segredos. Isto é, a sua posse indica que em algum momento as forças militares se dedicaram à investigação de um evento de natureza ufológica. É por este motivo que eles são, antes de mais nada, "indicativos", na medida em que materializam suspeitas, e no caso em tela, a saber, o ataque de luzes desconhecidas aos moradores, conectam-se à história das próprias vítimas.

No que concerne aos sujeitos responsáveis pelo vazamento dos referidos documentos - os *whistleblowers* - o que parece prevalecer como moto para disseminação de informações consideradas secretas é certa compulsão por tornar pública a "verdade" sobre o caso e pelo fechamento de um quebra-cabeças de dimensões que estão sempre em expansão. No caso dos agentes vazadores, o seu depoimento quase sempre é feito ao modo de uma confissão. Mas esta nunca é suficiente para dar o caso como encerrado, uma vez que o agente vazador - militar ou civil - quando fala não só confessa, como sugere que a sua palavra demanda outras confissões.

Os segredos, neste caso, são ao mesmo tempo os conteúdos das confissões e aquilo que circulando através dos documentos - que via de regra revelam uma ausência - colocam os ufólogos em uma busca por um referente sempre fora do alcance. Aquilo que define o referente, por seu turno, não é um objeto ou uma luz, mas, sobretudo, uma *relação com*. Em última análise

pode-se sustentar que os documentos relacionam-se à *relação estabelecida entre os militares e as luzes avistadas em suas expedições, assim como aquelas narradas pelas vítimas*. Como observei nas linhas anteriores, os documentos vazados são o testemunho de que os focos das luzes Chupa-Chupa ou os óvnis, em algum momento, foram objeto de sua atenção.

Desejo argumentar, portanto, que o segredo contido nos documentos vazados é aquilo que menos confina do que põe em movimento. Digo isto porque se os documentos militares de interesse para os ufólogos revelam algo, este "algo" não é outra coisa senão a "ausência" de maiores informações sobre o caso. Daí a referência ao seu caráter "indicativo".

Ora se a revelação do segredo dos documentos é, antes de mais nada, uma forma de colocar em movimento a busca por outros arquivos similares, os agentes vazadores ou *whistleblowers* são aqueles que animam estas busca de tempos em tempos. Os agentes vazadores são, portanto, aqueles que colocam o segredo para circular uma vez mais. Em quase todas ocasiões ao revelarem uma peça de documento militar, revelam também aquilo que falta ou permanece escondido. As suas aparições ocasionais, de alguma forma, dão um novo sopro de ânimo à ufologia.

A este propósito, quando escrevi para Alberto, ufólogo e amigo, dizendo-lhe que estava trabalhando neste capítulo e que tentava descrever a trajetória dos documentos vazados na ufologia, quase imediatamente recebi na minha caixa de e-mails a seguinte resposta:

Bom vazar é "to leak". Mesma coisa que o Wikileaks. No caso específico, foi de gente do meio militar de cabeça meio parecida com a do Snowden, Greenwald, aquele soldado, esse piloto da TAM, etc. Conscientizam-se de que calar a boca resultará em perdas para o coletivo, em favor do prestígio de donos do poder e soltam a franga, dão com a língua nos dentes, botam a boca no mundo. São heróis anônimos. Brecht até tem um poema sobre os ativistas silenciosos. Eu sempre fui um deles. Politicamente. Adoro as sombras. Segundo Leônidas nas Termópilas, combate-se melhor nas sombras. [...] Você nem imagina o prazer em detonar algo que precisa ser detonado, detoná-lo, ver um monte de gente perguntando (inclusive a você) quem pode ter feito aquilo e você ali, do lado deles. [...] houve gente que espumava: "mas quem será esse filho da puta que denunciou isto?" Provas em anexo. Sou um "vazador" nato. Qual o problema?

No e-mail, vinham anexados três documentos. Entre eles, um poema de Bertold Brecht sobre o "Silêncio". Documentos vazados, Alberto parece comunicar, além de fornecer ao agente vazador um sentido de vendeta silenciosa, nos termos de Harry West e Todd Sanders, "rend[er] the world more complex by calling attention to its hidden and contradictory logics [...] (West & Sanders,2003:17). Documentos vazados são a prova para meus interlocutores, de que os *powers-that-be* (Lepselter,2007) não podem esconder completamente as suas ações. Ao mesmo tempo, conforme observam Susan Harding e Kathleen Stewart (2003) a propósito das teorias da conspiração, eles são o alimento para uma compulsão por informação. Para as autoras, uma teoria conspiratória - assim como um vazamento- nunca são definitivos, porque ao mesmo tempo em que confirmam uma suspeita, engendram outras.

Nothing is ever finished. Everything is always starting over, caught in a circle of endless repetition because each recantation incants the recanted, each autonomous act is the effect of subordination, each step outside is also a step inside. (Harding & Stewart, 2003:264)

No que concerne ao poema atribuído a Brecht, embora não tenha conseguido confirmar a sua autoria, reproduzo uma cópia do documento que foi enviado por Alberto. De fato, se é Brecht ou não o autor deste poema, isto tem pouca importância, a despeito do fato da questão da “autoria” ser absolutamente significativa quando o tema são os vazamentos de informações.

É belo tomar a palavra para a luta de classes.
Com voz altissonante, conclamar as massas para o combate.
Para pisotear os opressores?
Para libertar os oprimidos?
Difícil e profícuo é o modesto trabalho cotidiano.
O silencioso e o tenaz amarrar dos nós das redes do partido,
Em frente aos fuzis apontados dos empreendedores.
Falar, mas ocultar quem fala.
Vencer, mas ocultar quem vence.
Morrer, mas ocultar a morte.
Todos estão prontos para fazerem muito e se tornarem famosos.
Quantos fariam algo aceitando o silêncio?
E na mesa do pobre, a honra é conviva.
Da choupana escura e esburacada sai livremente a grandeza
E o renome busca, em vão, quem realizou o grande feito.
Mostrai-vos por um momento
Rostos ocultos, rostos desconhecidos.

Note-se, no entanto, que autoria importa enquanto é oculta. Para que os segredos sejam tornados públicos e o mecanismo do vazamento funcione, é preciso *ocultar quem fala* e, a um só tempo, remarcar que o agente vazador ou bem teve acesso privilegiado aos documentos ou tomou parte em sua produção. De modo geral é preciso desenhar um mecanismo que torne não rastreável o agente vazador, e este mecanismo parece estar perfeitamente à disposição. Ao invés de entregar o jogo em um movimento – desclassificação (*disclosure*) – a noção de *vazamento* envolve uma temporalidade particular, pois são nas doses homeopáticas plantadas aqui e acolá, um tipo de conta-gotas de informação, que o segredo ganha a forma de segredo.

Luzes e aparelhos

Estive na Ilha de Colares-PA entre fevereiro e março de 2012. O caso do ataque das luzes aos moradores na década de 70, exemplar de “vampirismo ufológico”¹⁷⁸, chamou a minha atenção depois de repetidas vezes ter ouvido palestras de ufólogos brasileiros, nas quais o caso figurava como a trama ufológica brasileira de maior monta. Ela conjugava no mínimo três conjuntos que me pareciam interessantes, quais sejam: o reporte dos moradores de que luzes os atacavam; a participação militar na forma de uma investigação; e o pleito da "comunidade" ufológica por mais informações sobre o quê ocorrera na Ilha.

Até a minha chegada a Colares, eu alimentava a expectativa de que ao estudar um caso tomado como exemplar pelos coletivos que eu vinha acompanhando, poderia então ter uma boa descrição daquilo que os ufólogos fazem. No entanto, mais tarde, atinei para o fato de que o recurso ao modelo exemplar significaria incorrer em uma forma de abordagem para a qual Annemarie Mol e John Law (Law & Mol,2002) chamam nossa atenção, isto é, aquele próprio aos manuais de física, que na expectativa de endereçar os assuntos do dia, lançam mão de

¹⁷⁸ Faço referência aqui ao título do livro de Daniel Rebisso Giese: "Vampiros Ufológicos na Amazônia" (Giese,1991)

exemplos, estas espécies de recapitulações que ambicionam, com um mirada, criar certo sentimento de compreensão súbita.

Definitivamente não desejo instilar no leitor (a) esta espécie de compreensão súbita de todo um campo a partir da análise de um caso. Evito proceder sob a forma do desvendar de uma charada, muito embora eu esteja ciente de que tudo aquilo que os ufólogos queiram seja encontrar a peça final, o detalhe que arranja completamente a figura, mas que ao mesmo tempo, enseja novamente um turbilhão de outras dúvidas.

Ao invés de apresentá-lo aqui como um exemplar perfeito preferi um tipo de exposição que, contornando os quadros, sistemas e os exemplos presentes nos manuais de física, talvez se assemelhe a um tipo de lista não-classificatória. As listas de animais feitas por Borges, listas que agrupam, mas que não domam (Law & Mol,2002:14):

To list rather than classify; to tell about cases rather than present illustrative representatives; to walk and tell stories about this rather than seek to make maps.”(Law& Mol, 2002: 17)

Nos termos de Marilyn Strathern, ao invés de constituir uma "genealogia ou um mapa"¹⁷⁹, trata-se antes de constituir um "caleidoscópio de permutações"(Strathern,2005), ou, nos termos de Annemarie Mol, de produzir um texto a partir de um conjunto de cenários ou "*snapshots*" (Mol,2002), para os quais “An answer is another question, a connection a gap, a similarity a difference, and vice versa. Wherever we look we are left with further knowledge that surface understanding conceals gaps and bumps.” (Strathern,2005:XXIV)

O que apresento aqui, portanto, são extratos de entrevistas, nos quais os meus interlocutores me contam sobre a suas experiências com luzes que vinham do céu e os atingiam. Os relatos são produto de entrevistas feitas no período indicado, mas dizem respeito a um

¹⁷⁹ Ao apresentar a noção de "conexões parciais", a autora observa que: "Partial connections require images other than those taxonomies or configurations that compel one to look for overarching principles or for core central figures. Clearly, such imagery is not going to take the form of a genealogy or a map" (Strathern,2005: XX)

intervalo que varia entre 1974 e 1978¹⁸⁰. Com a apresentação da maneira segundo a qual alguns dos moradores da Ilha de Colares se relacionaram com as luzes, do modo segundo o qual os militares reportaram e investigaram o caso e da forma como os ufólogos recentemente se engajaram na investigação da Operação Prato, coloco-me na posição de quem fornece uma espécie de "*sketch book*" (Mol,2002).

Para tanto, inspiro-me no trabalho de Annemarie Mol, intitulado *The Body Multiple: ontology in medical practice* (Mol,2002), que se configura como um etnografia da constituição da doença "arteriosclerose" em diferentes práticas que ocorrem no bojo de um hospital universitário. Em seu livro, Mol observa que está menos interessada em pensar a arteriosclerose enquanto uma unidade, isto é, enquanto uma doença que encontra diferentes perspectivas e tratamentos nos diversos setores do hospital, mas em como a patologia é constituída nas práticas no interior da instituição de saúde. De acordo com Mol, a doença se difere nas diferentes práticas hospitalares que a engendram, o que leva a autora a sugerir que a arteriosclerose se "multiplica" a cada momento que é articulada em determinado conjunto de relações. Sua obra se coloca na posição, portanto, não de seguir os diversos "pontos de vista" sobre a enfermidade, pois isto suporia a existência de uma patologia que fosse independente de suas articulações pragmáticas.

Mol prefere recorrer à noção de "praxiografia"¹⁸¹ (Mol,2002) como uma alternativa às abordagens que tomariam a doença como uma espécie de manancial de onde emanariam diversas interpretações. Segundo a orientação da autora, adotar uma abordagem praxiográfica passa por, ao descrever as diferentes instâncias onde a arteriosclerose ocorre, tratá-la - recapitulando o

¹⁸⁰ Aqui amplio o intervalo que compreende os eventos ocorridos em Colares propositalmente. Faço isto porque durante as entrevistas com os moradores da Ilha que experienciaram o evento da década de 70, estes relataram datas diferentes para o início dos ataques.

¹⁸¹ Nos termos de Mol a noção de praxiografia indica a necessidade de pensar a arteriosclerose nas diferentes práticas que a constituem. "Thus, an ethnographer/praxiographer out to investigate diseases never isolate these from the practices in which they are, what one may call, enacted." (Mol,2002:33)

emprego da expressão por Marilyn Strathern - como "more than one - but less than many"(Mol,2002:68):

In treatment practices, atherosclerosis is not turned into a singular reality, either something to be circumvented, or something to scape away or something to push aside. It's all three of these realities. But not all three at once." (Mol, 2002:102)

Conforme explica-nos Annemarie Mol, o recurso à referida expressão - "mais do que um e menos do que muitos"- evoca o fato de que embora o trato que o trabalho da pesquisadora confere à arteriosclerose se distancie de uma espécie de "naturalização" da doença, atendendo às suas modalidades pragmáticas de constituição, a patologia não está simplesmente fragmentada nos diferentes setores do hospital. De acordo com a autora, um bom trabalho praxiográfico deveria também se ater aos modos como estas práticas se conectam:

"... all of there are more than one. More than singular. This begs the question of how they are related. For even if objects differ from one practice to another, there are relations between these practices. Thus, far from necessarily falling into fragments, multiple objects tend to hang together somehow." (Mol,2002:5)

No que concerne ao caso ocorrido em Colares, a maneira segundo a qual as diferentes articulações das luzes Chupa-Chupa serão descritas aqui se constituirá enquanto um tecido formado por fragmentos de histórias. Estes, no entanto, não devem ser lidos como diversas interpretações para o mesmo fenômeno, ou ainda, como distintas perspectivas sobre um referente. De modo semelhante ao argumento de Mol ora exposto, sustento que o relato dos moradores da Ilha de Colares que sofreram os ataques das luzes, a pesquisa lavada a cabo pelos militares e a produção dos ufólogos sobre o caso, constituem instâncias nas quais as próprias luzes são articuladas diferentemente.

*

“Ali, depois de uma prosa acerca do uso de chás diversos, nos demoramos por cerca de uma hora. Saindo da casa da sobrinha passamos na casa de tia Alda, acometida pelos chupa-chupa. Batemos na porta e fomos recebidos por um cão. O último, ao latir, anunciava a nossa entrada na modesta casa. Feita em madeira, construiu-se ao modo de um sobrado. Situava-se no bairro de nome Maranhense, o mais simples da cidade. Tia Alda estava deitada na cama e tinha os lençóis embolados entre as pernas. A senhora relatou estar com uma doença, que disse ser uma virose. D. Teresa anunciou pra mim que a mesma já havia sido acometida pelas luzes, que chuparam-na no seio esquerdo. Eu ameacei perguntar algo, mas logo fui demovido por minha anfitriã: “Outro dia voltamos e conversamos com Tia Alda, né Tia Alda?” (Diário de campo)

Voltei dois dias depois à casa de Tia Alda, desta vez desacompanhado de Dona Teresa, à época, Secretária de Cultura e Turismo do Município de Colares. Bati na porta, fui atendido pela neta da Tia Alda, quem logo veio e me convidou para entrar. Perguntei a ela se já estava melhor, tendo em vista que da última vez que estivera ali, ela não parava de tossir. Desta vez, embora ainda não estivesse recuperada da virose, passava melhor e pôde me receber.

Comecei perguntando a ela se nascera naquela mesma Ilha onde morava e ela respondeu negativamente. Nascera em Mosqueiro (PA) e desde muito nova vem se dedicando “às ervas naturais”. “E quais são os usos que a senhora faz delas?”– perguntei. Ela descreveu cada erva que lhe veio a mente, recomendado os seus usos e efetividades. Emendou a fala com a resposta de que aprendera estas técnicas com a avó, uma mulher indígena que morava em Santarém Novo com quem convivera bastante na infância. É por isto que Tia Alda alega prescindir de injeções, não se acostumando nem com elas, nem com hospitais.

Alda, que é também benzedeira, depois de alguns minutos, contou-me casos sobre a sua relação com mães de filhos que, não pedindo licença para a mãe dos igarapés, se dirigem a ela a pedido de socorro. Após a cura, uma espécie de trânsito de objetos se inicia: trazem pintinhos, ovos, galinhas ou patinhos. A conversa caminha para os partos que realizara. Nunca imaginou ser parteira, mas foi pega de surpresa quando alguém prestes a conceber uma criança lhe pediu socorro. As narrativas são longas e não posso reproduzi-las aqui, mas em certo momento, depois

de ouvi-la me contar sobre as visagens, matintapereras e sobre uma colmeia de abelhas africanas que foi retirada do seu Bar na beira da praia, perguntei a ela sobre os Chupa-Chupa. Pedi que ela me falasse sobre a primeira vez que os viu. Na época Tia Alda não morava em Colares, mas vinha ocasionalmente para visitar a ilha:

Aquele monte. Vinha cantando. Gostava de vim pra cá por isto. Eu disse: vambora pra cidade. Não, ninguém pode ir pra cidade. Por quê? Porque *isto* ataca a gente. Ah, tá. Quando foi neste dia, aí foi que comecei a... Eu disse: meu Jesus, mas olhe, o negócio... Não comparando isto aqui. *Ele* aparecia assim. Primeiro... Aí eu fiquei olhando. Aí *aquilo* veio. Aí aquilo veio encolhendo. De modo que *isto* aqui, disse aqui abria, começava a sair aquele chuvisco, igual aquilo tudo brilhoso. Aí eu dizia: e se a gente meter a mão lá? Não, não. Se não ele vai te chupar. Quando era no outro dia o pessoal.. mas lá no sítio não chupou ninguém. Aí *aquilo* era de repente e ia embora. Lá vai, lá vai. Parece que ele se assustava, né? A gente fazia muito barulho. A gente teve muito prejuízo, na casa do seu Emídio...negócio de panela. Pegava a panela do seu Emídio e saía. Tinha que trazer de Belém pra mulher, coitado. Tem que fazer zuada, se não fazer zuada ele vai encostar em vocês e vai chupar até matar. Aí eu ficava com medo. Tacava o cacete na panela da mulher. Aí tá. Viemos para a cidade, aí eu fui-me embora. Parece que eu passei uns seis dias aqui e fui-me embora. Aí passei anos. Quando eu voltei, ainda tá *isto*. Ainda tá isto Dona Farid? Ela disse: Agora é que tá atacando mesmo. E pior.. aí o Javali veio de lá. E olha, te toca, agora é só nos peito das mulheres. Aí eu digo: Ah, tá! Ele que venha se meter comigo. Aí eu fiquei comigo. Olha, tem que usar sutiã. Porque a gente era acostumada a andar só de maiô, maiozinho, né? Ia pra praia. Trazia só aquela sacolinha e ia pra praia. Aí eu digo: Ah, não. Não vou mais voltar pra Colares.

[...]

R: Agora, Tia Alda. Como foi o negócio do bicho ter atacado a senhora. O tal do Chupa-Chupa?.

A: Não. Ele não me atacou. Não me atacou. Atacou minhas amigas, que era a velha guarda.

R: A senhora deu sorte.

A: Foi. Esta senhora que foi atacada no Ariri é minha amiga. Quando eu cheguei na casa dela, eu disse: ô tia, a senhora foi atacada. Não foi então, dona Alda. Sua prova não varou... Aí eu começava... tirar de brincadeira... Como foi então? Aí ela... Aí me contava, né? Eu digo: pô, eu vim lhe ver. Mostre onde é. Aí ela mostrava aquele roxo. Sabe aquele roxo?

R: O que a senhora achava que era aquilo?

A: Esta pergunta... A minha afilhada até hoje ela me encarna. O rapaz quando veio fazer a primeira... pra dar a entrevista.. Eu falei assim: olha mano, eu achei que ele era um grande tarado. (risos). Eu achei que ele era um grande tarado, porque só queria os peito das mulher, pô? (Entrevista com Tia Alda)¹⁸²

Tia Alda me contou esta história em tom de escárnio e em meio a risadas espontâneas. O

Chupa-Chupa que vira na infância, nos momentos em viajava para Colares vinda de Mosqueiro,

¹⁸² Optei por transcrever as entrevistas sem excluir as expressões coloquiais, as reticências e os intervalos, elementos próprios à língua falada.

não era outra coisa que um grande tarado. Tia Alda se recusa a oferecer uma explicação para a questão de saber o que “o bicho”¹⁸³ é. Sua descrição é antes denotativa, uma vez que o Chupa-Chupa é descrito por aquilo que ele faz, pelos traços que deixa nos corpos, pela incisão precisa no seio das mulheres, por uma mancha “roxa”, pela necessidade de encontrar panelas com as quais faria barulho para espantá-lo e pela hesitação de voltar a visitar a ilha.

Mais tarde, nossa conversa tomou outra senda. Tia Alda começou a descrever o nascimento de blocos carnavalescos na Ilha e o modo como os descrevia parecia sugerir que a associação entre o chupa-chupa e os extraterrestres não estava dada de antemão - como ocorria para os ufólogos. Vejamos:

A: Aí ninguém dizia o que era, mas apelidaram de Chupa-chupa. Aí. Era uma nave? Não, não era. Não era nave. Não era uma nave, não. Era só como tô lhe falando. Tem a Dona Clara aí. É do tempo dela. Essa que agora é a vice, né? Ela devia ter uns 16 anos neste tempo. Eu lembro que ela era bem jovem. Foi ela que também foi dar entrevista. Porque apareceu aqui um bloco: o E.T. Taí! Pronto! Aí eu disse assim: eu ando tanto tempo em Colares e nunca vi aparecer E.T. Então a gente bebia junto. Aí começaram a tirar o maior barato comigo. Eu disse: olha, seu porra, tu não sabe é de nada. Tu é que trouxe este negócio de E.T pra cá. [...] Não, eu que digo. Ele que trouxe o E.T. pra cá. Eu digo que ele é o pai e o Nelsinho a mãe. O Nelsinho morre de rir. O seu Beto fez o E.T e tu pariste. Puta sacanagem, quando a gente tá tomando a nossa por aí. (Entrevista com Tia Alda)

Note-se que no primeiro trecho da entrevista citada, Tia Alda se vale a todo tempo de pronomes demonstrativos para se referir ao Chupa-Chupa. Raramente usa pronomes pessoais, traço que veremos ser diferente em outros relatos. Mas na segunda passagem escolhida, o Chupa-Chupa é reintroduzido em outro campo de forças, desta vez, aquele dos motivos carnavalescos. Tia Alda alega que o E.T, designação do Bloco coordenado por alguém de nome Nelsinho, é algo fabricado pelo último – que assume a figura da mãe – e do senhor Hilberto Freitas, ufólogo e radialista local, que ocupa a posição de pai. Tia Alda, em tom jocoso conta-me a estória do momento em que, ao descobrir que o E.T havia se tornado uma *commodity* – ao perceber que em

¹⁸³ Tia Alda se referia constantemente às luzes Chupa-Chupa com a palavra "bicho". Acompanho aqui o uso do termo.

Belém se vendiam chaveiros e camisetas com desenhos de seres extraterrestres – decidiu criar o bloco do Chupa-Chupa.

Eu fui lá na capitar... falei assim mesmo, cheguei lá. Tô parada esperando um ônibus, vejo carro passar: E.T, E.T, E.T. Que diabos é? Parei lá no terminar. Fui comprar um chaveiro. O homem: "a senhora é de onde?" Eu disse: eu sou de Colares. Então tome, olhe. Que porra disto? Isto nunca apareceu lá. Porra, Tia Alda, a senhora já está... Isto não existe, porra. Égua, tá ganhando dinheiro em cima desta porra deste teu E.T, Magral. Aí eu comecei a escrotear: o bicho tá mais perdido que não sei o quê. "Mas tia, tu não sabe nem o que é um E.T." Aí fiquei lá comendo com eles e disse: olha, pois tu fica sabendo, que já que tu tá ganhando dinheiro com este tal de E.T, pois eu vou botar o bloco Chupa-Chupa. Peguei, me reuni com a galera. "Como é tia?" Então ele sai fantasiado de mulher, os meninos. Sei que eles se fantasiam de mulher e as mulheres de homem. (Entrevista com Tia Alda)

O problema para Tia Alda parece estar na oscilação entre a atividade do Chupa-Chupa, rastreável, porém descrito segundo pronomes demonstrativos - algo que remete à sua infância ou adolescência na Ilha - e a posterior criação de um bloco com fins comerciais que se valia da figura do E.T. Este parece ser o moto para a criação de um novo bloco, pois afinal, para ela, ETs não existem.

De fato, a insistência de Tia Alda no ponto de que o Chupa-Chupa não era um E.T encontra ressonâncias em outros momentos da pesquisa. Em Jussarateua, um dia antes, eu havia entrevistado um homem que vivera na Ilha à época dos ataques do Chupa-Chupa. Seu Amor parece estar de acordo com o fato de que aquilo era uma luz.

Olha, o primeiro lugar que apareceu foi Jussarateua. Não foi na cidade de Colares. Primeiro chegou a notícia que ele chegou no Tauá. Chegou notícia aqui que tinha aparecido isto aqui no Tauá. Às vezes a gente nem acreditava, né? Às vezes acontece muita mentira, também. Aí não acreditava. Quando foi uma noite... neste tempo aqui Jussarateua era mais casa de Barro. Assim, não tinha muita casa de alvenaria. Era de palha, era de barro. Aí, quando foi uma noite, um senhor que morava bem ali, a casa dele era de palha ainda – não, já era de telha, mas era barreada ainda – aí foi dormir, dormiram né. Quando a mulher dele viu, ele tava fazendo uma zuada lá, fazendo aquelas mizuras dele, aí que ela foi chamar ele e ele tava duro. *Era uma luz: a gente não via que era bicho nenhum. Aquilo era uma luz*¹⁸⁴. Ali antigamente não tinha morador. Era só capoeira. Tinha umas três casas de palha. Era só duas ruas. Esta dali e esta daqui. Aí foi lá com o homem. Ficava a marca, né? Chupava o sangue. Aquilo amortecia a pessoa. O nome dele é até Carlos. (Entrevista com Seu Amor)

¹⁸⁴ Grifos meus.

Uma luz que vinha do céu sem fazer barulho, com descrição de cores variadas. A mesma deixava uma marca no corpo resultante do fato de extrair sangue da vítima. Não se tratava de um ser: os moradores que entrevistei parecem repetir esta frase incessantemente. Tratava-se uma luz, que anestesiava os corpos, deixando-os em estado de torpor e paralisia. A única exceção em relação a esta descrição provém do relato de uma senhora, de quem Seu Amor e a esposa reportam ter ouvido que aquilo que chupou o seu sangue tinha a cara de um gafanhoto.

Era, ela falava que na vista dela era um homem, mas só que a cara era de gafanhoto. Disse pra ela que só queria o sangue dela. Aí chupou o braço dela. Aí ficava aquela marca daquela negócio. Mas ninguém sabe o que era. Eles diziam que era uma luz, né? Aquela luz, aquele foco, que entrava e ia direto na pessoa. (Entrevista com Seu Amor)

Depois de fazer esta entrevista, enviei um e-mail para a lista online da Revista UFO, pedindo um livro sobre o caso Colares que há muito procurava. Na troca de mensagens com os membros desta comunidade, adicionei este trecho da entrevista, ao mesmo tempo em que enviava o mesmo relato para Ademar Gevaerd, editor da Revista. Da lista de e-mails, recebi o seguinte correio de Toni Inajar, analista de imagens da Revista UFO. Toni me respondeu da seguinte maneira:

Os insectóides que estudei têm aspecto de louva-deus. Humanoide com cara de gafanhoto ainda não tive conhecimento, mas isso não exclui a possibilidade de existir. Gente "do mato" não confundiria "cara de lagarto" (reptiliano) com "cara de gafanhoto". Interessante este testemunho. Vale a pena aprofundar e mesmo, perguntar se outras pessoas da região viram algo parecido. Poderia ter sido um delírio induzido pelo estado muito debilitado da vítima? É algo a ser levado em conta... Abraço Toni (E-mail enviado por Toni Inajar)

Note-se que o ufólogo Toni Inajar está se valendo de uma suposição sobre o conhecimento local dos moradores acerca diferença entre gafanhotos e seres com “cara de lagarto” -os reptilianos-, uma raça extraterrestre correntemente referida nas discussões nos circuitos ufológicos que frequentei. Ao final da mensagem avança a possibilidade da visão de um ser durante o ataque ser delírio pois, afinal, a literatura ufológica sobre o caso Colares, ou sobre a

Operação Prato, não reporta seres com cara de gafanhoto. Uma confusão ou exagero, diria Ademar Gevaerd em um e-mail respondendo ao trecho da entrevista que enviei para ele:

As pessoas distorcem e exageram. Não conheci nenhum caso de comunicação entre os ETs e as testemunhas ou vítimas naquela época. Todos eles eram vistos dentro das naves, por trás do para-brisas da nave (ou o que seja). Veja anexo. Geralmente, em quase todos os casos do Pará, são descritos como um “casal”. No Amazonas, como “japoneses”, devido aos olhos puxados. Abração, Geva (E-mail enviado por Ademar Gevaerd)¹⁸⁵

Outras associações parecem entrar em cena. Embora os moradores não reportem a visão de naves, a leitura que Gevaerd fez dos eventos menciona-as. Tudo se passaria como se, para os ufólogos, o testemunho dos moradores da Ilha tivesse o valor de evidência de que algo ocorreu, mas a interpretação dos fatos deveria ser deixada a cargo dos documentos e depoimentos militares. As referências a um japonês, que Gevaerd reputa como sendo uma interpretação local do Estado do Amazonas, no entanto, aparece também em Colares. Quando perguntei a Dona Benevenuta sobre o que eram aquelas luzes, ela me respondeu do seguinte modo:

Disseram que era, diz que já um japonês que andava, não sei o quê, chupando sangue. Depois disseram que não era japonês, já era aqui estrangeiro, não sei da onde e tal. Chupando sangue do... Não sei, afinal era tanta as conversas que a gente nem sabia mais como é que podia fazer. (Entrevista com Dona Benevenuta)

A professora Terezinha, uma das primeiras pessoas que entrevistei na Ilha, porque recorrentemente referida pelos outros moradores como alguém que vivenciara os ataques das luzes Chupa-Chupa na década de 70, de maneira semelhante descreve os seus modos de operação:

Ela apareceu logo depois do chupa-cabra – aparece em Minas Gerais – (a gente assistiu as informações) e veio atacar pra cá. Só que foi um ataque que não tinha barulho. Nenhum avião. Nenhum motor. Era só aquele foco de luz, parece assim de um carro. E no devido lugar em que eles achavam que deviam sugar o sangue eles sugavam. *Não se via ninguém. Só se via o reflexo da luz.* Isto amedrontou a população toda da Ilha de Colares. Foi inédito e verídico, porque uma senhora faleceu e deixou dois com sequelas. Um aqui em Colares e outro em Jussarateua, que pertence à Ilha. Conclusão: foi um transtorno. Aterrorizou a população toda de Colares e ninguém dormia. [...]

¹⁸⁵ Grifos do autor da mensagem.

Quando estava acontecendo eu não dormia com as minhas crianças. Hoje meus filhos estão todos homens, filhas casadas, tenho meus netos. Por sinal hoje estudam. Tem uma que faz universidade, já na UNAMA. É serviço social. Já está pra lá. Já mora lá e já está lá. O que aconteceu: que eu não podia nem sair de casa. Tinha medo de deixar as minhas crianças. O meu marido não pescava e nem os pescadores da Ilha. Tinham medo daquela luz, que vinha em cima das canoas. Só não atacou nenhum pescador, mas em terra atacava. (Entrevista com a Professora Terezinha)¹⁸⁶

Um foco, um reflexo da luz. Uma espécie de lanterna que invadia as casas e extraía sangue, sujeitando os moradores a períodos de vigília, à mudança de suas residências para outras menos à vista, ao desleixo com seus quintais – “A gente não podia andar para varrer o quintal. Este quintal estava uma imundície, que a gente não podia andar”, contou-me Dona Benevenuta, em Mocajatuba. Ou como observa seu Fernando, que na entrevista que me concedeu contou-me sobre certo ataque do chupa-chupa à sua esposa. Perguntei-lhe como fora o referido incidente e ele assim o descreveu. A primeira vez que ele tomou contato com o Chupa-Chupa, estava a caminho de casa, “vindo de uma beira”, carregando a sua filha no colo. Eram mais ou menos cinco ou seis horas da tarde, quando “deu com aquilo voando em cima”. Ele já tinha ouvido falar do Chupa-Chupa, então resolveu correr. A “carreira” ou corrida foi tão rápida que Fernando arrancou unha grande do pé e não sentiu. A partir de então, descreve Fernando, “ nós nos amedrontamos com isto” e, mais tarde, “aquele foco” “apanhou” a sua esposa:

E toda manhã a gente sabia de uma notícia: olha, o Chupa-Chupa atacou fulano. Tá lá, ficava aquela roxura. E andou foi dias aqui este troço. Até que não sei que levou fim, com muita reza, promessa. E sumiu daqui. Atacava aí pro Marajó, todas estas comunidades aí. O pessoal se queixava, que amanhecia, o boato que tinha sido atacado. Era aquele foco que dava na pessoa, se pegasse, paralisava a pessoa, pronto. Ficava aquela roxura. É verdade, porque minha mulher foi assim. Dentro de casa, ficava só de brecha. Ela dormindo com medo também, mas tava dormindo, quando ela gemeu, ela tava toda amortecida e aquela roxura mesmo. O que eu sei mesmo foi isto, porque aconteceu com a gente lá. A gente não vinha assim. A gente ficava tudo lá.. Os moradores de lá se juntavam e iam só pra minha casa. E aí uns ia sossegar, a gente ficava vigiando a noite inteira. (Entrevista com Seu Fernando)

¹⁸⁶ Grifos meus.

De acordo com Seu Fernando o chupa existiu e “aquilo foi horrível”, porque durante a noite eles tinham que se esconder para evitarem serem capturados pelos focos de luz. No entanto, não apenas a esposa de Seu Fernando fora atacada. Em uma localidade próxima de nome Ariri, Diquinho, um senhor de 82 anos e caçador aposentado, também contou uma situação parecida. Antes de me falar sobre o ataque à sua neta eu lhe perguntei: “o que era o Chupa-Chupa?”. Ele me disse que aquilo foi uma “coisa” que apareceu de repente. E complementou: “a gente não viu ele mesmo, a gente viu certos sinais que ele deixava, né?” Eu perguntei: " Que tipo de sinais, Seu Diquinho? " E ele me respondeu dizendo que aquilo que viam era que o “chupa” possuía alguma coisa para iluminar, muito embora ele nunca tenha visto o formato do “objeto”.

Olha, meu filho, eu nem sei explicar o que era. A gente via assim lá no céu, ele andava pra um lado e pra outro. E o pessoal: "Lá vai ele, lá vai ele". De repente, ele se sumia. Mas ele tinha um foco grande. À noite eu vinha aqui nesta estrada, pra lá da fazenda. Vinha andando na Estrada tranquilo, de repente aquele foco na minha frente. Clareou, me espantei. Será que é? As vezes costuma a estrela se mudar, aí ela dá um sinal que ela clareia. Mas não era, era... vinha de cima mesmo. Aí eu cheguei em casa- eu morava lá na vila. Aí eu olhei: a mulher tava lá deitada na cama, nós tava criando uma neta – mora pra Belém esta menina – aí ela estava dormindo com ela e mais outro neto. Com a gente chega certa idade, a gente serve é só pra isto. Criar neto. Era um filho da minha outra nora e essa menina que era da minha filha. Aí cheguei em casa, quando foi um bucado, eu vi que ela estava com uma agonia. Nos temo uma menina, que desde criança o apelido dela é Paca. Eu chamei: Paca! Paca!. Ela: "que é? Que é que tu tem? Ela: "não sei, alguma coisa que tava me mordendo aqui no meu braço". Eu disse: "ah... era o chupa". Quando eu disse que era assim...eu comecei a acordar ela... ela tava toda molongona. E ficou sinal no braço dela até agora. Ela sempre mostra. Aquilo ficou um caroço assim, onde ele afincou aquilo. Tipo uma furada de agulha. Aí criou um nó assim no braço dela. Eu disse: " ah! Era o chupa que tava te chupando." Quando eu disse assim, deu um paque paque nela, ela quase...Depois que passou... depois disso nunca mais nós vimos. Vi assim no céu, que a gente via. " Lá vai ele, lá vai o chupa". (Entrevista com Seu Diquinho)

O “chupa” não se deixa reconhecer senão pelos seus sinais, por inscrições nos corpos das vítimas. Um roxo, descreveu Seu Fernando, provocado por algo semelhante a uma picada de agulha. No entanto, tanto Fernando quanto Diquinho não haviam visto o agente causador das inscrições na pele. Tampouco este fora o caso de Seu Juraci, que entrevistei em Colares por

ocasião da mesma pesquisa. Quando conversávamos sobre o formato do Chupa-Chupa, ele me interpelou com a seguinte explicação:

Não, só via a luz assim. A luz dele mesmo, sabe? Passava assim. Eu senti umas quantas vezes aquilo não era assim em cima uma estrela. Aquilo era baixo. Depois que passou pra este negócio. E aí uns e outros lá viram também este movimento. E tem uns aparelhinho que passa. Ainda passa uns aparelhinho. A gente vê, né? Aquele não. A gente sentia aquela luz grande vindo, crescendo e vindo. (Entrevista com Seu Juraci)

E mais tarde, quando mencionei se ele achava que “aquilo” tinha alguma relação com extraterrestres, foi assim que me respondeu: “O grande quando subiu disse que ele vinha, mas antes de vir ele ia mandar muita coisa. Pra (sic). Pra fazer pesquisa”, em clara associação das luzes de Colares com um referencial cristão.

A Operação Prato

A edição de outubro de 1997 da Revista UFO anunciou em sua capa uma entrevista inédita. Novos dados sobre os eventos ocorridos em Colares e a subsequente operação da aeronáutica seriam desvelados por ocasião de uma entrevista com o Capitão responsável pela incursão militar.

No texto de apresentação da entrevista com Uyrangê Hollanda¹⁸⁷ - naquele momento graduado já elevado à patente de Coronel - Ademar Gevaerd e Marco Petit mencionam os primeiros contatos com os documentos do Caso Colares. Segundo eles, em 1985, a Revista UFO - à época chamada de “Ufologia Nacional e Internacional” - havia recebido algumas fotos e documentos sobre a operação. O material, produto de vazamentos, foi publicado em suas páginas, à despeito das possíveis complicações legais que pudessem ocorrer em função da divulgação de documentos militares sigilosos.

¹⁸⁷ Para uma interpretação da entrevista do Coronel Hollanda e uma discussão da Operação Prato ver SCHRAMM, João Francisco. *Alteridade Alienígena no discurso militar. Monografia (Graduação)- Universidade de Brasília*, 2011.76pgs.

Uma vez publicados os arquivos, por inúmeras vezes a revista tentou contatar Uyrangê Hollanda. No entanto, só conseguiu entrevistá-lo quando o referido militar, depois de passar à reserva das Forças Armadas, entrara em contato com os editores da revista em 1996, portanto, quase vinte anos após os eventos ocorridos na Ilha.

No que concerne à entrevista, depois de iniciarem com perguntas sobre a trajetória pessoal do Coronel previamente ao período da operação, os ufólogos perguntam-lhe se o seu trabalho estava, de alguma maneira, conectado ao tema ufológico. O coronel respondeu que antes dos eventos em Colares as suas preocupações se dirigiam ao problema da segurança nacional.

De acordo com o Capitão Hollanda, ele só fora designado para a operação que visava investigar as luzes de Colares, porque o militar de patente superior que lhe arregimentara tinha certo interesse por casos ufológicos. Tendo chamado o Capitão Hollanda até a sua sala, ele lhe perguntou: “Você acredita em UFOs ?” Hollanda respondeu que "sim" e foi imediatamente designado. Conforme o seu testemunho aos ufólogos, quando o militar passou a capitanear a Operação, ela já havia se iniciado a pedido do Prefeito, que mandara um ofício ao Comando Aéreo Regional informando sobre os ataques na ilha.

Foi o pavor que fez com que o prefeito se dirigisse ao comando do COMAR pedindo providências, e o brigadeiro mandou que eu fosse investigar as ocorrências.(Revista UFO, nº54, outubro de 1997:19)

A equipe designada para atender ao chamado do Prefeito do município de Vigia – Colares, à época, ainda não tinha o status de município – era formada por Hollanda e por mais cinco sargentos. Sua intenção no início da operação era basicamente “tirar as provas”, isto é, averiguar o que estava acontecendo, uma vez que as referidas luzes supostamente estavam invadindo o espaço aéreo brasileiro. Assim, quando chegou aos locais onde os eventos descritos nas linhas acima aconteciam, os oficiais já encarregados da operação tinham passado por algumas experiências envolvendo o fenômeno Chupa-Chupa. Eles contavam a Hollanda que

havam observado luzes se movimentando no céu com velocidades supersônicas e objetos que apareciam e desapareciam, fazendo manobras incomuns para uma aeronave regular.

Hollanda relata que, a princípio, entrou como um *debunker* - alguém que desejava provar que os fenômenos não tinham nada que ver com discos voadores - , uma vez que desejava mostrar que as luzes de Colares não eram outras coisas além de um fenômeno ótico ou algo que refletisse alguma fonte de luz. Por dois meses ele reportou ao Coronel imediatamente superior na hierarquia do COMAR dizendo que não havia visto nada, apesar da insistência dos moradores da Ilha de Colares e de outras localidades na região do Salgado, a Nordeste do Pará, de que algo estava se passando.

Contudo, a partir de determinado momento da Operação, Hollanda começou a avistar objetos e luzes no céu. Entretanto, os equipamentos fotográficos pareciam falhar diante da tentativa de registrar os eventos:

Fotografávamos tudo o que aparecia, mas levamos um baile durante dois meses com as fotos, pois nelas não saía nada. Sempre tínhamos os objetos bem focalizados, preenchendo todo o quadro da máquina, mas quando revelávamos os negativos, nada aparecia. (Revista UFO, nº54, outubro de 1997:12)

O coronel só começou a distinguir que havia um objeto que emitia as luzes, no momento em que colocou sobre um filme revelado um vidro fosco, que era parte de sua lanterna de selva.

Eu não estava procurando marca ou objeto algum. Procurava uma luz, pois foi isto o que vimos na selva ao batermos as fotos. Só que a tal luz não aparecia, e sim o objeto por trás dela. No caso do rolo que estava analisando, vi um cilindro, que aparecia em todos os demais fotogramas. Ficou claro, então, que não conseguia imprimir a luz do objeto na foto, mas sim a parte sólida dele, talvez por uma questão de comprimento de onda, não sei. (Revista UFO, nº54, outubro de 1997:12)

As luzes de Colares se elidiam das câmeras e dos diferentes filmes testados. Desta feita não eram apenas os moradores da então Vila de Colares que não conseguiam ver aquilo que lhes atacava. Nas fotografias tiradas com máquinas profissionais emprestadas pelo COMAR, tudo o que os militares viam eram os referidos cilindros. Assim como nos conta Hollanda, o trabalho da

equipe da aeronáutica era descrito como a tentativa de capturar as luzes com os aparelhos fotográficos terrestres – facilmente despistados pelas luzes – e a coleta de testemunhos dos moradores, como nos informa o relatório vazado apresentado no primeiro tópico deste capítulo.

Havia uma série de relatos de pessoas que haviam sido atingidas por um raio de luz. Todas julgavam que o efeito sugava-lhes o sangue e, realmente! Verificamos alguns casos e descobrimos que várias delas, principalmente mulheres, tinham estranhas marcas em seus seios esquerdos, como se fossem dois furos de agulha e em torno uma mancha marrom. Parecia queimadura de iodo. Então as pessoas tinham o sangue sugado, em pequenas quantidades por aquelas luzes. Por isto passaram a apelidá-las de chupa-chupa. Era sempre a mesma coisa: uma luz vinha do nada e seguia alguém, geralmente uma mulher, que era atingida no seio esquerdo. Às vezes eram homens que ficavam com marcas nos braços e nas pernas. (Revista UFO, nº54, outubro de 1997:20)

O coronel relata diversos encontros com as luzes, a participação não oficial do Serviço Nacional de Informação na operação, e segue respondendo às perguntas dos ufólogos Ademar Gevaerd e Antônio Petit sobre possíveis remanescentes de materiais produzidos durante a operação. Instigam-lhe a falar se a operação teve continuidade após o seu fim oficial, sobre a forma dos relatórios e sobre o número de fotos – dados que, dez anos depois, os ufólogos da Comissão Brasileira de Ufólogos usariam para pressionar o Ministério da Defesa para desclassificar os documentos da Operação Prato.

O militar, se a princípio se mostrava cético diante da possibilidade do aparecimento das luzes, relata como gradualmente vários “incidentes” lhe conduziram a outra atitude diante do que acontecia. Incidentes que, a partir de determinado momento, envolviam contatos com algo mais que luzes:

Era novamente a bola de futebol americano em pé, a 100 metros de altura, parada e sem janela alguma. Devia ser o mesmo UFO, só que com o interior todo apagado. Sei lá, alguma coisa desse tipo. Todo mundo ficou com medo. Uma das pessoas ainda perguntou: “E agora? E se esses caras vierem carregar a gente, como é que fica?” Tudo era novidade para nós e ninguém sabia o que poderia acontecer daí pra frente. (Revista UFO, nº55, novembro de 1997:47)

Hollanda, motivado pelas perguntas dos ufólogos, começa a tecer considerações sobre o porquê da ação das luzes. Se no relatório vazado que apresentei logo no início do capítulo os

militares se envolviam no exercício de ambiguação da agência das luzes, ora fornecendo explicações psicossociais para elas, ora atestando que viram algo, Hollanda se demora mais na explicação de suas intenções.¹⁸⁸

Concluí outra coisa a respeito de por que aqueles seres estariam fazendo isso. Se eu fosse eles e precisasse de um aparecimento aberto, franco, direto, o que teria de fazer? Proteger a mim e a meus companheiros. Mas como? Sabendo o que cada um possui dentro de seu próprio organismo que possa danificar o meu, entende? Essa defesa só poderia ser feita se tivesse uma amostra do nosso sangue e tecidos. Não foi difícil imaginar que eles estivessem fazendo coleta de material genético, para ver o que continhamos que pudesse danificá-los num contato futuro, certo. Não só sangue, mas também nossas células. Não sei ao certo o que essa luz com alta energia podia fazer, ou se transportava partículas do corpo humano. (Revista UFO, nº55, novembro de 1997:48)

A partir deste comentário do Capitão Hollanda entende-se que as luzes avistadas pelos militares, tanto quanto eles, estavam em um exercício de pesquisa. Hollanda não registra a relação com as luzes em termos de um ataque, mas sim no idioma da investigação, da "pesquisa aplicada", visando um contato posterior. De acordo com Hollanda, se havia violência implicada na relação das luzes Chupa-Chupa com os humanos, esta provinha muito mais dos moradores da Ilha, do que propriamente dos condutores das naves.¹⁸⁹ Quando Ademar Gevaerd e Antônio Petit lhe perguntam se havia alguma reação negativa por parte dos tripulantes, Hollanda observa que:

Não, a reação negativa era nossa. Os nossos, os habitantes e os nativos eram que atiravam – atiravam com arma – jogavam foguetes de São João. Eles é que reagem de forma agressiva.”[...] “Teve um relato de um marceneiro, um senhor de idade, sendo focado por uma nave dessa. Ele apontou a arma, ela respondeu com uma luz, ele ficou dormente, sem mobilidade, por uns quinze dias. Ele não conseguia andar. Mas não foi.. não tinha.. não foi alvejado por nenhum projétil, não ficou nenhuma marca. Foi somente um choque, de uma energia mais forte para que ele não conseguisse o objetivo dele que era atirar. Eles paralisaram a pessoa através de uma luz que portava uma energia que ninguém sabe o que é que é. (Entrevista concedida por Uyrangê Hollanda aos ufólogos Marco Antônio Petit e Ademar Gevaerd)

¹⁸⁸ De acordo com João Francisco Schramm, "Naturalmente, os pesquisadores que estudaram o incidente em Colares, Uyrangê era uma testemunha chave: convocado pelo Estado em missão oficial, sua equipe tentou acalmar uma população em pânico, ao passo que produziu um relatório vasto que detalhava em minúcias o que ocorria com essa população. Por isto a sugestão de Hollanda para explicar a provável intenção dos alienígenas foi levada em conta por diversos pesquisadores da ufologia que entraram em contato com ele, considerando assim a hipótese de coleta de material humano como a mais razoável". (Schramm,2011:54)

¹⁸⁹ Este ponto já foi observado por (Schramm,2011), quem também cita este trecho da entrevista em sua monografia. Existem, contudo, diferenças nas passagens que citamos. Provavelmente, Schramm se valeu da gravação em vídeo da conversa entre os ufólogos e Uyrangê Hollanda, enquanto eu me vali da versão publicada na Revista UFO.

Hollanda propõe uma "inversão" (Scharamm,2011:53), fazendo com que a violência partisse dos humanos e não dos alienígenas. As luzes estavam, assim como os militares, fazendo um tipo de pesquisa, e os moradores da Ilha Ihes interpretavam mal. Como já observou João Francisco Scharamm (2011), a propósito desta entrevista, temos na imagem que o militar desenha, um duplo desentendimento: os moradores tomavam os raios de luz como ataques, quando, de fato, eles eram algum tipo de sonda para a prospecção. Os *aliens* entendiam as reações dos humanos como ataques, que retaliavam com mais luzes. Conforme observa João Francisco Scharamm (Scharamm,2011), quem oferece uma descrição da entrevista com o militar em seu trabalho:

Uyrangê Hollanda, um oficial de operação de selva, se coloca no lugar dos índios para tentar chegar em alguma explicação sobre o motivo do contato. A relação ocidentais-índios [sic] é a experiência é a experiência que ele evoca para tentar explicar as relações alienígenas ocidentais. A lógica é invertida. São os alienígenas, portadores de uma tecnologia superior, que se protegem do contato com os humanos, coletando material e produzindo vacinas: eles se preparam para se protegerem de nossas doenças. Se os ocidentais podem levar doença aos índios [sic], a espécie humana pode levar doenças aos alienígenas. (Scharamm,2011:53)

Estes comentários a propósito da tese de que os *aliens* “faziam pesquisa ou coleta de material” Hollanda veicula 20 anos após o início da operação, finalizada por ordem superior a ele, quatro meses depois de iniciada. Uma vez encerrada, o Coronel escreveu o relatório, entregou aos seus superiores, mas as experiências relativas aos óvnis não pararam. No final da entrevista ele conta aos editores da Revista UFO que trazia no corpo um objeto possivelmente proveniente do período da Operação em Colares, o qual alterava o comportamento de uma bússola quando esta era colocada sobre o local do “implante”.

Os ufólogos terminam a entrevista perguntando-lhe, mais uma vez, sobre o material produzido durante a operação. E o Coronel Hollanda responde que o Ministério da Aeronáutica havia confiscado quase tudo:

Não tive conhecimento de qualquer repercussão no Ministério da Aeronáutica. Quanto às fotografias, não foram enviadas as 500 para eles. Seguiram apenas as que constavam no relatório e alguns negativos. A maioria delas ficou conosco, guardada nos arquivos da Comar, e ninguém consegue obter informação a respeito. A seção a qual eu pertencia é onde se encontram arquivados os quatro filmes batidos e as fitas de vídeo. Na época, o Ministério da aeronáutica iria ficar com apenas um rolo, mas confiscou os outros três que pertenciam a mim, que foram comprados com meu dinheiro e, assim mesmo, a Aeronáutica nunca os devolveu. (Revista UFO, nº55, novembro de 1997:52)

Em um quadro posicionado no meio da entrevista, noticia-se a morte do Coronel Hollanda. Seu corpo foi encontrado em 02 de outubro de 1997, às 23:00. Enforcara-se com o cinto do roupão em uma cama, fazendo com que nos corredores dos congressos ufológicos que frequentei, não raro se especulasse sobre outras causas, diferentes do suicídio.

Na visita à casa de Hilberto Freitas, Ufólogo e radialista morador da cidade de Colares, quando conversávamos sobre a atuação do militar na ilha, ele comentou sobre as outras possibilidades alternativas ao suicídio:

R: O senhor lembra como é que ele era?

H: Me lembro, perfeitamente, ele era um cara assim já. Como estudante, ele já era um militar. Agora, um cara muito equilibrado, um cara bacana, divertido, gostava da brincadeira, contar piadas e tal. Mas um cara que de vez em quando estava olhando para o céu. Alguma coisa ele já enxergava. Só me admiro que depois que ele deu uma entrevista, uma entrevista seríssima, passou a uma revista de publicação aqui no Brasil. Depois que ele deu esta entrevista, uma coincidência muito grande, dele ter morrido enforcado, de ter se enforcado e do jeito que desenharam o negócio. Um enforcado não morre com os olhos fechados e com fisionomia tranquila e sim com os olhos esbugalhados. Mas chamaram um perito, o Badan Palhares, foi o mesmo que periciou...

R: Vários casos no Brasil, né?

H: É, vários casos, inclusive do PC Farias, que foi assassinado e depois morreu (risos) Bom. Eu sei que não foi feita autópsia, nem necropsia no Uyrangê Hollanda. Como aconteceu já com outras pessoas que foram abrir muito o bico, como a gente diz na expressão popular, acabou pagando com a vida. Eu acredito piamente que tenha sido aquilo mesmo. Que ele era um cara altamente equilibrado. Outra coisa, ele foi abraçado por Ets, ele morreu e levou com ele um chip no braço. Ele mostra. Inclusive eu tenho imagens e uma destas imagens já passou em programas de televisão. Aqui no braço um chip foi colocado e ele mostra. Cita o nome dos médicos em São Paulo... " Tu queres que eu tire isto?" "Não. Não está me fazendo mal." Então, várias pessoas que eu conheço já foram chipadas. (Entrevista com Hilberto Freitas)

Um laboratório natural

Hilberto Freitas é um residente da Ilha de Colares e proprietário da Rádio Rosário, uma estação comunitária. Anteriormente a minha chegada à Ilha, eu sabia que Hilberto se interessa pela ufologia e havia feito pesquisas com os moradores sobre o Caso Colares, informação que obtive a partir de comentários de ufólogos da publicação Revista UFO. Nos primeiros dias de estada, eu tentei contatá-lo por duas vezes em sua casa, local onde também funciona a Rádio, mas não o encontrei.

Na terceira vez, parei na frente daquela pequena casa de madeira, com uma escultura de um disco voador na frente e gritei : “Seu Hilberto!”. Fui recebido por “Seu Pacheco”, quem me convidou para entrar. O último fez sinal para que eu esperasse, pois como estava na função de locutor, não podia interromper as chamadas dos ouvintes no rádio. Terminados os comentários, chamou-me e levou-me até os fundos da casa, onde um senhor tinha na frente de si um aparelho de som desmontado. Nas suas cercanias, uma pilha de televisores se apresentava e, ao seu lado, havia uma gaiola com o Sabiá, que se desesperava todas as vezes que alguém passasse nas suas proximidades.

Eu me apresentei a Seu Hilberto como um antropólogo que viajara à Ilha com vistas a conversar com os moradores sobre os incidentes envolvendo as luzes Chupa-Chupa e, entre um almoço com a sua família, a troca de músicas por *bluetooth* com o seu filho e a apresentação dos planos de construção de uma nova sede para a rádio – que, desta vez, também contaria com um museu ufológico – conversamos das nove da manhã às cinco da tarde. Hilberto Freitas não nasceu em Colares e não estava na Ilha durante a onda de ataques das luzes Chupa-Chupa. Neste período, ele era oficial da Marinha Mercante e viajava a diferentes países em grandes embarcações. No entanto, na década de 80, ele se mudou para a Ilha e passou a se interessar pelo

tema ufológico, tendo inclusive apoiado a produção de um programa exibido pela emissora de televisão Rede Globo sobre os incidentes da década de 70.

Olha, quando cheguei aqui comecei a conversar com as pessoas. Eu conhecia Colares só passando em navios. Eu fiz escola da marinha e passava como tripulante aí. Não conhecia diretamente Colares. Não tinha vindo aqui. E eu quando cheguei comecei a conversar com diversas pessoas até que, não sei como, não lembro como, apareceu esta oportunidade de eu investigar alguma coisa com relação à Operação Prato. Quando houve esta Operação Prato, foi em 77, eu fazia a linha da Europa, dos Estados Unidos, então não estava aqui no Brasil, então não pude acompanhar nada. Mas levantei, comecei a levantar. Tava falando com as testemunhas e tudo mais. (Entrevista - Hilberto Freitas)

Durante a entrevista Hilberto mencionou alguns de seus interesses que, de alguma forma, o ajudavam no processo de pesquisa ufológica. Fizera curso policial – que de acordo com ele, o ajudou na “linha investigatória” –, e estudou parapsicologia, radiestesia, radiônica, eletrônica e outros cursos que reputou como bem avançados. Quanto a Colares, nos seus próprios termos, a ilha é um “laboratório natural”, além de uma cidade tranquila, para onde ele se mudou com vistas a “buscar as nossas raízes.”

A referencia que Hilberto faz a Colares como um laboratório natural é interessante porque mais tarde, durante a entrevista, quando lhe perguntei sobre o que é as luzes Chupa-Chupa estavam fazendo¹⁹⁰ aos moradores, ele me respondeu que os extraterrestres estava retirando energia vital das pessoas. No trecho abaixo, vale observar que a fala de Hilberto é, de algum modo, coincidente com aquilo que o Capitão Uyrangê Holanda diz na entrevista aos ufólogos Marco Antônio Petit e Ademar Gevaerd.

Diziam que eles sugavam o sangue, eu acredito que não era. Que sugasse sangue, tudo bem, porque pingava sangue e este negócio todo. Mas eu acho que eles sugavam mais é energia vital, porque por perda de sangue a pessoa não fica prostrada vinte dias, trinta dias ou mais. Ou então paralisada, como eu soube de casos que aconteceram aqui e que terminou em morte. Eu achei que, sempre achei, que a possibilidade bem grande é deles estarem retirando energia vital das pessoas, que talvez: eu acredito que os alienígenas são bem superiores a nós em conhecimento. Eles, com energia vital, teriam mais dados com relação à saúde e comportamento humano. Eu realmente acho que era energia vital que era sugada. (Entrevista com Hilberto Freitas)

¹⁹⁰ Hilberto sustenta que os ataques, ainda que com menor frequência, continuam a acontecer em Colares.

Em última análise, assim como Colares era um laboratório natural para os humanos, na sua perspectiva, a Ilha também o era para os extraterrestres. Por outro lado, de acordo com a fala de Hilberto, a Ilha também figurava como uma espécie de “posto”, no qual humanos figuravam como os provedores de combustível. Nesse trecho da entrevista Hilberto explica os possíveis motivos da escolha da Ilha de Colares pelos extraterrestres:

Não é bem assim a região. Sim, é a região, porque eu acho que aqui é o seguinte: Ainda é meio desabitado aqui. Depois, aqui nós estamos próximos ao Equador. No equador você sabe, o planeta Terra é um ímã esférico, com polos magnéticos Norte e Sul. E muita gente pensa que é polo de gelo. Mas é polo magnético. É um ímã. Bom, nós estamos próximos ao equador. No equador é a divisória da parte norte e da parte sul. Se é divisória, existe uma certa neutralidade magnética, não é isto? O equador é a parte mais proeminente do planeta. Está mais próximo de qualquer planeta. E talvez não interfira em algum aparelho. Eu presumo que seja. Facilitando o pouso. Então é bem mais fácil por aqui. E aqui eles estão também olhando não só a espécie humana, como também a nossa fauna e a nossa flora. *É a tal coisa. Se você tem uma fazenda, tem uma chácara. Uma fazenda, vamos dizer, tem criação de vários bichinhos. Você é dono dos bichinhos, né? Você tem o direito de vacinar e até de matar. Tem direito. Ninguém te proíbe. Então, eles têm este direito. Talvez queiram um aprimoramento melhor. Agora, para quê não se sabe. Porque a gente chega e esbarra com uma muralha intransponível.* (Entrevista com Hilberto Freitas)

Sobre pinguins e ursos polares: os experimentos extraterrestres

A narrativa de Hilberto Freitas, ao traçar uma homologia entre a relação dos extraterrestres e a atividade de um proprietário de uma chácara em relação aos animais que aí habitam, de algum modo encontra ecos em outras instâncias nas quais estive envolvido durante o trabalho de campo. Em algumas das entrevistas realizadas com ufólogos em Curitiba, Brasília e São Paulo a noção de que a ação extraterrestre em relação aos humanos, seja ela caracterizada pela abdução ou pelos lances de luz que marcaram os corpos dos moradores da Ilha de Colares, aparece de modo muito pronunciado.

Em uma conversa com o sociólogo e membro da Equipe UFO Fábio Gomes, em uma cafeteria Starbucks em um Shopping Center em São Paulo, fomos conduzidos a discutir o porquê da ausência de um contato aberto dos alienígenas com os humanos. Durante a entrevista eu

comentava que a abdução, de acordo com o livro *Operation Trojan Horse*, assinado por John A. Keel, e indicado por um dos ufólogos com os quais eu vinha trabalhando em Brasília, era uma ação violenta. Fábio reagiu à minha afirmação e redarguiu prontamente. Transcrevo este trecho de nossa discussão:

Fábio: É e não é. A abdução seria uma ação violenta se a pessoa abduzida fosse morta. Todo mundo volta ou a maioria volta. Imagine um explorador ou um biólogo lá na Antártida. Ele pega um pinguim e bota um anelzinho ou um chipizinho de identificação no pinguim e devolve o pinguim pro mar. É o que eles fazem com a gente. *Nós somos os pinguins. O que nós fazemos com os animais no mar ou na terra, eles fazem com a gente. Só que nós somos seres que você pode perguntar: "posso fazer o exame?"* Eles faziam isto no começo. Até os anos 50 eles só faziam isto. As pessoas morriam de medo, não queriam. Aí eles falaram. Com certeza eles tem algum plano. E eles querem cumprir este plano. Não vai perguntar. Vai abduzir mesmo.

Rafael: Quer dizer: nós somos animais pra eles?

Fábio: Como se fosse. Se a gente não conseguir se destruir e conseguir desenvolver a nossa ciência, a gente pode chegar tão longe quanto eles ou até mais. Mas pra eles não interessa. A gente não está neste estágio. Eles aproveitam e mandam bala mesmo. (Entrevista com Fábio Gomes)

Sempre que o tema da “violência extraterrestre” aparecia, eu tentava introduzir nas entrevistas o tópico dos ataques em Colares. Desta feita, resolvi perguntar a Fábio sobre a relação da noção de experimentação com humanos, que de acordo com ele era levada a cabo pelos extraterrestres, com os eventos ocorridos em Colares, com os quais o ufólogo também tem familiaridade. Ao comentar sobre os possíveis nexos entre a sua noção de experimento e a relação dos extraterrestres com os nativos da Ilha, Fábio se reportou a um entrevista com a Doutora Wellaide Cecim Carvalho – a médica responsável pelo atendimento dos moradores na Unidade Sanitária de Colares – quem durante um avistamento de um ser dentro de uma “nave” reconheceu-o como sendo fenotipicamente louro, o que, de acordo com ela – também loira – teria prevenido que fosse atacada.

Você tem que considerar também, Rafael, que não é só uma civilização que vem. Então podem ser vários experimentos. Eu li, não me lembro onde, que a Wellaide, a doutora, ela ficou cara a cara com um destes objetos e ela não foi atacada. Ela diz que viu um dos seres dentro da nave que era loiro que nem ela. Ela acha que não foi atacada porque ela tinha a mesma constituição física destes seres. Eles resolveram não atacar porque era parecida. Mas são os Greys que

abduzem, não é? O que estes loiros estão fazendo? Chegou a matar gente. Houve dois ou três mortos. Pra mim, a ideia deles é assim: analisando os resultados e os casos, eles parecem muito Maquiavel mesmo: Os fins justificam os meios. Ah, não aceitam ir pra nave? A gente vai abduzir. É.. Não importa como é feito, o que importa é que seja feito. É bem Ciência Política mesmo a coisa. É bem o pensamento político. A ética da responsabilidade que o Weber fala. A gente lida muito com a ética da convicção, mas eles lidam com a ética da responsabilidade. É exatamente isto. (Entrevista com Fábio Gomes)

Este trecho da entrevista com Fábio é interessante uma vez que articula vários pontos centrais nas narrativas acerca das interações entre extraterrestres e humanos. A primeira delas é concernente aos efeitos possíveis do encontro entre uma raça alienígena fenotipicamente loira e a alguém com a mesma cor de cabelos e tez de pele. De acordo com Fábio, a Doutora Wellaide não teria sido atacada porque, de algum modo, os ocupantes da “nave” a reconheceram como alguém que não poderia estar sujeito aos experimentos que vinham conduzido com os outros moradores da Ilha. Note-se que, se estes extraterrestres, assim como observa Fábio, são guiados por uma ética da responsabilidade, eles aparentam ser constrangidos por uma identificação cruzada por critérios raciais, considerando que os outros moradores “atacados” – ou, objeto de experimentos - via de regra não têm a pele clara e os cabelos loiros como os da Doutora Wellaide.

Fábio Gomes não foi o único entre os ufólogos da Equipe UFO a ler os eventos ocorridos durante o aparecimento das luzes chupa-chupa no Estado do Pará articulando a noção de “fins justificam os meios” à ideia de que aquilo que ocorreu na década de 70 tratava-se, antes de tudo, de um experimento. Durante uma entrevista com Toni Inajar, analista de imagens da revista UFO, fiz-lhe a mesma pergunta que fizera a Fábio dias antes, qual seja, se ele percebia os eventos ocorridos na região nordeste do Pará na década de 70 como ataques extraterrestres. Toni comentou que:

Toni Inajar: Não foi uma agressão, foi uma pesquisa. É como você.. *A diferença está entre você caçar um urso polar e você dar um dardo que anestesia aquele urso polar.*¹⁹¹

Vai lá e põe um brinco, um colar de sinalização e solta o urso de novo. No caso está sendo feita pesquisa. Pro urso talvez não faça muita diferença. Mas uma coisa é pesquisa e outra é você matar o urso para pegar a pele ou para comer a carne. Então, o que a gente percebe é o seguinte: No caso de Colares, apesar de todo aspecto negativo que houve deste tipo de ação, mas foi uma ação de pesquisa científica por parte deles.

Rafael: E na sua percepção, o que você toma como motivação para eles estarem fazendo pesquisa científica?

T: A mesma que a nossa se a gente baixasse em um outro planeta. Se por acaso a gente chegasse lá a gente iria pegar espécies, colher o sangue, e ia fazer o possível para entender estas espécies. (Entrevista com Toni Inajar)

Note-se que o argumento de Toni Inajar não destoa do entendimento sobre as luzes Chupa-Chupa apresentando pelo Coronel Uyrangê Hollanda acerca das “intenções” dos alienígenas: aquilo que faziam não era outra coisa que pesquisa, de modo independente da anuência dos sujeitos aos quais dirigiam os raios de luz.

A médica da Unidade Sanitária de Colares

Era a segunda noite do Fórum Mundial de Contatados, organizado pela Revista UFO em junho de 2013. Antes da palestra da Doutora Wellaide, uma das protagonistas dos eventos ocorridos em Colares a partir de 1977, o editor da Revista, Ademar Gevaerd, apresentou-nos a possibilidade de adquirir o livro da especialista em abduções Mônica Medeiros, anunciou o jantar de confraternização que ocorreria logo mais e recomendou a matrícula em uma excursão ao Peru, organizada por um senhor de nome Alcione, que na entrada do auditório mantinha uma estande com imagens do país. Um trailer da viagem foi apresentado e, logo depois, Gevaerd procedeu com a apresentação da palestrante. Na apresentação, Gevaerd observou em tom enfático que “Ela enfrentou os militares da Operação Prato, que pediam para que ela dopasse as

¹⁹¹ Grifos meus.

pessoas”¹⁹², comentário que para mim, até aquele momento da pesquisa, era inteiramente desconhecido.

A Doutora Wellaide, convidada a assumir o microfone após as apresentações, proferiu uma palestra cujo tom da voz denotava que estava emocionada. Ela já havia dado entrevistas sobre o tema em diversas ocasiões, no entanto, aquela foi a primeira palestra sobre o caso que dera e se construiu na forma de uma narrativa pessoal sobre o modo como fora interpelada pelos eventos ocorridos em Colares. A este respeito, a Doutora Wellaide observou que quando chegara à comunidade tinha 22 anos¹⁹³ e dois dias de formada, e a cidade dispunha de 6000 habitantes distribuídos em 25 localidades. Aquela era a única Unidade Sanitária¹⁹⁴ da Ilha, e contava com 14 funcionários, entre eles três com curso superior.

Em agosto de 1977, segundo a narrativa da Doutora, a unidade começou a receber pacientes “que relatavam intensa astenia¹⁹⁵, não conseguiam falar, não conseguiam ficar em pé”. Alguns deles apresentavam sinais de inconsciência e estes sintomas conduziram Wellaide a pensar que o quadro médico apresentado se caracterizava por um tipo de “distonia neurovegetativa.” No entanto, assim que o número de pessoas que procuravam a Unidade Sanitária de Colares reportando os mesmos sintomas aumentou, ela foi compelida a reorientar o diagnóstico que vinha apresentando:

Eu logo rotulei de distonia neurovegetativa. Eu achei que fossem brigas com namorados. Só que chegou a primeira, a segunda. Por mais que a gente saiba que existem pessoas que se auto mutilam, elas nunca iam se mutilar em locais tão distantes. Alguém era atacado na cidade de Candeua e outra em Fazendinha. Poderia ser uma histeria coletiva, mas alucinações coletivas não existem. Não temos caso nenhum de alucinação coletiva. (Palestra – Wellaide Cecim Carvalho – Fórum Mundial de Contatados)

¹⁹² Notas tomadas durante o evento.

¹⁹³ Note que há uma dissonância entre esta informação e aquela presente no relatório vazado discutido no tópico “Informe”.

¹⁹⁴ Equivalente a um Posto de Saúde.

¹⁹⁵ Falta de força física.

Assim como observa Wellaide em sua palestra, a repetição dos mesmos casos e o aumento do número de vítimas das luzes, a conduziu a rever o seu primeiro posicionamento. De modo geral, os pacientes chegavam à Unidade Sanitária apresentando um relato semelhante, que a doutora Wellaide resume do seguinte modo:

Normalmente as pessoas diziam que pelas janelas e pelo orifício das telhas entrava uma luz paralisante, pesada. Luzes pesadas que não deixavam que eles falassem ou pedissem socorro. Esses casos todos foram semelhantes. Não houve ninguém que descrevesse nenhum dos mais de 80 casos de maneira diferente. Palestra – Wellaide Cecim Carvalho – Fórum Mundial de Contatados)

Para além da sintomatologia anotada, as lesões se caracterizam por “dois orifícios paralelos” , ao modo de uma queimadura. Contudo, segundo a doutora Wellaide, queimaduras causadas por fontes regulares – terrestres – demoram entre dois e três dias para necrosar. Aquelas, por seu turno, passavam por este processo em menos de trinta minutos: “ Se ele era acometido às cinco da manhã, às cinco e meia já retirava a pele” (Palestra – Wellaide Cecim Carvalho – Fórum Mundial de Contatados) As lesões “... não formavam bolhas, não havia dor no local e se assemelhavam a queimaduras radioativas produzidas por cobalto.”

Assim que as luzes nomeadas de Chupa-Chupa começaram a atacar os pescadores, a vila viveu um desabastecimento de víveres, tendo em vista que a alimentação local se baseava em frutos do mar e em farinha de mandioca. A própria Wellaide narra que durante este período chegou a pesar 47 kg e teve de aprender a coletar siris para se alimentar. A narrativa sobre o evento e sobre o modo como ela se engaja com ele, a certa altura contém traços de uma epifania. O aumento dos ataques fez com que os moradores de Colares decidissem proteger as suas casas, tapando os buracos nas paredes e soltando fogos. Um delegado convidou-a para sair da Ilha, mas ela hesitou na última hora dizendo que não poderia deixar o lugar que, naquele momento, só tinha um médico. Foi nesta ocasião, depois de tomada esta decisão, que Wellaide relata ter deixado de ser uma recém-formada.

Na palestra, além das considerações que reproduzi aqui, a Doutora Wellaide apresentou a sua perspectiva sobre o porquê do ataque das luzes. De acordo com o seu relato a prova de que as luzes não eram destrutivas é o fato de que ninguém teria morrido após ser atacado por elas. Ela parece endossar a tese sustentada por Hilberto Freitas segundo a qual o que se buscava era energia vital, associando-a à narrativa do Coronel Uyrangê Hollanda – embora não repute a ele este argumento – segundo o qual “ De repente é mais fácil a gente fazer mal a eles do que eles fazerem a nós.” (Palestra- Wellaide Cecim Carvalho – Fórum Mundial de Contatados)

Mas se eles não querem fazer mal, por que eles faziam isto? Vamos imaginar que a gente saísse deste sistema solar e fosse para uma outra galáxia. E aí perdemos os combustíveis e queremos voltar. Só que o combustível da nossa nave é a energia. Todo ser humano tem a sua aura, tem a sua energia. E quem é que nos garante que os seres mais desenvolvidos do que nós não conseguem transformar a nossa aura em combustível? (Palestra – Wellaide Cecim Carvalho – Fórum Mundial de Contatados)

Segundo a narrativa de Wellaide, não ocorreram mortes ocasionadas pelo Chupa-Chupa, informação que contraria os relatos de alguns dos moradores da Ilha de Colares, além de alguns ufólogos com quem tive a oportunidade conversar sobre o caso. Conforme observa a médica, as três mortes ocorridas no período estavam ligadas ao fato dos atingidos serem portadores de cardiopatias graves e não conhecerem o seu estado clínico.

Wellaide, diferentemente das pessoas que atendeu, não foi atacada. Entretanto, em algum momento da palestra a médica descreveu um encontro com os seres que pilotavam a nave. Reproduzo o relato a partir das notas que fiz durante a sua fala:

Como era a nave mãe? Uma nave normal. Como era a nave filha? Elas eram várias. Estas eram as naves filhas, que eu apelidei. Elas tinham estas formas cilíndricas e chegavam a ficar a seis metros de altura. Não era inox, não era prata. Tinha um brilho característico. Elas davam rasantes. Lindas Rasantes [...] E sempre apareciam as pessoas que estavam guiando. Cada planeta tem o seu E.T, né?
Peles escuras, pelos alourados [sic], cabeças triangulares. Por que nunca me atacaram todas as vezes que nós ficamos cara a cara? A cor dos meus cabelos. Por que esta mulher não nos hostiliza? Nunca joga pedra.
O povo gritando para eu entrar nas casas laterais e eu com um orgasmo mental de ver uma coisa com meus olhos aquilo que os outros diziam que existia.
(Palestra – Wellaide Cecim Carvalho – Fórum Mundial de Contatados)

Quase no final da Palestra a Doutora respondeu a uma série de perguntas relativas aos detalhes do caso. No que concerne à preferência das luzes Chupa-Chupa pelas mulheres, Wellaide comentou em tom jocoso que talvez fosse alvo de interesse por serem “mais graciosas”. A sua comunicação terminou relacionando a sintomatologia apresentada pelos pacientes da Ilha à teoria que a médica sustentou desde o primeiro momento em que pisara no palco: Havia um declínio na taxa de hemoglobina dos pacientes que alegavam terem sido atacados. “Quando você perde energia, você pede leucócitos. A baixa taxa de hemoglobina e de hemácias era uma sequela do fato de puxarem energia.” (Palestra- Wellaide Cecim Carvalho – Fórum Mundial de Contatados)

As relações entre a Doutora Wellaide e o Capitão Hollanda

Um dos aspectos interessantes apresentados pela Doutora Wellaide ao longo do Fórum Mundial de Contatados diz respeito às suas relações com o Coronel Hollanda, comandante da Operação Prato. De acordo com ela, os militares que compunham a operação a teriam coagido a fornecer informações falsas aos pacientes: “Deve dizer a eles que não viram nada”. Além disto, teriam batido um dia em sua porta pela manhã portando uma caixa de Madazepol¹⁹⁶, incitando-a a recomendá-lo àqueles que estavam sob os seus cuidados.

Além das coações relativas ao consumo deste medicamento e de sua recomendação às pessoas atacadas pelo Chupa-Chupa, a Doutora Wellaide diz também ter sido vítima de ameaças a sua integridade física, vindas do Coronel Hollanda: “Verdade é Verdade. Não tem época para a verdade.” (Palestra- Wellaide Cecim Carvalho – Fórum Mundial de Contatados). As coações

¹⁹⁶ Durante a palestra não consegui anotar corretamente o nome do medicamento, mas posteriormente escrevi para Wellaide com vistas a confirmar aquilo que eu havia escrito no caderno de campo. Ela me respondeu que o nome do remédio era Madazepol, que já “saiu de linha”. De acordo com ela, o remédio é um derivado do “Diazepan” e tem ação sonífera.

aconteciam regularmente e sempre que a doutora saía para verificar o radar montado pelos militares da I COMAR, o militar a advertia: “Não pense que você é novinha e bonitinha, que você não vai desaparecer”.

As circunstâncias da morte do comandante da Operação Prato: outros elementos

He is not the answer to the question that investigators, scientists, historians, government officials and countless others have been asking through decades. He is simply the man who stands in the blank space – Libra, Don DeLillo

Neste tópico me concentrarei em algumas informações acerca do suicídio¹⁹⁷ do Capitão Uyrangê Hollanda, à época responsável pela Operação Prato. Os comentários sobre as circunstâncias de sua morte, via de regra, ocorriam ao final das entrevistas, quando eu, reagindo a conversas de corredores de congressos e burburinhos na lista de discussões da Revista UFO, pedia aos ufólogos que me falassem mais demoradamente sobre o tema.

A referida morte causa polêmica entre os ufólogos por dois motivos principais: em primeiro lugar, porque o já reformado Coronel Hollanda faleceu pouco tempo depois de ter dado uma entrevista a Ademar Gevaerd e Marco Antônio Petit, na qual revelava os detalhes de uma operação militar. Em segundo lugar, porque as circunstâncias do seu suicídio podem sugerir que o fato poderia ter sido forjado, em uma espécie de investida de forças militares contra a vida do Coronel. O Coronel Hollanda foi encontrado em sua casa, localizada em Cabo Frio-RJ, com a corda do roupão amarrada a seu pescoço e conectada à cama.

¹⁹⁷ No que concerne às circunstâncias do suicídio de Uyrangê Hollanda, em sua monografia João Francisco Scharamm faz o seguinte comentário: "Hollanda cometeu suicídio três meses após a entrevista dada aos ufólogos. Segundo o Brigadeiro José Carlos Pereira, que o conheceu pessoalmente, a depressão de Hollanda pode ter sido agravada pelo sentimento de missão não cumprida", versão mantida pelos pesquisadores que o entrevistaram." (Scharamm,2011:54). Discuto a questão em seguida.

Conversei longamente com Ademar Gevaerd acerca do último tópico e pedi que ele me relatasse as circunstâncias do encontro com o militar e fizesse observações sobre as especulações relativas a seu assassinato. Meu interlocutor atendeu ao pedido. Antes, porém, insistiu que o início do processo de abertura e de desclassificação de documentos relativos à Operação Prato, em grande parte, se devia à entrevista Hollanda lhe concedera. Não foi outra pessoa além dele quem revelou em primeira mão os detalhes da operação, o número de páginas dos relatórios produzidos e também informou aos meios ufológicos que a quantidade de fotografias geradas na ocasião era muito maior do que era conhecido. Deve-se também ao Coronel a menção sobre a existência de dezesseis horas de filmagens das luzes, as quais, mesmo depois do depósito do material sobre a Operação Prato feita pela Aeronáutica no Arquivo Nacional, em Brasília, ainda não apareceram para o público.¹⁹⁸

Quando ele resolveu abrir a boca no trombone – botar a boca no trombone –, ele me procurou. Em 97. Foi aí que tudo começou. Todo o processo de abertura que nós estamos vivendo hoje, boa parte dele nós devemos a Uyrangê Bolívar Soares Nogueira de Hollanda Lima. É o nome do camarada. Antes Capitão da intendência da força aérea, depois Coronel. Depois da entrevista do Hollanda não ficou pedra sobre pedra. E eu acho que nós demoramos muito para cair a real de que a gente tinha que fazer um “auê”. Rápido, né? Com relação às declarações dele, demorou uns anos aí até que a gente se conscientizasse aí que tinha que fazer e foi feito. Mas o Hollanda foi a grande pedra inicial jogada nesta vidraça. (Entrevista com Ademar Gevaerd – Curitiba)

Depois desta breve apresentação sobre a importância de Uyrangê Hollanda na desclassificação dos documentos, Gevaerd passou a me contar sobre o processo da entrevista e as circunstâncias da morte do Coronel. O encontro ocorreu em 1997, como já apontei, e o contato de Hollanda com Gevaerd se deu em um segunda-feira, dia posterior à exibição de um programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, em matéria na qual o ufólogo aparecia com a seguinte

¹⁹⁸ Esta informação é absolutamente difundida entre os ufólogos. As dezesseis horas de filme e o restante das fotografias mencionadas pelo Coronel Hollanda na entrevista ainda não foram desclassificadas. Confirmei este dado a partir de uma consulta pessoal ao Arquivo Nacional em Brasília em 2012, durante o levantamento de material documental para a construção do presente capítulo. A aeronáutica não depositou arquivos filmicos e estes não fizeram parte de sua remessa, ocorrida a partir do *lobby* da Comissão Brasileira de Ufólogos junto às forças armadas e posteriormente por meio do acionamento da Lei de Liberdade de Informação.

chamada: “Gevaerd: o grande caçador de documentos secretos da força aérea brasileira.” Hollanda, após assistir a esta reportagem, ligou para o pesquisador dizendo que decidira falar sobre o caso da Operação Prato, uma vez que estava na reserva e não tinha mais nenhum constrangimento da Aeronáutica que o obrigasse a manter os segredos. Gevaerd, que tentou contatá-lo outras vezes, ao ser informado pela secretária de que era o Coronel Hollanda quem telefonava para o seu escritório se assustou e pensou ser inclusive uma “gozação” de algum colega que sabia que ele ansiava por aquela entrevista.

Ele narrou que prontamente ligou para Marco Antônio Petit, tomou um avião e na mesma semana estava em Cabo Frio. Nesta ocasião foi recebido com amabilidade pelo Coronel, mas notou que ele mancava de uma perna. Ao perceber que Gevaerd havia percebido a dificuldade no andar, mencionou:

"Não liga não que eu tô mancando. Isto aqui foi que eu tentei estes tempos atrás me jogar aqui. Eu tava muito deprimido. Tentei me jogar aqui do prédio. Do terceiro andar. E o resultado foi isto aqui." Ele já tinha tentado antes o suicídio e tentou outras vezes depois. Ele era um homem deprimido. Muito deprimido. Ele tinha problemas... (Entrevista – Ademar Gevaerd)

A rememoração de Gevaerd sobre o encontro com o Coronel Hollanda em sua casa, serve ao propósito de sustentar o argumento, desenvolvido mais tarde na entrevista, segundo o qual a morte do capitão Hollanda não se deu por qualquer tentativa de silenciamento em relação à entrevista que dera. De acordo com o seu argumento, fundado no testemunho pessoal da situação física do Coronel e do reporte acerca da tentativa de suicídio anterior, Hollanda teria se matado. Diante deste comentário, eu sugeri a possibilidade da morte motivada por queima de arquivo, mas Gevaerd rebateu enfaticamente que não havia “lógica” em matar alguém depois que ele houvesse revelado os segredos militares sobre a operação. Eu insisti dizendo que, ainda assim, a teoria segundo a qual o Capitão Hollanda teria “silenciado” parecia ser defendida por algumas pessoas que tomaram contato com a integralidade do caso, ao que ele replicou:

Foi defendida esta teoria por uns lunáticos ainda. Eu canso de falar: O Uyrangê Hollanda se suicidou. Não foi o Governo que suicidou ele. Qual é a lógica de matar um camarada depois dele revelar tudo o que sabe? Você não mata ele antes... depois de revelar... E outra, por que é que não mataram o Gevaerd e o Petit, se ele revelou pra nós os fatos. (Entrevista – Ademar Gevaerd)

Na mesma entrevista, apesar de ser enfático quanto à negação de que aparentemente não houve participação do Governo no suicídio do militar, Gevaerd comentou que ouvira algumas teorias, em data próxima da entrevista que me concedeu, formuladas para explicar o autoextermínio de Hollanda. O ufólogo ponderou que ainda estava considerando essas informações e externou claramente a posição de que essas teses foram sustentadas por outras fontes, não dispondo ele de qualquer confirmação para elas. Tais teorias apontavam para o fato de que talvez, na sua trajetória profissional enquanto militar durante um período no qual o Brasil vivia sob uma ditadura, Hollanda tivesse cometido atos de cuja memória não conseguia se livrar, tendo sido levado finalmente a autoimolação para por termo aos arrependimentos.

O meu interlocutor também observou que ouviu relatos de que Hollanda teria agido de maneira truculenta e autoritária nas redações de alguns jornais de Belém, especialmente para confiscar fotos da Operação Prato.

Ele entrava nas redações dos jornais chutando portas. Os jornalistas tinham medo dele. Ele confiscou muitas das fotografias que surgiram por aí como sendo fotos de UFOs da Operação Prato. Na realidade foram feitas por jornalistas de jornais de Belém. Por isto que cai por terra esta afirmação bobinha, que foi publicada no site “Ceticismo Aberto”, de que o filho do Sargento Flávio teria fraudado as fotos. Então as fotos foram feitas. Estas que eram mais conhecidas há um tempo atrás, elas foram todas feitas por jornalistas dos jornais. Elas foram confiscadas pela Força Aérea Brasileira. As vezes não foram nem confiscadas na base da porrada. Foram requisitadas e publicadas. Então muita gente diz: Olha as fotos que a força aérea fez. Não foi a força aérea. Foram os jornalistas locais., né? Bom, aí o Uyrangê era um tipo truculento. (Entrevista – Ademar Gevaerd)

O suicídio do militar, quando consideradas estas outras hipóteses, pode ter sido influenciado por uma trajetória de memórias de atos negligentes, assim como violências praticadas durante a ditadura militar no Brasil. Outros elementos ainda figuraram como explicações para a sua ruína, enrolado em uma corda de roupão amarrada à cama. Gevaerd

observou que ouviu histórias sobre o remorso advindo depois de uma ruptura familiar -o que figuraria como uma das motivações para o suicídio - , assim como afirmações de que ele tinha dívidas com credores, os quais lhe tiraram a vida, mas emularam o cenário de um auto-enforcamento. Gevaerd comentou que esta hipótese lhe gerava desconfiança - "a menos que se tratasse de vingança", ponderou - uma vez que não faria sentido assassinar um indivíduo inadimplente, pois isto não faria com que ele quitasse as suas dívidas. O ufólogo lembrou ao final da entrevista que todas estas explicações para o suicídio que se baseavam em sua história pessoal diziam respeito a hipóteses que tinha ouvido nos meios ufológicos e que não tinha disponíveis o testemunho do militar ou os relatos de sua família sobre os eventuais "remorsos".

Depois de entrevistar Ademar Gevaerd, tive a oportunidade conversar com outras pessoas sobre o mesmo caso, isto é, sobre a morte do Capitão Hollanda ocorrida após a entrevista que dera aos ufólogos da Revista UFO. Entre eles estava Ronaldo¹⁹⁹, a quem perguntei se tinha qualquer consideração a fazer sobre o suicídio.

Eu achei muito estranha aquela morte. Dois meses depois do cara ter aberto sabe o verbo e dito tudo. E desenhado... Sabe toda a informação. Inclusive por causa dele a gente sabe que está faltando vídeo, filme.. Porque diz que tinha 5, 8, filmes. Não sei mais a quantidade. E não apareceu nenhum. E fotos de disco que disse que tinha mais de 500 e apareceu meia dúzia de fotos lá. Então, a partir daí a gente sabe que não liberaram tudo que tinha que liberar. Então ficou meio Vladimir Herzog. O cara se enforca com as pernas assim. O cara se enforca sentado no chão. Eu não sou legista, mas eu acho que existe um instinto da pessoa. Chega uma hora... Por isto que os caras se enforcam sem nada embaixo. Tu dá um chute na cadeira e aí não tem como voltar atrás. Agora o cara tá ali sentado no chão. O que vai fazer? Vai fazer assim ? Ele vai puxar pra fazer isto. Eu, sinceramente, pra mim aquilo é a coisa mais falsa que eu já vi. Não sei como uma pessoa vai se enforcar daquele jeito, amarrado na cama. Pra mim é o Vladimir Herzog. Mas como a gente não tem como provar, fica por isto mesmo. Mas eu sempre desconfiei daquilo. (Entrevista com Ronaldo*)

Ronaldo teme que o caso do Coronel Hollanda seja semelhante àquele do Jornalista Vladimir Herzog, quem teve o suicídio forjado durante a Ditadura Militar no Brasil. Segundo a sua narrativa, as condições em que a morte ocorreu são suspeitas e a negação de alguns ufólogos

¹⁹⁹ Para evitar eventuais complicações para o meu interlocutor aqui emprego um pseudônimo.

da fragilidade da tese que prefere a versão de um suicídio, pode ter que ver com um desejo de não perturbar a delicada relação que os movimentos pela desclassificação de documentos militares envolvendo Objetos Voadores Não Identificados mantém com as forças armadas.

Não sei nem se o Gevaerd não diz para não ferir alguma suscetibilidade, para ficar bem com os caras. Afinal, né? É compreensível. Os caras estão liberando aos pouquinhos. Não estão liberando tudo o que a gente quer, mas alguma coisa a gente tá liberando. Se bater com os caras de novo eles vão trancar de novo. Acho que ele não quis entrar no mérito até pra não abalar a relação, que já tava ficando melhorzinha. O namoro já tava começando. Não quis piorar o negócio. (Entrevista com Ronaldo)

As fotos da Operação Prato e a polêmica sobre as ampliações intencionais

No capítulo sete explorarei de maneira mais detalhada o modo como a análise de imagens é levada a cabo pelos ufólogos especialistas em reconhecer fraudes, pareidolias e distorções de diversas ordens. Para o contexto deste tópico me atenho somente à descrição de um caso que articula as imagens produzidas na ocasião da Operação Prato e a eventual disputa sobre a sua “veracidade”. Tal componente da “trama” adiciona uma outra dimensão à descrição que até então eu vinha fazendo, qual seja, a instância discutida a seguir aparenta ser um dos poucos momentos nos quais parte do material produzido durante os anos da incursão militar capitaneada por Uyrangê Hollanda é questionado e a própria realidade das luzes Chupa-Chupa é colocada em questão.

Estou me referindo à entrevista de Fernando Costa, filho de João Flávio de Freitas Costa, um dos militares que assinou um dos relatórios produzidos durante a Operação Prato. A entrevista foi publicada em um site de nome “Ceticismo Aberto”, que goza de bastante popularidade entre os *céticos* – alcunha recebida por aqueles que se prontificam a questionar, criticar ou denunciar algumas assunções e pesquisas realizadas por ufólogos e outros pesquisadores que dirigem os seus esforços para temas correlatos, como os parapsicólogos e criptozoólogos.

No referido documento, Fernando Costa, entrevistado por Kentaro Mori e pelo jornalista Jeferson Martinho, fala desde a perspectiva do filho de um dos militares envolvidos na operação sobre certos detalhes do caso. Comenta aspectos sobre a personalidade do Coronel Hollanda, descreve os interesses pessoais de seu pai pelo caso e, em certa parte da entrevista, observa que ele próprio, de maneira paralela, participou da Operação:

Durante o período da Operação Prato, foi montado, com equipamento do I COMAR, um laboratório de revelação fotográfica no quartinho de empregada da nossa casa, na vila militar. A minha participação na revelação de algumas fotos da operação foi imposta por ele: *“Era melhor eu estar aprendendo coisa que não presta, na rua”*. Hoje eu posso entender, mas para um adolescente aquilo gerou uma imensa revolta. *Enquanto eu revelava as fotos no quartinho, ele ficava na sala, redigindo relatórios desenhando muitas das ilustrações da Operação. Nesse período, a raiva acabou vencendo a razão e eu passei a “sacanear”, ampliando qualquer ponto luminoso impresso no filme que ficasse parecido com um “disco voador”²⁰⁰*. Depois, algumas dessas fotos vazaram, não sei de que forma, e eu ria muito quando tinha notícias de publicações delas em livros de ufologia. Eu dividia o motivo da risada apenas com alguns amigos mais chegados. (Disponível em <http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/1026/operao-prato-revelaes-de-fernando-costa> - Acessado em março de 2014)

Note-se que Fernando Costa não deslegitima a Operação Prato na sua integralidade. Contudo, ao narrar a sua participação pessoal na ampliação intencional de algumas fotos, motivado pelo descontentamento com a imposição do pai do aprendizado daquele ofício, ele termina colocando em questão alguns dos materiais mais substantivos em posse dos ufólogos. Ora, se ampliações intencionais foram feitas com vistas a gerar borrões com contornos parecidos a objetos discoides, toda a pressão feita por alguns ufólogos ao Ministério da Defesa para liberar o restante das fotografias mencionadas pelo Coronel Hollanda deixa de fazer sentido.

No entanto, as alegações de Fernando Costa acerca de sua participação na produção de ampliações das fotos feitas em Colares pelos militares envolvidos na Operação Prato foi questionada em um artigo publicado na principal revista de ufologia em circulação no Brasil. O referido texto, de título “Desmontando uma óbvia falácia cética”, depois de apresentar a

²⁰⁰ Grifos meus.

trajetória das tentativas de atacar a Operação Prato, se dirige diretamente ao conteúdos do comentário de Fernando Costa. No texto, o jornalista da Revista UFO comenta que a maioria das imagens disponíveis para os ufólogos anteriormente à liberação de parte dos documentos pela Aeronáutica provinham das equipes de fotografia de diferentes jornais do Pará, fotografias estas que terminaram confiscadas pelos militares no curso da investigação. O jornalista ainda apresentou um segundo argumento:

E além de tudo, é simplesmente incabível que um integrante da equipe de militares e especialistas da Força Aérea Brasileira fosse entregar a um adolescente uma tarefa tão importante quanto a revelação das fotos de discos voadores obtidas durante a operação.
(Disponível em <http://www.ufo.com.br/artigos/desmontando-uma-obvia-falacia-cetica> - Acessado em março de 2014)

Outros desdobramentos: a Operação Prato nunca terminou?

Um enigma é puro jorro. Der Rhein. Hölderlin

Como já observei anteriormente, um dos traços característicos dos casos ufológicos consiste na afirmação frequente dos ufólogos de que, a despeito do volume de "dados" reunidos, das múltiplas testemunhas contatadas e do contato com documentos secretos, algo ainda remanesce por ser revelado. Do material coligido quase sempre se diz que não está completo, que uma foto, um vídeo ou uma nova testemunha poderia reorientar completamente os rumos do caso.

No que tange aos casos nos quais prevalece a suspeita ou a certeza de que houve a participação de forças militares, não é incomum que se argumente que o Exército ou a Aeronáutica tenham continuado a desenvolver pesquisas sobre os eventos que envolveram a presença de seres ou naves extraterrestres por períodos que ultrapassam aqueles descritos nos documentos ou informados pelas testemunhas.

A última observação parece valer para uma variedade de situações. Acerca do episódio relativo à captura de seres extraterrestres em Varginha-MG por militares em 1996, por exemplo, há nos meios ufológicos a tentativa de descobrir o destino dado a eles. O referido caso envolveu à época pesquisadores ufológicos, militares dos Bombeiros e da Escola de Sargento de Armas de Três Corações –MG, além de testemunhas civis. Passados dezoito anos do ocorrido no sul de Minas Gerais, ainda se especula sobre a possível participação de um hospital da UNICAMP na tutela dos corpos, sobre a morte de um militar que teria tido contato com um dos seres e o posterior envio para os Estados Unidos dos restos dos extraterrestres resgatados.

No que concerne à Operação Prato, o mesmo tem ocorrido. Não apenas se afirma nos meios ufológicos que as luzes continuam agindo na região do Salgado e em outras regiões amazônicas, como se sustenta que as investigações militares que tinham como área de atuação aquela região nunca terminaram. A este respeito, mais de uma vez ouvi de meus interlocutores a referência ao fato de que na Amazônia e, em particular, na Região do Salgado, era frequente a observação de óvnis.

Durante a pesquisa de campo em Colares, por exemplo, escutei do ufólogo Hilberto Freitas – já mencionado nas linhas anteriores - , uma história que narrava a excursão junto a alguns amigos de São Paulo à Praia do Machadinho, localidade da Ilha onde estavam ausentes as humanas e cenário do aparecimento das luzes Chupa-Chupa durante a década de 70. Segundo Hilberto o passeio na referida praia aconteceu muito depois dos eventos investigados pela Operação Prato e, mesmo passados os anos, ainda se viram luzes no céu em movimentos não randômicos, o que fez com que um dos passageiros da Kombi que ele dirigia se desesperasse.

Ainda no que concerne à constância das luzes, no II Fórum Mundial de Contatados, realizado em Curitiba em maio de 2014, ao conversar com Walcyr Monteiro, folclorista

paraense, pesquisador de lendas amazônicas e frequentador assíduo dos meios ufológicos, ouvi dele o relato de que as luzes do tipo Chupa-Chupa são recorrentes em outras regiões da Amazônia.

Como observei no parágrafo introdutório, as especulações sobre a continuidade e recorrência do aparecimento das luzes completam-se com o minerar de informações pelos ufólogos que os conduzem a supor que a operação da força aérea com vistas a investigar esta qualidade de luzes nunca teria terminado.

A este propósito, registrei em minhas anotações de campo reservadas à lista de discussões online da Revista UFO uma discussão ocorrida em 31/10/2012. Ela fora motivada por um documentário que um dos membros da lista assistiu no canal *History Channel*, o que o incitou a enviar uma mensagem intitulada de “A operação Prato foi estendida secretamente?”, contendo um pedido de esclarecimento sobre o seu encerramento e sobre a informação relativa à participação de militares americanos.

No mesmo dia, algumas respostas foram enviadas. Um dos assinantes da lista sugeriu que tinha informações de que a Operação Prato teria se prolongado até 1979, ressaltando que:

Naquela época já havia troca de informações com militares americanos e vez ou outra vinham ao Brasil para constatar o fenômeno. [...] militares brasileiros (FAB e SNI) pesquisaram o fenômeno "Chupa-chupa" na Amazônia do final de 1980 até 1983, quando então cessou parcialmente a forte "onda" de aparições e ataques na região norte do País. O fenômeno continua ocorrendo na região de forma esporádica. Por exemplo, em 2002 quando estive no sul do Maranhão vi pessoas atacadas no peito por luzes e entrevistei várias delas que viram "pequenas criaturas cinzentas" até dentro de suas humildes casas de madeira... Espero ter esclarecido um pouco o assunto. (Lista de e-mails – Revista UFO – 31/10/2012)

A resposta de Edison Boaventura Júnior suscitou que outros membros reagissem em torno da colocação da continuidade da referida Operação. Ademar Gevaerd, editor da revista UFO e moderador da lista anotou que algumas das informações oferecidas pela colega coincidiam com aquelas que possuía. Gevaerd comentou que a Operação Prato teria prosseguido

até 1979, porém com outro nome. Ainda arguiu que “... mais que a troca de informações com os norte-americanos, a Operação estava mesmo sob o comando deles.” (Lista de e-mails – Revista UFO – 31/10/2012)

O editor da revista anexou um artigo publicado na Revista UFO 158, de 2009. Com o título “A Operação Prato foi mesmo encerrada”, o texto consiste em um breve levantamento de alguns dos aspectos factuais do caso, que rememora os leitores sobre a entrevista com o Coronel Hollanda, concedida em 1997. Naquela ocasião, o militar comentou que logo após ter um contato aberto com os extraterrestres em uma nave em formato de barril, dirigiu-se a Protásio Lopes de Oliveira, Comandante da I COMAR, entregou o material resultante da Operação e relatou o contato direto ocorrido dias antes. Ao retornar um dia depois, foi instruído a encerrar a operação. O autor do artigo, Ademar Gevaerd, comenta o episódio:

À esta pergunta soma-se a mais inquietante de todas: por que o Comando da Aeronáutica decidiu encerrar a Operação Prato em seu auge? É absolutamente desrespeitoso com nossa inteligência que nos façam querer crer que, tendo como um de seus principais objetivos a tentativa de contato com tripulantes dos UFOs, a Operação Prato tenha sido encerrada justamente quando isto ocorreu! É simplesmente improvável que a missão militar que tinha a função de determinar a natureza das manifestações no Pará, além de estabelecer contato oficial com seus responsáveis, tenha sido cancelada justamente quando se constatou que a origem do fenômeno era extraterrestre – e embora fosse terrivelmente hostil com os moradores, nenhum dos mais de 30 homens que participaram daquela missão militar foi atacado uma só vez. (A operação Prato foi mesmo encerrada, Revista UFO 158, 2009)

Alguns parágrafos à frente, Ademar Gevaerd observou que não apenas havia tomado providências para conhecer o futuro da Operação Prato após a dispensa de Hollanda, como também ouvira de uma fonte que ainda precisaria permanecer anônima, que a incursão militar continuara nos anos 80, aportada de aparato técnico superior e “muito mais secreta”, mobilizando a participação de militares americanos.

*

Neste ponto, interrompo a descrição sobre os diferentes arranjos que constituem e são constituídos pelas luzes Chupa-Chupa, para sumariar com brevidade os contornos dos meus

movimentos até aqui. Defini o objetivo deste capítulo como a tentativa de descrever os meandros de um caso ufológico. Para tanto, recusei o recurso a uma narrativa integral sobre o caso, que começasse apontando o local onde ocorreu, a data precisa de início e de fim e seguisse com um relato inteiramente consistente. Observei que na recusa em proceder deste modo participou a percepção de que caso o fizesse, terminaria obliterando as diversas conformações que ele assume. Estas não só apontam para dissonâncias nos "conteúdos" dos testemunhos, como dão conta de incertezas sobre as datas dos diferentes eventos - daí a visível imprecisão.

Ao evitar uma narrativa integral, fiz com que a estética do texto espelhasse a estética do caso- sem ignorar, entretanto, os constrangimentos que a escrita acadêmica impõe sobre este tipo de exercício. Desta feita, se o caso ufológico se constrói ao modo de um *labirinto*, no qual toda saída é, sobretudo, *mais uma vez uma entrada*, procurei neste capítulo modular as descrições do caso da mesma maneira. Assim, os subtópicos que escrevi nunca fecham a trama. Tampouco se constituem como "empilhamentos" de elementos desconexos. Vejo cada descrição como uma galeria do referido labirinto (note-se que as últimas edificações podem conter algo mais que corredores). Galerias de múltiplas saídas/entradas, que necessariamente levam a outras.

Lembremos que um labirinto também pode ser uma armadilha. Alberto Corsín-Jimenez , no artigo *Three Traps Many*²⁰¹ (Corsín-Jimenez, 2013:1), ao nos apresentar o que autor nomeia de "non representational epistemes" (Corsín-Jimenez), recorre à obra do artista Cornelius Gjisbrecht. A última leva o título "The reverse side of a painting" e é a pintura dos fundos e da moldura de uma tela onde consta a estrutura de madeira que forma a armação do quadro. Segundo Alberto Corsín-Jimenez a tela "[...]marks the culmination of that tradition of baroque art that inaugurated the conditions for meta-pictorial reflection." (Corsín-Jimenez,2013:2) Mas

²⁰¹ CORSÍN-JIMENEZ, Alberto. Three traps many. UC Davis Sawyer Seminar - Indigenous Cosmopolitics. 2013 (Mimeo)

o que interessa ao antropólogo espanhol, não é apenas "the birth of painting as a non-representational activity" (Corsín-Jimenez,2013:3). Interessa-lhe, sobretudo, "[...] this need to reverse the canvas, back to front, and back again..."(Corsín-Jimenez,2013:3). Nos termos do autor, tudo se passaria como se a tela, operando como uma armadilha, alimentasse o movimento de virá-la de um lado a outro, à procura de uma outra imagem. Permitam-me fazer uma analogia da obra de Gjisbrecht e do caso do qual tenho me ocupado. Se o quadro, nos termos Corsín-Jimenez, se apresenta como uma armadilha²⁰², na medida em que somos tomados por aquilo que ele apelida de "flipping compulsion", o caso ufológico anteriormente descrito pode ser visto de forma similar, uma vez que aquilo que os ufólogos fazem diante dele não é outra coisa senão virá-lo; virá-lo mais uma vez; revirá-lo.

No próximo capítulo me ocuparei de modo mais detido sobre alguns dos aspectos envolvidos neste movimento de busca por informações sobre casos ufológicos. Eu me refiro às acusações de acobertamento militar, à articulação da noção de desinformação e ao ativismo ufológico pela liberação de documentos em posse do governo.

²⁰² De acordo com o autor, a armadilha não ocorre apenas para quem contempla o quadro. A tela promove uma "oscilação entre um ponto de vista centrado no humano e um ponto de vista centrado no objeto, entre uma localização epistemológica e outra ontológica [...]" (Corsín-Jimenez,2013:3) (Tradução minha)

Capítulo 6 – A pragmática do segredo

Os nativos da terra dos OVNIS são os relatórios e as pessoas que fizeram tais relatórios. (J. Allen Hynek)

Este capítulo responde a dois objetivos. Em primeiro lugar, procura-se pensar a relação de coletivos ufológicos ativamente empenhados em estudar e investigar a temática da ufologia e certos órgãos do Estado brasileiro, que são tomados como “virtuais” detentores de informações potencialmente valiosas para estas pesquisas. Subjaz aos múltiplos movimentos de pedido de “desclassificação”²⁰³ de documentos militares a suposição²⁰⁴ por parte dos ufólogos neles envolvidos de que o Estado detém maior número de registros de ocorrências ufológicas do que já revelara ao público. Ademais, estima-se que o que já fora liberado, não consistiria em todo o volume de documentos que os órgãos militares deteriam e que as informações contidas nesses lotes remanescentes não só revelariam mais casos ufológicos, como contribuiriam para o aprofundamento da pesquisa de casos já conhecidos.²⁰⁵

A pressão por parte destes coletivos no sentido de promover a liberação de mais documentos, não apenas repousa na articulação da noção de “acobertamento²⁰⁶” - que se define pela indicação da intencionalidade dos poderes constituídos no Estado na negação da existência ou proporção dos casos ufológicos – , mas também em sucessivos “vazamentos” de informações confidenciais que sinalizam para ocorrência de casos que eles ignoram. Portanto, nesta articulação entre o fenômeno UFO e o segredo, pondera-se que é o Estado – personalizado na figura de agentes militares – quem retém as informações a despeito da população e dos ufólogos.

²⁰³ O termo desclassificação é uma tradução da palavra “desclassification”. Esta se refere à mudança do nível de sigilo de um documento – ou de um grupo deles – , de tal forma que este passe a estar disponível para o acesso do público.

²⁰⁴ De algum modo, trata-se menos de uma suposição e mais de uma estimativa de que há documentos não liberados pelo Governo.

²⁰⁵ Remeto os leitores ao capítulo anterior, no qual é sinalizado que parte dos documentos relativos à Operação Prato ainda não estão em poder dos ufólogos.

²⁰⁶ Na literatura norte-americana emprega-se o termo “cover-up”.

Em última análise, se acompanharmos os movimentos dos últimos, tudo se passaria como se houvesse de fato algo a ser revelado, que permanece sendo codificado, proibido e “despistado”. Conforme observa Annelise Riles, “Many of the buzzwords of the moment – from transparency to accountability – are in practical terms calls to documentation.” (Riles, 2009:6)

Se neste primeiro cenário seria o Estado o agente do acobertamento, durante minha pesquisa de campo, e particularmente ao acompanhar o ufólogo Alberto Francisco do Carmo, tomei contato com outra forma de colocar a questão. Baseado em alguns estudos de caso, em investigações próprias e nos apontamentos do ufólogo americano John Keel (1996), Alberto argumenta que o acobertamento seria produto, sobretudo, dos extraterrestres. Desta feita, se os contactados e abduzidos às vezes podem fazer afirmações consideradas absurdas, isto tem que ver com o fato dos extraterrestres lhes contarem histórias falsas, que servem ao propósito de camuflar as suas operações na Terra.

Tanto o movimento dirigido ao Estado, quanto a tese de Alberto respectiva à “cortina de fumaça” criada pelos extraterrestres, operam com a noção de segredo, uma vez que supõem que as informações sobre a vida inteligente fora da Terra escapam aos ufólogos, que há algo ainda por descobrir e que a história não fora completamente contada. Como já sinalizei anteriormente, apoiado no argumento de Susan Harding e Kathleen Stewart (2003), se por um lado o segredo é aquilo que espera ser completamente desfeito – desde a forma como os ufólogos o concebem – por outro, ele age como uma espécie de catalisador da ufologia.

Nos dois casos que serão trabalhados em seguida, é o segredo aquilo que faz com que a ufologia circule. Entretanto, em cada um deles, estas formas de circulação assumem feições bem distintas.

No primeiro caso, relativo às acusações de acobertamento empreendidas por humanos, a ausência dos documentos – ou de suas partes remanescentes – coloca em movimento os processos com vistas a ensejar a sua liberação. Mas é na posse dos arquivos confidenciais vazados, naqueles indícios de uma presença incompleta, “por fazer”, que se revela a ausência. São nos discursos de militares dissidentes, nas gafes, nas afirmações impróprias, nas mudanças súbitas de posição, que se antecipa que algo ainda que não fora revelado. Em suma, tudo se passaria como se a parcialidade da visão dos óvnis, fosse homóloga à parcialidade das “provas” de que eles estão presentes, de que foram investigados, de que o Estado – às escondidas – detém informações sobre eles.

No segundo caso, o segredo se abriga menos na posse parcial de documentos, mas no fato de que os extraterrestres, conforme percebera o meu interlocutor, se valem de mecanismos para camuflar a sua presença na Terra. O segredo, neste caso, se revela nas falas daqueles que tiveram contato com os aliens. Entretanto, seus comentários sobre a vida além-Terra não são tomados como descrições perfeitas sobre a vida alienígena, mas como indicativos de que os contatados estão sendo deliberadamente desinformados²⁰⁷ para que o sigilo seja mantido.

Acobertamento ufológico: duas perspectivas

A noção de acobertamento é um traço fundamental para entender a dinâmica das pesquisas ufológicas. Sua importância se revela na articulação deste conceito nos primeiros casos de óvnis reportados nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, em sua contemporaneidade, considerando que o termo, tanto lá quanto cá, via de regra é empregado para pensar as relações entre os ufólogos e governos. De modo geral, a noção de acobertamento serve à duas teorias diferentes.

²⁰⁷ Nas linhas seguintes exploro de forma mais detida a noção de "desinformação".

Efeito Miragem

A primeira, que goza de pouca popularidade entre os ufólogos, assume que os “óvnis são produto do acobertamento”. Isto é, que os relatos de discos voadores e seres extraterrestres são histórias criadas pelos militares, por agências do serviço especial ou pelos governos, com vistas a camuflarem operações humanas secretas, armas e aviões de guerra em teste, assim como toda sorte de aparato técnico que não poderia ter sido avistado por um civil ou militar não envolvido diretamente em sua confecção.

Nesta versão, as histórias ditas fantásticas sobre os óvnis seriam criadas para “despistar” segredos militares humanos, uma vez que o deslocamento das virtuais testemunhas para o domínio do extraterrestre, blindaria os governos da necessidade de fornecer qualquer explicação. Desta feita, de acordo com esta primeira abordagem, os governos seriam os agentes da desinformação ou da criação de “boatos”, na medida em que estariam agindo de modo a “criar” o fenômeno UFO para preservar um conjunto de segredos militares.

O exemplo modelar a este respeito pode ser verificado nas narrativas sobre a “Área 51”, base militar localizada no estado de Nevada, nos Estados Unidos, em relação a qual se supõe que a prevalência de relatos relativos aos supostos experimentos com discos voadores, serviria ao propósito de esconder a produção de armas militares. (Lepselter, 2005)

De modo semelhante, a obra *Mirage Men* (Pilkington, 2010), um best-seller que combina o relato pessoal do autor a um trabalho investigativo junto a ex-membros dos serviços de segurança americanos, talvez constitua o livro onde se desenvolve mais longamente esta perspectiva. Assinado por Mark Pilkington, o texto narra a ação de um agente especial do serviço secreto americano de nome Richard Doty, que tinha por tarefa criar histórias relativas a Objetos Voadores Não Identificados. Tais histórias, a princípio, visavam desmobilizar Paul Bennewitz,

engenheiro e físico, que interceptava mensagens de rádio e fotografava protótipos de aeronaves secretas nos arredores da Kirtland Air Force Base – Novo México. No trecho abaixo Pilkington descreve os esforços levados a cabo pelo referido agente para “proteger” a “segurança” da instalação militar:

Richard Doty’s role was to befriend Paul Bennewitz and steer him deep in his War of the Worlds fantasy. At the same time, Doty was secretly liaising with at least one respected UFO researcher, Willian Moore, who provided AFOSI with the latest details of ongoing investigations and research in the UFO Field. Moore’s information was then used to generate bogus government documentation that corroborated the UFO’s community’s suspicions of a top-level UFO cover-up and drew his fellow researchers into a rich pseudo-history of human-alien interaction that stretched back at least two thousand years. Moore, for his part, claimed to have been co-opted with the promise of genuine government UFO documents that would prove, once and for all, that extraterrestrials really were visiting planet Earth, and that US government was sitting on the biggest story in human history. (Pilkington ,2010:21)

O autor do trabalho reputa a Richard Doty, o agente da desinformação, a responsabilidade pela criação de grande parte do que chama de “mitologia ufológica”. De acordo com o trecho acima, Doty se infiltrava em contextos ufológicos, de tal modo a se fazer passar por um agente do governo disposto a entregar documentos secretos. Ao mesmo tempo, reunia informações sobre o estado dos debates em ufologia, com vistas a se munir de histórias para transmitir a Paul Bennewitz:

For me the really interesting part was that Doty and Bennewitz were the conduits, if not the source, for much of the UFO mythology that had emerged since the early 1980s. Stories about crashed UFOs, US government pacts with nasty ETs, alien harvesting of cattle and manipulation of human DNA, which had gained in potency and authenticity as they were retold through countless books, articles, films and TV documentaries. This was the forge of late-twentieth-century folklore, the heart of America’s Cold War dreaming and the world in which John and I, with our crop circle work, were already a small part. I had no idea whether Doty was a maverick or simply one of many agents working the same beat, though America’s intelligence agencies had always been associated with the UFO story. *Within the UFO community it was assumed that the CIA, the National Security Agency and others were tools in the cover-up of the Truth, but the Bennewitz affair suggested that the opposite might be the case, that these agencies were in fact responsible for much of the UFO mythology.* (Pilkington ,2010:22)²⁰⁸

²⁰⁸ Grifos meus

Esta primeira noção de acobertamento, como se nota, está articulada com processos de desinformação. Isto é, para que alguma informação reputada como importante seja mantida, é necessário propagar informações falsas. O segredo é mantido, ao custo da promoção de uma “máquina de segredos” de tal forma que os olhos dos observadores são dirigidos dos assuntos humanos, para os extraterrestres. Ou ainda, ele é emulado de tal forma que se possa garantir uma reação desejada de um alvo²⁰⁹, como sugere este documento vazado pela Wikileaks - um website que publica arquivos "vazados" de governos e instituições militares - intitulado "The truth behind UFO sightings and the U.S Air Force":

Were the Soviets the target for this? There are other, more subtle motivations from the U.S side. One is the idea of a super weapon. If unfriendly nations believe that you harbor alien technology that you have integrated into your own weapons systems and aircraft, then they have good reason to be afraid.²¹⁰

No caso que envolve o agente Richard Doty, ao consultar o número 204 do MUFON UFO Journal de abril de 1985, principal publicação dedicada ao tema da ufologia nos Estados Unidos, encontrei uma menção a ele em uma matéria intitulada *Kirtland Landing*. Esta, que aborda a tese do acobertamento propalada pelo livro *Mirage Men*, confirma a percepção de alguns ufólogos americanos de que Richard Doty operava como um agente acobertador infiltrado nos meios ufológicos.

Mais tarde, na edição de dezembro de 1989, o periódico editado pela MUFON publicaria uma palestra do pesquisador Willian Moore, na qual sugere-se que o agente Richard Doty, de fato, produzia documentos com vistas a promover *desinformação* nos meios ufológicos. Segundo Moore, esta se definiria como:

Disinformation is a strange and bizarre game. Those who play it are completely aware that an operation's success is dependent upon dropping information upon a target, or "mark," in such a way that the person will accept it as truth and

²⁰⁹ A noção de desinformação é altamente dependente da existência de um “alvo”.

²¹⁰ https://wikileaks.org/gifiles/docs/15/1576166_-not-completely-crazy-the-truth-behind-ufo-sightings-and-the.html (Acessado em 13/12/2014)

*will repeat, and even defend it to others as if it were true. Once this has been accomplished, the work of the counterintelligence specialists is complete. They can simply withdraw in the confidence that the dirty work of spreading their poisoning seeds will be done by others.*²¹¹ Those who want proof of how well the process works need only to look at the Bennewitz case, or the Aztec case. (MUFON UFO Journal, dezembro de 1989: 9)

*

Noto que embora esta versão sobre a noção de acobertamento esteja presente nos meios ufológicos, durante a pesquisa que conduzi no Brasil não fui remetido a esta forma de articular a noção de acobertamento salvo em uma única ocasião. E esta, diga-se de passagem, foi feita por um americano que palestrava num congresso ufológico em Peruíbe-SP. James Carrion era um dos principais convidados do evento e sua fala foi dedicada a apresentar a atuação dos *homens de preto* nos Estados Unidos.

Carrion apresentou uma profusão de exemplos, com vistas a mostrar que os *homens de preto*²¹² se valem de um número muito grande de técnicas para promover o acobertamento de informações, que vão desde o uso da “desinformação” até o emprego da violência física e mesmo de assassinatos, no intuito de fazerem desaparecer possíveis informantes. Ademais, usariam de meios de intimidação psicológicos, que promoveriam a redução das testemunhas a estados “paranoicos” e à criação de situações falsas, que conduziriam os ufólogos a serem enganados com pistas que os levariam a lugar nenhum.

Com vistas a fornecer um exemplo da forma de ação dos “homens de preto” Carrion debruçou-se sobre o caso da intervenção de um bilionário norte-americano de nome Robert Bigalow. Bigalow, segundo Carrion, seria o proprietário de uma rede de hotéis e teria feito fortuna a partir de enormes propriedades transcontinentais. No entanto, Bigalow também teria

²¹¹ Grifos Meus.

²¹² A figura dos homens de preto passou a ser popularizada com a série de produções filmicas americanas intituladas “Men in Black”, dirigidas por Barry Sonnenfeld. Os homens de preto são agentes secretos dedicados a um só tempo a gerir e “camuflar” a presença de seres extraterrestres na Terra. Diz-se que vestem ternos pretos, falam pouco e têm comportamentos estranhos.

interesse por temas aeroespaciais, que se coadunavam com seus projetos de criar um hotel no espaço. Depois de várias tentativas de lançar um balão espacial com uma cápsula para visitantes, Bigalow resolveu procurar os ufólogos, pois viu neles a oportunidade de encontrar “meios extraterrestres” para realizar o seu objetivo. Afinal de contas, se alguém tivesse alguma tecnologia alienígena disponível na forma de destroços e objetos deixados por nossos “visitantes”, estes seriam os ufólogos.

Com base nesta suposição, Bigalow contactou a Mutual UFO Network, convidou o comitê diretor para uma reunião e lhes ofereceu seiscentos mil dólares de financiamento para a investigação ufológica. Carrion, à época diretor da MUFON, questionou a origem do dinheiro em uma nova reunião, mas foi dissuadido pelos outros membros do comitê diretor a não recusar a oferta. Neste contexto, deixou a presidência da organização e alimentou a desconfiança da associação entre alguns dos membros da MUFON e os “homens de preto”. Ao final de sua palestra chegou a sugerir nexos entre Bob Lazar – ex engenheiro da “Área 51” que foi à televisão com vistas a divulgar os projetos de engenharia reversa localizados na base militar no estado de Nevada – e Robert Bigalow, avistados juntos no rancho do último, denominado Skinworker’s Ranch. Intuíam-se que Bigalow, a MUFON e o governo americano fossem parte de uma organização de inteligência, que teria entre os seus objetivos o acobertamento de informações ufológicas.

Ao final da palestra, procurei James Carrion, pois também me interessava realizar pesquisas junto a uma das associações da MUFON espalhadas por todo os Estados Unidos, com vistas a dar prosseguimento a minha pesquisa de campo. Embora já tivesse conversado com um físico nuclear que também fora membro da MUFON, Stanton Friedman, sobre o tema, achei aquela ocasião particularmente oportuna, tendo em vista que a despeito da notoriedade do último

– ele fora, em tempos anteriores, um dos principais investigadores do caso Roswell, ocorrido no Novo México em 1948 – James Carrion acabara de deixar a presidência da organização.

Carrion me indagou se eu era ufólogo, ao que respondi dizendo que fazia pós-graduação em antropologia e que conduzia um projeto de doutorado interessado em pensar os eventos ocorridos em Colares nos anos 70. Ele já conhecia o caso de longa data, tendo em vista que os ataques aos moradores da Ilha de Colares foram muitas vezes noticiados pelos meios ufológicos.

Carrion me apresentou a seguinte tese, tendo, dois dias depois, me enviado um e-mail com artigos contendo informações sobre o caso e também uma indicação de leitura. De acordo com ele, o que os habitantes da Ilha de Colares descreviam como “um foco de luz que vinha do céu”, não era outra coisa senão um tipo de experimento da CIA com os ribeirinhos. Neste sentido, este como outros relatos sobre extraterrestres configurariam um tipo de tática de desinformação propagada por agentes governamentais.

O governo detém informações sobre extraterrestres

“I have been to the darkest corners of government, and what they fear is light.”
(Mensagem de Edward Snowden ao jornalista Glenn Greenwald)

A segunda tese que relaciona o acobertamento aos governos tem maior popularidade que a primeira. Vale notar que diferentemente da afirmação segundo a qual os governos criam um "efeito miragem", a seguinte discussão não pressupõe que os óvnis sejam o resultado de criações intencionais e, portanto, fabulações. De outro modo, segundo esta outra forma de abordar a questão do acobertamento, o governo teria conhecimento das ocorrências envolvendo “discos voadores”, as investigaria – ou teria feito no passado – e disporia de registros documentais nos quais os incidentes teriam sido relatados.

Entretanto, parte ou toda esta informação é protegida dos civis, em função da atenção a uma ou mais das três teses: (1) a liberação da documentação sobre os discos voadores e sobre os encontros de aeronaves humanas com outras de origem extraterrestre geraria pânico na população; (2) a liberação da documentação exporia o sistema de defesa dos países visitados por extraterrestres, uma vez que embora pudessem reconhecer a sua movimentação nos radares, não disporiam dos meios técnicos para abatê-los; (3) a liberação dos documentos militares não ocorre porque alguns governos possuem alianças com raças extraterrestres e trabalham em cooperação com eles em uma espécie de permuta: neste arranjo os humanos fariam vistas grossas em relação aos casos de abdução e os extraterrestres forneceriam implementos técnicos para que estes países se desenvolvessem como superpotências.

Apesar das diferenças em relação aos possíveis motivos para se promover o acobertamento, vale mencionar que este modo de tratar o tema supõe que os governos e os militares detém segredos sobre os discos voadores que espera para ser revelado completamente. Os sinais indicativos da existência de tais segredos, como já argumentei, residiriam nas histórias, nas gafes cometidas por oficiais apressados ou ainda, em vazamentos operados por militares que estiveram envolvidos em alguma operação.

Ao mesmo tempo, segundo os ufólogos que concordam com alguma das versões relativas ao acobertamento, o próprio fato do governo possuir documentos sobre os extraterrestres – e, eventualmente, liberá-los – é um indicativo de que as inteligências extraterrestres existem e que foram registradas pelos aparatos oficiais de vigilância.

A seguir, percorrei algumas menções ao tema que surgiram durante as entrevistas que realizei com ufólogos brasileiros. Antes, porém, cumpre notar que a forma como este assunto

aparece nas falas dos meus interlocutores, ecoa as discussões empreendidas nos EUA sobre acobertamentos que se fazem desde o final da década de 40 e início da década de 50.

Não pretendo fazer um levantamento completo das primeiras ocorrências da ideia de acobertamento, mas Peebles (1994) e depois Cardoso dos Santos (2009) reputam à figura de Donald Keyhoe, autor do livro *The Flying Saucers Are Real*, a responsabilidade pelas primeiras observações sobre acobertamento militar de segredos relativos aos discos voadores. Vale ainda notar que, muito depois da publicação do referido livro, a questão ainda permanece central na interpretação de certos casos segundo alguns ufólogos americanos. Note-se como no trecho abaixo o ufólogo Stanton Friedman indica a existência de acobertamento na afirmação dos militares de que os destroços de uma aeronave alienígena seriam, na verdade, pedaços de um balão meteorológico. A propósito deste caso relativo à queda de um disco voador em Roswell, no Novo México, observa-se que a figura do balão meteorológico se tornou um dos principais indicadores da presença de acobertamento militar que, balizando as noções de "confusão" ou "mal entendido", afirma que o que fora encontrado “não era outra coisa que um aparato humano”.

About three hours after the story went out, it was canceled and replaced by another, quite different one: The wonderful "flying disc" was nothing more than the radar reflector from a wandering weather balloon that had somehow been misidentified by the first people to see it. (Friedman,1992:XIV)

*

Alianças com extraterrestres

O termo acobertamento é recorrentemente empregado pelos ufólogos no Brasil para pensar as relações do governo e dos militares com os Objetos Voadores não Identificados. A indicação de que há algo que não fora completamente revelado figura quase como um truísmo para quem se inteira dos temas ufológicos e os indícios desta suposição aparecem logo que se

entra no assunto. Max Diniz Carneiro, ufólogo brasileiro a quem me referi em capítulos anteriores, comentou: “Eu acredito que tanto o governo brasileiro como mais 19 outros governos, têm mais informações pontuais sobre o fenômeno UFO. Eles não divulgam pra não gerar um determinado descontrole do sistema que foi adotado.”(Entrevista – Max Diniz Carneiro)

Além da indicação de que as políticas de acobertamento estão presentes, encontra-se também a observação de que elas têm se arrefecido nos últimos tempos, muito embora os óvnis e o acobertamento governamental aparentem ser, desde os primeiros relatos respectivos ao tema, instâncias unidas por um vínculo de tipo univitelino:

Há um acobertamento, mas este acobertamento está se enfraquecendo. Os governos sempre acobertaram. Principalmente o governo americano, que é o mais interessado nisto. Porque eles veem isto como segredo de Estado, segredo militar. Inclusive eles levam naves acidentadas para a Área 51, que fica não sei se 70 km ou 300 km a noroestes de Las Vegas e lá, através de engenharia reversa, eles procuram pesquisar como funciona o disco voador. Ou seja: desmontam pra montar de novo. Ou seja, engenharia reversa. Isto aí. Pra descobrir como funciona, por causa da ânsia de dominação que os Estados Unidos tem, eles querem consolidar o domínio que já tem e expandir ainda mais o domínio. Então eles querem ter a maior vantagem ufológica possível sobre todas as outras nações. E eles então acobertam, porque é interessante pra eles acobertar isto aí. (Entrevista – Marcelo Escobar)

Nas entrevistas que realizei, Marcelo foi o único a salientar que o acobertamento governamental dos discos voadores responderia a interesses bélicos. No trecho acima, mobiliza-se a noção de “engenharia reversa” - termo que fora outrora usado para designar as relações entre os EUA e a URSS durante o período da Guerra Fria - para pensar a relação entre humanos e extraterrestres. Tal relação foi descrita como se o governo americano tomasse de empréstimo as tecnologias alienígenas para se desenvolver militarmente, assim como fazia quando eventualmente tinha acesso às aeronaves soviéticas.

A noção de engenharia reversa, popularizada nos meios ufológicos depois da revelação de Robert Lazar segundo o qual o governo americano se apropriaria das tecnologias

extraterrestres, repousa no pressuposto de que as naves que sofreram algum acidente e os aparatos que as equipam são desmontados com vistas ao desenvolvimento militar.

Susan Lepselter, ao narrar a sua participação em um grupo ufológico americano comenta as intervenções relacionadas a Bob Lazar:

People in Texas said that at Area 51, the government and the aliens work together. A man named Bob Lazar said he had seen the craft and with little seats for the aliens there. He said he'd had a big science job as a "physicist" at Area 51, but others said he was a low level tech worker on the periphery of the military industrial world. But the powers that be said Bob Lazar was lying or insane. Maybe Lazar was insane, but that didn't mean you could trust them. Maybe they had just used this insane guy and puffed up his story themselves as disinformation, so now anyone who told the truth about what they do would seem nuts. (Lepselter, 2005:180)

Durante sua entrevista, Marcelo Escobar aventou outra hipótese. Não apenas o acobertamento estaria ligado a possíveis experimentos de engenharia reversa – similares àqueles narrados por Bob Lazar –, mas também a uma cooperação entre humanos e extraterrestres. Marcelo aventou a hipótese de uma permuta entre *aliens* e humanos em que os últimos adquiririam tecnologias alienígenas e, em troca, seus governos omitiriam os casos de abdução levados a cabo pelos aliens.

E já teve casos de pessoas que disseram – pessoas de diversos lugares, que não se conhecem – dizendo a mesma coisa na regressão da memória. Dizendo que foram levadas – não pra dentro de uma nave – mas para um base secreta subterrânea e dizendo que lá tinham homens iguais a nós vestidos com uniforme das forças armadas norte americanas trabalhando junto com os Ets, os Greys. Então isto faz desconfiar que pode até haver um conchavo do governo americano e dos governos poderosos com Ets. Pra transferência de tecnologia dos extraterrestres pra eles e em troca eles dariam alguma coisa. Digamos assim, compactuar e fazer vista grossa para os avistamentos. Para os avistamentos, não, para as abduções. (Entrevista – Marcelo Escobar)

As naves alienígenas expõem a fragilidade dos sistemas de defesa aérea dos governos

A segunda tese aventada para explicar porque os governos e, fundamentalmente, os militares retêm informações respectivas à incidência de visitas extraterrestres na Terra consiste na afirmação de que revelá-los seria expor a fragilidade do sistema de defesa aéreo terráqueo. Assume-se que sendo os militares responsáveis pela “segurança nacional”, caso todas as informações viessem à público, a própria imagem dos militares seria abalada.

Ademar Gevaerd, na entrevista que me concedeu, além de propor uma relação de cooperação com os militares com vistas a aumentar a compreensão do fenômeno UFO, articula claramente esta posição. Note-se, entretanto, que na fala de Gevaerd não aparece uma acusação de acobertamento, mas se aponta para os motivos que conduzem os governos a não revelarem maior número de informações. Nos tópicos seguintes ficará claro que este posicionamento opera estrategicamente, uma vez que nos últimos anos, depois de inúmeros pedidos de ufólogos pela desclassificação de documentos, a Aeronáutica enviou um considerável volume de páginas de registros ao Arquivo Nacional em Brasília. Desta feita, adotar uma postura agressiva em relação às forças armadas significaria correr o risco de interromper o canal de comunicação que fora aberto por ocasião do trabalho da Comissão Brasileira de Ufólogos:

Os militares já se interessavam porque viam que havia um fenômeno que era digno de nota, muito tempo antes. Por quê? Porque era algo que confrontava o papel do Estado na Segurança Nacional. Porque um objeto voador não identificado que entre no território brasileiro, ele é como um avião paraguaio cheio de drogas, que entra no território brasileiro. É um invasor. Isto tem que ser tratado. A diferença é que no caso do invasor paraguaio, nós temos coibir aquilo, fazer o aviãozinho pousar, prender os caras, empenhar o avião e a droga. No caso do disco voador não. A tecnologia é muito superior. O objeto pinta e borda, faz o que faz. *Então é natural que os nossos militares desde sempre tenham tido interesse em relatar este fato e por não ter resposta a dar à sociedade, sobre quem eram estas tripulações, eles se mantiveram calados. É natural. O pensamento militar é: a gente tem que ter controle de tudo. Mas se a gente não conseguir explicar ou controlar algo, é melhor a gente não dizer. Não dizer que existe ou dizer que não existe.*²¹³ Só que os tempos mudaram. Hoje a sociedade está mais apta a compreender a incapacidade dos militares e dar uma resposta

²¹³ Grifos meus.

para este fenômeno. Isto não é algo que comprometa a sua ação enquanto forças armadas. Não é algo que vai depor contra eles. Eles não podem explicar. Os ufólogos também não podem explicar adequadamente o fenômeno. Então, tanto nós, quanto os militares – quando eu falo em militares, eu falo também do governo -. Há elementos do governo federal, estadual, municipal, que sabem da realidade ufológica tanto quanto os comandos militares. (Entrevista – Ademar Gevaerd)

O mesmo ponto foi apontado por Daniel Conrado, ao aventar uma das duas explicações para o acobertamento governamental. Conrado, assim como Gevaerd, promove uma mudança em relação à primeira perspectiva sobre o tema: a reserva de documentos está baseada não no conhecimento sobre a mecânica dos discos voadores, mas na incapacidade de lidar com eles da mesma forma que se lida com aeronaves humanas. O acobertamento, portanto, resulta da incapacidade de “conhecer completamente” o fenômeno, e não da posse de informações privilegiadas sobre os extraterrestres. Em última análise, se os militares têm acesso a algo diferente do que os ufólogos possuem em seus arquivos, este algo é a “certeza” de que seres extraterrestres nos visitam.

Eu vejo assim: a gente sabe que as coisas existem e que muita coisa não é divulgada. Não tem como o cara mentir o tempo todo. Alguma coisa vai aparecer. Um vazamento aqui, um vazamento ali, um cara que não aceita isto. Eu acho que uma hora ou outra vai começar a aparecer. Já está vazando, né? Os governos são obrigados a liberar o material que tem em vários países. No Brasil já temos bastante coisa liberada. Não tudo que a gente queria, mas bastante coisa. Então eu vejo assim: eu fiquei pensando.. “Por que um governo não iria querer que fosse divulgado um tipo de assunto deste? Por quê? *Eu fiquei pensando basicamente nas forças armadas. Porque as forças armadas têm como objetivo básico proteger o país. Constitucionalmente as forças armadas servem para proteger o país. No momento em que eu admito que eu não sei o que está acontecendo, eu não tenho condições de controlar isto e o espaço aéreo brasileiro está sendo invadido a 2/3, à revelia e eu não sei explicar o que está acontecendo, não tenho nem hipótese para falar para as pessoas. Isto é um problema pra mim, né? Como é que eu sou o responsável pela segurança de um país e eu não tenho controle sobre as coisas que estão acontecendo. Então eu acredito que a coisa primordial seria isto, né? Porque tranca sempre nas forças armadas. A nossa busca de informações vai no governo e tal e chega nas forças armadas e tranca. Tranca nas forças armadas.*”²¹⁴ Então eu fiz a minha hipótese. Como eles tem por princípio esta atribuição, eles não conseguem lidar com isto, porque os caras não sabem o que é. Não tem "A Noite Oficial Dos Discos Voadores"? Entraram no Radar 21. O Osiris Silva pegou o jato e foi atrás dos caras. Até hoje ele dá entrevista dizendo isto aí pra quem quiser ouvir. Levantou jato de Santa Cruz, de Anápolis. Foi dada uma entrevista com todos os pilotos

²¹⁴ Grifos meus.

que levantaram voo no dia seguinte. O Brigadeiro chamou a imprensa e mostrou. No dia seguinte já não tinha acontecido nada. Porque ele não estava sabendo das ordens superiores de não dizer nada. Então abafaram o caso e nunca mais se falou nisto. Então, é evidente que existe um acobertamento. (Entrevista – Daniel Conrado)

Uma articulação similar da questão também aparece na fala de Toni Inajar, quem argumenta que o sigilo em casos relativos aos óvnis responde a uma obrigação profissional dos militares envolvidos nos registros de tais informações. Decerto que, conforme observa Toni, às vezes manter este sigilo é difícil e algumas informações terminam vazando. Há ainda que se notar que, de acordo com meu interlocutor, mesmo que os óvnis fossem uma ameaça à segurança nacional, não haveria motivos para os militares manterem o sigilo sobre "eles", uma vez que se “eles” decidissem ser agressivos, nenhum aparato humano poderia fazer frente às suas ações.

Os militares vivem sobre regra e sob um juramento. Então eles tem por uma obrigação profissional, reter este tipo de informação. Só que alguns consideram os casos tão fantásticos que não conseguem segurar isto. Acham isto até um absurdo que se retenha este tipo de informação e fazem vazar isto daí. O que os motiva achar um absurdo reter é porque quem retém considera isto uma questão de segurança nacional. Só que já foi declarado por vários países – França, Inglaterra e outros – que os avistamentos de discos voadores ou mesmo de seres não afeta a segurança nacional, não afeta a segurança aeronáutica, enfim, não tem risco nenhum. Em segundo lugar, caso eles decidam ser agressivos... o que nunca foram- eles já revidaram agressões – nunca parte deles ser agressivos. Nós não teríamos como nos defender. Então, o que adianta manter isto como secreto? A população poderia entrar em uma histeria caso soubesse que teriam um invasor e que a gente não tem defesa. Mais filmes do que já se passou aí mostrando invasão extraterrestre... Se você vai nas ruas, pergunta se as pessoas têm medo. Elas dizem: não, se viesse eu queria conversar, eu queria ver como é. Então não se justifica esta posição do exército, da marinha e da aeronáutica. (Entrevista – Toni Inajar)

Pânico: o efeito Orson Welles

O tema do pânico já fora mencionado por Toni Inajar. Segundo ele, não haveria motivos para manter os documentos em sigilo em função da crença de que a sua liberação criaria surtos de pânico na população terrestre. Ao contrário, as pessoas manteriam uma atitude de abertura aos extraterrestres e em caso da consolidação de uma visita não furtiva e pública, elas estariam dispostas a conversar com eles.

Entretanto, Fábio Gomes, quando questionado sobre o tema do acobertamento respondeu-me de forma completamente diferente. De acordo com ele, a antecipação do pânico da população é um fator importante no sigilo que os militares mantêm sobre certos casos ufológicos.

Conta-se que os militares nos anos 40 ou 50, quando houve o caso Roswell...Os militares soltaram uma nota da base dizendo que eles tinham capturado um “flying saucer” – um termo que havia sido cunhado há duas semanas antes. Foi o Kenneth Arnold, em Seattle, né? Eles tinham falado: nós capturamos um flying saucer; um disco voador. Um dia depois o Estado Maior das Forças Armadas falou pra eles: vocês capturaram um balão meteorológico. Mas está no jornal de Roswell: disco voador capturado pelas forças aéreas. E eles chegaram a admitir isto. Então, o que acontece: há uma política militar. É muita diferença tecnológica, é muita diferença cultural, religiosa não sei. Ah! Vai causar pânico nas pessoas. Na pesquisa que eu fiz com os internautas, eu faço duas perguntas: como você reagiria a um contato oficial? E como você acha que os outros reagiriam? Porque brasileiro é muito assim: eu sou de boa, eu sou carnaval. Mas as pessoas... A Lilia Schwarcz fala muito disso, né? Do brasileiro sempre achar que é com o outro, né? Então eu fiz estas duas perguntas. Quando eu perguntei como a pessoa iria reagir, metade respondeu: iria levar de boa, queria conversar com eles. Mas quando eu perguntava “o que você acha que as pessoas iriam fazer”, metade é “reação de pânico” e um quarto iriam tentar expulsar estes seres daqui. Três quartos de rejeição. A gente sabe que esta é a verdade e não é aquilo que as pessoas falam que vai acontecer com elas. Até aquela coisa meio durkheimiana da “consciência coletiva”... Tudo bem que o Durkheim está meio fora de moda, mas nisso funciona bem. Então, esta pesquisa que eu fiz comprovou isto. Uma vez eu comentei isto com um coronel da reserva, da força aérea. Eu falei para ele - ele faz parte da lista fechada da UFO – “ Eu não concordo com o acobertamento, mas ele é legítimo. Porque os militares estão interessados na segurança nacional. Se eles acham que aquilo vai contra a segurança nacional, estão tomando a decisão deles. É legítimo. Embora eu não concorde. Tem que meter o pé na porta mesmo”. Eu, se eu fosse ET, eu iria meter o pé na porta da Casa Branca. Não iria querer nem saber. (Entrevista – Fábio Gomes)

Como se nota, Fábio traça uma distinção entre a legitimidade do acobertamento militar desde os compromissos militares e sua posição pessoal em relação ao tema. A este respeito vale notar que é um ponto comumente enfatizado pelos ufólogos aquele que versa acerca da coerência, desde o ponto de vista da moral militar, do acobertamento. Paulo Aníbal comenta sobre este ponto e, ao mesmo tempo, sugere que os militares não detêm tanta informação sobre os óvnis como se costuma reputar a eles:

Eu posso falar alguma coisa porque eu conheço alguns militares de alta patente. Eu não sou contra o procedimento militar que eles tomam. Inclusive um deles me falou: “há ilusão de que a gente vai pesquisar detalhadamente um caso”. Eles não vão mesmo à campo. Eles só dariam uma atenção maior se este objeto que

foi detectado no radar oferecesse risco de colisão, isto é, se estiver atrapalhando o tráfego aéreo, tanto civil quanto militar. Aí sim. Eles vão atuar. Como eles fizeram em 86. (Entrevista – Paulo Aníbal)

No que concerne à temática do “pânico” da população diante do conhecimento por fontes militares de que dispõem de registros sobre os extraterrestres, vale observar que ela seria homóloga ao que ocorrera em 1938 nos Estados, por ocasião da transmissão de rádio do futuro cineasta Orson Welles de “[...] boletins urgentes diretamente do local, descrevendo a chegada de cápsulas alienígenas e flashes do holocausto promovido pelos marcianos” (Aranha,1990:211) a partir da leitura de trechos do livro *A guerra dos Mundos*, de autoria de Hebert George Wells. Segundo Cardoso dos Santos (2009):

De maneira inovadora, o programa foi produzido para parecer absolutamente real: músicas eram interrompidas abruptamente por jornalistas ofegantes, autoridades eram consultadas sobre os últimos acontecimentos e o tom desesperado das vozes aumentava a cada intervenção. Para piorar, muitos ouvintes perderam o aviso dado no início do programa, que alertava para a encenação. Resultado: milhões de pessoas acreditaram que uma invasão estava ocorrendo. Segundo a rede de rádio CBS (Columbia Broadcasting System), das seis milhões de pessoas que ouviram o programa, pelo menos 1,2 milhão confundiu a dramatização com a realidade. Algumas fugiram com toalhas na cabeça, “acreditando na iminência [sic] de um ataque em que seriam empregadas bombas de gases asphyxiantes” (Cardoso dos Santos, 2009:16)

*

Acusações de silenciamento no interior da ufologia

Durante os intervalos entre as palestras do II Fórum Mundial de Contatados, ao descer a escada que me levaria ao hall do Centro de Convenções onde se instalara o congresso, notei uma aglomeração de pessoas ao redor de um pesquisador ufológico de prestígio. O último ocupava uma mesa dedicada aos autógrafos dos seus livros e à venda de produtos ufológicos. Tratava-se, portanto, de uma daquelas ocasiões nas quais um pesquisador com reputação em um campo inicia uma conversa com algum interessado e outros, ao notarem que se trata de uma figura importante, acumulam-se no pequeno espaço entre os dois interlocutores. Posicionei-me tal qual os demais atraídos pela conversa e pus-me a ouvir o que investigador tinha a dizer. Rapidamente

me dei conta de que ele palestrava sobre os meandros do caso do “ET de Varginha”, ocorrido em 1996. Contava sobre o envolvimento do pesquisador mineiro Ubirajara Franco Rodrigues no referido caso, comentava sobre a qualidade da sua investigação do episódio, mas apontava que recentemente, por ocasião da divulgação de documentos pelo Exército, ele e outros membros da comunidade ufológica passaram a desconfiar de que o principal ufólogo responsável pela investigação do caso fora coagido a não mais se pronunciar sobre a questão.²¹⁵

A passagem acima ocorreu no início de 2014, no último congresso ufológico ao qual frequentei como parte do trabalho de campo. Entretanto, ela se repetiu com alguma regularidade durante o curso da pesquisa de campo: argumentava-se que o ufólogo mineiro, por muitos tomado como um dos mais sérios pesquisadores do país, possivelmente fora silenciado e havia mudado de posição. Este, antes colaborador das publicações ufológicas de renome no país e nome presente em congressos, de acordo com os comentários que passei a ouvir, “passou a negar tudo o que fez”. Isto é, havia se convertido em “cético”, uma categoria acusatória mobilizada pelos ufólogos para designar aqueles que não medem esforços para atacar casos, teorias e pesquisas desenvolvidas sobre extraterrestres.

Causava perplexidade àqueles que levantavam a acusação o fato do referido ufólogo ter se dedicado durante muitos anos à pesquisa e de ter feito um relato completo de um dos casos de maior amplitude no Brasil e, segundo eles, ter mudado de posição depois.

Mesmo antes de ingressar no curso de doutorado e iniciar esta pesquisa, já havia feito contato com o suposto “silenciado” pelas forças armadas. Ainda durante a preparação do projeto de pesquisa estabeleci contato com ele e recebi de presente o livro “A desconstrução de um mito” que, à época notei ter passagens nas quais o autor se posicionava criticamente em relação à

²¹⁵ O que narro em seguida é uma controvérsia em curso e amplamente conhecida na ufologia brasileira. A descrição serve ao propósito de ilustrar como as acusações de acobertamento também podem pesar sobre a própria comunidade ufológica. É necessário dizer que não tomo partido por nenhum dos lados envolvidos.

ufologia, tal qual certa menção ao fato da disciplina ser um tipo de “sanatório a céu aberto”. Embora as metáforas empregadas na obra se valessem de imagens como esta, o tom do texto, de modo geral, não diferia de alguns artigos seus publicados na mídia ufológica especializada.

Um ano mais tarde, viajei até a cidade onde ele reside, o entrevistei e, durante a conversa, mencionei o referido documento que embasava as afirmações de alguns ufólogos segundo as quais ele havia “mudado de lado”. O dito “desertor” contra-argumentou dizendo que nada disso se passara e que ele não havia sido coagido por quaisquer forças militares. Ademais, relatou-me que um ufólogo havia mencionado a possibilidade de levá-lo a uma CPI na Câmara dos Deputados, caso ele não rompesse com o acobertamento.

Ao final de nosso encontro, que se passou em uma casa onde armazenava cuidadosamente todo o material recolhido durante as investigações ufológicas, fui presenteado com mais um livro de sua autoria. Este consiste em uma das obras ufológicas publicadas no Brasil que mais densamente se debruçou sobre um caso, de tal modo a esmiuçá-lo até o menor dos pormenores.

Ao voltar para casa e iniciar a leitura do mesmo, alimentei a impressão de que neste livro – aclamado por alguns como uma das melhores obras publicadas sobre o tema no Brasil – o autor já fazia uma forte defesa do uso do método científico na disciplina. Passei a perceber que o mesmo ocorria em alguns artigos que publicara anos antes de se considerar que ele havia mudado de posição. Portanto, cumpre se perguntar de que modo passou-se a tratar o ufólogo Ubirajara Franco Rodrigues como alguém que subitamente se transformou em um cético?

Embora esta mudança de posição de certos ufólogos em relação ao pesquisador mineiro tenha ocorrido no ano de 2010, a partir da pesquisa documental no site da Revista UFO, encontrei substratos em algumas matérias que me permitem concluir que esta ocorreu a partir da

publicação do último livro do autor e de uma entrevista que este concedera à publicação no mesmo ano. Foi então que se passou a acusá-lo de ter mudado de posição, assim como de ter adotado uma atitude extremamente crítica em relação à ufologia, muito embora um dos membros da Equipe UFO tenha observado que já iniciara o distanciamento em relação ao ufólogo mineiro quando este se recusou a divulgar que fora entrevistado por ocasião de um Inquérito Policial Militar aberto pelo exército para investigar possíveis vazamentos de informações por militares citados no Caso Varginha.

Antes mesmo do referido Inquérito Policial Militar ser liberado pelas forças armadas – o que só veio a ocorrer em 2011 –, Ubirajara Franco Rodrigues publicou um manifesto na internet no qual respondeu aos comentários de que fora, de algum modo, coagido a interromper as declarações sobre o Caso Varginha. Tive acesso ao último por meio da lista online BURN – *Brazilian UFO Research Network*. O texto de Ubirajara à época foi compartilhado por Kentaro Mori.

No manifesto, que recebi no dia 31/08/2010, Ubirajara explicou as condições que o levaram ao Inquérito Policial Militar, deu detalhes sobre a natureza do procedimento e explicou o porquê da instauração do mesmo. De acordo com Ubirajara ele, um segundo ufólogo e mais 27 militares foram intimados com vistas a averiguar se alguma das declarações na imprensa sobre o caso, assim como aquelas que constam em um livro de seu parceiro de pesquisa, eram indicativos de que algum militar mencionado havia quebrado o código de conduta da Escola de Sargento de Armas de Três Corações - MG.

Aparentemente Ubirajara possuía cópias do documento, o qual foi arquivado pela Justiça Militar sem que nenhum dos militares fosse incriminado. Ademais, o ufólogo mineiro comparou

as acusações de silenciamento aos roteiros de cinema, nos quais agentes secretos governamentais tentam acobertar informações sobre óvnis valendo-se de toda sorte de métodos:

No entanto agora, bom repetir, alguns exímios fabricantes de sensacionalismo, que apreciam superestimar circunstâncias para bradar ao mundo seu instinto messiânico e heroico, começam a insinuar que eu “mudei de postura”, quer por medo, quer por perseguição, vez que somente agora resolveram fazer alarde em torno de tal IPM. Que ótimo para os produtores de cinema... os MIBs estão ressuscitados! Fui intimado e compareci, tendo prestado depoimento de cerca de quatro horas. (“Manifesto do Dr. Ubirajara Franco Rodrigues” – E-mail enviado para a lista BURN – 31/08/10)

Ubirajara ainda argumentou que o referido Inquérito Policial Militar era de conhecimento de alguns ufólogos que naquele momento o acusavam de ter mudado de posição, além de ter observado que não fora em nenhum momento coagido. O que de fato acontecera, nos seus termos, foi um pedido para “não provocar na imprensa um sensacionalismo em razão do IPM”:

Recebeu alguma forma de ameaça ou admoestação para se afastar do caso? Recebi um educado, simpático e justo PEDIDO de que procurasse não provocar na Imprensa um sensacionalismo em razão do IPM, porque como visto este se destinava exclusivamente a registrar e a apurar algum eventual ato de militar, contrário a uma regra elementar da organização e da disciplina militares – eventualmente falar em público ou a particulares em nome da Escola, passando por sobre aqueles que têm legitimidade e poder para tal, seja negando ou afirmando alguma coisa. Aquiesci de bom grado, porque – mesmo que isto não tenha dado muito certo – eu já estava também preocupado com a contaminação e com os ruídos que uma grande comoção pública poderia causar aos fatos que estávamos apurando. Fui extremamente bem tratado, o depoimento transcorreu com seriedade, mas com plena liberdade, sem qualquer coação. O Coronel de Brigada chegou a nos acompanhar até o portão de saída, após encerrado o depoimento, preocupado pela longa duração da audiência, pelo que inclusive tivemos de tranquilizá-lo, já que obviamente sabíamos que um Inquérito daqueles deveria mesmo ser instaurado, sob pena até de se considerar pouco zelosa a atitude do Exército, se não o tivesse feito. Fazendo perguntas como curioso, sobre Ufologia em geral, chegou o Coronel até a dizer, informalmente e sem compromisso, que no futuro gostaria de me convidar para uma palestra, para falar do tema, em algum evento cultural. (“Manifesto do Dr. Ubirajara Franco Rodrigues” – E-mail enviado para a lista BURN – 31/08/10)

Ubirajara ocupou o restante do longo manifesto apresentando elementos que contribuíssem para o esclarecimento dos leitores de que não mudara de posição, de que nunca afirmara que o Caso do ET de Varginha seria uma farsa e ainda, de que mesmo anteriormente às

acusações de silenciamento pelos militares, ele não era bem quisto pelos ufólogos que se alinhavam às alas da ufologia mística ou holística²¹⁶.

Embora o manifesto seja rico em detalhes sobre a sua posição dentro da ufologia e sobre a participação do procedimento militar, aparentemente suas observações não conseguiram dirimir a polêmica que envolve o seu nome. Os indícios disto residem não apenas no fato de eu ter escutado a referência ao episódio quatro anos depois, mas também nas publicações da Revista UFO que comentaram o manifesto. De acordo com um dos textos publicados nesta revista, os pedidos de descrição feitos a Ubirajara e a admoestação de que não causasse sensacionalismo na imprensa, de alguma forma, sugeriam que se estava tentando prosseguir com os processos de acobertamento que se reputam aos militares envolvidos no caso Varginha:

E o que dizer do pedido de descrição feito por um dos militares ao doutor Ubirajara Franco Rodrigues, após o seu depoimento na Escola de Sargento de Armas? O que temiam eles, na verdade? Por que a imprensa não deveria saber o que estava acontecendo dentro da instituição? E, por fim, que fatos relacionados ao incidente ainda não conhecemos? (<http://www.ufo.com.br/artigos/vem-a-tona-finalmente-o-inquerito-policia-militar-sobre-o-caso-varginha/> - Acessado em 15/12/2014)

*

Se no tópico anterior apresentei alguns comentários dos meus interlocutores relativos ao tema do acobertamento, neste desejei apresentar um esboço de como estas acusações funcionam pragmaticamente. No caso em tela, relativo aos comentários de que um prestigiado ufólogo passara à posição de cético e de que fora silenciado pelos militares, entende-se como tal noção opera. Neste caso, em particular, a suspeita não apenas foi mantida em relação aos militares – apesar da divulgação pública do referido IPM – , mas foi também estendida a um proeminente investigador do caso. Mesmo após o seu esclarecimento de que não houve coação ou ameaça, foi

²¹⁶ “Nada mudei “subitamente”. Desde os primórdios da nossa geração de Ufologia eu já não era muito admirado por ufólogos amantes de um modismo misticóide cada vez mais crescente e pregadores de um tal “holismo”, de forma a deturpar completamente o significado deste próprio termo, que só fez com que a Ufologia definhasse quase irreversivelmente.” (“Manifesto do Dr. Ubirajara Franco Rodrigues” – E-mail enviado para a lista BURN – 31/08/10)

mantida suspeita de que algo ainda faltava para completar o caso; de que ele não estaria falando a verdade; de que deveriam haver outras forças agindo por trás daquilo que transparece ao público.

Como já observei, a noção de acobertamento se articula com a noção de segredo. O curioso quando acompanhamos a sua articulação pragmática em casos ufológicos é que mesmo a “revelação do segredo”, seja pela liberação de um documento – ou de um conjunto deles – não concorre para que as acusações cessem. De outro modo, vale notar que quanto mais se revelam documentos, mais eles agem como catalisadores das queixas de que algo continua sendo acobertado. Nas linhas seguintes detalharei mais uma dimensão da forma como esse processo se dá a partir da etnografia do movimento reivindicatório pela abertura de informações ufológicas levado a cabo na campanha “UFOs: Liberdade de informação já!”.

Abertura ufológica

O número 116 da revista UFO traz em sua capa uma jovem entre folhagens que remetem a uma floresta tropical. Ao lado direito, em letras em caixa alta, emolduradas em um grafismo que alude um carimbo, lemos: “Dossiê Amazônia”. Mais abaixo, em letras maiores a explicação dos editores: “O impressionante depoimento da médica que atendeu mais de 80 vítimas do “chupa-chupa”. A página termina com a insígnia da editora responsável, associada a uma chamada amarela: “Ataques na Amazônia”.

A página seguinte apresenta ao leitor “Fascinantes DVDs ufológicos” seguida de uma espécie de sumário das matérias ali contidas, postadas logo abaixo da nota editorial de Ademar Gevaerd. Na página quatro um fundo amarelo se destaca. A revista noticia a nova fase da Campanha “UFOs: Liberdade de informação já!” e sob os letreros lê-se:

Faça parte deste grande movimento da Ufologia Brasileira. Se você também acha que o Governo deve abrir seus arquivos secretos sobre UFOs e assumir

uma posição mais democrática quanto às informações que possui, leia com atenção o Manifesto da Ufologia Brasileira e assine a petição que o acompanha. (Revista UFO, N116, Ano 21, novembro de 2005)

O manifesto foi assinado pela Comissão Brasileira de Ufólogos e continha, além de afirmações de que as visitas de seres extraterrestres já se apresentariam como um dado inquestionável (fato que estaria confirmado por autoridades há mais de 50 anos), um pedido de que fosse criado um programa oficial de informação e divulgação sobre o assunto.

Além disso, atestava que vários países já haviam aberto os seus arquivos relativos a Objetos Voadores Não Identificados e pedia ainda a divulgação de três principais casos: A “Operação Prato”, ocorrida em Colares- PA em 1977, a “Noite Oficial dos UFOS” em 1986 e o “Caso Varginha”. Anexo a este documento, encontrava-se uma ficha de inscrição para que os leitores da revista pudessem registrar os seus dados e assinatura, que seriam posteriormente enviados à revista com vistas a aderir ao abaixo assinado.

*

A referida campanha fora iniciada em abril de 2004 quando o número 98 da Revista UFO publicara uma chamada na qual explicava o motivo para o início da realização de uma abaixo assinado pleiteando a liberação de informações ufológicas. Este gravitava em torno da não manifestação do governo em relação a uma missiva, intitulada “Carta de Brasília” (Fig. 7), enviada pelos membros da Comissão Brasileira de Ufólogos (doravante CBU) em 1997.

A “Carta de Brasília”, segundo consta o texto inaugural da campanha “UFOs: Liberdade de Informação Já”, fora produzida durante o I Fórum Mundial de Ufologia, realizado na sede da LBV (Legião da Boa Vontade) na capital do país. No texto, que é ao mesmo tempo um pedido de abertura de informações ufológicas e um pleito pelo início de um programa público de investigação e divulgação do tema, os membros da CBU comentam:

Que é urgente que se estabeleça um programa oficial de conhecimento, pesquisa e respectiva divulgação pública do assunto, de forma a esclarecer a população brasileira a respeito da inegável e cada vez mais crescente presença extraterrestre na Terra. (Carta de Brasília)

O documento, depois de assinado pelos palestrantes presentes no congresso, foi entregue ao então Senador José Roberto Arruda, quem, de acordo com a Revista UFO, se encarregaria de enviar as cópias para o Presidente da República e para o Presidente do Congresso Nacional. Outras cópias também foram entregues a dois militares. Entretanto, esta primeira tentativa de alcançar a liberação oficial de informações não surtiu o efeito esperado.

No texto de lançamento da campanha, comenta-se que:

No entanto, mesmo com o compromisso assumido publicamente pelas autoridades presentes, não se sabe até hoje se o documento chegou mesmo aos seus destinatários, o presidente FHC e o então Ministro Lélío Viana Lobo. Nenhuma resposta, oficial ou não, foi expedida por estes senhores aos membros da CBU ou a qualquer outro ufólogo. Para o Governo brasileiro a Carta de Brasília jamais existiu. (Revista UFO, Número 98, abril de 2004: 4)

A partir de então a Revista UFO e a CBU iniciaram a campanha “UFOs: liberdade de informação já!”, que buscava promover a coleta de assinaturas com vistas a dar início a um projeto de lei que regulamentasse a liberação. De acordo com Fernando Ramalho, geógrafo, servidor da Câmara dos Deputados e presidente da CBU, em uma palestra apresentada na cidade de Peruíbe no ano de 2012, a referida campanha, embora tenha conseguido mais de 70.000 assinaturas, não obteve êxito. Ao perceberem que não seria possível recolher o número de firmas requeridas para promover a liberação de documentos ufológicos por meio de um projeto de lei, os membros da CBU mudaram drasticamente sua tática. De acordo com Fernando Ramalho, iniciou-se o envio de e-mails para as forças armadas apresentando a necessidade de criar um programa oficial de divulgação do tema.

Esta iniciativa permitiu que os membros da CBU fossem recebidos pelos militares no COMDABRA – Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro – e tivessem acesso às primeiras

“provas” oficiais do envolvimento das forças armadas com o fenômeno extraterrestre, tais quais um relatório de 130 páginas referente à “Operação Prato”, assim como documentos sobre a “Noite Oficial dos UFOs”, incidente em que vinte “aeronaves desconhecidas” invadiram o espaço aéreo brasileiro.

Para os ufólogos reunidos em torno da CBU, a iniciativa da aeronáutica de apresentar os documentos de operações importantes das forças armadas figurava como o reconhecimento militar da existência de seres alienígenas visitando o planeta. Ora, depois de percebido o fato de que os militares dispunham de farto material cujas classificações de sigilo haviam vencido, os ufólogos desejavam não apenas ter contato com os documentos no interior das instalações da Aeronáutica – como já acontecera –, mas também disponibilizar as informações para o público:

Nos encontramos dentro do COMDABRA e dentro do COMDABRA tivemos acesso às primeiras provas reais de que o Governo estava reconhecendo a presença dos UFOs no país. Nós tivemos em mãos documentos oficiais carimbados pela aeronáutica, falando tanto pela Operação Prato – um dos casos mais famosos brasileiros, que foi no Norte do país, em que objetos luminosos ficaram durante alguns meses e isto parece que está acontecendo até hoje. [...] Esta Operação Prato nos foi mostrada. Um relatório de 130 páginas. “A noite oficial dos UFOs”, de maio de 1986 [...] Nós tivemos estes documentos em mãos, conhecemos o CODA, que é onde eles registram estes objetos e partimos pra briga agora. A gente precisava mostrar isto para a população. Não adiantava só os ufólogos, a Comissão Brasileira de Ufólogos, que à época estava composta por 7 membros, só eles terem acesso e contar pra todo mundo. A gente precisava ter aquilo para contar para a população.” (Palestra – Fernando Ramalho-Congresso Peruíbe)

De acordo com Fernando Ramalho, mesmo depois de terem sido convidados à sede do COMDABRA e, posteriormente, de terem enviado um manifesto²¹⁷ no qual se requisitava oficialmente cópias daqueles documentos, os membros da CBU não conseguiram atingir o seu objetivo, qual seja, disponibilizá-los para o acesso público.

A morosidade na liberação dos documentos requisitados resultou em uma guinada de posição por parte dos membros da CBU. Uma vez que haviam visto cópias dos arquivos que

²¹⁷ O Manifesto da Ufologia Brasileira é muito similar à Carta de Brasília. De fato, o texto base é o mesmo, mas requisitava-se informações sobre o caso Varginha ocorrido em 1996.

desejavam no encontro com os militares no COMDABRA e tomado ciência de que o prazo de classificação como sigilosos de alguns deles havia terminado, passou-se a usar os meios legais para solicitá-los. Nos termos de Fernando, “Partimos para a briga”. “Partir para a briga” era uma menção a um passo posterior do movimento associado à CBU, isto é, o acionamento de leis e a procura no “corpo legal” do apoio necessário para ver os documentos liberados.

Entre este *corpus* legal ao qual se recorreu, sustentou-se no artigo V, inciso XXXIII da Constituição Federal, que dispõe sobre o direito do cidadão a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular. Ademais, os membros da CBU também tiveram de se haver com as leis complementares, que regulavam de maneira diversa os prazos de sigilo de documentos oficiais: as leis nº 8159 de 1991 e nº 11.111 de 2005.

O primeiro movimento que fazia uso do que era previsto na legislação ocorreu em 26 de abril de 2007 e consistiu na preparação do “Dossiê UFO Brasil”, endereçado a Dilma Rousseff – à época Ministra da Casa Civil – e para os membros da Comissão de Averiguação e Análise de Informações Sigilosas, criada pela lei nº 11.111 de 2005.

A referida lei regulamentava o acesso a documentos considerados sigilosos. Se por um lado abria a prerrogativa para o Poder Executivo manter a ressalva de um documento por tempo indeterminado, por outro, autorizava que o pedido de qualquer cidadão fosse suficiente para a convocação da Comissão de Averiguação e Análise de Informações Sigilosas. A última seria responsável pela decisão quanto à possibilidade de desclassificação de um documento marcado como sigiloso.

O “Dossiê UFO Brasil” dispunha de sessenta e seis páginas de farta documentação ufológica, no qual se alegava a importância do tema para a sociedade, assim como se apresentavam dados relativos à abertura de informações em outros países. Ademais, justificava-

se juridicamente o direito de obtenção de informações do Estado e fazia-se o pedido do rebaixamento da classificação de alguns documentos relativos aos casos de interesse para a ufologia.

A partir do recurso à Comissão de Averiguação e Análise de informações sigilosas, vários extratos de documentos relativos a casos ufológicos foram enviados à Coordenação Regional do Arquivo Nacional do Distrito Federal (COREG). Entretanto, embora o volume de páginas fosse vultoso, os ufólogos envolvidos na CBU continuavam a suspeitar de que as Forças Armadas continuavam de posse de um conjunto de documentos cruciais para as pesquisas. E tal suspeita não se fundamentava simplesmente na suposição da vigência do acobertamento promovido pelo Estado. De outro modo, uma vez que os ufólogos tinham acesso às informações vazadas por militares, ou aos arquivos da imprensa na época em que os casos de interesse ocorreram, bastou comparar o conteúdo dos documentos com as informações das quais se tinha posse anteriormente, para perceber que algo faltava. Em sua palestra, Fernando Ramalho comentou:

Vieram 630 páginas de documentos e um filme super 8 da década de 70. Nós vimos este filme lá e é muito interessante. Um UFO se movimentando... Mas a gente sabe que a aeronáutica continua segurando informação relativa à ufologia. Eles foram soltando por décadas, aí nós temos uma série... [...] Muita coisa mesmo gente. Aqui o Uyrangê, a pessoa que deu a entrevista ao Gevaerd e ao Marco Antônio Petit, abrindo as primeiras informações sobre a Operação Prato. Só que das 130 páginas que a Aeronáutica nos Forneceu, segundo ele eram mais de 1000. Onde estão as outras quase 900 páginas. Não está lá no Arquivo Nacional. E nessas 130 vinham 126 fotos. Ele diz que eram mais de 500. E não veio nenhum dos filmes que ele falou. E eram mais de 16 horas de filme super 8 e super 16mm. O filme que a aeronáutica mandou para o arquivo nacional é um filme aqui de São Paulo... Feito por um advogado. Então não tem nada a ver com a Operação Prato. (Palestra – Fernando Ramalho)

Como se nota, o ativismo ufológico em relação à desclassificação de documentos opera segundo o princípio de que sempre há algo mais a ser revelado. Não se trata, entretanto, de uma suspeita não alimentada. Em última análise, só faltam mais documentos, porque outros já teriam sido liberados. Foi porque algumas pastas foram enviadas ao Arquivo Nacional, que se descobriu parcialmente as páginas faltantes e a ausência dos registros fotográficos mais precisos. Mesmo

que as fichas catalográficas estivessem completas, que não restasse nenhuma dissonância entre o conhecido anteriormente e o agora revelado, algum detalhe soçobriria por ser descoberto, para ser esmiuçado. Neste caso, os artefatos produtores de segredo são os documentos já liberados. São eles que estimulam o pedido constante de mais informações.

No mesmo sentido, Annelise Riles (Riles,2009), ao comentar o artigo de Carol. A Heimer intitulado " Conceiving Children: How documents support case versus Biographical analyses"(Heimer,2009), observa que "One way of thinking about agency, temporality and form collectively is to say that we are interested in how documents themselves elicit particular kinds of responses" (Riles,2009:22). Ou ainda, "... documents anticipate and enable certain actions by others – extensions, amplifications of both content and form" (Riles,2009:21)

De minha parte estou interessado em mostrar como aquilo que os ufólogos da CBU entenderam como um conjunto parcial de informações – os documentos incompletos – é capaz de colocar em movimento as sucessivas ondas de desclassificação.

Neste ponto, vale mencionar que ainda em 2009, mesmo após o envio para o COREG de um conjunto de documentos ufológicos, a CBU se mobilizou com vistas a encontrar um outro canal de pressão sobre as Forças Armadas no sentido de instá-las a promover mais desclassificações. Assim, de acordo com Fernando Ramalho, presidente da entidade, acionou-se o poder legislativo, a partir da apresentação do pleito ao Deputado Federal Chico Alencar (PSOL-RJ), que acolheu a demanda dos ufólogos. Fernando listou alguns motivos que participaram na escolha do parlamentar: nos rankings feitos por jornalistas especializados na cobertura da Câmara dos Deputados, Chico Alencar é correntemente escolhido para a lista dos melhores deputados - para dar suporte a esta informação, meu interlocutor se referiu à listagem produzida pelo site "Congresso em Foco"; Chico Alencar foi um dos relatores de um projeto de

lei²¹⁸ que instituía o "Dia Nacional da Ufologia" e na Comissão de Constituição de Justiça e de Cidadania apresentou parecer favorável sobre a sua criação; o deputado foi membro ativo em comissões parlamentares, como são as de Direitos Humanos e Minorias, de Constituição e Justiça e de Educação e Cultura. Segundo Fernando,

Nessas comissões, ele foi um dos mais ferrenhos defensores de duas leis que versavam sobre a liberação de informações governamentais sigilosas [...] Foi a partir daí que ele se interessou pelo tema e assinou os RICs que redigimos. (E-mail enviado por Fernando Ramalho)

Some-se a estes elementos, o fato de que um dos assessores do deputado ter um vívido interesse pela ufologia, sendo inclusive membro da lista de discussões online que a Revista UFO mantém na internet. Foram estes pontos que motivaram Fernando Ramalho a contatar Chico Alencar, que, assessorado pelos membros da CBU, terminou enviando ao Ministério da Defesa dois Requerimentos de Informação (RICs)²¹⁹.

No primeiro, indaga-se ao Ministério se há documentos classificados como sigilosos em posse das Forças Armadas e se ainda restavam outros fora dos prazos estipulados pelas gradações de sigilo. Ademais, o RIC 4470/2009, assentado nas informações dos ufólogos de que o lote liberado para o Arquivo Nacional não estava completo, levanta a hipótese sobre a ilegalidade da manutenção do sigilo dos mesmos após o prazo estipulado pela legislação.

Segundo as matérias, ainda que a Aeronáutica tenha fornecido a maior parte do seu arquivo desclassificado por encerramento de prazo de sigilo, documentos considerados fundamentais para a obtenção de dados concretos sobre a presença de OVNIS no território nacional foram omitidos ilegalmente. Um dos casos que tipificam esta ilegalidade é a ausência, nas informações desclassificadas, de mais de dezesseis horas de filmes super 16 mm, centenas de fotografias e outros tantos relatórios, originários de uma operação sigilosa da Força Aérea Brasileira nos arredores de Belém, ocorrida entre outubro e dezembro de 1977." (RIC – 4470/2009)

²¹⁸ Trata-se do PL 5141/2009. Segundo as informações do meu interlocutor, o projeto foi rejeitado no Senado, depois de parecer contrário da Comissão de Educação desta casa. Demóstenes Torres, autor do parecer, rejeitou o projeto com base no argumento de que a data "Não tinha relevância nacional".

²¹⁹ Os RICs são instrumentos legais que permitem a um deputado requerer informações a um Ministério.

Dois anos mais tarde, insatisfeitos com a resposta das Forças Armadas, os membros da CBU mobilizaram novamente o deputado Chico Alencar, com vistas a protocolar novo Requerimento de Informações. Desta vez o RIC 679/2011 partia dos lotes de documentação já liberados nos anos anteriores de modo a expor as contradições entre as afirmações dos militares sobre a inexistência de documentos e a posse de informações pelos ufólogos de alguma modalidade de registro.

Este movimento, em especial, ocorreu com relação à Marinha. Na ocasião da resposta ao primeiro RIC, esta emitiu uma certidão de “nada consta” em relação ao registro de casos ufológicos. Entretanto, os ufólogos tinham conhecimento de que o Deputado Sérgio Magalhães (PTB/DF) já havia usado o instrumento do Requerimento de Informação para questionar a Marinha sobre os óvnis na década de 50. Neste caso, a Marinha não poderia ter informado que não dispunha de documentos de interesse para os ufólogos, uma vez que a própria consulta do último parlamentar e a resposta oferecida pela instituição já seriam peças documentais passíveis de serem enviadas.

Por que não consta no material desclassificado da década de 1950, enviado à COREG pelo Ministério da Defesa, as respostas ao Requerimento de Informações n.º 2957 de 1958 (RIC 2957/1958), de autoria do ex-deputado Sérgio Magalhães (PTB/DF), encaminhado ao Poder Executivo / Ministério da Marinha, por meio do ofício 00186 da Secretaria da Câmara dos Deputados, datado de 20 de março de 1958? Requeiro cópias do inteiro teor das mesmas respostas dadas ao ex-deputado Sérgio Magalhães, ratificando que tais informações são todas referentes à ocorrência denominada pelos ufólogos da Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU) como “Caso Ilha de Trindade.” (RIC – 679/2011)

O que se nota a partir do segundo Requerimento de Informações emitido pelo Deputado Chico Alencar é que o grau de complexidade das informações requeridas obedece a um crescendo, uma vez a partir da liberação dos primeiros lotes classificados, os ufólogos passaram não apenas a ter garantias de que havia algum tipo de registro sobre óvnis nos arquivos das forças armadas, assim como tiveram condições solicitar peças documentais específicas. A

certeza de que as forças armadas mantinham documentos que ainda não liberara, repousava nas contradições das respostas oferecidas aos ufólogos e os materiais que os últimos já tinham à disposição.

*

Tanto na palestra proferida no encontro ufológico ocorrido em Peruíbe-SP, em 2012, como no encontro com Fernando Ramalho em sua casa, em Sobradinho-DF, o ufólogo descreveu a relação entre a CBU e o Ministério da Defesa como uma relação de “gato e rato”. Isto é, mesmo acionando os meios legais para a obtenção de documentos passíveis de serem desclassificados, as informações permaneciam sempre incompletas e reclamavam por novas ações da CBU. Neste cenário, cumpre considerar que, ou bem o Governo escondia deliberadamente os documentos – o que, de imediato, significava que a eles reputava alguma importância –, ou estava às voltas com problemas de organização dos arquivos, assim como de possíveis destruições de acervo ocorridas em anos anteriores.

Antes de passar aos ulteriores desdobramentos do ativismo ufológico pela liberação de documentos, vale considerar um momento em que o tema da precariedade da organização dos arquivos militares foi aventado. Trata-se de uma troca de e-mails entre o ufólogo brasileiro Alberto Francisco do Carmo e o presidente da CBU Fernando Ramalho. Na troca de mensagens – posteriormente remetida à lista de discussões online mantida pela Revista UFO – Alberto mobilizou a sua história como servidor público federal para aventar a possibilidade dos arquivos estarem em péssimas condições, o que impediria o acesso às informações caras à CBU.

Quando vejo todo este auê em torno da abertura de arquivos públicos sobre Óvnis, lembro-me da bagunça infernal de todos os arquivos de todos os ministérios e autarquias pelas quais passei na vida de servidor público. (E-mail – Alberto Francisco do Carmo – 21/01/2013)

Além de apontar para os problemas de armazenamento de documentos, Alberto também indagava aos ufólogos envolvidos na CBU sobre o que seria feito dos arquivos depois que eles fossem liberados. A resposta de Fernando, embora não tocasse nesta última questão, insistia que se havia culpa no trato e armazenamento dos arquivos, esta competia aos membros do Governo que, em anos anteriores, sob o controle militar, “apagava” arquivos importantes:

Segundo, a culpa dessa situação recai, principalmente, sobre o governo. E aqui falo especialmente a respeito daqueles que fizeram parte e/ou seguem os ditames dos que impuseram a ditadura militar neste país, os quais adoravam apagar arquivos “comprometedores”. É óbvio que há raras exceções, como as do Zani de Melo, Uchôa, Uyrangê e outros. (E-mail – Fernando Ramalho – 22/01/2013)

Ainda que houvesse a possibilidade de destruição dos arquivos secretos por militares, o trabalho de “gato e rato” entre a Comissão Brasileira de Ufólogos e o Estado Brasileiro, não termina com os Requerimentos Internos de Informação, enviados por meio de um Deputado Federal sensível ao problema da liberação de documentos ufológicos.

Como já observei, a questão ressurgiu porque os efeitos deste trabalho de pressão sobre entidades governamentais resultaram na liberação de uma pequena parcela de dados. A exemplo disto, segundo os dados dos ufólogos, tinham sido enviados ao Arquivo Nacional em Brasília apenas 130 das mais de 2000 páginas de um dos principais casos ufológicos brasileiros, a saber: a “Operação Prato”, ocorrida no Nordeste do Pará, no ano de 1977.

É digno de nota que para conseguir a informação sobre o número total de páginas contidas no relatório foi necessário mobilizar, anos antes, o Coronel da Aeronáutica reformado, Uyrangê Hollanda, em uma entrevista que durou mais de uma hora e na qual se descreve além dos referidos documentos, uma centena de fotos e pelo menos 16 horas de filmes.

A este respeito, em um artigo escrito para a Revista UFO em 2009, Fernando Ramalho reclamou do parco material disponibilizado no Arquivo Nacional, sempre comparando-o aos acervos já liberados por outros países:

Somente 10 meses depois, em 31 de outubro de 2008, que as cópias de alguns desses documentos ufológicos militares foram enviados à COREG, mas não continham a maior parte das milhares de páginas, fotos e horas de filmes dos arquivos do COMAER. A parte principal, como a Operação Prato e a Noite Oficial dos UFOs no Brasil, não foi disponibilizada. Vale ressaltar que só as três pastas conferidas manualmente pelos membros da CBU, quando de sua visita ao CINDACTA em maio de 2005, incluindo esses dois casos citados, continham bem mais do que as 213 cópias enviadas ao AN. Além do mais, como já fora motivo de desconfiança antecipada por este membro da CBU, nada da Marinha e nem do Exército foi disponibilizado. (Artigo assinado por Fernando Ramalho, escrito para a Revista UFO online em 2009 – <http://www.ufo.com.br/noticias/documentos-ufologicos-ja-estao-disponiveis-para-consulta-publica-no-arquivo-nacional-em-brasilia> . Acessado em 06/08/2012)

A situação muda um pouco desde a aprovação da Lei 12527 – Lei Geral de Acesso à Informação – que, sancionada em 18 de novembro de 2011, dispõe sobre a criação de mecanismos institucionais por parte de diferentes organismos do Governo Federal para promover o acesso à informação da população sobre temas de interesse público.

Ademais, a Lei 12527 revogou as leis n ° 8159 de 1991 e nº 11.111 de 2005, que estipulavam prazos de ressalva maiores, estabeleceu apenas três períodos de sigilo e eliminou a possibilidade prevista da legislação anterior de que órgãos do Governo Federal protelassem indefinidamente as ressalvas.

A partir de então os pedidos de acesso à informação poderiam ser feitos sem especificar o motivo da demanda, entretanto, deveriam lançar mão dos mecanismos institucionais para fazê-lo. A lei ainda determina a possibilidade de recursos e, na falta de um veículo para pedido de informações no órgão federal, pode-se recorrer ao serviço da CGU – Controladoria Geral da União.

A referida legislação, embora sancionada no final de novembro de 2011, só passaria a vigorar seis meses depois, em 16 de maio de 2012. A partir desta data a lista de e-mails da Revista UFO online passou a ter grande atividade, especialmente em função das mensagens trocadas pelos interessados na liberação de documentos.

Como agora os ufólogos podiam requisitar diretamente informações ao Governo, criou-se um tipo de canal de instrução mútua sobre o tema, assim como proliferaram mensagens escritas por Fernando Ramalho, quem, de modo recorrente, informava aos demais ufólogos sobre os resultados que conseguia acionando a recente legislação.

Quando recebi o primeiro e-mail versando sobre a liberação institucional dos documentos, em mensagem assinada por Fernando Ramalho, o mesmo comunicava que o exército havia inaugurado um Centro de Comunicação Social, atendendo às determinações da legislação. O título da mensagem foi :“ Deve começar a abertura legal”.

Paulo Poian – uma espécie de oficial de comunicações da revista UFO – seguiu a mesma linha e em 17 de maio de 2012 titula seu e-mail de “Atenção para a liberação de documentos no País” informando que a ABIN também daria início à abertura de documentos.

Mas é apenas em 18 de maio do mesmo ano, que o primeiro pedido de informação é requisitado. Como não havia um meio para requerer informações nos sites das três forças armadas, Fernando Ramalho solicitou ao CGU os documentos sobre um caso que envolvia a Marinha. Note-se que o nível de detalhes do pedido é alto e as menções a documentos tem grande ocorrência. Do pedido enviado à CGU extraí a seguinte lista de documentos:

Comunicação Interna (confidencial) n.º 0043 de 06 de novembro de 1958, do Comando de Operações Navais do Rio de Janeiro; 5 - Carta do Chefe do Comando de Operações Navais para o Diretor-Geral de Hidrografia e Navegação, do dia 13 de fevereiro de 1958; 6 - Transcrição de Comunicação de rádio n.º 0012/312335; 7 - Documento (?) n.º 005 de 16 de janeiro de 1958, do Chefe do Comando de Operações Navais ao Comandante do Porto Oceanográfico da Ilha de Trindade; (Extrato do e-mail de Fernando Ramalho, no dia 18 de maio de 2012 para a Lista UFO).

Os documentos mencionados dizem respeito à atuação da Marinha em um caso ufológico específico. No entanto, no mesmo dia, Fernando enviou outra mensagem à lista. O pedido desta vez se dirigia à Força Aérea Brasileira e requeria informações sobre a “Operação Prato”. No e-mail, Fernando ressaltou que a FAB parece ser a única a disponibilizar documentos sobre o tema.

Ainda advertiu para o fato de que caso estas informações fossem negadas caberia possibilidade de recurso.

O presidente da CBU enviou na mesma data outro e-mail para a lista, desta vez nos informando sobre os pedidos para o Exército, os quais deveriam atender a um ritual diferente, tendo em vista que os seus procedimentos de “acobertamento” são mais elaborados. Além do mais, admoestou os outros ufólogos a usarem os meios legais para conseguirem as informações:

Espero que todos os ufólogos brasileiros também façam sua parte, acionando uma Lei que não é só fruto da CBU, enquanto comissão, mas sim de toda a CBU (Comunidade Brasileira de Ufologia). Mãos à obra, CIDADÃOS BRASILEROS DA UFOLOGIA! (Extrato do e-mail de Fernando Ramalho, no dia 18 de maio de 2012 para a Lista UFO).

O interessante é que em 16 de maio, data em que a lei entrou em vigor, vários ufólogos já se cadastravam no site e alguns inclusive fizeram pedidos. Outros se mostravam céticos quanto à liberação, enquanto alguns foram tomados pela ansiedade na expectativa da liberação dos documentos sobre Varginha.

Diante do fato de que as forças armadas não tinham aberto o seu atendimento ao público, como já foi observado nas linhas anteriores, os ufólogos procuraram a CGU – Controladoria Geral da União:

Mandamos solicitações para as Três Forças mais ou menos ao mesmo tempo. Só que, no caso do Exército, como diz o ditado, “o buraco é mais embaixo”. Ô Forcinha difícil, sô! Mas se Deus quiser, a gente chega lá. Eles têm até o dia 6/6/12 pra responder, é daí que vamos dar os próximos passos. Que a FORÇA esteja conosco.

A partir de então as discussões na lista parecem gravitar em torno do formato das respostas enviadas por algumas das forças armadas. Invariavelmente elas vinham codificadas na forma de um arquivo de tipo “.dat” e respondiam à tentativa de abertura com a mensagem: “arquivo corrompido”.

É então que outro ufólogo é mobilizado para operar a descriptografia: Pílon. No entanto, depois que o mesmo consegue um *software* para fazê-lo, descobre-se uma resposta negativa por parte do exército empregando o decreto 7.724, de maio de 2012, para postergar a liberação de informações para junho de 2013.

Desde esta primeira resposta será quase invariante o retorno das forças armadas: ou reclassificavam os documentos como sigilosos – o que os tornaria passíveis de serem divulgados apenas vinte anos mais tarde – ou postergava-se a resposta ao pedido de informação para o ano seguinte.

Fernando comentou as respostas do exército do seguinte modo:

Pelo que deu para pescar por aqui, esta resposta não é válida, e por isso, totalmente recorrível, uma vez que a solicitação foi direta, e não genérica. Fiz o questionamento enquanto cidadão, direcionando-a no tempo específico e pedindo exclusividade, e não que fosse postado tudo na internet, como manda a Lei. Já recorri em primeira instância, visando que essa “criptografia” venha de forma legível, em PDF ou Word, e não nessa palhaçada que estão fazendo.

Em outras palavras, trata-se de pura enrolação do EB, uma vez que a Lei concedeu 6 meses para adaptação às novas regras, e essa Instituição Militar dispões de todos os métodos para me fornecer a informação solicitada. Informações estas que, diga-se de passagem, já foram solicitadas antes. Quais sejam, lista contendo todos os arquivos classificados em qualquer categoria de sigilo pela Força nos anos de 1996 e 1997.

Estão usando um decreto (7.724, de 16 de maio de 2012) editado no mesmo dia de entrada em vigor da 12.527/2011, para postergar uma coisa inevitável, que é a abertura de uma lista contendo dados sobre Ufologia, classificados como ultrassecretos. Cedo ou tarde (abr. 2013 no máximo), essa joça sai. (Extrato do e-mail de Fernando Ramalho, no dia 10 de junho de 2012 para a Lista UFO)²²⁰

Mais tarde, em outro e-mail, Ademar Gevaerd, o principal responsável pela Revista UFO, reclamava da ausência de páginas dos documentos já disponibilizados e observava que a posse dos documentos completos impediria a crítica por parte dos céticos.

Como se pode observar, a batalha travada pelos ufólogos com os órgãos governamentais não parece ter como alvo apenas as forças militares, mais também sítios na internet que mantêm

²²⁰ Grifos do autor da mensagem.

verdadeira vigilância sobre todas as notícias ufológicas publicadas pela Revista UFO. Eis aquilo que Fernando responde numa clara referência ao grupo de céticos em relação à ufologia:

Agora veja bem, se isso foi mandado pela Marinha, via CGU, em cumprimento a Lei, quem é que vai ser o ceticuzinho de meia-tigela a meter o pau no relatório? Só se for doido, por que se o fizer, vai tomar tanta cacetada que coitado!!! (Extrato do e-mail de Fernando Ramalho, no dia 10 de junho de 2012, para a Lista UFO)

Como se observa, os ufólogos receberam documentos incompletos, negativas de que as forças armadas tenham posse dos dados que requeriam e mensagens informando diversas postergações. Ademais acumulava-se o envio de documentos repetidos e respostas incongruentes com os pedidos. Vale observar, no entanto, que o maior número de recursos eram protocolados especialmente em relação à Marinha e o Exército. Da parte dos ufólogos, Fernando atribuía as recusas do Exército em atender os recursos em primeira e segunda instâncias, a uma ação com vistas a promover o acobertamento²²¹ de informações.

Portanto, depois de ligar as peças, minha conclusão não pode ser outra, senão que o Centro de Comunicação Social do Exército está fazendo de tudo para não responder o que queremos. E, pior, está querendo nos esconder informações sobre o incidente em Varginha, que foi classificado como ultrassecreto em 1996, segundo os próprios militares que participaram da captura das criaturas, e representa, sem sombra de dúvidas, a prova inquestionável da presença alienígena no nosso país. (Extrato do e-mail de Fernando Ramalho, no dia 12 de junho de 2012, para a Lista UFO)

Mas havia meios de lidar com o acobertamento. Segundo as informações repassadas à lista pelo presidente da CBU, bastava estar certo sobre os documentos que continham potenciais informações sobre operações envolvendo extraterrestres para acionar a Lei de Acesso à Informação:

Edison, com relação a esses “Boletins Reservados”, após reunião última da EBE-ET onde levantamos a questão, militares de alta patente da FAB e do Exército nos aconselharam a pedir, em novas solicitações, os tais “boletins e

²²¹ Em mensagem ulterior para a lista de discussões online Fernando Ramalho argumentou que as práticas de acobertamento tem que ver com “... uma velha cultura de se esconder o que não tem explicação, nem justificativa.” O autor do trecho ainda ressalta que as práticas de acobertamento não são levadas a cabo por todo o corpo militar. (E-mail enviado para a lista da Revista UFO – 26/06/2012)

documentos similares” nos referindo também a “Boletins Confidenciais, Secretos e Ultrassecratos”, para que não sobre dúvida de que queremos TODAS as informações. Segundo eles, quando o assunto alcança alçadas muito elevadas, os tais boletins sofrem “upgrades”, pegando detalhes que não estão nos de menor classificação, tornando-se exceções na rotina militar. Com mais esses conselhos, segunda-feira estaremos soltando mais uma bateria de solicitações. (E-mail enviado para a lista da Revista UFO online – 8 de julho de 2012)

Estive presente na reunião da EBE-ET – Entidade Brasileira de Estudos Extraterrestres – a qual o presidente da CBU fez referência. Naquele dia, Fernando Ramalho apresentava as últimas notícias sobre os resultados obtidos com os recursos à Lei de Acesso à Informação e estimava que fosse possível ter acesso aos boletins ostensivos das operações, o que o levaria então à possibilidade de descobrir algo sobre o “caso Varginha”. Em seguida, informou aos presentes na reunião que tinha conhecimento de três classes de boletins, sendo a última delas aquela classificada com o rótulo de "Reservado, mas que atualmente recebe o nome de “Acesso Restrito” pelo Ministério da Defesa.

Fernando mal havia terminado a sua explanação quando um militar presente na reunião fez uma intervenção, na qual explicou detalhadamente ao grupo as diferentes classificações que boletins internos aos quartéis militares recebiam e em quais situações eram produzidos. O militar terminou contribuindo com um tipo de *expertise* um pouco diferente daquela que os ufólogos, aquela adquirida na vivência diária em quartéis militares, e pelo teor da mensagem que Fernando enviou à lista, o comentário se mostrou útil para os próximos passos no ativismo pela liberação de documentos ufológicos. De posse da informação sobre os nomes que diferentes documentos recebiam e quais eram os seus graus de sigilo, passava a ser possível requisitá-los.

Apesar da posse de todas essas informações, a atividade na lista da Revista UFO entre maio e dezembro de 2012 mostrava que elas não foram suficientes para que as forças armadas decidissem enviar o acervo completo já desclassificado para o Arquivo Nacional. Sempre que recebiam negativas, os ufólogos Fernando Ramalho e Edison Boaventura entravam com o

processo novamente na 2ª, 3ª e 4ª instâncias, o que igualmente resultava no recebimento de respostas padrão da Marinha e Exército.

Dada a ausência de respostas satisfatórias, os membros da CBU associados à Revista UFO organizaram durante o Fórum Mundial de Ufologia de Foz do Iguaçu (um dos maiores eventos ufológicos já realizados no Brasil) a confecção de uma nova missiva ao Ministro da Defesa. A carta, também assinada pelos palestrantes presentes no evento, estabelecia uma série de premissas sobre a existência da vida extraterrestre, atestava a existência de movimentos de abertura em outros países e reclamava da ineficiência das Forças Armadas em atender à Lei 12527/2011. Eis um extrato do documento:

Considerando-se, finalmente, que, apesar de intensos esforços dos estudiosos do tema, como a campanha “UFOS: Liberdade de informação já!, da Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU), para que, dentro de parâmetros legais vigentes, efetivamente se proceda à desclassificação das informações militares sobre o assunto em sua totalidade e se promova a disponibilização integral desse material para consulta popular e estudo científico, apenas a Força Aérea (FAB) cedeu cópias de parte de seu acervo sobre a questão para o Arquivo Nacional, ficando, além da própria FAB, a Marinha e o Exército protelando de todas as formas possíveis o justo cumprimento da Lei nº 12527/2011.” (Carta de Foz do Iguaçu, 2012 <http://www.ufo.com.br/artigos/carta-de-foz-do-iguacu> - Acessado em 03/03/2013)

A “Carta de Foz”, como ficou conhecida, solicitava a criação de uma comissão mista de ufólogos, civis e militares para a investigação e divulgação dos fenômenos ufológicos, proposta que já constava na “Carta de Brasília”. Protocolada no início do mês de janeiro de 2013, a “Carta de Foz” suscitou alguma movimentação por parte do Ministério da Defesa. Em fevereiro do mesmo ano realizaram uma reunião com as Forças Armadas com vistas a analisar as demandas contidas na missiva. Em abril, os membros da Comissão Brasileira de Ufólogos foram convocados para uma reunião no Ministério da Defesa em Brasília. Neste momento a lista de e-mails foi alimentada com mensagens de grande entusiasmo que, via de regra, ressaltavam que era a primeira vez que os ufólogos eram chamados pelo Governo para discutir o tema. As mensagens

também foram produzidas após o referido encontro e descreviam-no como um sucesso, dada a promessa dos agentes públicos ali presentes em fornecer os documentos solicitados no prazo de dois meses. Thiago Tichetti, membro da CBU, ocupou-se da escrita de um breve relato da reunião, que enviou à lista um dia depois do ocorrido. De acordo com a sua descrição, os ufólogos presentes narraram a dificuldade em conseguir documentos que reputavam como importantes, assim como instruíram os militares presentes na magnitude dos casos que estudavam. Segundo Thiago, foi proposta a criação de uma "comissão conjunta", formada por ufólogos e militares, "para a pesquisa e análise dos relatos de avistamento". O então Secretário de Coordenação e Organização Institucional do Ministério da Defesa, Ari Ramos Cardoso, se comprometeu com a avaliação do pleito que os ufólogos faziam na reunião:

Ao final da reunião, o Sr. Ari afirmou que aquela reunião e o assunto eram de suma importância para o Governo. Que levaria tudo aquilo que foi dito ao Ministro da Defesa e que era de ordem do ministro e da presidente que nenhuma informação seja mantida sob sigilo, a não ser aquelas que poderiam colocar em risco a soberania nacional, mas que estas seriam a exceção da exceção. O Sr. Ari também se prontificou a criar um canal direto de comunicação entre os ufólogos e o MD, e ele deixou bem claro que o Ministério da Defesa são as forças armadas também. Ele não disse que será através da criação de um grupo, comissão ou órgão ligado diretamente ao MD, mas que buscaria soluções que seriam apresentadas a CBU para que juntos acordassem a melhor das propostas. (E-mail enviado por Thiago Tichetti à lista da Revista UFO -19/04/2013)

A referida reunião também foi noticiada no próprio site do Ministério, e a nota jornalística relata que ao término do encontro, os ufólogos comemoraram o evento com expressões de entusiasmo: "Essa é uma data que vai entrar para a história da Ufologia", disse Fernando Aragão, da revista UFO. "É a primeira vez que o Ministério da Defesa de um país chama ufólogos para conversar formalmente sobre discos voadores", celebrou."²²²

*

²²² Site do Ministério da Defesa. (<http://www.defesa.gov.br/noticias/4283-ministerio-da-defesa-recebe-ufologos-para-tratar-de-documentos-sobre-ovnis> - Acessado em 19/04/2013)

A partir deste ponto interromperei a descrição do movimento levado a cabo pelos ufólogos nos meses seguintes à reunião, mas devo dizer que esta não representou o fim do ativismo pela desclassificação de informações ufológicas empreendido pela CBU. Do mesmo modo, o encontro com os militares tampouco cessou aquilo que os ufólogos descreveram como um jogo de “gato e rato” ou um jogo de “esconde-esconde”.

Outrossim, quanto mais documentos eram liberados mais informações os ufólogos tinham à disposição para requisitar documentação adicional. A liberação parcial dos documentos secretos pelas forças armadas dava mostras da existência do segredo sem revelar o seu conteúdo completo.

Graham Jones (2014), ao comentar o artigo de Zempléni (1996), intitulado *Savoir taire: du secret et de l'intrusion ethnologique dans la vie des autres*, destaca o uso da expressão “*secretion*” pela autora, para designar a “exibição dos sinais do segredo sem revelá-los” (Jones,2014:56)²²³:

Among the most prominent mediums of secrecy in the ethnographic literature are ritual implements or modalities associated with what Zempléni (1996) aptly terms “*secretion*”: “the exhibition of signs of secrecy without disclosure of secrets”. (Jones, 2014:56)

Igualmente, Graham Jones (2014) reputa a Simmel (1906) certa atribuição de um aspecto "generativo"(Jones,2014:54) ao segredo, isto é, à sua capacidade de engendrar movimentos diferentes da dissolução da tensão implicada na revelação (Simmel, 1906). Logo, os efeitos do “segredo” – do conhecimento de sua existência e não exatamente do seu conteúdo – repousam em sua capacidade de permanecer guardado, ou ainda, da sua contenção associada às demonstrações de sua existência:

Por isso a significação sociológica do segredo encontra o seu modo de realização, sua medida prática, na capacidade ou na inclinação do sujeito para

²²³ Tradução livre.

guardá-lo ou, se se quer, na sua resistência ou fraqueza diante da tentação de atraí-lo.” (Simmel,1906:238)²²⁴

Na mesma direção, Jones (2014), apoiando-se no artigo *Anthropology, secrecy, and Wikileaks*, de autoria de Forte (2010), estabelece que o poder do segredo parece repousar menos naquilo que ele contém – naquilo que o forma – e mais no modo como é partilhado e circulado.

Tendo analisado este efeito "generativo" do segredo, passarei a analisar um novo caso no qual esta noção é mobilizada. Trata-se do problema da “desinformação extraterrestre”.

O problema da “desinformação”

O livro *The KGB and Soviet Disinformation* (Ladislav,1985), escrito pelo desertor do serviço secreto soviético Ladislav Bittman, constitui um testemunho dos meios dos quais a KGB se valia para levar a cabo ações de contra-inteligência direcionadas aos Estados Unidos e aos países da América Latina.

A obra não apenas descreve em minúcias cada um dos métodos empregados pela agência de informações durante o início da década de 1960, como nos apresenta alguns princípios que governam os referidos procedimentos, nomeados de *active measures*. Entre eles está o uso de técnicas de desinformação, que o autor define do seguinte modo:

Disinformation is a carefully constructed false message leaked into an opponent’s communication system to deceive the decision-making elite or the public. Disinformation can be of political, economical, military, or even scientific nature.” (Bittman, 1985:49)

A desinformação, portanto, não se constitui enquanto uma tentativa explícita de alterar a percepção sobre o alvo. O seu método é o vazamento de informações falsas, mas que contenham alguns elementos de “verdade” (Bittman,1985:49) de tal forma que se consiga produzir o efeito desejado sobre as opiniões sem que os traços da influência sejam notados. Ou como observou

²²⁴ Valho-me aqui da tradução produzida por Simone Carneiro Maldonado: SIMMEL,George. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. Tradução: Simone Carneiro Maldonado. Revista de Ciências Humanas, v. 43, nº1, 2009.pg- 219-242

Roy Wagner: " It works on a "leakage principle", partial truths leaked out in the telling of deliberate lies, and deliberate lies leaked in the telling of partial truths." (Wagner,200:362)

De acordo com Ladislav Bittman a trama da desinformação requer pelo menos três atores: o operador, quem conduz a operação; o adversário, ou alvo; e o agente involuntário da desinformação. O último, normalmente um jornalista ou um meio de comunicação, reproduz a mensagem sem consciência de que esta fora plantada pelo operador.

No emprego das técnicas de desinformação, salienta Ladilav Bittman, a figura do operador - de quem emana a ação – deve ficar oculta, sob o risco de comprometer a operação. A operação de desinformação, se descoberta, se converte em sabotagem, pois se retirada a carga de segredo ela não é mais do que “informação” pronta para denunciar as táticas que lhe informaram e estragar o gradiente de sigilo que lhe é substancial. Em suma, a efetividade da desinformação requer que a mensagem goze da aparência máxima de legitimidade. São pistas plantadas, mas a impressão que se deseja fazer conhecer é que elas sempre estiveram ali .

Contatados e desinformação

Conheci Alberto Francisco do Carmo em uma reunião da EBE-ET, Entidade Brasileira de Estudos Extraterrestres. Embora ele não fizesse parte do grupo, fora convidado para contribuir com o mesmo, uma vez que é um ufólogo experiente e há mais de cinquenta anos está envolvido com o tema.

Durante a reunião Alberto se deteve na explanação de casos, na tentativa de explicar algumas características de naves reportadas por abduzidos e, sobretudo, na admoestação aos presentes para abandonarem o emprego do termo “abdução”. Segundo Alberto, a expressão é inapropriada, porque não traduz com acuidade o sentido embutido no termo inglês “abduction”, que indica “sequestro” ou "rpto". De acordo com ele, o termo “abdução” termina por obliterar a

dimensão violenta que muitas vítimas dos extraterrestres experimentam e, portanto, deveria ser substituído por uma tradução que acomodasse este sentido.

Além da violência implicada nos sequestros – via de regra marcados por extrações de material reprodutivo humano pelos extraterrestres – , os últimos dariam informações falsas aos chamados contatados, com vistas a camuflar a sua presença na Terra. Segundo Alberto, quem lhe forneceu as primeiras indicações disso foi John A. Keel²²⁵, autor do livro *Operation Trojan Horse* (Keel,1970)

Em seu livro Keel argumenta que há numerosos contatados espalhados pela Terra. Estas pessoas normalmente contam histórias sobre os seus encontros com os alienígenas, apresentam dados que lhes foram passados sobre diferentes planetas e diversos modos de existência e, por vezes, trazem mensagens messiânicas. Aos contatados, costumeiramente pesa-lhes o rótulo de loucos, pois são acusados de terem inventado complicadas tramas, que envolvem seres de Vênus, Marte, Clarion e Orion, assim como detalhes sobre a física e a química alienígenas e os planos dos *aliens* para o futuro terrestre.

Entretanto, segundo John Keel as mensagens dos contatados não seriam outra coisa além das informações que lhes foram passadas pelos alienígenas, de tal forma que se estas contém dados absurdos ou comentários imprecisos sobre a possibilidade de vida em planetas estéreis, isto não tem a ver com a incapacidade de forjarem histórias com teor mais coerente/convincente. Comenta John Keel que se as estórias dos contatados parecem estranhas, isto se deve a uma operação de desinformação levada a cabo pelos alienígenas:

No, the real truth lies in another direction. The contactees from 1887 on have been telling us what they were told by ufonauts. The ufonauts are the liars, not the contactees. And they are lying deliberately as part of the bewildering smoke-screen that they have established to cover their real origin, purpose and

²²⁵ Trata-se de um best-seller ufológico, publicado na década de 70.

motivation. (Keel,1970: 190)²²⁶

O autor ainda observa que a tática de apresentar informações falsas aos contatados participa de um operação de embuste, uma vez que “... many of these contactees lack the imagination to make up their stories or to construct the complicated hoaxes that develop.” (Keel, 1970:190).

*

Alberto é um homem de 70 anos, de estatura mediana, cabelos grisalhos e inteligência arguta. Possui erudição impressionante, versado nas línguas inglesa e francesa, além de conhecedor de um pouco de italiano. Nascera em Belo Horizonte e é filho único de um contador prático e de uma dona de casa, tendo morado na mesma cidade até a década de 80, quando se mudou para Brasília. Anteriormente, foi radialista, funcionário de um banco, professor de física e tesoureiro do Partido Social Trabalhista. Na capital federal trabalhou no IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – e também na UnB, onde fez parte do Núcleo de Estudos de Fenômenos Paranormais.

Ainda em Belo Horizonte, foi membro de um dos mais antigos grupos ufológicos do Brasil, o CICOANI, cujo presidente era Húlvio Brat Aleixo. Na qualidade de integrante do grupo atuou ativamente na investigação de casos, assim como na produção de artigos muitas vezes dedicados à reflexão sobre o campo ufológico.

Logo após o nosso contato na reunião da EBE-ET, escrevi para Alberto com vistas a marcar uma reunião. Este prontamente me respondeu com um convite para um almoço em sua casa. Foi em seu apartamento, em Santa Maria – DF, em meio a sua vasta e diversa biblioteca, numerosas relíquias que colecionara e uma bela imagem de Gal Costa, onde ele me concedeu uma longa entrevista. A mesma, foi o moto inicial para a cooperação que mantemos desde 2012.

²²⁶ Cito a referida passagem em atenção à indicação de Alberto, quem reputa a ela grande importância.

Durante a nossa conversa, Alberto revisitou os comentários que fizera durante a reunião da EBE-ET a propósito da leitura dos casos de abdução como sequestros e depois observou que o termo “visita” descreve mal as relações que os extraterrestres entretêm com os terráqueos. De acordo com Alberto “a nossa ética, a nossa cultura, as nossas fronteiras, são simplesmente violadas, portanto, somos vítimas não de uma invasão ou de uma visita, mas uma intrusão”. (Entrevista – Alberto Francisco do Carmo).

Além dos episódios de sequestro, Alberto me contou sobre tentativas de desestabilizá-lo que teriam ocorrido a partir de ações extraterrestres. Na primeira, teriam escondido um objeto de sua estima – uma caneta Mitsubishi - , para depois fazê-la aparecer em um lugar óbvio. A segunda se passara na véspera da noite de Natal, quando ele acordou com parte do corpo paralisado e com o sentimento de que agulhas se acumulavam sobre ele e uma voz que sussurrava em seu ouvido: “agora você está tendo contato com extraterrestes, como você pediu”. (Entrevista – Alberto Francisco do Carmo). As demais tentativas de desmobilizá-lo teriam acontecido por ocasião do seu período de trabalho na UnB, especialmente nas situações em que dava palestras ou cursos sobre o assunto.

É o seguinte: quando eu vim dar as primeiras palestras em 1990, no auditório “Dois Candangos”, eu estava atravessando o CEAM para o minhocão, descendo aquele declive. Quando alguém [...]alguém me bate no ombro. Era um camarada que trabalhava na UnB e cuidava de animais na UnB. Um veterinário. Ele disse: eu preciso falar com você: “Por quê?” “O que houve?” Ele me contou o seguinte: Ele tinha visto um disco voador uma vez, bem de perto. Um Óvni, a uns 100 metros de distância. [...] E que desde então ele escutava de vez em quando umas vozes que vinham conversar com ele. Só que agora, quando ele quis comparecer nas minhas palestras, ele começou a receber destas vozes ordens coléricas que ele não viesse, que não comparecesse na minha conferência, que saísse da cidade. Aí eu já estava começando a ficar escolado. “O que eu faço? O que eu faço?” Eu disse:” olha, você quer saber de uma coisa? Tão querendo te botar medo. Se for o que eu tô pensando, a melhor resposta é: vai, que eu tenho certeza que não vai te acontecer nada. E não aconteceu.” (Entrevista – Alberto Francisco do Carmo)

O segundo episódio, que teria se passado na UnB, ocorreu durante um curso de ufologia organizado por Alberto. Entre os alunos havia alguém que tinha contatos com extraterrestres por

meio de sonhos e afirmava que estes haviam transformado a sua vida para melhor. Em certo momento do curso algumas fofocas começaram a ser disseminadas sobre o professor e Alberto decidiu solicitar ao referido senhor que perguntasse aos alienígenas, em seu próximo contato, se eles o conheciam. Como se notará, a resposta também insinuava uma tentativa de desmobilizá-lo:

Ele falou assim: “Mas isto já foi feito. Conhecem sim e eles acham que você é uma espécie de inimigo deles. E que se você não ficar bonzinho e ficar amigo deles, eles vão revirar a sua vida de cabeça para baixo.” Olha, eu fingi que estava calmo, mas diante de outras coisas que tinham acontecido, eu fiquei de olho. Coincidência ou não, a minha já estava virando e virou de cabeça para baixo. E eu custei muito tempo... Eu me apartei um pouquinho do assunto, voltei muito cautelosamente. E resolvi pagar para ver. Até agora não me aconteceu nada não. Mas registre-se. (Entrevista – Alberto Francisco do Carmo)

Nos termos do meu interlocutor, ele foi capaz de lidar com as tentativas de fragilizá-lo, entretanto, outros humanos, a partir do contato com os aliens passaram a veicular as suas mensagens falsas, a criar seitas dedicadas aos extraterrestres e, sobretudo a disseminar informações propagadas em programas televisivos. Nos termos de Alberto, “[eles] aparecem para gente mais simples, que é mais fácil de ser enganada. E que se procuram a ciência e a ciência os rejeita, é mais um a reforçar as dúvidas sobre a ciência” (Entrevista – Alberto Francisco do Carmo).

Segundo Alberto, a desinformação alienígena terminaria alimentando teorias conspiratórias, que seriam o resultado da negação dos cientistas em conceder atenção aos relatos ufológicos. Para ele fosse a educação formal melhor disseminada, dificilmente tantos contatados seriam seduzidos pelas histórias dos extraterrestres, uma vez que estas conteriam algumas informações falsas.

Ao discorrer sobre a desinformação alienígena e sobre a ação das histórias contadas pelos extraterrestres aos contatados, os casos apontados com maior ênfase por Alberto são aqueles nos quais os extraterrestres dizem vir de um planeta que, dificilmente, poderia abrigar vida.

De acordo com Alberto, na medida em que os contatados apresentam relatos com dados absurdos e histórias com pouca coerência, passam a ser tratados como loucos e, conseqüentemente, prejudicam a credibilidade daqueles que afirmam sobre outras bases a existência de seres extraterrestres. O efeito disso seria que os últimos poderiam operar na Terra sem serem incomodados.

A pragmática do segredo

Na introdução deste capítulo mencionei dois modos distintos de articular a noção de segredo na ufologia. A primeira, objeto da exposição da primeira parte, recorre às acusações de acobertamento de tal forma a pressionar o Estado pela liberação de documentos secretos. A segunda, matizada na fala de Alberto, sugere que os extraterrestres seriam, eles mesmos, responsáveis pelo seu próprio acobertamento. No primeiro caso, o silêncio dos militares e a gradual liberação de dados incompletos, ativa os coletivos ufológicos, criando uma situação paradoxal: quanto mais informações são reveladas, maior é a suspeita sobre a continuidade do segredo. A efetividade dos documentos em relação à conformação dos coletivos ufológicos que estudei resulta do fato de estarem guardados e incompletos, o que instiga os ativistas a imaginarem um futuro público no qual eles, em companhia dos militares, estudariam o “fenômeno” em uma comissão mista.

A leitura que Alberto Francisco do Carmo faz de John Keel, por seu turno, embaralha completamente o curso deste movimento. Uma consequência da tese sobre a desinformação alienígena é que mesmo que os ufólogos envolvidos na tentativa de desclassificação dos documentos consigam liberar o último relatório, nada lhes garantiria que as informações ali contidas não seriam outra coisa além de um reporte que fora capturado pelas ações furtivas alienígenas para confundir os humanos sobre a sua presença na Terra.

Ora, sendo assim, em um caso ou em outro, os *aliens* permanecem fora de alcance. Não são invisíveis, na medida em que deixam rastros, mas obrigam-nos, como muito bem colocou Roy Wagner (2000), a fazer a pergunta sobre “quem está desinformando quem?” (Wagner,2000:363). A vantagem de pensar com Wagner é, portanto, sinalizar para esta indecidibilidade sobre o fenômeno, dirigindo-nos não para as respostas à referida pergunta – uma vez que elas se multiplicam com muita velocidade – , mas para as perguntas que rotineiramente se faz sobre o segredo. Seu texto intitulado “Our very Own Cargo Cult” (Wagner,2000) não opera a partir de uma homologia entre os cultos à carga melanésios e movimentos milenaristas e os óvnis, tendo por base o fato de que ambos surgem a partir da visão um aparato tecnológico no céu. Se há alguma homologia, esta participa mais nos jogos de desinformação implícitos tanto em suas vinhetas sobre os Daribi, quanto no fenômeno UFO de modo geral. Não só a referida noção de desinformação, como a ideia de *misunderstanding*, possuem um rendimento para pensar o encontro – e o desencontro – entre os Daribi e os poderes coloniais, os ufonautas e os terrestres, mas também para as relações que se entretêm durante a pesquisa de campo. Segundo Wagner “[t]he anthropologist is not in the business of discovering secrets, but only in the business of making new ones” (Wagner,2000:367)

Por sua vez, Eduardo Viveiros de Castro (2011) opõe aquilo que chama de uma pragmática da verdade à hermenêutica da suspeita. Segundo o autor, a primeira acomoda-se no bojo de uma teoria dos efeitos. A última, por seu turno “... seeks the truth behind the lies that are told within and by society” (Viveiros de Castro, 2011:145) Em movimento homólogo, chamarei de “pragmática do segredo” as cadeias de efeitos que aquilo que permanece reservado ativa nas dinâmicas de relações dos ufólogos, dos governos e dos antropólogos. A noção de “pragmática do segredo”, de maneira homóloga à ideia de “parcial visibilidade” trabalhada anteriormente,

constitui-se como uma derivação prática de duas máximas propagadas pela popular série de TV “Arquivo X”: “The truth is out there” e “Trust no one”.

Se a verdade está lá fora e não se pode confiar em ninguém, resta-nos então acompanhar as deambulações dos ufólogos, de seus documentos e dos extraterrestres. Se o segredo tem o caráter generativo que Simmel lhe reputa, se ele vale mais guardado que desvelado e se ele se presta mais a produzir do que a destruir, acompanhar a “pragmática do segredo” significa estar atento às minúcias de sua “secreção” (Zépleni, 1996). Afinal, a ufologia não é outra coisa além da contínua “secreção” do segredo.

Carta de Brasília

Categoria:

Brasília (DF), Brasil, 14 de dezembro de 1997

Os ufólogos brasileiros e estrangeiros, de 19 nações, de todos os continentes, reunidos no Primeiro Fórum Mundial de Ufologia, no período de 07 a 14 de dezembro de 1997, no Parlamento Mundial da Fraternidade Ecumênica, ParlaMundi da LBV, em Brasília, Brasil, vêm à presença do Ministro da Aeronáutica Brasileira apresentar os seguintes fatos:

1. Que é de conhecimento geral que o Fenômeno UFO, representado pelas constantes visitas de veículos espaciais ao nosso planeta Terra, é genuíno e assim tem sido confirmado independentemente por ufólogos civis e autoridades militares de todo o mundo, nos últimos 50 anos.
2. Que tal fenômeno já teve sua origem plenamente identificada como sendo extraterrestre e que os veículos que nos visitam tão insistentemente provêm de civilizações tecnologicamente mais avançadas do que a nossa, mas que coexistem conosco no Universo.
3. Que tais civilizações encontram-se num processo contínuo de aproximação da Terra e de nossa civilização planetária. Igualmente, essas civilizações, em suas manobras, na maioria absoluta das vezes, não demonstram hostilidade para conosco.
4. Que as visitas de tais civilizações extraterrestres à Terra têm aumentado, gradativamente, nos últimos anos, segundo comprovam as estatísticas nacionais e internacionais, tanto em quantidade quanto em profundidade e intensidade.
5. Que é urgente que se estabeleça um programa oficial de conhecimento, pesquisa e respectiva divulgação pública do assunto, de forma a esclarecer a população brasileira a respeito da inegável e cada vez mais crescente presença extraterrestre na Terra.

Assim, considerando atitudes assumidas em vários momentos da História, por países que já reconheceram a extensão do problema, como por exemplo o Chile, há algumas semanas, respeitosamente recomendamos que o Ministério da Aeronáutica da República Federativa do Brasil, ou algum de seus organismos, a partir deste instante, formule uma política apropriada para se discutir o assunto, nos ambientes, formatos e níveis considerados necessários.

A Comunidade Ufológica Brasileira (CUB), neste ato representada pelos estudiosos nacionais abaixo assinados, com total apoio da Comunidade Ufológica Mundial, também signatária deste documento, deseja oferecer voluntariamente seus conhecimentos, seus esforços e sua dedicação para que tal proposta venha a se tornar realidade e que tenhamos o reconhecimento imediato do Fenômeno UFO.

Como marco inicial deste processo, que simboliza uma ação positiva por parte de nossas autoridades, a Comunidade Ufológica Brasileira respeitosamente solicita que o referido Ministério abra seus arquivos referentes a pelo menos dois episódios específicos e marcantes de nossa pesquisa ufológica:

(a) a Operação Prato, conduzida pelo Primeiro Comando Aéreo Regional (Comar), de Belém (PA), entre setembro e dezembro de 1977, que resultou em volumoso compêndio que documentou com mais de 500 fotografias e inúmeros filmes a movimentação de UFOs sobre a Região Amazônica, da forma como foi confirmado pelo coronel Uyrangê Bolívar Soares de Hollanda Lima; e

(b) a maciça casuística ufológica ocorrida em maio de 1986, sobre os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, entre outros, em que mais de 20 objetos voadores não identificados foram observados, radarizados e perseguidos por caças o jato de nossa valorosa Força Aérea, segundo afirmou o próprio ministro da Aeronáutica à época, brigadeiro Octávio Moreira Lima.

Absolutamente conscientes de que nossas autoridades civis e militares jamais se descuidaram da situação, que tem sido monitorada com maior ou menor grau de interação ao longo das últimas décadas, sempre no interesse da segurança nacional, julgamos que a tomada da providência acima referida solidificará o início de uma próspera e proveitosa parceria.*

Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

Ademar José Gevaerd
Claudeir Covo
Marco Antonio Petit
Rafael Cury
Reginaldo de Athayde
Ubirajara Franco Rodrigues

Figura 7- Carta de Brasília²²⁷

²²⁷ <http://www.ufo.com.br/artigos/carta-de-brasilia/>

Capítulo 7 – “Não são produto desta lógica, são produto desta mágica”

Organizei a distribuição dos capítulos antecedentes de tal modo a dar ao leitor(a) condições de vislumbrar os modos de operação da ufologia no Brasil. Para tanto, descii às minúcias da organização dos congressos dedicados ao tema, descrevi em detalhes as conformações dos grupos ufológicos, discuti o processo de constituição e perpetuação de uma publicação, assim como esbocei a etnografia de um caso envolvendo extraterrestres e do ativismo pela liberação de documentos militares concernentes ao assunto.

Nos comentários que tecei em cada uma das referidas seções, se fiz menções à relação entre a ufologia e a ciência estas figuraram como notas complementares. Deste modo, sempre que o tópico se insinuava e que era possível puxar o fio que o colocaria em discussão, deliberadamente adiei a empreitada de forma a reservá-la para o corrente capítulo.

Aqui me debruçarei sobre esse conjunto de questões: de que forma os ufólogos concebem a relação entre a ufologia e a Ciência? De que maneira levam a cabo os processos de identificação daquilo que é um objeto significativo para a disciplina? Se a unidade fundamental da ufologia é o “caso”, de que modo ele é dirimido? O que conta como uma evidência em ufologia? Como identificar o que é uma farsa? E, finalmente, por que a sociologia e antropologia da ciência ignoraram o estudo das ciências extraordinárias? Começarei pela última questão.

*

Três instâncias de recusa

No primeiro capítulo do livro *Knowledge and Social Imagery* (1976), David Bloor perguntava se a sociologia da ciência “poderia investigar e explicar o próprio conteúdo e a natureza do conhecimento científico.” (Bloor, 1976:1) De acordo com o autor a disciplina, ao

seguir o lastro de Robert Merton, se confinara aos aspectos institucionais da ciência e se intimidara perante a tarefa de pensar o seu material constitutivo, limitando-se à uma sociologia dos cientistas, isto é, aos arranjos que tornavam possíveis a produção de teorias, hipóteses e testes experimentais.

Segundo Bloor isto só ocorria porque esta classe de sociologia sustentava uma distinção entre aquelas formas de conhecimento que não precisavam ser explicadas – porque eram tomadas como lógicas e racionais – e aquelas resultantes do erro (ou dos “resíduos irracionais” (Bloor,1976:7)) cujos determinantes deveriam ser explicados pela sociologia. O aporte de seu “Programa Forte”²²⁸, portanto, estipula que a sociologia da ciência deveria passar a estudar tanto as crenças ditas “falsas”, quanto as “verdadeiras” – “princípio da imparcialidade” - procurando aplicar o mesmo tipo de explicação para ambas – “princípio da simetria” (Bloor, 1976). Agindo assim contraria as abordagens que lhe antecederam, de acordo com as quais, a sociologia da ciência só deveria se ocupar das investidas marcadas pelo erro, pelo ausência de sucesso e aquelas, relegadas ao ostracismo, deixando à filosofia da ciência a pesquisa da “história interna” da ciência (Bloor,1976). Ao entabular um diálogo com Imre Lakatos, Bloor comenta:

It does not matter how the central principles of rationality are chosen, or how they might change. The central point is that, once chosen, the rational aspects of science are held to be self-moving and self-explanatory. Empirical or sociological explanations are confined to the irrational. (Bloor,1976:7)

Portanto, a principal característica do *approach* adotado por Bloor consiste em seu pleito por uma extensão da pesquisa sociológica ao próprio núcleo da ciência, movimento que poderia atingir até mesmo a matemática e a lógica, que figuram, na economia argumentativa do autor, como os maiores “testes” pelos quais o “Programa Forte” poderia passar.

²²⁸ Bloor usa o adjetivo "forte" com vistas a se diferenciar de outras abordagens da sociologia da ciência que, segundo ele, não tomavam o dito "núcleo" da ciência como objeto de estudo.

Se a maior contribuição do programa forte consistiu em abrir o caminho para que os sociólogos pudessem estudar a própria produção do conhecimento científico e se a partir de então estes não mais se confinariam ao que o autor chama de “história externa” da ciência, cumpre perguntar qual é o lugar que esta classe de sociologia poderia reservar as disciplinas como a ufologia, a criptozoologia e a parapsicologia. Vale questionar se o afã por estudar a ciência produzida em laboratórios não terminou por obliterar e, ainda, por relegar a certa zona obscura, os saberes que não são reconhecidos como científicos.

Estimo que se estes últimos campos foram marginalizados dentro da própria disciplina que se autodenomina de “Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia”, isto ocorreu pelo temor de fazer este domínio de investigação voltar à sua ocupação primeira – ou à imagem que dela se fez - , qual seja, ao estudo das ciências que não deram certo. Neste caso, se os partidários da nova sociologia da ciência levassem adiante linhas de pesquisa que se detivessem nestes temas, ainda que estivessem respeitando o princípio da simetria proposto por Bloor – que prevê que explicações de ordem semelhante deveriam ser aduzidas - de algum modo estariam reatualizando a divisão de tarefas prevista por Lakatos.

Acerca desta divisão, Bloor comenta:

The sociologist is allowed to crumb of comfort from the fact that Lakatos is only too pleased to grant that there will always be some irrational events in science that no philosophy will ever be able or willing to rescue. He instances here unsavory episodes of Stalinist intervention in science like the Lysenko affair in biology. (Bloor,1976:7)

Talvez os sociólogos da ciência cujos trabalhos são tributários do “Programa Forte” tenham suas razões para contornar as disciplinas que, embora construídas à imagem da ciência, por certo não consistiam em disciplinas acadêmicas. Avançar sobre esses campos, se por um lado não representava qualquer incoerência com o que previa o “Programa Forte”, por outro lado, significaria continuar ocupando a tarefa que havia sido reservada à disciplina.

Em 1979, Bruno Latour e Steve Woolgar publicariam o livro "A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos" (Latour & Woolgar, 1979), obra que ficou conhecida como um dos primeiros estudos de um laboratório científico e que inauguraria os estudos em antropologia da ciência.

A respeito deste livro interessa-me pensar de que modo o próprio desenho de uma “antropologia da ciência” lança à penumbra e, ao mesmo tempo não autoriza, qualquer empreitada que se dedique ao estudo das ditas “paraciências”. Latour e Woolgar, ao apresentarem os fundamentos da condução do trabalho de campo em laboratório, ainda que por uma via diferente do “Programa Forte”, terminam sepultando qualquer iniciativa de estudo de disciplinas “marginais” em relação à ciência.

Centenas de etnólogos visitaram todas as tribos imagináveis, penetraram florestas profundas, repertoriaram os costumes mais exóticos, fotografaram e documentaram as relações familiares e os cultos mais complexos. E, no entanto, nossa indústria, nossa técnica, nossa ciência, nossa administração permanecem bem pouco estudadas. Expulsos do campo na África, na América Latina ou na Ásia, os etnólogos só se sentem capazes de estudar, em nossas sociedades, o que é mais parecido com os campos que acabavam de deixar: as artes e as tradições populares, a bruxaria, as representações simbólicas, os camponeses, os marginais de todos os tipos, os guetos. *É com temor e escrúpulo que avançam em nossas cidades. Chegando ao cerne delas, estudam a sociabilidade dos habitantes, mas não analisam as coisas feitas pelos urbanistas, pelos engenheiros do metrô ou pela câmara municipal; quando penetram de salto alto em uma fábrica, estudam os operários, que ainda se parecem um pouco com os pobres exóticos e mudos que os etnólogos têm o hábito de sufocar sob seus comentários, mas não os engenheiros e patrões. Têm um pouco mais de coragem quando se trata da medicina, reputada como uma ciência mole. Mesmo neste caso, contudo, eles estudam de preferência a etnomedicina ou as medicinas paralelas. Os médicos propriamente ditos, as medicinas centrais não são objeto de qualquer estudo meticoloso. Nem falemos da biologia, da física, das matemáticas. Ciência da periferia, a antropóloga não sabe voltar-se ao centro*²²⁹. (Latour & Woolgar, 1997:18)

Devo chamar atenção para o fato de que se Latour e Woolgar desautorizam as pesquisas que dedicam a pensar saberes outros que a Ciência, isto não se dá como acontecera com Bloor, a partir de um temor em recolocar a sociologia da ciência em seu posto na antiga divisão de

²²⁹ Grifos Meus.

funções. Tampouco se trata de enunciar qualquer aspecto proibitivo além daquele contido na crítica aberta a certo afã pelo periférico – que os autores reputam à antropologia, de modo geral.²³⁰

De fato, a censura que os autores fazem às pesquisas sobre as etnomedicinas e medicinas paralelas – correlatas, portanto, às ciências paralelas (ou “paralelas à ciência”) –, mais tarde foi reeditada e passou a fazer coro com outros elementos que Bruno Latour, em particular, vê como indispensáveis a uma antropologia do mundo euro-americano. Refiro-me aqui a pelo menos três episódios nos quais o autor defende que o estudo das “ditas paraciências” não se insere no escopo privilegiado de uma antropologia da ciência.

No segundo capítulo do ensaio “Jamais fomos modernos” (Latour,1994) o autor reedita a observação feita no primeiro capítulo do livro “A Vida de Laboratório”, salientando a necessidade de ponderação entre a atitude dos antropólogos que estudam “aspectos” centrais da vida dos “outros”, mas que ao mesmo tempo se acanham perante o trabalho de realizar etnografias do Estado, do Mercado e da Ciência. A partir deste comentário depreende-se que, não sendo as “paraciências” ditas como “centrais”, ao estudá-las a antropologia capitularia ao título de ciência voltada à periferia.

Em *Quand les anges deviennent de bien mauvais messagers* (1990) Latour reprova o que considera ser uma preferência dos estudiosos das ciências humanas pelas “crenças em discos voadores” em detrimento dos “saberes sobre o buraco negro”. Decerto que se trata aí de uma discussão sobre a noção de “crença” – em especial a crítica à distinção entre crença e saber – sobre a qual tratarei na conclusão. Entretanto, o simples fato do autor colocar em jogo estas duas instâncias, parecer ser uma indicação suficiente da censura ao estudo destes domínios.

²³⁰ Devo ao Prof. Guilherme Sá, em particular, ao artigo intitulado “Antropologia e não modernidade: até que a Ciência as separe”(Sá,2012) a indicação deste ponto. Nas páginas seguintes sumarizo a natureza do seu comentário.

Há, entretanto, outros momentos em que o autor é ainda mais explícito. No capítulo nove de *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches* (Latour, 2002), depois de discutir a noção de “envoltório ontológico”, Latour, mesmo que de forma indireta, termina desencorajando o estudo de campos como a ufologia.

O único exemplo de crença ingênua que possuímos, viria, portanto, da crença ingênua dos estudiosos no fato de que os ignorantes acreditam ingenuamente? Não completamente, pois existem, de fato, *ignorantes que reproduzem bastante bem a imagem que os estudiosos gostariam que eles fizessem de si próprios*. Os fotógrafos de discos voadores, os arqueólogos de cidades espaciais perdidas, os zoólogos que buscam vestígios dos yeti, aqueles que mantiveram contato com pequenos homens verdes, os criacionistas em luta contra Darwin, todas essas pessoas que Pierre Lagrange estuda com a atenção apaixonada de um colecionador, *procuram efetivamente fixar entidades, que teriam aparentemente, as mesmas propriedades de existência, o mesmo caderno de encargos, que as entidades que, segundo os epistemólogos, saem dos laboratórios. Coisa curiosa, eles são chamados de “irracionalistas”, quando o seu maior defeito provém antes da confiança apaixonada que manifestam em um método científico que data do século XIX, na exploração do único modo de existência que eles conseguem imaginar: o da coisa lá, presente, esperando ser fixada, conhecida, inflexível. Ninguém é mais positivista que os criacionistas ou os ufólogos, visto que só conseguem imaginar outras maneiras de ser e de falar descrevendo matters of fact*. Nenhum cientista é tão ingênuo, ao menos no laboratório. De modo que, paradoxalmente, o único exemplo de crença ingênua que possuímos parece vir dos irracionalistas, que pretendem constantemente derrubar a ciência oficial com fatos obstinados, encobertos por um complô. (Latour, 2002:82)²³¹

No trecho acima, dois elementos chamam a atenção: (1) mesmo que se trate de um ensaio, Latour transita de forma licenciosa entre domínios muito distintos, unindo, portanto, a zoologia dos seres ditos fantásticos, o criacionismo e os “fotógrafos de discos voadores”. O fato destes saberes terem traços distintos, não o intimida diante da tarefa de classificá-los segundo os moldes de uma “crença ingênua” – a única crença possível em sua economia conceitual. Esta se manifesta, segundo o seu comentário, na forma de uma confiança no *discurso dos cientistas*. Em última análise, os criptozoólogos e ufólogos – e demais habitantes das beiradas da ciência – seriam os únicos a acreditarem nos *accounts* que os próprios cientistas dão sobre suas práticas. E (2) em um certo tipo de emulação forçada – mal feita, porque dá atenção demasiada ao modelo –

²³¹ Grifos Meus.

,os estudiosos destas áreas empenham suas vidas em busca da tentativa de “fixar entidades” e pretendem seguir piamente o método científico. O desencorajamento aos estudos sobre saberes como a ufologia, por certo, parece responder antes àquilo que o autor entende como “áreas centrais”, do que a qualquer outro motivo.

Guilherme Sá, no artigo intitulado *Antropologia e não modernidade: até que a Ciência as separe* (Sá, 2012) tematiza com bastante propriedade o último ponto, isto é, a dependência da antropologia da ciência de Latour de uma distinção entre "central e periférico". De acordo com Sá, a obra de Latour, ao fundar a sua antropologia na última distinção, teria deixado passar um pressuposto moderno e incongruente com o terceiro aspecto do seu princípio de simetria. O autor também se pergunta se a oposição entre aspectos "centrais e periféricos" teria valência para a antropologia da ciência feita em outros contextos que não o europeu:

Para isso chama a atenção para os desvios de interesse antropológico que remetem a um vício de “ciência de periferia”, onde não se ataca operadores ontológicos centrais, mas sim, reminiscências exóticas de alhures, aquilo que um olhar viciado localiza na periferia de seu próprio mundo. Ora, a crítica, muito bem alicerçada na experiência prévia de antropólogos do hemisfério norte, não parece encontrar um respaldo de equivalência no trabalho realizado no Brasil, ou mesmo em outras regiões do sul global. Outras teorias, outros mundos, outros mundos, outras teorias. Dito de outra forma, a oposição entre centro e periferia da maneira como é vista da Europa não parece repercutir igualmente quando nos posicionamos de forma autoral. Involuntariamente, Latour revela uma percepção impressionista da própria antropologia que buscaria em diferentes contextos preservar seu interesse por sistemas centrais e não por objetos “periféricos” oriundos de processos de tradução cultural assimétricos (Sá,2012:mimeo)

Ainda no que concerne ao mesmo tema, Sá anota que embora se comprometa com certo aspecto da crítica à modernidade empreendida por Latour - em particular, o que o autor chama de "empreendimento purificador" - "há que se pensar se a maneira como Latour entende a própria antropologia não estaria no próprio veneno moderno" (Sá,2012,mimeo) - que se mostraria na tentativa de "...isolar sistemas, instituições ou projetos como centrais ou não."(Sá,2012,mimeo)

Diante desta dificuldade encontrada no trabalho de Latour, Guilherme Sá propõe que a antropologia da ciência passe a investir - também - no estudo das paraciências:

Diante disso, sou levado a crer que para entendermos nossa cosmologia científica é necessário aprofundarmos naquilo com o que a ciência antagoniza, e, portanto, que se consagra como uma espécie de “duplo” eficaz. Nessa lógica, os discursos paracientíficos passariam a ser, portanto, igualmente determinantes do projeto de modernidade atuando como “anti-heróis” em uma grande narrativa. Se isso pode de alguma forma fazer certo sentido, estaríamos diante de um dilema. Como fazer antropologia simétrica considerando aspectos não tão centrais assim? Como tornar simétrico o estudo de temas que não encontram equivalências em outras ontologias?"(Sá, 2012:mimeo)

A propósito do tema da recusa das "paraciências", listei até aqui apenas duas fontes concernentes aos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia que, ou bem não avalizam a pesquisa deste campo, ou desencorajam qualquer empreitada dedicada a ele. A partir de agora desejo balizar a obra de dois autores que, diferentemente dos demais, no final da década de 70 e início da década de 80 não apenas produziram trabalhos sobre o tema, como realizaram um experimento no campo da parapsicologia. Refiro-me aqui aos sociólogos Harry Collins e Trevor Pinch, expoentes da sociologia da ciência de extração relativista, no outrora incipiente campo dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia.

O livro *Frames of meaning: The social construction of extraordinary science* (Collins & Pinch,1982) consiste em um dos primeiros estudos no âmbito da sociologia da ciência concernente ao tema das ciências paranormais. Segundo os autores, o tema é pesquisado menos com vistas a discutir as dinâmicas próprias ao campo e mais propriamente para usá-lo como ocasião de discutir questões que lhes parecem caras. Entre os assuntos dos quais esta obra se ocupa estão os problemas da “racionalidade” – isto é, a questão de pensar a diferença ou a continuidade das categorias de pensamento entre culturas – e do “encontro” de paradigmas.

De fato, as duas questões terminam se acoplando no trabalho dos autores, uma vez que o propósito do livro pode ser resumido como uma tentativa de pensar “a questão da racionalidade” dentro de “culturas” distintas na ciência moderna.²³² Collins e Pinch comentam que:

We do think that we have found a class of cases of rationality difference which yield more easily to empirical analysis. These empirically accessible cases are cases within science. The idea that radical differences in “world view” pertain to ‘epochs’ within the history of science in the same way they may pertain to epochs within history as whole has come to the fore since the mids-1960s, largely as a result of the work of the historian of science T.S Kuhn. If a certain interpretation of this view is correct, it makes possible new and better empirical research on the general problem of rationality through studies of its particular manifestation within science. (Collins & Pinch, 1982:3)

Collins e Pinch, a partir do que chamam de uma leitura “radical” da obra de Thomas Kuhn²³³, pretendem endereçar o problema das diferenças de *worldview* – problema conhecido na história e na filosofia da ciência como “incomensurabilidade de paradigmas” – , questão que perseguem no afluente debate relativo à capacidade dos humanos de usarem o poder da mente para alterar a matéria. As pesquisas concernentes a este tema – parapsicologia e psicocinese – são tratadas como instâncias de uma “ciência revolucionária”, atendendo a duas condições: em primeiro lugar porque alega-se que há conflito com a “ciência ortodoxa”, em segundo lugar porque o grupo engaja com a ciência ortodoxa e as suas ideias são, em algum sentido, científicas.

Não se trata, portanto, de investigar aqueles grupos que estão em conflitos com a ciência, mas que não podem alterá-la. Segundo os autores este seria o caso dos astrólogos de jornal, dos crentes em “energia” Orgone, e dos movimentos ambientais (sic). Nos termos dos autores, só podem ser pensadas como “ciências revolucionárias” aquelas capazes de modificar a própria ciência. Este, aparentemente, era o caso da parapsicologia à época em que a estudaram: “It was a

²³² De acordo com Collins e Pinch as descontinuidades conceituais na ciência exibem características semelhantes às descontinuidades entre culturas.

²³³ A dita leitura radical que os autores pretendem empreender bebe nas obras de Wittgenstein e Peter Winch, perspectivas que os permitem tratar o paradigma de Kuhn como uma “visão de mundo” indissociável da prática. (Collins&Pinch,1982) “What we suggest, pace Kuhn, is that incommensurability and paradigm are best interpreted as belonging to a vocabulary that refers to social actions, not thought or behavior alone. When thus interpreted they remain outstanding useful.” (Collins&Pinch,1982:13)

milieu of a rejected science modeling its internal structure on orthodox disciplines and struggling continuously for an internal scientific breakthrough and external recognition...” (Collins & Pinch, 1982:30)

O grande mérito do referido trabalho é a sua análise bastante profícua da relação entre a parapsicologia e as outras ciências. Segundo os autores, os céticos quanto à possibilidade de humanos serem capazes de entortar metais com o poder da mente emitiam as suas conclusões com base na suposição de certa unidade da ciência:

A belief in the unity of science (implicit) and the incompatibility of psi phenomena with science or certain of its characteristics leads to the conclusion that psi phenomena are spurious. (Collins & Pinch,1982:48)

Em contrapartida, os partidários da validade das pesquisas sobre o fenômeno psi, estimavam que dada a existência do fenômeno paranormal, a ciência deveria passar por transformações:

A belief in the existence of psi phenomena and the incompatibility of psi phenomena with some part of science leads to the conclusion that science must be changed or undergo a revolution (led by parapsychology and therefore psi phenomena are important). (Collins & Pinch:1982:48)

Em seguida os autores analisam vários argumentos e observam que não há nada que demonstre que o conteúdo das ideias parapsicológicas está em conflito com os princípios científicos. O esforço dos autores é mostrar que não há, em princípio, incompatibilidade da parapsicologia com a ciência, especialmente porque áreas como a física quântica, também trabalham como a noção de interações não materiais entre elementos.

Mas este trabalho de dissolução de uma fronteira definitiva entre as pesquisas em parapsicologia e psicocinese e aquelas conduzidas na “ciência ortodoxa” não termina na análise dos argumentos quanto à possibilidade dos fenômenos reportados. Harry Collins, em particular, conduziu em conjunto com outro pesquisador da Universidade de Bath um experimento no qual a capacidade de 6 crianças de entornarem metais fora testada em laboratório. Collins sustenta

que diferentes relatórios sobre o mesmo experimento são possíveis, ainda que à época tivessem escrito um artigo para a revista *Nature* onde reportavam que as crianças usaram de força muscular ou trapacearam para tentar entortar os metais. O autor argumenta que, embora os resultados do experimento fossem negativos para a capacidade das crianças de usarem o “poder da mente”, qualquer experimento científico que passasse por acompanhamento tão minucioso quanto aqueles pelos quais passam os conduzidos pela parapsicologia, também se mostraria fracassado. Conclui-se pela “[...] inability of experiments in themselves to legislate for the existence of any natural phenomenon.” (Collins & Pinch,1982:125) Ou ainda:

If the analysis has been convincing then it will have shown, through an empirical study, that philosophies of science that depend heavily upon the invocation of experimental evidence to decide between two major differences in theoretical perspective are not tenable. It would seem that evidence is so bound up with the society or social group which gives rise to it that theories held by members of radically different social groups cannot be adequately tested against each other by experiment. It matters not whether the evidence is intended to corroborate, prove or refute the theories in question.” (Collins&Pinch,1982:184)

Não prosseguirei com a análise dos argumentos concernentes à crítica ao “experimento crucial” e, fundamentalmente, à explanação do que em outro lugar chamaram de “experimenter’s regress”. O meu interesse na obra de Collins e Pinch restringe-se à tentativa de apresentar como estes, embora tenham tomado as ditas “paraciências” para estudo, só o fizeram como veículo para pensar questões há muito trabalhadas na história e na filosofia da ciência.

Collins e Pinch publicaram outros trabalhos nos quais o tema das ciências paranormais ganhou algum espaço. O mais conhecido entre eles é *The construction of the paranormal: nothing unscientific is happening* (Collins & Pinch,1979) que, ainda que opere no mesmo registro do livro acima discutido, avança mais consideravelmente na descrição das relações entre parapsicólogos e cientistas “ortodoxos”. De fato, um dos propósitos do texto é pensar os processos levados a cabo pelos parapsicólogos para ganhar reconhecimento e as estratégias mobilizadas pelos cientistas para reduzir a disciplina da parapsicologia à condição de

pseudociência. Para avaliar a natureza da rejeição pelas ciências “ortodoxas” os autores se entregam à criação de categorias para enquadrar os seus modos de ação. Desta forma, distinguem do seguinte modo as operações de rejeição “implícitas” das “explícitas”:

[...] operates when rival knowledge claims are ignored by orthodoxy, whilst explicit rejection is characterized by controversy where the objects of dispute are articulated by individual scientists or opposed groups of scientists. (Collins&Pinch,1979:239)

Em suma, a distinção mencionada procura ser um modo de descrever as relações entre os diferentes grupos de cientistas, classificando-as segundo a oposição manifesta e articulada e aquela marcada pelo simples ignorar de qualquer contribuição que a disciplina possa oferecer. Além de sumariar estas referidas estratégias, os autores do artigo elencam as táticas adotadas pelos parapsicólogos para se aproximarem das ciências ortodoxas, como o “uso de hardware simbólico e técnico da ciência.” (Collins & Pinch,1979) e a tentativa de metamorfosearem-se em cientistas. Entre os modos manifestos de descrédito, assumidos pelos céticos, também são listados alguns elementos, tais quais a “decisão de antemão por não confiar”, a camuflagem da rejeição com argumentos filosóficos, a acusação de que os parapsicólogos são “crentes” e, sobretudo, o apontamento de certa “aparência” mágica dos processos que pretendem estudar. Um dos exemplos dados acerca do último ponto pode ser conferido nesta citação que Collins e Pinch tomam de G.R Price:

In short, parapsychology, although well camouflaged with some of the paraphernalia of science, still bears in abundance the markings of magic. (Price *apud*, Collins & Pinch,1979:247)

O cerne do artigo, ao analisar tanto os argumentos em defesa da parapsicologia como aqueles dos detratores, consiste na observação de que qualquer uma das críticas dirigidas à disciplina, caso tivessem como alvo as “ciências ortodoxas”, também se aplicariam. Ademais, Collins e Pinch sustentam que, embora tenha-se dispendido tempo suficiente na tentativa de estabelecer um critério definitivo que fosse capaz de operar a demarcação, “[t]hey have not

succeeded in revealing any universally acceptable criteria to distinguish parapsychology from science.” (Collins & Pinch, 1979:250)

No contexto da presente tese, o que importa é notar que o interesse de Harry Collins pelo tema da paranormalidade - esteja ele manifesto na capacidade de entortar colheres usando o “poder da mente” ou na questão da vida emocional das plantas (ver *Some experiments in the Paranormal: the experimenter’s regress revisited* (Collins, 1985) – é que estes temas são menos áreas sobre as quais se concentram as pesquisas, do que ocasiões para discutir problemas internos à sociologia da ciência. Com efeito, parte de seu trabalho concernente ao tema da paranormalidade serve ao propósito de mostrar como em áreas pouco estabilizadas da ciência parecem vigorar os mesmos elementos presentes na física de alta energia, a saber: problemas com a replicação de experimentos advindos da ausência de conhecimento tácito dos pesquisadores empenhados em refazer o experimento.

Ciência – (x)

Nas linhas anteriores percorri três diferentes instâncias no domínio dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia. De modo proposital selecionei os três maiores epítetos da disciplina no século XX – David Bloor, Harry Collins e Bruno Latour - com vistas a mostrar como os seus trabalhos de algum modo conduzem as ditas “paraciências” a uma zona de penumbra.

No caso de Bloor, ainda que os quadros do seu "Programa Forte" o autorizassem, perseguir estes temas talvez significasse um retrocesso tático, considerando a natureza da discussão que fora entabulada com Imre Lakatos.

No que concerne aos trabalhos de Latour, apoiando-me no trabalho de Guilherme Sá (Sá,2012), mostrei como a empreitada é desencorajada a partir da definição do autor daquilo que conta como “central” para o mundo euro-americano. A este respeito, o exemplo modelar seria a

oposição feita entre o estudo dos cientistas que pesquisam buracos negros e o estudo dos pesquisadores de discos voadores.

O caso de Harry Collins, contudo, apresenta feições diferentes: as pesquisas sobre as “paraciências” são balizadas mais como ocasiões para discutir a dita “ciência ortodoxa”, do que como instâncias de pesquisa sobre as disciplinas “paracientíficas”.

Ainda que estas três matrizes teóricas nos campos da sociologia e antropologia da ciência não contenham elementos que possam conduzir à produção de um corpo mais ou menos substancial de trabalhos sobre as “paraciências”, desde a década de 70 o campo, ainda que timidamente, floresceu. O conjunto destes trabalhos não constitui um corpo vultuoso, mas, de algum modo, estes abrem caminho para que outros estudos se acumulem. O pequeno número de pesquisas dedicadas a este tema, por outro lado, não condiz com a variedade de abordagens mobilizadas e de tradições teóricas nas quais estas se encerram.

Deste modo, há tanto aquelas que adotam uma visada apoiada na Teoria do Ator Rede, como outras que, vindas das fronteiras entre a antropologia e os estudos culturais, se entregam ao trabalho de acompanhar grandes linhas discursivas. Há outras, entretanto, que se abrigam na tentativa de codificar as relações entre campos como a ufologia e a ciência. Sobre as últimas, ainda que disponham de apontamentos valiosos e *insights* inspiradores, muitas vezes terminam não conseguindo definir a disciplina através de outra fórmula que não “ufologia = Ciência – (x)”. Isto é, acabam descrevendo a ufologia por aquilo lhe falta em relação à “Ciência”.

Estimo que são três as dificuldades encontradas nesta fórmula. Em primeiro lugar, se há uma contribuição valiosa que o campo STS pôde oferecer a partir da década de 70, esta consistiu em promover um ataque a qualquer tentativa de demarcar, a partir de um critério definitivo, – i.e falseabilidade de teorias, atenção a um método, origem das proposições, correspondência com a

“realidade” – aquilo que conta como ciência. Ora, se o problema foi completamente deslocado, qualquer definição da ufologia como “Ciência – (x)”, de algum modo tem de se comprometer com um critério para operar a distinção.

Em segundo lugar, mesmo que se tenha a mão algum traço particular, a exemplo do trato que Robert Merton (Merton,1982;1984) dispensa à ciência – como uma instituição - , tal modelo de comparação permanecerá sempre frágil, haja visto que a variedade de disciplinas que são assim chamadas, impediria o estabelecimento de um critério último para definição. Logo, para que a fórmula mantivesse o seu valor teríamos de operar com a noção de ciência como uma “unidade”.

Em terceiro lugar, a própria fórmula, na medida em que estabelece que não se pode falar das “ciências extraoficiais” sem falar da ciência enseja um problema. Ela oblitera o fato de que estas outras disciplinas podem assumir feições muito diversas, às vezes estranhas à comparação com qualquer área reconhecida como científica. A terceira dificuldade encontrada na fórmula se complica na medida em que as pessoas envolvidas em campos como a ufologia e a parapsicologia se valem de modo recorrente, ao refletirem sobre as suas pesquisas, de comparações com a Ciência. Portanto, acusar os trabalhos que, ao se debruçarem sobre estes campos, seguiram estes enunciados, de um comprometimento com o pressuposto da unidade e na crença em um critério de demarcação definitivo, parece ser pouco acurado.

Em relação a esta questão vale mencionar que, muito embora a recomendação de Latour (1997) seja abandonar aquilo que os “atores” dizem sobre a sua atividade, em favor do acompanhamento em campo de suas práticas, merece ser notado que há disciplinas, como é o caso da ufologia, nas quais a produção discursiva talvez tenha tão ou mais relevância que as pesquisas de campo. Ora, desta forma, não haveria qualquer razão para abandoná-la.

Considero que pelo menos um trabalho tenha tentado oferecer uma solução ao impasse entre, por um lado, operar com a fórmula “Ciência – (x)” e, por outro, ignorar completamente o que ufólogos e parapsicólogos teriam a dizer sobre a ciência. Refiro-me ao livro do sociólogo da ciência David Hess, intitulado *Science in the New Age: The Paranormal, Its defenders and Debunkers, and American Culture* (Hess,1993). A obra discute três nichos particulares nos Estados Unidos: os parapsicólogos, as pessoas ligadas ao movimento *New Age* e os céticos. O foco, entretanto, não consiste em realizar uma análise detalhada de cada um destes grupos. Hess, ao contrário, está interessado nas relações que estes mantêm entre si, em particular, nas imagens que cada uma destas instâncias formam sobre as demais.

As the various actors construct their irrational others and draw boundaries between the credible and incredible, they forge a new paraculture that itself has shared assumptions, histories, and key terms.” (Hess,1993:15)

Segundo Hess, *New Ager*s, parapsicólogos e céticos, para serem compreendidos, devem ser pensados em termos de um espaço compartilhado, de tal maneira que o que lhe interessa são os processos contextuais de negociação de fronteiras entre os três grupos, isto é, o seu *boundary-work*. A propósito desta expressão vale observar que ela constitui um dos aportes da sociologia da ciência de Thomas Gieryn. No artigo intitulado *Boundary work and demarcation of science from non-science: strains and interests in professional ideologies of scientists* (Gieryn,1983) o autor pretende reformular o problema da demarcação – relativo à distinção da ciência em relação as outras formas de saber – , dando-lhe uma conformação sociológica. De acordo com Gieryn, qualquer característica ou traço que se eleja para distinguir a ciência ou está presente em outras atividades ou não está presente na ciência. Sua intenção é deslocar a questão dos critérios distintivos de demarcação – uma vez constatada a sua impossibilidade – e mover-se no sentido das pragmáticas da demarcação:

The focus is on boundary-work of scientists: their attribution of selected characteristics to the institution of science (i.e, to its practioners, methods, stock of knowledge, values and work organization) for purposes of constructing a social boundary that distinguishes some intellectual activities as non-sciece. (Gieryn,1983:782)

Portanto, a noção de *boundary-work* diz respeito ao processo sociológico no qual um determinado “grupo” exclui os seus rivais, definindo-os como [...] “pseudo”, “deviant”, amateur” (Gieryn, 1983:792). Entretanto, durante o trabalho de diferenciação, estes mesmos grupos que levam a cabo a definição pragmática de fronteiras, trazem à baila características muito diferentes da ciência:

Analysis of the content of theses ideologies suggest that science is not single thing: characteristics attributed to science vary widely depending upon the specific intellectual or professional activity designated as non-science”, and upon particular goals of the boundary-work. (Gieryn,1983:792)

A solução que Thomas Gieryn e David Hess dão ao impasse ao qual me referi nas linhas acima é engenhosa, uma vez que ela se fundamenta em um ataque à noção de demarcação e, ao mesmo tempo, não dispensa o discurso nativo acerca da relação entre Ciência e outras disciplinas. Sua maior dificuldade, contudo, consiste na dependência de certa noção de Ciência enquanto uma instituição social (Merton, 1984:1992).

Nas linhas seguintes, apresentarei alguns trabalhos que, ao abordarem a temática das paraciências, sugeriram formas alternativas de pensá-las. Sem dispensar alguns dos apontamentos feitos pelos últimos autores, o objetivo do próximo tópico é analisar de perto a literatura concernente ao tema das relações entre a ufologia e a ciência, objetivando discutir as observações que os ufólogos, durante o meu trabalho de campo, fizeram sobre o assunto.

Outras pesquisas

O primeiro autor ligado ao campo dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia a se aventurar na discussão relativa à ufologia foi Ron Westrum. No artigo intitulado *Social*

Intelligence about anomalies: the case of UFOs (Westrum,1978) o autor procedeu de forma a constituir um tipo de cartografia genérica²³⁴ do processo que compreende desde o avistamento de um Objeto Voador Não Identificado até a sua transformação em um comunicado e sua recepção pelos cientistas.

In this paper, we will explore how scientists get the evidence, which forms such an important part of their rejection of anomalies. We will examine the social system which intervenes between those who have anomaly experiences and scientists who make decisions as to whether or not anomalies exist. We will consider the system of “social intelligence” which transmits reports of anomaly experiences to the public and to scientists in particular. We will consider how the reports transmitted by the system influence scientist’s decisions about whether to investigate those anomalies or not, and specifically how this system has discouraged scientists from investigation UFO experiences. (Westrum,1978:272)

O foco do texto, portanto, se dirige ao sistema de transmissão de informações e, para descrevê-lo Westrum se debruça sobre as características mais prementes da população que normalmente avista os óvnis, sobre as sucessões de hipóteses que se seguem ao avistamento e, sobretudo, sobre algumas das características dos investigadores ufológicos. Ao relatar a relação que os cientistas mantêm com as informações que lhe são enviadas, Westrum lista como razões para que estes decidam não levar a cabo investigações mais minuciosas o fato de entenderem que não apenas há outras áreas de pesquisa que se mostram mais promissoras, como argumentem que não dispõem de evidências além dos relatos das testemunhas. Além disso, lista-se como razões de desinteresse a grande variedade de formatos que os objetos não identificados podem assumir e, que, fundamentalmente, caso se cogite a hipótese extraterrestre, teriam de se haver com a “[...] belief that interstellar travel is impossible or at least impractical.”(Westrum,1978:294)

A análise de Westrum, embora se volte ao tema ufológico, o faz interessada em pensar de que modo os cientistas “reagem” àquilo que o autor entende como anomalias:

²³⁴ Digo genérica porque Westrum não se apega a nenhum caso específico dentro da “casuística” ufológica.

The processes involved in social intelligence about UFOs are in many ways typical of the flow of information about similar anomalous events, like the Loch Ness Monster. In making decisions about these other anomalies on the basis of social intelligence, the scientists face similar problems: the non-random nature of the sample, the haphazard nature of the reporting process, the concealment of experiences by technically trained persons, and the general low probability that a single experience will reach him through the available channels. (Westrum,1978:295)

O caso de Anne Cross é diferente. Sua tese se constitui enquanto uma tentativa de efetivamente estudar a comunidade ufológica nos Estados Unidos. Em *A confederacy of Faith and fact: UFO research and the search for other worlds* (Cross, 2000) a autora procura pensar a ufologia como uma “comunidade de conhecimento” que não apenas desafia a ciência, como incita o questionamento sobre a validade das categorias empregadas pela sociologia do conhecimento científico.

Cross delinea aquilo que entende por dois quebra-cabeças na ufologia:

First, ufologists and their followers are producing and consuming findings accepted as real scientific knowledge outside the mainstream community - without the usual credentials and affiliations, without the support of mainstream science, with little research equipment, and with few conventional research resources. Beyond its superficial packaging, there is little that is recognizably scientific about ufology at all. Still, it generates claims that its followers accept as being scientific produced. Second, ufology mixes science and faith-based, meaning-laden ideologies – some adopted from other worldviews, others created inside ufology. (Cross,2000:14)

A passagem citada designa o curso que a tese da autora tomou. Considero a existência de fragilidades muito aparentes, como certa definição *a priori* daquilo que conta como conhecimento científico, assim como o emprego pouco problematizado da expressão *mainstream science*. Ademais, certo uso naturalizado da distinção entre fé e ciência, como aceção incontestada da noção de “worldview”²³⁵, geram certo desconforto. A autora se vale de usos espúrios destas

²³⁵ Para um comentário crítico acerca desta noção ver o artigo de Eduardo Viveiros de Castro intitulado *The Gift and the Given: Three nano essays on Kinship and Magic*. (Viveiros de Castro, 2009)

categorias ao longo de seu trabalho²³⁶, mas este igualmente comporta certos componentes que convém inventariar.²³⁷ O principal aporte trazido pela autora consiste em seu apontamento de que a ufologia mantém uma relação de mão-dupla com a ciência: por um lado, consome dados, teorias e artigos produzidos por cientistas e emula o comportamento destes em congressos e na produção de relatórios; por outro, se assemelha aos movimentos que desejam questionar a ciência a partir de um lugar que lhe é exterior, tais quais grupos de comprometimento interessados no aprofundamento de estudos acerca de doenças como o câncer, artrite, diabetes, esclerose múltipla e AIDS. Estas práticas de biossociabilidade originaram cidadãos *experts* nestas doenças que buscam influenciar a pesquisa médica e direcioná-la para certas necessidades tomadas como imperativas.

Like health advocacy groups, ufology wants to contribute with its own expertise to science with UFO research it conducts independently, using alternative theories about extraterrestrial life. (Cross, 2000,34)

Cross argumenta que, tal como alguns dos movimentos citados, a ufologia procura evitar a ciência convencional, criando os seus próprios institutos de pesquisa e, sobretudo, um *ethos* diferente daquele que poderia vigorar na *mainstream science*. No entanto, uma marcante diferença entre a ufologia e os outros movimentos que se encarregam de questionar a ciência “de fora” é que este campo de saber e práticas costuma se apresentar como um rival para a própria ciência.

Ufology seeks to supplant conventional scientific expertise – with its own- both and beyond its membership constituency. Hence, while other movements seek access to science’s system of resource or rules, or attack the by-products of science, the UFO movement seeks to become an independent informer and aspires to thereby challenge the prevailing logic about both UFOS and science. (Cross,2000:37)

²³⁶ Este ponto chega a causar-me certa dose de estranheza, porque entreve-se pela revisão de literatura que a autora realizou que esta não ignora a literatura no campo dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia, que questiona o trato da ciência enquanto um campo homogêneo

²³⁷ A propósito disto, convém lembrar que algumas de suas observações já foram levadas em consideração nos capítulos anteriores

Entre os argumentos trazidos pelos ufólogos estudados por Anne Cross estaria a ideia segundo a qual a *mainstream science*, além de ser extremamente dogmática, se assentaria sobre falsas evidências. Em última análise, a autora encontra vários pesquisadores relacionados à ufologia para os quais a “Ciência” nem sempre segue atenciosa a todas as regras metodológicas em vigor, além de costumeiramente ignorar evidências que contradizem seus achados.

O curioso sobre análise do discurso dos ufólogos americanos estudados por Cross é o fato de que estes indivíduos se utilizem da própria ideia segundo a qual toda ciência deve se assentar sobre uma metodologia bem fundamentada para acusá-la de ser pouco atenciosa às evidências. Sendo assim, eles apresentam como suporte para esta crítica o fato de que teorias científicas estarem recorrentemente sujeitas a revisões, o que só poderia indicar que em algum momento algumas regras metodológicas teriam sido ignoradas. Diante de tais críticas à “Ciência”, de acordo com Anne Cross, os ufólogos assentam suas suposições em métodos alternativos de pesquisa, tais quais o uso de narrativas de testemunhas, narrativas autobiográficas, regressões hipnóticas, viagens astrais e acesso às experiências extraordinárias.

The movement has manufactured a different cognitive playing field, where notions of proof and evidence are quite different from what they are in the mainstream community. (Cross, 2000:66)

Cross ainda argumenta que, assim como as noções de prova e evidência que vigoram na ufologia têm contornos diferentes daquele prevalente na Ciência, a ufologia também se vale de elementos metafísicos que teoricamente não são equivalentes com a última. Encontra-se aqui uma nova dificuldade presente no trabalho da autora. Segundo o seu comentário, a “Ciência” que ela busca descrever não seria dependente do que ela entende por “pressupostos metafísicos”. A mesma censura poderia ser feita à sua tentativa de traçar uma distinção entre a “Ciência” e a ufologia com base na ideia de que a última incorpora a si “*faith-based narratives*” (Cross, 2000:115):

Most importantly, perhaps ufology combines faith based narratives about creation, worlds beyond Earth, and the meaning of human life with an organization and cultural structure that resembles a scientific specialty. (Cross,2000:115)

Acrescente-se a tal quadro a eleição de traços tomados como característicos apenas da ufologia, quando um olhar mais acurado revelaria que os mesmos também podem estar presentes nas ciências.

Ufology makes scientific arguments for beliefs that can only be understood as religious and spiritual. (Cross, 2000:143)

A key characteristic of ufology's divergence from science is its understanding of the universe as a supernatural, mystical place where nature and human life are subject to the intervention of para-physical and spiritual alien forces – forces that they believe can be tracked scientifically. (Cross,2000:145)

O trabalho de Jodi Dean, intitulado *Aliens in America: Conspiracy cultures from outerspace to cyberspace* (Dean,1998), propõe uma interpretação sobre o fenômeno UFO mantendo uma relação afinada com os Estudos Culturais. O objetivo do livro não é seguir aquilo que os óvnis produzem, mas de quebrar o código que lhe subjaz, de tal modo a ser capaz de inferir o que os óvnis dizem sobre a “cultura” contemporânea norte-americana.²³⁸ Assim, o que lhe interessa são os discursos sobre os óvnis enquanto veículos para pensar a temática das incertezas, da complexidade e da democracia na América. A este respeito, Jodi Dean, assim como fizera Anne Cross em sua tese, entrevê neste domínio do saber um discurso que opera a partir do empréstimo de alguns elementos da ciência, mas que não se furta a criticá-la.

Not only does the UFO discourse cite scientific standards of objectivity, impartiality, critical debate, and consideration of alternative hypotheses, it also provides a location for the redeployment of these standards against institutionalized science. From within the UFO discourse, hegemonic science appears too preoccupied with securing government funding, maintaining authoritative reputations, and defending its own paradigm of reality. (Dean,1998:58)

²³⁸“I consider the discourse on UFO and alien abduction as a cultural space that says something about us.” (Dean,1998:17)

Se a obra de Jodi Dean se atém de modo exclusivo aos aspectos discursivos da ufologia, outros trabalhos se apresentam como um contraponto possível a esta abordagem, como é o caso dos artigos publicados por Pierre Lagrange (Lagrange, 1988;1990) sobre o tema. Neles, encontramos a primeira ocasião em que um sociólogo se debruça sobre dois casos respectivos à ufologia de maneira a descrever aquilo que se passa durante o curso dos eventos. Em *Enquêtes sur les soucoupes volantes: le construction d'un fait aux Etats-Unis (1947) et en France (1951-1954)*, Lagrange comenta:

Je voudrais, dans le texte que suit, détailler la façon dont on produit des faits ufologiques, et la façon dont ces faits découlent de pratiques on ne peut dire a priori quelles sont irrationnels ou qu'elles reflètent des formes de pensées pré (ou pseudo) scientifiques. (Lagrange, 1990:94)

Há aqui um importante movimento distintivo em relação às pesquisas que até então inventariamos. O foco do autor se dirige à produção prática dos fatos ufológicos e não ao delineamento de grandes discursos acerca da ufologia. Segundo Lagrange a realidade dos discos voadores é matéria que deve ser acompanhada nas minúcias dos casos, nos seus *detours*, nas reviravoltas e nas mudanças súbitas. A “realidade” dos discos ou bem será fortalecida nestes movimentos ou passará por uma fragilização:

[...] c'est bien plutôt force qu'ils se mettent à écrire, à publier des articles, à les comparer entre eux, à discuter, que les soucoupes deviennent possibles, visibles, ou au-contre – selon le contenu et la façon dont il est organisé – invisibles, irréelles...” (Lagrange,1990 :94)

Lagrange pretende deslocar a discussão do problema mais geral da racionalidade ou irracionalidade da “crença” em discos voadores, em favor da tentativa de seguir como estas categorias são atualizadas pelos próprios ufólogos no momento em que lidam com um caso:

Je placerei donc le caractère vrai-faux-illusoire des soucoupes, la rationalité ou l'irrationalité des ufologues en aval, évitant ainsi de produire des anachronismes en expliquant une controverse à l'aide d'un élément dont cette controverse même cherche à fixer le statut, le degré de réalité.” (Lagrange,1990:94)

No caso que analisarei nos próximos tópicos, de algum modo, me baseei nos

apontamentos de Lagrange concernentes ao processo de produção dos relatos ufológicos. Entretanto, não só passarei ao largo do problema da racionalidade – tema que era candente na década de 90 – como tentarei extrair outra consequência a partir das disputas concernentes à questão de saber se um determinado objeto avistado no céu teria origem extraterrestre ou se constituiria como uma falha na análise de imagens. Refiro-me a certo problema, já esboçado nas linhas anteriores, relativo à própria agência dos objetos não identificados, à sua capacidade de produzir socialidades ufológicas e de figurarem como “des objets qui sont explicitement rassembleurs de social et constitutifs des liens sociaux” (Latour, 1994:14)

*

Antes de adentrar na análise das entrevistas realizadas com os ufólogos e de descrever um caso em que interpretações diferentes sobre um objeto filmado por uma câmera estiveram em jogo, tratarei de duas contribuições de autores brasileiros ao tema da relação entre a ciência e a questão extraterrestre. Refiro-me aqui às duas dissertações de mestrado em antropologia social que, embora tenham escopos muito diferentes, oferecem *insights* importantes.

O trabalho de Daniel Pícaro, intitulado *Extraterrestres: Ciência e Pensamento Mítico no mundo moderno* (Pícaro,2007), toma certas obras e discussões internas à ufologia no Brasil para pensar como esta é capaz de combinar “num sistema simbólico, as supostas discontinuidades existentes entre as citadas chaves do pensamento *mágico-mítico-religioso* e a do pensamento *Mágico-Científico-Racional*.”(Pícaro,2007:10)

Pícaro se vale do trabalho de José Guilherme Magnani (Magnani,1999) acerca do circuito neo-esotérico em São Paulo e, fundamentalmente, da observação do autor de que um dos elementos da “matriz discursiva” deste movimento é, ao mesmo tempo, o descarte da ciência institucionalizada, associada ao empréstimo de alguns de seus traços, com vistas a fazer uma

“análise das representações” dos ufólogos. (Pícaro,2007: 20) Para tanto, por meio de análise bibliográfica, o autor nos oferece uma comparação entre a Ufoarqueologia e a Ufologia. De acordo com ele, ambas parecem operar com um pressuposto comum, qual seja: a presunção de que a “verdade” sobre os Objetos Voadores Não Identificados se oculta tanto por trás dos achados arqueológicos e dos relatos das “testemunhas” sobre coisas vistas no céu. O autor percebe no movimento de ufólogos e ufoarqueólogos um mesmo princípio regente, isto é, a substituição de categorias “mágico e míticas” (Pícaro, 2007:50) por categorias “Lógico-Científico-Racionais.”²³⁹ Volta-se, portanto, ao tema da construção do conhecimento na ufologia, partindo de um caso de análise de fotografia, reportado na Revista UFO Especial. Pícaro detalha o relato, apresenta os resultados do teste realizado nas imagens e os comentários feitos à ocasião da pesquisa sobre a compatibilidade entre o relato da testemunha – a fotógrafa – e aquilo que efetivamente aparecia no negativo. De acordo com ele, esta seria uma ocasião na qual se revela uma tentativa de “significar” o elemento não identificado imanente ao objeto registrado na foto.

Primeiramente, o fato de que é por este tipo de "tratamento científico" das evidências do fenômeno que permite a Ufologia preencher o vazio presente na concepção original do não identificado com a categoria que melhor dá sentido - ou seja, Disco-Voador - , dinamizando tanto seu sistema cosmológico quanto os grupos que dele se servem. De outro lado, porém não menos importante, é também em função desse conjunto de métodos que se pretendem científicos de se apreender os indícios da presença extraterrestre em nosso planeta que a disciplina mantém o seu diálogo - não importa se correspondido - com outras formas de significação do mundo, estejam elas pautadas em premissas mágico-mítico-religiosas ou mesmo Lógico-Científico- Racionais. (Pícaro, 2007:58)

O mesmo argumento aparece no momento em que Pícaro se debruça sobre a leitura e interpretação do livro do ufólogo Ubirajara Franco Rodrigues, em que narra a investigação

²³⁹ Como tivemos a oportunidade de ver, os comentários de Daniel Pícaro acerca deste ponto foram valiosos para que eu pudesse descrever o que, no capítulo quatro, chamo de "Processos de redução".

concernente ao caso do E.T de Varginha. Nos termos do autor, a ufologia conteria uma tentativa de “preencher” o espaço vacante de significado embebido no objeto – ou ser- não identificado.

[...] a Ufologia, enquanto um discurso explicativo da realidade, começa a ganhar espaço na sociedade moderna a partir do momento em que outras instituições formalmente responsáveis por atribuir significado ao mundo não conseguem se valer de categorias adequadas para explicar determinados fenômenos, no caso, fenômenos associados ao aparecimento de objetos voadores não identificados, como discutidos anteriormente.(Pícaro, 2007:72)

Por ora, ignoremos a referência que o autor faz às “instituições formalmente responsáveis por significar o mundo”, em favor da continuidade da exposição de outros argumentos balizados na dissertação. Interessa-me aqui a engenhosa solução articulada para compor o que Pícaro chama de uma “epistemologia da ufologia”. Este se volta às respostas que a disciplina dirige aos seus inquisidores, com vistas a “extrair” daí os meios para fazer a leitura de como esta se concebe. Por conseguinte, observa Pícaro, entre as estratégias adotadas pela ufologia está a “exaltação de si mesma” (Pícaro,2007:82), seja por meio referências de personalidades militares à seriedade do campo, seja através da listagem de qualificativos profissionais de um pesquisador, que figurariam como um tipo de atestado de idoneidade. Soma-se a esta estratégia, a criação de “alteridades”, notadamente o “Estado” e a “Ciência”. Sobre a atitude da ufologia em relação à última comenta-se que:

No que se refere às Ciências Formais, de outro lado, poder-se-ia tentar sintetizar a contrapartida da ufologia em relação ao nada amistoso diálogo imposto pelas Hard Sciences recorrendo à ideia de um suposto corporativismo das mesmas, onde os entusiastas - leia-se interesseiros - Cientistas jamais colocariam em questão os paradigmas em função dos quais se sustentam na posição de significadores Lógico-Científico-Racionais, a eles tão cara nas sociedades modernas. (Pícaro,2007:85)

Além dos dois elementos adotados, Pícaro lista a denúncia frequente de charlatanismo empreendida aos ufólogos. Do mesmo modo, contabiliza como estratégia da disciplina a construção de um “outro não científico”, qual seja, a ufologia mística. À última, apresentada a

partir de duas obras representativas na área e de alguns casos de abdução, o autor nega o caráter de uma existência desordenada de elementos. Recorrendo novamente à obra de Magnani (1999), Pícaro reconhece duas narrativas bases ou dois eixos a orientá-la: “um que denuncia uma suposta estagnação do ser humano em seu crescimento espiritual; o outro, que indica as formas pelas quais poderíamos retomar esta evolução”. (Pícaro, 2007:110)

Tendo apresentado a ufologia mística e a ufologia científica, chega-se àquela que seria a interpretação de fundo do trabalho, matizada pela organização das disciplinas segundo a forma de um contínuo: “Neo-esoterismo-Ufologia Mística - Ufologia Científica - Ciências formais” (Pícaro,2007). Tal linha não corresponde a qualquer matriz evolutiva, na qual os elementos seriam casos, mas dá conta do que Pícaro chama de “movimentos pendulares” capazes de descrever as relações entre estes domínios:

De acordo com esse sistema, poderíamos afirmar que se a Ufologia Científica olha para o seu lado direito e nele vê as reais possibilidades de se caminhar em direção à Verdade, o mesmo não acontece no caso da Ufologia esotérica, que se aproxima do polo oposto para criticar o reducionismo cartesiano do modo ocidental de olhar o mundo, e credita sua própria maneira de alcançar a Verdade na abolição dessa forma hierarquizante e excludente de se equacionar os dois polos do esquema." (Pícaro,2007:114)

Ao final de seu trabalho Pícaro ensaia uma tentativa de submeter as diferentes correntes no interior da ufologia à ideia de que estas representam diferentes formas de “significar o mundo” (Pícaro,2007:148)

Muitos dos apontamentos de Pícaro são valiosas contribuições para se pensar a ufologia. Seu trabalho, de fato, apresenta-nos um visão acurada e precisa de várias instâncias nas quais a ufologia se faz. Entretanto, no curso desta tese, ao discutir as relações entre a ufologia mística e a ufologia científica, procedo de modo diferente do autor. Ao invés de voltar minhas atenções para as obras dos ufólogos nos quais se delineariam os princípios da ufologia mística e da ufologia científica, preferi edificar a pesquisa com atenção às relações pragmáticas entre os dois

domínios. Ao fazê-lo observo que as relações entre estes dois filões da ufologia é menos marcada por uma "negação" e mais por narrativas de suspeita. As últimas, entretanto, embora em alguns casos se mantenham no campo discursivo, redefinem-se pragmaticamente nos momentos em que tanto ufólogos místicos, quanto ufólogos científicos, valem-se de teorias, métodos ou aportes advindos do campo em relação ao qual supostamente antagonizariam.

Em seguida me deterei sobre trabalho de Jayme Aranha, intitulado *Inteligência extraterrestre e evolução: as especulações sobre a possibilidade de vida em outros planetas no meio científico moderno* (Aranha,1990), que embora não se dirija a entabular uma discussão direta com a ufologia, apresenta valiosas contribuições no que se refere à pesquisa científica sobre vida extraterrestre e, em particular, sobre o envio de mensagens dirigidas às inteligências extraterrestres pelo programa espacial americano na década de 70.

O primeiro comentário acerca desta pesquisa é que ele se insere em um conjunto de outras obras (Dorneles,1993;2001;Dick,1996; Helmreich, 2009) cujo tônus fundamental consiste, como o próprio título do trabalho indica, em pensar como os cientistas norte-americanos dialogaram com o tema da possibilidade de existência de vida extraterrestre.

Jayme Aranha pretende acessar o tema a partir da interpretação dos relatos sobre a produção e sobre o conteúdo de mensagens enviadas ao espaço, por meio do radiotelescópio Arecibo e das espaçonaves Pioneer e Voyager. De acordo com o autor, o objetivo primordial das sondas, enviadas ao longo da década de 70, era "colher informações sobre o sistema solar exterior" (Aranha,1990:49). Mas, uma vez que os dispositivos ultrapassariam o sistema solar e, portanto, atingiriam longas distâncias, foram incorporados a eles artefatos desenhados para informar àqueles que, por ventura, encontrassem com as naves, dados sobre a Terra e, fundamentalmente, sobre os emissores da mensagem. No que concerne à mensagem agregada à

nave Pioneer, Aranha comenta que esta foi gravada em uma placa metálica e que comportava uma figura que continha "a transição do átomo de hidrogênio", "o mapa dos pulsares", "um diagrama do sistema solar" e "o perfil da sonda e um casal de humanos nus". (Aranha,1990:50)

Segundo Jayme Aranha, na mensagem encaminhada junto às naves Voyager o volume de informações e o seu grau de complexidade eram maiores. O autor resume do seguinte modo a sua composição:

O resultado final foi um disco com umas duas horas de gravações, organizado basicamente em quatro "faixas" de informação. A primeira é uma sequência de 116 fotografias e diagramas, codificada num sistema análogo ao de um vídeo-tape digital. A segunda compõe de vários grupos de saudações dos "habitantes da Terra" às etis, incluindo a do então presidente americano (J. Carter), uma lista de parlamentares americanos, a do Secretário Geral das Nações Unidas (K. Waldheim), de delegados da ONU, e uma série de saudações em 54 línguas diferentes. A terceira registra uma coleção de "sons da Terra". A quarta e mais longa (hora e meia;3/4 do tempo de gravação), reúne uma coleção de músicas de todos os gêneros. (Aranha,1990:63)

No que concerne às referidas faixas do disco, vale notar que elas são objeto de uma acurada análise levada a cabo pelo autor. Outrossim, como já observei, o próprio processo de produção do disco é discutido, de forma a apontar para as possibilidades alternativas de conceber as mensagens que foram aventadas à época. De modo geral, o que organiza a interpretação fornecida por Jayme Aranha é a tentativa de ler nos mencionados artefatos os pressupostos cosmológicos subjacentes à empreitada. Destaco o apontamento do autor de que, ao configurarem as mensagens, aqueles que estavam incumbidos de sua confecção não elegeram outra linguagem que não a da "ciência" para se expressarem:

O que garante a inteligibilidade entre as civilizações inteligentes é uma crença na existência de uma linguagem universal: "a linguagem da ciência". Para toda cifra, todo elemento incluído nas mensagens, os autores encontram justificativas universalizantes, fundamental em códigos "transparentes", "imediatos" e naturais. (Aranha,1990:36)

Em segundo lugar Jayme Aranha codifica aquelas que seriam as próprias condições de possibilidade do envio da mensagem, isto é, certo comprometimento dos cientistas com a

plausibilidade de vida extraterrestre fundada nas noções de "evolução e analogia". (Aranha,1990,27) Conseqüentemente, o autor nos leva aos próprios pressupostos sobre os possíveis receptores da mensagem e as soluções encontradas pelos criadores da missiva para entabular alguma comunicação.

O ser etí imaginado desafia a identidade humana como um paradoxo: é ao mesmo tempo não humano (no sentido biológico), não artificial (como uma máquina inteligente, robô ou computador de ficção científica), um ser natural e que no entanto também participa da esfera cultural como sujeito. (Aranha,1990:101)

Estas considerações relativas ao virtual ser extraterrestre levam o autor a notar nas mensagens a própria formulação da distinção entre "natureza e cultura". (Aranha,1990:106) Em suma, concebe este experimento de contato extraterrestre como um tipo de "auto retrato civilizatório" (Aranha,1990:182), onde prevalecem o que autor chama de dois gêneros de diferença: "... uma situada por referência ao tempo, determinando o estágio evolutivo; outra referenciada à distribuição espacial, determinando a riqueza dos padrões compossíveis." (Aranha,1990:182)

Embora a pesquisa de Jayme Aranha se dedique a investigar um contexto diverso daquele que descrevo nesta tese, as suas observações relativas à escolha da linguagem científica pelos cientistas envolvidos na confecção das mensagens e, de modo substancial, a sua observação sobre os pressupostos da "evolução e analogia", que organizam a pesquisa sobre a vida extraterrestre, encontram ressonâncias entre os ufólogos. Como observei no capítulo cinco, quando discorria sobre a Operação Prato, alguns ufólogos descrevem os extraterrestres como cientistas. Ademais, no capítulo quatro, vali-me das observações do autor para trabalhar com a noção de "ultra natureza".

'Science' - in quotation marks - does not exist. It is the name that has been pasted onto certain sections of certain networks, associations that are so sparse and fragile that they would have escaped attention altogether if everything had not been attributed to them" (Latour,1993:216)

O esforço empreendido nas páginas antecedentes pode ser compreendido como uma tentativa de resumir os principais tratamentos que os pesquisadores no campo das ciências sociais ofereceram ao tema da ufologia. Nesse tópico trabalharei com trechos das entrevistas realizadas com os ufólogos, nos quais estes discorrem sobre o modo como concebem a ufologia em relação à ciência. Note-se, contudo, que há aqui uma diferença fundamental em relação aos trabalhos que estabelecem comparações entre este domínio e as ditas “*mainstream sciences*”. A diferença reside no fato de que ao contrário de sustentar esta distinção de maneira *a priori*, minha tarefa se restringe a apresentar aquilo que os próprios ufólogos tem a dizer sobre o referido corte.

Ufologia e o devir ciência

Uma parcela da literatura que analisei parte da observação de que a ufologia opera a partir de um duplo movimento: por um lado, a emulação de traços potencialmente característicos da Ciência, por outro, certa introdução de elementos não compatíveis com o que aqueles autores entendem por científico. Em todas as entrevistas que realizei com os ufólogos, depois de pedir-lhes que detalhassem os modos como realizavam as suas pesquisas, solicitava que falassem sobre as relações entre a ufologia e a ciência. Cada um dos ufólogos articulou o tema de modo particular, ainda assim, alguns elementos sobressaíram pela sua continuidade através dos diferentes diálogos que estabeleci.

Primeiramente, desejo fazer notar que, diferentemente do que ocorrera com os parapsicólogos estudados por Harry Collins e Trevor Pinch, os ufólogos podem não conceber a ufologia como uma Ciência. Isto é, durante as entrevistas meus interlocutores não defendiam categoricamente que a ufologia é uma ciência. Ao se referirem ao tema, via de regra eles ponderavam que a disciplina continha alguns traços também reconhecíveis nas ciências ou que a ufologia se constituía de uma reunião de aportes provenientes de diferentes áreas da Ciência. Ou seja, a ufologia seria um domínio do saber que precisaria tomar emprestados conhecimentos advindos da geologia, da física, da química e da psicologia.

No que concerne ao primeiro ponto, remeto-me a dois trechos das entrevistas com Rafael Amorim e Fábio Gomes.

Não considero uma ciência. Mas é uma paraciência, é uma pesquisa que é feita com técnica científica, mas ela ainda está um pouco longe de ser uma ciência. Eu acredito que para ser uma ciência a nível de estudos acadêmicos, ela precisa ter uma linha mais séria. E precisa ser feito um apanhado muito grande sobre como é que vai ser feita esta linha de pesquisa. Ela está muito longe disso ainda. Mas ela está próxima da ciência sim. (Entrevista com Rafael Amorim)

Ufologia não é ciência. Eles repetem isto como um mantra. Claro que ufologia não é ciência, mas ela precisa se instrumentalizar para ter um diálogo com a ciência. Filosofia também não é ciência. Filosofia é a mãe das ciências. Mas ela não é ciência. A ufologia ela pode ter instrumentação para ter diálogo com a ciência. É isto que a gente busca, né? Mas eles repetem que nem um mantra: a ufologia não é ciência. São os que não conseguem distinguir um Trigueirinho de um Gevaerd, entendeu? Tem muita diferença (Entrevista com Fábio Gomes)

Nos trechos acima, enquanto Rafael Amorim percebe a ufologia como um domínio com potencial para se tornar “científico”, Fábio Gomes, ao comentar sobre os ataques dos grupos de céticos à disciplina, estima que o “vir a ser” da ufologia seria uma tentativa de “instrumentalizá-la” de tal modo a torna possível o diálogo com a ciência.

Já o ufólogo Paulo Aníbal observa que certas partes da disciplina têm caráter científico, entretanto, a prevalência das dimensões místicas e esotéricas impedem que seja, como um todo,

vista desta forma. Note-se que o autor do trecho ressalta dois componentes científicos da disciplina: os relatórios militares envolvendo óvnis e a coleta de evidências em campo.

A ufologia, como um todo, devido ao aspecto místico e esotérico, não pode ser considerada uma ciência acadêmica. O que temos que separar é a parte documental e a parte de análise de evidência. O procedimento que usa em laboratório para análise, isto é científico. A parte documental, por exemplo, os militares, os documentos, pareceres e até relatórios envolvendo UFOs no espaço aéreo, isto é científico. Isto é documento válido. E documento que pode ser aceito em um inquérito policial normal. Então isto daí é científico. Então a gente tem que separar bem as partes dentro da ufologia: a parte documental, relatório oficial. [...] A parte da pesquisa com evidências, ou seja, de campo, com evidências coletadas no solo. Evidências de fotos e evidências de filmagens desde que ela seja devidamente atestadas como autênticas. Isto, no bojo da análise de evidência, é científico. (Entrevista com Paulo Anibal)

Ademar Gevaerd, por sua vez, opera numa via diferente. Observa que a ufologia compõe-se enquanto um “*mix* de ciências”, na medida em que esta se vale da física e da ótica para realizar a análise dos óvnis, da biologia, da físico-química e da geologia, para analisar as marcas de pouso e da psicologia e da sociologia, para lidar com os testemunhos dos avistamentos ou contatos mais diretos.

Com relação à ufologia como ciência. A ufologia é um mix de ciências. Ela emprega um mix de ciências. Usando um neologismo bacana, que hoje está bem em voga. Eu acabei de fazer uma palestra no Campus Party e eu falei isto: “Ufologia é ciência do começo ao fim”. Algumas pessoas falaram: “que absurdo Gevaerd.” “como você pode falar isto?”. Ora, mas é. A ufologia de verdade é isto. O que é a ufologia? Você recebe o relato de alguém que viu uma nave e esta nave passou na fazenda do cara e pousou. Se você é um ufólogo consciente e bem informado, você vai fazer uma análise do processo enquanto a nave passou no ar. E pra isto você precisa de recursos da física atmosférica, da ótica, da física normal para determinar velocidade. Aí o objeto pousa e aí ele deixa uma marca no chão. Você precisa de recursos da físico-química, da biologia, da geologia, para determinar aquilo ali. O ufólogo tem que entender que ele não precisa conhecer todas estas áreas, mas ele tem que saber que áreas se aplicam a cada um dos processos, cada uma das fases da observação. Aí temos o testemunho dado: o testemunho dado requer uma avaliação psicológica, sociológica. É muito comum que o camarada que tenha visto o fenômeno, entre o momento em que ele viu, e o momento que ele relatou, ele faça alguma criação em cima. E deve-se aplicar filtros para se apurar o caso verdadeiro. O relato verdadeiro. O ufólogo tem que ter consciência que nas diferentes fases do processo de investigação ele vai precisar empregar conhecimentos das diversas áreas científicas. Ele pode não ter estes conhecimentos. É muito normal que não tenha. Ninguém domina tantas áreas. Mas o ufólogo tem que ir atrás daquelas pessoas que podem auxiliar ele. Daquilo que foi visto enquanto estava no ar, aquilo que pousou. Uma determinação do que havia ali. Em que aquela terra foi transformada. Como aquela vegetação foi transformada. De que maneira que aquilo mudou. E de que maneira a testemunha foi transformada. Então é um

conjunto de conhecimentos , todos eles científicos. Então, quando eu falei que a ufologia é ciência do começo ao fim, eu quis me referir a isto. É evidente que a ufologia vai além disso. É evidente. (Entrevista com Ademar Gevaerd)

Diferentemente de Paulo Aníbal, Gevaerd não reputa aos ditos elementos esotéricos ou místicos interferências da disciplina. No trecho abaixo, tanto a dimensão científica como a esotérica, aparecem como domínios complementares, de tal forma que para ele é estéril querer rechaçar uma destas esfera em favor de outra. Trata-se, sobretudo, de um esforço de síntese, muito embora, nos seus termos, “a ciência [dê] uma resposta mais efetiva”:

Existem componentes da ufologia que não se enquadram em nada de científico. Muitos falam em ufologia holista, esotérica, espiritualista. Tirando todas estas definições, que são todas elas capengas. Nenhuma delas preenche, de fato, as especificações que a gente poderia ter para definir como é uma ufologia que transcenda a ciência. Há sim interpretações no plano espiritual, no plano metafísico da ufologia que devem ser levados em consideração. A ciência é parte absolutamente fundamental do tratamento da ufologia, mas não é a única. E tampouco é, como difundem os ufólogos espiritualistas e os esotéricos, o esoterismo, a espiritualidade, que também podem ser componentes auxiliares no entendimento da manifestação ufológica na Terra. Mas só eles também são estéreis. Mas só a ciência também é estéril. Entre as duas a ciência é a que mais explica. A ciência dá uma resposta efetiva. Daí neste caso se foi definido que o objeto no céu, que pousou e marcou o solo, não é de natureza terrestre. Pelas características de voo, pela sua luminosidade, pelo pouso do objeto, pela forma como ele calcinou o solo – depois se levantou e foi embora. Há uma resposta efetiva dada à sociedade. Um fenômeno, um veículo foi observado que não é deste planeta. Não tem uma tecnologia que possa ser enquadrada em nada que se conheça hoje. Só pode ser fora da Terra. (Entrevista com Ademar Gevaerd)

No espectro de posições sobre as relações entre a ufologia e a Ciência há ainda aqueles pesquisadores que fundamentam seu argumento em homologias com outras disciplinas, tal como ocorre com a vulcanologia, para predicar à pesquisa sobre Objetos Voadores Não Identificados com atributos de uma ciência que não dispõe de laboratório. Este é o caso de Toni Inajar, analista de imagens da Revista UFO, quem também observa que a ufologia faz uso da metodologia científica:

A ciência ortodoxa ela quer trazer o fenômeno para o laboratório ou no mínimo repetir o fenômeno. E quem estuda vulcanologia nem sempre dá para trazer ao laboratório, mas a pessoa pode ir até lá. Ou seja ela pode experimentar. Ou ela trabalha sobre o trabalho de outros: outras pessoas foram, observaram aquele fenômeno e relatam. Elas trabalham a partir disto. A ufologia faz mais ou menos isto. Ou isto, exatamente. Ela pega o relato de pessoas - às vezes o próprio

ufólogo foi a testemunha de um avistamento - e sobre esse relato, seguindo a metodologia científica, se faz um estudo deste fenômeno. E este estudo é apresentado com todos os pré-requisitos necessários de um estudo e de um trabalho científico. Os únicos que não reconhecem isto como científico são os cientistas céticos ou preconceituosos que rechaçam o fenômeno e por extensão o estudo do fenômeno. Eles dizem: “Este fenômeno a priori não existe, portanto, não dá para criar uma ciência sobre algo que não exista. Mas a ufologia é ciência, ela usa metodologia científica. Ela apenas não é reconhecida. É uma diferença. Mas o método que se usa para estudar os casos é metodologia científica. (Entrevista com Toni Inajar)

Ufologia, efedrina e o tio chinês: “Science is not always what scientists do”

Na fala de Toni Inajar percebe-se um tópico recorrente quando os ufólogos comentam as relações entre a ufologia e a Ciência, qual seja, o sublinhar de certa atitude negacionista por parte dos cientistas, sempre que se são instados a comentar sobre os fenômeno dos Objetos Voadores Não Identificados. Toni pontua a rejeição à priori pelos “cientistas céticos”, que parecem ignorar as contribuições da ufologia antes mesmo de estudá-las. Ao argumentar deste modo, contudo, meu interlocutor termina por mobilizar uma modalidade particular para descrever as atitudes dos cientistas em relação ao tema da vida extraterrestre, que é comum a outros pesquisadores da área, qual seja, o apontar do “dogmatismo da Ciência” como o principal impedimento para que esta se dedique à questão dos Óvnis. Anne Cross soube captar bem este matiz ao discorrer sobre o tópico:

In the ufological community the institutions and people of mainstream science are often described as bias-bounded purveyors of outdated belief systems, that are described with more certainty than is warranted. (Cross,2000:48)

Quando mencionei que a acusação de dogmatismo da ciência presente na entrevista com Toni Inajar não é uma elaboração exclusiva sua, mas um argumento com certa abrangência na ufologia – brasileira e norte-americana –, tinha em mente uma observação citada por Anne Cross (Cross,2000:45) do cientista e ufólogo J. Allen Hynek, em sua obra *The UFO Experience: A scientific inquiry* (Hynek,1972). Segundo a autora Hynek nos brinda com a seguinte expressão: “Science is not always what scientists do” (Hynek,1972:239), para sustentar que a Ciência não

deveria descartar fatos simplesmente porque eles pertencem ao domínio do extraordinário, ou porque não têm meios de explicá-los. A propósito deste trecho Cross observa que:

In the case of Condon Investigation, in which he played a role, Hynek said conventional science's practioners had already made up their minds that UFOs were not a serious problem and their results reflect that bias - not the data. Hynek writes that the investigators abdicated their duties as scientists by simply labeling UFOs as various explainable phenomena. (Cross,2000:44)

A insistência sobre a recusa da Ciência em tratar o fenômeno UFO como digno de uma investigação atenta e cautelosa também é aventada em múltiplas entrevistas que realizei. Marcelo Bonfim traduz o tema do dogmatismo em termos do preconceito dos cientistas:

Então, na ciência existe muito preconceito. Porque o cientista deveria pesquisar as coisas com imparcialidade, isenção de ânimo, para descobrir a verdade como ela é. Têm cientistas que fazem isto realmente. Eu diria que eles são os verdadeiros cientistas. (Entrevista com Marcelo Bonfim)

Fábio Jed, presidente da EBE-ET, contribui com um argumento que destaca um aspecto similar, quando ressalta que há partes da Ciência que funcionam de modo análogo aos aparatos da inquisição:

Nem este planetinha está sozinho, nem essa aqui é a primeira civilização que já esteve em cima deste planeta, você está entendendo? Mas estes são conhecimentos que a gente vai adquirir não na ciência que esconde a verdade. Porque tem uma parte da ciência que infelizmente funciona como uma nova inquisição. Só deixa passar o que interessa e o que vai a favor dos conhecimentos daquela ciência. (Entrevista com Fábio Jed)

Na produção escrita dos ufólogos a questão do dogmatismo dos cientistas também apareceu. O artigo que melhor resume a crítica levada a cabo pelos ufólogos foi publicado por Carlos Reis na Revista Planeta, em outubro de 1984.

E a nossa tradicional ciência, como se manifesta a respeito? Sabemos que basicamente ela obedece a determinados esquemas que tacitamente norteiam seus passos. Aliás, se a ciência foge dos seus próprios ditames, deixa de ser ciência. São, em realidade, dogmas preestabelecidos que a comunidade segue ordenadamente. Enquanto isso, a ciência pura, holística, abre eclusas para dar vazão à quantidade de dados que gotejam indefinidamente.” (Revista Planeta, outubro de 1984, pg 49)

Ao elencar aquilo que entende por “dogmas preestabelecidos”, Carlos Reis lança mão de algumas características que imputa aos cientistas, tais como a rejeição daquilo que não pode ser mensurável e o desestímulo ao estudo dos fatos que desobedecem às “leis da natureza”.

O mesmo autor observa que quando os cientistas criticam a ufologia revelam que não estão comprometidos com valores em relação aos quais deveriam se orientar, como é o caso da imparcialidade no trato das evidências. Note-se que o mesmo argumento aparece neste trecho de uma matéria da Revista UFO:

A ciência também sempre sofreu forte resistência ao apresentar suas teorias contra o que já estava estabelecido como verdade absoluta e não é necessário relacionar aqui quantos cientistas tiveram um fim trágico nas fogueiras da Santa Inquisição. A Ciência teve seus momentos de ser a vestimenta de Satanás. E a idade das trevas apenas começava. Hoje, em pleno século XXI, estas trevas parecem ganhar forças. Só que, desta vez, a religião caminha ao lado da Ciência ortodoxa. [...] *Negligenciam que a primeira e fundamental norma que devemos seguir na investigação racional de tal fenômeno é justamente estudá-lo com o mesmo procedimento que se aplica a qualquer outro fato novo – o método científico.* (Revista UFO, Número 83, pg.33)²⁴⁰

O artigo de Jarom Harambam e Stef Aupers, intitulado *Contesting epistemic authority: conspiracy theories on the boundary of science* (Harambam & Aupers,2014), ao estudar algumas características do *milieu* envolvido com as teorias conspiratórias na Holanda, a partir de entrevistas com frequentadores de feiras ou eventos ligados ao tema, encontra nestas pessoas formulações de algum modo similares àquelas que venho destacando em relação às falas dos ufólogos sobre as relações com a Ciência. Harambam e Aupers observam que entre os entusiastas das teorias conspiratórias, não prevalece uma negação da ciência enquanto forma de conhecimento. Ao contrário, sustenta-se que “[...] modern science is not scientific enough since it has lost the openness and skepticism that should inform the habitus of real scientists. (Harambam & Aupers,2014:8) Os autores, assim como Cross (2000) e Pícaro (2007), também comentam sobre a acusação de dogmatismo na ciência:

²⁴⁰ Grifos meus.

They argue how modern science labels phenomena that are inconsistent with its materialistic worldview as illusionary and their critical narratives are structured around phenomena like telepathy, consciousness, and hands on healing. They emphasize how these “parapsychological” phenomena are discarded not on the basis of research or counterfactual evidence – as proper scientists would have it – but simply because their materialist worldview does not allow for the existence of such a phenomena. (Harambam & Aupers,2014:6)

Nas conclusões de seu trabalho, o autores observam que a crítica dos partidários das teorias conspiratórias fundamenta-se em uma ambição por uma re-purificação da ciência, ou “[...] re-install its free spirit of inquiry.” (Harambam & Aupers, 2014:12)

Ora, estes comentários, ainda que se firmem sobre o trabalho de campo junto a pessoas adeptas às teorias da conspiração, aparentam coincidir com aquilo que os ufólogos com quem trabalhei dizem a respeito da Ciência.

Como se vê em uma história que me fora contada por Alberto Francisco do Carmo em mais de uma ocasião, ali reside a melhor descrição das relações entre dogmatismo, ciência e ufologia.²⁴¹ O caso apareceu no momento em que Alberto me explicava aquilo que entende por “tóxicos da ufologia” (o amadorismo, o militarismo, o misticismo e o cientificismo). O comentário a seguir diz respeito ao cientificismo:

Alberto: O sujeito tem um ponto de vista positivista. Tipo assim: a ciência é a dona da verdade e só se sabe da verdade através da ciência. Mentira. Não é? E um bom exemplo que eu dou.. eu já te contei isto, né? A descoberta da efedrina. Não é? O negócio é o seguinte. A efedrina foi descoberta assim: um medicozinho chinês metidinho a besta, formado nos EUA, foi visitar a China e entrou em contato com um tio dele, que era da medicina tradicional chinesa. Um raizeiro chinês, né? Aí ele começou a fazer pouco caso das coisas do tio. O tio ficou irritado e pegou um monte de folhas secas e disse assim: Ma huang! Isto ressuscita até um morto. Aí o menino ficou sem graça. Levou para os EUA, tipo assim: folclore das minhas raízes. O professor dele disse: não! Faça um extrato desse negócio e deixe guardado. E foi uma atitude boa deste professor. Não, se ele disse isto, vamos deixar uma oportunidade para experimentar. Não vamos

²⁴¹ Uma versão desta história já apareceu em Antunes Almeida, Rafael. Stories of collaboration, sharing and writing: an anthropologist meets a UFO researcher. Personal Communication. American Anthropological Association-Producing Anthropology.113a Annual Meeting. Na produção deste artigo utilizei outra versão do caso “descoberta” da efedrina, em particular, aquela produzida por Alberto no momento por ocasião de um trabalho sobre a Violência extraterrestre e a Violência Científica. O último foi produzido em colaboração comigo, mas ainda não foi publicado

rejeitar. Aí eles estão fazendo uma experiência em um cachorro e os batimentos cardíacos dele começaram a cair de repente. E o professor disse assim: olha, esta é uma hora boa da gente experimentar o remédio do seu tio. Ele pegou, tirou um pouco em uma agulha, injetou na veia do cachorro e os batimentos “bam-bam-bam”. Pronto, o cachorro não morreu. Aí disse que eles ficaram espantados e foram ver que o Ma huang tinha um princípio ativo, que é a efedrina, que foi muito usada. Hoje ela é menos, porque ela é um vasoconstritor e pode, a longo prazo, provocar lesão no coração e provocar derrames. Mas se não fosse este raizeiro chinês nós não saberíamos da existência da efedrina. Hoje, por exemplo, eu uso com frequência espinheira santa. E digo: funciona. Não é? Rafael: Então o senhor acha que o ufólogo pode vir a ocupar uma posição parecida? Alberto: Com a do raizeiro chinês. Entendeu? Então daí você chega perto da pessoa e ... Não! A ciência tem que proceder como o professor ou orientador – sei lá o que era – deste chinêsinho, né? Não, vamos olhar. Vamos ver o que está acontecendo. E descobriram coisas. Não é? (Entrevista com Alberto Francisco do Carmo)

Na história da “descoberta” da efedrina, tal como me fora contada por Alberto, sobressaem três pares de equivalências. A primeira, entre o jovem médico chinês e os cientistas que rejeitam qualquer “contribuição” que domínios outros que não a ciência poderiam oferecer para o seu “progresso”. Em segundo lugar, entre os ufólogos e o tio chinês especialista em raízes, quem fora alvo de zombaria do sobrinho, assim como ocorre com os ufólogos, quando tentam apresentar os seus trabalhos aos cientistas. A terceira equivalência ocorre entre o cientista que supervisionava o experimento e que sugeriu que a droga fosse usada no momento em que o cachorro já apresentava sinais vitais muito baixos e um modelo de cientista que os ufólogos parecem pleitear.

Tal modelo resulta da compreensão de que a Ciência não deveria recusar de antemão aquilo que os ufólogos entendem como fatos, sob pena de, ao fazê-lo, terminar adotando uma postura dogmática, marcada pela condenação às zonas de exclusão de um grande volume de experiências potencialmente novas. Em relação ao dogmatismo, o próprio Alberto mais tarde extraiu aquela que poderia ser uma consequência direta deste comportamento: na medida em que os cientistas recusam os relatos apresentados pelos ufólogos, terminam alimentando uma suspeita em relação à Ciência:

E mais tarde eu viria a sentir o que o Jacques Vallée coloca no artigo “As seis consequências sociais” – que eu já te passei, né? Então, a certa altura ele diz o seguinte: quanto mais pessoas procurarem os meios científicos buscando respostas e apoio para seus avistamentos ou testemunhas ufológicas e forem sumariamente rejeitadas, mais estas pessoas começarão a duvidar da ciência. Porque eles foram à ciência procurando ajuda, auxílio, apoio, esclarecimento e a ciência simplesmente os jogou pra lá. (Entrevista com Alberto Francisco do Carmo)

Note-se que a fala de Alberto não só constitui um ataque ao dogmatismo dos cientistas, como também é uma tentativa de explicar o nascimento das ditas paraciências. De algum modo, a recusa dos cientistas em pensar o tema e, particularmente, de oferecer uma resposta para as experiências com Objetos Voadores não Identificados, termina alimentando explicações alternativas. Curiosamente, ao argumentar nesta direção, Alberto se aproxima de Carl Sagan, no momento em que faz um ataque às ditas paraciências, assim como tenta explicar o seu nascimento. No livro “O mundo assombrado pelos demônios”(2010), Sagan reputa o crescimento de disciplinas como a ufologia, a criptozoologia e a parapsicologia à uma deficiência na divulgação científica:

A ciência desperta um sentimento sublime de admiração. Mas a pseudociência também produz este efeito. A divulgação escassa e mal feita da ciência abandona nichos ecológicos que a pseudociência preenche com rapidez. (Sagan,2010:20)

Quando digo que há similaridade entre os seus argumentos, por certo não me refiro ao comprometimento dos autores com a mesma noção de Ciência. Sagan percebia a ufologia como um tipo de cancro que mereceria ser extirpado. Alberto, por seu turno, é um defensor do maior diálogo entre a Ciência e a ufologia. As homologias, entretanto, existem e podem ser encontradas na tentativa de explicar o nascimento da busca por enquadramentos alternativos a partir de: ou uma recusa da ciência em tratar o tema ufológico “cientificamente” (Alberto); ou da parca divulgação científica (Sagan).

Pasteur, os micróbios e os UFOs: a analogia com a história das ciências

Após a crítica feita pelos ufólogos ao dogmatismo da ciência, a segunda modalidade de argumento que tematiza a relação da Ciência com a ufologia aparece partir da observação de uma analogia entre o estado atual do campo e certas teorias que, se em um primeiro momento foram recusadas pelos cientistas, posteriormente mostraram-se frutíferas.

A negação da interpretação que atribui a hipótese extraterrestre aos Objetos Voadores Não Identificados, de acordo com os ufólogos, é levada a cabo por meio da tentativa de redução de qualquer anomalia no céu, ou bem às causas ditas “naturais” ou à confusão com objetos voadores produzidos por humanos. Um resumo deste espectro de posições foi produzido para a edição da Revista PSI-UFO de outubro de 1986, que apresentou um sumário do que diziam os cientistas brasileiros a respeito do tema:

“Não tenho dúvida de que se trata de algo compreensível pela luz da ciência; não tem nada a ver com objetos extraterrestres. Aviões não identificados produzem efeitos semelhantes aos que foram observados. Objetos balísticos atravessaram o céu brasileiro a uma altitude baixa.”(Luiz Pinguelli Rosa – Físico –UFRJ)[...] “São chuvas de meteoros. Partículas do Halley”- Jacques Danon – Astrônomo – Diretor do Observatório Nacional” [...] “ Foi espionagem de alguma potencia interessada em fotografar regiões estratégicas; é um jogo de xadrez da política internacional. (Roberto Godoy – especialista em armamento.) (Revista Psi-Ufo, outubro de 1986, pg 26)

Desejo colocar estes comentários em oposição a alguns argumentos apresentados pelos ufólogos. Começarei mais uma vez com a observação de Hynek:

The history of science has shown that it is the things that don't fit, the apparent exceptions to the rule, that signal potential breakthroughs in our concept of the world about us. And it was these cases that should have been studied from many angles. (Hynek,1972:242)

Enuncia-se aqui a sugestão de comparação entre eventos na história das ciências que não se ajustavam aos modelos anteriores e as observações compreendidas nos relatos de óvnis. Ora, se aquelas foram rechaçadas com base na não previsibilidade do fenômeno, infere-se que o mesmo possa acontecer com o fenômeno UFO.

A história dos descobrimentos científicos está cheia de erros e exemplos de falta de imaginação. Astrônomos como Willian Pickering e Simon Newcomb riram-se, primeiro, do conceito de voo e, posteriormente, das capacidades dos aviões, baseando-se em notáveis demonstrações de matemática, física e engenharia”. (Revista Planeta, outubro de 1984, pg 49)

Analogia similar foi feita quando eu entrevistei o ufólogo Daniel Conrado. Este, ao comentar sobre a negação do fenômeno UFO com base na inexistência de “provas materiais” sobre o mesmo, teceu uma analogia com os micróbios de Pasteur.

Outro dia eu até estava escrevendo: a gente tem que fugir deste academicismo excessivo, que diz: se eu não posso ver, tocar, não existe. *Quando Pasteur começou com a microbiologia, também. Você não enxergava nada. E os caras não acreditavam nele, ele foi rechaçado da academia de ciências, ele foi considerado um louco, porque ele dizia que tinha uns bichinhos que você não conseguia enxergar.*²⁴² Eu vi até um filme sobre a vida dele.

Na própria história dele, conta lá no filme, a filha dele ficou grávida, teve um problema quando foi nascer a criança – teve que ser uma cesariana - , e os médicos naquela época, caíam os troços no chão e eles pegavam de volta, né? Não existia esta noção que a gente tem hoje. Não esterilizavam nada, porque não sabiam que existia micróbio. Então o Pasteur pediu pelo amor de deus para eles para eles usarem as técnicas de esterilização, de ferver e aí, para fazer isto, os caras disseram para ele retirar todos os estudos dele da academia. Tá, eu faço como tu quer, mas tu tem que retirar os seus estudos da academia. E ele aceitou, porque era a filha dele, né? E ele retirou, não apresentou mais e continuou pesquisando. Aí eles fizeram e ela foi super bem, não teve infecção, que era muito comum na época. (Entrevista com Daniel Conrado)

Os óvnis, assim como os micróbios, só se distinguiriam pelos seus indícios, pelas transformações que impõem àqueles que passam por situações de avistamento ou nas imagens borradas – ou não – impressas nas fotos. Assim como se dera com os micróbios, estes também esperam que a sua realidade não seja mais discutida e que os ufólogos, assim como Pasteur, passem de loucos a visionários.

²⁴² Grifos Meus.

Mimesis e diferença: da semelhança à “similitude” com a Ciência

Mas não se trata, aqui, de neutralizar o discurso, transformá-lo em signo de outra coisa e atravessar-lhe a espessura para encontrar o que permanece silenciosamente aquém dele, e sim, pelo contrário, mantê-lo em sua consistência, fazê-lo surgir na complexidade que lhe é própria.” (Foucault, *Arqueologia do Saber*, 2008: 53)

Até este momento a discussão permaneceu confinada às maneiras segundo as quais os ufólogos descrevem a sua relação com a ciência, mas nenhum movimento ainda foi feito na direção de apresentar o modo como os estes pesquisadores estimam como é e, fundamentalmente, como deve ser a investigação ufológica. Este é o assunto de que passo a tratar agora. Entretanto, ao contrário de registrar as descrições sobre a sua atividade nos termos de uma emulação da ciência, preferi recuperar certa discussão que Luiz Costa Lima faz no artigo “A Antiphysis em Jorge Luís Borges” (Costa Lima, 1980). Estimo que muito embora a sua produção sobre noção de mimesis tenha sido conduzida no contexto de um debate sobre a estética e a representação, é possível adaptar um de seus valiosos comentários para pensar o tema da “emulação da ciência”. Creio que tal adaptação, ainda que faça uso episódico do conceito, talvez funcione em nosso caso. Me refiro, em particular, a certa torção que Costa Lima produz no conceito de mimesis, de tal forma a contornar aquela visada que o toma desde o ponto de vista do “reflexo especular”:

Séculos de tradição deformante, levam-nos comumente a identificá-la como uma problemática especular, tendência sobre a qual modernamente pesa a importância assumida, no século XIX, pela categoria reflexo. Contudo, o exame dos textos em que surge a palavra e/ou seus associados, em emprego mesmo não conceitual, nos mostra que desfocamos seu núcleo semântico quando a tomamos como imitação, reflexo, espelho[...] (Costa Lima, 1980:229)

De acordo com a análise que faz o autor, embora a mimesis tenha sido tratada como uma repetição, uma imitação ou uma cópia, o percurso pelos textos clássicos nos quais o termo aparece indica que o esforço mimético necessariamente implica na introdução de uma diferença.

Em suma, em ambos os casos vemos o produto mimético supor semelhança e diferença; em ambos, a diferença ter um tratamento subalterno, ser afastada do foco primeiro da leitura, para que, mediante o realce da semelhança o receptor possa aceitar o mímea. (Costa Lima, 1980:233)

Em uma das modalidades da mimesis o autor comenta ser necessário “esconder a diferença” – visando o efeito da verossimilhança (Costa Lima,1980) - , em outra, entretanto, na qual há compromisso com o “receptor”, a mimesis depende exatamente da exposição desta mesma diferença. A discussão entabulada por Luiz Costa Lima neste artigo se deu no âmbito da arte e o que se trata de fazer aqui é menos avaliar o seu alcance e mais tatear uma tentativa de instrumentalização da observação do autor de que toda mimesis implica necessariamente em um diálogo com a diferença.

Estenderei o trato licencioso que sugeri aos apontamentos sobre a noção de mimesis à uma observação que Michel Foucault faz a propósito do trabalho de René Magritte. Em suma, o que proponho consiste numa tentativa de mobilizar a noção de mimesis – tal como Costa Lima a aborda nas passagens citadas – e a oposição entre semelhança e similitude trazida por Foucault, para pensar o problema da emulação da ciência pela ufologia.

A semelhança comporta uma única asserção, sempre a mesma: isto, aquilo, aquilo ainda, é tal coisa. A similitude multiplica as afirmações diferentes, que dançam juntas, apoiando-se e caindo umas em cima das outras. (Foucault, 2008:63)

Argumento, portanto, que a ufologia só pode ser pensada como uma emulação das disciplinas consideradas científicas, se o ato de emular estiver mais próximo da “mimesis” de Costa Lima ou da “similitude” de Foucault. Isto é, se a emulação significar não a imitação de um modelo mas, de outro modo, a multiplicação de diferenças, poderemos seguir utilizando este termo. Assim, passarei a apresentar alguns exemplos de descrição dos ufólogos sobre o seu

trabalho. O que se notará é que estes formulam o processo de pesquisa ufológica nos termos de uma pesquisa científica.²⁴³

*

A maioria dos ufólogos que se dedicam à pesquisa de campo descreve o seu trabalho da seguinte maneira: um investigador ou um grupo de pesquisas recebe a notícia de um caso, o qual pode se referir a um contato visual com um Óvni, a um avistamento seguido de registro fotográfico, a um contato direto com um extraterrestre, a um episódio de abdução, a um agrolifo ou às marcas do "trem de pouso" de uma aeronave em um terreno. Somam-se a estes eventos outros possíveis: a visagem de um fantasma, de uma "mãe do ouro"²⁴⁴, ou uma experiência de viagem fora do corpo, nos quais pode ser possível reconhecer a ação extraterrestre (ver o processo de redução no capítulo 4). Depois do contato ter sido feito, o indivíduo ou grupo ufológico se dirigem ao local do incidente. Ao chegarem, os ufólogos reconstroem o caso com as testemunhas. Para tanto, fazem diversas perguntas, fotografam o local do contato e analisam as fotografias – quando estas estão disponíveis. No que concerne às testemunhas, há uma preocupação em relação à confiabilidade do relato, sendo comum que se insista nos questionamentos e que se colida informações de fontes diferentes, além de que é avaliado se a pessoa que passou pela experiência haveria consumido algum tipo de substância psicoativa. Uma vez verificadas as credenciais das testemunhas, uma série de perguntas relativas à natureza do objeto ou do contato são feitas. Como exemplo do tipo de questionamentos relativos ao último tópico, cito um documento que foi cedido pelo ufólogo Alberto Francisco do Carmo no qual aparecem várias perguntas dirigidas à uma testemunha:

2. A superfície do objeto tinha algum aspecto particular, metálico ou fosco, mais ou menos como?[...]

²⁴³ Muito embora, como já notei, nem sempre definem a ufologia como uma ciência.

²⁴⁴ A "mãe do ouro" é descrita como uma esfera de luz que se movimenta no céu.

[...] d)Estime o tempo no qual o óvni, acompanhou o avião estabilizado horizontalmente e depois o tempo em que ele continuou acompanhando o avião à frente, mas inclinado.[...]

e) Ao mudar de direção, o óvni de alguma forma cabrou um pouco de modo que se visse o resto de sua forma, ou simplesmente teria ficado como estava, alinhado com sua direção e sentido iniciais enquanto iniciou mudança vertiginosa para a esquerda? Esta pergunta é para caracterizar bem uma mudança de trajetória sem curvas. Foi assim? f) Você confirma o piscar de luzes, que aí pareceu concorde com outras piscadas de algum objeto luminoso mais distante e outro, no solo ou rente ao solo? (Estudo dirigido de caso produzido por Alberto Francisco do Carmo)

Caso hajam fotografias, os ufólogos normalmente solicitam cópias das mesmas para posterior análise de imagens. O mesmo se passa quando as testemunhas indicam a existência de marcas de pouso de potenciais Óvnis, ao ser solicitada a coleta de amostras do solo nos arredores do incidente. Nos casos envolvendo agroglifos – raros em território brasileiro – procede-se de forma semelhante ao que ocorre quando há marcas de pouso, mas desta vez há maior preocupação em preservar o local e eventualmente em recolher amostras da vegetação afetada pelo fenômeno (detalharei o processo mais adiante).

Após a coleta de informações em campo, todo o material é arrematado pelos ufólogos de tal modo a compilar as informações a fim de se produzir um detalhado relatório. No capítulo 3, já apresentei as feições que estes costumam assumir – voltarei a fazê-lo em tópico posterior. Elaboram-se observações sobre a história do contato, sobre o grau de instrução da testemunha, apresentam-se análises de fotografias, estima-se a velocidade do UFO e, em certas ocasiões, estabelecem comparações com outros casos ocorridos na mesma região. Não é incomum a produção de croquis a partir dos relatos das testemunhas, que podem compreender desde o desenho das naves, até a tentativa de conceber um retrato falado dos seres e dos objetos encontrados no interior dos óvnis. Listo abaixo uma série de figuras (Figs. 8,9 e 10) produzidas pelo ufólogo Alberto Francisco do Carmo por ocasião de uma pesquisa junto a um senhor abduzido no interior de Minas Gerais:

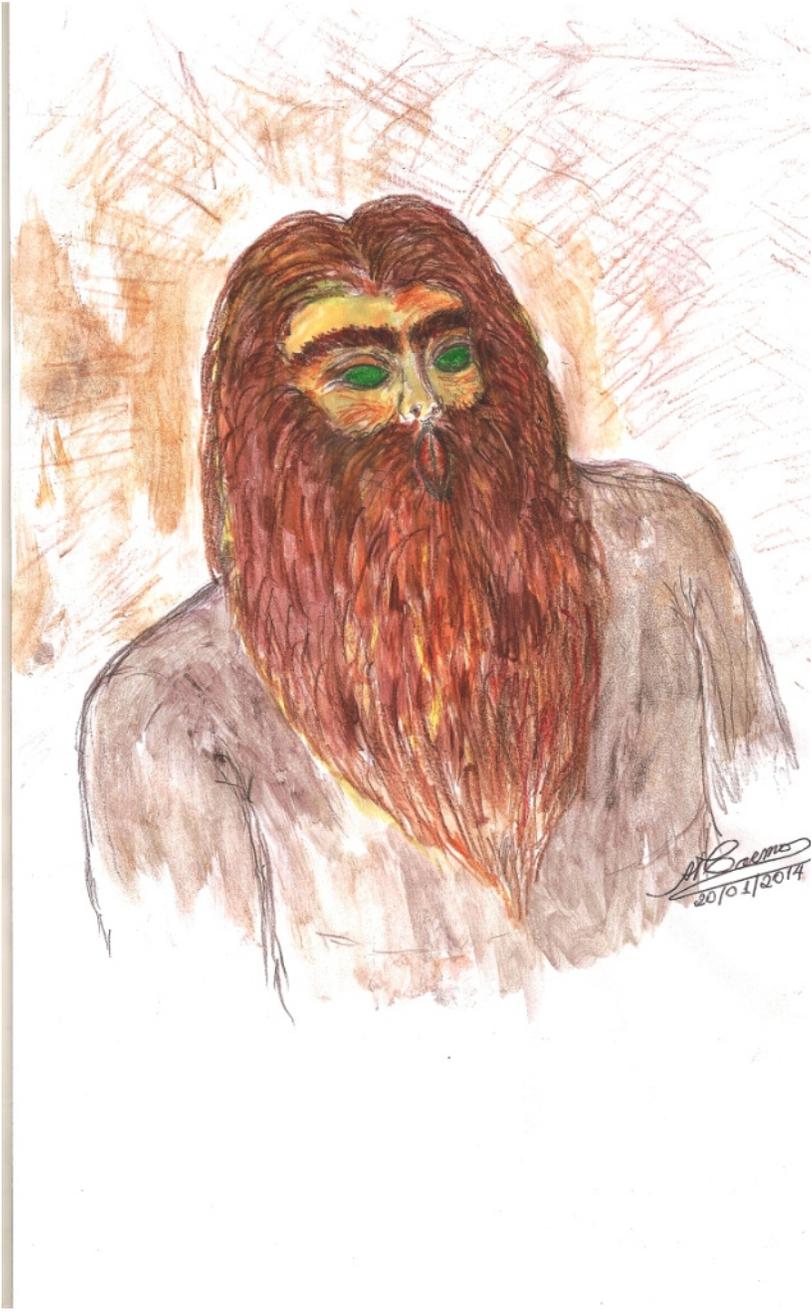


Figura 8 - Retrato falado de um extraterrestre (Créditos: Alberto F. do Carmo)

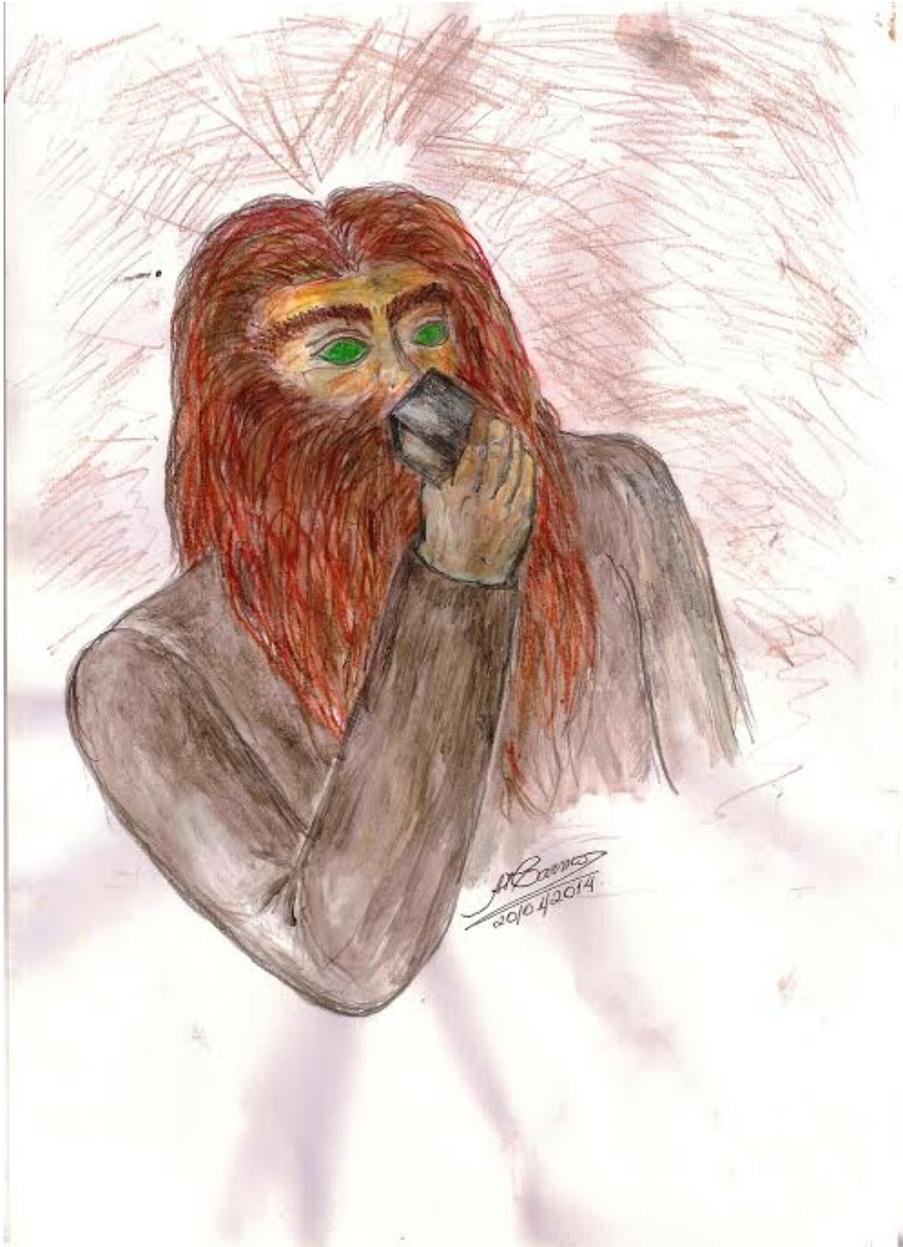


Figura 9 - Destaque para o recipiente usado pelo extraterrestre (Créditos: Alberto F. do Carmo)

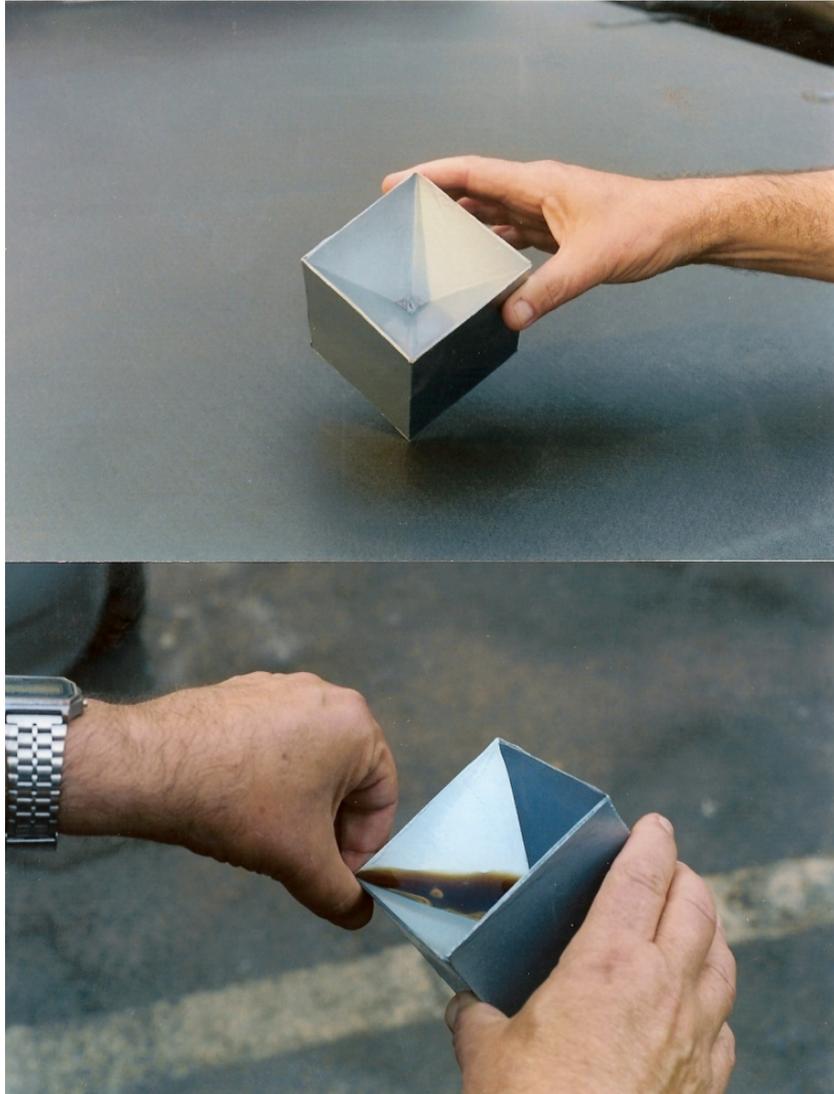


Figura 10 - Reprodução em papel do recipiente (Créditos: Alberto F. do Carmo)

Nos casos em que foram reportadas abduções não é incomum que os ufólogos visitem as testemunhas mais de uma vez, com vistas a acompanhar a possibilidade de alguma eventual lembrança de algo que, na primeira entrevista, não fora reportado. Há outras situações nas quais o laço entre o ufólogo e o abduzido se mantém por anos, como no caso em que Alberto Francisco do Carmo esboçou as figuras acima. É preciso ainda observar que há casos de abdução nos quais o pesquisador lança mão de sucessivas sessões de hipnose, nas quais o objetivo é sempre conseguir informações mais acuradas sobre o momento do evento, sobre as interações entre os extraterrestres e humanos no interior da nave e, eventualmente, diagnosticar fraudes ou confusões no relato da testemunha.

Apresentado este esboço de como ocorre a pesquisa de campo na ufologia, passemos a algumas formulações dos ufólogos sobre o seu processo de trabalho. Este é o caso, por exemplo, da descrição que me ofereceu o ufólogo Rafael Amorim, presidente do Núcleo de Estudos Ufológicos de Santa Cruz do Sul:

Basicamente é assim que a gente trabalha: Houve um fato aqui na Linha Travessa.[...] A gente foi até o local. O pessoal tinha observado óvnis – uma família inteira – seguida da comunidade ali em volta. Quando a gente foi lá a gente viu o seguinte cenário: as pessoas apavoradas porque aquele fenômeno aconteceu duas vezes. Foi testemunhado por diversas pessoas diferentes. Havia pessoas armadas esperando que o fenômeno fosse acontecer novamente. O núcleo foi chamado e foi. Como a gente tem bastante gente de níveis diferentes dentro do grupo, a gente foi com um sociólogo, que é o Yuri Azeredo; com um biólogo, que é um colega nosso; nós levamos também um cinegrafista profissional; eu estava participando deste acompanhamento; e também uma senhora da linha filosófica para que ela fizesse esta análise. Fomos até o local, observamos o local, conversamos com as pessoas, recolhemos os testemunhos, gravamos e trouxemos todo este material todo para o núcleo e fizemos uma série de debates em cima do acontecimento para que a gente pudesse descobrir ou dar uma resposta para as pessoas que pudesse acalmar os ânimos lá. É assim que funciona o nosso trabalho. (Entrevista com Rafael Amorim)

Fábio Gomes, outro membro da Equipe UFO, defende que há uma analogia entre o modo como o ufólogo faz a pesquisa e o inquérito policial²⁴⁵, uma vez que assim como este, aquele se vale de um conjunto de relatos testemunhais.

É assim: o método policial – que eu chamo de jurídico policial – ele não é científico, mas ele usa a ciência. É como um exame de impressão digital, teste de DNA. Ele tem instrumentos científicos para chegar. Mas ele se baseia em relatos. O delegado só vai dar a opinião dele para o tribunal se ele... quando ele ouve todos os relatos. Quando ele tem acesso a todos os álbis. Ele vai criar um sistema de pensamento lógico. Pelo método científico nenhuma pessoa seria presa. Relato na ciência é evidência anedótica. (Entrevista com Fábio Gomes)

No trecho abaixo Fábio reitera a sua posição de que embora tal método não seja científico, ele se vale de instrumentações científicas. De modo geral, entretanto, o argumento balizado nas linhas abaixo sugere que: se no domínio da investigação policial são aceitas provas testemunhais, por que não considerar os relatos de avistamentos de óvnis e outras classes de evidências recolhidas em campo?

Então, ele não é científico, mas ele utiliza ferramentas científicas. Por exemplo, você não precisa de um corpo para provar que a pessoa matou alguém. Veja o caso do Goleiro Bruno. A Elisa Samúdio não foi encontrada, mas [ele] está preso. Né? Então este método de investigação você tem marca de pouso, você tem evidência de mato chamuscado, um eventual objeto que algum ser dê para pessoa, os chips lá do doutor Roger Leir. Tirou uma dúzia lá de chips. Algumas tinham uma frequência de rádio altíssima. Então, são formas que você tem de investigação policial que você podem criar instrumentação científica. [...] Você tem duas formas de aproximar a ufologia da ciência: este método de investigação policial pode ajudar a entender, a criar algumas evidências. E a instrumentação científica: você se basear em um ou mais métodos de investigação para criar um recorte, um problema e chegar a uma conclusão. (Entrevista com Fábio Gomes)

Assim como fez Fábio, outros ufólogos estabelecem a necessidade da adotarem uma metodologia capaz de guiar as investigações. Isto ocorre inclusive entre aqueles pesquisadores que são considerados praticantes das ufologias mística ou holística. Este é o caso, por exemplo,

²⁴⁵ Ademar Gevaerd descreveu de modo similar a pesquisa ufológica: “Apesar deste obstáculo, a Ufologia tem tido muito sucesso quando é praticada de forma “policialesca”, quando são empregadas técnicas investigativas semelhantes às usadas por peritos policiais – uma espécie de CSI ufológico. Marcas de pouso, presença de radiação, queimaduras em plantas e até em pessoas, mutilações em animais, depoimentos de testemunhas etc, são todos elementos que contribuem para o levantamento de evidências que constataam a materialidade do fenômeno UFO.”(<http://www.ufo.com.br/edicoes/ufo/ver/188/2> - Acessado em 17/02/2015)

da ufóloga Mônica Medeiros, que apesar de trabalhar com canalizações extraterrestres, comentou durante a nossa entrevista em São Paulo, que “[a] ufologia científica é importante desde que ela se baseie em evidências.” (Entrevista com Mônica Medeiros)

No que se refere ao ufólogo Paulo Aníbal, conhecido no meio ufológico por ser um pesquisador de campo, o mesmo ponto apareceu com ênfase não apenas durante a entrevista, mas também durante as palestras que pude assistir. Durante o nosso encontro, meu interlocutor comentou que o fato de ter cursado Biologia na universidade munuiu-lhe de meios para melhor coletar materiais no local onde ocorreu o evento, ou “local de crime”:

Rafael: Por que você chama de local de crime?

Paulo Aníbal: Primeira coisa que a gente fala: isolamento completo do local. Digamos que aconteceu algum evento. Pousou, supostamente, alguma coisa. Primeiramente vamos isolar o local. Não deve haver nenhum tipo de invasão ou pessoas adulterando o local, até que a gente possa fazer a perícia inicial: o levantamento de filmagem, a fotografia do local e a coleta de material quando necessário. A gente, às vezes, coleta material no local dos eventos e coleta material fora do local para comparação entre o que é normal e o que alterou no local. Então, primeira coisa: isolamento. Tem que se isolar o local do crime. Depois, aí sim, a gente faz as fotografias, a filmagem inicial, depois mede o local, passamos um aparelho chamado magnetômetro, pra ver se tem alguma alteração no campo eletromagnético. Passamos também o aparelho... quando a gente consegue ter, que às vezes depende de outros fatores: o contador Geiger, para questão de radiação. (Entrevista com Paulo Aníbal)

Depois desta descrição do trabalho feito em campo, perguntei a Paulo sobre os tipos de materiais que este coletava. Imediatamente, ele sacou da algibeira uma amostra de solo devidamente embalada em plástico, com a seguinte inscrição: “EVIDÊNCIA” (Fig. 11).



Figura 11 - Amostra de solo que entrou em contato com um óvni.

Diante daquele material fiz uma série de perguntas concernentes ao processo de envio de amostras para análise laboratorial.

Rafael: Você conseguiu fazer análise disso aqui?

Paulo: A análise que a gente fez foi com o geólogo. Ele validou que foi alta temperatura. Alguma coisa, não sei se é trem de pouso, não sei. Alguma coisa emitiu fogo – não sei o que posso dizer – que chamuscou de uma tal maneira que até vitrificou por baixo. Isto é alta temperatura. Uma fogueira não faz isto no solo. É o que o cara me explicou. Eu tentei no instituto de química e quando fala em disco voador. Eles disseram: “Não! Para inseto é uma coisa. Para isto é outra.”

Rafael: Eles não fazem, né?

Paulo: Não, porque eu preciso de pareceres oficiais. Se o cara diz que pode me falar em *off*, sem me dar qualquer papel, eu não preciso. Isto em *off* eu sei. Isto o cara me falou: “Isto está fora do normal. Para mim é um foguete.” Ele falou isto em *off*. “Tudo bem, você pode testar isto quimicamente?” “Não”.

R: Ele não pode por impedimentos institucionais...

P: Ele vai emitir um laudo, um parecer com o emblema da universidade, do instituto de química? Não vai fazer isto.

Por isto que eu acho complicado. Por isto que a ufologia precisa ser levada à academia, à Universidade. Porque se ela fosse uma ciência acadêmica isto seria feito. A questão do disco voador entra no ridículo. Apesar que eles gostam, eles admiram o nosso trabalho de coleta, mas não podem ter envolvimento oficial. E

extraoficial eu não preciso. Extraoficial eu já tenho aos montes. O que a gente precisa é de trabalho pericial como este aqui, mas que seja oficial. (Entrevista com Paulo Aníbal)

Para Paulo Aníbal, caso a ufologia fosse uma ciência acadêmica, os testes teriam sido realizados com a amostra, a “perícia” seria completa e o caso poderia ser dado como finalizado. Entretanto, na medida em que lhe faltam os equipamentos para avaliar as amostras e acumulam-se negativas dos laboratórios de instituições estatais para fornecer um laudo oficial sobre elas, o solo e a vegetação queimados continuam armazenados na sacola plástica. Permanecem ali rotulados sob a alcunha de evidências, assim como as fotos, os documentos e as folhas com transcrições de entrevistas que me mostrara em nosso encontro numa padaria de São Paulo.

Mesmo com a recusa em tirar as evidências do seu envoltório - de desfazer do seu ar de relíquia, de fracioná-la, de submetê-la aos testes de múltiplos aparelhos – aquela porção de solo e plantas, guardada em um plástico inscrito em grandes letras que o qualificam, aterrissa os óvnis na Terra. Torna os seus traços manipuláveis, e ainda, permite aos pesquisadores terem alguma proximidade com o fenômeno.

Em suma, os processos de pesquisa que eu procurei descrever nas linhas anteriores, não são outra coisa que a tentativa de tornar os óvnis identificáveis. Ou seja, de tirá-los de sua opacidade com vistas a converter a própria ufologia em um campo de interesse para os cientistas. É o que comenta o perito em imagens Toni Inajar no trecho publicado na Revista UFO:

Assim, se nos propomos a estudar os UFOs, devemos torná-lo identificável. Para afirmar que eles realmente existem, temos que apresentar provas cabíveis da tese que se quer defender – vestígios fósseis, fotografias, dados da regularidade do fenômeno, testemunhos, evidências físicas etc. Enfim, todos os fatos necessários para que o objeto de pesquisa possa ser reconhecido por outros pesquisadores. Infelizmente, na prática, o que se nota é que o trabalho dos ufólogos, apesar de seguir metodologia cientificamente válida, é sempre rechaçado a priori pelo meio acadêmico.” (Revista UFO, nº194, novembro de 2012)

Agroglifos: notas sobre um relatório de pesquisa

Como se viu, a ufologia faz uso de um método investigativo para conduzir as suas pesquisas de campo. Ela recolhe o máximo de informações disponíveis sobre um caso, o que só é possível a partir da filtragem dos discursos das testemunhas, da avaliação do maior número de materiais e sobretudo, do esforço para dissociar as causas identificáveis como humanas daquelas concernentes ao domínio do não-identificado. Em última análise, um evento ufológico só pode ser assim reconhecido se as últimas prevalecerem, isto é, se não for possível dizer com segurança que a luz avistada no céu era o sinalizador de um avião, que o borrão em uma fotografia era um problema na lente, ou que as marcas em uma plantação não correspondiam à ação dos "circlemakers".²⁴⁶

Ao acompanhar uma pesquisa ufológica, primeiramente são feitas tentativas de verificar se um evento não-identificável seria produto da ação de humanos – ou de objetos manufaturados por eles –, e, em seguida, trata-se de estabelecer quais elementos ali presentes poderiam identificar o evento como originário de uma inteligência extraterrestre.

Nas linha seguintes, me debruçarei sobre um relatório de pesquisa ufológica produzido por ocasião do aparecimento de um *agroglifo* – ou *Crop Circles* –, na cidade de Ipuacu, no interior do estado de Santa Catarina. Os agroglifos são desenhos em grandes dimensões – normalmente percebidos em sua integralidade por visualização aérea –, produzidos em plantações de cereais, formados a partir do contraste visual entre as dobras feitas nas plantas e a vegetação deixada intacta. Há grande diversidade de formas que compreendem desde espirais, círculos concêntricos, formas fractais, até imagens de humanoides. Há variação também em suas dimensões, pois existem *agroglifos* mais simples e menores e outros com grande complexidade

²⁴⁶Termo usado na ufologia para designar as pessoas que produzem os agroglifos nas plantações, de modo a confundir os ufólogos e a população sobre a sua origem extraterrestre.

(medida com base na extensão do terreno ocupado pelas figuras e pelas interações diversas entre desenhos diferentes). Colin Andrews, que pesquisa o fenômeno desde 1983 definiu assim os *agroglifos*:

Crop circles are circular shapes usually found in cereal crops in which the vegetation is bent over at right angles and spiraled into a often complex pattern. Authentic crop circles show no damage to the plants, unlike hoaxed circles in which the stalks are broken and crushed. In authentic crop circles, the plants are gently bent over, yet continue to grow. The plants in fake circles are often killed by circlemakers.” (Andrews,2003:37)

Aquilo que distingue os *agroglifos* de semelhantes intervenções humanas nas plantações é a maneira como os desenhos são feitos. Enquanto os *circlemakers* humanos não conseguem produzir os desenhos sem que a vegetação seja quebrada, os *outros* (supostamente produzidos por outras agências), são capazes de dobrá-las de tal maneira que as plantas continuam a crescer mesmo após o evento. Vale notar outras características tomadas como distintivas dos *agroglifos* produzidos por não-humanos: o seu aparecimento é súbito (sendo raro o avistamento das luzes a eles associadas); alterações magnéticas incomuns percebidas em bússolas são verificadas no interior dos *agroglifos*, além de alterações nos sinais de equipamentos celulares.²⁴⁷ Uma última característica das figuras produzidas por não-humanos é a sua recorrência em determinados locais.²⁴⁸

Andrews (2003) observa que os *agroglifos* embora tenham ganhado notoriedade nos anos 80 e 90 ocorrem na Inglaterra desde o século XVII. No Brasil, o primeiro caso registrado de *agroglifo* ocorreu em 2008, na cidade de Ipuçu-SC. Desde então os ufólogos têm estado presentes nas plantações de ocorrência para fazerem registros fotográficos, medições das figuras e das alterações em equipamentos eletrônicos. Após terem sido avisados os ufólogos se dirigiram

²⁴⁷ No que concerne aos últimos, não é raro que nas regiões fora dos círculos não haja a recepção de sinais de celular. Entretanto, sempre que se adentra os seus limites, as barras indicadoras de sinal aparecem, sendo então possível realizar chamadas.

²⁴⁸ Na Inglaterra, por exemplo, há áreas de concentração dos desenhos nas quais os mesmos se repetem há anos.

a esses locais e, a partir de então, produziram relatórios, palestras e matérias divulgadas na mídia impressa especializada. Isso só não ocorreu em duas ocasiões em que a proprietária do terreno impediu a entrada dos pesquisadores na propriedade e quando foram avisados tardiamente e não puderam encontrar vestígios e nem condições para pesquisar a figura^{249 250}

Um exemplo deste tipo de investigação resultou no “Relatório de Sinais em Áreas de Agricultura, ou Agroglifos” e circulou nos meio ufológicos no mês de novembro de 2013. O autor, o perito criminal do Instituto de Criminalística do Paraná e analista de imagens da Revista UFO, Toni Inajar Kurowski, fora convocado por Ademar Gevaerd em 02 de novembro do mesmo ano para ir até Ipuauçu realizar a pesquisa técnica sobre o referido evento.²⁵¹

O teor do relatório se assemelha a um laudo. Assim como no documento produzido sobre o caso Papuda (analisado no Capítulo 3) o uso de expressões técnicas e de linguagem pericial contribuem para que assim o percebamos. O texto se inicia com um breve histórico dos fatos, que compreende uma explicação sobre como chegaram até o local. Passa então à uma caracterização geral: apresenta-se a posição geográfica da cidade, seus dados demográficos e econômicos. Recorre-se, inclusive, ao software Google Earth para a marcação do local exato das ocorrências dos *agroglifos*. Passa-se então à análise das duas figuras: o *agroglifo* oeste e o *agroglifo* sudoeste. Elas diferem em relação às suas dimensões e aos desenhos inscritos, mas o processo de medição aplicado e as considerações sobre elas são similares. Sigamos passo-a-

²⁴⁹ <http://www.ufo.com.br/artigos/os-agroglifos-estao-de-volta> (Acessado em 17/02/2015)

²⁵⁰ Na última ocorrência, os pesquisadores da Revista UFO passaram a implementar a investigação de agroglifos com o uso de um *drone* comandado por controle remoto, o que tornou apenas suplementar o uso de helicópteros para produzir imagens aéreas.

²⁵¹ Não pude acompanhar em campo nem esta, nem qualquer outra pesquisa *in loco* de *agroglifos*. No caso daquele ocorrido em 2013, eu estava fora do país, por ocasião do programa de Doutorado Sanduíche. Nos demais, não pude me deslocar para os locais de ocorrência, em virtude do curto período de tempo compreendido entre o aviso dos moradores da cidade sobre a ocorrência do agroglifo e o deslocamento dos ufólogos para a área. Vale notar que as viagens à campo feitas pelos ufólogos normalmente são curtas e, de modo recorrente, os *agroglifos* são destruídos por aqueles que desejam testemunhá-los de perto, ou pelos donos das propriedades.

passo a análise de Toni Inajar sobre a primeira figura: apresenta as coordenadas geográficas; descreve a sua forma (uma espiral circular, anexa a uma formação tipo ampulheta); mede o número de voltas da espiral; mede o seu “diâmetro”; estima a orientação da figura em relação ao norte geográfico; mede as faixas de trigo dobrado (85 cm) e trigo intacto (1,20 cm); verifica que há regularidade nas medições ao longo das treze voltas da espiral; passa a realizar o mesmo procedimento com a figura anexa, em que verifica que o dobramento das hastes de trigo se fez com regularidade.

As hastes deitadas não apresentam nenhuma fratura ou mesmo dobradura, aparentando terem sido recurvadas até a posição atual, ficando o conjunto das hastes com um aspecto “penteado” e harmônico, com todas as hastes quase que paralelas. (Relatório de Sinais em Áreas de Agricultura, ou Agroglifos, 2013:3)

Em seguida, compara as linhas produzidas pelo dobramento das hastes de trigo, com aquelas produzidas por ocasião da movimentação de tratores, nas quais “[...] as linhas de borda são mais irregulares e não apresentam aspecto angular, mas sim formam uma curvatura das hastes para ambos os lados, ficando o perfil destas linhas em formato de “U”. (Relatório de Sinais em Áreas de Agricultura, ou Agroglifos, 2012:3) Do mesmo modo Toni Inajar distingue as linhas formadas nos *agroglifos* daquelas produzidas pelo vento. Assim como ocorre com os rastros deixados pelo trator, as modificações na plantação produzidas pelo vento criam linhas com menor regularidade. O mesmo foi observado em relação às trilhas abertas pelas pessoas que foram até o local para ver o *agroglifo*:

Constatou-se, finalmente, que as marcas produzidas pela passagem de muitas pessoas, as quais foram até o local por curiosidade, são muito mais irregulares ainda que as marcas de rodado, as linhas de borda são mais irregulares, também não apresentando nenhum aspecto angular, mas sim formando uma curvatura das hastes para ambos os lados, ficando o perfil destas linhas em forma de “U” irregular. As hastes junto ao solo estão quebradas e algumas fraturadas, todas entrelaçadas, também diferindo totalmente do aspecto das faixas do *agroglifo*. (Relatório de Sinais em Áreas de Agricultura, ou Agroglifos, 2013:4)

O relatório parece caminhar na direção da tentativa de estabelecer distinções entre as marcas dos *agroglifos* e aquelas produzidas pelo vento, pelos tratores e pelas pessoas. De modo

geral, aqueles elementos que os caracterizam como o produto de alguma forma de inteligência extraterrestre são a precisão das dobraduras do trigo, o pequeno espaço de tempo em que foram feitos – descoberto a partir do relato de moradores próximos aos campos – e as alterações captadas pelos equipamentos que portavam: a bússola apresentou funcionamento irregular e houve aumento do eletromagnetismo no interior das figuras. Levadas todas em conta, estas considerações permitiram ao perito concluir que:

Os desenhos são geométricos, simétricos e harmônicos, denotando serem ambos um feito inteligente. Não é possível que um fenômeno inteligente tenha origem em uma causa que não o seja! Portanto, conclui-se que a causa do fenômeno é inteligente também. Isto posto, verificando que os agroglifos oeste e sudoeste examinados apresentam todas as características constantes nos agroglifos autênticos estudados cientificamente em todo o planeta, nos fazendo concluir pela sua AUTENTICIDADE. (Relatório de Sinais em Áreas de Agricultura, ou Agroglifos, 2013:7)

Note-se que o parecer final emitido pelo perito, embora afirme que as marcas no trigo são “um feito inteligente”, não nos conduz à alegação de que fossem obras de extraterrestres. Entretanto, todas as possíveis participações de humanos ou de seus aparatos foram descartadas em função da alta precisão das linhas dos desenhos e do curto período de tempo em que foram feitos. O que se depreende disto é que os humanos seriam incapazes de confeccioná-los em tão pouco tempo.

O relatório constitui um esforço em desassociar a ocorrência daquilo que poderia ser identificável como produto da ação humana, para então torná-lo identificável a partir de outro agente causador. Note-se que o mesmo acontecera com as marcas de solo que me foram apresentadas durante a conversa com Paulo Aníbal, quando este comentou que: “Uma fogueira não faz isto no solo”. O que o relatório produzido por Toni Inajar faz, é algo homólogo àquilo que Aníbal conseguira não oficialmente: estabelecer que as figuras, embora se mostrem “feitos inteligentes”, não seriam produtos humanos.

Vigilias

As modalidades de pesquisas já discutidas, de modo geral, dependem de informações de terceiros. Nestas situações, antes mesmo que o ufólogo vá a campo é necessário que este receba a notícia sobre a ocorrência de um determinado evento, o que então motivará o seu deslocamento. Contudo, há outra modalidade de pesquisa ufológica que vigora entre os pesquisadores: a vigília. Esta se caracteriza pela programação de uma expedição de pesquisa, com local e data predefinidos com o intuito de tentar observar Objetos Voadores Não Identificados. A escolha do local, via de regra, é feita de acordo com os relatos de avistamento registrados nas redondezas. Desta forma, estima-se que se houve incidência de óvnis naquela região no passado, há melhor probabilidade de que eles apareçam durante um evento de investigação. Ainda no que concerne à escolha do local para a montagem dos equipamentos – e, eventualmente, do acampamento –, normalmente são escolhidos locais com pouca ou nenhuma fonte de iluminação artificial a fim de evitar que faróis de carros, postes ou mesmo luzes residenciais sejam confundidas com os óvnis. Donde se conclui que há certa preferência por paisagens rurais, com baixa densidade demográfica e preferencialmente mantendo certa distância de estradas e rodovias.

Paulo Aníbal e Marco Leal, no livro *Caçadores de Óvnis no litoral sul, região de Sorocaba e Sul de MG* (Aníbal & Leal, 2011) descrevem do seguinte modo a vigília:

A vigília ufológica nada mais é que ficar num local observando o céu, onde pode ser realizada individualmente ou em pequenos grupos. Devemos escolher um local que ofereça boas condições de visibilidade do céu e que já tenha relatos de avistamentos de Ufos, pois, estatisticamente, aumenta a chance de observarmos. Normalmente a vigília deve ocorrer à noite[...] (Aníbal & Leal, 2011:52)

Rafael Amorim, que também atua como pesquisador de campo, descreveu as vigílias do seguinte modo:

[...] a vigília ufológica propriamente dita acontece em um local onde houve um caso e a gente monta uma campana ou uma vigília propriamente dita para observar o ambiente natural onde aconteceu o fenômeno, para fazer observações

astronômicas e etc. Basicamente é feito para isto. Então a gente se propõe todo ano ir à campo. De uma certa forma não só para fazer a vigília em um local onde a gente sabe que aconteceu alguma coisa, como também para treinar a observação dos astros. É um processo que está dentro da nossa pesquisa. (Entrevista com Rafael Amorim)

De modo geral, durante uma vigília os pesquisadores se põem a observar o céu, à espera de que algum óvni apareça na escuridão e permita ser visualizado e fotografado. Em alguns casos, nos relatos sobre estas expedições, pode haver aquilo que entendem como uma interação entre a “coisa” vista no céu e os pesquisadores. Quando isto ocorre, geralmente, relata-se a execução de movimentos não aleatórios dos óvnis em resposta aos feixes de luz intermitentes de uma lanterna.

Assim como em relação aos agrolifos, vale notar que, durante uma vigília ufológica, a principal preocupação do acampamento é criar meios para não confundir artefatos voadores ou luzes artificiais humanas com Óvnis. Em última análise, corre-se sempre o risco de tomar o já identificado pelo não identificável, o que comprometeria sobremaneira o resultado do trabalho.

*

Durante minha pesquisa de campo, participei de duas vigílias ufológicas. Ambas ocorreram na cidade Peruíbe-SP e foram organizadas como eventos anexos aos congressos. Não se tratavam, portanto, da iniciativa de um grupo ufológico específico em atividade regular de pesquisa. Nos casos em questão, ao contrário, exigia-se dos participantes do congresso interessados na vigília que se inscrevessem com antecedência para, no momento previsto, serem conduzidos até o local contendo alto índice de ocorrências ufológicas.

Na primeira ocasião, que se passou na noite do dia 16 de abril de 2011, muitos ufólogos argumentavam que, em função das condições meteorológicas desfavoráveis, seria impossível avistar qualquer coisa. Depois de chegar ao local onde teria início a atividade, as reclamações dos participantes aumentaram, pois não foi possível ver outros movimentos de luzes, além dos

potentes aparelhos de laser que alguns dos ufólogos apontavam para o céu. Atribuiu-se, naquela ocasião, dois motivos para o fracasso da empreitada: a já mencionada condição meteorológica desfavorável; e o grande número de pessoas que estavam presentes. Outras pessoas se queixavam dizendo que a vigília havia sido mal organizada e que muitos dos pesquisadores ali presentes tinham comparecido para confraternizar com gentes bem humanas, algo muito diferente do esperado contato extraterrestre.

No ano seguinte, reproduziram-se as discussões concernentes à qualidade da organização do evento, contudo isto não impediu que a vigília acontecesse. Assim como na primeira ocasião, os participantes do congresso interessados em participar da vigília se deslocaram para o local previamente combinado. Tratava-se de uma praia, com extensa faixa de areia, onde se encontravam pequenos grupos munidos de lanternas e equipamentos emissores de laser. Depois de uma longa caminhada cheguei até o agrupamento de pesquisadores. Eu estava em companhia de dois ufólogos que recém conhecera durante o congresso. Ao aproximar-me do grupo, chamou-me a atenção o fato de alguns portarem chapéus de campanha. Os ufólogos se punham a compartilhar suas experiências pregressas. A cada pergunta recorrente “Você já viu alguma coisa?” uma resposta negativa gerava, outra vez, certa decepção.

Mais tarde naquela noite, conversei com Gustavo Cía, um psicólogo interessado no tema da abdução que havia apresentado um trabalho naquela manhã, sobre a natureza dos avistamentos ufológicos. Ele, muito mais experiente na matéria do que eu, explicava-me a diferença entre o movimento dos Satélites Iridium e o das *Luces malas*. Enquanto as últimas movem-se de forma aleatória, os satélites são vistos em movimento retilíneos e aparentam piscar. A conversa foi logo interrompida por um grupo de pessoas próximas. Um senhor, que se dizia médico, tomou a palavra e elogiou o trabalho de Gustavo, a quem lhe reputou a competência

para realizar um estudo científico do fenômeno UFO. Depois, voltei à companhia do pequeno grupo que formava a nossa comitiva. A ele havia se juntado outras três pessoas. Conversávamos sobre temas variados, quando uma senhora apontou para o mar e disse: “Vocês viram aquilo?”. Alguém, entre nós, confirmou: “Eu vi sim! Era alguma coisa piscando”. Intrigado, eu disse: “Eu não consegui ver...”. Seguiu-se tentativas de explicar do que teria sido avistado e uma aproximação maior do mar. Depois de algum tempo consegui ver uma série de luzes na água, que se apresentavam como um pontilhado rápido. Chamei a João Batista, quem havia se aproximado da água juntamente com o grupo. Novamente vimos as mesmas luzes e desta vez percebia-se que tinham cores diferentes. Uma sensação de euforia nos contagiou por alguns instantes, até que uma das pessoas que portavam um potente laser denunciou a sua atividade. Dirigiu o feixe para a água, o que nos fez notar que as luzes que vimos pareciam ser fruto da refração da luminosidade do aparelho no líquido. O efeito estranho originou-se por tal movimentação acontecer rapidamente e a uma distância que tornava impossível distinguir os movimentos do braço do operador. Não foram feitas fotografias e a euforia desapareceu rapidamente.

*

As vigílias nas quais tomei parte, como já observei, distinguem-se dos modelos ideais propostos pelos ufólogos citados nas linhas anteriores. O grande de número de pessoas, o barulho e as condições meteorológicas, foram atribuídos como fatores de insucesso nas observações. Ainda assim a vigília fora produtiva. O encontro com Gustavo Cía e a sua explanação sobre como distinguir máquinas humanas das luzes extraterrestres, e o avistamento do feixe de laser na água, pelo menos dão-nos mostras de que tipo de operações são realizadas durante esta modalidade de pesquisa. Tanto o primeiro caso, quando o último incidente aproximam as vigílias

das observações astronômicas amadoras, quando algum conhecimento técnico tem de ser mobilizado para operar distinções entre os corpos estelares e planetas. O procedimento das vigílias também se aproxima da pesquisa com os agrolifos: em última análise o que se tenta fazer, uma vez avistado o objeto no céu, é ser capaz de distingui-lo de aparatos humanos, de promover uma dissociação, para que então, este possa se tornar um objeto extraterrestre. Dos avistamentos em vigílias diz-se que não podem ser a equivalência de uma experiência religiosa, de um êxtase, de momento de irracionalidade momentâneo, quando a vista se embaralha e o suor escorre pelas têmporas, confundindo o observador. Não se trata de um tipo de patologia, engano, inverdade, ou coisa que se possa comunicar. Ao avistamento cumpre apenas adicionar uma definição negativa, ou seja, nós o conhecemos por aquilo que ele não é.

A pesquisa a partir das imagens ufológicas

Um dos "locais" eleitos por Daniel Pícaro (2007) para pensar aquilo que o autor chama de "construção do conhecimento" na ufologia constitui a descrição do processo de análise de imagens de potenciais objetos extraterrestres. Para tanto, o autor escolheu uma das muitas matérias da Revista UFO e dela fez uma descrição detalhada, apresentando cada um dos passos usados pelos ufólogos para distinguir uma imagem de interesse de outra sem importância. Nesta análise, em especial, o emprego de conceitos da física e, em particular, da ótica prevalecem. O seu interesse na descrição deste processo consiste na tentativa de demonstração do modo segundo o qual a ufologia busca legitimar-se em relação à "Ciência", fazendo uso de meios técnicos para análise do material que lhe é próprio.

Como dito anteriormente, aliás, minha intenção aqui não é outra senão a observação da maneira pela qual a Ufologia elabora um arcabouço teórico-metodológico, cujo propósito vai além da apreensão e análise de seu objeto de estudo, caracterizando-se mesmo como uma espécie de mecanismo legitimador, em função do qual mostra às Ciências Formais o quão científica ela mesma é. (Pícaro, 2007:57)

Ainda no que concerne à abordagem do autor, merece ser ressaltando que o caso de análise de imagens trazido à baila pelo trabalho de Pícaro chama a atenção para um elemento significativo nos comentários dos ufólogos sobre a credibilidade das fotografias de óvnis. Pícaro observa que a validação das mesmas não passa simplesmente por uma avaliação técnica, mas depende, em grande medida, do crédito concedido à testemunha ocular do evento.

[...] a pesquisa indicava que uma pessoa de alta credibilidade e pouco ou nenhum interesse pelo fenômeno UFO obteve uma única e nítida foto de um objeto voador não identificado em formato de disco, cuja origem ou natureza, permanecem, ainda hoje desconhecidos. (Pícaro, 2007: 58)

Tratava-se então de uma testemunha confiável e isto possibilitou que se tomasse as fotografias como originais, isto é, livres de alterações nos negativos ou de fraudes de qualquer gênero. A especificidade do comentário do autor reside então no apontamento de que a análise de fotografias em ufologia depende não só da acuidade no trato do material no qual fora registrado o óvni, mas também de uma composição com outros elementos, como é a “credibilidade” da testemunha.

Estimo, entretanto, que é preciso ir além da anotação de que a análise de uma imagem ufológica se faz por meio de uma composição. Importa aqui também seguir o modo como os ufólogos mensuram estes outros objetos (identificados), que podem ser confundidos com os óvnis.

Em relação ao processo de pesquisa de imagens, regularmente os ufólogos apresentam palestras nas quais explicam os seus procedimentos. Nestas falas prevalecem a explanação das técnicas que os orientam no sentido de serem capazes de diferenciar artefatos humanos dos outros objetos ou fenômenos passíveis de serem confundidos com os óvnis. A lista é vasta e compreende, por exemplo: satélites, planetas, luzes de laser, aviões e sondas espaciais. Estes elementos apareceram na palestra proferida em 2011 por Ricardo Varella, pesquisador do

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e analista de imagens da Revista UFO. Varella contou-nos que, em seu trabalho junto à Equipe UFO, recebe rotineiramente fotos e vídeos nos quais figuram objetos que os remetentes alegam ser discos voadores. Entretanto, a maioria das imagens que recebe são “erros de interpretação”, que normalmente resultam de problemas nos aparelhos usados para fazer as imagens ou das condições nas quais elas são feitas.

Varella apontou os seguintes elementos como sendo as fontes mais comuns de erros de interpretação: sujeira no vidro da lente; janelas que refletem uma luminária ou fonte potencial de luz; umidade na lente; interação entre a luz do flash e as micropartículas de água; aberrações ópticas; defeito nas lentes e contornos provenientes do seu reflexo interno; problemas com a difração da luz; problemas com as máquinas digitais mais antigas (“quando a luz é muito intensa, o pixel afetado desliga para não queimar e causa uma bola de cor preta – negação dos pixels”); ademais, há os rastros de jatos que frequentemente são confundidos com naves em formas de charuto.

A palestra do pesquisador Ricardo Varella proferida no congresso de Peruíbe coincide com as descrições sobre erros frequentes na interpretação de fotografias de avistamentos ufológicos na fala proferida por Toni Inajar, em evento ocorrido em 2012. Em sua palestra, Toni Inajar foi além da apresentação de Varella, na medida em que buscou apresentar ao público a própria estrutura interna de uma câmera. Eivada de exemplos, o autor reconhece nas várias partes da câmera fontes de “erros, falhas e enganos.” Entre eles, aberrações cromáticas, turbulências atmosféricas, efeito coma, astigmatismo da lente, problemas advindos de distorções e curvaturas do campo. Além deles, o efeito *orbe* também é analisado, coincidindo com os comentários de Varella sobre a presença de micropartículas próximas ao flash da máquina.

De acordo com Inajar as fotos tiradas no interior de carros são uma fonte potencial de enganos: “Esta história de ‘na hora não vi’, raramente é alguma coisa”. Inajar também constatou a presença de um tipo de fenômeno denominado pareidolia, isto é, um tipo de percepção de rostos humanos em imagens comuns. Os satélites e os restos de sondas ou estações espaciais podem ser refletidos em superfícies na Terra confundindo ainda mais os observadores.

No que concerne ao tema de se reconhecer a conduta própria de um satélite, Inajar aponta que este possui um movimento retilíneo uniforme, o que permite reconhecer a sua natureza. Além disso, para verificar se uma imagem coincide com um objeto voador não identificado ou não, o ufólogo indica um site no qual se pode verificar o posicionamento de satélites de grupos de telefonia no momento da observação.

Meteoros, meteoritos e cometas somam-se às fontes de erros e confusões assinaladas pelos palestrantes, assim como os relâmpagos globulares. Associam-se a eles as camadas de inversão térmica, os parélios, o fogo-fátuo – gás metano associado à emissão de fósforo –, além de armas secretas, como são os aviões X-47 Pegasus, e os drones, aeronaves não tripuladas. Seu relato conecta a câmera, os eventos atmosféricos, os aviões triangulares movidos a energia atômica TR-3B, os Dysseus e os dirigíveis russos com formatos estranhos. Outros objetos também são mencionados como os balões solares, aeromodelos com LEDs, sinalizadores e fogos pirotécnicos. Todos eles são exemplos daquilo que os óvnis não são, não podem ser, uma vez que dizem respeito a erros de interpretação nos quais as interferências se insinuam.

No início de 2013, marquei um encontro com Toni Inajar em Curitiba. Nos reunimos no plantão do Instituto de Criminalística do Estado do Paraná. Inajar, além de ufólogo é perito criminal, profissão que o qualificou para entrar para Equipe de imagens da Revista UFO. Na entrevista, comentou que faz análises de imagens ufológicas desde 2006, quando começou a

participar dos fóruns de discussão online da Revista. Posteriormente, quando foi formado um grupo de pesquisa e análise de imagens dele tomou parte passando a capitaneá-lo em sucessão ao ufólogo Paulo Poián. Segundo ele, embora seja um perito policial, para tomar parte da equipe de análise de imagens basta conhecer “um pouco de fotografia” e dos “*softwares* de edição de imagens”. Solicitei, então, que me mostrasse de que forma ele procede diante de uma imagem cujo remetente afirma ter registrado um evento ufológico ou está incerto sobre algum elemento da foto ou vídeo. Toni então sacou uma pendrive da pasta, conectou-o ao computador e nele abriu duas apresentações de slides relativas ao tema. Em uma delas, ao apresentar os exemplos de “erros de interpretação”, meu interlocutor comentava a posterior insatisfação dos fotógrafos depois que o parecer negativo acerca dos óvnis era emitido. A segunda apresentação de slides tratava dos casos que Inajar percebia como fotos verídicas de óvnis. Naquelas imagens não se distinguia mais o efeito da confusão dos pássaros, insetos na lente ou efeitos da luz ambiente. As fotos eram provenientes da Operação Prato e do incidente ocorrido na “Ilha de Trindade”, casos entendidos pelos ufólogos como legítimos. Imagens com diversos tratamentos feitos pelo *photoshop* se acumulavam. Aumentava-se a saturação, mudava-se a cor, o brilho e o contraste, com vistas a conseguir distinguir os contornos do não-identificado. Uma vez descartados os “erros de interpretação”, o que interessava ao ufólogo era o contorno visível de algo físico que se poderia mensurar assim que a imagem fosse submetida a um processo de equalização no *software*. Aquelas fotos eram reproduções digitais das originais que, meses antes, me foram apresentadas por outro ufólogo que chamou a minha atenção para as inscrições em lápis em seus versos, onde os militares fizeram marcações sobre o horário e o local onde as fotos foram feitas. As fotos, alegava, eram produtos de vazamentos das informações da aeronáutica, que agora permanecem em domínio público.

No que tange à explanação que Toni Inajar me forneceu durante a entrevista, remeto-me em particular a duas imagens. Na primeira (figura 12), só se reconhece uma luz em fundo preto. Já na segunda (figura 13), Toni fez uso do *software* para submetê-la a um processo de equalização. O último revela os contornos do que antes era apenas uma luz e transforma a área luminosa em uma espécie de estrutura que lembra a de uma célula. Na figura 13 o óvni é então reconhecível. Os seus contornos foram tornados visíveis pelo programa de computador e a imagem revela um artefato que meu interlocutor intui que seja extraterrestre. Para que aquilo que foi fotografado ganhasse este estatuto, para que passasse de uma luz passível de questionamento, a um artefato com possível origem extraterrestre, Toni teve de transformá-lo em uma coisa. Entretanto, como se pode observar na figura, a imagem equalizada revela um vazio, isto é, nela distinguimos apenas os contornos de algo como uma fina membrana.

Neste ponto, aproximo-me da discussão entabulada por Heidegger no texto “A coisa” (Heidegger, 1997). Em particular, parecem ser valiosos os comentários que conectam “a coisa” à “proximidade”, tomando-a como uma boa imagem para pensar. Assim, a “coisa” pode produzir a proximidade:

A coisa não está na proximidade, como se esta fosse um continente. Proximidade só se dá e acontece na aproximação cumprida pela coisificação da coisa. (Heidegger, 1997: 155)

O exemplo do qual Heidegger se vale é o de uma jarra, que figura como coisa e receptáculo. Segundo Heidegger “[...]o vazio, o nada da jarra, é que faz a jarra ser um receptáculo, que recebe.”(Heidegger,1997:147) A jarra, entretanto, enquanto coisa não se finda na representação que faz dela um objeto. Enquanto coisa, dotada de um vazio que lhe faz receptáculo, a jarra de Heidegger “produz”, na medida em que opera uma doação: “O vazar da jarra é doar. É no doar da vaza que vige e vigora o recipiente do receptáculo.” (Heidegger,1997:149) Depreende-se daqui que é o “vazio”, o que produz a proximidade.

De modo correlato, o vazio na figura tratada por Inajar se revela enquanto aquilo que Eduardo Kohn chamou de “*constitutive absence*” (Kohn,2013), ou, em registro diverso, um “parcialmente visível” que produz as disposições de relações que vigoram entre ufólogos.

De certo modo, permaneço numa posição já contida nos capítulos anteriores, quando observei que é “no não ver”, ou ainda, “no não ver completamente”, que reside o potencial criador dos óvnis.



Figura 12-Foto de Óvni - Operação Prato²⁵²

²⁵² Créditos: Toni Inajar Kurowski

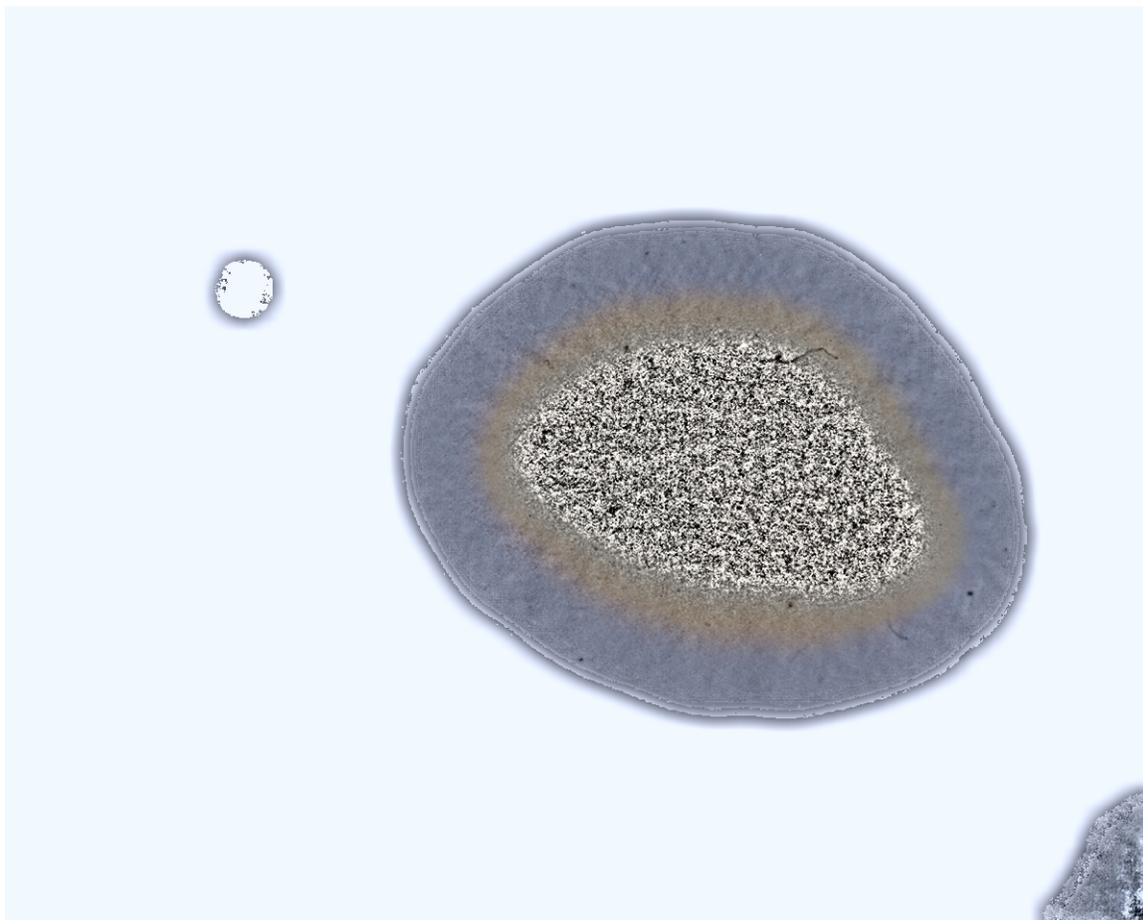


Figura 13 - Foto de Óvni - Operação Prato (Depois do tratamento da imagem)²⁵³

²⁵³ Créditos: Toni Inajar Kurowski.

Mariposas, ontologias alienígenas e seus quefazeres terrestres

Uma vez descrito o procedimento de recebimento de imagens relativas aos óvnis, debruço-me agora sobre um caso de contenda dentro da Equipe UFO, concernente à questão de saber se um registro de imagem em uma câmera de segurança no interior do Rio de Janeiro consistia na gravação do pouso de uma nave extraterrestre ou se tratava da imagem de uma mariposa. O debate em torno deste evento articula discussões sobre os processos levados a cabo para a identificação de imagens pelos ufólogos, suas definições pragmáticas daquilo que contaria como uma evidência e, sobretudo, seus modos de operação em campo. Além de figurar como uma contribuição à antropologia das “ditas” paraciências, o presente tópico também consiste em um esforço no sentido de recuperar o tema da seção anterior, a saber: como a parcial visibilidade dos óvnis pode engendrar socialidades ufológicas.

*

Como ocorria diariamente, no dia 28 de julho de 2012 recebi um conjunto de mensagens enviadas por ufólogos à lista da Revista UFO. O conteúdo era diverso e, como de costume, tomei nota daqueles que percebi como importantes e ignorei outros. De modo geral, eu me interessava pelas mensagens que suscitavam respostas. Entre estas havia um e-mail que eu só valorizaria mais tarde. A missiva continha um link para um vídeo que dava conta de um caso no interior do Rio de Janeiro. Tratava-se de uma reportagem de um programa de TV da Rede Record, na qual se “investigava” o fato de um senhor ter acordado durante a noite com os latidos dos cachorros, ter visto uma claridade e, em seguida, ter ido dormir. Mais tarde, ao conferir os registros de sua câmera de segurança, notou que esta capturara algo, que se supunha ser uma nave. Para cobrir a reportagem *in loco*, além exibir o vídeo gravado na noite do incidente a emissora convocou um ufólogo carioca para tecer comentários sobre o caso. Em tom sensacionalista, o repórter

perguntou: “Orlando, era uma nave espacial aqui? Eram Ets?” Ao que o ufólogo atendeu com pronta resposta: “Mais uma vez, com certeza. Eu já estou ativando a minha equipe do centro de pesquisas exobiológicas no Rio de Janeiro. Nós vamos montar aqui um posto avançado de pesquisa e ver se este fenômeno volta a retornar aqui.”

Como disse, só consultei este vídeo posteriormente, isto é, antes da irrupção da contenda nem eu, nem os demais assinantes da lista não lhe dispensamos maior atenção. Nós só o faríamos no ano seguinte, em nova edição do mesmo programa, que desta vez contava com outros convidados. Nessa edição, exibiu-se o vídeo da filmagem mais uma vez. Tratava-se de um “objeto” filmado por uma câmera de segurança no interior do Rio de Janeiro. A mesma capturou um “círculo” sólido ao redor do qual se dispunha uma auréola, sombreada. O apresentador do programa alegava ser um UFO e o mesmo fazia o dono da chácara onde a filmagem teria sido feita. Ambos tinham, entretanto, apenas a gravação como apoio aos seus comentários, além do latir dos cachorros – assustados - naquela noite. Neste dia, fariam no programa o ufólogo Paulo Aníbal – já citado nas linhas acima como um investigador de campo – e um perito de imagens, não-ufólogo, “leigo”.

Aníbal foi o primeiro a falar e logo recusou a tese de uma montagem digital. Isto, contudo, não foi motivo para que declarasse a imagem como uma fraude ou como uma evidência de captura de uma nave extraterrestre. De outro modo, o ufólogo parecia aventar múltiplas possibilidades. Abaixo cito um trecho das transcrições de sua fala durante o programa:

Olha, uma das frentes de investigação que estou trabalhando é que esta imagem pode ser um óvni de pequenas proporções. Porém, afirmar que é extraterrestre, qual é a origem dele, eu já estou sendo leviano. Não podemos afirmar nada disso. Porque a princípio eu trabalhei com a hipótese de uma falha no LED da câmera. O que é isto? Todas estas câmeras de vigilância têm LEDs que enviam infravermelho.[...]

A segunda frente de investigação, que é importante também, é que há a possibilidade de alguém ter feito isto. Mecanicamente, usando um objeto luminoso próximo na lateral esquerda desta câmera. (Transcrição do comentário de Paulo Aníbal)

Seriam, portanto, três as possibilidades. Ou o “objeto” capturado se tratava de um óvni, ou a sua imagem resultava da falha no LED da câmera ou fora produzido intencionalmente por um ser humano. Aníbal recusou-se a prosseguir com um veredito e limitou-se ali a levantar hipóteses. Posteriormente, veremos que a ausência de um comentário mais resolutivo e definitivo sobre o caso figurará como um dos motivos da contenda.



Figura 14 - Paulo Aníbal em Programa da Rede Record

O programa seguiu e o apresentador convidou o perito Maurício de Cunto para tecer comentários sobre a imagem. Este, de modo diferente do ufólogo, concentrou os sua atenção na qualidade da filmagem. Desta forma, notou que o arquivo que lhe fora enviado resultava da filmagem de um “monitor”. Por si, isto criava certo efeito, que dificultava a análise. Apesar disso, prosseguiu. Maurício argumentou que provavelmente a imagem do UFO resultava de algo que se movia muito próximo à câmera. Na análise dos quadros, reconheceu os movimentos de

um inseto, de uma folha ou pedaço de papel que, provavelmente, achara lugar próximo da lente e terminou sendo *confundido* com um óvni.

Eu acabo identificando com uma certa facilidade que se trata de um objeto que se fixou à lente da câmera iluminada pelos LEDs. Isto pode ser tanto folha, um pedaço de papel. Pode ser um inseto que ficou travado ali. Um objeto qualquer, seja ele animado ou não. E este halo à direita que se forma muito provavelmente é um reflexo. Pode ser uma micro gota d'água que, com a reflexão da luz infravermelha tem esse brilho. E ainda existe um reflexo que ocorre dentro da lente da câmera que é facilmente visto quando você pega uma câmera qualquer e aponta não diretamente ao sol, mas próximo ao sol, então existe a formação de halos. De halos circulares, que são reflexos internos dentro da lente. E este objeto, após alguns minutos, muito provavelmente ele cai ou é levado pelo vento. Pra mim isto é muito claro. Agora isto não invalida a possibilidade de ter acontecido qualquer efeito luminoso na região visto por seres humanos. Não estou querendo entrar neste mérito. Apenas a imagem para mim é claríssima, de ser um objeto de proporções pequenas, que se fixou à frente da câmera e que depois ela fez um pequeno giro – talvez pelo próprio vento – se destacou da câmera e foi levada pelo vento da mesma forma.” (Transcrição do comentário de Maurício de Cunto durante o programa)

Temos pois, duas vias de análise. Aquela defendida por Paulo Aníbal dá conta da incerteza quanto à natureza do objeto. A sustentada por Maurício almeja ser mais definitiva, na medida em que exclui a possibilidade associação entre o que fora capturado e um óvni.

Após o programa, novo e-mail chegou aos membros da lista. Assinava-o Paulo Aníbal, que dizia ter acabado de chegar dos estúdios da Rede Record. As possibilidades de interpretação então levantadas, não sofreram modificações. Aníbal lembrava que aquilo podia ser algo conhecido dos humanos ou um óvni, mas não tinha meios de concluir sobre o assunto. Entretanto, recusava duas leituras – LED e inseto – por ter em mãos a “filmagem bruta”, o que de acordo com ele permitiria a realização de uma nova análise.

A mensagem trabalhava no sentido de prolongar o caso, e Aníbal insistiu que “por força de maior compromisso” não poderia divulgar outros detalhes. Prometia, ao final do e-mail, uma viagem a Queimados-RJ, local onde ocorrera a gravação. Também pedia desculpas pela impossibilidade de resposta aos mais de quatro mil e-mails que recebera, além das mensagens enviadas pelo celular e por via de rede social.

*

Encontrei-me com Paulo Aníbal no momento em que se discutia o caso Queimados com maior intensidade. Não foi, contudo, um arranjo proposital. Eu viajara à São Paulo para participar de um congresso ufológico e entrevistar alguns pesquisadores centrais para a ufologia brasileira. No congresso, encontrei com Paulo Aníbal e Fábio Gomes. Conversavam sobre os últimos desdobramentos daquele caso, o que também terminou sendo objeto de uma nota de Paulo durante a sua palestra.

Um mês antes deste encontro, a lista de e-mails era alimentada com muita frequência por ufólogos respondendo à missiva – já citada – de Paulo Aníbal e discutindo as alegações de Orlando, o ufólogo carioca acionado pela emissora inicialmente e para quem a câmera capturara a imagem de uma nave espacial. Fábio Gomes, além de um texto interpretando a imagem, disse que a chave para o mistério se encontrava na imagem em anexo ao e-mail. Esta mostrava uma lâmpada, instalada ao lado de uma câmera. O texto, por seu turno, censurava Orlando por não ter aplicado o “método correto” de investigação e reprovava o sensacionalismo da reportagem:

Para mim, o que depõe "a favor" do caso é o fato do dono da chácara e seu vizinho terem ficado bem assustados. Porém, no meu entender, o movimento no final pode ser explicado por um deslocamento da câmera ou da lâmpada ao lado, que certamente alguém mexeu. Quem foi? Isso eu não sei...Reparei também que, no começo do vídeo, há um movimento na parte superior da luz. No meu entender, é o bater das asas de um inseto. O qualidade do vídeo (com listras horizontais) é muito ruim, o que facilita a ocorrência de pareidolia. Outro fato que me chamou a atenção foi a aquiescência do ufólogo com muita facilidade. Nem todas as possibilidades, que é o que estamos discutindo aqui, foram levantadas antes. Por fim, pode até ser que o resultado seja o que o ufólogo falou na reportagem, mas eu não estou vendo a aplicação do método correto de investigação, o que facilita o sensacionalismo e também aumenta as possibilidades de erro. (Mensagem enviada por Fábio Gomes à lista de e-mails da Revista UFO)

A partir de então iniciou-se um debate na lista relativo à questão de saber se a lâmpada, encontrada ao lado da câmera, poderia ser a responsável pela imagem capturada. Júlio Rena, membro da equipe de análise de imagens da Revista UFO, toma partido da tese da filmagem de

dois insetos. Outros convergem sobre o fato de que é um desperdício de tempo seguir trabalhando neste caso. Ainda assim, a equipe de imagem da Revista UFO enviou um parecer à lista, que posteriormente seria publicado no website que esta mantém na internet. Tratava-se, assim como ocorrera com o produto da pesquisa sobre o agrolifo de Ipuacu-SC, de um laudo técnico no qual se interpretava a imagem. Fora produzido por Toni Inajar e Júlio Rena e concorreu para desestabilizar a hipótese de que o objeto visto seria uma de fato uma nave. Ambos os peritos preferiam tomá-lo como resultante de movimentos de insetos, que refletiam a luz dos LEDs da câmera de segurança.

1. O objeto surge de modo idêntico ao pouso de um inseto, de repente, não como seria o pouso de uma nave.
2. O forte brilho do objeto é causado pela sua grande proximidade com os LEDs da câmara, refletindo a luz emanada, causando o efeito luminoso.
3. Os arcos no restante da imagem são apenas reflexos deste inseto. Como são diversas lâmpadas, contornando a lente objetiva, surgem múltiplos reflexos. O tal vulto que o repórter afirma ver é apenas pareidolia (erro de interpretação, assim como ver formas de animais em nuvens).
4. *Os movimentos constatados em uma pequena região da parte superior do objeto brilhante, são em tudo semelhantes aos movimentos naturais e repetitivos que um inseto faz, especialmente mariposas, com seus membros anteriores, com o objetivo de exalar ferormônios, para atrair companheiros para acasalamento*²⁵⁴. (Lauro sobre o caso Queimados – Emitido pela setor de análise de imagens da Equipe UFO)

O parecer coincide com o laudo fornecido pelo perito Maurício de Cunto durante a reportagem da Tv Record. Tratava-se então de um inseto, possivelmente uma mariposa, que se movimentava durante o acasalamento. Os outros objetos que constavam na imagem seriam o efeito da grande proximidade do inseto com a lente da câmera, o que teria gerado reflexos. O laudo ainda tecia considerações sobre a morte de algumas galinhas na chácara. Sobre este ponto, dizia tratar-se de apenas um indivíduo morto, contrariando o que fora dito, e que esta já estaria morta antes da imagem feita do suposto óvni. Fato este que não poderia ser comprovado, pois

²⁵⁴ Grifos Meus.

não dispunham de um laudo veterinário atestando a *causa mortis* da galinha. Logo, a referência ao animal não seria mais do que um artifício para “dramatizar” a reportagem.

*

Após o envio do laudo para a lista da Revista UFO, seguiram-se vários comentários de membros que o referendavam. Estes apoiavam a interpretação de que provavelmente o que fora capturado pela câmera de segurança era um inseto e sugeriam que talvez fosse a ocasião de "deixar o caso", considerando que ele continha uma pista-falsa.

A divulgação do documento pelos analistas de imagens da Revista UFO, também motivou numerosos comentários sobre Paulo Aníbal. As observações davam conta de que ele prolongara demasiado o caso em função de seu gosto pelo espetáculo televisivo. Ainda se pontuava que ele deveria ter fechado o caso depois de constatar que dele não poderia extrair consequências de maior interesse para a comunidade ufológica.

Da parte de Paulo Aníbal, a controvérsia não se encerrava com tanta facilidade. Alguns dias depois de ter sido emitido o laudo, o ufólogo voltou à lista de discussões da Revista UFO indicando uma postagem publicada em seu blog. Ali produzira um contra-laudo, no qual verificava-se que o objetivo não era mais decidir sobre a natureza da luz que tomou a imagem do monitor de segurança por alguns instantes, mas sim questionar, ponto por ponto, cada uma das alegações de Toni Inajar e Júlio Rena.

Paulo Aníbal observou que a imagem sobre a qual comentara na televisão e em relação a qual a contenda se armara não era qualificada devido a sua baixa qualidade. Tratava como absurda a comparação do que aparecera no vídeo com a suposição de uma mariposa “exalando feromônios”. Segundo ele, neste caso deveriam os analistas terem consultado entomologistas

para emitir o parecer e complementou assegurando aos leitores que nada na gravação os autorizava a identificar o vídeo com os movimentos de um inseto.

A despeito da mensagem, Paulo Aníbal não concluía com um veredito sobre a imagem. Dizia estar à espera do parecer de Orlando Barbosa, ufólogo que fora inicialmente a campo e que alegava se tratar de uma nave extraterrestre. Entretanto, sustentava que de acordo com suas próprias convicções o objeto visto não era extraterrestre.

A partir desta mensagem, os comentários dos demais ufólogos participantes da lista tornaram-se mais exaltados em relação a Paulo Aníbal. Capitaneava a investida, o analista de imagens Júlio Rena, que fez uma leitura “linha por linha” do contra-laudo assinado por Aníbal. Rena observou que o ufólogo mudara de posição, considerando que antes teria sido possível identificar algo no vídeo. Agrega ao comentário, uma forte réplica ao contra-laudo. Ele dizia que os objetos eram similares às formas de alguns insetos, mas não decidia definitivamente sobre a sua ocorrência na imagem captada pela câmera. Além das considerações técnicas sobre o contra-laudo, começaram a aparecer algumas acusações que julgavam o comportamento de Paulo Aníbal de maneira geral. Observava-se que prevalecia a omissão de informações, a ausência de seriedade e certo desejo de aparecer em programas de televisão.

*

Nas mensagens seguintes dei-me conta de que Aníbal, antes membro da Equipe UFO e figura presente em vários dos congressos dos quais participei, havia sido excluído do coletivo que gravita ao redor da revista. Nas notas dos membros efetivos, dizia-se que isto ocorrera menos por conta dos últimos incidentes relativos ao caso Queimados, mas pelo modo como Aníbal vinha agindo anteriormente. Chamou a minha atenção o comentário de que Aníbal

deixava os casos se prolongarem por muito tempo, de modo a conseguir manter a atenção da mídia.

As mensagens davam conta, portanto, de que a exclusão do ufólogo da equipe não tinha relação apenas com as interpretações diversas que este apresentou por ocasião do caso Queimados. Elas, como já observei, respondiam a um certo mal estar – antes não tornado público – em relação a elementos de sua personalidade que alguns membros da Equipe entendiam como reprováveis. Somava-se a eles uma crítica ao não compartilhamento de informações sobre casos e, sobretudo, o fato de não ter oferecido uma explicação definitiva sobre o caso Queimados.

Paulo Aníbal tinha outra versão relativa ao incidente em Queimados ao argumentar que não havia dado curso ao “fechamento” do caso, tanto na TV, como em seu blog, porque aguardava maiores informações sobre a investigação, que seriam fornecidas por Orlando Barbosa, o ufólogo carioca. Aníbal reforçava aquilo que já havia dito durante a sua fala na reportagem: a imagem era desqualificada para análise, considerando que fora gravada a partir do visor do monitor para onde eram transmitidas as imagens da câmera.

É uma filmagem de péssima qualidade. Eu troquei ideia com um perito na semana passada, por telefone, falei uma hora com ele. Que esta filmagem é desqualificada em termos periciais. Que ela é totalmente de má qualidade. Não é uma filmagem obtida diretamente do arquivo original gravado. É uma filmagem gravada da tela do visor da TV.

Primeiro, a desqualificação da prova desqualifica qualquer análise que possa ser feita posteriormente. Eu falo assim em termos de perícia: porque eu trabalhei e... como emito sempre “Laudos” e emito pareceres, eu sei como é a coisa. Então eu não posso usar um fato desqualificado para eu poder tecer um parecer qualificado. Isso não posso. (Entrevista com Paulo Aníbal)

Ainda que a filmagem fosse “desqualificada” para os propósitos de sua análise, Paulo Aníbal foi até Queimados com vistas a realizar sua investigação de campo, porém não foi recebido na chácara onde ocorrera a filmagem uma vez que o proprietário havia lhe comunicado que ali não estaria. A negativa não lhe removeu da intenção de prosseguir com a pesquisa. Conversou com os vizinhos do dono da chácara, analisou a parede onde estava instalada a

câmera e, segundo seus comentários, nos arredores encontrou um pequeno objeto “semienterrado na vegetação.” Isto lhe autorizava a abrir uma segunda linha de investigação: “uma brincadeira de alguém. Já que este senhor tinha problemas com a vizinhança. Tinha gente que invadia para roubar galinha [sic] e fazia brincadeiras. [...] Então ele pôs esta câmera para ajudar a monitorar.” (Entrevista com Paulo Aníbal). Posteriormente, a nova linha de investigação fora completamente alterada em função dos comentários do proprietário da chácara. Segundo Aníbal, em conversa por telefone, o proprietário argumentou que viu um objeto que emitia uma luz de grande intensidade. Como estava próximo da câmera de segurança, passou a gravar a partir de seu monitor o evento que resultou nas imagens enviadas ao programa de Tv.

Para Aníbal havia, portanto, três versões distintas sobre o caso:

Entendeu o outro dado da pesquisa? Segundo ele, [ele] viu o objeto. Segundo a apuração que eu fiz, contradiz a versão inicial dele. Segundo a nossa pesquisa, a gente contradiz totalmente o parecer que foi emitido por duas pessoas da equipe de análise da revista, dizendo que era uma mariposa. (Entrevista com Paulo Aníbal)

Entre as três versões, contudo, a que lhe interessava de modo particular estava contida no enquadramento que Toni Inajar e Júlio Rena deram à análise de imagens da câmera. Aníbal não tolerava a associação do objeto com uma mariposa e tampouco concordava com a possibilidade de ser conclusivo sobre o comportamento do inseto. Segundo ele, foi esta associação que ignorava os conhecimentos de um entomologista que fez com que rejeitasse de maneira pública o laudo publicado pela Revista UFO. Reproduzo algumas partes do trecho no qual o ufólogo tecia seus comentários sobre a referida impossibilidade de prosseguir com a analogia:

Não pode ser uma mariposa porque o vídeo não permite – olhando quadro a quadro – (a gente chama de frame) não permite identificar qualquer estrutura de inseto. Não permite. Inclusive o perito por telefone – o perito forense – Maurício de Conto – validou o meu trabalho. Ele confirmou isto comigo. Não pode ser. [...] Porque eles citaram membros anteriores. Olha a maluquice deste tipo de afirmação. Além de especificar o inseto mariposa, citaram que era uma parte do corpo dele. Inseto tem três pares de patas: o par de patas dianteira, o par de patas mediana e o par de patas traseira. Fora as asas. Como você vai identificar alguma estrutura neste vídeo? Pior ainda, colocaram neste parecer até o

comportamento deste suposto inseto. Da mariposa que estaria soltando hormônios sexuais para fazer acasalamento. Como é que eles puderam, desqualificado pelo próprio perito forense, perito que trabalha às vezes, semanalmente, com três mil imagens. Me falou que não pode ser feito isto. Foi um embate. Uma briga séria que eu tive. (Entrevista com Paulo Aníbal)

Como se nota neste trecho, Aníbal mobilizou a sua formação como biólogo e sua participação prévia em um grupo de entomologistas, para fazer frente ao parecer da Revista UFO: “[...] eles se meteram na minha área profissional. Na entomologia. Outras eu relevei. Fiquei quieto. Deixa para lá porque eu não queria criar atrito. Neste, especificamente, eu criei porque envolveu a minha área profissional.” (Entrevista com Paulo Aníbal)

Ao término de nosso diálogo, Paulo Aníbal apresentou aquela que seria a sua última posição: o objeto visto na câmera resultava da filmagem de uma boia de pescaria pendurada nas proximidades do equipamento, causando a impressão de que aquilo se tratava de um óvni. O seu parecer, portanto, era negativo para a participação de extraterrestres no incidente. Não ouvi qualquer outro comentário de Paulo sobre o assunto nos meses seguintes. O mesmo ocorreu acerca dos membros da Equipe UFO. O caso parecia terminado.

*

Diferentemente do que ocorreu com outros casos tornados paradigmáticos na ufologia, talvez, futuramente, não se ache qualquer referencia ao episódio ocorrido em Queimados além desta breve descrição que procurei apresentar. Sem dúvida, trata-se um episódio de pequena magnitude, o que o coloca em posição absolutamente destoante em relação à Operação Prato e a outros eventos com contornos similares, mas que seguiram sendo revisitados pelos ufólogos durante anos. Estimo, entretanto, que a sua dimensão – medida, antes pelos prolongamentos que suscita, do que pela natureza do relato – não nos impede de neste caso sustentar a tese que venho balizando ao longo dos últimos capítulos e que neste acha um abrigo menos passageiro. Eu me refiro à capacidade, passível de ser seguida no caso em tela, dos objetos ufológicos engendrarem

coletivos de investigadores. Isto é, o seu poder de constituir as socialidades que aqui pretendo descrever reside exatamente no fato dos óvnis, na medida em que são parcialmente visíveis, instalarem entre os ufólogos discussões sobre a sua origem, sobre a qualidade do relato, sobre a acuidade da câmera que os registra, sobre a confiabilidade do testemunho e, no cenário em tela, sobre o relato produzido por outro pesquisador.

Mas há aqui outro elemento, com ares de novidade em relação ao que foi argumentado até aqui. Acompanhar o caso Queimados nos confere a possibilidade de não apenas pensar de que modo se produz a análise de casos em ufologia, como é capaz de nos dizer algo sobre as disputas a respeito daquilo que conta como uma evidência na disciplina, sobre como se define pragmaticamente uma boa investigação e, fundamentalmente, nos aponta os laços – não tão incomuns – entre a investigação sobre extraterrestres e os meios de comunicação jornalísticos.

O caso Queimados também poderia se prontificar a ser uma ocasião para se discutir o fechamento de controvérsias nas ditas “paraciências”, o que possibilitaria uma comparação com a afluyente literatura sobre o fim de querelas na Ciência. Em última análise, se concluiria, como já o fez Harry Collins, que seja entre físicos de alta energia ou entre ufólogos, os debates chegariam a termo da mesma forma: isto é, a partir de maior ou menor capacidade de mobilização política, o que autorizaria um virtual pesquisador a concluir que na ufologia, assim como ocorre na Ciência, a evidência importa menos para o arrefecimento da polêmica do que o conjunto de disposições que configuram um modelo interpretativo.

Em contrapartida, estou menos interessado em reduzir as ditas paraciências a uma semelhança – certa identidade – e mais em perceber nas suas *linhas de propagação* certo potencial de diferença em relação à Ciência. Qualquer um que se atente para aquilo que os

ufólogos dizem, atinará para o contínuo pontuar de que a ufologia é “Ciência, mas não é” e assim se interessa pelo dito “método científico”, mas está pronta a modificá-lo.

Em última análise, apesar de me debruçar neste capítulo pelas relações entre a ufologia e as ciências, interessa-me mais aquilo que Ernesto Bono, ufólogo e psiquiatra, chamou em entrevista a mim concedida de dimensão *mágica* dos óvnis. Em particular, aquela matizada em sua capacidade de aparecer e de desaparecer, de serem rastreáveis apenas parcialmente e de terem certa ojeriza pela estabilização. Naquela ocasião, pedi a Ernesto que me falasse sobre o fato de o considerarem um filósofo da ufologia. Em um primeiro momento, Ernesto argumentou em favor da substituição do pensamento lógico e racional pelo que qualificou como “saber-sentir-intuir” e observou que os óvnis continham o potencial para “arrebentar” os “esquemas definitivos da lógica-razão”. Diante deste comentário, desejei estender um pouco mais a discussão, quando comentei que seria possível ler os óvnis como a exata expressão da lógica-razão levada a uma dimensão exponencialmente superior àquela comum aos terráqueos. Ernesto comentou com entusiasmo:

Não! Não! Não! Não são produto desta lógica. São produto desta mágica. Porque a natureza é mágica e não lógica. Quando digo que é mágica, quero dizer que ela é capaz de tudo. Até o impossível. E de preferência, não tente explicá-la logicamente. Não tente enquadrá-la em esquema lógico ou esquema científico definitivo. As famosas leis científicas. Faça-me o favor! (Entrevista com Ernesto Bono)

Portanto, os óvnis, como observou Ernesto, repelem as tentativas de tomá-los a partir de explicações ditas racionais, as quais, antes, se prontificam a destruir. Ao mesmo tempo, não derivam desta mesma lógica, mas resultam de uma mágica, que ele qualifica como a capacidade de realizar qualquer coisa, incluído o impossível.

Além de Bono, ninguém mencionara sobre as relações entre os Objetos Voadores Não Identificados e a magia. Ou ainda, sempre que o nexa aparecia – embora não formulado nestes

termos – os óvnis figuravam como os operadores dos processos de redução, sobre o quais discorri no capítulo quatro. Isto é, ali eles figuravam como uma substituição de qualquer relato sobre eventos de natureza mágica, por entidades extraterrestres. O comentário de Bono, por sua vez, se presta a fazer o contrário daquilo que caracteriza as operações de redução, uma vez que não se trataria de reduzir os elementos mágicos aos óvnis, mas neles perceber o que é próprio dos discos voadores. De seus comentários depreendo que o elemento mágico embebido nos óvnis resulta da impossibilidade de explicá-los completamente, de seu gradiente de "inapreensão"²⁵⁵, de um acesso que se dá apenas pelos seus efeitos, como a discussão da pesquisa ufológica parece atestar.

De alguma forma isto que chamo de “gradiente de inapreensão” é homólogo ao que Mortel Axel Pedersen (Pedersen, 2013) nomeia, a partir da etnografia junto aos xamãs na Mongólia, de “*insular objects*”, isto é, “ontologically discrete or encapsulated entities that have accidentally fallen out of the shamanic order.” (Pedersen,2013:101).

Sem necessariamente partilhar com Pedersen de sua “reabilitação” da noção de natureza, a partir do aporte do realismo especulativo, estimo que o seu texto nos aponta para a possibilidade de pensar aqueles objetos que “permanecem aí” e que, se por um lado são capazes de produzir "disposições de relações"²⁵⁶, por outro, delas se esquivam, sendo este último gesto o sentido de sua ação.

²⁵⁵ Trata-se, obviamente, de um neologismo.

²⁵⁶ Traduzo de "assemblage of relations". (Pedersen,2013:96).

Conclusão - “Radar[es] não têm crença”

O mundo sem fetiche é povoado por tantos
aliens quanto o mundo dos fetiches.
Bruno Latour

Breves observações sobre uma pergunta

Onde quer se discuta a “questão extraterrestre”, especialmente fora da “comunidade ufológica”²⁵⁷, os óvnis e os discos voadores são tratados como uma questão de “crença”.²⁵⁸ Em quatro anos de pesquisas relativas a este tema e quase cinco de contato diário com a questão diversas vezes fui questionado: “Mas, você acredita em extraterrestres?” O referido questionamento, eventualmente partia de antropólogos profissionais: “Mas, você acredita?”, ao que se seguia um sorriso – expressão de muitas reticências.

Nos primeiros meses da pesquisa, eu ainda atendia às inquirições com algum embaraço, mas depois de passados alguns meses elaborei duas respostas padronizadas, a depender de quem eram os meus interlocutores. Ou bem contornava a questão afirmando que esta não era a minha pergunta, uma vez que me interessava por aquilo que os ufólogos tinham a dizer sobre os extraterrestres; ou, caso a audiência fosse diferente, sustentava que “Os óvnis não são uma questão de crença” e transferia o embaraço para o meu interlocutor.

A segunda resposta, via de regra, era dirigida a estudantes de antropologia ou de outras áreas das ciências sociais e, com ela, eu por um lado atendia ao que os ufólogos dizem com regularidade - não é uma questão de crença, mas de pesquisa – e, por outro, aproveitava o ensejo para apresentar-lhes certos elementos de uma já não tão recente literatura na antropologia que, ou bem se desfazia da noção de crença, ou apontava para a sua polissemia.

²⁵⁷No capítulo capítulo 4, ao dialogar com a principal publicação ufológica no Brasil, observei que os ufólogos também têm os seus crentes, isto é, os novos movimentos religiosos que operam com elementos extraterrestres.

²⁵⁸A noção de crença é discutida neste capítulo em relação à discussão antropológica sobre o referido conceito. Desta feita não estou focando nas ocorrências desta categoria entre os ufólogos.

Nestes encontros, devo confessar que eu nutria maior interesse pela conversa, sempre que esta se iniciava com a pergunta de um antropólogo. Isto é, eu estimava que a própria condição de possibilidade de se perguntar a um colega se ele “crê” em vida extraterrestre, associada à conjunção “mas” – “Mas, você acredita em extraterrestres?” – era capaz de me ensinar algo sobre a relação da antropologia e o dito domínio do “extraordinário”.

Estas sucessivas perguntas eram produtivas porque a partir delas eu tinha a ocasião de refletir se alguém me dirigiria o mesmo questionamento caso o tema de meu trabalho de doutorado passasse por outros coletivos. Suspeito que não. De modo geral, dificilmente²⁵⁹ alguém estaria autorizado a perguntar para uma etnóloga que trabalha junto dos povos Yanomami se ela acredita que os espíritos Xapiri, de fato, existem. Ou, em outro diapasão, estimo que seja algo pelo menos incomum que se pergunte a alguém que trabalhe com religiões de matriz africana se ela acredita que “Logun Edé” exista. Ainda assim, durante todo o meu trabalho de campo, me perguntaram com regularidade se eu “acreditava que os discos voadores existem”.

Cumprido, portanto, pensar nas condições de possibilidade desta pergunta, e mais, na assunção de que a ufologia e os óvnis são uma questão de crença. Em relação ao primeiro ponto, o silêncio da audiência quando um etnólogo discorre sobre uma entidade não-humana, parece ter que ver com certa suposição de que “lá”, o antropólogo não pode ser um “crente”. Em verdade, pode-se supor que os “crentes” são outros. Ou ainda, pode-se sugerir que a antropóloga está

²⁵⁹O fato de ser pouco comum que se dirija esta pergunta aos etnólogos, não impede que ela não tenha sido feita. Eduardo Viveiros de Castro, no artigo *O Nativo Relativo* (Viveiros de Castro, 2002), observou que em certa ocasião foi interpelado por Isabella Lepri, quem lhe perguntou se “[ele] acreditava que os pecaris são humanos.” (Viveiros de Castro, 2002). O autor, se um primeiro momento trata a questão com ironia, posteriormente recupera-a e eleva-a à condição de pergunta incontornável na antropologia. O diálogo que o autor entabula com a questão passa pela observação de que importa menos discutir se o antropólogo acredita em seus interlocutores e mais pensar em que tipo de movimentos a assunção que estabelece que os pecaris são humanos provoca.

ausente da “partilha” da crença ali, mas quando “volta”, ela mesma também “professa” as suas “crenças” – em bom tom com certas modalidades de relativismo.

Logo quando retorna, sabendo-se que o campo é afluyente, e que lá o mundo é outro, aí sim pode ser perguntada, assim como fizeram com Jeane Favret-Saada, sempre que dizia estar interessada na feitiçaria entre camponeses franceses.

'Tell us about witches' she is asked again and again when she gets back to the city. Just as one might say: tell us tales about ogres or wolves, about Little Red Riding Hood. Frighten us, but make clear that's only a story; or that they are just peasants: credulous, backwards and marginal." (Favret-Saada,1980:4)

Mas esta curiosidade tem logo que se desfazer. Como observa a autora no trecho acima, esta virtual audiência espera que se diga que o que se diz sobre “bruxas” não são outra coisa além de estórias, isto é, espera-se, sobretudo, a imputação da crença aos outros (esta última expressão, uma verdadeira tautologia, como já mostrou o trabalho de Bruno Latour).

Ou ainda, espera-se que em uma nota da introdução do trabalho se diga que: “embora esteja estudando o tema da ufologia a minha posição se aproxima do “agnosticismo”²⁶⁰ ou, alternativamente, que em algum momento, se produza um aviso no qual o autor se qualifique como um “pesquisador” e não propriamente como um “membro”.

Pode-se sim dizer que na infância recebera um livro de ufologia de um avô como presente, que tivera um tio aficionado pelo tema ou que, na década de 90, fora impactado pelos episódios da série de televisão Arquivo X. Estes elementos figurariam como gatilhos para o interesse a ser convertido, depois, em trabalho de pesquisa. Mas isto é admissível desde que não se tenha interessado demais, desde que não se tenha colecionado fotos, recortes de jornais e revistas; desde que não fosse outra coisa senão uma paixão marginal e passageira. Entretanto, se estas se convertem nas ditas “crenças” passa-se então a correr riscos.

²⁶⁰ Não confundir com o sentido que (Latour,2002) confere ao termo "agnosticismo".

Não haverão de faltar acusações de ter confundido as perspectivas, de não ter seguido as recomendações, mais de uma vez enunciadas por Claude Bernard, de que as convicções e “crenças” devem ser deixadas no batente de entrada do laboratório. Decerto que não se enunciará o desconforto de modo tão radical: ele se apresentará de forma mais arguta, ou bem apontando ao autor de que “falta análise” ou sugerindo, de modo diverso, que o trabalho não alcança o que se estabeleceu como uma tese em antropologia.

Estes comentários, por certo, ganham aqui tons de exagero. Mas se aqui me valho de certa caricatura, faço-o menos para submeter a já referida pergunta sobre a crença em extraterrestres ao escárnio e mais pelo interesse em pensar o que a sua articulação implica.

Esta ocasião me parece propícia para rememorar o “incidente” envolvendo a defesa de uma tese de doutorado em sociologia na Universidade Paris Descartes, em 2001. A autora, Elizabeth Teissier, antes de se sagrar doutora na disciplina, era astróloga conhecida dos leitores de jornais de grande circulação na França e de telespectadores de programas de televisão dedicados ao tema. Tratava-se pois, não de diletantismo, mas de um tipo público, amplamente conhecida e dada à consulta das previsões astrais de personalidades políticas. Em 2001, o trabalho acadêmico de Teissier, orientado por Michel Maffesoli, foi submetido a uma banca formada por sociólogos e aprovada com designações de mérito. A aprovação do trabalho, e a posterior concessão do título de doutora a Elizabeth Teissier, aparentemente gerou uma polêmica no círculo da sociologia francesa. Ocorreu que alguns de seus representantes entendiam que a tese, intitulada *Situation épistémologique de l'astrologie à travers l'ambivalence fascination-rejet dans les sociétés postmodernes*, não possuía os atributos que conformariam o dito “olhar sociológico”.

Bernard Lahire, em artigo intitulado “Comment devenir docteur en sociologie sans posséder le métier de sociologue?” (Lahire, 2002), coloca-se na posição de fazer uma análise de trechos selecionados das 900 páginas que compõem a tese de Teissier. Embora não seja esta a ocasião para se deter sobre cada uma das reprovações que o autor emite, me interessei, em particular, por certa distinção que Lahire estabelece entre aquilo que constituiria um “objeto legítimo” para sociólogos e antropólogos e, de outra parte, a abordagem dita ilegítima de Teissier.

Que l’astrologie (l’existence bien réelle d’astrologues), les modes d’usage et les usagers (à faible ou forte croyance) de l’astrologie constituent des faits sociaux sociologiquement étudiables, que l’on puisse rationnellement (et notamment sociologiquement ou ethnologiquement, mais aussi du point de vue d’une histoire des savoirs) étudier des faits scientifiquement perçus comme irrationnels, qu’aucun sociologue n’ait à décider du degré de dignité des objets sociologiquement étudiables (en ce sens l’astrologie comme fait social est tout aussi légitimement étudiable que les pratiques sportives, le système scolaire ou l’usage du portable), qu’un étudiant ou une étudiante en sociologie puisse prendre pour objet d’étude une réalité par rapport à laquelle il a été ou demeure impliqué (travailleur social menant une recherche sur le travail social, instituteur faisant une thèse de sociologie de l’éducation, sportif ou ancien sportif pratiquant la sociologie du sport...), ne fait à nos yeux aucun doute et si les critiques adressées à Michel Maffesoli et aux membres du jury étaient de cette nature, nul doute que nous nous rangerions sans difficulté aux côtés de ceux-ci. Tout est étudiable sociologiquement, aucun objet n’est a priori plus digne d’intérêt qu’un autre, aucun moralisme ni aucune hiérarchie ne doit s’imposer en matière de choix des objets, seule la manière de les traiter doit compter. Mais de quelle manière E. Teissier nous parle-t-elle d’astrologie tout au long de ses 900 pages? Qu’est-ce qui oriente et structure son propos? La réponse est assez simple, car il n’y a aucune ambiguïté possible sur ce point: le texte d’E. Teissier manifeste un point de vue d’astrologue qui défend sa «science des astres» du début jusqu’à la fin de son texte [...] (Lahire, 2002:43)

O autor do trecho sustenta que não há qualquer problema em tomar a astrologia como “objeto” de pesquisa, mesmo que a pesquisadora estivesse ligada ao campo no qual deseja trabalhar. Isto é, a astrologia, tratada como “crença” – portanto, dos outros – não oferece perigo. Cenário diferente, detalha Lahire, se apresenta quando o texto, ao contrário de se valer do “ponto

de vista sociológico é substituído pelo “ponto de vista” de alguém, cujos laços com a astrologia permanecem fortemente atados.

Trago este texto à baila por dois motivos: em primeiro lugar porque Elizabeth Teissier, não só pode ser questionada se acredita na astrologia, como foi, no caso em tela, acusada de ser excessivamente comprometida. Em segundo lugar, porque a passagem desvela que a astrologia não pode ser outra coisa que uma questão de “crença” – o que é matizado na assunção de que ela deve ser antes o objeto, do que o ponto de partida de análise.

A análise produzida por Teissier não se acomoda com justeza ao dito “olhar sociológico”, não apenas porque ela se presta a qualificar a obra de autores como Max Weber segundo leituras de sua personalidade à luz da astrologia – Weber, nos seus termos, seria um taurino pragmático – , mas como já disse, porque nela os sociólogos percebem a transformação da crença em análise. Nesta equação a astrologia seria uma crença, porque não pode ser verificada senão pelo mesmo “olhar sociológico” que pretende dissecá-la e convertê-la em uma representação social, substituindo assim, como já apontou Latour a propósito do problema, uma metafísica por outra. Roberte N. Hamayon, no artigo “L’anthropologie et la dualité paradoxale du “croire” occidental” (Hamayon, 2006) parece qualificar com precisão aquilo que está em jogo nestas leituras que se valem da categoria em questão: “est objet de croyance ce qui est invérifiable, échappe au contrôle empirique et renvoie donc à la subjectivité, c’est-a-dire à une attitude de croyance à l’égard de l’objet en question” (Hamayon,2006:25)

Voltemos ao tema do questionamento respectivo à crença. Quando se dirige a mencionada pergunta a um antropólogo que trabalha com o tema extraterrestre, suspeito que temos duas intenções possíveis: a primeira visa rastrear se em sua história pessoal, se anteriormente ao início da pesquisa este teria tido relações com o tema, de tal forma a checar se

haveria aí a possibilidade de confundir a dita “análise” com suas “crenças” – supõe-se que aqui o termo crença seja equivalente à “convicções pessoais não verificáveis”, nos termos de Hamaydon, como no caso de Elizabeth Teissier. Em segundo lugar, a razão da pergunta é aplacar uma curiosidade, ou ainda, certo desejo de ouvir todas aquelas experiências de campo que habitam o território do extraordinário. Ao mesmo tempo, espera-se do pesquisador que esclareça, em concordância com aqueles que professam a crença na “cultura” e na noção de construção social, de que tudo não passa da sujeição de fenômenos atmosféricos, de balões e aviões, a certa roupagem ontológica que lhes converte em entes de outros mundos.

Favret-Saada dedicou um parágrafo a esta fascinação de uma audiência que, em seu caso era tomada pelos eventos de feitiçaria²⁶¹. A autora observa que esta curiosidade e “simpatia” (termos dela), tem relação com o fato do interlocutor não ter de objetar sobre quaisquer elementos contados, ademais, “... allowing oneself to be fascinated by tales of witchcraft does not equate to believing it, in the sense of having the certitude that the tale describes a real state in the world” (Favret-Saada, 2012:48). Este fascínio é, portanto, mais uma expressão de um distanciamento, de um agenciamento silencioso da categoria de crença, do que propriamente o interesse em perceber de que modo estas outras conformações do mundo – lá, tomado pelas forças da feitiçaria e aqui povoado por agências de seres de outros planetas – são capazes de alterar as nossas próprias configurações. Vale ainda dizer que este fascínio não parece ser outra coisa senão a forma “não-dita” de certo estarecimento, qual seja: “Como podem acreditar em discos voadores?”

²⁶¹ No meu caso, pelas histórias de abdução, das raças alienígenas e dos demais habitantes dos confins do espaço.

Talvez fosse a ocasião de lhes apresentar a mencionada “literatura” respectiva ao problema da crença. Não se trataria de responder com ironia, mas de articular algo similar àquilo que Don Juan respondeu ao “personagem” de Carlos Castañeda quando este lhe perguntou se Mescalito era real.

Then Mescalito is real? I mean he is something you can see? ”He seemed to be baffled by my question. He looked at me with a sort of blank expression. “What I meant to say, is that Mescalito . . .”“I heard what you said. Didn’t you see him last night?I wanted to say that I saw only a dog, but I noticed his bewildered look.“Then you think what I saw last night was him?”He looked at me with contempt. He chuckled, shook his head as though he couldn’t believe it, and in a very belligerent tone he added, “A poco crees que era tu—mama [Don’t tell me you believe it was your—mama]?” He paused before saying “mama” because what he meant to say was “tu chingada madre”, an idiom used as a disrespectful allusion to the other party’s mother. The word “mama” was so incongruous that we both laughed for a long time. *Then I realized he had fallen asleep and had not answered my question.*” (Castañeda,1972:16)²⁶²

Trata-se aqui, antes de tudo, de se recusar a responder. Ou ainda, de se valer de um chiste com vistas a desviar o alvo da pergunta, para aquilo que nela está implicado e ainda, para que tipo de transformações ela implica, como argumenta Viveiros de Castro (2002). Em última análise, talvez Don Juan estivesse conduzido o seu “discípulo” menos à partilha da crença em Mescalito mas, ao contrário, à capacidade de percebê-lo.

Talvez, aquilo que apelidam de “matéria de crença” diga respeito menos à adesão ao “inverificável” mas, sobretudo, àquilo que Marco Motta no artigo intitulado “Croire aux spirit? Plutôt les percevoir, ou comment l’anthropologue apprend sensiblement le monde de ses hôtes” (Motta, 2014) chama de capacidade de percepção dos espíritos.

Tentons la reformulation : « je crois aux esprits » devient « je perçois les esprits ». Nous pouvons, à partir de là, commencer à prendre aux sérieux ceux que nous rejetons un peu vite du côté de la surnature, et commencer à penser ce qui nous lie perceptivement au monde, la manière dont nous sommes affectés. Il s’agit, dans et par les relations de co-affectation tout à fait singulières, de reconnaître ce qui permet une expérience commune. (Motta,2014 :113)

²⁶²Grifos Meus.

Talvez, se a questão fosse colocada nestes termos ela merecesse alguma resposta. Talvez, se o emprego da palavra crença fosse evitado, eu poderia argumentar que nunca estive em uma situação na qual fosse possível “perceber” os extraterrestres. Ainda atencioso à economia conceitual matizada por Motta na passagem acima, talvez eu pudesse dizer que eu e meus interlocutores - nos momentos em que estivemos juntos - nunca estivemos em relações de *co-affectation com os aliens*, além daquelas insinuadas nas falas que ouvi, nas leituras que fiz e nas conversas das quais participei.

Talvez, eu pudesse dizer que *ninguém* acredita em extraterrestres. Faria isto não com o intuito de minorar a importância dos coletivos que se formam a partir da percepção dos óvnis e mais atendendo ao argumento levantado por Jean Pouillon, para quem o “crente” não precisa crer, uma vez que a existência do dito objeto da crença é “percebida”.

En fait, non seulement le croyant n'a pas besoin de dire qu'il croit a la existence de Dieu, mais il n'a pas même besoin d'y croire, précisément parce qu'à ses yeux elle n'est pas douteuse ; elle est non pas crue, mais perçue. (Pouillon, 1979 :44)

Decerto que, fosse tomada esta direção, a mesma teria de assumir uma formação visivelmente provisória, uma vez que não se pode argumentar que *ninguém crê*, especialmente quando há um número relativamente grande de pessoas que se vale da proposição “Eu creio” rotineiramente. Ainda assim, caberia aqui um parêntese: se dizem “eu creio”, talvez estivessem se valendo da expressão, menos para manifestar adesão a um conjunto de proposições e mais para manifestar certa confiança, em conformidade com outro sentido apontado por Pouillon a respeito do verbo crer: credere, “dar crédito a alguém”, confiar.

A noção de crença: um dispositivo de relação

“Não existe outro mundo senão o baixo mundo.”
Bruno Latour

Como já observei, em resposta à pergunta feita por alguns colegas antropólogos, de modo regular lançava mão de certa literatura respectiva ao tema da crença. Em particular, o referido *corpus* de produções teóricas era trazido à baila objetivando pensar o trato da ufologia como uma questão de crença, em especial, visava discutir a própria categoria mobilizada pela pergunta.

De modo similar ao que costumava fazer, trarei aqui certos elementos desta literatura. Para tanto, tomando-o como um guia para a discussão deste tema, partirei do trabalho de Jean Pouillon, intitulado “Remarques sur le verbe ‘croire’ ” (Pouillon,1979).

Neste texto, antes de discutir outros elementos concernentes à noção de crença, o autor se volta para os seus possíveis significados, dando conta de sua ambivalência e polissemia (Goldman,1999). Seu primeiro movimento, portanto, nos dirige para aquilo que o autor chama de uma relação paradoxal entre a “dúvida” e a convicção contida no verbo crer, assim como para os diferentes sentidos que uma expressão pode assumir, caso o mesmo verbo esteja articulado a um objeto direto ou indireto. Pouillon observa que "Croire, c'est affirmer une conviction; c'est aussi la nuancer; 'je crois' signifie souvent 'je n'en suis pas sûr" (Pouillon,1979:43)

Depois de notar a polissemia embutida nos diferentes empregos do verbo “crer”, Pouillon dá um passo importante, qual seja, a observação de que há uma ligação entre sustentar a distinção entre natural e sobrenatural e, por outro lado, estabelecer a diferença entre o domínio da crença e do saber. Segundo o autor os euro-americanos, uma vez que operam com a noção de lei natural, recorrem à noção de crença para dar conta de tudo o que potencialmente escaparia ao enquadramento dessas leis. Ao fazer este movimento, Pouillon se pergunta se seria possível

encontrar equivalentes do uso da noção de crença em outros contextos e responde que este conceito é antes obra da produção nativa ocidental, transformada em categoria analítica.

Quel anthropologue niera qu'il cherche à dégager les croyances de ceux qu'il étudie, à les comparer avec les nôtres ou avec celles d'autres peuples, comme si cet objet d'étude et sa désignation ne posaient aucun problème préalable, *comme s'il était évident que tout homme croit c'est là une de nos croyances* - de la même façon, sinon, bien entendu, les mêmes choses? Le danger, en l'occurrence, n'est pas simplement celui, bien connu sinon toujours prévenu, *d'appliquer indûment une catégorie qui n'a peut-être de sens que dans notre propre culture;* (Pouillon,1979 :46)

Pouillon passa então a discutir as possibilidades de tradução do verbo crer em outros contextos etnográficos. Constata, a partir da discussão, que há palavras em outros idiomas que serviriam à tradução de alguns aspectos do verbo crer. Entretanto, o que permanece intraduzível, é exatamente a “ambivalência” entre convicção e dúvida. Após apresentar a noção de crença como fragmentada em seus usos e ambivalente em seus sentidos e depois de tê-la reconhecido como um epifenômeno da distinção entre mundo natural e sobrenatural – portanto, localizável –, Pouillon dá um passo absolutamente central para discutir esta noção. Isto é, ele reconhece no emprego do conceito menos uma disposição – ou uma atitude proposicional – mas, antes, um *modo de relação*: “Ce n'est pas tellement le croyant, disions-nous, qui affirme sa croyance comme telle, c'est plutôt l'incroyant qui réduit à une simple croyance ce qui pour le croyant est comme un savoir. (Pouillon,1979:48)

Quando digo que este último movimento se trata de um passo central para a discussão antropológica sobre a noção de crença, o faço porque posteriormente ele foi recuperado por outros trabalhos que estabeleceram discussões a propósito do problema. Eu me refiro aqui a pelo menos três trabalhos de autoria de Bruno Latour nos quais a questão foi formulada de modo muito semelhante àquele adotado por Pouillon. Decerto que há diferenças concernentes aos propósitos subjacentes à tentativa de “dissecção” da noção de crença pelos dois autores. Logo, enquanto se lê no último parágrafo do artigo de Pouillon que ele, possivelmente, está interessado

em implodir uma definição universal de religião, Latour, por seu turno, se volta às tentativas de demarcação dos cientistas entre a Ciência e outros saberes²⁶³, além da tentativa de levar a cabo uma crítica à “modernidade”.

As proximidades nas formulações dos dois autores saltam aos olhos. Começemos pelo artigo “Quand les anges deviennent de bien mauvais messagers” (Latour,1990):

Pourtant, “nos ne croyons plus aux croyances”, tel pourrait être le slogan des nouvelles sciences de l’homme. La notion de “croyance” ne peut pas être une catégorie analytique sauf lorsque celui l’emploie “croit dur comme fer aux sciences”, tel serait le corollaire de ce principe. “La notion de croyance reflète seulement la façon dont les scientifiques, à l’intérieur de leur réseaux, pensant “l’extérieur” de ces réseaux”, telle serait l’explication. Pour le dire de façon polémique, la “croyance” est une notion asymétrique, elle suppose l’existence par contraste de savoirs bien formés dont la formulation, soit n’est pas remise en question, soit est réexaminée à l’aide d’outils différents, le plus souventes incommensurables à ceux qui servent aux croyances.[...] *Le programme de recherche d’un scientifique revenait à trouver sous la croyance le mécanisme réel que celle-ci dissimule plus ou moins bien: dimension symbolique, forces sociales, combinatoires des signes, économie*²⁶⁴. (Latour,1990:2)

Note-se que, apesar de Pouillon não fazer o uso da expressão “assimétrica”, a última referência a um trecho do seu texto equivale fundamentalmente ao apontamento de Latour. Isto é, ambos estão de acordo que a noção de crença impõe e implica uma dicotomia entre, por um lado, o domínio do “saber”, tido como verificável e, por outro, o domínio do “crer”. A respeito da articulação pela Ciência da noção de crença, Gérard Lenclud comenta com bastante

²⁶³ Um dos primeiros locais nos quais a noção de crença é discutida na obra de Bruno Latour é livro o *Science in Action* (Latour,1987). Nesta obra Latour comenta que a noção de crença é “uma designação usada por aqueles que estão dentro da rede para qualificar aqueles que estão fora”. Com esta formulação o autor desloca o problema da crença de uma dimensão epistemológica, para outra que, na falta de melhor termo, chamarei de sociológica. A crença se configura aqui como um modo de relação, como o autor enunciaria alguns anos depois em “Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches.” (Latour,2002). Vale observar que, ao apreciar a discussão que o autor estabelece com o problema da crença desde o ponto de vista do campo dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia, descobrimos que há outras razões que o levaram a colocar a questão nestes termos: a) deslocar o problema da racionalidade da filosofia da ciência e colocá-lo em termos das ações dos actantes nas redes: “Irrationality is always an accusation made by someone building a network over someone else who stands in the way”(Latour,1987:259) ou “We have now shifted from debates about reason to disputes about what the world of different people is made of; how they can achieve their goals; what stands in their way; which resources may be brought in to clear their way” (Latour, 1987:198) b) combater a sociologia da ciência de extração relativista, cujo principal expoente era Harry Collins.

²⁶⁴Grifos meus.

propriedade que: “...qu'eux-mêmes, et la variété de genre humain dont ils étaient les représentants, constituaient une exception historique à l'universalité du régime de croyance. Ils étaient solidement établis dans le règne du savoir ” (Lenclud,1990:s/p)

Encontramos, portanto, na citação de Latour um elemento novo: o apontamento de que o emprego da noção de “crença” não se faz sem que este contenha um tipo de injunção para explicá-la. Ou seja, depois de designados os "outros" como crentes, seria então necessário substituir as afirmações dos ditos crentes, por uma mecânica da explicação. Conforme observa Latour na passagem acima, tudo se passaria como se a crença dos outros dissimulasse algo que deveria ser explicado, fosse recorrendo à "dimensão simbólica, às forças sociais, às combinações de signos, à economia"(Latour,1990:2)

Precisamente neste ponto encontraremos alguma convergência entre a perspectiva de Latour e aquela adotada por Eduardo Viveiros de Castro em relação à noção de crença. Ao elaborar resposta sobre uma pergunta a ele dirigida - se ele acreditava que os pecaris eram humanos - o autor observa que:

Recusar-se a pôr a questão e termos de crença parece-me um traço crucial da decisão antropológica. Para marcá-lo, revoquemos o Outrem deleuziano. Outrem é expressão de um mundo possível; mas este mundo deve sempre, no curso usual das interações sociais, ser atualizado por um Eu: a implicação do possível em outrem é explicada por mim. Isto significa que o possível passa por um processo de verificação que dissipa entropicamente a sua estrutura. Quando desenvolvo o mundo exprimido por outrem, é para validá-lo como real e ingressar nele, ou então para desmenti-lo como irreal: a “explicação” introduz o elemento da crença. (Viveiros de Castro, 2002:131)

As convergências passam pela argumentação em torno da ideia de que a noção de crença, enquanto categoria dirigida aos outros, parece “pedir” uma explicação. O seu emprego aciona imediatamente dispositivos encarregados de reduzir não só a fala nativa, mas o seu mundo a uma expressão de outros elementos – os quais, via de regra, constituem-se enquanto fragmentos de “nossa” economia conceitual nativa, i.e, classe, poder e dimensão simbólica.

A alternativa desenhada pelo movimento reconhecido em torno da ideia de “virada ontológica” ou “recursive move” (Pedersen, 2012) passa ao largo da noção de crença. Holbraad, Pedersen e Viveiros de Castro, em *The politics of ontology: anthropological positions* postulam uma esclarecedora analogia com o trabalho do artista, que libera as “formas e forças” do seu material:

How might “the otherwise” be rendered manifest ethnographically? Here, we need to remind ourselves that ethnographic descriptions, like all cultural translations, necessarily involve an element of transformation or even disfiguration. A given anthropological analysis, that is, amounts to a “controlled equivocation” (Viveiros de Castro 2004) that, far from transparently mapping one discrete social order or cultural whole onto another, depends on more or less deliberate and reflexive “productive misunderstandings” (Tsing,2005) to perform its translations and comparisons, not just between different contexts, realms, and scales, but also within them. This, if anything, is what distinguishes the ontological turn from other methodological and theoretical orientations: not the dubious assumption that it enables one to take people and things “more seriously” than others are able or willing to,[1] but the ambition, and ideally the ability, to pass through what we study, rather as when an artist elicits a new form from the affordances her material allows her to set free, releasing shapes and forces that offer access to what may be called the dark side of things. (Holbraad; Pedersen;Viveiros de Castro, 2014:s/p)

Voltemos, por ora, à discussão dos apontamentos de Bruno Latour relativos ao tema da crença e ao texto em que dedica maior atenção ao tema, “Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches” (Latour, 2002). Logo no prólogo é apresentada a linha central de argumentação do livro, a ideia de que os “modernos” se entregam a uma prática “estranha”, que se define pela “destruição de ídolos” seguida a sua recuperação. A partir de então o ensaio se dedica a demonstrar de que forma estas operações tomam lugar e procura definir como os seus movimentos terminam funcionando como traços mais ou menos constitutivos de seus autores. Ora, neste trabalho duplo de destruição e reconstituição de ídolos, Latour reconhece um operador comum. Trata-se da noção de crença, que o autor não atribui a uma dimensão psicológica interna do sujeito, mas antes como um modo muito particular de relação: “[a] crença não é um estado mental, mas um efeito das relações entre os povos” (Latour,2002:15). A partir desta definição a

crença deixa de ser o artifício que se usa para compreender os outros e torna-se a porta de entrada para a compreensão dos “modernos”.²⁶⁵

A crença, portanto, é o elemento definidor do culto moderno: “É moderno aquele que acredita que os outros acreditam. O agnóstico, ao contrário, não se pergunta se é preciso acreditar ou não, mas por que os modernos tem tanta necessidade de crença para entrar em contato com os outros.” (Latour,2002:15) Como é possível notar, trata-se aqui de reverter a pergunta. A crença passaria a figurar como “uma configuração complexa pela qual os modernos constroem a si próprios ao proibirem, com o objetivo de compreender as suas ações, o retorno aos fetiches, os quais, como veremos, todavia eles utilizam” (Latour,2002:36). Nas linhas seguintes, Latour aponta que a crença constitui uma espécie de aparato esquizofrênico dos modernos, porque é o que lhes autoriza a não fazer a separação entre fatos e fetiches na prática, permitindo-os manter nas “formas de vida teóricas” (Latour,2002:44) a “escolha” entre fatos e fetiches. Para lidar com esta dicotomia, o autor forja uma nova palavra, capaz de fundir as noções de fato e feito, caracterizando melhor os modernos, ao mesmo tempo em que chama de “agnosticismo” “...a descrição antropológica desta operação” (Latour,2002:50). Munido da noção de “fe(i)tiche” e tendo caracterizado a crença como um modo de relação e, ao mesmo tempo, de constituição dos modernos²⁶⁶, Latour termina sinalizando para o abandono desta noção – a não ser que se queira compreender os modernos –, em favor da atenção aos ditos “objetos da crença”.

²⁶⁵“Quando denunciam a crença ingênua dos atores no fetiches, os modernos se servem da ação humana livre, centrada no sujeito. Mas quando denunciam a crença ingênua dos atores na sua própria liberdade subjetiva, os pensadores críticos se servem dos objetos tal como são conhecidos pelas ciências objetivas que eles estabeleceram e nas quais confiam plenamente.” (Latour,2002:32)

²⁶⁶ Emerson Giumbelli soube descrever a posição de Bruno Latour em relação à noção de crença, quando comentou que: “Para Latour, portanto, a noção de crença é importante não como categoria heurística universal, e seria enganoso procurar nela apenas algo correspondente a representações; ela permite saber como agem e o que fazem os modernos. Se quisermos entender essa ação, precisamos, segundo nosso autor, igualar os modernos aos não modernos. É nesse sentido que ele propõe a noção de *fatiche*, que visa substituir e ao mesmo tempo articular fatos e fetiches.” (Giumbelli,2011:344)

Uma hipótese muito mais simples, mais inteligente, mais econômica e, finalmente, por que não dizê-lo, mais científica, consiste em dirigir o olhar, como o provérbio nos obriga a fazer, não apenas em direção à Lua, mas também na direção dos fermentos de ácido láctico, das divindades, dos buracos negros, dos genes desordenados, das Virgens aparecidas, etc. (Latour,2002:80)

Trata-se aqui, sobretudo, de se esquivar da tarefa de oferecer “explicações” para estas “ontologias de geometria variável” (Latour,2002:80) e passar a seguir os tipos de deslocamentos que elas impõem. Em última análise trata-se de descrever não a crença – dos outros – em extraterrestres, mas que tipo de diferença a ação dos extraterrestres provoca.

No artigo intitulado *Thou shalt not take the Lord's name in vain – being a sort of sermon on the hesitations of religious speech* (Latour,2001), Latour, valendo-se de um comentário sobre o trabalho de Elizabeth Cláverie, apresenta aqueles que seriam os “resultados” de uma pesquisa que opera a partir da noção de crença.

We are so accustomed to this professional reflex that when we have to study a pilgrimage where the Virgin Mary appears at noon every Sunday, *no one in his or her right scholarly mind would take the Virgin herself as the reason why so many people gather there every Sunday for decades, in spite of the fact that this is what is explicitly said by thousands of the faithful. If they confess « the Virgin has changed my life », they are deluded and should be either redressed—in the militant manner of past centuries— or studied with interest—according to the hypocritical respect of so many social scientists— as one more glaring case of manipulation by forces unbeknownst to the actors.*²⁶⁷ Nowhere more than in religious studies did scholars in the social sciences learn : a) to deprive of any proper ontological status the entities invoked by those they study; b) to ignore the explicit wordings and behavior of those they study. c) to substitute what is said to be felt by what is not said and not felt, the ‘unknown’ which only they, the social scientists, see and feel (or, as they say, ‘know’). Once one gets used to the strong opiate of unknown forces manipulating human actors in spite of themselves, one never recovers from it and persists in ignoring every day more and more what actors themselves say.” (Latour, 2001:28)

Na passagem acima, Latour toma como exemplo o trato que os "estudos em religião"²⁶⁸ conferem às visões da Virgem Maria, popularmente conhecidas como Aparições Marianas. De acordo com ele, mesmo diante dos relatos de que a Virgem aparece em certas ocasiões e de que os fiéis tiveram as suas vidas mudadas depois da visão, os referidos estudos terminam ignorando-

²⁶⁷Grifos meus.

²⁶⁸ Latour não deixa explícita a literatura que é alvo de sua crítica.

os em favor da substituição da capacidade de ação da virgem, por elementos de uma conceitografia que pretende explicar que, se havia algo agindo naquelas circunstâncias, não eram os poderes sagrados da divindade, mas forças sociais que apenas os cientistas sociais poderiam desvelar. As afirmações dos fiéis passariam como enunciados com status de crença, a qual, segundo Latour, nas interpretações que o autor critica, figuraria como "an imitation of knowledge without ground"(Latour,2001:31). Nesta qualidade, a crença estaria pronta para ser deslocada por "explicações" para a aparição da Virgem atinentes ao domínio do saber.

A propósito deste tema, Adam Miller (Miller,2012), ao comentar sobre o tema da crença na obra de Latour, observa que a noção de crença é embaraçosa mesmo que seja empregada para pensar as religiões, pois se configura como "a stopgap explanation imposed on religion by those unable to see the too immanent objects that animate it" (Miller,2013:123)

Gostaria de finalizar estas notas relativas ao tema da crença a partir de um último comentário. Este, somar-se-á às objeções ao seu emprego levadas a cabo por Latour, mas não concorre com o argumento segundo o qual a "crença" é, sobretudo, um dispositivo de relação e, ao mesmo tempo, uma porta para a compreensão do modo através do qual os modernos se constituem. Refiro-me aqui ao verdadeiro dismantelamento do emprego desta palavra levado a cabo por Jeanne Favret-Saada. Ao recapitular os diferentes sentidos que a noção abarca, a autora observa que uma *antropologia da crença* está fadada ao fracasso já em seus primeiros passos, uma vez que a própria categoria de crença não serve como categoria analítica, dada a imprecisão de seu significado.

The situation means that the anthropology of "belief is essentially an exercise in science-fiction, based on an (apparently ineradicable) conviction that the noun "belief", the verb "to believe", or its substantiated version "believing" (le croire) can all be used as analytical concepts. This, however, is not possible, and for a simple reason: "to believe" is an attitude verb, which can express certainty as much as it can express supposition, this to infinite degrees – from quasi-certainty to quasi-skepticism. Hence, to say that someone "believes" X is to

have in mind one of the numerous attitudes that he is capable of having towards X, without specifying which one. And it leads us to assume that this mental state (“to believe X”, with that specific degree of certainty) is stable. We may as well admit it: so long as anthropologists persist in speaking about “belief”, they are nothing more than ordinary speakers exchanging words for the sake of pleasure, rather than social scientists in search of accuracy.” (Favret-Saada,2012:47)

Radar[es] não têm crença: um antropólogo entre ufólogos e cientistas

“I would prefer not to”, said he.
Herman Melville

No ano de 2012 recebi de Leonardo Breno Martins²⁶⁹, psicólogo especialista no tema das abduções alienígenas e pesquisador do Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais da Universidade de São Paulo, o convite para participar de um colóquio para o qual foram convidados acadêmicos das ciências sociais, da história, da psicologia e da astrobiologia, com o intuito de apresentar o curso de suas pesquisas relativas ao tema das discussões sobre a vida extraterrestre. O comitê organizador do evento deu-lhe o nome de “Alienígenas na Universidade: perspectivas acadêmicas sobre a vida fora da Terra”, denunciando a convicção de que se desejava trazer, uma vez mais, a questão das experiências com alienígenas para o centro do debate acadêmico. Ao longo do ano, os palestrantes Leonardo Martins, Daniel Pícaro, Rodolpho Santos, Fábio Rodrigues e Rafael Antunes idealizaram em um grupo de e-mails os detalhes do evento, canal que também foi utilizado para o envio dos *abstracts* das apresentações. O evento se passou no dia 23 de maio de 2013 e reuniu os membros do laboratório além do público atraído pelos cartazes e algumas pessoas ligadas à ufologia. Entre as últimas estava Fábio Gomes, ufólogo e sociólogo formado pela USP e quem eu já havia entrevistado nos meses

²⁶⁹ Leonardo Martins é mestre em psicologia pela Universidade de São Paulo. A sua dissertação de mestrado, intitulada *Contatos Imediatos: investigando personalidade, transtornos mentais e atribuição de causalidade em experiências subjetivas com óvnis e alienígenas* (Martins,2011), à época da defesa e também posteriormente, foi lida por alguns ufólogos com grande entusiasmo. Algumas das pessoas com as quais tomei contato trataram-na como um estudo acadêmico que provava que os contatados e abduzidos "não eram loucos". Nos anos que seguiram a defesa da dissertação, Leonardo Martins passou a figurar como palestrante em alguns eventos organizados pela Revista UFO.

anteriores. No dia marcado, a apresentação das intenções do evento e dos palestrantes ficou a cargo de Leonardo Martins. Em sua fala, ressaltou que o tema das pesquisas sobre a vida extraterrestre era dotado de “relevância social” e “relevância científica” e então passou a palavra a Fábio Rodrigues, que naquela época fazia pós-doutorado no Instituto de Química, onde atualmente é professor.

Em sua palestra Fábio, antes de discorrer sobre a pesquisa na qual o seu laboratório se empenhava, procurou apresentar certas definições da disciplina na qual se insere – a astrobiologia – e se esforçou para se desfazer daquilo que tomava como mal entendidos. Fábio centrou parte de seus comentários na diferenciação entre “alguém que estuda extraterrestres” e a atividade da qual se ocupa, qualificada como um “ponto de vista multidisciplinar” dirigido à questão de saber “se existe vida fora da Terra e, particularmente, em como ela se distribui.”²⁷⁰ Depreende-se da fala de Fábio que a astrobiologia está menos interessada em discutir os temas caros aos ufólogos do que pela busca da “vida”: “Até hoje só temos uma perspectiva, que é a da vida na Terra. A vida na Terra é muito parecida. Achar outras formas de vida poderia nos dar uma definição mais complexa sobre a vida.”²⁷¹

Depois de fornecer um panorama histórico das pesquisas sobre a vida fora da Terra, Fábio passou então a discutir as frentes nas quais a astrobiologia trabalha, em particular, a pesquisa sobre as bioassinaturas – moléculas que indicam a presença de vida em outros planetas (como é o caso do metano), o estudo remoto da composição da atmosfera, o estudo de objetos próximos ao sistema solar (como se deu no envio da nave Viking 1 a Marte) e a simulação em laboratório das condições de vida em outros planetas.²⁷²

²⁷⁰Notas tomadas durante o evento.

²⁷¹idem.

²⁷²No artigo intitulado *Astrobiology in Brazil: early history and perspectives*, Fábio Rodrigues e seus colaboradores descrevem do seguinte modo a natureza dos experimentos em laboratório: “... experimental simulations – using

Ao término de sua fala, como é costume nessas ocasiões, abriu-se para as perguntas da plateia. A primeira partiu de uma senhora interessada na ufologia que inquiriu ao pesquisador sobre as evidências do projeto SETI. Mais tarde, anotou: “Não seriam os *crop circles* um sinal de bioassinatura?”²⁷³ Antes que Fábio pudesse responder, alguém no auditório o interpelou: “Isto aí já foi comprovado que não são pessoas daqui que fizeram. Eu não sei porque a ciência tenta esconder, não trazer a público, os fenômenos que acontecem em nosso planeta.”²⁷⁴

O público valia-se do espaço dedicado aos questionamentos para introduzir temas ufológicos no evento, interpelando o palestrante para tratar deles. Fábio, por sua vez, evitou entrar nessas questões. Eis a transcrição do diálogo feita a partir de notas:

Fábio Rodrigues: A ciência que eu conheço não tem nenhum motivo para esconder isto. Que a gente não sabe explicar muita coisa, eu concordo. Não sei o que é isto. (em referência aos *crop circles*)

A senhora responde: “É uma conclusão lógica.”

Fábio Rodrigues: Olha, se eu comprovar isto eu faria a minha carreira sobre este tema.

Estes choques entre as pessoas ligadas à ufologia presentes na plateia e os “acadêmicos”, que ou os estudavam ou se inseriam em um tema a partir do qual a ufologia se constrói, deram indícios de que a situação se tornaria mais tensa durante as próximas palestras.

O historiador Rodolpho Santos apresentou sua comunicação intitulada “A invenção dos discos voadores: guerra fria, imprensa e ciência no Brasil”, em que expunha sucintamente os argumentos de sua dissertação de mestrado em História (defendida na UNICAMP em 2009). Rodolpho iniciou sua fala pontuando-a com algumas “notas explicativas” ou *disclaimers*, que colocavam-no na posição de quem *analisa* o tema sem que almejasse emitir considerações sobre a hipótese extraterrestre. Listarei alguns de seus comentários:

advanced simulation chambers and facilities to mimic environmental conditions found on space or other planets, in order to test the biological and chemical response of the micro-organisms collected on the field campaigns 3) theoretical simulations – every time it is not possible to do simulations in laboratory, to strongly rely on theoretical and numerical calculations.” (Rodrigues *et al*, 2011:195)

²⁷³Notas tomadas durante o evento.

²⁷⁴idem.

“Tentar compreender porque as pessoas acreditam nisto. Nossa posição não é tentar provar.” “Meu trabalho não está nem um pouco interessado em provar que estamos sendo visitados” “Alegações extraordinárias exigem provas extraordinárias. Até o momento não há nada neste sentido” “Meu trabalho acaba dando subsídios para aqueles que não acreditam.”²⁷⁵

A palestra de Rodolpho se configurou como uma tentativa de situar o nascimento do dito “imaginário” extraterrestre no Brasil como resposta às ansiedades que sobrevieram à Segunda Guerra Mundial. Ao remontar a “progressão” da compreensão dos discos voadores no país, Rodolpho diagnosticou um acúmulo de questões entre os anos de 1947 e 1957. Segundo ele, em 1947 a questão principal era “Existem discos voadores”? Entre 1950 e 1954, passou a ser: “São armas secretas?”, “Serão extraterrestres?”. Em 1957, já havia certo “veredito”: “São discos voadores”.

Rodolpho encerrou a sua comunicação atribuindo o grande lastro do tema extraterrestre no Brasil a quatro causas: a “grande atuação da indústria cultural”; o “baixo nível de conhecimento científico; o apelo ao inexplicável; e a riqueza da ideia de visitantes alienígenas.”²⁷⁶

Terminada a palestra, nova oportunidade de realizar perguntas foi concedida aos participantes. Fábio Gomes, em diálogo direto com o uso corriqueiro da expressão “disco voador” por Rodolpho, notou que a partir de sua pesquisa relativa às classes de relatos extraterrestres apenas 25% deles reportavam-se a discos. O ufólogo terminou a sua intervenção com a seguinte frase: “Para os ufólogos sérios, tudo o que é objeto voador não identificado é submetido ao escrutínio”²⁷⁷. Seguiram-se outros argumentos advindos de ufólogos que, de modo geral, insistiam no fato de que o “disco” é apenas uma das formas que as naves extraterrestres

²⁷⁵Os trechos citados resultam de notas e podem não corresponder exatamente ao que foi dito por Rodolpho na introdução de seu trabalho.

²⁷⁶Estes quatro elementos constam no último slide de sua apresentação no evento.

²⁷⁷Notas tomadas durante o evento.

podem assumir. Aparentemente, pretendia-se, deste modo, contrariar a fala de Rodolpho que registrava o tema extraterrestre em termos de uma história social de sua construção.

Um senhor de nome André Luiz, que afirmava ser ufólogo, levantou o fato de que ainda não se tinha falado do tema do acobertamento. Nos seus termos, o governo esconderia informações, mas não as divulgaria porque caso o fizesse induziria várias pessoas ao suicídio, evento seguido ao pânico. André, de algum modo, captou que o argumento construtivista implica, necessariamente, em certo desmerecimento daqueles temas caros aos ufólogos. Atendendo a esta percepção terminou a sua fala da seguinte maneira: “Como ufólogo, eu acredito que não acreditar em vida fora do planeta é um exemplo de extrema arrogância”. Em seguida, foi dada a palavra a Rodolpho que ao comentar o tema do acobertamento indagou: “O Estado que eu enxergo e que não consegue consertar um semáforo, é o mesmo que esconde tudo sobre discos voadores?”

A comunicação de Daniel Pícaro, assim como a de Rodolpho, gravitou em torno de sua dissertação de mestrado. Daniel, que é antropólogo, deu início aos seus comentários trazendo algumas observações atinentes às relações entre o “pesquisador” e seus “nativos”. Nos seus termos a palestra visava estar atenta a certos imperativos, os quais cito a partir de minhas notas: “Um antropólogo constrói conhecimento em relação com seus nativos”; “Não interessa muito o que eu penso”; Tratar-se-ia de “[...] tentar assumir, da melhor forma possível, a perspectiva dos seus nativos”.

Ao introduzir a sua palestra, Daniel buscava ser sensível àquilo que os ufólogos tinham a dizer sobre os discos voadores, evitando assim o emprego de termos como a palavra crença que, na palestra anterior, fora pronunciada incontáveis vezes. Seu objetivo era comparar os “padrões discursivos” em três modos – que o pesquisador entende como diferentes – de

engajamento com o fenômeno UFO, a saber: a ufologia mística, a ufologia científica e a exobiologia.

Em nenhum momento Daniel fez comentários que desestabilizassem qualquer perspectiva ufológica em funcionamento naquele auditório e traçou bem as diferenças entre estas três matrizes de pesquisa e relação com os óvnis. No entanto, ao término de sua palestra, novos comentários sugeriam que Daniel fosse um cético. As perguntas repetiam argumentos em favor da irrefutabilidade da visita de extraterrestres ao planeta Terra, ignorando as observações do palestrante que afirmava estar interessado na “perspectiva dos nativos”. A plateia criticava o fato de que o evento havia vedado a participação de convidados ufólogos.

Considero que o incômodo de alguns dos ufólogos ali presentes advinha de algumas das colocações dos palestrantes, mas também estivesse ligado ao fato de que as palestras podiam ser lidas como tentativas de submeter a ufologia a um regime de “explicações”.

Após a palestra de Daniel, foi-me concedida a palavra. Nas semanas que antecederam o evento eu trabalhara no material acumulado da pesquisa junto aos habitantes da Ilha de Colares – PA, com os documentos da Força Aérea Brasileira relativos à Operação Prato e, paralelamente, lia a literatura antropológica dedicada à temática da crença. Resolvi nomear minha comunicação de “Avistamentos, Chupa-Chupa e matintapereras na Amazônia”. Naquele dia, iniciei a apresentação discorrendo sobre as diferentes soluções que alguns antropólogos haviam dado ao tema do extraordinário, o que conduzia desde um fragmento do diário de campo de Edward Burnett Tylor – produzido por ocasião de sua participação em uma sessão de materialização de fenômenos espirituais – , até trechos de trabalhos de Evans-Pritchard, Favret-Saada, Marcio Goldman e Diego Escolar. Terminei a primeira parte da apresentação aduzindo o argumento de Latour (2005), segundo o qual o antropólogo não deveria se colocar na posição de substituir as

“explicações” de seus interlocutores por outras. Em seguida, discuti o tema da crença argumentando na mesma linha que fiz neste capítulo. Passando em revista a diversidade de engajamentos com o tema, observei que a minha primeira orientação – não fornecer explicações – se conectava à segunda, qual seja, a tentativa de evitar não apenas o uso da noção de crença como a sua operação implícita em descrições e relatos. A esses dois elementos somava-se um terceiro ao qual dediquei grande ênfase: apesar da maioria dos trabalhos em antropologia e nas ciências sociais, de modo geral, tratarem o dito “discurso ufológico” como um conjunto de expressões de outros “interesses”, eu buscava evitar esta tradição em favor da proposta, inspirada no trabalho de Eduardo Viveiros de Castro, segundo a qual importava menos explicar o fenômeno UFO mas, antes, estar atento àquilo que ele produz. Depois de ter apresentado o modo como eu me inseria naquele seminário descrevi parte do trabalho de campo junto às pessoas ligadas à experiência com as luzes Chupa-Chupa no nordeste do Pará.

Terminei a comunicação esperando receber algumas críticas provenientes do grupo de ufólogos que ali estavam presentes. Como este havia sido o tom em relação de algumas pessoas presentes na plateia em relação a certos comentários dos palestrantes anteriores, eu estimava que seria arguido da mesma forma, o que não se confirmou. Vieram então as perguntas: “O que aconteceu com o Capitão Hollanda”?, “Ele foi morto?” etc. De pronto, retorqui que esta era uma questão que ainda estava em debate nos próprios congressos ufológicos que frequentei e que não dispunha de uma resposta mais precisa.

Passou-se à apresentação do psicólogo Leonardo Breno Martins, que discorreu sobre o estado da arte das discussões na psicologia concernentes ao tema das experiências com extraterrestres e terminou apresentando os principais pontos de três dos seus artigos recentes.

Após as apresentações formou-se um espécie de mesa de redonda e foi aberta nova oportunidade para perguntas da plateia. O Professor Wellington Zangari, responsável pelo Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais questionou-me sobre a discussão sobre o problema da crença que eu anteriormente fizera. A questão colocada pelo professor passava pela observação de que a noção de crença talvez não precisasse ser totalmente descartada, ademais, ele estimava que o seu emprego além de valer para os outros, também poderia valer para “nós”. Isto é, a noção de crença também poderia ser usada como categoria com valência para explicar a própria prática científica. Wellington terminou a sua intervenção citando Durkheim em *As formas elementares da vida religiosa*, donde depreendia que naquele registro a própria ciência poderia ser tratada como uma crença.

Interessa-me aqui menos os desdobramentos desta discussão no colóquio e mais aquilo que se passou algumas horas depois da minha saída das instalações da USP. Eu caminhava em direção ao hotel no qual estava hospedado, quando o meu telefone tocou. Do outro lado da linha estava Alberto Francisco do Carmo dizendo que desejava conversar comigo sobre uma tabulação dos dados da Operação Prato. Ouvi os seus comentários e disse que acabara de sair de um evento realizado na USP a propósito do tema extraterrestre. Ao ser indagado sobre qual teria sido o tema de minha fala, expliquei que ao final do evento dialogara com o professor Wellington Zangari sobre o tema da crença, e que o assunto teria tomado grande parte de minha apresentação. Disse-lhe que havia me apoiado em certo quinhão da literatura antropológica para fazer uma crítica ao emprego da noção de crença para o tema das experiências extraterrestres. Alberto prontamente respondeu: “Ora, radar não tem crença, Rafael”. Em seguida, contou-me, mais uma vez, o episódio conhecido como a Noite Oficial dos UFOs, quando mais de 20 Óvnis foram detectados pelo radar do CINDACTA – Centro Integrado de Defesa Aérea e Tráfego Aéreo.

Durante muito tempo eu não soube o que fazer com o comentário de Alberto. Na ocasião da conversa eu havia anotado o conteúdo de nosso diálogo no caderno de campo e embora reconhecesse em sua expressão certa força, desconfiava que talvez ele já tivesse me dito coisas semelhantes sem valer-se de uma imagem tão forte quanto aquela. Conhecendo Alberto, eu estimei que ao mencionar o fato de que os “radares não têm crença”, talvez estivesse fazendo uma referência ao fato dos radares não estarem sujeitos à participação de elementos ditos “subjetivos” no registro dos Óvnis. Os radares indicariam a presença de um objeto voador não identificado em suas telas e estes, provavelmente, corresponderiam a um referente que voava a milhares de quilômetros da estação de monitoramento.

De certa feita eu e Alberto concordávamos que a noção crença não deveria ser empregada para pensar os eventos caros à ufologia. Para usar uma expressão de Latour, ambos "não acreditávamos na crença", isto é, não lhes dispensávamos valor analítico para interpretar os eventos envolvendo extraterrestres, assim como as relações que as pessoas estabeleciam com eles. Se a ambos a noção de crença interessava pouco, individualmente nós a recusávamos por razões que suspeito diversas. Por um lado, Alberto argumentava que haveriam elementos objetivos que testemunham a ação de extraterrestres na Terra – como são os citados pontos não marcados no radar. De minha parte, eu me apoiava na literatura crítica sobre aquele conceito – ou melhor, àquele artefato – , e observava que a articulação do conceito de "crença" nos obrigava a distinguir entre conhecimento qualificado e não qualificado (Lenclud,1990), ademais, obrigava-nos a sustentar a distinção entre construções e fatos, ou ainda, entre fabricação e realidade (Latour, 2002). Alberto apelava aos aparelhos que testemunhavam pela impossibilidade de se negar aos óvnis uma realidade material, enquanto eu me queixava diante do fato de certa

parte da produção das ciências sociais relativa ao tema ser um arremedo – nem sempre confesso – dos estudos do folclore.

Ainda no que concerne à fala de meu interlocutor, estimo que esta também ressoaria entre aqueles ufólogos que, mediante o espaço de debate criado por ocasião do evento "Alienígenas na Universidade", insistiam em pressionar os palestrantes a responderem às suas indagações. Da mesma forma que Alberto fazia pleito pela objetividade dos óvnis – agora captados por radares – os ufólogos na plateia contrariavam as tentativas de se fazer uma história social dos discos voadores – o que tornava-os nada mais do que uma construção, ou expressões de outras ansiedades.

Ora, ao abordar o tema desta forma, percebe-se que o mal estar gerado durante o evento talvez estivesse ligado à analogia que os ufólogos presentes estabeleciam entre alguns dos pesquisadores e os “céticos”, uma categoria que mobilizam com frequência para dar conta daqueles indivíduos que negam o fenômeno UFO antes mesmo de pesquisá-lo. Para um ufólogo, um cético é aquele que nega de antemão, cujo ponto de partida é a impossibilidade da existência de seres extraterrestres visitando a Terra. Um cético enquadra *a priori* os ufólogos na categoria de crentes e age em relação a eles como se a ufologia não passasse de um interesse apaixonado, ou de certo vício por preencher o mundo com entidades cuja existência, diriam eles, não poderia ser encontrada senão em suas disposições subjetivas para acreditar. Como me disse certa vez Fábio Gomes na entrevista: “Cético é aquele que duvida. Só que aqui no Brasil – e no mundo inteiro, né? – cético é aquele que nega”. (Entrevista com Fábio Gomes)

Como se percebe, o ceticismo indica equivalência com aquilo que os ufólogos apelidam de “negacionismo”, uma vez que não se estaria diante de pessoas que se nutrem da dúvida e, portanto, colocam a ufologia em questão. Do cético diz-se que “[...] ele parte do viés de provar

que aquilo não é. E ele força os resultados para mostrar que aquilo não é.” (Entrevista com Toni Inajar) Em última análise, os céticos são “negadores sistemáticos” (Entrevista com Ademar Gevaerd)

Não caberia neste momento do trabalho prologar a discussão concernente à relação dos ufólogos com os céticos. Tampouco retornarei ao tema de que os “ufólogos também tem os seus crentes”, pois já o fiz ao descrever o processo de diferenciação do coletivo que gravita em torno da Revista UFO e os ditos cultos ufológicos. Importa agora registrar outro ponto. Isto é, certa dissonância entre o modo como eu me engajei com o tema ufológico e aquilo que a expressão evocada por Alberto faz. Enquanto eu me esquivava da tarefa de fornecer explicações sobre aquilo que os óvnis são, sobre a sua realidade, sobre a sua capacidade de ação, tentando fazer da minha apresentação naquele simpósio um tipo de agenciamento – pertinente, portanto, enquanto uma conexão – , Alberto advogava a necessidade de explicar aquelas máquinas que, ao aparecerem no radar (ao serem capturadas em sua tela) davam mostras de que existiam. Era, portanto, necessário explicá-las.²⁷⁸ Enquanto eu, com a mesma persistência do escrivão de Melville, me recusava a explicá-las, Alberto, há mais de 50 anos, coleta casos, analisa-os e compara-os no intuito de descobrir quem são aqueles que habitam estas *máquinas de fazer segredos*. Se eu pudesse resumir as nossas diferenças, diria que elas tem a ver com o fato de que, embora ambos – agora – tomemos parte destas ontologias alienígenas – que se qualificam como *assemblages* e não como uma coleção de entidades (Holbraad, 2011) – delas participamos por entradas diferentes. Em última análise, eu diria que a maneira como fui abduzido ou capturado

²⁷⁸Devo aos professores Marcela Stockler Coelho, Jayme Aranha e Guilherme Sá o apontamento desta dissonância entre a minha recusa em fornecer explicações e o desejo dos ufólogos em verem o mistério sobre os extraterrestres desfeito.

por estes coletivos, é distinta do modo como ocorreu com Alberto e com outros amigos ufólogos que fiz ao longo desta pesquisa.

Ontologias alienígenas

Não utilizo a expressão “capturar” em sentido metafórico. Ao recusar a noção de crença e, por conseguinte, ao esquivar-me da tarefa de oferecer uma descrição das representações sociais dos ufólogos sobre a dita alteridade extraterrestre, fui instado a seguir por outro caminho. Decidi, ao longo deste trabalho, descrever o modo segundo o qual os coletivos ufológicos se conformam a partir da reunião de seres humanos e não humanos, visíveis e invisíveis, terrestres e também aqueles que habitam outras galáxias. Isto é, eu me interessei menos pelas interpretações que os ufólogos tinham a oferecer sobre a questão extraterrestre e mais por aquilo que Debora Battaglia chamou de E.T effect (Battaglia, 2005), ou seja, foi o alvo das minhas atenções não a tarefa de descrever como os ufólogos criam os extraterrestres mas, por outro lado ocupava-me a questão concernente à possibilidade dos seres extraterrestres e de seus objetos engendrarem disposições de relações com configurações particulares.

Meu objetivo nesta tese foi inverter a abordagem corrente nas ciências sociais relativa aos temas concernentes à ufologia. Uma vez desfeita a tarefa de explicar “por que os ufólogos creem?”, o objetivo do trabalho se configurou como uma tentativa de se “conectar” a estas ontologias alienígenas com a produção deste texto que se pretende tal qual um agenciamento (Deleuze, 2000), igualmente “capturado” pelos dispositivos que conformam estas ontologias.

Este texto, portanto, se situa na seguinte posição: é, por um lado, um produto do encontro com os coletivos ufológicos, que eu aqui almejei descrever e, por outro lado, a evidência de minha captura por estas mesmas ontologias, que são o objeto desta tese. Por ontologias alienígenas não entendo, como já observei, uma coleção de entidades – extraterrestres ou não.

Tampouco trata-se de fazer equivaler ontologias com a noção de cultura, a menos que, como observou Matei Candea: “Ontology is another word for culture insofar as both are anthropological ways of talking about difference” (Candea, 2010: 176)

Quando me refiro às ontologias alienígenas, tenho em vista um conjunto de orientações presentes em certos movimentos da antropologia contemporânea. Esta tese, de certo modo, repousa em alguns desses pressupostos, quais sejam: a já mencionada crítica à noção de "representações sociais"– cujo lastro na antropologia da ciência reputo a Bruno Latour, para quem o social é menos artefato de explicação e mais aquilo que deve ser explicado (Latour, 2005).²⁷⁹²⁸⁰ A recusa da noção de *worldviews*²⁸¹, muito bem formulada no artigo *The Given and The Gift: three nano essays on kinship and magic*²⁸² (Viveiros de Castro, 2008), mas também articulada de modo explícito na obra *The Body Multiple* (Mol,2002). A substituição de uma filosofia da transcendência por uma filosofia da imanência:

Transcendence is often expressed in distinctions between “inside” and “outside”, “body” and “mind”, “nature” and “culture” and so on. Contrary to such dualisms, philosophies of immanence take their metaphysical starting point in

²⁷⁹ A primeira ocorrência da noção de ontologias na obra de Bruno Latour apareceu no livro *Jamais Fomos Modernos* (Latour,1994). Devo a lembrança deste ponto a um comentário do Prof. Eduardo Vargas durante a Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, em 2015. Vale notar que, embora o termo não apareça antes da publicação da referida obra, no opúsculo "Irreductions" (Latour,1988) encontramos alguns trechos nos quais o autor estabelece as bases para uma discussão da noção de ontologias.

²⁸⁰ Obviamente, o trabalho de Bruno Latour não é o único a dar expressão à crítica da noção de representação. Martin Holbraad e Axel Morten Pedersen, ao comentar o modo como Marilyn Strathern conduz o projeto comparativo na antropologia, atribuem-lhe centralidade na produção de uma antropologia "não representacionista": "Marilyn Strathern work is what the "crisis of representation would look like had she been in charge of its management." (Holbraad & Pedersen,2009:371)

²⁸¹ Outros autores, em artigos que buscavam analisar as contribuições do movimento que vem sendo chamado de "virada ontológica", já comentaram este ponto. Assim, Paleček & Risjord observam que “[...] the ontological anthropologists want to reject the idea that conceptual schemes provide different perspectives on the world”. (Paleček & Risjord,2012:4). Woolgar e Lezaun convergem sobre o mesmo ponto : “[...] it short-circuits the tendency to rephrase questions about the reality of multiple worlds as questions about the multiple ways in which a singular world is represented, and in so doing stimulates an alertness towards forms of difference that cannot be reduced to a disparity of “worldviews”. (Woolgar & Lezaun,2013:322) O mesmo ocorre na descrição Paolo Heywood: “Difference is to be understood instead as ontological rather than epistemological, as that between worlds and not worldviews” (Heywood, 2012:143)

²⁸² De acordo com Eduardo Viveiros de Castro, a principal dificuldade da noção de "visão de mundo" ou, visões de mundo, consiste no fato dela ser dependente de uma ontologia "multiculturalista". Nos seus termos, "[f]or such a notion assumes a 'one nature, many cultures' ontology - a multiculturalism..." (Viveiros de Castro,2008:239)

the assertion that there is only one substance, one level of existence, - or, to use the Deleuzian term, one plane of immanence. (Blok & Jensen,2011:14)

Acrescente-se a tendência a borrar a distinção “entre conceitos e coisas” (Henare; Holbraad & Wastell, 2007:2) e, conseqüentemente, a mudança de curso da epistemologia para a ontologia, paralela, à mudança de vigência do regime da explicação, para aquele que compreende a alteração²⁸³ (Viveiros de Castro, 2013):

[...] o que acontece quando se leva o pensamento nativo a sério? Quando o propósito do antropólogo deixa de ser o de explicar, interpretar, contextualizar, racionalizar esse pensamento, e passa a ser o de utilizar, tirar as suas conseqüências, verificar os efeitos que ele pode produzir no nosso? (Viveiros de Castro,2002:129)

Não pretendo ser demasiadamente esquemático e, como conseqüência, esvaziar estes argumentos de seus contextos etnográficos donde emergem, mas talvez seja a ocasião de adicionar um sexto ponto à lista que esbocei nas linhas acima. Eu me refiro, em particular, à percepção de Martin Holbraad no texto intitulado *Can the thing speak?* (Holbraad, 2011), para quem:

“Things can speak insofar as they can set the terms of their anthropological engagement by acting as originators (rather than objects) o our anthropological conceptualizations. Things can speak if they can yield their own concepts” (Holbraad,2011:17)

Ora, se nos termos de Holbraad, a emancipação das coisas passa por pensá-las menos como objetos e mais como aquilo que produz conceitos, talvez seja o caso de tratá-las como dispositivos que também produzem disposições de relações, que conformam o seu próprio mundo²⁸⁴. Possivelmente, o que disse Holbraad possa ser justaposto com aquilo que chamamos de *onto-dispositivos*, os quais se definiriam como:

²⁸³A propósito de uma formulação igualmente política desta noção ver o conceito de Alter-politics evocado por (Kohn, 2013), em referência ao trabalho de (Hage,2012). Para uma outra modulação do termo alteração com rendimento para pensar o tema das drogas ver (Vargas,2006)

²⁸⁴Na nota de número 5 de seu artigo, Martin Holbraad nos dá alguns exemplos de sua proposta de “emancipação” das coisas que me autorizam a fazer esta analogia com os onto-dispositivos.

The concept allies with Law and Evelyn's(2013) notion of devices that create their own heterogeneous arrangements for relating, with the difference that it is asensibility-engendering rather than an analytic device.(Battaglia;Almeida,2014)

Como demonstrei ao longo da tese, esses *onto-dispositivos* que produzem as ontologias alienígenas - e que nos termos de Holbraad, figurariam como os pontos de partida (*originators*) - são furtivos. Eles escondem-se por trás de nuvens e não se deixam ver com facilidade. Sendo parcialmente visíveis tornam-se, portanto, inapreensíveis em suas totalidades. Deles temos apenas partes, mensagens codificadas, em suma, diante deles ficamos na impossibilidade de explicá-los completamente. Melhor estariam nos termos de Guimarães Rosa: “[a]s coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas” (Rosa,1968:319)

A conclusão desta tese aproxima-se do argumento de Debora Battaglia (2005), para quem os agrolifos tornavam visíveis as socialidades raelianas. Adiciono que a conformação das socialidades ufológicas parte da parcial invisibilidade dos óvnis, da dificuldade em identificá-los completamente, o que dispara as tentativas de ancorá-los na Terra, de rastreá-los. Em última análise as ontologias alienígenas, como já observei, figuram ao mesmo tempo como os efeitos destas *máquinas de fazer segredo* e, por outro lado, como os resultados das interações entre os humanos e os outros, os habitantes do “além Terra”. Estimo que, ao tentar descrever como as ontologias se conformam a partir desta impossibilidade de ver, a partir desta criação constante de segredos, seja possível contribuir para os estudos de uma (in)certa antropologia do extraordinário.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *The Open: Man and Animal*. Stanford University Press, 2004.
- ANDREWS, Colin; SPIGNESI, Stephen. *Crop Circles: sign of contact*. Franklin Lakes: New Page Books, 2003.
- ANÍBAL, Paulo. LEAL, Marco Antônio. *Caçadores de Óvnis no litoral sul, região de Sorocaba e Sul de MG*. Edição Particular, 2011.
- ARANHA, Jayme Moraes. Inteligência extraterrestre e evolução: As especulações sobre a possibilidade de vida em outros planetas no meio científico moderno. 1990. 293f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. Contato: O movimento ufológico. Projeto de dissertação de mestrado. *Mimeo*
- BADER, Christopher D. Supernatural Support Groups: Who Are the UFO Abductees and Ritual-Abuse Survivors? *Journal for the scientific study of religion*, v.42, n.4, p. 669-678.
- BARCELOS, Eduardo. Na Terra de Oz: os debates sobre a pesquisa de vida e inteligência extraterrestres (1959-1993). *Revista da SBHC*, n.10, p.29-42, 1993.
- _____. *Telegramas para Marte: a busca científica de vida e inteligência extraterrestres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BATTAGLIA, Debora. Ambiguating Agency: the case of Malinowski's Ghost. *American Anthropologist*, v.99, n.3, p. 505-510, 1997.
- _____. "For those who are not afraid of the future": Raëlian Clonhood in the Public Sphere. In: BATTAGLIA, Debora. (Ed.) *E.T Culture: Anthropology in outerspaces*. Duke University Press, 2005.

_____. Insider's voices in outerspaces. In: BATTAGLIA, Debhora.(Ed.) *E.T Culture: Anthropology in outerspaces*. Duke University Press, 2005

BATTAGLIA, Debhora; ALMEIDA, Rafael Antunes. "Otherwise Anthropology" Otherwise: The View From Technology. Fieldsights-Commentary, *Cultural Anthropology Online*, February, v. 24, 2014.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

BIRMAN, Patrícia. Fronteiras espirituais e fronteiras nacionais: o combate às seitas na França. *Mana*, v.11, n. 1, p. 7-39, 2005.

BITTMAN, Ladislav. *The KGB and Soviet disinformation*. Pergamon-Brassey's: International Defense Publishers, 1985.

BLOK, Anders; JENSEN, Torben Elgaard. *Bruno Latour: Hybrid thoughts in a hybrid world*. Routledge, 2011.

BLOOR, David. *Knowledge and Social Imagery*. London: Routledge, 1976.

BOELLSTORFF, Tom. *Coming of age in Second Life: An anthropologist explores the virtually human*. Princeton University Press, 2008.

BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.

BUCKER, H. Taylor. Flying Saucerians and the New Age Realities. In: Bucker, H. Taylor. *Deviance, reality and change*. New York: Random House, 1971.

CALLON, Michael. Some elements of a sociology of translation: domestication of the Scallops and the fisherman at the St. Brieuc Bay. In. *Power, action and belief: a new sociology of knowledge?* LAW, John. (ed.) Routledge, Londres, 1986. pp 196-223.

CANDEA, Matei. Ontology is just another name for culture. (For the motion) In. CARRITHIERS, Michael, et al. "Ontology is just another word for culture." *Critique of Anthropology*, v.30, n. 2, p.152-200,2010.

CARDOSO DOS SANTOS, Rodolpho Gauthier. *A invenção dos discos voadores: Guerra Fria, Imprensa e ciência no Brasil (1947-1958)*.2009.265f.Dissertação(Mestrado em História)-Instituto de Filosofia e Ciências Huumanas. Universidade de Campinas, Campinas.

CARMO, Alberto Franciso. *Ufologia: proto-ciência, pseudo-ciência ou ciência*. *Jornal UFO-LÓGICO*, 1985, s/p.

CASTAÑEDA, Carlos. *The Teachings of Don Juan: A Yaqui way of Knowledge*. Berkeley: University of California Press, 1972.

CLAVERIE, Élisabeth. La Vierge, le désordre, la critique. *Revue Terrain*, n.14, p. 60-75, 1990.

CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Harvard University Press,1997.

COLEMAN, Gabriella. *Hacker, hoaxer, whistleblower, spy: The many faces of anonymous*. Verso Books, 2014.

COLLINS, HARRY. Some experiments in the Paranormal: the experimenter's regress revisited. In: COLLINS, Harry. *Changing order: Replication and induction in scientific practice*. University of Chicago Press, 1992.

COLLINS,HarryM.; PINCH, Trevor J. *The construction of the paranormal: Nothing unscientific is happening*. *The Sociological Review Monograph*, nº 27: On the Margins of Science: The Social Construction of Rejected Knowledge,1979.

_____. (1982) *Frames of meaning: The social construction of extraordinary science*. London: Routledge & Kegan Paul, 2009.

- CORSÍN-JIMENEZ, Alberto. Three Traps Many. UC Davis Sawyer Seminar - Indigenous Cosmopolitics. 2013 (Mimeo)
- COSTA LIMA, Luiz. A antiphysis em Jorge Luís Borges. In. Mímesis e Modernidade: formas e sombras. Rio de Janeiro: Graal,1980.
- COVO, Claudeir. Lamentável Culto aos alienígenas. Revista UFO, nº51, 1997.
- CROSS, Anne. *A confederacy of faith and fact: UFO Research and the Search for Other Worlds*.2000.237f. Tese (Doutorado em Sociologia) -Yale University,New Haven.
- DEAN, Jodi. *Aliens in America: Conspiracy Cultures from outerspace to cyberspace*. Cornell University Press, 1998.
- DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. Rio de Janeiro: Graal,1998.
- DELEUZE,Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs. (Vol 1) São Paulo: Editora 34. 1995.
- DICK, Steven J. Anthropology and the search for extraterrestrial intelligence: An historical view. *Anthropology Today*, v. 22, n. 2, p. 3-7, 2006.
- DRYSDALE, D. Alienated Histories, Alienating Futures: Raciology and Missing Time in The Interrupted Journey. ESC: English Studies in Canada, 2011
- DUMIT, Joseph. *Come on people... We 'are'the aliens: We seem to be suffering from host-planet rejection syndrome"*: liminal illnesses, structural damnation, and social creativity. In: BATTAGLIA, Debora. (Ed.) *E.T Culture: Anthropology in outerspaces*. Duke University Press, 2005.
- FAVRET-SAADA, Jeane. *Deadly Words: Witchcraft in the Bocage*.London: Cambridge University Press,1980.
- _____. *Death at you heels: When ethnographic writing propagates the force of witchcraft*. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*. v.2, n. 1, p. 45-53, 2012.

FERREIRA NETO, José Fonseca. *A ciência dos mitos e o mito da ciência*.1984.166f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Sociais.Universidade de Brasília, Brasília.

FESTINGER, Leon; RIECKEN, Henry; SCHACHTER, Stanley. *When Prophecy fails: A social and psychological study of a modern group that predicted the destruction of the world*. University of Minnesota Press, 1956.

FOUCAULT, Michael.A Verdade e as Formas Jurídicas (trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais). Rio de Janeiro: Nau, 1996

_____. A arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRIEDAMAN, Stanton; BERLINER, Don. *Crash at Corona: The U.S Military Retrieval and Cover-up of a UFO*. New York: Marlowe Company, 1992.

FULLER, John Grant. *The Interrupted Journey: Two Lost Hours" aboard a Flying Saucer,"*. Dial Press, 1966.

GEVAERD, Ademar. Urandir: Fantasia e sensacionalismo. Revista UFO, nº56, 1998.

GIACONETI, Milton José. *As luzes no céu e a Guerra: do limiar do conflito ao imaginário dos discos voadores (1945-1953)*.2009.123f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GIERYN, Thomas F. Boundary-Work and the Demarcation of Science from Non-Science: Strains and Interests in Professional Ideologies of Scientists. *American Sociological Review*, v.48, n.6, p. 781-795. 1983.

GIUMBELLI, Emerson.*O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*. São Paulo: Attar/Pronex, 2002.

_____. A noção crença e suas implicações para a modernidade: um diálogo imaginado entre Bruno Latour e Tal Asad. *Horizontes Antropológicos*, v. 17, n. 35, p. 327-356, 2011.

GOLDMAN, Márcio. *Alguma Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

GRUNLOH, Ronald. Flying Saucers. *Royal Anthropological Institute News*, n.23, p.1-4,1997

GUPTA, Akhil; FERGUSSON, James. *Anthropological locations: boundaries and grounds of a field science*. Berkeley: University of California Press, 1997.

HAGE, Ghassan. "Critical anthropological thought and the radical political imaginary today." *Critique of Anthropology*, v. 32, n. 3, p. 285-308, 2012.

HAMAYDAN, Roberte N. L'anthropologie et la dualité paradoxale du "croire" occidental. *Théologiques*, v.13. n.1, p.15-41, 2005.

HARAMBAM, Jaron; AUPERS, Stef. Contesting epistemic authority: Conspiracy theories on the boundary of science. *Public Understanding of Science*, p. 1-15, 2014

HARDING, Susan; STEWART, Kathleen. Anxieties of influence: Conspiracy Theory and Therapeutic Culture in Millennial America. In: WEST, Harry G; SANDERS, Todd. (eds) *Transparency and Conspiracy: Ethnographies of suspicion in the New World Order*. Duke University Press, 2003.

HARMAN, Graham. *Prince of networks: Bruno Latour and Metaphysics*. Melbourne: Re.Press, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *A coisa*. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes/ Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HELMREICH, Stefan. *Alien ocean: Anthropological voyages in microbial seas*. University of California Press, 2008.

HENARE, Amiria, HOLBRAAD, Martin; WASTELL, Sari, (eds). *Thinking through things:*

- Theorising artefacts ethnographically. Routledge, 2007
- HESS, David J. *Science in the new age: The paranormal, its defenders and debunkers, and American culture*. University of Wisconsin Press, 1993.
- HOLBRAAD, Martin. Can the thing speak? *Open Anthropology Cooperative Press, Working Papers Series*, v. 7, 2011.
- HOLBRAAD, Martin; PEDERSEN, Morten Axel. Planet M: The intense abstraction of Marilyn Strathern. *Anthropological Theory*, v.9, n.4, p. 371-394, 2009.
- HOLBRAAD, Martin; PEDERSEN, Morten Axel; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. The politics of ontology: anthropological positions. *Cultural Anthropology Online*, 2014.
- HOPKINS, Budd. *Intruders: The Incredible Visitations at Copley Woods*. Three Rivers Press, 1987
- HYNEK, J. Allen. (1972) *The UFO Experience: A Scientific Inquiry*. Londres: Corgi Books, 1974.
- HEYWOOD, Paolo. Anthropology and What There Is: Reflections on 'Ontology'. *Cambridge Anthropology*, v. 30, n. 1, p. 143-151, 2012.
- INGOLD, Tim. Introduction. INGOLD, Tim. (ed.) *Key Debates in Anthropology*. New York: Routledge, 1996.
- _____. *Lines: A brief story*. Oxon: Routledge, 2007.
- JONES, Graham M. Secrecy. *Annual Review of Anthropology*, v.43, p.53-69, 2014.
- JORION, Paul. La verité (anthropologique) sur les extraterrestres. *L'Homme*, n. 157, p. 197-216, 2001.
- JUNG, C. G. *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. Petropolis: Vozes, 1988
- KEEL, John. *Operation Trojan Horse*. Illuminet Press, 1975.
- KEYHOE, Donald. *The flying saucers are real*. Cosimo, 2004.

KOHN, Eduardo. *How forests think: Toward an anthropology beyond the human*. University of California Press, 2013.

LAHIRE, Bernard. Comment devenir docteur en sociologie sans posséder le métier de sociologue? *Revue européenne des sciences sociales*, n. XL, v. 122, p. 41-56, 2002.

LAGRANGE, Pierre. 'It seems impossible but there it is'. In. EVANS, Hilary; SPENCER, John. *Phenomenon: From Flying Saucers to UFOs: Forty years of facts*. Macdonald, 1988.

_____. Enquêtes sur les soucoupes volantes: La construction d'un fait aux États-Unis (1947), et en France (1951-54). *Terrain: L'incroyable et ses preuves*, n. 14, p.92-112, 1990.

_____. Diplomats without portfolios: the question of contact with extraterrestrial civilizations. In. LATOUR, Bruno; WEIBEL, Peter (org.) *Making things public: Atmospheres of Democracy*. The MIT Press, 2005.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. (1979) *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, Bruno. *Science in Action: How to follow scientists and engineers through society*. Harvard University Press, Cambridge, 1987.

_____. Quand les anges deviennent de bien mauvais messagers. *Terrain: Revue d'ethnologie de l'Europe*, n. 14, p. 76-91, 1990.

_____. Irreductions. In: *The Pasteurization of France*. (trad. Alan Sheridan e John Law) Cambridge: Harvard University Press, 1993.

_____. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Riode Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. *A esperança de Pandora: Ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: Edusc, 2001.

_____. Note sur certains objets chevelus. In. Actes du premier colloque international d'ethnopsychiatrie. (*mimeo*)

_____. Thou shall not take the Lord's name in vain - being a sort of sermon on the hesitations of the religious speech. RES: Anthropology and Aesthetics, 2001. 215-234

_____. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Bauru: Edusc, 2002.

_____. Reassembling the Social: an introduction to Actor-Network-Theory. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LAW, John. LIEN, Marianne Elisabeth. Slippery: Field notes on empirical ontology. *Social Studies of Science*, v.43, v.3, p. 363-378, 2013.

LAW, John; MOL, Annemarie. Complexities: An Introduction. In: LAW, Joh; MOL, Annemarie. *Complexities: Social Studies of Knowledge Practices*. Duke University Press, 2002.

LENCLUD, Gérard. Vues de l'esprit, art de l'autre. L'ethnologie et les croyances en pays de savoir. *Revue Terrain*, n.14, p.5-19, 1990.

LEPSELTER, Susan Claudia. *The flight of the ordinary: Narrative, Poetics, Power and UFOs in the American Uncanny*. 2005.299f. Tese (Doutorado em Antropologia)- University of Texas at Austin, Austin.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e a sua magia. In. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2008.

MAGNANI, José Guilherme C. *Mystica Urbe: Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico da metrópole*. São Paulo: Estúdio Nobel, 1999.

MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *Annu. Rev. Anthropology*, v. 24, p.95-117, 1995.

MARTINS, Leonardo Breno. *Contatos Imediatos: investigando personalidade, transtornos mentais e atribuição de causalidade em experiências subjetivas com óvnis e alienígenas*.2011.323f. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Ainda um mito moderno? A compreensão jungiana de experiências anômalas contemporâneas e revisitada*. Boletim Academia Paulista de Psicologia, v.31, n. 81,p. 447-464, 2011.

MERTON, Robert K. *Ciencia, tecnologia y sociedad ev la Inglaterra del siglo XVII*. Madri: Alianza, 1984

_____. *La ciencia y el orden social*. In: MERTON, Robert. *Teoria y estructura sociales*. Fondo de Cultura Económica, 1992

MILLER, Adam. *Speculative Grace: Bruno Latour and Object-Oriented Theology*. Fordham University Press, 2013.

MOL, Annemarie. *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham and London: Duke University Press, 2002.

MOTTA, Marco. *Croire aux spirit? Plutôt les percevoir, ou comment l'anthropologue apprend sensiblement le monde de ses hôtes*. *Horizons/Théâtre*, n.4, Presses Universitaires de Bourdeaux,2014.

MOURA, Gilda. *Síndrome dos contatados: as técnicas que existem para detectá-la e pesquisá-la*. Revista UFO, n.21, p.25-30,1993.

OLIVEIRA, Wilson Geraldo. *Ovni no presídio da Papuda? Mimeo*

PALEČEK, Martin; RISJORD, Mark. *Relativism and the ontological turn within anthropology*. *Philosophy of the Social Sciences*, v. 43, n. 1, p. 3-23, 2013

PALMER, Susan. *Aliens Adored: Raëls UFO religion*. Rutgers University Press, New Jersey and London, 2004.

PANDIAN, Armand. The time of anthropology: notes from a field of contemporary experience. *Cultural Anthropology*, v. 27, n. 4, p.547-571, 2012.

PARTRIDGE, Christopher. Alien demonology: The Christian roots of the malevolent extraterrestrial in UFO religions and abduction spiritualities. *Religion*, v. 34, n. 3, p. 163-189, 2004

PEEBLES, Curtis. *Watch the Skies! A Chronicle of the Flying Saucer Myth*. Washington and London: Smithsonian Institution Press, 1994.

PÍCARO, Daniel. *Extraterrestres: Ciência e Pensamento Mítico no Mundo Moderno*.2007.157f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

PEDERSEN, Morten Axel. *Common nonsense: A review of certain recent reviews of the 'ontological turn.'* *Anthropology of this Century*, v. 5, 2012.

_____. Islands of nature: Insular objects and frozen spirits in Northern Mongolia." In. HASTRUP, Kristen. *Anthropology and Nature*, Routledge, 2013

PETIT, Marco Antônio. Fanatismo ufológico tem raízes no Brasil. *Revista UFO*, n.52, 1997.

PILKINGTON, Mark. *Mirage Men: a journey in Disinformation, Paranoia and UFOS*. Constable & Robinson, 2010.

POUILLON, Jean. *Remarques sur le verbe croire*.In:IZARD,M.;SMITH,P(eds).*La fonction symbolique*. Paris: Gallimard,1979

RAYMOND, Eric. S. *The Cathedral and the Bazaar: Musings on Linux and Open Source by an Accidental Revolutionary*. O'Reilly, 1999.

- REIS, Carlos. Reflexões sobre a ufologia brasileira. Revista Planeta, outubro de 1984.
- _____. Para onde caminha e qual é o futuro da Ufologia Brasileira. Revista UFO, n.70, 2000.
- RENARD, Jean-Bruno. The wild man and the extraterrestrial: two figures of evolutionist fantasy. Diogenes, v. 32, p. 63-81, 1984.
- RILES, Annelise. *Documents: Artifacts of modern knowledge*. The University of Michigan Press, 2009.
- RODRIGUES, Fábio.et. al. Astrobiology in Brazil: Early history and perspectives. *International Journal of Astrobiology*,v.11, p.189-202, 2012.
- RODRIGUES, Ubirajara. Manifesto aos ufólogos. *Jornal UFO-LÓGICO*, n.3, 1985, s/p
- ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- ROTH, Critopher. Anthropology as Ufology: Race, Extraterrestrials and the Occult. In. BATTAGLIA, Debora. (Ed.) *E.T Culture: Anthropology in outerspaces*. Duke University Press, 2005.
- SÁ, Guilherme. Antropologia e não modernidade: até que a Ciência as separe. Trabalho apresentado na Mesa Redonda: "Antropologia da ciência: trajetórias, interfaces e intervenções", 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, PUC-SP, 2012.
- _____. *No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.
- SANAROV, V. On the nature and origin of flying saucers and little green men. *Current Anthropology*, v. 22, n. 2, p. 163-167, 1981.
- SCHARAMM, João Francisco. *Alteridade Alienígena no discurso militar*.2011.76f.Monografia (Graduação em Antropologia)- Instituto de Ciências Sociais.Universidade de Brasília, Brasília

SERRES, Michel. *The parasite*. (trad. Lawrence R. Scher). Baltimore and London: John Hopkins University Press, 1982.

SIMMEL, Georg. The sociology of Secrecy and Secret Societies. *American Journal of Sociology*, v. 11, n. 4, p. 441-498, 1906.

_____. (1906) A sociologia do segredo e das sociedades secretas. Tradução: Simone Carneiro Maldonado. *Revista de Ciências Humanas*, v. 43, n.1, p. 219-242, 2009.

SLOTERDIJK, Peter. *Bubbles: Microspherology*. (Vol 1) (trad. Wieland Hoban), Semiotex/Foreign Agents, 2011

STRATHERN, Marilyn. The concept of society is theoretically obsolete - (For the Motion). In: INGOLD, Tim. (ed.) *Key Debates in Anthropology*. New York: Routledge, 1996.

_____. *Property, Substance and Effect*. Anthropological Essays on Persons and Things. The Athlone Press, 1999.

_____. On space and depth. In: LAW, John; MOL, Annemarie. (orgs). *Complexities: social studies of knowledge practices*. Duke University Press, 2002. pg 88-115

_____. *Partial Connections*. Altamira Press, 2005.

_____. (1988) *O Gênero da dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

STURMA, M. Aliens and Indians: A comparison of abduction and captivity narratives. *The Journal of Popular Culture*, v.36, n.2, p.318-334, 2002.

SUENAGA, Cláudio. Fanatismo: O perigo das seitas ufológicas. *Revista UFO*, n.51, p.16-22, 1997.

THOMPSON, Keith. *Angels and aliens: UFOs and the mythic imagination*. Addison Wesley Publishing Company, 1993.

TODOROV, Tzvetan. *The fantastic: A structural approach to a literary genre*. Cornell University Press, 1975

TUMMINIA, Diana. How prophecy never fails: Interpretative Reason in a Flying-Saucer Group. *Sociology of Religion*, v. 59, n.2, p.157-170,1998.

VARGAS, Eduardo Viana. Uso de drogas: a alter-ação como evento. *Revista de Antropologia*, v. 49, n. 2, p. 581-623, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. The gift and the given: Three nano-essays on kinship and magic. In: BAMFORD, Sandra; LEACH, James. *Kinship and beyond: The genealogical model reconsidered*, 2009. pp. 237-68

_____. Zeno and the art of anthropology: Of Lies, Beliefs, Paradoxes, and Other Truths. *Common Knowledge*. v.17, n.1, p. 128-145, 2011.

_____. *O nativo relativo*. Mana, v. 8, nº1. Rio de Janeiro, 2002.

WAGNER, Roy. Our very own cargo cult. *Oceania*, n.70, p.362-372, 2000.

WALTON, Travis. *Fire in the sky: The Walton experience*. Marlowe & Company, 1996.

WEST, Harry G; SANDERS, Todd. Transparency and Conspiracy: Ethnographies of suspicion in the New World Order. Duke University Press, 2003.

WESTRUM, Rom. Social Intelligence about anomalies: The Case of UFOS. *Social Studies of Science*, v. 7, p. 271-302, 1977.

WOOLGAR, Steve; LEZAUN, Javier. The wrong bin bag: A turn to ontology in science and technology studies? *Social Studies of Science*, v. 43, n. 3, p. 321-340, 2013.

Jornais e Revistas Citados

Revista Ufologia Nacional e Internacional, nº 3, julho/agosto de 1985.

Revista PSI-UFO, outubro de 1986.

Revista PSI-UFO, março/abril de 1987.

Revista UFO, nº1, 1988.

Revista UFO, nº2, 1988.

Revista UFO, nº4, 1988

Revista UFO, nº21,1993.

Revista UFO, nº26, 1993.

Revista UFO, nº 32, setembro de 1994.

Revista UFO, nº 39, julho/ agosto de 1995.

Revista UFO, nº 43, abril de 1996.

Revista UFO, nº51, junho de 1997.

Revista UFO, nº52, julho de 1997.

Revista UFO, nº54, outubro de 1997.

Revista UFO, nº55, novembro de 1997.

Revista UFO, nº65, julho de 1999.

Revista UFO, nº66, agosto de 1999.

Revista UFO, nº71, maio de 2000.

Revista UFO, nº 85, março de 2003.

Revista UFO, nº83, dezembro de 2002.

Revista UFO, nº98, abril de 2004.

Revista UFO, nº116, novembro de 2005.

Revista UFO, nº158, 2009.

Revista UFO, nº 194, novembro de 2012.

Revista Planeta, abril de 1980.

Revista Planeta, outubro de 1984.

Jornal UFO-LÓGICO, nº 3, 1985.

Websites consultados

<http://www.bigelowaerospace.com>

http://www.bibliotecapleyades.net/vida_alien/alien_races00.htm

<http://www.pax.org.br>

http://www.ebeet.com.br/?page_id=28

http://www.ebeet.com.br/?page_id=1836

<http://www.ufo.com.br/noticias/a-ufologia-brasileiranovamente-enlutada-desta-vez-pela-partida-de-roberto-a-beck>

<http://www.ufo.com.br/artigos/a-operacao-prato-foi-mesmoencerrada>

<http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/1026/operacao-prato-revelaes-defernando-costa>

<http://www.ufo.com.br/artigos/desmontando-uma-obvia-falaciacetica>

<http://www.ufo.com.br/artigos/vem-atona-finalmente-o-inquerito-policia-militar-sobre-o-caso-varginha>

<http://www.ufo.com.br/noticias/documentos-ufologicos-ja-estao-disponiveis-paraconsulta-publica-no-arquivo-nacional-em-brasil>

<http://www.ufo.com.br/artigos/carta-de-foz-do-iguacu>

<http://www.defesa.gov.br/noticias/4283-ministerio-da-defesa-recebe-ufologos-para-tratar-de-documentos-sobre-ovnis>

<http://www.ufo.com.br/edicoes/ufo/ver/188/2>

<http://www.ufo.com.br/artigos/os-agroglifos-estao-de-volta>

Documentos ufológicos e militares citados:

- 1º Boletim SIOANI - março de 1969

- Boletim SPDV - 1969

- Relatórios da Operação Prato disponibilizados não oficialmente a partir da Década de 80.*

(Trata-se de um conjunto de 205 folhas datilografadas, produzido pelo Ministério da Aeronáutica-Primeiro Comando Aéreo Regional) O documento contém esboços das trajetórias dos óvnis e mapas.

-Relatórios da Operação Prato liberados oficialmente* - "Registro de Observações de OVNI" -

(Trata-se de um conjunto de 160 folhas datilografas, produzido pelo Ministério da Aeronáutica - Primeiro Comando Aéreo Regional) O documento contém esboços das trajetórias dos óvnis, mapas, recortes de jornais e fotos produzidas durante a operação.

*Observação: Os documentos foram disponibilizados no Arquivo Nacionam em páginas soltas, muitas delas sem numeração. Para trabalhar com os arquivos realizei a compilação dos mesmos em um único volume.

Anexo I – Mapas

A) Cidades onde a pesquisa de campo foi realizada



Santa Cruz do Sul - RS; Porto Alegre - RS; Curitiba - PR; Florianópolis-PR; São Paulo- SP; Peruíbe-SP; Varginha-MG; Colares - PA; Brasília- DF

**B) Ilha de Colares- Nordeste do Pará)
Marcações das localidades onde foram realizadas entrevistas**



Na Ilha de Colares - PA realizei entrevistas nos seguintes locais: Juçarateua; Ariri; Sede do Município de Colares; Mocajatuba

Anexo II – Fotografias



Cidade de Colares - Vista desde a praia do Humaitá, um dos locais onde as luzes chupa-chupa foram avistadas



Seu Neuton (ou Seu Tenente) - Durante a nossa conversa em Colares (PA) no ano de 2012. Seu Tenente foi uma das vítimas das luzes chupa-chupa.



Escultura feita por artista local e exposta em sua barbearia. Colares (PA) - 2012



Tio Chico durante a nossa conversa em Colares (PA), no ano de 2012.



Seu Diquinho durante a nossa conversa em Colares (PA), no ano de 2012.



Tio Chico, enquanto caminhávamos pela praia do Machadinho. O referido local foi um dos sítios onde as luzes chupa-chupa foram avistadas e pesquisadas pelos militares envolvidos na Operação Prato.



Seu Fernando, enquanto me falava sobre os ataques das luzes chupa-chupa, ocorridos na década de 70. Colares (PA)



Dona Benevenuta, descrevendo como as luzes chupa-chupa obrigaram-na a deixar a sua casa por alguns dias. Colares (PA)



Hilberto Freitas: ufólogo local e pesquisador das luzes chupa-chupa. Colares (PA)

Anexo III – Documentos ufológicos – Mídia impressa

(As referidas matérias foram coletadas pelos militares que participaram da Operação Prato durante a década de 70 e anexadas aos relatórios que produziram na ocasião)

Luz dos mistérios volta aos céus do Maranhão

Notícia que causou espanto à população da capital maranhense foi divulgada, ontem, nos noticiários de televisão de São Luís, dando conta de que, na sede do município de Cajapió, a apenas 62 quilômetros da capital, "uma luz misteriosa foi vista", por praticamente toda a população. O fenômeno - uma luz intensa e não comparável a outros tipos de luz conhecidos deslocando-se em vertiginosa velocidade - foi visto também nas adjacências de Cajapió, causando medo aos moradores da sede do Município e das áreas circunvizinhas. Há questão de apenas um mês e meio, um fato idêntico foi registrado quando, segundo a imprensa maranhense, uma luz muito brilhante, surgindo repentinamente no céu, seguiu, por larga distância, um motorista que se deslocava pela estrada Pará-Maranhão. Tais notícias causaram viva impressão entre os habitantes de São Luís porque todos se lembram que, em meados de maio último, uma luz misteriosa e muito brilhante, surgindo repentinamente, provocou a morte de um homem e boror de uma embarcação ancorada ao largo or "ha dos Caranguejos, a não muito grande distância do porto maranhense de Itaqui.

MORTE MISTERIOSA

Os irmãos Apolinário, Firmino e José Correia, juntamente com seu cunhado Aureliano Alves, todos do município de Alcântara, tripulavam uma embarcação carregada de calafates de mangue. No dia 22, à noite, ancoraram ao ... largo da ilha dos Caranguejos. Dois dos irmãos - Firmino e José - em companhia do cunhado Aureliano, desceram ao porão, para dormir, ao passo que Apolinário ficou na cobertura.

Pouco após a meia-noite, segundo relato de José e Aureliano, uma luz forte e brilhante penetrou no porão da embarcação, através do alçapão de entrada. Aparentemente, eles afirmam, aquela luz era provocada por objeto volumoso e pesado, cujas dimensões eles não puderam calcular. Eles quiseram gritar, mas estavam tão espavorados que nem sequer conseguiram abrir a boca. Firmino, porém, deu um berro lancinante. Daí em diante, ninguém sabe contar mais nada. Apolinário, que estava dormindo na parte superior da embarcação, foi acordado com o grito do irmão. Desceu ao porão e encontrou Firmino morto e os outros dois parentes contorcendo-se em dores. Ao examiná-los, verificou que todos os três corpos tanto o do morto, quanto os dos dois vivos - apresentavam idênticas marcas de queimadura, no tórax e no peito.

INSOLUVEL

O caso deixou intrigadas as autoridades policiais do primeiro distrito, de São Luís, que investigaram o caso. O titular do DP, comissário Veneslau Vasconcelos, declarou: "Na embarcação, o corpo do rapaz ferido (retirou-se a José, que ficara velando o cadáver de Firmino) e, ao seu lado, o do irmão, morto, dava a impressão de alguém congestionado. O corpo do que veio a falecer apresentava uma espécie de queimadura bastante grande, principalmente no braço. Outra, abaixo do braço, que tinha largura um pedaço. Um pedaço enorme. Nunca tinha visto queimadura daquele jeito. Um ferimento estranho na boca do que estava gravemente ferido. A gente notava que a queimadura era igual, muito parecida, mas diferente de toda queimadura que eu até então tenha visto. Dava a impressão de queimaduras feitas por um ferro em brasa. Mas, não era não ... era realmente estranho... mas, eu não via indício de fogo ou incêndio na embarcação. O ferido ainda podia falar, mas não cheguei a ouvir o que ele balbuciava. Parecia estar com medo de alguma coisa, seu olhar era muito estranho. O irmão da vítima, o que escapou são, o Apolinário, disse que não sentiu aproximação de nada. Não havia nenhuma embarcação próxima do local onde, estavam atracados perto da ilha dos Caranguejos".

ENIGMA

A polícia examinou minuciosamente a embarcação: nenhum vestígio de fogo ou de fumaça; nem óleo nem água quente. Enfim, nada que pudesse justificar as queimaduras que apresentavam extraordinária semelhança nos três corpos. Os médicos que trataram, no "Socorrão", na capital maranhense, os José e Aureliano, a nenhuma conclusão chegaram quanto a origem das queimaduras que deixaram os dois, principalmente José, em estado gravíssimo. Também os médicos legistas, ao procederem a necropsia de Firmino, ficaram bastante embaraçados e acabaram por decidir que ele fora fulminado por uma "descarga elétrica", sem maiores comentários ou explicações. O tempo foi passando e a população - assim como as autoridades - foi deixando o caso cada vez no esquecimento. Agora, porém, dois meses depois, com o episódio de Cajapió, e com fatos igualmente misteriosos que vêm ocorrendo do lado paraense do rio Gurupi, numa vasta faixa geográfica que chega a atingir o município de Bragança após estender-se por toda a área de Viana, o assunto volta à baila e torna a causar preocupações, sem que qualquer investigação, mais séria sobre o assunto tenha sido iniciada ou tentada.

Aparece mais uma vítima do "foco"

A moça tem 18 anos, mas ontem quando concedeu-nos uma entrevista, parecia ter muito mais. Seu nome é Adimar da Cunha Baia, residente na vila 3 irmãos, há 26 de setembro, próximo da Av. Itororó, número ela prefere que não cite.

Ela está muito tensa, bastante nervosa e uma certa discrição na voz, como quem preferisse não falar, ainda sente febre, e por diversas vezes ainda lhe treme o corpo. Adimar está assim desde a última terça-feira, quando às 23,00 horas, foi atingida por um raio de luz, principalmente nos seios, fazendo-a desfalecer alguns segundos depois.

Isto ocorreu em sua própria casa, quando a mesma encontrava-se, acendendo a luz da cozinha. Conta ela que quando ia para acender a luz, desceu por uma fresta existente no telhado da casa, um foco forte e quente, que lhe atingiu a altura da testa e dos seios, na hora ela tentou enxergar alguma coisa e não conseguiu, isto durou fração de segundos e à medida que o foco foi sumindo, foi transformando-se em vermelho, pois logo que a tocou sua cor era como a de uma lâmpada caseira normal. A reação em seu corpo veio logo em seguida. Começou a ficar vermelho seu corpo inteiro, sendo que os seios arroxearam, como se tivessem sido sugados, depois seu corpo começou a tremer e a entortar-se dando tempo somente de Adimar correr e deitar-se na cama onde seu corpo continuou entortando logo depois desmaiou.

Depois disso, Adimar foi levada até o Hospital Belém sendo atendida pelos médicos, que lhe aplicaram algumas injeções e depois a liberaram. Durante sua permanência no hospital, que foi de uma às quatro da manhã de quarta-feira, os médicos que a atenderam se negaram a lhe prestar qualquer depoimento, quando ao ocorrido e deixaram-na em um quarto isolado no hospital, não permitindo a entrada de ninguém, nem mesmo de seus parentes.

Na hora do acontecido encontravam-se na casa apenas Adimar, um irmão seu e Me-



Adimar e seu irmão que estava dormindo quando apareceu o raio.

rian da Silva Cunha, que mora há bastante tempo com a família. O pai de Adimar tinha saído para trabalhar, à noite, e sua mãe tinha ido à casa de um cunhado de Adimar. Quem veio socorrer Adimar foi Merian que também ainda chegou a ver o "foco" mas não foi atingida pelo mesmo.

Casos idênticos a esses ocorreram em Vigia, São Antonio do Tauá e outros lugares. Adimar diz que com certeza não viu nenhuma coisa a ver com os discos voadores. "eu nunca vi um raio de luz tão forte e também nunca vi raio de luz provocar coisas estranhas no corpo de uma pessoa, como aconteceu no meu", afirmou.

Vale salientar que no outro dia do ocorrido a Adimar, ela recebeu a visita de um sargento da Aeronáutica, que após conversar longamente com a mesma, assegurou que voltaria a sua casa acompanhado de superiores seus, para que estes também tomassem conhecimento do fato e tentarem tomar as devidas providências.

1º Comar afirma que OVNI na Vigia foi pura ilusão de ótica

Segundo o tenente-coronel Camilo, oficial assistente do 1º COMAR — Comando Aéreo Regional, “nada existe de concreto, até o presente momento, sobre o Objeto Voador Não Identificado — OVNI, que está deixando quase em pânico a população de vários municípios paraenses, entre os quais Vigia e Sar’to Antônio do Tauá. Algumas pesquisas foram feitas nestas áreas, e nada foi cientificamente comprovado”.

Para o oficial assistente do 1º COMAR, “tudo não passou de uma mera ilusão de ótica por parte da população, que é de baixo nível intelectual. Os moradores confundiram os satélites artificiais existentes na região e os meteoritos que riam os céus, com objetos extraterrenos”.

“As reações orgânicas que sofrem as pessoas que travam conhecimentos com os seres ditos interplanetários, — comentou — são provenientes de uma reação de temor. Tudo tem por causa os vários comentários prematuros sobre o problema. As pessoas que falam desconhecem qualquer senso de lógica”.

Os médicos ligados ao 1º COMAR, nada de verídico conseguiram descobrir em suas pesquisas sobre os prováveis distúrbios físico-biológicos nos indivíduos, que teriam sido causados pelo aparecimento do OVNI.

Ao que tudo indica, as reações sofridas por alguns moradores da Vigia foram provocadas por uma excessiva tensão emocional. As notícias sobre o OVNI ocasionaram em todos, uma certa expectativa sobre o futuro.

Juntamente com os médicos da COMAR, meteorologistas e técnicos aeroespaciais nada obtiveram de proveitoso sobre o propalado aparecimento do OVNI. Os levantamentos realizados indicam que os comentários sobre o assunto não são verídicos.

“Se realmente o problema vir a se tornar realidade, o mesmo será encaminhado ao Ministério da Aeronáutica, para que com a supervisão de “experts” sobre o assunto, consiga se chegar a uma resposta objetiva sobre o problema”, concluiu o tenente-coronel Camilo.

Desmentido o aparecimento de discos voadores

Não existe nada de concreto sobre o aparecimento de um Objeto Voador Não Identificado — OVNI, em vários municípios paraenses entre os quais, Vigia e Santo Antônio do Tauá. Esta foi a conclusão chegada pelo I Comando Aéreo Regional, que realizou vários levantamentos nas áreas, onde segundo diversos moradores, o OVNI teria aparecido. O tenente-coronel Camilo, que prestou estas informações, disse que "tudo não passou de uma mera ilusão de ótica por parte da população, que é de baixo nível intelectual". Para o militar, os moradores "confundiram" os satélites artificiais existentes na região e os meteoritos que riscam os céus, com naves extraterrenas". No que concerne às reações orgânicas por parte dos moradores, disse: "Tudo é provocado pelo temor que se apodera dos moradores". (Pág. 11)